**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
ITALIANA**

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

**O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura
dos viajantes italianos**

(versão corrigida)

v. 1

**SÃO PAULO
2014**

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

**O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura
dos viajantes italianos
(versão corrigida)**

v. 1

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Giustina Baccin

de acordo,

Paola

**SÃO PAULO
2014**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S387c	<p>Schultz, Benilde Socreppa. O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos/Benilde Socreppa Schultz; Orientador: Paola Giustina Baccin. – São Paulo, 2014. 696 f.</p> <p>Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.</p> <p>1. Léxico português. 2. Léxico Italiano. 3. Empréstimos neológicos. 4. Descobrimientos portugueses. 5. Viajantes italianos. 6. I. Título: Paola Giustina Baccin. II. Título.</p>
-------	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Schultz, Benilde Socreppa

Título: O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dra. Paola Giustina Baccin

Julgamento _____

Instituição: USP – São Paulo. SP

Assinatura: _____

Prof. Dra. Ieda Maria Alves

Julgamento _____

Instituição: USP – São Paulo. SP

Assinatura: _____

Prof. Dra. Angela Maria Tenorio Zucchi

Julgamento _____

Instituição: USP – São Paulo. SP

Assinatura: _____

Prof. Dra. Clotilde de Almeida A. Murakawa

Julgamento _____

Instituição: UNESP – Araraquara. SP

Assinatura: _____

Prof. Dra. Alessandra Paola Caramori

Julgamento _____

Instituição: UFBA – Salvador. Ba

Assinatura: _____

Para meu marido, amigo, companheiro e amor da minha vida, Gil Cesar Schultz – que está sempre ao meu lado, abrindo mão de tudo por mim – todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

À família que constituímos eu e o Gil, com muito amor: ao Gil Cesar Junior, meu filho biólogo, que me compreende, me ajuda em todas as dúvidas sobre a fauna e flora, corrige as minhas traduções em inglês e compõe e descompõe as tabelas estatísticas. À Graziella, que procurou e mandou os livros que precisei para a pesquisa, e ao seu marido, Daniele Astori, o melhor genro que uma sogra pode ter, que sempre me acolheram, me protegeram e me enriqueceram de livros sobre os viajantes e me mostraram a verdadeira Itália dos italianos, não a Itália dos turistas. Ao Luis Felipe, pelo seu sorriso luminoso, pela solidão enfrentada devido às minhas escolhas e pela ajuda com os programas de computador. À Karine Marielly, a minha bela filha do coração, a quem admiro e respeito pela capacidade de superar os obstáculos e transpor as dificuldades.

Aos meus pais, Sérgio Sebastião e Helena, *in memoriam*, pelo amor com que me criaram. Aos meus nove amados irmãos, Dimas Vinícius, Parísio José, Celina (*in memoriam*), Salete, Domício Sérgio, Lígia, Áurea, Lúcio Flávio, Edésio, que sempre me amaram, mesmo com as brigas fraternais, todo o meu afeto.

Os viajantes italianos guiavam-se pelas estrelas e chegavam aos portos tendo um farol para indicar o trajeto a ser seguido. Paola Giustina Baccin, minha orientadora no Mestrado e agora no Doutorado, foi a estrela guia e farol no meu caminho, conduzindo-me, orientando-me e instruindo-me. OBRIGADA.

Ao meu coorientador italiano, Franco Tomasi, da Università di Padova, os agradecimentos pelas preciosas orientações e indicações.

À Sandra Bagno, da Università di Padova, por todo o apoio e colaboração nas minhas dúvidas.

Ao professor Vanni Bramanti, pelo *colloquio* e sugestões sobre Filippo Sassetti.

À professora Nicoletta Maraschi, pela acolhida na Villa Medicea, sede da Accademia della Crusca, e a possibilidade de ver *in loco* as belezas e a rica biblioteca da famosa academia.

À Università degli Studi di Padova, Itália, pela *accoglienza*.

Às crianças João Miguel, Isabela e Davi, filhos do colega Fausto Zamboni, e ao Luis Guilherme, filho da colega Alessandra Ribeiro Honório, por terem alegrado os meus dias solitários. Às lindas Sophia e Joana Seide.

Ao meu Deus, por sua bondade em dar-me uma vida plena de amor, alegria e felicidade junto das pessoas que amo: por todas aquelas que colocou no meu caminho (e aqui incluo meus amigos da UNIOESTE, da USP e os meus – para sempre – alunos) para, de uma forma ou de outra, enriquecer a minha vida e, sobretudo, amenizar a minha estrada neste mundo.

À UNIOESTE, nas pessoas do Senhor Reitor, Prof. Paolo Sérgio Wolf, da diretora do CECA, Prof.ra. Elenita Manchope, da Coordenadora do Colegiado de Letras, Prof.ra. Adriana Aparecida Figueiredo, aos membros do Colegiado de Letras, do Conselho e do PRPPG, pela amizade e pelo grande apoio dado à concessão da bolsa.

À CAPES o meu devido reconhecimento pela proveitosa bolsa-sanduíche de um ano na Università degli Studi di Padova – Itália.

A Palavra Mágica

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.

Como desencantá-la?

É a senha da vida
a senha do mundo.

Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.

Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

(Carlos Drummond de Andrade, *Discurso da Primavera*).

RESUMO

SCHULTZ, Benilde Socreppa. **O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos**. 2014. 690 f., 3 v. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Esta pesquisa tem por objetivo registrar os empréstimos da língua portuguesa na literatura dos viajantes italianos que tiveram contato com os portugueses. Zolli (1995), Zaccaria (1905, 1927) e D’Agostino (1994) consideram que o léxico dos viajantes italianos é uma fonte de empréstimos *casuals*, ou seja, neologismos que não tiveram a oportunidade momentânea de fazer parte da língua italiana ou o foram introduzidos mais tarde. Muitos *casuals* são utilizados para descrever as coisas novas que os viajantes encontravam e que não existiam ainda na língua italiana. Podemos comparar os casuais aos cometas, que permanecem nos céus por um curto período de tempo, iluminando e imprimindo a sua beleza, mas que logo em seguida desaparecem. A língua portuguesa tem um importante papel na constituição desse conjunto de empréstimos ocasionais, pois, ao registrar os novos elementos encontrados, os viajantes o faziam através da língua portuguesa, em fenômenos de interferência linguística, caracterizando uma aquisição inconsciente ou outras vezes, conscientemente. Para compor os *corpora* desta pesquisa escolhemos treze viajantes, dos séculos XVI e XVII, que estiveram em colônias e cidades existentes nas possessões ultramarinas. A seguir, selecionamos as ocorrências dos empréstimos e as analisamos à luz das teorias de Alves e Klajn. Portanto, esta pesquisa de doutorado tem por objetivo fazer um levantamento do registro do léxico *casual* do português na literatura dos viajantes italianos e examinar como esse léxico servia muitas vezes para dar uma “cor local” (GUSMANI, 1983; ALVES, 1990; APRILE, 2005) ao texto, subjugando a imaginação do leitor e expressando o desejo do viajante de tornar a sua obra imorredoura, eterna.

Palavras-chave: Léxico português. Léxico italiano. Viajantes italianos. Descobrimentos portugueses. Empréstimos neológicos *casuals*.

RIASSUNTO

SCHULTZ, Benilde Socreppa. **O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos**. 2014. 690 f., 3 v. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Questa ricerca ha per obiettivo registrare i prestiti della lingua portoghese nella letteratura dei viaggiatori italiani che hanno avuto contatto linguistico con i portoghesi. Zolli (1995), Zaccaria (1905, 1927) e D'Agostino (1994) giudicano che il lessico dei viaggiatori sia una fonte di prestiti *casuals*, ossia, neologismi che non hanno avuto l'opportunità di fare parte della lingua italiana, oppure che siano stati introdotti più tardi. Alcuni sono stati utilizzati per descrivere cose nuove che i viaggiatori hanno incontrato e che ancora non esistevano nella lingua italiana. Registrandoli lo facevano attraverso la lingua portoghese, in fenomeni di interferenza linguistica, caratterizzando un'acquisizione incosciente; altre volte, lo facevano coscientemente e la lingua portoghese ha un ruolo importante nella formazione di questi prestiti occasionali. Per comporre i *corpora* di questa ricerca, abbiamo scelto tredici viaggiatori italiani dei XVI e XVII secoli, che sono stati nelle colonie e città appartenenti ai possedimenti ultramarini portoghesi. Abbiamo selezionato le occorrenze dei prestiti le abbiamo analizzate secondo le teorie di Alves e Klajn. Perciò questa tesi di dottorato ha l'obiettivo di registrare il lessico *casual* del portoghese nella letteratura dei viaggiatori italiani e osservare come questo lessico si è prestato, molte volte, a dare un "colore locale" (GUSMANI, 1983; ALVES, 1990; APRILE, 2005) al testo, soggiogando l'immaginazione del lettore ed esprimendo il desiderio del viaggiatore di far diventare la sua opera immortale, eterna.

Parole-chavi: Lessico portoghese. Lessico italiano. Viaggiatori italiani. Scoperte portoghese. Prestiti neologici *casuals*.

ABSTRACT

SCHULTZ, Benilde Socreppa. **The knowledge of unknown worlds: words and things of the Portuguese language in the literature of the Italian travelers.** 2014. 690 f., 3 v. Thesis (Ph.D.) - Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2014.

This research aims to record the loans of the Portuguese language in the literature of Italian travelers who had contact with the Portuguese. Zolli (1995), Zaccaria (1905, 1927) and D'Agostino (1994) consider that the lexicon of Italian travelers is a source of loans called *casuals*. Or: Neologisms that have not had the opportunity to be part of the Italian language, but are used to describe the new things that travelers find - and still do not exist in their own language. We can compare the *casuals* to comets, which remain in the heavens for a short time, lighting up and printing-up its beauty in the skies and then disappearing. So these loans appear momentarily, but do not vanish: get eternally printed, fulfilling their function: to illuminate and give color to the text. The research's *corpora* will comprise the Italian travelers, especially those of the sixteenth and seventeenth centuries who were in colonies and overseas possessions. Soon after, we selected occurrences of loans and analyzed in the light of theories of Alves and Klajn. Therefore, this PhD research aims to survey the record of the *casual* lexicon of Portuguese literature by Italian travelers and examine how this lexicon often served to give a "local color" (GUSMANI, 1983; ALVES, 1990; APRILE, 2005) to the text, overwhelming the reader's imagination and expressing the desire of the traveler make his work undying, and eternal.

Keywords: Portuguese lexicon. Italian lexicon. Italian travelers. Portuguese discoveries. Neological loans called *casuals*.

FOLHA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa-múndi.....	25
Figura 2 - Mapa da África	28
Figura 3 - Peixe-mulher.....	35
Figura 4 - Primeira viagem de Da Empoli, a famosa 'volta'.....	136
Figura 5 - Constelação do Cruzeiro de Sul, em desenho de Da Empoli.....	146
Figura 6 - Cruzado de ouro português cunhado no reinado de Dom Manuel I.....	162
Figura 7 - Constelação do Cruzeiro do Sul em desenho de Corsali	200
Figura 8 - Alguns vocábulos dos povos do Brasil	233
Figura 9 - Abelhas jataí	271
Figura 10 - Figs da Índia (banana).....	274
Figura 11 - As diversas formas do larim	313
Figura 12 - Rosa dos Ventos de Balbi	354
Figura 13 - Brasão de Armas Reais e Bandeira de Portugal	375
Figura 14 - Carta náutica desenhada em um portulano	391
Figura 15 - Um dos alfabetos da língua japonesa.....	482
Figura 16 - Ideograma chinês	483
Figura 17 - Peixe-mulher de Cavazzi	512
Figura 18 - Mapa do Congo e Angola	542
Figura 19 - Antropofagia entre os Jagas.....	544
Figura 20 - Banana do Congo.....	545
Figura 21 - Mulheres carpindo	548
Figura 22 - Batata-doce	556
Figura 23 - Quilombo africano	561
Figura 24 - Transporte de um burguês em uma rede na África.....	577
Figura 25 - Galeão português Padre Eterno, construído no Brasil	628

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Percentual de ocorrências de <i>Ecasuals</i> e <i>UFCasuals</i> mais utilizados.....	644
Tabela 2 - Estudo das prevalências semânticas nos <i>Ecasuals</i> e <i>UFCasuals</i>	650
Tabela 3 - Ocorrências de <i>Proto/nomcasual</i> nos viajantes italianos	654
Tabela 4 - Tabela Geral de <i>Ecasuals</i> ocorridos nos viajantes	691
Tabela 5 - Tabela Geral de <i>UFCasuals</i> ocorridos nos viajantes	696

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico-diagnóstico das 50 ocorrências mais utilizadas	647
Gráfico 2 - Gráfico das prevalências semânticas nos viajantes italianos	651

LISTA DE ABREVIATURAS

Abreviaturas utilizadas no corpo do texto

Discorso/S	→	Discorso sul cinamomo de Sassetti
EL	→	Empréstimo lexical
<i>Ecasual</i>	→	Empréstimo casual
Ist/Descrizione	→	Istorica Descrizione [...] de Giovanni Antonio Cavazzi
<i>Itinerario</i>	→	Itinerario di Ludovico de Varthema
Lett/Cor1	→	Lettera a Giuliano de' Medici de Andrea Corsali
Lett/Cor2	→	Lettera a Lorenzo de' Medici de Andrea Corsali
Lett/Emp1	→	Relazione del primo viaggio de Giovanni da Empoli
Lett/Emp2	→	Lettera a suo padre de Giovanni da Empoli
Lett/Emp3	→	Lettera a Lorenzo de' Medici de Giovanni da Empoli
Lett/Emp4	→	Lettera di Cochim de Giovanni da Empoli
Lett/Emp5	→	Testamento de Giovanni da Empoli
Lett/Sassetti	→	Lettere da Vari Paesi de Sassetti
loc. adv.	→	Locução adverbial
loc. prepos.	→	Locução prepositiva
loc. subs.	→	Locução substantiva
loc. adj.	→	Locução adjetiva
S/Note	→	Notas de Sassetti, na edição de Caraci
OBS.	→	Observação
Proto/nom <i>casual</i> .	→	Protonomeação casual
Racconto/C	→	Il moro trasportato [...]. Racconto de Dionigi de Carli
Ragionamenti/C	→	Ragionamenti de Francesco Carletti
Relazione/P	→	Relazione del primo viaggio intorno al mondo de Antonio Pigafetta
Relatione/B	→	Relatione della nuova missione de Christororo Borri
s. livre	→	Sintagmas livres (frases livres, provérbios etc.)
s. v.	→	Sintagma verbal
s. f. sing./e ou /pl.	→	Substantivo feminino singular e/ou plural
s. m. sing./e ou /pl.	→	substantivo masculino singular e/ou plural
UF <i>casual</i>	→	Unidade fraseológica casual
Viaggio/F	→	Viaggio de Cesare Federici
Viaggio/G	→	Viaggio de Michel Angelo Guattini e Dionigi de Carli
Viaggio/B	→	Viaggio de Gasparo Balbi
Viaggio/A	→	Viaggio a Madera e Azzore de Pompeo Ardizi
v.	→	Volume

Dicionários

Alberti	→	Dizionario universale critico enciclopedico della lingua italiana
Aulete	→	Aulete Digital
Aurélio	→	Dicionário Aurélio
Bluteau	→	Vocabulário portuguez e latino de Raphael Bluteau
ChrestLB	→	Chrestomathia da lingua brazilica, de Ernesto França
Crusca/1612		
Crusca/1623		

Crusca/1691		
Crusca/1729-1738		
Crusca/1863-1929	→	Diversas edições do Vocabolario degli accademici della Crusca
Dalgado	→	Glossário luso-asiático de Sebastião Dalgado
DBI	→	Dizionario Biografico degli Italiani
DLTupi	→	Diccionario da lingua tupy de Gonçalves Dias
GDLI	→	Grande dizionario della lingua italiana de Battaglia
Houaiss	→	Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa
Moraes Silva	→	Diccionario da língua portuguesa
Pianigiani	→	Vocabolario etimologico della lingua italiana Ottorino Pianigiani
Treccani	→	Treccani Digital
Zing	→	Vocabolario della lingua italiana de Zingarelli

SUMÁRIO

Volume I

1 INTRODUÇÃO	17
2 VIAGENS E VIAJANTES – MICROCOSMOS	24
2.1 As navegações portuguesas	24
2.2 Para uma definição de literatura de viagem.....	30
2.3 Os relatos dos viajantes: uma literatura de informação	33
3 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA	39
3.1 Lexicologia, léxico e os empréstimos linguísticos	39
3.2 Línguas em contato.....	41
3.3 Neologia e neologismos.....	46
3.4 Empréstimos: re-produção e re-criação de matéria linguística	49
3.4.1 A trajetória neológica: adaptação e integração dos empréstimos.....	53
3.4.2 Os neologismos formais: para uma sistematização e compreensão dos empréstimos <i>casuals</i> , das unidades fraseológicas <i>casuals</i> e protonomeações <i>casuals</i>	60
3.4.3 Especificidades dos empréstimos <i>casuals</i> : protonomeações, as ‘coisas’ sem referentes linguísticos	69
4 QUESTÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
4.1 Justificativa.....	73
4.2 Objetivos.....	75
4.3 Procedimentos de pesquisa e estabelecimento dos <i>corpora</i> e do <i>corpus</i> de pesquisa....	76
4.3.1 Metodologia de investigação	76
4.3.2 As obras dos viajantes: estabelecimento dos <i>corpora</i>	77
4.3.3 Organização da ficha lexicológica.....	80
4.3.4 Modelo de ficha lexicológica vazia	83
4.3.5 Modelo de ficha lexicológica preenchida	84
4.4 Metodologia de análise amostral	86
5 OS VIAJANTES: ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS	88
5.1 LUDOVICO DE VARTHEMA	88
5.1.1 O Marco Polo da Idade Moderna	88
5.1.2 O <i>Itinerario</i> de Ludovico de Varthema, bolonhês.....	95
5.1.2.1 <i>Ecasuals</i> em Varthema	105
5.1.2.2 <i>UFcasuals</i> em Varthema	128
5.1.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em Varthema.....	129
5.2 GIOVANNI DA EMPOLI.....	134
5.2.1 Um jovem mercador na Ásia (1503-1517)	135
5.2.2 Cartas de Giovanni da Empoli: cópia da primeira viagem e carta a seu pai	142
5.2.2.1 <i>Ecasuals</i> em Da Empoli	148

5.2.2.2	UF <i>casuals</i> em Da Empoli.....	186
5.2.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Da Empoli.....	193
5.3	ANDREA CORSALI	194
5.3.1	Andrea Corsali, o viajante que desapareceu no nada, que fim teve?.....	194
5.3.2	Andrea Corsali: astrônomo, diplomata, comerciante e explorador	196
5.3.2.1	E <i>casuals</i> em Corsali	201
5.3.2.2	UF <i>casuals</i> em Corsali.....	217
5.3.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Corsali.....	218

Volume II

5.4.	ANTONIO PIGAFETTA	221
5.4.1	O valor da amizade	221
5.4.2	Relato da primeira viagem ao redor do mundo	227
5.4.2.1	E <i>casuals</i> em Pigafetta.....	239
5.4.2.2	UF <i>casuals</i> em Pigafetta	266
5.4.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Pigafetta	271
5.5	POMPEO ARDIZI	278
5.5.1	Ardizi, um arquiteto viajante no Reino de Portugal	278
5.5.2	Viagem às ilhas da Madeira e ao Arquipélago dos Açores	281
5.5.2.1	E <i>casuals</i> em Ardizi.....	283
5.5.2.2	UF <i>casuals</i> em Ardizi	289
5.5.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Ardizi	291
5.6	CESARE FEDERICI.....	293
5.6.1	Cesare Federici, peripécias de um viajante desafortunado.....	293
5.6.2	Viagem de Cesare Federici na Índia Oriental e além da Índia	298
5.6.2.1	E <i>casuals</i> em Federici.....	302
5.6.2.2	UF <i>casuals</i> em Federici	324
5.6.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Federici	326
5.7	GASPARO BALBI.....	328
5.7.1	Gasparo Balbi, o viajante joalheiro	328
5.7.2	Viagem às Índias Orientais de Gasparo Balbi	332
5.7.2.1	E <i>casuals</i> em Balbi	338
5.7.2.2	UF <i>casuals</i> em Balbi	370
5.7.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Balbi.....	374
5.8	FILIPPO SASSETTI	376
5.8.1	Sasseti, uma vida nas colônias portuguesas	378
5.8.2	As <i>Lettere</i> de Sasseti: poesia e erudição.....	387
5.8.2.1	E <i>casuals</i> em Sasseti.....	395
5.8.2.2	UF <i>casuals</i> em Sasseti	442
5.8.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Sasseti	458

Volume III

5.9	FRANCESCO CARLETTI	460
5.9.1	Carletti, um mercante global em um universo não globalizado	460
5.9.2	O <i>Ragionamenti</i> , um tratado sobre a cultura e o comércio	471
5.9.2.1	E <i>casuals</i> em Carletti.....	486
5.9.2.2	UF <i>casuals</i> em Carletti	508
5.9.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Carletti	512

5.10 CRISTOFORO BORRI	515
5.10.1 Borri: um matemático, astrólogo, missionário e viajante na Cochinchina	515
5.10.2 A Relatione/B de Borri, um tratado sobre um país	520
5.10.2.1 <i>Ecasuals</i> em Borri	527
5.10.2.2 <i>UFcasuals</i> em Borri	531
5.10.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Borri	532
5.11 GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI	533
5.11.1 Cavazzi, um padre pouco versado na pregação	533
5.11.2 Visões dos Reinos de Congo, Matamba e Angola: guerras, práticas e magias ...	543
5.11.2.1 <i>Ecasuals</i> em Cavazzi	553
5.11.2.2 <i>UFcasuals</i> em Cavazzi	582
5.11.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Cavazzi	584
5.12 DIONIGI DE CARLI	586
5.12.1 De Carli, missionário e pregador capuchinho na África	586
5.12.2 Instantâneos brasileiros e africanos	591
5.12.2.1 <i>Ecasuals</i> em De Carli	598
5.12.2.2 <i>UFcasuals</i> em De Carli	617
5.12.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em De Carli	621
5.13 MICHEL ANGELO GUATTINI	624
5.13.1 Padre Michel Angelo: uma vida em prol da evangelização da África	625
5.13.2.1 <i>Ecasuals</i> em Guattini	631
5.13.2.2 <i>UFcasuals</i> em Guattini	637
5.13.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Guattini	639
6 ANÁLISE ESTATÍSTICA DAS OCORRÊNCIAS COLETADAS	641
6.1 Análise e diagnóstico das ocorrências	641
6.1.1 Ocorrências mais utilizadas pelos viajantes	641
6.1.2 Campos Semânticos das Ocorrências	648
6.2 Ocorrências de <i>Proto/nomcasuals</i>	653
7 CONCLUSÃO	655
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	662
Obras gerais/linguísticas/lexicológicas/lexicográficas	662
Obras críticas sobre e de literatura de viagem	665
Dicionários em geral	671
ANEXOS	673

1 INTRODUÇÃO

Nessuna forma semantica è atemporale:
quando si usa una parola risvegliamo gli
echi di tutta la sua storia precedente¹
(George Steiner).

A língua é composta pelo patrimônio lexical de um povo e da nação à qual está ligada, portanto, não está atrelada a regras rígidas e intransigentes, porque ela é portadora do pensamento desse povo e, em consequência, sofre mudanças. Assim como o modo de pensar de um povo se modifica ao longo do tempo, a língua acompanha essas modificações em nível sintático, fonético e lexical. Sem dúvida, é o nível lexical que mais sofre alterações, enquanto a normatização, exigida pela gramática tradicional, cria obstáculos a constantes alterações linguísticas, o léxico registra uma variação mais perceptível.

A permanente transformação do léxico não pode ignorar as palavras que um dia fizeram parte do acervo de uma língua, sobretudo aquelas que não foram registradas nos dicionários, pois essas palavras preservam o passado e relatam a sua história, como nação. Palavras que estiveram presentes na nossa língua e que hoje são descartadas e consideradas arcaicas foram, algum dia, relevantes e formaram um conjunto utilizado para explicar determinada realidade. Consequentemente, o registro vocabular de um período torna-se uma ferramenta útil para a preservação da memória histórica e cultural de um povo (SCHULTZ, 2007).

Uma língua tem parte de seu léxico determinado por acontecimentos sociais, políticos, literários e históricos: quando Dante publicou a *Divina Comédia*, houve na língua florentina um acréscimo lexical considerável. O mesmo aconteceu no Renascimento: o vocabulário da arte foi enriquecido com palavras que nomeavam novas cores, novas técnicas pictóricas, novos materiais. A partir do descobrimento do Novo Mundo e da expansão portuguesa no Oriente, houve a aquisição, em várias línguas europeias, de um léxico específico, motivado pelos novos produtos que foram sendo descobertos no contato com as novas línguas. No Brasil, a vinda dos escravos e, mais tarde, dos imigrantes de várias

¹ “Nenhuma forma semântica é atemporal: quando se usa uma palavra despertamos os ecos de toda a sua história precedente” (STEINER, George. **Dopo Babele**. Trad. Ruggero Bianchi e Claude Béguin. Milano: Garzanti, 2004, p. 49). Todas as traduções são de nossa responsabilidade, salvo menção em contrário.

nacionalidades contribuiu para a entrada de empréstimos lexicais oriundos da língua desses povos.

As grandes navegações portuguesas, que tiveram início na segunda metade do século XV, estimularam as desgastadas nações europeias a investir em novas tecnologias (melhoramento da frota naval, bússola, editorias etc.), impulsionando o comércio e a interação entre os povos e injetando sangue novo no velho continente, recém-saído do período medieval. Incluem-se também nesse rol as viagens, com fins exploratórios e comerciais – que visavam o aproveitamento das riquezas – à África, Ásia Menor e Ásia Oriental, terras conhecidas desde a antiguidade, mas visitadas esporadicamente, quase sempre sem objetivos comerciais. Com as descobertas, muda a visão do mundo conhecido: o homem europeu se descobre não único, mas outro entre tantas culturas diferentes, e enriquece-se tendo contato com outras visões de mundo que vêm somar-se à sua. Para Paolo Trovato (1994, p. 59), “a descoberta da América não representou somente uma virada no sentido material [...], mas determinou uma mudança de mentalidade, uma nova visão antropológica”.²

Na esteira das navegações portuguesas, as narrativas de viagem tiveram grande repercussão na Itália e no resto da Europa, fomentando a curiosidade e aguçando a imaginação, sobretudo porque a imprensa, recém-inventada, ajudou a disseminar os novos conhecimentos. Essa nova tipologia de literatura produziu uma autêntica revolução sobre o imaginário coletivo, o que despertou a cobiça de uns e o interesse de outros, criando uma infinidade de leitores para esse gênero literário. Relatórios, cartas, diários e outros escritos ofereceram a possibilidade de conhecer novos lugares e de desenvolver o intelecto com as informações recebidas. Sucedem-se viagens a mundos até então desconhecidos, às ilhas no Índico e Pacífico, cuja existência era até então ignorada no mundo ocidental (TROVATO, 1994, p. 59).

Esse mundo extra-europeu foi descrito em uma área específica, que denominaremos de literatura de viagem. Já em 1550 parte dessa literatura foi recolhida e compilada na grande obra de Ramusio *Delle navigationi et viaggi*. Ao resgatá-la, esse grande humanista recupera não só a memória de muitos escritos de viajantes italianos, mas também dos viajantes portugueses, espanhóis e outros, doando-nos o que Gaetano Branca (1873, p. 254) considera “memórias esquecidas”, que, de outro modo, estariam perdidas, relegadas ao esquecimento. A compilação feita por Ramusio é considerada uma reviravolta no mercado literário, pelo fato de ser dirigida não mais à elite, mas ao leitor comum, interessado em aventuras reais de

² “La scoperta dell’America non ha rappresentato soltanto una svolta in senso materiale [...] ma ha determinato un cambiamento di mentalità, una nuova visione antropologica”.

homens reais. O enorme sucesso deve-se tanto ao seu valor intrínseco de motor de divulgação do conhecimento, quanto ao fato de ser impressa em livro, acessível a quase todas as camadas sociais.

As narrativas dos viajantes italianos constituem um patrimônio pouco explorado no Brasil. Desde a primeira visita de um italiano às colônias portuguesas de além-mar³, a partir da segunda metade do século XV, muitos foram os viajantes que descreveram e publicaram em língua italiana as suas impressões, algumas das quais, muitas vezes, ultrapassavam as fronteiras do real. Aprile reconhece o valor dessa literatura portadora de empréstimos, dos quais muitos são efêmeros:

Quanto às modalidades de transmissão das palavras, os canais de chegada são substancialmente dois: o comercial e o ligado à literatura de viagem, que pulula de palavras exóticas (usadas frequentemente de modo ocasional para conferir ‘cor local’)⁴ (APRILE, 2005, p. 108).

Amat di San Filippo (1874), ao compilar a bibliografia dos viajantes italianos, afirma que o comércio e a religião foram os fatores que motivaram os italianos, no início dos descobrimentos, a viajarem e que, mais tarde, seguindo as pegadas de Darwin, Humboldt e outros luminares da ciência, as viagens dos italianos passaram a ter caráter científico. O viajante e escritor italiano atesta as causas que impeliram os italianos a viajar:

A religião e o comércio foram as duas causas principais que impulsionaram, na idade medieval, os italianos a viajar. Em tempos posteriores, pode-se acrescentar o amor pela ciência, que levou os doutos a longínquas paragens para ali estudar a natureza e a arte.⁵ (AMAT DI SAN FILIPPO, 1874, p. V).

De fato, nos séculos XVI e XVII, eram apenas viagens com o objetivo de comerciar e cristianizar e nos relatórios eram registradas apenas as impressões e descrições das viagens, expondo ao leitor as novidades, os costumes, geografia e história dos países visitados. Neste grupo, encontramos muitos viajantes italianos, entre os quais podemos destacar: Varthema, Corsali, Da Empoli, Pigafetta, Ardizi, Federici, Balbi, Sassetti, Carletti, Borri, Cavazzi, De

³ Os primeiros italianos a se aventurarem pelo Oceano Atlântico foram Antonio da Noli, Antoniotto Usodimare e Ca'da Mosto, que chegaram às Canárias, Açores e Ilha da Madeira, e mais tarde à Costa do Marfim, entre 1460 e 1470. In: BARBIERI, R. A cura di. *L'Europa del Medioevo e Rinascimento*, Jaka Book, 1992, p. 216.

⁴ “Quanto alle modalità di trasmissione delle parole, i canali di arrivo sono sostanzialmente due: quello commerciale e quello legato alla letteratura di viaggio, che pullula di parole esotiche (spesso però usate in modo occasionale per accrescere il ‘colore locale’).”

⁵ “La religione e il commercio furono le due cause principali che spinsero nel medioevo gl'italiani a viaggiare; in tempi posteriori vi si può aggiungere l'amore per la scienza che trasse i dotti in lontane contrade per studiarvi la natura e l'arte”.

Carli, Guattini e outros que não incluímos nesta pesquisa⁶. Posteriormente, a partir da segunda metade do século XVIII e durante todo o século XIX, a finalidade dessas viagens passa a ser outra, não mais comercial, porém expedições de naturalistas, com o objetivo de colher e classificar espécimes desconhecidos, descritos em tratados científicos.

O Brasil tornou-se meta desta categoria de viajantes e também de missões de caráter artístico-científico, organizadas por países interessados em catalogar a nossa flora e fauna: a Missão Austro-alemã, a Missão Francesa, a Missão Russa etc. A Itália também participou enviando alguns cientistas, que faziam parte destas missões, ou que vinham por conta própria. Entre estes viajantes-naturalistas italianos, destacam-se: Giuseppe Raddi, Gaetano Osculati, Guido Boggiani. Também eles deram a sua contribuição na construção do saber científico do Brasil, seja pesquisando os espécimes da nossa fauna e flora, seja inserindo nos seus livros palavras do português. Raddi, especialmente, deu uma grande contribuição para o registro de algumas novas espécies de répteis e plantas brasileiras, coletando, classificando e nomeando mais de 500 plantas recolhidas no Estado do Rio de Janeiro. Inseriu nos seus artigos, publicados em revistas científicas, palavras do português, relacionadas à cultura (*agua-ardente, pipa, cammucis*), à geografia (*praya, pico, serra*), à flora (*giambro, patata dolce, capuchinha*), à fauna (*giudeo, araras, jararaca-guacu*), às etnias indígenas (*Coroados, Goytacas, Pury*s). Gaetano Osculati viajou desde o Rio Napo até a foz do Rio Amazonas e relacionou palavras da cultura amazonense (*manteica, cuya, balsa*), da flora (*nogueira, imbauba, cipò*), da fauna (*guaryba, inanbu, toucani, pirarucu*) e das etnias indígenas (*Mayourounas, Tapuyos*). Guido Boggiani etnógrafo e fotógrafo conviveu com os índios caduveus do Mato Grosso e descreveu sobre essa comunidade, sobre sua arte e cultura, especialmente sobre a sua produção artesanal. Boggiani imortalizou, no seu livro, os caduveus, com fotos que mostram as belas pinturas corporais e a cerâmica. Inclui também em seus relatos palavras da cultura mato-grossense (*churrasco, fazenda, tanga*), da fauna (*ararauna, nandu, caracara*) e das etnias indígenas (*Guaycuru, Caduvei*). Inicialmente, pretendíamos utilizar no nosso *corpora*, a literatura dos viajantes dos séculos XVI até o século XIX, contudo vimos que seria inviável, para esta pesquisa, por ser um período muito extenso. Abandonamos, então, a possibilidade de trabalhar com os viajantes-naturalistas italianos (séculos XVIII e XIX), e obtamos, pelos escritos dos autores/viajantes italianos do período das grandes navegações do século XVI e XVII. Permanece, portanto, em aberto, a possibilidade de pesquisa dos viajantes-naturalistas.

⁶ O número de viajantes italianos que tiveram contato com portugueses é grande, contudo selecionamos estes treze, pois suas obras estão editadas e são de fácil acesso.

Na tese aqui apresentada, observamos que houve um léxico português difundido pelos viajantes italianos dos séculos XVI e XVII, e utilizado para falar da cultura do país que visitavam, em especial para comentar sobre os barcos, as moedas utilizadas no comércio, a geografia, a vegetação e outros aspectos da nova realidade. Ao escrever sobre o que observavam, na falta de termos em italiano, utilizavam a palavra na língua do país que visitavam ou das pessoas com as quais tinham contato – no caso, os portugueses. Muitas dessas palavras faziam parte do vocabulário de base desses viajantes, e a sua utilização era necessária porque não havia equivalentes em língua italiana. Alfonso D’Agostino (1994, p. 792) explica que, por motivos históricos, a língua portuguesa é o canal de transmissão dos exotismos⁷, muito mais que o espanhol e o catalão. Enrico Zaccaria vai além: julga importante o registro desses exotismos não somente porque foram usados em relatos de viagem considerados clássicos, tais como Pigafetta, Sassetti, Carletti entre outros, mas para mostrar que foram empregados em outras ocasiões, alguns raramente, outros, porém, repetidamente. Diz o estudioso a respeito das cartas de Sassetti:

[...] notei que as cartas de Sassetti escritas entre 1578 e 1588 possuem uma importância filológica singular por estarem cheias de palavras espanholas e portuguesas, não importando se essas palavras tenham ou não prosperado em italiano, e por ter sido Sassetti um dos maiores introdutores de iberismos, quem sabe talvez o maior dentre aqueles que não traduziam do espanhol ou do português⁸ (ZACCARIA, 1905, p. V-VI).

É conveniente salientar que, apesar de existir, na época, um comportamento hostil às culturas estrangeiras, os italianos e europeus, em geral, demonstravam certo interesse pelas línguas locais, valendo-se de palavras das línguas nativas para dar aos seus escritos um caráter de originalidade. Ieda Maria Alves (2010, p. 35), ao analisar a inserção de palavras estrangeiras em textos escritos afirma que existe, muitas vezes, por parte do autor, um “caráter intencional, voltado para o ludismo ou para a expressividade de um texto”. Giorgio Raimondo Cardona (1990, p. 310) escreve a respeito: “Eram exatamente as línguas, nas suas diferenças

⁷ Por exotismo ou língua exótica os linguistas italianos entendem os empréstimos ou as línguas advindos de nações orientais e indígenas. Utilizaremos a mesma terminologia para referirmos sobre as línguas e palavras ainda não conhecidas pelos europeus nesse período.

⁸ “[...] mi sono accorto che le lettere del Sassetti scritte fra il 1578 e il 1588 hanno importanza filologica singolare per essere riboccanti di voci spagnuole e portoghese, sia poi ch’esse attecchissero in italiano o no, e per essere stato il Sassetti uno dei maggiori introduttori d’iberismi, anzi addirittura il maggiore fra quei che non traducevano dallo spagnuolo o dal portoghese”.

mais evidentes em comparação com as línguas conhecidas, uma das características mais salientes da alteridade dos lugares visitados”⁹.

Consideramos importante, nesta tese, poder verificar e registrar o uso que os viajantes italianos faziam dos portuguesismos e verificar a hipótese segundo a qual existia uma língua franca de base portuguesa, uma espécie de *pidgin*, que era utilizado nos portos e cidades dos domínios ultramarinos portugueses. Para efetuar esse levantamento, estruturamos a pesquisa da seguinte maneira:

Capítulo 1 – Introdução – apresentamos um panorama geral do que pretendíamos investigar e dados gerais sobre a pesquisa.

Capítulo 2 – Relatamos as causas que impulsionaram as viagens e descobertas portuguesas e motivaram os viajantes italianos a acompanhá-las. Procuramos definir o que entendemos por Literatura de Viagem e abordamos também o seu papel e importância como elemento de difusão de uma literatura que é, muitas vezes, considerada à margem da própria literatura. Demonstramos que os relatos de viagens são fontes importantes de informações, não somente históricas, culturais, etnográficas e geográficas, mas também por serem testemunhos do registro de determinada língua em um momento específico.

Capítulo 3 – Apresentamos as bases teóricas sobre as quais fundamentamos o nosso trabalho. Discorremos sobre alguns aspectos da lexicologia, neologia e empréstimos linguísticos e as suas adaptações. A partir das reflexões sobre contato entre duas línguas, conceituamos o que entendemos por empréstimos linguísticos *casuals*, isto é aqueles formados de palavras e unidades fraseológicas da língua portuguesa presentes nos relatórios dos viajantes. Definimos o que entendemos por protonomeações *casuals*, nomeações cuja realização se encontra ligada ao mundo conceitual e perceptivo do autor.

Capítulo 4 – Descrevemos como procedemos na elaboração dos *corpora* dos viajantes e a coleta do *corpus* de ocorrências no interior dos relatos de treze viajantes selecionados. Explicitamos as causas e motivos das escolhas realizadas e as tipologias de ocorrências que encontramos. Por último, expomos os procedimentos de análise, iniciados a partir de uma ficha lexicológica, na qual incluímos os dados pertinentes à descrição do empréstimo.

Capítulo 5 – Este capítulo contém a pesquisa propriamente dita, na qual registramos todo o *corpus* de ocorrências: para cada um dos viajantes, separadamente, fizemos uma

⁹ “Proprio le lingue nella loro evidente diversità rispetto a quelle familiari, erano una delle caratteristiche più salienti dell’alterità dei luoghi visitati”.

pequena biografia, falamos sobre a sua obra e em seguida inserimos e analisamos as ocorrências.

Capítulo 6 – Compilamos todas as ocorrências com a finalidade de verificar quais os viajantes que as utilizaram e totalizar o percentual de cada uma delas (a tabela completa das ocorrências encontra-se no anexo). A seguir, em uma análise amostral, verificamos o índice de presença de um número determinado para que pudéssemos compor um gráfico das 50 mais utilizadas, que foram analisadas em seus diversos campos semânticos.

Conclusão – discutimos a pesquisa, discorremos sobre as conclusões, tendo por base os dados obtidos no capítulo 6, respondendo às questões apresentadas no decorrer da tese.

2 VIAGENS E VIAJANTES – MICROCOSMOS

2.1 As navegações portuguesas

E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas quinas, que aqui vês.
Que o mar com fim será grego ou romano:
o mar sem fim é português.
(Fernando Pessoa, Mensagem).

Na concepção medieval, o mundo físico conhecido pressupunha o *finis-terrae*, o confim da terra, no Estreito de Gibraltar, onde se localizariam as Colunas de Hércules, definindo um mapa-múndi onde o Mediterrâneo banhava todos os continentes: europeu, africano e asiático.¹⁰ No início do século XIII, os navegadores da bacia mediterrânea começam a adentrar-se nas águas do Atlântico – no princípio, timidamente, e logo em um ritmo sempre crescente, que se estendeu a todos os povos do continente – estabelecendo rotas comerciais nas costas da Europa Ocidental e aventurando-se em direção à costa da África. O homem está re-nascendo e enfrenta com intrepidez e otimismo os desafios que se apresentam: o oceano desconhecido, as dificuldades de transporte e de comunicação, e a afirmação da própria identidade. As descobertas estimulam os estados europeus recém-formados a investir em viagens que iam muito além do mundo até então conhecido (FERRO, 1974).

A impulsionar essa transformação encontram-se as cidades marítimas italianas – Veneza, Pisa, Gênova, Amalfi – com a sua notável capacidade mercantilista, iniciada por volta de 1200, no chamado Renascimento do século XII. Esse renascimento caracterizou-se: por uma nova concepção de liberdade, pois o homem começa a sentir-se agente da sua própria vida, diversamente de até então; por uma grande circulação de pessoas (peregrinações, viagens a outros países com o objetivo de conhecer outras culturas); pelo êxodo das pessoas

¹⁰ Devemos lembrar que Eratóstenes, na Grécia antiga, já concebia a Terra como redonda – e até estabeleceu alguma precisão a medida de sua circunferência. Autores medievais como Dante concebem a terra esférica, como os demais astros do céu. O autor da Divina Comédia, que não era nenhum especialista em astronomia, tinha alguma noção de que havia um hemisfério dos continentes (o norte) e um hemisfério das águas (o sul), o que, se não é estritamente verdadeiro, o é ao menos de forma parcial. Dante sabia que constelações visíveis no hemisfério norte não eram visíveis no hemisfério sul, e sabia também que enquanto era dia em uma parte da terra, em outra era noite (o extremo oriente conhecido eram as Índias). Portanto, a hipótese de que a terra seria redonda era conhecida nos meios intelectuais, mas ainda não havia sido comprovada empiricamente. São as concepções populares que imaginam a terra plana, com abismos etc.

do interior em direção aos grandes centros etc.; pelas atividades de produção de cultura (monastérios, as incipientes universidades, influências da cultura árabe no ocidente). Outras cidades da costa mediterrânea e da Europa Ocidental acompanham essa prosperidade comercial, enriquecendo-se através do escambo de mercadorias e culturas.

Esse novo conceito de liberdade estimulou, entre outras coisas, o desenvolvimento das novas rotas de navegação e ajudou a desenvolver o rico comércio que se estabeleceu nos séculos seguintes. Acompanhando essas inovações, criaram-se recursos para dar sustentação à navegação. Entre eles, destacam-se: a bússola, como um instrumento de grande utilidade, capaz de conduzir as naus, sem perigo, por rotas até antes ignoradas, em incursões ao longo da costa atlântica europeia e africana; e, a partir da metade do século XIII, as primeiras cartas náuticas, no início com desenhos ainda poucos esclarecedores, mas que vão se aprimorando à medida que aumentam as explorações. Eram todas feitas de pergaminho, e o desenho e a toponomástica se limitavam apenas à parte costeira dos lugares. Já na parte interior havia algumas indicações com escopo decorativo (cf. Fig. 1). Papel preponderante na confecção dos mapas náuticos tiveram as escolas italianas, tanto é que a grande maioria das cartas conservadas hoje tem a sua toponomástica no italiano vulgar: dos 500 mapas conhecidos, 400 são de autoria de italianos.

Figura 1 - Mapa-múndi¹¹

Outro grande aliado no início das navegações foi o aprimoramento e a evolução do principal instrumento náutico: a embarcação. Da barca mediterrânea movida a remo (herança

¹¹ Conhecido como Mappa Toscanelli ou Carta genovese. Biblioteca Nacional de Florença. Disponível em: <<http://digilander.libero.it/diogenes99/Cartografia/Cartografia01.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2010.

da antiguidade clássica) aos novos galeões movidos à vela, houve um avanço tecnológico sem precedentes. O galeão somava, na sua totalidade, um conjunto efetivo de melhorias que permitiam a navegação em alto-mar: os cascos altos davam-lhe resistência lateral e as quilhas facilitavam a navegação, pois cortavam as águas sem dificuldades; as bolinas, que sustentavam as velas, permitiam a obliquidade necessária, podendo ser dirigidas segundo a direção do vento; um único timão e um comprimento maior do que a largura, permitiam mais leveza nas manobras, imprimiam mais segurança, dando uma agilidade surpreendente à nave. Essas inovações, que aconteceram no âmbito da Europa Ocidental, possibilitaram à nação portuguesa conquistar o domínio dos mares a partir da segunda metade do século XV, muito embora essa conquista derive da evolução e contribuição de muitas nações, de um patrimônio comum de conhecimentos e de esforços, de encontros e contatos, de trocas e cruzamento de ideias, de técnicas e descobertas (FERRO, 1974, p. 34-35).

Portugal, em especial, incentiva a construção naval e, nos seus canteiros, desenvolve uma embarcação mais ágil, leve e rápida, capaz de levar grande quantidade de mercadorias: a caravela. A respeito das caravelas, Alvise Ca' da Mosto assevera: “Por isso, sendo as caravelas de Portugal os melhores navios, que navegam no mar a velas, sendo elas boas para todas as necessidades, julgava não ser possível que não pudessem navegar por todos os lugares”¹² (apud RAMUSIO, 1550, p. 96). Spallanzani (1997, p. 8) considera a caravela a verdadeira intérprete das descobertas, por ser ágil, veloz, por não utilizar remos e sim velas. Foi com elas que os portugueses, desenvolvendo novas técnicas de navegação, conseguiram completar longas distâncias sem necessidade de escalas intermediárias. Além disso, sobre as pontes das caravelas, colocaram canhões e uma artilharia apropriada aos fins de conquista, tornando-as leves, mas ao mesmo tempo poderosamente armadas, às quais as embarcações orientais não poderiam opor resistência.

Da evolução dos instrumentos náuticos passou-se à integração de elementos linguísticos, referentes à navegação, vindos de outras línguas e que tiveram na língua portuguesa um canal de transmissão. Com a mediação do português, têm-se muitos empréstimos lexicais (doravante EL) que passaram a fazer parte do vocabulário de diversas línguas românicas. Da língua germânica têm-se, no italiano, os empréstimos linguísticos quilha e mastro, referentes às partes do navio; de origem árabe, entraram almirante, arraiz, arsenal, armazém, taracenas, fateixa. Muitos nomes de embarcações também vieram como

¹² “[...] perciocché essendo le caravelle di Portogallo i migliori navilii che vadino sopra il mare di vele, ed essendo quelli bene in punto d’ogni cosa che gli fa bisogno, estimava di non esser possibile che non potessero navigar per tutto”.

empréstimos indiretos do árabe por intermédio do português: albetoca, almadia, falua, gelva, tafureia, xaveco (FERRO, 1974, p. 19-20).

No Renascimento, o homem europeu se aventura em outros campos, ciências e mundos até então desconhecidos, o que culmina com a descoberta da América: o mundo se globaliza. Todavia, o primeiro passo rumo ao conhecimento de mundos desconhecidos deu-se graças às grandes navegações, que tiveram seu despertar no início do século XV e estenderam-se no século XVI, em um processo de descobertas motivadas por necessidades econômicas, políticas, militares e religiosas. Os portugueses foram os primeiros a iniciar um contato e a manter entrepostos comerciais no Atlântico Sul, primeiramente nas ilhas dos arquipélagos vizinhos e, logo após, ao longo das costas da África ocidental, dadas as condições favoráveis em que se encontravam geograficamente. Os séculos de experiência marítima, a formação de um estado centralizado e o fato de terem adotado e desenvolvido em alto grau a navegação astronômica ajudou-os nas explorações pelas costas da África, em incursões que se tornaram decisivas para mudar o rumo da humanidade (FERRO, 1974, p. 19-20). Para Spallanzani (1997, p. 8), a Europa se encontrava sempre deficitária de ouro, açúcar, matéria-prima para corantes e mão de obra operária. Esses e outros fatores estimularam Portugal a interessar-se cada vez mais pelas viagens ultramarinas.

Existe consenso entre os historiadores ao afirmar que a Conquista de Ceuta, com uma expedição organizada por D. João I, em 1415, deu início à expansão portuguesa. As ilhas de Madeira e Açores já haviam sido visitadas anteriormente por navegadores italianos, porém não foram colonizadas. Madeira foi redescoberta e ocupada a partir de 1424, enquanto que Açores o foi em 1427. Em 1434, Gil Eanes dobra o Cabo Bojador, cumprindo mais uma etapa na ousada procura por um caminho ocidental para as Índias. É Alvise Ca' da Mosto (Veneza 1429-1483), navegador italiano a serviço do Infante Dom Henrique, quem primeiro chega a Cabo Verde, em 1456. Costeia a África, passando pelo Senegal e alcançando a foz do Rio Gâmbia, a onze graus e meio acima da linha equinocial. A descrição da sua viagem encontra-se documentada em *Navigazioni et viaggi*, de Ramusio (1550, p. 97-110, cf. Fig. 2). Contudo, na documentação portuguesa, esse descobrimento é atribuído a Antonio Noli, em 1460, que, por graça de D. Fernando, recebe a capitania da ilha de Santiago.

Figura 2 - Mapa da África¹³

Na sequência, as conquistas ao longo da costa africana foram aumentando e, com as tentativas de estabelecer contato com os habitantes dos lugares, inicia-se o comércio de escravos e do ouro, e a implantação de feitorias. O comércio torna-se lucrativo à medida que vai em direção ao sul, subsistindo a troca de produtos portugueses com os produtos locais, que compreendiam não mais somente ouro e escravos, mas marfim, algodão, peles, almíscar, em uma “exploração geográfica e econômica pacífica das regiões já anteriormente contatadas e ao conhecimento da região que vai do território da atual Guiné-Bissau até Serra Leoa” (PAULINO, 1992, p. 91). O governo de Portugal, durante o reinado de Dom Afonso, cede à iniciativa privada a gestão dos lugares conquistados, estabelecendo direitos de soberania para a coroa e lucrando com uma parte do espólio vendido ou arrendado. Desse modo, o investimento do governo na posseção é pequeno e o lucro maior, pois não aplica praticamente nenhum capital e, ao mesmo tempo, amplia os seus domínios.

Outras conquistas sucederam-se, como a façanha de Bartolomeu Dias, que em 1487 dobra o cabo de Boa Esperança e, após quase cinquenta anos de tentativas, Portugal descobre uma alternativa atlântica para as Índias, deixando para trás grandes e experientes navegadores, como os espanhóis e os italianos. A conquista portuguesa dos mares culmina, em 1500, com a viagem de Cabral, que anexa mais outra posseção à coroa portuguesa, além das existentes ao longo da costa africana e mais tarde na Índia. A dominação portuguesa se estende em todos os oceanos do globo: nos séculos XVI e início do XVII a atenção se volta para as colônias na Índia, com um tráfego intenso pelo Oceano Índico. “O mar sem fim é português”, diz o verso do poeta maior. Paulatinamente, a expansão portuguesa deslocou-se para o Atlântico, quando

¹³ Mapa desenhado por Giacomo Gastaldi, para Ramusio, no livro *Navigazioni et viaggi* (1550).

o comércio de escravos iniciou-se e o Brasil colônia passou a produzir cana-de-açúcar. Sustenta Russel-Wood:

A história portuguesa no Atlântico exige ser considerada dentro do contexto internacional de interações com nações e estados europeus e não europeus, pelo fato de que este Mundo Português no Atlântico sempre foi irrevogavelmente vinculado às regiões e aos mares e oceanos para além do Cabo de Boa Esperança e para além do Estreito de Magalhães. A esfera de influência portuguesa no Atlântico nesse período se estendia do Sul do Marrocos até Benguela, na África, e do Rio Amazonas até o Rio da Prata, na América do Sul (RUSSEL-WOOD, 2009, p. 22).

A importância de Lisboa como entreposto comercial de produtos vindos da América e do Oriente aumenta paulatinamente, à medida que aumenta a necessidade dos produtos. A capital portuguesa domina uma parte do mercado consumidor europeu e conquista o primado que, até aquele momento, pertencia aos portos do Mediterrâneo, especialmente os italianos. Convergem para Lisboa mercantes de toda a Europa, especialmente de Flandres e da Itália; a afluência dos italianos se faz sentir desde 1338, quando Afonso IV autoriza a potente Companhia dos Bardi e seus concidadãos a operar em Portugal como mercantes e banqueiros. No transcorrer do século XV, a colônia toscana ampliou a sua capacidade operativa, estendendo-a a outros ramos da economia. Desde as primeiras viagens ultramarinas, a Coroa portuguesa permite a participação de capital estrangeiro e os mercantes, sobretudo alemães e italianos, foram os primeiros a investir grandes somas de dinheiro. Juntamente com o dinheiro, o material humano italiano, sobretudo florentino, participa, através de agentes comerciais próprios, mandados nas viagens financiadas por eles. O que não faltava eram jovens que queriam aventurar-se para ter prestígio e dinheiro (SPALLANZANI, 1997, p. 10-12). As caravelas portuguesas levam consigo uma carga de pessoas temerárias e esperançosas, que se aventuram por mares e mundos desconhecidos; contudo, há sempre alguém a bordo que relata o que acontece e descreve o que vê, a fim de prestar contas ao armador, ao soberano ou ao comerciante que o contratara.

2.2 Para uma definição de literatura de viagem

Le parole andarono sostituendo agli oggetti e ai gesti: dapprima esclamazioni, nomi isolati, secchi verbi, poi giri di frase, discorsi ramificati e frondosi, metafore e traslate. [...] le parole servivano meglio degli oggetti e dei gesti per elencare le cose più importanti d'ogni provincia e città¹⁴ (Italo Calvino).

Se utilizarmos a nomenclatura “Literatura de Viagem” para definir o *corpus* sobre o qual nos debruçamos para recolher as ocorrências nesta pesquisa, devemos primeiramente dar uma definição do que entendemos por esse gênero literário. A primeira questão é saber se realmente trata-se de literatura, no sentido pleno do que se pressupõe que seja, deixando de lado a distinção empírica que se costuma fazer a respeito.

Geralmente a literatura de viagem é considerada como um subgênero, devido ao seu caráter descritivo e realístico, mas nem por isso deve ser menos valorizada, pois de alguma forma faz parte da literatura. Seu valor estético é reconhecido, embora não se enquadre nos cânones estabelecidos para a literatura pensada como arte e estética. Radulet, examinando a crítica literária, a historiográfica e as coletâneas sobre a literatura de viagem, discorre sobre como classificá-la e sobre a ambiguidade existente em torno do termo “literatura” para os textos produzidos em consequência dos descobrimentos e da expansão. Afirma a autora que

ainda não foi elaborada uma norma com base na qual seja possível estabelecer uma delimitação rígida entre o que pode ser incluído na categoria “literatura” e o que fica excluído, mas a crítica moderna é unânime em indicar que a especificidade da literatura não se encontra a nível de conteúdo, mas a nível de expressão, programaticamente finalizadas para a criação do valor estético (RADULET, 1991, p. 24).

Para a autora, a literatura de viagem engloba um conjunto de textos heterogêneos, que encontra nos descobrimentos e na expansão uma temática unificadora, com valores

¹⁴ “As palavras foram substituindo os objetos e os gestos: primeiro exclamações, nomes isolados, áridos verbos, depois pequenas frases, discursos ramificados e frondosos, metáforas e translações. [...] as palavras serviam melhor que os objetos e os gestos para elencar as coisas mais importantes de cada província e cidade” (CALVINO, Italo. **Le città invisibili**. Torino: Einaudi, 1972, p. 45-46).

denotativo e referencial específicos, muito embora possuam qualidades estéticas mínimas. Massaud Moisés, tratando do tema, afirma que a literatura de viagem nasceu do espanto causado, no homem renascentista, pelos novos ambientes e paisagens descobertas, e da necessidade de externar as suas impressões. Considera como literatura de viagem os relatos de viagens, crônicas de viajantes, tratados, roteiros, diários ou equivalentes, que designa pelo sugestivo nome de “reportagens do mundo” (MOISÉS, 2006, p. 63-64), podendo-se acrescentar ainda outras ramificações, tais como: cartas, diários de bordo, extratos contábeis, epístolas etc. Trovato (1994, p. 62) acrescenta que os viajantes, ao relatarem suas experiências, “[...] se preocupam, como é natural, mais com a substância e a veracidade do que contam, que com a língua e o estilo”¹⁵.

Segundo Romanini (2007, p. 23), a literatura de viagem, apenas recentemente, adquiriu o *status* de gênero literário, com o envolvimento de historiadores, geógrafos, filólogos e críticos que se dedicaram a analisá-la. Citando Cardona¹⁶, afirma que existe um contraste entre a riqueza numérica dos relatos de viagem e a marginalidade em que foram postos ao longo da história literária, resultado do temor dos críticos de que essa literatura se apresentasse fora da natureza estética exigida pelos cânones literários. Complementa dizendo que a literatura de viagem foi sempre considerada “uma produção de segundo plano, ou no máximo uma literatura para jovens”, não sendo simplesmente fruto da invenção e lugar onde o imaginário se impõe, apesar de isso acontecer muitas vezes (exceção feita às *Viagens* de Mandeville e ao *Il Milione* de Marco Polo). O grande sucesso que essa literatura teve a partir do século XVI deve-se “à sua espontaneidade, qualidade peculiar do gênero, e que vem acrescida pelo uso de termos estrangeiros ou exóticos, que se impuseram rapidamente em todas as línguas europeias, sobretudo pela vivacidade das notícias das quais é portadora”.¹⁷ (ROMANINI, 2007, p. 28).

Normalmente, essa literatura possui caráter biográfico e didascálico, pois o narrador se vale da sua visão do mundo, que engloba as suas impressões pessoais a respeito dos lugares visitados, na tentativa de representar, subjetivamente, por meio de palavras, o que sente e vê. Segundo Doré (2002), o viajante procura um elo com o já conhecido: os monumentos religiosos lembram as suas igrejas, as fortalezas remetem aos castelos e bastiões, os muros lembram as cidades do seu país, como neste exemplo de Varthema: “Esta cidade de Combay é

¹⁵ “[...] si preoccupano, com'è naturale, più della sostanza e della veridicità del racconto che di lingua o di stile”.

¹⁶ CARDONA, Giorgio Raimondo. I viaggi e le scoperte. In: **Letteratura di viaggio**. Torino: Einaudi, 1986, p. 687-716.

¹⁷ “Per la sua spontaneità, qualità peculiare del genere, che risulta accresciuta dall'uso di termini forestieri o esotici che si sarebbero imposti rapidamente in tutte le lingue europee, e soprattutto per la freschezza delle notizie di cui è portatrice”.

murada à nossa moda”¹⁸ (VARTHEMA, 1885, p. 100). Busca o que lhe é familiar em um ambiente tão diverso do seu, procurando, na simbologia, na arquitetura e no modo de vida que se apresenta, uma similitude com o seu mundo. Geralmente discorre sobre o ambiente físico (topografia, toponímia), o ambiente social (raças, línguas, costumes, culturas), o ambiente histórico (história, arquitetura, guerras), transformando os seus escritos não apenas em literatura, mas em uma etnoliteratura, que faculta estudos etnográficos, antropológicos, linguísticos, biológicos, cartográficos, historiográficos etc. A importância dos escritos dos viajantes é reforçada por Gonçalves&Murakawa que, pesquisando a obra do Padre Cardim, consideram essa tipologia de literatura um espaço onde se desenrola uma série de junções linguísticas, que beneficiam as obras lexicográficas, com a inclusão de novos vocábulos advindos do conhecimento de novas espécies e “coisas”:

[...] as tradições lexicográficas europeias se beneficiaram muito com as narrativas dos missionários, já que nelas os lexicógrafos encontraram as definições mais adequadas aos nomes de referentes exóticos, as citações necessárias à contextualização das novas unidades léxicas, e, no que se refere aos nomes indígenas, os missionários serviram como autoridades lexicográficas à medida que essas palavras, além de ser matéria lexicográfica especializada – vejam-se os vocabulários de indigenistas com o vernáculo europeu correspondente – engrossaram os dicionários monolíngues de línguas europeias, entre elas a portuguesa e a castelhana¹⁹ (GONÇALVES & MURAKAWA, 2007, p. 234).

Toda essa gama de possibilidades de escrita dificulta também a sua descrição e conceituação por parte da crítica (ROMANINI, 2007, p. 32). Radulet (1991, p. 30) recorda que os críticos literários e historiográficos tentaram várias designações para conceituar esse gênero: “literatura de viagem” “literatura de expansão”, “literatura de descobrimentos”, “literatura de viagens e descobrimentos”, “narrativas de viagem”, “literatura de viagens e epistolografia com ela relacionada”, “textos relativos ou provenientes dos descobrimentos”. A escolha preferencial dos críticos em geral, segundo Radulet, é pela etiqueta “literatura de viagens”. Após várias reflexões a respeito, a autora julga que a terminologia mais adequada,

¹⁸ “Questa città di Combeia è murata ad usanza nostra”.

¹⁹ “[...] las tradiciones lexicográficas europeas se beneficiaron mucho de las narraciones de los misioneros, ya que en ellas encontraban los lexicógrafos, además de las definiciones adecuadas a los nombres de referentes exóticos, las citas necesarias a la contextualización de las nuevas unidades léxicas, y, en lo que se refería a nombres indígenas, los misioneros funcionaron como autoridades lexicográficas a medida que esas palabras, además de ser materia lexicográfica especializada – véanse los vocabularios de indigenismos con el vernáculo europeu correspondiente, - engrosaban los diccionarios monolíngües de lenguas europeas, entre ellas la portuguesa y la castellana.”

em vista da relação existente entre a literatura e os descobrimentos e expansão, seja “literatura de descoberta e expansão”.

No caso da presente pesquisa, como, além de viajantes que fizeram parte do programa de expansão ultramarina de Portugal, trabalhamos com autores que viajaram por conta de sua congregação (no caso de religiosos), com os autores encarregados por mecenas e comerciantes italianos (para comprar e negociar mercadorias) e outros, movidos apenas pelo desejo de conhecer culturas diferentes da sua, adotamos o termo “literatura de viagem”.

2.3 Os relatos dos viajantes: uma literatura de informação

Existem autores de literatura de viagem que se tornaram célebres, pois seus relatos firmaram-se como documentos autênticos sobre a descrição de fatos históricos: a carta de Pedro Álvares Cabral, a descrição do general Ário, que acompanhou Alexandre, o Grande, na sua viagem ao Oriente, a viagem de Humboldt, que relata a fauna, flora e geografia de países do Novo Mundo e Ásia Central etc. Pode-se incluir nesse gênero também as viagens verdadeiras que, apesar de reais, contam muitas vezes experiências irreais, em que o limite entre ficção e realidade é difícil de fixar. Porém a literatura de viagem pode compreender outras facetas, nem sempre autênticas, como as viagens imaginárias, nas quais a capacidade de acreditar em espaços e seres fantásticos cria uma literatura que acompanha a história da humanidade: basta ler algumas histórias da tradição oral como a Odisséia, as narrativas sobre Prestes João ou Jean de Mandeville, com a Viagens de Mandeville. Na nossa literatura, temos a incrível história do monstro marinho, que circulava nos arredores da Capitania de São Vicente, explorada por Pêro Magalhães de Gândavo²⁰. As histórias sobre viajantes serviam como entretenimento e como cenário para romances: Viagens de Gulliver, Paulo e Virgínia, Robinson Crusoé etc.

O desejo de contar é imanente ao ser humano, e não difere quando se trata da literatura de viagem, que atinge o seu ápice na forma de relatórios de viagem. Esta forma de literatura se intensifica e se realiza quando o homem começa a viajar para terras distantes, onde a realidade circunstancial difere da sua. Os viajantes escrevem o que veem pelas

²⁰ A história e figura do monstro marinho encontra-se disponível na obra: GÂNDAMO, Pêro de Magalhães de. **Historia da Província Santa Cruz**. A que vulgarmente chamamos Brasil. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858, p. 40-43).

experiências da cultura que possuem, portanto seus relatos possuem função didática e função de entretenimento. Desse modo, constituem uma fonte de informação útil, pois são uma forma de conhecer outras sociedades, outras culturas. Ademais, as viagens, quando relatadas, contribuíam para a fama do indivíduo e enalteciam a sua pátria, difundidas, como eram, nas academias literárias, no governo e entre a população: todos queriam tomar conhecimento das aventuras, peripécias e dificuldades vividas pelo viajante. Pigafetta, na introdução do seu relatório de viagem, deixa claro o desejo de ser lembrado futuramente pelos seus feitos: “deliberei [...] fazer experiência de mim mesmo e ir ver aquelas coisas que poderiam me dar alguma satisfação e me proporcionar alguma fama junto à posteridade”²¹ (PIGAFETTA, 1994, p. 110).

As viagens se tornaram um conhecimento útil para a nação e para o estabelecimento de uma ciência, pois favoreciam a produção textual, iconográfica e cartográfica. Nesse processo de conhecimento participaram todos os estratos sociais, pois o trabalho envolvia conhecimentos econômicos, geográficos, científicos e históricos, além de abranger o trabalho de ilustradores, gravadores e editores, que, por sua vez, vendiam livros: todos sentiam-se orgulhosos membros de uma nação. Pode-se acrescentar que indiretamente fomentaram o comércio, as relações entre os povos, a melhoria dos instrumentos náuticos e a renovação na dieta alimentar europeia, advinda do conhecimento de produtos alimentícios antes desconhecidos. Consequia-se, desse modo, abranger uma extensa camada social favorecida pelas benesses decorrentes da produção literária dos viajantes (DOMINGUES, 2006a).

Os viajantes produziram relatos para apresentar a imagem do país que visitavam e a expunham detalhadamente nos seus escritos. No que se refere ao Brasil no século XVIII, segundo Domingues (2008), esse material não tem sido estudado, pois continua armazenado em arquivos portugueses e espanhóis (em manuscritos não publicados) à espera de ser analisado por pesquisadores interessados. Os viajantes escreviam ofícios, cartas, relatos etc. e os mandavam a Lisboa, compondo uma expressiva massa histórica informativa: eram informações manuscritas, impressas, mapas, estampas, atlas, objetos tridimensionais (artesanais), transcrições de testemunhos orais, material que possuía uma dimensão imensurável no conhecimento da região.

Os relatórios de viagens são fontes importantes, não somente porque servem para pesquisas, mas porque descortinam um mundo visto sob a ótica do viajante, mostrando os aspectos culturais, geográficos e históricos de determinado país. Esses mesmos aspectos, se

²¹ “deliberai [...] far esperienza di me e andare a vedere quelle cose che potessero dare alcuna satisfazione a me medesimo e potessero parturirmi qualche nome apresso la posterità”.

relatados por um historiador, adquirem um conteúdo pragmático diverso, pois ele, o historiador, tem como compromisso referir a verdade, apoiado em fatos e documentos, dando um testemunho da História. Esta é exposta em linguagem denotativa, enquanto que os relatórios de viagem se realizam em linguagem conotativa, pois o viajante inclui informações reais, revestidas pelas suas próprias emoções e impressões. Nem sempre o relato que para ele se configura como verdadeiro o é realmente, pois pode conter informações fantasiosas, como, por exemplo, as descrições de Pigafetta (1929) sobre pássaros imaginários na zona do Equador ou o peixe-mulher descrito e ilustrado por Giovanni Antonio Cavazzi, na sua *Istorica descrizione de' tre regni Congo, Matamba et Angola nell' Etiopia* (1690, cf. Fig. 3).

Figura 3 - Peixe-mulher²²

Na antiguidade clássica temos diversos relatórios de viagem, contudo é com um viajante veneziano que esse tipo de literatura ganha espaço e ultrapassa fronteiras: o lugar de honra cabe a Marco Polo, um dos primeiros a expor detalhadamente a história, a geografia, a política e cultura dos povos do Oriente, valorizando assim esse tipo de literatura, que veio a exercer grande fascínio no século XVI, após a descoberta da América e do caminho para as Índias.

²² In: CAVAZZI, 1687. Figura inserida entre as páginas 50 e 51.

Marco Polo inicia seu *Il Milione* dirigindo-se às pessoas de todas as categorias, desde os nobres até o povo, relatando o que viu pessoalmente ou o que soube por alguém de confiança. O viajante conhece o fascínio que terras e povos desconhecidos exercem sobre o imaginário das pessoas. Declara ele no princípio do livro:

Senhores, imperadores, duques e condes e cavaleiros, príncipes e barões, e toda a gente a quem apraz saber sobre as diversas gerações de pessoas e das condições do mundo, tomem este livro, e encontrareis as grandíssimas e diversas coisas da grande Ermínia, e da Pérsia e da Tartária, e da Índia e de muitas outras províncias, como esse livro vos contará abertamente, como Marco Polo veneziano contou segundo ele viu com os seus olhos; muitas outras que ele não viu, mas soube-as de homens sábios e dignos de fé²³ (POLO, 1827, p. 1).

Apesar do longo contato com os orientais, na sua obra, além da toponímia e toponomástica, quase não são citados empréstimos das línguas com as quais ele esteve em contato. Analisando o *Il Milione*, encontramos o item lexical *Caraunas*, cuja significação é dada pelo próprio autor: “[...] os tártaros brancos começaram a misturar-se com as mulheres indianas, que eram negras, e delas procriaram filhinhos que são chamados Caraunas, isto é, misturados, segundo a língua deles”²⁴ (POLO, 1827, p. 51, grifo nosso). Outro exemplo de empréstimo citado é *Chemurs*: “Bebem leite de égua, as quais pegam na sorte, que se parece com vinho branco e saboroso e chamam na língua deles Chemurs”²⁵ (POLO, 1827, p. 119, grifo nosso). Na primeira edição de 1612 do *Vocabolario della Crusca*, encontra-se registrado o EL *cantaro*, cuja definição segue: “Uma determinada quantidade de peso, menor ou maior segundo a diversidade dos lugares”²⁶. A abonação para esse EL foi extraída de uma passagem do livro *Il Milione* (1827, p. 315, grifo nosso): “[...] as naves são cobertas e possuem um mastro, e são grandes, que podem bem levar quatro mil cantári etc. no *Anno Domini* de 1290, em que eu, Marco Polo, estava na Corte do grande Khan”²⁷. A origem dessa palavra, porém, é

²³ “Signori, imperadori, duchi e conti e cavalieri, principi e baroni, e tutta gente a cui diletta di sapere diverse generazioni di gente e condizioni del mondo, prendete questo libro, e troverete le grandissime e diverse cose della grande Erminia, e di Persia e di Tartaria e d'India e di molte altre provincie, come questo libro vi conterà apertamente, come messer Marco Polo viniziano ha raccontato secondo ch' elli vide cogli occhi suoi; molte altre che non vide ma intesele da savi uomini e degni di fede”.

²⁴ “(...) li tartari bianchi cominciarono a mescolarsi con le donne indiane, quali erano negre, e di quelle procrearono figlioli che furono chiamati Caraunas, cioè mischiati nella lingua loro”.

²⁵ “Bevono latte di cavalle, quall'acconciano di sorte, che par vin bianco e saporito e chiamano nella loro lingua Chemurs”.

²⁶ “una determinata quantità di peso, minore, o maggiore secondo la diversità de' luoghi”.

²⁷ “(...) le navi son coperte, e hanno un' arbore, ma sono di gran portate, che bene portano quattromila cantári, ec. negli anni Domini, 1290 che io Marco Polo era nella corte del gran Cane”.

contestada por Baldelli Boni (em nota de rodapé, na mesma obra), que afirma ser esse EL de origem árabe e já existir anteriormente.

A invenção da imprensa, juntamente com as grandes descobertas, colaborou para que a Literatura de Viagem se firmasse como um gênero de grande sucesso ainda no século XVI. O humanismo, que se delineava na Itália desde Petrarca, encontra-se em franca ascensão, atinge o seu auge, desemboca no Renascimento italiano e se difunde por toda a Europa. Os humanistas vão beber nas fontes clássicas os subsídios para a superação de valores cimentados a partir da concepção medieval de mundo, presente até então. Reelaboram os clássicos na perspectiva humanista, conhecedores que são da própria capacidade intelectual criativa: Leonardo transita com desenvoltura entre as artes, arquitetura, escultura, engenharia, anatomia; Macchiavel projeta as bases da ciência política; o polonês Nicolau Copérnico, da astronomia, e Galilei, da física. A primeira sistematização da literatura de viagem teve seu expoente em Fracanzano di Montalboddo, que publica em Vicenza, em 1507, os escritos de Colombo e Vespucci, organizados em um texto unitário (142 capítulos, com títulos explicativos coerentes com a sua visão de mundo, compilados em seis livros), intitulado *Paesi nuovamente ritrovati et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitolato* (RADULET, 1991; TROVATO, 1994).

Outra obra de grande relevo na Literatura de Viagem é a compilação feita por Giovanni Battista Ramusio, *Delle Navigationi et viaggi*, publicada pela primeira vez em 1550 e, sucessivamente, em outras edições. Ramusio organiza a sua coletânea de forma diversa da de Montalboddo, traduz os textos de viajantes do espanhol e do português, adapta e intercala discursos introdutórios para cada viagem, nos quais desenvolve uma crítica histórica e explicativa, insere títulos de acordo com a sua interpretação do texto. Afirma o humanista que o seu objetivo é corrigir as cartas geográficas feitas por Ptolomeu, pois as novas descobertas modificaram o panorama do conhecimento.

Ramusio propõe-se a reunir os escritos dos viajantes que estiveram em partes distantes do mundo, concentrando as descrições dos lugares visitados. Assevera o grande italiano que, com as descrições dos lugares e o acréscimo dos mapas portugueses existentes, seria possível criar outros tantos mapas, pois através dos escritos tem-se conhecimento dos graus, das distâncias dos portos, dos nomes das cidades, dos lugares e dos senhores que ali habitam, podendo-se, assim, confrontar com o que foi escrito antigamente e, desse modo, corrigir e atualizar os mapas.

O Ramusio humanista reconhece que, além da informação histórica/geográfica que disponibiliza ao leitor, o seu trabalho possui valor intrínseco, que é o de proporcionar o prazer

da leitura. Ele mesmo se pergunta: “Mas que posso dizer eu do prazer que terão os doutos e estudiosos?”²⁸ (RAMUSIO, 1550, p. 2). A lista dos autores que traduziu ou anexou à sua obra é extenso: a navegação do capitão Pedro de Cintra, escrita por Alvise Ca’ da Mosto; a navegação de Vasco da Gama, redigida por um anônimo; a navegação de Pedro Álvares, escrita por um piloto português anônimo. Esta é particularmente interessante porque conta sobretudo a viagem da armada e a chegada ao Brasil, e o percurso para a costa africana e indiana. Interessante sublinhar que esse relato foi o primeiro texto a ser publicado, já em 1507, contando a história do descobrimento do nosso país e da viagem até as Índias, mas não em português (pois o original português perdeu-se), e sim em língua italiana, por obra de Fracanzano da Montalboddo. Foi essa tradução italiana que Paulo Roberto Ferreira (Lacerda Editores, 1999) usou em os “Três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil”. É oportuno dizer que essa carta foi publicada logo após o descobrimento, o que não aconteceu com a carta de Pedro Álvares Cabral, mantida em segredo, pois, como afirma Domingues (2006b), Portugal não queria divulgar as suas descobertas a fim de impedir atos de pirataria por parte de outras nações. A obra de Ramusio, “o homem que descobriu o mundo com os olhos dos outros”²⁹, atraiu o interesse em todo o mundo ocidental e serviu de paradigma para muitos outros autores europeus, despertando também nos viajantes o desejo de contar as suas peripécias.

²⁸ “Ma che dico io del piacere che ne avranno li dotti e studiosi?”

²⁹ “l’uomo che scoprì il mondo con gli occhi degli altri”. Disponível em: <www2.regione.veneto.it/videoinf/.../ramusio.htm>. Acesso em: 19 ago. 2011.

3 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

La parola è come l'acqua di fonte, un'acqua che ha in sé i sapori della roccia dalla quale sgorga e dei terreni per i quali è passata. Le parole che ci giungono da età remote, sono fossili [...] ³⁰ (Giorgio Pasquali).

Neste momento definimos o que entendemos por lexicologia, neologia e empréstimos linguísticos nas suas diversas formas, pois o nosso trabalho é lexicológico e trata especificamente dos empréstimos lexicais do português na língua dos viajantes italianos. Apresentamos, também, os casos de interferência linguística decorrente do contato entre línguas ou falantes bilíngues.

3.1 Lexicologia, léxico e os empréstimos linguísticos

A linguagem, desde sempre, exerce uma função fundamental para toda a humanidade, pois é por ela e através dela que o homem externa e exprime o seu existir. O fato de poder manifestar fisicamente, através da palavra, o que sente em seu interior é uma ação verdadeiramente extraordinária, que permite ao homem construir, em um mundo material, aquilo que possui forma apenas na sua mente. Ao revelar, por meio da palavra, o que pensa, cria um mundo de imagens mentais que se ‘projetam’ no seu interlocutor, adquirindo consistência concreta. Essa capacidade de perceber o mundo e externá-lo por meio da linguagem é tratada por Lev S. Vygotsky:

Mesmo que o problema seja resolvido sem a emissão de nenhum som, a linguagem tem um papel no resultado [...]. Isso é algo que não encontra correlato análogo na percepção animal. Por esse termo eu entendo que o mundo não é visto apenas em cor e forma, mas também um mundo com sentido e significado (VYGOTSKY, 1984, p. 37).

³⁰ “A palavra é como a água da fonte, uma água que tem em si os sabores da rocha da qual borbota e dos terrenos pelos quais passou. As palavras nos chegam da idade remota, são fósseis [...]”.

Desse modo, o homem, para poder comunicar-se, deve dar um sentido e um significado às coisas do seu mundo. Como ser discursivo-dialógico, para concretizar o seu pensamento, vale-se dos elementos linguísticos de seu grupo, que está inserido em uma estrutura maior, o léxico da sua língua. O léxico de uma língua natural é um conjunto significativo de palavras utilizadas por um povo em determinado momento. Constitui-se, portanto, como um patrimônio desse povo, pois expressa os significados históricos e culturais dos seus usuários. Léxico, para Alves (1990, p. 89), “é o conjunto estruturado de todas as unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia”.

Roland Eluard (2000, p. 6) nos lembra que a relação entre lexicologia e léxico é tão intrínseca que se pode sugerir uma definição simplificada, tal como “lexicologia é o estudo do léxico de uma língua”. Contudo, sustenta o autor, apesar de ser uma definição clara e explícita, deve-se considerar alguns pressupostos que contribuem para que a definição acima possa desdobrar-se em outras implicações: a) existe algo que se pode chamar de léxico; b) esse léxico está inserido em algo maior, que se pode chamar de *língua* ou *sistema*; c) o estudo desse *sistema* pode ser direcionado em uma gama de empregos (a palavra, o discurso etc.). Eluard acrescenta que essa concepção se encontra em Saussure, no seu Curso de linguística geral, quando afirma que a lexicologia, a ciência da palavra, não pode ser estudada separadamente, pois, dependendo do ponto de vista da sua função, o fato lexicológico pode confundir-se com o fato sintático. Em consequência, as unidades da língua estão quase sempre relacionadas entre si, em uma cadeia sequencial que lhes dá sentido, pois isoladas pouco representariam.

A Lexicologia, como ciência, se dedica ao estudo do léxico das línguas naturais e intrinsecamente ligada a ela, temos a lexicografia, que fundamenta as técnicas para a elaboração de dicionários e o estudo das obras lexicográficas. A Lexicografia, portanto, surge como resposta à necessidade de organizar os processos de descrição e normatização do léxico das línguas (SCHULTZ, 2007). Greimas (1979, p. 255) define Lexicografia como “um domínio da linguística aplicada que visa à elaboração de dicionários”. Como ciência, propõe-se a estabelecer as regras de compilação de uma múltipla tipologia de dicionários: de língua, terminológico, etimológico, bilíngue ou glossários de especialidade. Não trabalharemos com a lexicografia nessa pesquisa, apenas fazendo o levantamento de um léxico utilizado, eventualmente, pelos viajantes.

3.2 Línguas em contato

A língua é um fato social, só se realiza perfeitamente quando existe uma interação entre dois falantes; do contrário é apenas um solilóquio que tem significação apenas para o emitente. O ato da fala é sempre uma gênese, não importa o grau de conhecimento de mundo da pessoa: todos os seres humanos são aptos a criar intelectualmente, seja o físico prêmio Nobel que investiga a teoria da mecânica quântica, o linguista formado na academia francesa, inglesa, brasileira etc., que estuda o léxico das línguas, ou o pedreiro que sabe explicar a composição da massa de cimento para a construção do edifício. Todos, sem exceção, criam através da língua, daquela língua que estão habituados a falar, simples ou culta. Para Louis-Jean Calvet, “a língua foi, portanto, desde a origem, o instrumento do poder e é sempre marcada pela divisão da sociedade em classes sociais” (CALVET, 2002, p. 19). Ao discutirmos a língua como um fato social, adentramos no campo sociolinguístico, pois “as línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002, p. 12).

Examinando as teorias de diversos estudiosos que se dedicaram ao tema (Saussure, Meillet, Braig, Labov), Calvet chega à conclusão que não se pode, absolutamente, distinguir uma linguística que estudaria, digamos, a parte abstrata da língua e uma sociolinguística, que examinasse a parte social. Para ele, língua e sociedade estão intrinsecamente unidas: “*a sociolinguística é a linguística*” (CALVET, 2002, p. 33, grifo do autor). Cada sociedade, cada país tem a(s) sua(s) própria(s) língua(s) ou dialetos, existindo muitas vezes um plurilinguismo. Esse plurilinguismo permite situações de contato constante entre indivíduos do mesmo país ou de países vizinhos (como no caso dos paranaenses na divisa com o Paraguai), que convivem dia a dia (lembramos o comércio em Ciudad Del Este, onde trabalham pessoas de várias etnias e nacionalidades) com outros idiomas que não o seu nativo. Para Calvet, o “lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue ou em situação de aquisição) ou a comunidade” (CALVET, 2002, p. 35) e dessa forma a sociolinguística se faz presente.

Compreende-se que duas línguas estão em contato quando, em um contexto histórico, dois povos de línguas diferentes compartilham o mesmo espaço físico, havendo a interferência de uma língua sobre a outra e vice-versa. Esse contato dá-se no plano linguístico, cultural e social. Um dos mais eminentes linguistas que se dedicou ao estudo do fenômeno das línguas em contato foi Uriel Weinreich. Sobre suas teorias, nos atesta Cardona na

introdução da edição italiana de *Lingue in contatto*: “Depois de Weinreich a análise contrastiva se firmou muito rapidamente, ao menos como critério de base, na linguística aplicada”³¹ (WEINREICH, 1974, p. XVII). De fato, foi esse autor que estabeleceu uma teoria sobre as línguas em contato (doravante LiC) até hoje aceita e não superada, estudada por todos que se debruçam sobre esse tema.

Weinreich (1974, p. 3) considera que duas línguas estão em contato quando “são utilizadas alternadamente pelas mesmas pessoas”. Esse fenômeno é resultado do bilinguismo, que para ele é o emprego simultâneo ou alternado de duas línguas por um mesmo ou pelos mesmos falantes de uma comunidade linguística. Ao se exprimir, o falante bilíngue introduz na sua fala elementos de uma ou de outra língua, possibilitando que no seu discurso ocorram inserções estranhas à sua língua materna, devido à sua familiaridade com duas ou mais línguas. O autor entende essa interferência de uma língua sobre outra como desvios da norma³².

Comentando o fenômeno da interferência linguística, Weinreich cria uma metáfora muito significativa: “No discurso, a interferência é como a areia transportada por uma torrente; na língua, ela é o sedimento arenoso depositado no fundo de um lago”³³ (WEINREICH, 1974, p. 19). Uma vez instalada na fala do usuário, a interferência é difícil de desaparecer, pois fica arraigada na sua mente. Ao falar com outros, o usuário a reforça, sedimentando ainda mais o fenômeno. Exemplificando: é comum ouvir professores de italiano cuja língua materna é o português falarem: *oggi devo orientare un alunno*, para dizer que devem orientar a monografia ou pesquisa de um aluno, quando o correto seria falar *oggi devo seguire un alunno*. A palavra *orientare* existe em italiano com outro significado, de orientar-se geograficamente; para especificar uma orientação de aluno, geralmente, é utilizado o substantivo *orientamento*. Observa-se nesse caso uma clara interferência do português, resultado do bilinguismo/contato entre as duas línguas. Mas não somente isso; Weinreich destaca que a interferência de um sistema sobre outro acarreta

[...] a reorganização das estruturas que resultam da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais complexamente estruturados da língua, por exemplo, na maior parte do sistema fonêmico, em grande parte da

³¹ “Dopo Weinreich l’analisi contrastiva si è affermata molto rapidamente, almeno come criterio di base, nella linguistica applicata”.

³² Os desvios da norma compreendem os erros cometidos em relação à norma culta, normatizadas pela gramática da língua.

³³ “Nel discorso, l’interferenza è come la sabbia trasportata da un torrente; nella lingua essa è come il sedimento sabbioso depositato sul fondo di un lago”.

morfologia e da sintaxe, e em certas áreas do vocabulário (parentes, cores, tempo etc.)³⁴ (WEINREICH, 1974, p. 3).

Calvet reputa que Weinrich compreendia a interferência em relação ao indivíduo bilíngue, quando empregada de modo alternado pelo mesmo usuário. Já Calvet acredita que o plurilinguismo por si só faz com que as línguas estejam em contato permanente e isso produz três tipos de interferências: as fônicas, as sintáticas e as lexicais. Vejamos um exemplo de interferência fônica de um falante do português brasileiro em relação à língua italiana: em italiano, a vogal que antecede o dígrafo é pronunciada mais longamente: *pappa* /'pa:pa/, por exemplo. Já os brasileiros tendem a restringir o alongamento do –a. Isso poderia gerar uma confusão semântica: *pappa* (papinha de neném) com *papa* [/pa.pa/] (título solene com o qual se designa o chefe da Igreja Católica) e quem sabe ainda com *papà* [/pa. 'pa/] (papai), apesar de, nesse caso, a acentuação ser diferenciada. A interferência sintática compreende a organização de uma frase seguindo a estrutura da própria língua: em português, dizemos ‘está fazendo frio hoje’; ao transpor para o italiano, é comum fazer-se a mesma construção: *sta facendo freddo oggi*, ao invés de *fa freddo oggi*, que seria o correto³⁵.

O terceiro exemplo de interferência citado por Calvet é a lexical, que ocorre com mais facilidade e o caso mais frequente é dos falsos cognatos. É muito fácil para um brasileiro confundir o português ‘comida esquisita’, com o italiano *cibo squisito*. Na realidade, possuem significados totalmente opostos: para os brasileiros, a locução ‘comida esquisita’ significa uma comida estranha, exótica, enquanto que, no italiano, *cibo squisito* é uma comida delicada, refinada, de excelente sabor. Outro tipo de interferência lexical, ainda segundo Calvet, se dá com verbos; em português, dizemos ‘reformular a casa’, ‘restaurar um móvel’ e ‘reestruturar a lei’. Apesar de o verbo reformar ser o mais frequente, podemos intercambiar o objeto direto, sem grandes mudanças no significado: ‘fulana reformou o seu apartamento’; ‘restaurou o apartamento’ ou também ‘reestruturou o apartamento’ (mexeu na estrutura). Em italiano, contudo, são verbos utilizados individualmente, cada um com seu significado específico: *reformare una legge*, *ristaurare un quadro*, *ristrutturare la casa* (reformar a lei, restaurar um quadro, reestruturar a casa).

³⁴ “risistemazione delle strutture risultanti dall’introduzione di elementi stranieri nei domini della lingua più complessamente strutturati, ad esempio nella maggior parte del sistema fonemico, in grande parte della morfologia e della sintassi, e in certe aree del vocabolario (la parentela, il colore, il tempo, ecc.)”.

³⁵ Para a língua italiana, a perífrase progressiva estar + gerúndio é utilizada para representar o que se está fazendo ou o que está acontecendo em determinado momento.

Falando sobre as línguas aproximativas, Calvet especifica que podem ocorrer em duas situações diferentes. No caso de um turista que se dirige a um país do qual não conhece a língua por exemplo. Se o turista está de passagem, lançará mão de uma língua que o autor denomina de ‘língua veicular’, isto é, “uma língua para comunicação entre grupos que não têm a mesma primeira língua” (CALVET, 2002, p. 57). Pode acontecer também o caso de um imigrante que, por motivo pessoal, deseje permanecer no país cuja língua não conhece e que necessita compreender. Nesse caso é forçado a adquiri-la no ambiente onde vive e isso gera no seu falar intercalações da sua língua materna com a língua da pátria que o acolheu. Exemplificamos com um diálogo hipotético entre um brasileiro que mora na Itália e um italiano:

italiano: – *Perché sei venuto in Italia?*

brasileiro: – *Purché voglio casarmi con una moglie brasiliana e non ho soldi.*

Tem-se no diálogo acima uma língua aproximativa do italiano, mas com interferências tais como: *purché*, ao invés de *perché*, uma aproximação com o português; *casarmi*, uma interferência clara do português; e um amálgama semântico com o uso de *moglie* no lugar de *donna*, pois os brasileiros tendem a confundir o significado semântico de *donna* e *moglie* (pessoa do sexo feminino e esposa/mulher).

Outra situação descrita acontece também em nível coletivo: quando não há uma língua comum, pode-se criar uma língua aproximativa que seja comum a todos. Calvet exemplifica com a língua franca falada antigamente nos portos do Mediterrâneo, o saber, uma mistura de línguas faladas pelos povos que comercializavam entre si: italianos, espanhóis, árabes etc. O saber mediterrâneo era formado por um sistema gramatical simplificado e léxico elementar, predominantemente italiano (CALVET, 2002, p. 36-41). Schuchardt (1909, p. 441) observa que a intensa rede de relações estabelecida entre as nações do Mediterrâneo, na Idade Média, mais especificamente entre os cristãos de língua românica, árabes e turcos, estimulou o aparecimento do saber mediterrâneo: uma língua circunscrita, sem codificação, mas que servia aos propósitos de comunicação. Para o autor, trata-se de “[...] uma língua de comunicação construída com léxico românico”³⁶. Appel e Muysken (1987, p. 177) explicam a existência dessa língua franca utilizada no comércio entre as nações do Mediterrâneo, a partir da Idade Média, e a definem como: “Língua franca (um *pidgin* com predominância de vocabulário românico falado no Mediterrâneo, mas extinto por volta de 1900)”³⁷.

³⁶ “[...] aus romanischen Wortstoff gebildete Vermittlungssprache”.

³⁷ “Lingua franca (a pidgin with predominantly romance vocabulary once spoken in mediterranean but extint about 1900)”.

Para Marco Mancini, além do *sabir* mediterrâneo, existia uma língua franca utilizada pelos navegantes dos mares Índico e Pacífico, que circulava nos lugares onde os portugueses estabeleciam suas possessões ou postos, no período da expansão:

Deve remontar a essa época a difusão de um *sabir* de base portuguesa, que representou o mais importante instrumento comunicativo ao longo dos trajetos comerciais, não somente nas áreas orientais, mas também, como mostra a história linguística dos crioulos na zona das Antilhas, em área ameríndia³⁸ (MANCINI, 1994, p. 863, grifo do autor).

Essa possibilidade de uma língua franca fora do contexto mediterrâneo é também confirmada por Cardona, quando afirma que o comportamento etnocêntrico das nações europeias em relação às várias culturas favoreceu o aparecimento de uma série de línguas francas, pois os europeus não se interessavam em aprender a língua dos autóctones nem se preocupavam em ensinar a própria língua. Desse modo, cabia aos indígenas compreender e reproduzir algumas palavras. Discorrendo sobre o português, lembra que “a difusão destes *pidgin* portugueses teve uma excepcional fortuna e se pode dizer que existia uma variante em cada colônia portuguesa, usada, além de e com os Portugueses, também por outros europeus para falar com os do local e até mesmo entre eles”³⁹ (CARDONA, 1973, p. 171).

Atualmente entende-se que o *sabir* e/ou língua franca “engloba todas as mesclas linguísticas de contato para a intercomunicação em situações bilíngues e plurilíngues [...] designa qualquer língua de intercurso, como o tupi ou língua geral o foi nas costas brasileiras” (CARVALHO, 1989, p. 34). Portanto, o *sabir* realiza-se como uma língua de comunicação resultante do contato entre povos que não falam a mesma língua, mas que interagem e valem-se do conhecimento parcial do idioma dos seus interlocutores, aceitando conscientemente o fenômeno da interferência lexical.

De acordo com Calvet, a interferência lexical pode ser fator para a criação de empréstimos lexicais, pois “mais que procurar na própria língua um equivalente a um termo de outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra, adaptando-a à própria pronúncia” (CALVET, 2002, p. 39). O estudioso considera que a interferência é um fenômeno individual, mas o empréstimo é coletivo.

³⁸ “A quest’epoca deve risalire l’affermarsi del *sabir* a base portoghese, che rappresentò il più importante strumento comunicativo lungo i tragitti commerciali non solo in area orientale, ma anche, come mostra la storia linguistica dei creoli nella zona delle Antille, in area amerindia”.

³⁹ “La diffusione di questi *pidgin* portoghesi ebbe un’eccezionale fortuna e si può dire che ce ne fosse una qualche varietà in ogni colonia portoghese, usata oltre che da e con i Portoghesi anche da altri europei per parlare con i locali e perfino tra di loro”.

Weinreich estima que em alguns âmbitos da sintaxe, como no léxico incidental, pode-se mais precisamente falar de empréstimos, mas, mesmo nesse caso, não se pode excluir totalmente a possibilidade que seja devido à interferência linguística. Cardona, na introdução de *Línguas em contato* (WEINREICH, 1974, p. XXV), afirma que pode haver interferência sem haver empréstimo lexical e dá como exemplo a presença de lusismos na obra de Filippo Sassetti, na qual o número de empréstimos efetivos não é muito alto. Entretanto, ainda segundo ele, examinando-se atentamente as *Lettere* de Sassetti, encontram-se muitos lusismos, utilizados conscientemente ou não (nesse caso, caracteriza-se a interferência) pelo autor. Cardona (1974, p. XXV.) exemplifica com a unidade fraseológica “*né in terra tiene con chi contrasti* (não tem quem contraste)”. O autor afirma que todos os elementos constituintes da frase são da língua italiana e não deixam transparecer nenhuma interferência do português, porém inexistente essa formação fraseológica com significação em italiano.

Segundo Roberto Gusmani (1983, p. 31), quando Weinreich teoriza sobre a interferência, estaria referindo-se apenas a possíveis desvios da norma padrão que se cometem quando alguém fala uma língua estrangeira – que se concluem na esfera individual, sem possíveis consequências no sistema da língua estrangeira – e não aos fenômenos intercorrentes do contato linguístico, quando o falante utiliza, ao falar, as estruturas de sua própria língua.

A interferência lexical advinda do contato entre duas ou mais línguas gera os empréstimos neológicos e, quando isso acontece no plano social, pode transformar-se em empréstimo lexical de uma língua para outra. Quando acontece no plano individual, geralmente não produz consequências na língua, pois gera o que entendemos por empréstimos linguísticos casuais, uma utilização de determinado item lexical que serve para suprir a necessidade imediata do falante.

3.3 Neologia e neologismos

A língua é um organismo vivo, portanto, se pensada desse modo, seria composta por matéria, no caso matéria linguística. Como tal, estaria sujeita a modificações, se não na sua estrutura, pelo menos no que concerne ao seu léxico – e um dos mecanismos para enriquecer o léxico é a neologia. Como declara Alves (1990, p. 6), o conceito de neologia evolui ao longo das décadas. A neologia é o ramo da linguística que estuda a criação de novas palavras, uma

definição que nem sempre consegue revelar a abrangência desse conceito: o estudo da formação de palavras novas que envolve áreas tais como a fonética, a morfologia, a semântica, a sociolinguística, apenas para nomear algumas.

O termo neologismo é uma composição híbrida de neo ‘novo’ + logos – ‘palavras’ e por si só já é um neologismo, isto é, uma criação lexical, utilizada por Louis Mercier em 1801 e já registrada no dicionário de Moraes Silva (1813) como “o uso frequente de palavras novas”. A definição, apesar de inovadora para a época, não engloba todas as significações que a palavra contém, como bem explica Guilbert: a “neologia lexical se define como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical”⁴⁰ (GUILBERT, 1975, p. 31). Ou, melhor ainda, na ampliação do conceito da teoria neológica elaborada por Alves:

O conceito de neologia aplica-se a unidades lexicais (formalmente novas ou que recebem um novo significado), criadas num determinado momento histórico-social, que, em função de diversas razões (necessidade de nomeação de objetos ou fatos novos, sobretudo), determina essa criação (cf. Matoré, 1953; Guilbert, 1975; Sablayrolles, 2003). Essas palavras novas podem corresponder a criações formais, unidades lexicais formadas por processos vernaculares (derivação, composição, especialmente) ou empréstimos de outras línguas, que, no momento de introdução num idioma, são denominados estrangeirismos (ALVES, 2011, p. 109-110, parênteses da autora).

A definição da autora enriquece e acresce a definição de Moraes Silva, pois as possibilidades de produção de novas palavras dentro de um sistema lexical são quase ilimitadas.

A partir das reflexões de Raffaele Simone, Paola Giustina Baccin compreende que a língua “é um conjunto aberto [...] formado pelas palavras do passado, aquelas vindas de outras línguas e as construídas com os materiais disponíveis naquela língua” (grifo nosso). Se olharmos do ponto de vista diacrônico, o léxico de uma língua se forma a partir das palavras herdadas, mesmo aquelas não mais utilizadas, e pelas palavras usadas correntemente. Outras formações lexicais são os neologismos, que se originam das palavras que herdamos e pelos empréstimos de outras línguas. Sob o ponto de vista sincrônico, observamos que o léxico “é um conjunto em grande movimento, formado pelo seu passado (herança linguística) e projetado em função de suas necessidades futuras (neologismos)” (BACCIN, 2003, p. 83, parênteses da autora). As formações neológicas se constroem obedecendo às regras existentes

⁴⁰ “La néologie lexicale se définit par la possibilité de création de nouvelles unités lexicales, en vertu des règles de production incluses dans le système lexical”.

no sistema da língua, geralmente por derivação e composição ou pela criação de uma nova acepção para uma palavra já existente.

Jean-François Sablayrolles (2003, p. 224 *et seq.*) assevera que não importa a sua procedência, como eles se formaram, quem os criou ou a sua duração: o importante é que os neologismos são sempre representativos da evolução de uma língua e constituem o reflexo do pensamento dos membros dessa comunidade linguística, naquele preciso momento. Em concordância com Sablayrolles, Alves (1990, p. 87 *et seq.*) explica que o estudo da neologia lexical permite analisar a evolução da sociedade que a utiliza, pois as mudanças sociais e culturais constituem um importante instrumento de enriquecimento lexical dessa comunidade.

Quanto ao percurso neológico, é interessante verificar que o neologismo passa por diversas fases, que inclui o surgimento, o uso e a aceitação, ou também a não-aceitação, projetando uma curva ascendente, até atingir o ápice do uso, perdendo o seu caráter neológico, em um processo que Maria Aparecida Barbosa chama de desneologização:

Não é pelo fato de uma palavra ter caráter inédito que passa a ser imediatamente considerada neológica. Com efeito, há vários momentos importantes na criação do neologismo: a) o instante mesmo da sua criação; b) o movimento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural; c) o momento em que começa a dar-se a desneologização. Na criação lexical, devem distinguir-se duas fases: aquela que considera o neologismo no instante em que é produzido no quadro enunciativo e aquela em que é apreendido e registrado pelos falantes-ouvintes do grupo (BARBOSA, 2001, p. 35).

Quando o uso do neologismo é frequente, este pode passar a fazer parte do sistema lexical da língua, perdendo o *status* de neologismo e tornando-se parte integrante do léxico dessa língua. Essa possibilidade é constatada também por Nelly Carvalho:

A frequência de repetição pode determinar a perda do caráter neológico, que vai progressivamente regredindo à medida que seu emprego aumenta. A sua aceitabilidade pelo grupo social determinará sua permanência; caso contrário sua frequência vai diminuindo e cai gradativamente no esquecimento, como é o caso de mentigueiro (*meeting*) (CARVALHO, 1984, p. 72).

Do mesmo modo, afirma Alves (1990, p. 84) que “é, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma”. Como vimos acima, a entrada de um elemento novo no sistema linguístico nem sempre tem a sua trajetória realizada completamente: ele

aparece, é registrado, mas não apreendido. Segundo afirma Guilbert (1975, p. 92), para que o seu percurso neológico se complete plenamente é necessário que seja aceito pela comunidade: “a neologia por empréstimo consiste, portanto, não na criação do signo, mas na sua adoção”⁴¹.

Contudo, por maior que seja a aceitação de um neologismo, se essa não for contínua e permanente, tende a cair no esquecimento. *Caseiro* e *collorir* são exemplos de neologismos que geralmente não perduram, pois refletem atitudes ou situações políticas específicas de determinado momento. O criador do neologismo *caseirogate* referia-se à quebra ilegal do sigilo bancário de um caseiro, no escândalo do mensalão, tendo por base o substantivo *caseiro*, acrescido do empréstimo inglês *gate*, que significa porta, portão, passagem etc. (modelado em *watergate*, nome de um hotel, uma adaptação semântica com o significado de corrupção); *collorir* remete à adesão e à situação de alegria e esperança em que se encontrava o povo brasileiro quando da eleição de um presidente jovem e promissor. Apesar de Fernando Collor de Mello ter retornado à atividade política, hoje ninguém mais fala em *collorir*, pois a palavra recorda momentos que muitos querem esquecer. A criação desses neologismos confirma a infinita capacidade da língua de se renovar, mas também a grande possibilidade de combinações e a inventividade dos seus usuários. Portanto, o povo, soberano da sua língua, pode determinar, por motivos históricos, culturais ou sociais, a permanência e inserção ou não do neologismo no léxico da sua língua. Como prossegue Alves (1990, p. 84), nem todos os neologismos são dicionarizados, pois dependem de fatores extralinguísticos, que podem influenciar na sua não aceitação.

Se verificarmos a aceitabilidade do neologismo, no caso da nossa pesquisa, vemos que os mais correntes na literatura dos viajantes passaram a fazer parte da língua italiana. Palavras como *banana*, *marmellata*, *caravella*, *macaco* etc., presentes em vários relatos dos séculos XVI e XVII, hoje fazem parte do léxico ativo de qualquer falante italiano.

3.4 Empréstimos: re-produção e re-criação de matéria linguística

Como explicitamos anteriormente, o contato entre línguas ou falantes bilíngues gera a possibilidade de interferências e é fator de empréstimos linguísticos. Interferência e empréstimo estão interligados, mas o empréstimo acontece por diversos canais, como, por

⁴¹ “La néologie de l'emprunt consiste donc non dans la création du signe mais dans son adotion”.

exemplo, escritos, rádio, televisão, produtos, internet ou outros meios, em alguns casos sendo necessária a interferência direta do falante. A interferência linguística, no entanto, ocorre quando dois povos ou duas pessoas estão em contato direto (CALVET, 2002; WEINRICH, 1974), o que leva ao aparecimento dos empréstimos. No caso dos empréstimos linguísticos, partimos da assunção de que as línguas naturais podem compartilhar seu léxico com outras línguas, muito embora possam diferir no modo como o assimilam e adaptam. Uma língua que não se renova através dos empréstimos é como uma fonte de água estagnada que perde o seu frescor e o seu brilho. A esse respeito, Maquiavel assegura que as línguas necessitam de palavras estrangeiras e que essas, ao serem incorporadas, assumem de tal forma a identidade da língua recebedora, que parecem ter sempre feito parte dela. O discurso de Maquiavel sobre a língua vai mais longe: afirma que alguns desses empréstimos, com o tempo, perdem até o seu significado inicial, tomando outros significados. O autor de *O príncipe* enuncia, assim, uma das primeiras teorias sobre os processos neológicos, ao assinalar: “Com o tempo, pela quantidade desses novos vocábulos, degeneram e se tornam outra coisa; mas fazem isso após centena de anos”⁴² (MACHIAVELLI, 2011, p. 5). Foi desse modo que a primeira palavra do português entrou para a língua italiana, de maneira indireta, através de uma composição poética, obra de Cenne de la Chitarra. Trata-se do EL *caravella*, palavra que teve largo uso na língua italiana, cuja primeira atestação verificou-se em 1336, segundo Vidos⁴³ (*apud* D’Agostino, 1994, p. 800). Vejamos como se apresentou pela primeira vez na composição poética:

Di giugno siate in tale campagnetta
che ve sien corbi et arghironcelli
le chiane intorno senza caravelli,
entro nel mezo v’abia una isoletta⁴⁴
(CENNE DELLA CHITARRA, 1880, p. 71, grifo nosso).

A adaptação do empréstimo da palavra *caravelli*, citada na poesia, teve, na sua trajetória neológica de adaptação à nova língua, mudanças de caráter:

- a) fonológico: o fato de haver o dígrafo ‘l’ faz com que a pronúncia seja diferente do português. Ex.: no português se pronuncia /ka.ra.'vɛ.la/ e no italiano /ka.ra.vɛ:'la/;
- b) morfológico: assume a forma plural italiana –i, quando em português é em –s;

⁴² “Col tempo, per la moltitudine di questi nuovi vocaboli, imbastardiscono e diventano un'altra cosa; ma fanno questo in centinaia d'anni”.

⁴³ VIDOS, B. E. **Prestito, espansione e migrazione dei termini tecnici nelle lingue romanze**: problemi, metodi e risultati. Firenze: 1965, p. 291-294. Obra não consultada.

⁴⁴ “Em junho estais em tal campinazinha, na qual estejam os corvos e as garças, as lagoas ao redor sem caravelas, e no meio haja uma pequena ilha”.

c) semântico: a caravela portuguesa é representada no imaginário coletivo como uma embarcação maior, possante, que singra em mares perigosos e não singela, como é expressa no poema, no qual o autor faz uma paródia de uma poesia de Folgóre da San Gimignano,⁴⁵ com uma lagoa paludosa, sem caravela. Além disso, existe outra forma semântica na língua italiana: caravela é também um tipo de cola de navio;

d) gráfico: no italiano existe o acréscimo do dígrafo ‘l’, *caravella* (cf. Alves, 1990; Klajn, 1972, Bloomfield, 1996; Guilbert, 1975, grifo nosso).

O léxico de uma língua é renovado continuamente, independentemente de fatores históricos ou culturais, pois o homem, como ser social, tende a comunicar-se com falantes de línguas diferentes da sua e isso gera a criação ou empréstimos de novas palavras. Martinet, na apresentação da edição italiana de *Lingue in contatto* (Weinrich, 1974, p. XXXIX), afirma que “uma comunidade linguística não é nunca homogênea e talvez jamais autossuficiente na questão do léxico”, e acrescenta que “as mudanças linguísticas se propagam como ondas através do espaço”. Dessa forma, praticamente sem empréstimos, as línguas não sobreviveriam; sem eles, sangue novo a alimentar os organismos vivos, elas tornar-se-iam frágeis, não se sustentariam.

No caso desta pesquisa, observamos esse fenômeno continuamente, pois os viajantes italianos, convivendo nas viagens com os lusitanos, aportando por determinado período em cidades de língua portuguesa ou vivendo nessas cidades, utilizavam palavras do português. Esse fato pode ser inconsciente, caracterizando a interferência, ou consciente, o que caracterizaria o empréstimo deliberado, que acontece, como nos atesta Alves (1994), porque queremos tornar o texto mais atraente ou porque não há na língua designações para a ‘coisa’ ou realidade existente. Entendemos por ‘coisa’ todas as descrições, feitas pelos viajantes, de palavras que não possuem o referente linguístico escrito claramente no texto, mas apenas uma exposição feita por analogia com algo conhecido. Pierre Guiraud, ao falar sobre a criação de novas palavras, comenta: “criamos palavras para dar nome às coisas, seja porque elas não os tenham, ou seja porque os nomes que elas têm não realizam de modo eficaz a sua função” (GUIRAUD, 1986, p. 41, grifo nosso). O homem se sente criador ao denominar a ‘coisa’, e isso é inerente ao ser humano, em uma quase necessidade básica de dar vida e organizar o seu mundo.

Guilbert (1975) chega a afirmar que o empréstimo acompanha a história da própria formação da língua. Ao incorporar palavras desconhecidas de outras línguas, como elas

⁴⁵ Folgóre da San Gimignano (San Gimignano, 1270-1332), compunha versos idílicos, representando cenas de caça, jogos e festas da burguesia toscana.

permanecem marcadamente enraizadas, o falante não se apercebe de que se trata de estrangeirismos. À medida que os empréstimos se instalam, são processados dentro das normas linguísticas, a fim de suprir as exigências de determinados grupos sociais ou de áreas específicas. Desse modo, “o empréstimo, no sentido *lato*, corresponde à aquisição, no âmbito de uma língua funcional, de elementos de sistemas linguísticos ou de normas pertencentes à outra língua funcional” (BACCIN, 2003, p. 86).

Gusmani (1983, p. 9), ao estudar a natureza e o mecanismo dos empréstimos, afirma que se deve dar o nome de empréstimo a qualquer fenômeno pelo qual as línguas estão em contato recíproco, não somente as línguas literárias e nacionais, mas também no plano individual. E, para que o empréstimo seja autêntico, é necessário que exista uma relação histórica entre a língua doadora e a receptora. Ressalta que até o aprendizado da língua materna é um fenômeno de empréstimo, pois se aprende a língua dos pais através do empréstimo das palavras deles. Portanto, existindo uma palavra qualquer, ali existe um empréstimo. Contudo, na linguística, trabalha-se o fenômeno do empréstimo de palavras de uma língua funcional reproduzidas em outra língua funcional, denominados comumente de empréstimos linguísticos, os quais são sempre uma face, uma manifestação da inventividade dessa língua, mas que possui raiz na criatividade individual e, com o passar do tempo, se difunde socialmente. Neste trabalho, trataremos especificamente dos empréstimos linguísticos entre línguas históricas.

Assim sendo, o empréstimo não deixa de ser uma imitação de um modelo estrangeiro, contudo a mimese jamais consegue ser igual ao original, mesmo sendo muito fiel a ele. Como, por exemplo, no empréstimo *spaghetti*, que vemos em muitas embalagens de macarrão e em muitas receitas ou menus de restaurantes: podemos manter a grafia original italiana, mas, ao pronunciá-la, acrescentamos um *e-* que não está presente na fonética do italiano, em um metaplasmo por aglutinação. Existe também a possibilidade de a palavra criar um novo significado semântico que não se encontra na língua doadora, como ‘espaguete’, adaptada à grafia portuguesa, um fio plástico maleável usado para encapar fios condutores de eletricidade; ou um neologismo não dicionarizado referente a uma espécie de rolo de polietileno utilizado para as crianças/adultos brincarem nas piscinas ou mar, o espaguete flutuador (BACCIN, 2003, p. 95). A última significação não existe como produto na Itália. Trata-se, na realidade, no caso do empréstimo *spaghetti*, de uma reprodução e uma recriação da palavra ‘espaguete’ na língua receptora (GUSMANI, 1983, p. 10-15).

3.4.1 A trajetória neológica: adaptação e integração dos empréstimos

No que se refere à literatura dos viajantes, Gianfranco Folena afirma que grande parte dos empréstimos designa coisas e realidades vindas da América e de outros lugares distantes da Europa (FOLENA, 1991, p. 101). No Brasil, com o verde intenso da floresta tropical, onde a flora e a fauna abundavam, tudo era desconhecido, nada mais natural que o visitante estrangeiro apreendesse, da língua sonora dos nativos, os nomes das ‘coisas’ existentes. Assim, o tupi, sem a labiodental F e as alveolares L e R, sem Fé, sem Lei e sem Rei, nas palavras de Gândavo, serviu de veículo para empréstimos vocabulares nas diversas línguas dos viajantes e naturalistas que aqui aportaram.

Nesta pesquisa, como vimos acima, trabalhamos com poucos empréstimos lexicais integrados à língua, a grande maioria são empréstimos ocasionais, neologismos que apareceram ocasionalmente na literatura dos viajantes. Os viajantes escreviam o empréstimo como o ouviam, e muitos deles são adaptados diferentemente, o que torna necessário discorrer sobre a adaptação desses empréstimos.

Os empréstimos começam a sua interação com a língua receptora sutilmente e se estabilizam aos poucos. Nesse processo existe uma espécie de harmonização entre os dois: um empresta o seu conceito e forma, o outro recebe e adapta segundo as suas necessidades fonéticas, gráficas e semânticas, e assim completam-se mutuamente. Barbosa enfatiza (1981, p. 144) que “é a repetição do emprego do neologismo e o sentimento de que é compatível com a língua que acabam por impô-lo”, como é o caso dos empréstimos lexicais dicionarizados na língua italiana que foram enunciados pela primeira vez nos escritos dos viajantes. Por terem sido usados várias vezes, por viajantes diversos, acabaram fazendo parte da língua e integrando-se completamente (*marmellata, ammainar, alto bordo, bambu* etc.). O empréstimo lexical integrado é uma característica à parte, já que há, nesse caso, a introdução de um elemento à língua. É como o transplante de um órgão: ele se adapta, faz o organismo funcionar e senti-lo como seu, mas na verdade é um corpo estranho a ele.

Quanto à adaptação e integração do empréstimo, existe desde o momento da sua importação um percurso neológico e só deixa de ser considerado como tal quando cessa de ser sentido como um termo estrangeiro (Guilbert, 1975). Discorrendo sobre a definição e tipologia de neologismos, Alves (1984, p. 120) assegura que a fase neológica do termo “situa-se entre o estrangeirismo e o empréstimo e corresponde à sua instalação no sistema de uma

língua”. A essa transição denomina de peregrinismo, fase na qual o empréstimo pode passar pelos processos de adaptação à língua receptora.

Para Klajn (1972, p. 43), existem diferenças diacrônicas no modo como os empréstimos são adaptados. Antigamente a palavra estrangeira adaptava-se às regras morfosintáticas e morfológicas logo que entrava na língua de chegada. Certamente um falante português não reconhece, hoje, na palavra abajur um galicismo: *abat* (sombra) + *jour* (dia), que no francês significava primeiramente um dispositivo colocado nas janelas das prisões para evitar a luz do dia. A tendência, atualmente, é transcrever os empréstimos sem modificações: *mouse* e não *mause. No entanto existem línguas que preferem usar a tradução, como, por exemplo, o espanhol *ratón*, o francês *souris*, o português de Portugal *rato*, evitando o empréstimo linguístico transcrito em língua estrangeira. Klajn afirma que a facilidade de comunicação existente hoje, tanto da língua falada como da escrita, faz com que a aceitação do empréstimo, sem muitas adaptações, seja veiculada com mais facilidade.

Para o autor, a **adaptação fonológica** na língua de chegada não acontece de maneira idêntica, mas através de diferentes adequações. Utilizando o esquema proposto por Klajn (1972), Schultz (2007) elabora as seguintes adaptações:

1) **assimilação fonética** – acontece através da substituição, perda, acréscimo ou redistribuição dos fonemas ou também com a mudança de acentuação. Não existe um grau absoluto de assimilação fonética, pois sempre há variações relativas às pronúncias regionais do país importador. A adaptação fonética pode acontecer em alguns níveis, a saber:

a) acréscimo de fonemas: *stigma* /'sti.gma/ pode ser pronunciado com junção da letra e inicial, inexistente no italiano /es.'ti.gma/, ou com a variante fonética /tʃ/, tornando-se uma palavra incompreensível na língua italiana /es'tʃi.gma/. Se o falante possui bom conhecimento da língua de partida, tentará uma aproximação fonológica maior e dirá /sti.gma/;

b) perda de fonema: *cruzeiro* → *cruzero* /cru.se.ro/;

c) deslocamento da acentuação: *babaçu* → *babassu* /ba.'ba.su/;

d) substituição de fonema: *veado* → *viado* /'vj.a.ðu/. Em português, apesar de a grafia ser 'veado', pronuncia-se viado /'vj.a.ðu/. Em italiano, a unidade lexical foi transcrita gráfica e foneticamente através da pronúncia brasileira;

e) mudança de acentuação: *afoxé* → *afoxé* /a.fu.'ʃɛ/. Zing a transcreve corretamente, mas, se utilizarmos no CD o ícone que remete à pronúncia, ouviremos /a.fu.'ʃe/: pelo fato de o acento agudo corresponder em italiano ao acento grave, o último fonema é pronunciado fechado;

2) **influxo da grafia** – é quase igual à assimilação fonética, com pequena variação, que depende do domínio que o falante possui da língua: por exemplo, *trash*. Um brasileiro pode pronunciar /traʃ/ ou também /treʃ/. Em português é possível encontrar as duas realizações vocais. Quem tivesse mais conhecimento da língua de partida diria /trʌʃ/;

3) **hipercorreção** – no intuito de falar o mais correto possível, o falante entende que o /sc/ italiano acompanhado das vogais /i/ ou /e/ pronuncia-se como o /tʃ/ no português. Exemplificando: *capisci* ou *capisce*⁴⁶ é pronunciado /ka.'pi.tʃi/ ou /ka.'pi.tʃe/, ao invés de /ka.'pi.ʃi/ ou /ka.'pi.ʃe/;

4) **contaminação** – são falsas analogias fonéticas, em razão das quais a palavra não é pronunciada como na língua de partida, nem como na língua de chegada, mas contaminada pela pronúncia de uma terceira língua. Ex.: *chance* /tʃ'ants/ não é pronunciada como em português, /'ʃanse/, mas como no francês /ʃan's/. Esse tipo de adaptação fonética é muito raro, segundo o autor.

No âmbito das **adaptações morfológicas**, Klajn (1972, p. 58) distingue a seguinte tipologia:

1) **funcional** – os substantivos geralmente permanecem com o mesmo gênero gramatical da língua de partida. As mudanças de categoria são raras, como no caso de *samba*, que na língua de partida é masculino e na de chegada, italiano, feminino;

2) **formal** – quando existe o acréscimo ou perda de morfemas autóctones, como no caso de *strangieri* (Sasseti, 1970, p. 302), que em italiano perde o –e inicial e recebe o acréscimo do –i do plural italiano. Esse tipo de adaptação morfológica quase sempre inclui também adaptação fonética e gráfica;

3) **formação derivacional e composta** – diferentemente do item anterior, que trata da substituição ou acréscimo de um morfema. Nessa adaptação acrescentam-se novos elementos que modificam o significado: *espagueteira*, ou a função lexical do vocábulo: espaguete ao pesto.

A **adaptação gráfica**, para Klajn (1972, p. 89), está exposta aos efeitos dos fatores socioculturais. Devido a isso ocorre em vocábulos – como, por exemplo, *missiglioni* (PIGAFETTA, 1994, p. 120) – e está intrinsecamente ligada à adaptação fonética. Consiste na troca dos morfemas estrangeiros por autóctones, identificados com base na pronúncia que adquirem em determinada posição. Assim, em italiano, a unidade lexical *jagra* é ouvida como /'ʒj.gra/ e, portanto, grafada *giagra* (FEDERICI, 1587, p. 26).

⁴⁶ Exemplificação verificada em: VIDEO SHOW. *Sobre as novelas*. São Paulo. Globo: 03. out . 2007. Programa de TV.

A **adaptação semântica** ocorre de maneira mais lenta, quando o empréstimo, que já se encontra bem integrado à língua, perde alguns traços semânticos da língua de partida, incorporando semas específicos que traduzem uma visão cultural própria (BACCIN, 2003, p. 122). Pode acontecer uma mudança somente em alguns semas, ou até mesmo uma mudança radical em relação ao termo original. O empréstimo lexical do português *banana* em italiano adquiriu outros significados semânticos, como:

- a) cacho de cabelo enrolado em forma de banana;
- b) em eletrotécnica, uma espécie de tomada unipolar para ligações provisórias;
- c) em esportes, embarcação puxada por uma lancha, utilizada para lazer.

No âmbito dos empréstimos lexicais, o decalque é uma presença constante, muitas vezes difícil de individuar, devido às semelhanças morfossintáticas, principalmente no caso da nossa pesquisa, que envolve o português e o italiano. Alves (2008, p. 2, grifos do autor), citando Haugen (1950)⁴⁷, afirma que existe uma gradação entre as palavras recebidas de outra língua, isto é, quando “a partir de um *modelo*, a palavra ou expressão da língua estrangeira, os falantes realizam uma *importação* ou uma *substituição* [...]” A substituição compreende os casos de decalque e de empréstimo semântico, mais precisamente, quando as palavras emprestadas são reproduzidas na própria língua calcadas, no modelo estrangeiro.

Baccin (2003, p. 99) considera que o decalque é uma espécie de tradução na qual a palavra estrangeira “recebe uma versão literal na língua receptora”. Essa tradução, segundo a autora, pode sofrer algumas modificações no plano gráfico/fonético (*stado* por estrado, FEDERICI, 1587, p. 36), morfológico (*casati* por casados, SASSETTI, 1970, p. 529) e semântico (*factoria* por feitoria, VARTHEMA, 1885, p. 238). Na nossa pesquisa, essa afirmação configura-se verdadeira: grande parte das ocorrências encontradas são decalques, pois os viajantes, quando ouviam os *Ecasuals* e *UFcasuals* procuravam traduzi-los literalmente do português para o italiano. A tradução ocorre também em expressões e provérbios e pode ser integral *mi fosse tagliata questa mano* (fosse-me cortada esta mão, DE CARLI, 1687, p. 89) ou parcial, intercalando palavras do italiano e do português *passaro das alas de veludo* (pássaro das asas de veludo, DE CARLI, 1687, p. 33). Para essas expressões, cujas diversas adaptações que ocorrem no seu interior são livres, utilizamos a terminologia ideada por Klajn de decalque livre.

Klajn (1972, p. 109-110), examinando as classificações feitas por Haugen, Sandfield e Weinrich, dispõe os empréstimos semânticos em três categorias, a saber:

⁴⁷ HAUGEN, E. **The analysis of linguistic borrowing**. Language, 26: 210-231, 1950. Obra não consultada.

1) **empréstimo semântico** – não cria neologismos, mas se limita a dar um novo significado a um vocábulo já existente. Por exemplo: *ciao*, que em italiano significa ‘oi’, ‘olá’ e ‘até logo’, e em português significa apenas ‘até logo’;

2) **decalque propriamente dito** compreende dois tipos:

a) **homonímico** – motivado na semelhança entre o significante e o significado, tendo como base a semelhança fonética, como no exemplo extraído de Da Empoli (1999, Lett/Emp2, p. 170), *mutazione*, que em português se realiza como mutação. O decalque homonímico é recorrente na língua dos viajantes, pois a tendência do falante é transformar automaticamente a palavra ouvida com algo parecido na sua língua. Na pesquisa, sobretudo nas terminações sufixais o decalque homonímico nos sufixos se realiza da seguinte forma:

- **agem** → **aggio** (sarafagem = sarafaggio);
- **ão, -ã, -ões -ãs** → **-on, -one, -an, -ani** (godão = godon etc.);
- **ção** → **zione** (revolução = rivoluzione);
- **im** → **-ino, ini, in** (larim = larino etc.);
- **ança** → **-anza** (tardança = tardanza).

b) **sinonímico** – com base na semelhança de significado, por exemplo, *underworld* = submundo. Nesta categoria incluem-se também os decalques aproximativos, dos quais é traduzida fielmente somente uma parte, enquanto a outra permanece como na língua de partida. Em *country music*, observamos a tradução somente de uma parte da unidade lexical composta, pois a outra permanece na forma original: *música country*. Considerando-se um decalque propriamente dito, ter-se-ia *música caipira* ou *música rural*;

3) **decalque livre** (*loan creations*) – é a escolha, dentro das possibilidades da língua, de uma unidade lexical para designar a noção estrangeira antes da chegada do objeto. Trata-se, segundo Klajn, de uma representação gerada não mediante um modelo semântico ou estrutural, porém através de um estímulo criativo na produção de um novo vocábulo. Inclui, como exemplo, que no italiano, a palavra *oleodotto*, foi cunhada muito antes da chegada do objeto, para substituir o anglicismo *pipeline*. No PB temos *trem-bala*, decalque do japonês *shinkansen* (literalmente *comboio-bala*),⁴⁸ para nomear trem de alta velocidade. A unidade lexical *trem-bala* está registrada no DH desde 1966, apesar disso, não temos ainda o objeto (não temos trens-bala no Brasil).

⁴⁸ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Shinkansen>>. Acesso em: 22 ago. 2007.

Discorrendo sobre a integração dos empréstimos, em uma releitura da teoria de Guilbert, Ieda Maria Alves (1984), propõe três critérios segundo os quais o empréstimo é considerado em fase de integração. Apesar de não tratarmos sobre a integração dos empréstimos, a teoria de Alves nos ajuda a compreender como os viajantes os processavam. A autora utiliza os seguintes critérios:

1 Morfossintático

1.1 Composição e derivação: quando o lexema estrangeiro se encontra na base de uma derivação ou composição, de acordo com a morfossintaxe de uma língua, denota que começa a fazer parte do léxico desse sistema. A autora identifica diversos exemplos:

- a) neologismos compostos de termos estrangeiros e prefixos vernáculos (*bipartisan* = bi-, sufixo italiano + *partisan*, francês)⁴⁹;
- b) neologismos tendo por base uma ou duas unidades lexicais vernáculas e uma estrangeira (*gonna longuette* = *gonna*, italiano + *longuette*, francês);
- c) neologismos criados por meio da derivação sufixal nominal, nos quais a base estrangeira constitui-se de um nome próprio (*berlusconete* = Berlusconi, italiano + -ete, sufixo do português, vindo do francês);
- d) quando a integração do empréstimo é muito significativa, pode gerar derivados de base vernácula, ocasionando um falso anglicismo, sobretudo com os sufixos -ing (*footing*, em italiano com significado de caminhada, mas que em inglês se diz *jogging*).

1.2 Classe gramatical

Geralmente os empréstimos pertencem à classe dos substantivos, muito raramente de adjetivos e verbos, e permanecem nessa mesma classe, não mudando. Ex.: “A pizza é o prato da cozinha napolitana mais difundido no mundo” (*pizza*, em italiano e português, substantivo feminino). Em alguns casos pode mudar de classe, mas isso ocorre raramente, quando na língua de partida é substantivo e na língua de chegada é empregado como adjetivo. A autora dá o seguinte exemplo: “Com a criação da Portobrás, os portos terão uma empresa *holding*” (*holding*, substantivo em inglês, mas no português está com função de adjetivo – empresa *holding*).

1.3 Gênero e número

O empréstimo segue, quase sempre, a flexão de gênero da língua original, como, por exemplo, havaianas: “Quest’estate *le* infradito *Havaianas* arricchiranno il vostro look” (Este verão as sandálias Havaianas enriquecerão o seu look, *le* artigo feminino plural do italiano). O

⁴⁹ Todos os exemplos foram extraídos de páginas do Google.

exemplo dado se aplica também à questão de número, que, segundo a autora, geralmente permanece no original: *havaianas*, com *-s*, quando em italiano deveria ser *-e*, *havaiane*. A flexão de número permanece por tempo limitado no original, pois a tendência é que, à medida que vai se integrando, se adapte ao sistema da língua receptora: brócolis ganhou a flexão do plural português. Outros exemplos: *favelas*, *telenovelas*, *meninos de rua* etc.

1.4 Decalque

O decalque muitas vezes induz a enganos: seria de fato um empréstimo? O falante não se apercebe que se trata de um empréstimo. O decalque é a reprodução de uma estrutura linguística estrangeira traduzida com elementos da língua receptora: fora da lei é decalque do inglês *outlaw*.

2 Critério semântico

Pelo critério semântico, a palavra estrangeira, ao ser integrada à língua, torna-se polissêmica. Polenta é um bom exemplo: a princípio com significado de alimento preparado com farinha de milho, hoje na gíria significa pessoa lerda: “Geralmente o homem polenta é também um homem chicletes... qual é a mulher que os suporta?”⁵⁰.

3 Critério fonológico

Por esse critério entende-se que o empréstimo começa a se integrar à língua receptora à medida que se integra fonologicamente. No Brasil há muitos casos, sobretudo com os sobrenomes italianos: Palocci, pronunciado como em italiano /pa.lo.ʃi/, mas geralmente adaptado à fonética portuguesa /pa.lo.si/, mesmo que a grafia não se altere e permaneça o dígrafo italiano *-c*. Marchetti, pronunciado como em italiano /mar.ʔe.ti/, mas geralmente adaptado à grafia portuguesa Marqueti/Marquetti; ou como no empréstimo ainda em fase de adaptação *conchiglione*, que às vezes é pronunciado /con.ʃi.ʎo.ne/ e outras /con.ki.ʎo.ne/. O critério fonológico pode revelar-se, sobretudo, por uma adaptação ortográfica, como é o caso de espaguete, no italiano *spaghetti*.

Alves acrescenta um quarto critério, o **critério de frequência**:

Em muitos casos, a palavra importada permanece na forma original. Ainda segundo Alves, isso acontece pela frequência com que é utilizada. Um exemplo foi a grande difusão das máquinas de fazer café que preparam o café à italiana, distribuídas em quase todos os cafés e bares brasileiros, onde é servido o *cappuccino*: eis um empréstimo que permanece na forma original, mas está perfeitamente integrado à fala dos brasileiros. Na literatura dos

⁵⁰ Disponível em:

<[http://www.orkut.com/Main#Main\\$CommMsgs?tid=14491297&cmm=2820737&hl=pt-BR](http://www.orkut.com/Main#Main$CommMsgs?tid=14491297&cmm=2820737&hl=pt-BR)>.

Acesso em: 10 out. 2011.

viajantes, uma palavra que se sobressai é *artiglieria*, pelo grande uso e difusão do artefato nos navios e nas fortalezas ultramarinas portuguesas.

Esses temas e os processos de adaptação dos *ECasuals*, *UFcasuals* e *Proto/nomcasuals* registrados na literatura dos viajantes foram os principais objetos de nosso estudo teórico, assim como reflexões sociolinguísticas, pois, se a língua faz parte de uma cultura, quando incorporamos determinada cultura, determinados costumes, estamos também incorporando a língua dessa cultura e vice-versa.

Na transcrição dos *Ecasuals* que foram emprestados ao português, as mudanças gráficas e fonéticas são muito acentuadas, sendo impossível saber realmente como eram pronunciados e escritos, como por exemplo *bretangil*, presente em Sasseti (*S/Note*, 1991, p. 919), que no seu texto vem grafado como *bertangi*, mas no português possui variações tais como *bretangil*, *bertangil* e *bertangi* (Dalgado). Nesses casos nos omitiremos de analisá-los.

3.4.2 Os neologismos formais: para uma sistematização e compreensão dos empréstimos *casuals*, das unidades fraseológicas *casuals* e protonomeações *casuals*

Entre os vários linguistas italianos que se dedicaram especialmente ao estudo do léxico português na literatura dos viajantes italianos, devemos destacar Cardona (1973, p. 165-169), que defende o fato de a língua portuguesa não ter sido levada muito em consideração no âmbito da história do italiano. Para o autor, ao espanhol foi dada atenção especial, enquanto que a nossa língua foi relegada praticamente ao esquecimento. O espanhol influenciou na língua italiana principalmente pelos acontecimentos históricos que ligaram as duas nações ao longo do tempo, incluindo a presença espanhola na Itália, em épocas diferentes e em regiões diversas do país. Essa influência se deu por via marítima, mas sobretudo continental, enquanto que a penetração do português, segundo o linguista, foi somente por via marítima, através dos viajantes, marinheiros e mercantes italianos que, ao longo do período das grandes descobertas, estiveram em contato com Portugal e com os portugueses. Para o autor, o elemento português é situado, normalmente, junto do espanhol e, comumente, etiquetado como *iberismo*⁵¹. O autor sublinha que, de 1470 até 1578, a difusão do português como língua de comunicação acentuou-se devido às conquistas portuguesas e ao

⁵¹ Podemos incluir na etiqueta *iberismo* também o catalão e o galego.

estabelecimento de colônias e fortes ao longo de toda a costa africana, do Oceano Índico, chegando a sua abrangência até a Indonésia e Japão.

Cardona considera um pouco simplista essa qualificação e observa que deve ser redimensionada, pois é difícil fixar com precisão quando um termo é do português ou do espanhol, já que nesse período havia similaridade entre muitos termos dessas línguas. Para o autor, haveria necessidade de um profundo estudo filológico para se saber exatamente a origem da palavra. O que o linguista italiano assevera é que termos usados contemporaneamente nas duas línguas, são geralmente etiquetado por iberismo, isto è, usado pelas línguas da península ibérica. Outra predisposição para aumentar a ambiguidade entre as duas línguas ibéricas é a afinidade existente entre elas, que Cardona, citando Hart (1955), menciona: o português e o castelhano eram duas variantes da mesma língua, ainda que existissem entre elas algumas diferenças determinantes.

Apesar do acentuado parentesco entre as duas línguas, mesmo porque ambas pertencem à mesma raiz latina, convém notar que a semelhança de caráter sócio-histórico faz com que o português não seja avaliado corretamente dentro da sua dimensão linguística de língua comutadora de empréstimos. Discutindo esse problema, Cardona assinala que, embora parecidas, são duas línguas diferentes:

[...] porque, no período que nos interessa, uma quantidade de palavras estava em uso de forma idêntica nas duas línguas, quer se tratasse de portuguesismos no espanhol ou de hispanismos no português e, portanto, para poder atribuí-los a uma língua ou a outra, seria preciso remontar à sua origem, examinar a sua presença no catalão etc. Mas também é verdade que é simplista contentar-se com a etiqueta iberismo somente por falta de outros dados ou, mais simplesmente, por falta de curiosidade a respeito⁵² (CARDONA, 1973, p. 168, grifo nosso).

Para o linguista italiano, a ambiguidade existente entre o espanhol e o português é puramente teórica, pois, se um viajante esteve em contato com portugueses, é muito provável que as palavras que inclui no seu texto sejam também dessa língua. O étimo pode até ser do espanhol, mas, se o contexto de uso é português⁵³, nesse caso podemos considerar como uma autêntica palavra portuguesa. Giovanni Da Empoli, por exemplo, conviveu por quase 13 anos

⁵² [...] perché nel periodo che ci interessa una quantità di termini era in uso in forma identica nelle due lingue, che si trattasse di lusismi in spagnolo o di spagnolismi in portoghese, ed quindi per poter attribuirli ad una lingua o all'altra bisognerebbe risalire all'origine remota, esaminarle la presenza nel catalano, ecc.

Ma è anche vero che è semplicistico accontentarsi dell'etichetta di iberismo solo per mancanza di altri dati o, più semplicemente, di curiosità in proposito".

⁵³ O grifo nosso destaca um dos critérios que usamos para ressaltar conceitos e palavras que consideramos relevantes à pesquisa.

com portugueses e intercala, nas cartas que escreveu, palavras que possuem essa ambiguidade: *chorrente* pode ser tanto do espanhol *corriente* quanto do português *corrente*, mas é somente neste que possui o significado de grilhão, como podemos comprovar na citação: “Coloquei todos aqueles giavaneses em uma corrente grande, mesmo que fina, porque não tinha outra”.⁵⁴ (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 196).

Ainda, segundo Cardona (1973, p. 169), a indecisão na classificação dos portuguesismos na literatura dos viajantes não é fortuita, mas advém do hábito de se considerar o português em uma situação de subordinação linguística em relação ao espanhol, devido ao enfraquecimento de Portugal como nação e à subsequente sujeição ao reino de Espanha. Exemplifica, citando Martinengo⁵⁵, que o italiano Paggi permaneceu em Portugal de 1656 a 1666 e que este, ao apresentar a sua tradução italiana do poema de Camões, classifica a língua portuguesa como uma língua bárbara no sentido mais estrito da palavra.

Para Trovato (1994, p. 64), na literatura dos viajantes se encontram muitos vocábulos, expressões ou locuções calcados no português e no espanhol, ou em ambas as línguas, e muitas dessas palavras são *iberizantes*, isto é, existiam anteriormente em italiano, muito antes das descobertas, mas, pela frequência de uso, possuem a característica específica de citação. Exemplifica com a palavra *levare*, que no contexto das descobertas adquire o sentido de “levar, ter, receber”, quando em italiano tem o significado de levantar algo (p. ex., levantar as mãos: *levare le mani al cielo*) ou tirar, remover (p. ex., tirar um dente: *levare un dente*). Outra característica é o uso dos denominais formados com o prefixo **dis-**, muito frequente entre os viajantes em substituição ao italiano **-s**: *discoperto* por *scoperto*, *dismontare* por *smontare*, *discalso* por *scalzo* etc.⁵⁶ Portanto, consideraremos nessa pesquisa como iberismo, palavras que possuam essa permeabilidade, que possam ser do espanhol, do catalão, mas sempre usadas em contexto de interferência de língua portuguesa.

Nessa situação de paridade de léxico recolhemos, nesta pesquisa, uma infinidade de neologismos classificados por Carvalho (1984) e Maria Tereza Biderman (2001) como neologismos formais. Segundo as autoras, o neologismo pode ser subdividido em duas categorias: por formação vernácula e por empréstimo. Encontramos em Biderman a seguinte definição para neologismo formal:

⁵⁴ “Avevo messi tutti quelli giavi in una chatena grande <chorrente>, benché fosse sottile, perché non avevo altro”.

⁵⁵ MARTINENGO, A. *Il genovese Carlo Antonio Paggi e la “Lusiada Italiana”*, AION-R, 1961, p. 83. Obra não consultada

⁵⁶ Sobre o uso do prefixo **dis-**, ver a análise em *dischoprire*, nos *Ecasuals* de Da Empoli (cf. 5.2.2.1).

Constitui uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro, tanto de lexia simples, tais como celular, internet, site, homepage etc., quanto de lexia complexa, como, por exemplo, endereço eletrônico, lavagem de dinheiro etc.; ou expressão idiomática, como acabar em pizza, viajar na maionese etc. (BIDERMAN, 2001, p. 203, grifos nossos).

Interessa-nos aqui, a tipologia de neologismos citada por Biderman: aqueles utilizados pelos viajantes para apresentar coisas que viam ou palavras que ouviam, mas que tiveram a sua vida truncada e esquecida em um velho jornal acadêmico, em uma citação de uma revista científica ou em um livro de viagens, como muitos dos que encontramos no *corpus* desta pesquisa: *indio*, *missiglioni*, *busi*, *troccoadas* etc. A essas palavras se dá, geralmente, um nome que vem do grego, hápax, cuja definição no dicionário Aulete é: “Palavra ou expressão que ocorre apenas uma vez em uma língua (em documento, obra literária etc.) e da qual, portanto, só existe uma única abonação”.

Alguns desses empréstimos presentes no *corpus* que pesquisamos não podem ser considerados hápax, pois ocorrem mais de uma vez e alguns em outros viajantes, de modo que não podemos denominá-los desse modo. Para essas ocorrências, Ivan Klajn encontrou uma definição que pensamos se adapte melhor ao que propomos no nosso trabalho: empréstimos *casuals*. O linguista sustenta que esses empréstimos não são menos importantes, apesar da sua natureza, já que a sua existência está firmada em documentos: “(...) está no fato de reconhecer a existência dos *casuals*, isto é, das palavras estrangeiras usadas ocasionalmente, na literatura de viagem, nas correspondências do exterior e similares”⁵⁷ (KLAJN, 1972, p. 22, grifo do autor).

Marco Mancini (1994, p. 828) retoma a nomenclatura de Klajn e afirma que os *casuals* geralmente trazem o estigma de empréstimo indireto de línguas consideradas exóticas. Afirma que muito raramente esses empréstimos se realizam em indivíduos bilíngues, exceção feita aos autores de literatura de viagem. Chama essa apropriação de “bilinguismo técnico”, um bilinguismo imperfeito, expressão extraída de Benedek Elemér Vidos. O fato de não terem sido registrados nos dicionários não significa que sejam irrelevantes; essa particularidade não diminui a sua importância, pois sabemos que em algum momento esse empréstimo teve uma vida, mesmo que breve. Dessa maneira, cabe ao viajante o papel de nomeador e de legitimador de um léxico que pode ser circunstancial, mas que é representativo da língua naquele momento específico. Como afirma Nunes,

⁵⁷ “[...] sta nel fatto di riconoscere l’esistenza dei *casuals*, cioè delle parole straniere usate solo occasionalmente, nei racconti di viaggio, nelle corrispondenze dall’estero e simili”.

O léxico não é falado pela exegese, pela interpretação de textos, pela filosofia antiga. Ele é dito pela voz de um narrador, um comentarista das coisas, um nomeador e legitimador que se multiplica em diversas vozes: a do testemunhador pessoal, a do narrador histórico, a do colono proprietário, a do naturalista. Essas vozes avaliam, comprovam, refutam, estabelecem domínios de legitimidade (NUNES, 2006, p. 83).

Desse modo, “[...] os fatos lexicais se legitimam pelo peso do depoimento do narrador, antes do que por injunções institucionais ou critérios científicos” (NUNES, 1996, p. 49). A nomeação e a legitimação deste léxico está presente em todos os viajantes e vai além, pois ao nomear, ao mesmo tempo também define o objeto, definição esta, que se não está dentro dos parâmetros lexicográficos atuais, é muito parecida com as definições dos primeiros dicionários históricos (Crusca, Bluteau, Morais e Silva etc.), especificando detalhes da morfologia do objeto nomeado: “O rei leva um <Sombreiro> à maneira de um estandarte, feito à maneira de um barco, e é feito de folhas de árvore, e posto acima de um bambu, de modo a proteger o Rei do sol”⁵⁸ (VARTHEMA, 1885, p. 141).

A importância dessas nomeações e definições explicitadas pelos viajantes é confirmada também por Gonçalves & Murakawa, que afirmam:

A mesma terminologia adotada por Klajn e Mancini (ambos utilizam o termo inglês *casuals* ao se referirem aos empréstimos ocasionais) é utilizada por Gusmani. De acordo com esse autor, os empréstimos *casuals* são

[...] citações ocasionais de palavras estrangeiras, frequentemente ditadas por motivos contingentes como aquele de dar um pouco de «cor» local e não raramente introduzidas por significativas circunlocuções do tipo «como dizem aqueles do lugar...» ou similares. Estes «casuals» podem sem dúvida transformar-se, com o passar do tempo, em empréstimos autênticos, mas enquanto permanecerem no estado de simples citações, não pressupõem interferência entre duas línguas⁵⁹ (GUSMANI, 1983, p. 18, aspas francesas do autor).

Gusmani considera que os empréstimos *casuals* não decorrem de interferência entre duas línguas e que são registrados por desejo do viajante, com o intuito de dar um colorido ao texto. Os *casuals* que especifica são, geralmente, aqueles que aparecem quando o viajante

⁵⁸ “Et el re porta un <Sombler> in scambio de un stendardo, facto a modo de uno fondo de botte, et é facto de foglie d’arboro, et é posto in cima de una canna e facto per riparare el sole al Re”.

⁵⁹ “[...] citazioni occasionali di parole straniere, spesso dettate da motivi contingenti come quelli di creare un po’ di «colore» locale e non di rado introdotte da significative circunlocuzioni del tipo di «come dicono quelli del posto...» o simili. Questi «casuals» possono indubbiamente trasformarsi, con l’andar del tempo in autentici prestiti, ma finché rimangono allo stadio di semplice citazioni, non presuppongono alcuna reale interferenza tra le due lingue”.

descreve a realidade extralinguística através de uma metalinguagem, acompanhada da explicação “como dizem os portugueses” ou “como dizem os habitantes do lugar”. O registro resulta do fato de ser exótico, como exótica é a ‘coisa’ que está relatando, caracterizando um empréstimo consciente. Afirmo Gusmani que os *casuals* podem, com o decorrer do tempo, transformar-se em empréstimos autênticos, como é o caso dos empréstimos do português no italiano, *almadia*, *alastrim* etc. analisadas na nossa pesquisa de mestrado (SCHULTZ, 2007, p. 107)⁶⁰. Apesar de terem pouca circulação entre os falantes brasileiros, essas unidades estão dicionarizadas (Houaiss). Compartilhamos da afirmação de Gusmani, contudo verificamos que a interferência linguística existe também em nível individual quando o viajante transcreve, sem se dar conta, palavras do português ou de línguas autóctones.

Em Cardona (1973, p. 172) encontramos outro dado importante no estudo dos empréstimos *casuals*. Para o autor as palavras das línguas autóctones citadas pelos viajantes, exceto algum emprego ocasional, quase sempre são transcritas na forma aportuguesada, geralmente decalques. Para uma definição de decalque linguístico nos reportamos a Deroy (1956, p. 216), que afirma ser a criação de “um equivalente estrangeiro sobre a base de uma correspondência lexical anterior”⁶¹. Ou seja, a criação de uma unidade lexical equivalente, imitando o modelo morfossintático estrangeiro, porém baseado na correspondência existente na própria língua. É também definido por muitos pesquisadores como empréstimo por tradução. Observamos que a maioria dos decalques obedecem exatamente a essas especificações. Exemplificando: em Federici (1587, p. 17) encontramos *larino*, *larini*, em português *larim*, que obedece à formação de número singular e plural italianos, respectivamente. Outros decalques ocorrem com a formação prefixal, sendo a transferência de forma e significado praticamente iguais, como por exemplo em De Carli (1687, p. 61), que utiliza *accostumato*, escrevendo as consoantes geminadas, tão comuns no italiano e o sufixo formador de adjetivos e participios do português –**ado**, traduzidos para o italiano –**ato**.

Todos os empréstimos que encontramos na literatura dos viajantes – seja os empréstimos neológicos formais ou as lexias simples de Biderman, seja os empréstimos *casuals* de Klajn, ou os peregrinismos de Deroy (1956, p. 224) – denominamos, neste trabalho, de **Empréstimo Casual** (doravante de *Ecasual*). A descrição completa encontra-se na análise dos dados (cf. capítulo 5)

⁶⁰ Na pesquisa de Mestrado coletamos os EL do português registrados em três dicionários italianos da atualidade. Encontra-se disponível na página da USP: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-12032008-151038/en.php>.

⁶¹ “un équivalente indigène sur la base d’une correspondance lexicale antérieure”.

Os *Ecasuals* são, portanto, empréstimos de palavras provindas do português ou de palavras de línguas autóctones, que foram inseridas nos relatos dos viajantes italianos que fazem parte do *corpora* desta tese. O registro do *Ecasual* pode ser motivado pelo ensejo de dar um colorido ao texto, portanto registrado conscientemente, ou pela interferência linguística do português na língua do viajante, configurando nesse caso, uma aquisição inconsciente. Todos os *Ecasuals* se encontram registrados em dicionários portugueses, históricos ou atuais, que compõem o *corpus* de verificação.

Como encontramos muita variação no registro destes empréstimos ocasionais, damos, a seguir, alguns exemplos para caracterizar como se manifestam no interior dos relatos:

a) unidades lexicais da língua portuguesa:

ex.: **terreno**

Atestação: “[...] convengono i principali del regno con infinità di popolo nella città metropoli detta San Salvatore su la piazza ch’essi chiamano il <terreno>, affine di pubblicare solennemente quale sia l’eletto” (CAVAZZI, 1687, p. 252).

Explicação: Em Cavazzi existe outra conotação semântica, a de terreiro, como o lugar ou a praça onde o povo se reúne para tomar ou ouvir decisões. A palavra origina-se do latim, língua formadora do português, portanto neste caso podemos considerar como uma palavra portuguesa.

b) unidades lexicais da língua portuguesa, que estão presentes também nas línguas da península Ibérica (espanhol, catalão, galego) que denominamos de iberismo (cf. Cardona, 1973; Trovato, 1994):

ex.: **contadore**

Atestação: “[...] e questi erano el veadore de l’armata, che si chiamava Ioan de Cartagena, el tesorero Alovise de Mendosa, el <contadore> Antonio Coca e Gaspar de Casada” (PIGAFETTA, 1994, p. 119).

Explicação: a palavra é originária do latim, e existe no português e no espanhol, sendo, portanto, um iberismo. No espanhol, possui o significado de pessoa nomeada por um juiz para liquidar uma conta; no português, pessoa que faz a contabilidade de uma firma ou negócio. No contexto, o contador faz a contabilidade do navio, especialmente na compra e venda das mercadorias; apesar de ser um iberismo, o contexto deixa claro que se trata de um portuguesismo.

c) unidades lexicais ou decalques provenientes de línguas outras, exóticas ou europeias, que foram intermediadas pelo português. Nesses casos, a grafia se parece com a unidade lexical dicionarizada na língua portuguesa:

ex.: **colae**

Atestação: “[...] con berette lunghe in testa, da essi chiamate <Colae>, di veluto, di raso, di scarlatto, o di damasco” (FEDERICI, 1587, p. 46).

Explicação: palavra de origem persa, que entrou para a língua portuguesa como *culai*, através do contado dos árabes que conviviam e negociavam com os portugueses no período das grandes navegações. Dalgado (1919, p. 330) registra a entrada *culai*, do persa *kidāk* significando *carapuça* e afirma que é uma palavra em desuso.

Portanto, os *Ecasuals* podem ser:

- a) de origem portuguesa (provenientes ou não do latim);
- b) de origem espanhola e portuguesa (iberismos);
- c) de origem de outras línguas, exóticas ou não (persa, francês, inglês, malaiala, japonês, quimbundo etc.), intermediadas pelo português.

Não somente as lexias simples contribuem para enriquecer e dar colorido aos textos dos viajantes, mas também uma série de sequências de unidades e ou lexias complexas. Nos viajantes ocorre uma série de composições, constituídas de várias unidades lexicais, tais como palavras-compostas, locuções de natureza gramatical, provérbios frases idiomáticas e até mesmo simples frases, resultantes de um ato linguístico espontâneo ou voluntário do autor. Essas combinatórias lexicais sucedem-se de diversas maneiras e são usadas convencionalmente, em determinadas situações, mas colocadas sempre em uma sequência sintática dotada de significação. Vejamos um exemplo de frase que, se invertida a sequência, tem o seu significado comprometido. Dizemos: “saltaram os portugueses debaixo da coberta”⁶² (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 191) e não “saltaram os portugueses da debaixo coberta”. Essas combinatórias possuem também certa autonomia lexical: podemos muitas vezes intercambiar o léxico, produzindo o mesmo sentido: “Saltaram os portugueses para dentro da coberta”. Temos na locução “debaixo de”, uma série de “formas sem verbo”, segundo Biderman.

Encontramos, também, nos relatos dos viajantes, formas constituídas de frases ou sequências cristalizadas, tais como os provérbios e as expressões idiomáticas, que Biderman, citando Ornella Corazzari (1992), denomina de unidades fraseológicas (UF). A autora propõe

⁶² “Saltarono e portoghesi <di basso di> coverta”.

a seguinte definição para estas formações: “*unidades fraseológicas* são sequências de palavras que têm uma coesão interna do ponto de vista semântico e que possuem propriedades morfossintáticas específicas” (BIDERMAN, 2005, p. 750, grifo da autora). Expandindo a definição, podemos acrescentar que a unidade fraseológica seria, portanto, um conjunto de duas ou mais palavras que, reunidas, expressam um sentido único, independentemente do significado originário de cada elemento. Pode-se ramificar em uma variedade quase infinita de combinações, separadas por um espaço em branco, hifens ou apóstrofes: *barra de ouro/prata/ferro, erva-doce/cidreira/benta, figos d’india/baforeiro*.

Aprofundando-se no estudo, a autora acrescenta que a classificação das UFs é um problema complexo, exigindo conhecimentos específicos, pois que, a linha de separação entre classes diferentes é tênue e difícil de ser percebida, não podendo ser claramente determinada. Não nos cabe aqui um estudo detalhado sobre as UF, portanto expomos somente alguns exemplos que encontramos, com o intuito de evidenciar como ocorrem. Pelo fato de manifestarem-se, poucas vezes, nos textos dos viajantes, as denominamos de **Unidade Fraseológica Casual, doravante UFcasual**. Consideramos como *UFcasuals* as unidades lexicais compostas, as locuções, as expressões idiomáticas, provérbios e outras sequências de unidades lexicais dotadas de sentido, que provavelmente circulavam no período, ou faziam parte da fala do próprio viajante. Geralmente as locuções são derivantes da interferência linguística, enquanto que as expressões idiomáticas e provérbios são registrados conscientemente e se configuram como uma citação dentro do próprio texto. Apenas para complementar, as *UFcasuals* extraídas dos relatos foram tipificadas da seguinte maneira:

a) decalque de unidades lexicais compostas portuguesas:

ex.: **erva-doce**

Atestação: “Chiamassemo a questo stretto el stretto patagonico, in lo qual se trova, ogni mezza lega, securissimi porti, acque eccellentissime, legna se non di cedro, pesce, sardine, missiglioni e appio, <erba dolce>, ma ce n’è anche di amare; nasce attorno le fontane” (PIGAFETTA, 1994, p. 122);

b) decalques de locuções portuguesas:

ex.: **di basso di**

Atestação: “Saltorono e portoghesi <di basso di> coverta e rimediorono, e ordinorono che nessuno ghuzzaratto potessi più andare sotto choverta” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 191).

c) unidades fraseológicas que possuam uma construção nitidamente portuguesa, tais como sintagmas verbais ou que sejam traduções ou decalques de locuções ou expressões portuguesas, provérbios, e construções fraseológicas livres:

ex.: **não fala a verdade**

Atestação: “[...] perché in nave l’osservazione delle stelle, o del cielo, come diceva il maestro della nostra nave <*nao falla verdade*>, per lo continuo bilancio della nave” (SASSETTI, 1970, p. 477, grifo do autor).

3.4.3 Especificidades dos empréstimos *casuals*: protonomeações, as ‘coisas’ sem referentes linguísticos

Ao narrar a realidade que se apresenta, o viajante se apropria de itens lexicais que não pertencem à sua língua, transcrevendo-os do modo como os ouviu. Quando não consegue assimilar uma palavra, utiliza-se de descrições metalinguísticas, de comentários lexicais ou de uma palavra da sua língua, utilizada para substituir a palavra autóctone. Nesses casos, nota-se que a carga cultural da ‘coisa’ assume um aspecto significativo específico, pois é organizada e interpretada sob a ótica do narrador. Essa tipologia de lacuna referencial é recorrente nos viajantes, sobretudo nas primeiras viagens realizadas ao Brasil e às ilhas da Indonésia, quando a realidade se apresentava desconhecida. O viajante é, assim, um mediador no processo construtivo de itens lexicais desconhecidos, dinamizando a nomeação por meio da descrição, que inclui várias sequências discursivas.

Encontramos tipos de empréstimos linguísticos difíceis de classificar, pois são palavras sem nomeação, contendo apenas uma perífrase descritiva ou uma comparação com algo do mundo do viajante. Recorremos a Carvalho, que em um estudo comparativo denomina as palavras sem um correspondente lexical em determinada língua de “lacuna referencial ou referente sem correspondente em uma das variedades” (CARVALHO, 2005, p. 98). Para os casos em que existam uma única forma e um único referente, Carvalho, na releitura que faz da proposta de Algeo⁶³, trabalha com a comparação de palavras do português de Portugal e do Brasil, denominando de “Lacuna Lexical/Referencial” a inexistência de determinada palavra em uma das línguas: “São assim consideradas ou porque não existe

⁶³ ALGEO, John. British/American lexical differences. In: **English across cultures/Culture across English**. New York: Edited by Ofelia Garcia and Richard Othenguy, 1989.

naquela vertente da cultura o referente, ou porque não tem correspondente na nomeação [...]” (CARVALHO, 2005, p. 99). No caso dos viajantes, é nula a comparação entre a sua e a língua autóctone; ele vê o objeto, mas não possui o nome, o que nos leva ao dilema: como classificar essa tipologia de ocorrência? Inicialmente pensamos em dar a mesma nomenclatura utilizada por Carvalho, mas a situação era apenas aparentemente semelhante, como vemos em dois exemplos extraídos de Pigafetta:

a) na descrição de abelhas meliponídeas: “abelhas muito pequenas, como formigas” (PIGAFETTA, 1994, p. 175) está presente a descrição por comparação, mas não a nomeação da ‘coisa’. Essas abelhas são desconhecidas no momento da descrição, todavia o viajante as viu, identificou-as como abelhas, mas não assimilou, não compreendeu ou não teve acesso ao nome autóctone, então se serviu de uma metáfora referencial para que o leitor pudesse visualizá-las. A ‘coisa’, contudo, permaneceu sem nomeação.

b) outras vezes, na nomeação da ‘coisa’ é utilizado um referente linguístico cujo valor simbólico é aproximativo e vem sempre acompanhado de referentes extralinguísticos. Os viajantes designam ‘coisas’ que são nomeadas com referentes que remetem à semelhança existente entre a ‘coisa’ vista e o seu mundo referencial, por não saber exatamente como denominá-las.

Pigafetta, por exemplo, comenta sobre os pinguins da Patagônia: “Estes patos são negros e têm as penas de um mesmo modo” (PIGAFETTA, 1994, p. 116, grifo nosso). Enquanto as abelhas meliponídeas eram abelhas, os pinguins não são patos. A semelhança do pato com o pinguim é aproximativa: ambas são aves aquáticas, possuem a mesma característica no andar, o bico se assemelha parcialmente, possuem a cor preta e branca das penas etc. No mundo referencial de Pigafetta, o pinguim não existe, no entanto o autor tem que criar uma representação imagética do animal através de uma relação de analogia, no exemplo, com o pato. A ‘coisa’ foi denominada por um referente linguístico que se parece, pelo seu biótipo ou pelas características fisiológicas, com algo conhecido, esboçando um verdadeiro retrato escrito e projetando nele uma forma física ou estrutural compreensível. Os referentes existem, são nomeados na língua autóctone, existem também as formas enunciativas da definição, um modo de dizer das ‘coisas’, que, no entanto não é explicitado pelo nome correto. A transferência de significação é completa, organizada em um discurso compreensível para que o leitor entenda o que o autor está tentando dizer. Permanece, contudo, o vazio denominativo. Normalmente, nessas nomeações no interior das narrativas, existe uma estreita ligação entre o nomear e o narrar: ao mesmo tempo em que nomeia, o viajante qualifica a coisa, dando sentido a ela. Como bem confirma José Horta Nunes (2006,

p. 65), há predomínio dos atos descritivos e narrativos, em forma de testemunho pessoal: “Descrição e testemunho, desse modo, alternam-se de modo a garantir a evidência do sentido e do sujeito”. No caso do pinguim e das abelhas meliponídeas, apresentados acima, descrição e testemunhos estão presentes, mas não a nomeação, ficando uma espécie de vazio, uma *desnomeação* de algo já nomeado anteriormente pelos habitantes.

Uma outra ocorrência distinta observamos, sobretudo nos escritos do período inicial de contato com povos de línguas autóctones, uma caracterização distinta de nomeação: coisas ainda desconhecidas são registradas pelo viajante como foram ouvidas por ele na língua do autóctone. Isso se explica por ainda não existir na língua desse viajante uma palavra para esse referente. Um exemplo típico que encontramos em Varthema (1885) é *malapolanda*, um nome pertencente ao malaiala que designava, naquela língua, a banana. A palavra banana foi introduzida no português somente a partir do século XVIII (JOHNSTON, 1986, p. 84), sendo conhecida anteriormente também pelos nomes dados pelos portugueses e espanhóis, como *figos* e *plátanos* (DALGADO, 1919, p. 89-91). Encontra-se também registrada em Pigafetta como *fichi*, mas Ardizi e Federici a transcrevem como *muse*: trata-se de um ou mais nomes para uma mesma coisa, comprovando as etapas neológicas percorridas pela palavra até a sua adaptação e integração ao vocabulário da língua. Quando aparecerem ocorrências de empréstimos das línguas autóctones, se a palavra mais tarde for anexada à língua portuguesa, como exemplificado acima com a palavra banana, consideraremos como um *Ecasual*, pois no relato do viajante existe ainda discrepância entre a coisa e a sua nomeação, pelo fato de o processo de neologização ainda não estar completado (cf. Barbosa, 1981).

Pensamos em chamar essas ocorrências (a e b e o terceiro caso) de **protonomeações**, isto é, ocorrências que antecedem aos nomes dados mais tarde, mas que no momento ainda se encontram em um processo gradativo de mudança de nomeação. Para efeitos de análise dos dados, designaremos esses três diferentes estágios de **protonomeação casual** (doravante *Proto/nomcasual*).

A toponomástica lusitana está presente em todas as obras dos viajantes e é muito rica e interessante, pois, à medida que iam descobrindo terras, lugares, rios e montanhas, os portugueses os nomeavam: com o nome do santo do dia (Porto de São Juliano, porque descoberto no dia desse santo); com algo relacionado ao lugar (como por exemplo a Ilha dos Ladrões, porque, na cultura dos indígenas, o que era de um era de todos e se apossavam de qualquer objeto que encontravam); ou ainda com a semelhança geográfica relacionada com o mundo do viajante (como o morro denominado Pico, pois possuía o cume agudo e assim por diante). Não trabalharemos com a toponímia neste trabalho, apenas com o percurso neológico

do nome Brasil e do Cruzeiro do Sul, a título de exemplificação (cf. análise de dados, no capítulo 5).

Consideramos, portanto, três diferentes tipologias de empréstimos neológicos: 1) os **Ecasuals**, que compreendem os empréstimos de lexias simples. Alguns deles podem ser empréstimos do português já dicionarizados, mas que na pesquisa ainda se encontram nos primeiros estágios de neologização, permanecendo com o nome autóctone ou um nome dado por portugueses, porém registrado na língua italiana de modo diferente; 2) as **UFcasuals**, que englobam as lexias complexas, entendidas como palavras compostas, locuções, provérbios, expressões idiomáticas e frases livres; 3) os **Proto/nomcasuals**, que somam descrições de ‘coisas’ ainda não nomeadas ou nomeadas com um nome do mundo referencial do viajante.

4 QUESTÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ma quel che mi soddisfaceva di più in questo metodo era o fatto che, grazie ad esso, ero certo di usare sempre la mia ragione, se non perfettamente, almeno nel miglior modo possibile per me⁶⁴ (Cartesio Discorso sul metodo).

4.1 Justificativa

Esta tese é uma expansão e aprofundamento de nossa pesquisa de mestrado, que verificou as unidades lexicais da língua portuguesa incorporadas em três dicionários da língua italiana. Analisamos os empréstimos à luz das teorias de Louis Guilbert (1975), Ivan Klajn (1972), Leonard Bloomfield (1996) e Ieda Maria Alves (1990), verificando as principais adaptações ocorridas. Ao procurar as atestações para esses empréstimos, vimos que eram extraídos dos relatórios feitos por viajantes italianos. Observamos, também, que não somente palavras dicionarizadas constavam nesses relatos, mas muitas outras, não dicionarizadas, apareciam como hápax. Esse fato nos incentivou a pesquisar em outros autores e deu-nos o *input* para esta pesquisa.

Para a compreensão dos mecanismos de formação de empréstimos *casuals* do português nos escritos dos viajantes italianos, baseamo-nos em linguistas italianos (Zaccaria, 1905, 1927; Trovato, 1994; Cardona, 1973, 1985; Zolli, 1995; D’Agostino, 1994; Spallanzani, 1997; Romanini, 2007; Caraci e Pozzi, 1991, entre outros), segundo os quais, um exame mais atento dos relatórios de viagem forneceria uma considerável quantidade de palavras portuguesas que não entraram para a língua comum. Cardona (1985) lembra que a observação do mundo extraeuropeu segue em duas direções. A primeira é a naturalística, que tem como realidade a coleta, a classificação e a catalogação de espécimes da fauna e flora a partir de bases científicas. Como produto concreto desse trabalho surgem as coleções, os museus e as monografias etnográficas destinadas à esfera biológica. A segunda, de matriz filosófica, é o exame da “diversidade”, vista muitas vezes sob uma ótica preconceituosa, mas como

⁶⁴ “Mas o que mais me satisfazia neste método era o fato que, graças a ele, estava certo de usar sempre a minha inteligência, se não perfeitamente, ao menos no melhor modo possível”. CARTESIO, R. Discorso sul metodo. A cura di Italo Cubeddu. Pordenone: Edizione Studio Tesi, 1991, p. 22.

alotropias da condição humana. Poderíamos acrescentar às observações de Cardona a utilização dos empréstimos linguísticos de curta duração, para dar conta de uma realidade inexistente na Itália. A propósito, Maurizio Dardano (1993, p. 294) afirma que “criar uma palavra é o meio mais simples e econômico para identificar os objetos do mundo físico e os conteúdos mentais”⁶⁵.

O emprego de um *Ecasual* não diminui a sua importância como unidade lexical capaz de transmitir uma significação em contexto de uso. Para Marcello Aprile (2005), apesar de serem empréstimos casuais e possuírem vida efêmera, essas unidades têm um significado cultural muito forte, porque de alguma maneira, em dado momento, existiu um contato e uma permuta intensa entre duas línguas (portanto entre duas civilizações). Se olharmos do ponto de vista linguístico e sincrônico, esse léxico teve a sua importância, pois circulou, mesmo que por um breve espaço de tempo, entre dois povos ou mais, já que a maioria dos empréstimos feitos pela língua italiana vindos das línguas consideradas exóticas (línguas orientais e indígenas) é intermediada pelo espanhol e pelo português. Se olharmos sob a ótica diacrônica, veremos que os *Ecasuals* representam um pouco da história dos povos visitados, dos quais os viajantes assimilaram atitudes culturais.

O estudo das obras dos viajantes tem-se desenvolvido muito nos últimos anos, em vários setores da área humanística. Apenas para citar alguns, na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, foram defendidos os seguintes trabalhos de pesquisa: “O diário de Langsdorff: o éthos do cientista-viajante”, dissertação de Rodrigo Luvizotto; “Cronistas de viagem e viajantes cronistas: o pêndulo da representação no Brasil colonial”, tese de Lucinéia Rinaldi. Ainda na USP, na Faculdade de História, a Profa. Dra. Karen Lisboa publicou o livro “A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)”, além de artigos referentes a outros viajantes e aos diversos olhares sobre o Brasil. Sempre na USP, no curso de pós-graduação do Departamento de História, várias disciplinas têm o foco na literatura dos viajantes. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhos relativos aos viajantes europeus (italianos, alemães e franceses) estão sob a direção do Prof. Dr. Luís Barros Montes, responsável pelo projeto “Construções discursivas do Rio de Janeiro em relatos de viajantes europeus e imigrantes entre os séculos XVIII e XIX”. Na Universidade Federal do Paraná, a professora Ana Luísa Fayet, da área de História, desenvolve o projeto “Imagens etnográficas de viajantes alemães do século XIX”.

⁶⁵ “Creare una parola significa il mezzo più semplice ed economico per identificare gli oggetti del mondo fisico e contenuti mentali.”

Outra contribuição da tese aqui submetida seria o desenvolvimento de projetos de pesquisa que poderiam derivar da bibliografia que utilizamos, ainda pouco conhecida e estudada no Brasil. Espera-se que os resultados da pesquisa de doutorado possam contribuir para ampliar esse espaço, já que a literatura de viagem permite trabalhos em várias direções: análise do discurso, análise textual, historiografia, geografia, tradução etc.

4.2 Objetivos

Recolher, registrar e classificar, por meio das teorias estudadas, os empréstimos lexicais, os empréstimos *casuals*, as unidades fraseológicas *casuals* e as lacunas referenciais presentes na literatura de viagem de italianos que acompanharam os portugueses na época dos descobrimentos e expansão portuguesa dos séculos XVI e XVII para a verificação da existências de um *pidgin* de base portuguesa.

Como objetivos específicos, propõe-se a:

- a) Coletar e classificar em fichas lexicológicas os empréstimos lexicais, os empréstimos *casuals*, as unidades fraseológicas *casuals* e as lacunas referenciais do português na língua italiana;
- b) analisar as transformações diacrônicas pelas quais passaram os empréstimos neológicos;
- c) fazer um estudo dos empréstimos neológicos do português (*Ecasual*, *UFcasual* e *Proto/nomcasual*) nos escritos dos viajantes, observando os processos de referenciação no caso das palavras que ainda não foram denominadas;
- d) contribuir para o estudo da lexicografia histórica portuguesa e italiana, em especial recuperar os empréstimos lexicais portugueses utilizados pelos viajantes italianos;
- e) examinar a denotação dada às coisas/seres/objetos citados pelos viajantes nos relatórios e mostrar como, ao tentar descrevê-los ao seu leitor, valiam-se de uma extensa rede de referenciais conotativos.

4.3 Procedimentos de pesquisa e estabelecimento dos *corpora* e do *corpus* de pesquisa

4.3.1 Metodologia de investigação

Inicialmente selecionamos para leitura uma bibliografia que discute as teorias sobre empréstimos, neologismos, lexicologia, lexicologia histórica, interferência linguística e línguas em contato. Estas leituras nos forneceram subsídios teóricos para compreender conceitos e aplicabilidades científicas da lexicologia e dos fenômenos do contato linguístico, para desenvolver uma metodologia de trabalho que pudesse oferecer elementos substanciais que nos ajudassem a compreender os processos de interferência linguística que se apresentassem durante a elaboração da pesquisa (cf. capítulo 3).

Uma vez completadas essas leituras, selecionamos entre os viajantes italianos dos séculos XVI e XVII, aqueles que julgamos mais representativos, estabelecendo desse modo os *corpora* da pesquisa. Utilizamos como critério de seleção em primeiro lugar, a difusão dos escritos e, em segundo lugar, o contato com portugueses, nas cidades e fortalezas de Portugal espalhadas ao redor do mundo de então: no Brasil, em Madeira e Açores, em Angola e Congo, na Índia, em Málaca, Macau e Indochina.

A seguir elaboramos um *corpus* de ocorrências no qual se verificaram as atestações dos empréstimos neológicos que serviram de base para a análise. Damos a essas ocorrências um tratamento lexicológico, organizando-as em fichas (cf. capítulo 4.3.5), nas quais inserimos alguns dados: a citação da ocorrência no contexto em que foi empregada (a citação extraída diretamente da obra, incluindo autor, ano da publicação e página) e outras informações que consideramos relevantes. As fichas nos ajudaram a estabelecer as diversas características de cada ocorrência, facilitando a análise. Em um segundo momento, procedemos à análise, obedecendo ao esquema elaborado por Alves (2001) onde os *Ecasual*, *UFcasual* e *Proto/nomcasual* receberam um tratamento lexicológico, filológico ou linguístico (cf. capítulo 5).

4.3.2 As obras dos viajantes: estabelecimento dos *corpora*

Relacionamos abaixo os *corpora* das obras dos viajantes, das quais extraímos os empréstimos *casuals* e suas atestações que formaram o *corpus* de ocorrências para a análise.

Viajantes dos séculos XVI e XVII, incluídos a obra e o período da sua viagem:

1. Ludovico de Varthema, *Itinerario de Lodovico Varthema Bolognese nello Egypto, nella Suria [...]*, (1503-1507);
2. Giovanni da Empoli, *Relazione del primo viaggio* (1503-1504), *Relazione del secondo viaggio* (1510-1514) e outras cartas diversas, incluindo o testamento (1515-1517);
3. Andrea Corsali, *Lettera di Andrea Corsali allo illustrissimo Principe Duca Giuliano de Medici, venuta dell'India del mese di Ottobre nel XDXVI* (1516); *Lettera di Andrea Corsali allo Illustrissimo Principe e Signore Laurenzio de' Medici Duca d'Urbino* (1517);
4. Antonio Pigafetta, *Il primo viaggio intorno al mondo con il trattato della sfera*, (1519-1522);
5. Pompeo Ardizi, *Viaggio a Madera e alle Azzore* (1567);
6. Cesare Federici, *Viaggio di Cesare Federici nell'India Orientale et Oltra l'India* (1563-1581);
7. Gasparo Balbi, *Viaggio Alle Indie Orientali* (1576-1588);
8. Filippo Sassetti, *Lettere edite e inedite di Filippo Sassetti* (1578-1588);
9. Francesco Carletti, *Ragionamenti del mio viaggio al mondo* (1594- 1602);
10. Cristoforo Borri, *Relatione della nuova missione delli Padri della Compagnia di Giesù al Regno della Cocincina* (1515- 1626);
11. Giovanni Antonio Cavazzi, *Istorica descrizione de' tre regni di Congo, Matamba ed Angola situati nell'Etiopia Inferiore Occidentale [...]* (1654- 1668);
12. Dionigi de Carli, *Il moro trasportato nell'inclita città di Venetia. Overo curioso racconto de costumi, riti, e religione de popoli dell'Africa, America, Asia & Europa* (1668-1970);
13. Michel Angelo Guattini, *Viaggio nel Regno del Congo* (1667-1668).

Além dos viajantes, existem também historiógrafos e filólogos que serviram de suporte para esta pesquisa. Destacamos: Giovan Battista Ramusio (*Delle navigazioni et viaggi*, de 1550), João de Barros (Decada terceira da Ásia, 1628), Christoforo Acosta (*Della*

historia, natura et virtu delle droghe medicinali, 1585) e Mons. Sebastião Rodolfo Dalgado (Glossário luso-asiático, 1919/1921)

Esta pesquisa abrange uma tipologia específica de literatura: os relatórios, cartas, livros e outros escritos dos autores/viajantes italianos, que compreende o período das grandes navegações do século XVI e XVII. Portanto, nesta tese apresentamos como os empréstimos eram citados nos relatos dos viajantes que fazem parte do *corpora* acima citado.

Para a constituição do *corpus* tivemos um pouco de dificuldade, pois muitas palavras são transcritas em uma mistura de italiano, de língua autóctone e português. Para identificá-las recorremos a uma extensa bibliografia italiana e portuguesa, sobretudo aos dicionários portugueses e à descrição e comprovação feitas pelo viajante no interior do seu próprio texto. Em primeiro lugar, líamos e assinalávamos na obra do viajante as palavras que achávamos ser do português, sobretudo pela significação adquirida no contexto. Em seguida procedíamos à procura do candidato a *Ecasual* nos dicionários portugueses. Essa etapa demonstrou ser a mais difícil, pois muitas palavras são transcritas segundo a ótica e compreensão do autor, levando-nos a projetar hipóteses das possíveis ‘traduções’ para o português. Quando a tarefa se demonstrava quase impossível, colocávamos no motor de busca Google uma definição metalinguística ou o nome científico, quando se tratava das plantas e dos animais, obtendo geralmente êxito. Para a confirmação de palavras muito nos ajudaram os dicionários do Bluteau, do Moraes Silva e Dalgado, sobretudo este último que transcreve no interior dos verbetes as atestações de diversos viajantes, sendo possível observar as variações gráficas dos candidatos a portuguesismos. Em outros casos, a verificação foi mais fácil, pois encontrávamos atestações nos linguistas italianos que estudaram sobre esse assunto.

A análise teve por base o contexto no qual foram registradas as atestações, para que pudéssemos saber quais as condições e os setores em que eram utilizadas e verificar o emprego que os viajantes efetivamente faziam da língua portuguesa na sua atividade linguística. Como *corpus* de verificação⁶⁶, usamos os dicionários históricos que compreendem as cinco edições do dicionário Crusca (1612, 1623, 1691, 1729-1738, 1863-1929); o dicionário Alberti (1797-1835); o dicionário Zingarelli (2005); o dicionário Treccani digital (dicionário e enciclopédia); o dicionário etimológico de Pianigiani (1991) e o Grande dizionario della lingua italiana (1961-2002), + suplemento, de Salvatore Battaglia. Como *corpus* de inclusão das ocorrências nos valem os dicionários históricos Bluteau (1712),

⁶⁶ Nesta pesquisa entendemos como *corpus* de verificação não presença dos *Ecasuals* nos dicionários italianos. Contudo, a existência de uma palavra portuguesa registrada não invalida o empréstimo, pois, geralmente, se encontrava no viajante em contexto de interferência do português.

Moraes Silva (1813), Dalgado (1919-1921), Houaiss Online, Houaiss (2009), Aulete Digital e Aurélio (2009). Para a verificação das palavras de origem tupi consultamos os dicionários de Antônio Gonçalves Dias (1858) e de Ernesto Ferreira França (1859). Para as palavras do quimbundo utilizamos o dicionário de A. de Assis Junior ([19--]). Os demais dicionários utilizados constam na bibliografia.

Observamos, no decorrer da pesquisa, que grandes estudiosos italianos desse tema recorreram ao dicionário de Sebastião Rodolfo Dalgado (1919-1921) para a confirmação das ocorrências do português estudadas por eles nas obras dos viajantes. Isso significa que esse dicionário serviu como *corpus* de inclusão dos empréstimos neológicos presentes na literatura dos viajantes. Portanto, mesmo que alguns empréstimos neológicos não se encontrem registrados nos dicionários de uso, mas estejam presentes em Dalgado, serão considerados como *Ecasuals*.

Quanto aos empréstimos lexicais já dicionarizados na língua italiana, os ELs, cabe precisar que registramos aqueles que não foram contemplados na nossa dissertação de Mestrado (cf. SCHULTZ, 2007) e aqueles registrados nos textos dos viajantes com palavras de línguas autóctones. Neste último caso, apesar de dicionarizados, configuram-se como *Ecasuals*, pois foram utilizados em situação de interferência da língua portuguesa muito antes de sua integração nos dicionários italianos. Esses *Ecasuals* apresentam certa dificuldade para serem identificados por falantes do português e do italiano, como, por exemplo, as palavras *amba*, *figos*, *ciaccara*. Ao encontrar a *Ecasual amba*, dificilmente pode-se supor que Varthema estivesse se referindo à fruta da mangueira, registrada nos dicionários italianos como *mango*, palavra que entrou para a língua italiana por meio do português. O mesmo acontece com *figos* e *ciaccara*, as frutas banana e jaca, que originaram no italiano *banana* e *jack*.

Os empréstimos, recolhidos em um *corpus* de ocorrências descritas e analisadas no capítulo 5, estão classificados, conforme fundamentação teórica apresentada nos subcapítulos 3.4.1 e 3.4.2, em:

a) empréstimos lexicais portugueses dicionarizados na língua italiana, mas presente nos escritos dos viajantes anteriormente ao seu registro nos dicionários italianos, que consideramos como empréstimos casuais, os *Ecasuals*. Compreendem os iberismos, os portuguesismos e palavras de línguas exóticas;

b) unidades fraseológicas que denominamos *UFcasual* (cf. Biderman, 2005, p. 747-757) e compreendem locuções, provérbios e combinações de unidades lexicais que em um enunciado adquirem sentido.

d) protonomeações reelaboradas a partir da teoria das lacunas referenciais, que denominamos de protonomeações *casual*, as *Proto/nomcasual* (cf. CARVALHO, 2005, p. 98).

Os *Ecasuals*, *UFCasuals* e *Proto/nomcasuals* foram coletados nas obras dos autores citados em 4.3.2. As atestações contendo as ocorrências foram copiadas e transcritas exatamente como se apresentam no texto (em caractere normal ou itálico, entre aspas ou caixa alta— assinaladas como grifo do autor, quando este ocorria). Para facilitar a identificação do empréstimo, isolamos a unidade entre os sinais < >. Para cada autor, registramos as ocorrências das palavras portuguesas e, em seguida, verificamos a sua inserção nos dicionários portugueses. Contemporaneamente buscamos verificar se o empréstimo da língua portuguesa foi feito voluntariamente ou se foi um fenômeno de interferência lexical do contato entre línguas. Desse modo, o trabalho comporta estudos de lexicologia, línguas em contato, sociolinguística e empréstimos neológicos.

4.3.3 Organização da ficha lexicológica

As atestações coletadas nos escritos dos viajantes compõem o *corpus* desta pesquisa e são a comprovação de que as ocorrências registradas foram efetivamente utilizadas em contexto de uso. A composição de fichas lexicológicas tem como principal mérito o armazenamento, a classificação, a catalogação e o registro das atestações citadas por autores diversos, com grafias diversas e coletadas durante a pesquisa. Possibilita a análise do grau de utilização de uma mesma unidade lexical à medida que remete às fontes da qual foi extraída e facilita o exame das adaptações morfossintáticas e morfológicas.

A seguir apresentamos o modelo de ficha lexicológica que comporta os *ECasuals*, *UFCasuals* e *Proto/nomcasuals* (cf. 4.3.4 para a ficha vazia e 4.3.5 para a ficha preenchida). A ficha contém os seguintes campos:

- 1. unidade lexical em português:** a entrada em português como se encontra nos dicionários portugueses do *corpus*;
- 2. área semântica:** colocar os empréstimos do português em subdomínios revelou-se uma tarefa quase impossível, devido à variedade do léxico utilizado pelos viajantes. Optamos, portanto, em classificá-los em áreas semânticas, agrupando-os nas seguintes esferas: 1. Área militar (nome de armas, termos e verbos relacionados a essa área); 2. Marítimo-geográfico (acidentes geográficos, astronomia, meteorologia, topônimos, termos e verbos relacionados a

essa área); 3. Exploratório-científico (nomes de plantas, frutas, aves, animais, peixes, répteis, bebidas e produtos extraídos de plantas e animais); 4. Matérias-primas transformadas (produtos de origem animal e vegetal extraídos naturalmente e transformados através de técnicas artesanais) 5. Dignidades (títulos nobiliárquicos, títulos comuns, profissões, administração e encargos); 6. Comércio (termos relacionados ao comércio, moedas, pesos, medidas, mercadorias, mineralogia, geologia, minerais transformados através de procedimentos químicos); 7. objetos de uso (vestuário, enfeites, nomes de instrumentos musicais, utensílios de uso comum); 8. Usos e costumes (antropologia, história, religião, termos da medicina, gentílicos, castas, construções, habitações, materiais naturais manufaturados); 09. Indústria têxtil (tecidos, cordas). Quando a unidade não pode ser classificada conforme essa lista semântica, será aplicada a denominação ‘outros’ (verbos, adjetivos, locuções, provérbios e empréstimos que não entram nas classificações anteriores);

3. categoria morfossintática: gênero e número (s. m.; s. f.; s. m. pl.; s. f. pl.) ou categoria morfossintática (adj., adv., verbo, loc. etc.);

4. definição: a definição em português constante no Houaiss, Aulete, Aurélio ou, quando não presente nesses, no Bluteau, Morais Silva e Dalgado;

5. unidade lexical em italiano: a unidade lexical como se encontra nos dicionários italianos Treccani Digital (doravante Treccani), *Lo Zingarelli. Vocabolario della lingua italiana* (doravante Zing). **Observação:** No caso de a palavra não ser lexicalizada em italiano, os campos 5, 6, 7 e 8 permanecerão em branco;

6. área semântica: área semântica ao qual pertence: 1. Área militar (nome de armas, termos e verbos relacionados a essa área); 2. Marítimo-geográfico (acidentes geográficos, astronomia, meteorologia, topônimos, termos e verbos relacionados a essa área); 3. Exploratório-científico (nomes de plantas, frutas, aves, animais, peixes, répteis, bebidas e produtos extraídos de plantas e animais); 4. Matérias-primas transformadas (produtos de origem animal e vegetal extraídos naturalmente e transformados através de técnicas artesanais) 5. Dignidades (títulos nobiliárquicos, títulos comuns, profissões, administração e encargos); 6. Comércio (termos relacionados ao comércio, moedas, pesos, medidas, mercadorias, mineralogia, geologia, minerais transformados através de procedimentos químicos); 7. objetos de uso (vestuário, enfeites, nomes de instrumentos musicais, utensílios de uso comum); 8. Usos e costumes (antropologia, história, religião, termos da medicina, gentílicos, castas, construções, habitações, materiais naturais manufaturados); 09. Indústria têxtil (tecidos, cordas). Quando a unidade não pode ser classificada conforme essa lista semântica, será aplicada a denominação

‘outros’ (verbos, adjetivos, locuções, provérbios e empréstimos que não entram nas classificações anteriores);

7. categoria morfossintática: gênero e número (s. m. sing.; s. f. sing.; s. m. pl.; s. f. pl.) ou categoria morfossintática (adj., adv., verbo etc.). Aachamos importante a inserção da categoria morfossintática, pois, em alguns casos, o *ECasual* pertence a um gênero em italiano e a outro em português;

8. definição: a definição em italiano. Utilizamos para a definição os dicionários italianos citados no *corpus* 5. Incluímos a sigla do dicionário do qual foi extraída a definição, quando necessário;

9. ocorrência: como os *ECasuals*, as *UFcasuals* e as *Proto/nomcasuals* diferem entre si na grafia, esse campo ajuda a visualizar como o autor os grafou;

10. contexto: neste campo inserimos os *Ecasuals*, as *UFcasuals* e as *Proto/nomcasuals* contextualizados, como se encontram no texto de um ou mais viajantes (nos casos em que existam atestações de outros autores);

11. fonte: o autor ou autores quando houver mais de uma atestação; a obra e a data são transcritas abreviadas, obedecendo à tabela de abreviaturas;

12. comprovação em dicionários históricos ou etimológicos italianos e portugueses: neste campo verificamos se a unidade lexical foi citada por lexicógrafos do período ou o período aproximado da primeira atestação. Este campo nos ajudou também na análise dos dados, para compreender o processo pelo qual passou a palavra;

13. tipologia de neologismo: registro da categoria na qual se insere o neologismo - como *Ecasual*, *UFcasual* ou *Proto/nomcasual*;

14. comprovação em dicionários históricos e etimológicos italianos ou portugueses: definição de um ou mais dicionários históricos, no caso de haver dúvidas quanto à grafia, definição ou para palavras que foram dicionarizadas e hoje não constam mais dos dicionários italianos ou portugueses;

15. dicionário: do qual foi extraída a definição constante no campo 14;

16. autor: do dicionário do campo 15;

17. observações: neste campo foram anotadas observações que contribuíram para a análise.

4.3.4 Modelo de ficha lexicológica vazia

Empréstimos neológicos <i>casuals</i> nos escritos dos viajantes italianos		
¹ Unidade lexical em português		
² área semântica		
³ Categoria morfossintática		
⁴ Definição		
⁵ Unidade lexical em italiano		
⁶ área semântica		
⁷ Categoria morfossintática		
⁸ Definição		
⁹ Ocorrências		
Ocorrência 1		
Ocorrência 2		
Ocorrência 3		
¹⁰ Contexto 1		¹¹ Fonte
Contexto 2		Fonte
Contexto 3		Fonte
¹² Dicionarizada		
¹³ Tipologia de neologismo		
¹⁴ Comprovação em dicionários históricos e etimológicos italianos ou portugueses		¹⁵ Dicionário
		¹⁶ Autor
¹⁷ Observações		

4.3.5 Modelo de ficha lexicológica preenchida

Empréstimos neológicos <i>casuals</i> nos escritos dos viajantes italianos		
¹ Unidade lexical em port.	Banana	
² área semântica	<i>exploratório-científico</i>	
³ Categoria morfossintática	s. f. sing.	
⁴ Definição	fruto da bananeira, ger. oblongo e de polpa carnosa; pacoba, pacova, pacová (Houaiss, 2009)	
⁵ Termo em italiano	Banana	
⁶ área semântica	<i>exploratório-científico</i>	
⁷ Categoria morfossintática	s. f. sing.	
⁸ Definição	banana <i>s. f.</i> [dal port. <i>Banana</i> , che risale a una voce della Guinea]. – 1. Frutto mangereccio del banano: è una bacca oblunga, falcata, gialla [...]. (Treccani digital)	
⁹ Ocorrência		
Ocorrência 1	Plátanos/figos	
Ocorrência 2	Bananas	
Ocorrência 3	Malapolanda	
¹⁰ Contexto 1	¹¹ Fonte	
Contexto 1 “[...] così come fanno li Castigliani nell’Indie Occidentali, che la chiamano <platanos> e li Portoghesi nell’India Orientale <figos>, dove ve ne sono d’infinite sorte e di quelli così piccoli che si mangiano in un boccone”.		CARLETTI/Ragionamenti , 1606, p. 70
Contexto 2		Fonte
“fa una sorte di frutte lunghe lunghe un palmo e altre meno, che chiamano <bananas>, grosse come un citriolo e da la buccia liscia”.		CARLETTI/Ragionamenti , 1606, p. 70
Contexto 3		Fonte
“Nasce in questo paese anchora un altro fructo molto singulare, el qual fructo se chiama <Malapolanda>”.		VARTHEMA/Itinerario , 1885, p. 152
¹² Dicionarizada	Sim (X)	Não . ()
¹³ Tipologia de neologismo	<i>Ecasual</i>	
¹⁴ Comprovação em dicionários históricos e etimológicos italianos ou portugueses	¹⁵ Dicionário	
1576 “[...] não so por estas Indias, mas também pela nossa, por todo o Guiné e Brazil, por onde ha, como nós vimos mais castas e melhores que essas e a que chamam <plátanos> e na nossa India <figos>”.		Glossário luso-asiático (1919/1921)
		¹⁶ Autor
		Mons. Sebastião R. Dalgado
¹⁷ Observação	1. Dalgado explica as diversas formas como é conhecida essa unidade lexical: plátanos/figos/banana. Carletti a nomeia como <figos> e também como <bananas>. 2. Varthema utiliza o termo do malaiala <malapolanda> para nomear banana (cf. Mario Pozzi, 1991). 3. O EL banana está dicionarizado em italiano através do português. Carletti ilustra bem as variações neológicas dos empréstimos.	

A análise e a organização dos dados (cf. cap.5) foram feitas, individualmente, para cada um dos treze viajantes, da seguinte maneira:

- 1) relato da biografia do viajante;
- 2) relação de dados sobre a sua obra (diário, relato, viagem, testamento etc.), descrição e comentários sobre assuntos de interesse para a pesquisa;
- 3) análise da ocorrência, de acordo com a seguinte organização:

OCORRÊNCIA: transcrita como se apresenta no interior da atestação, em maiúsculas e negrito; categoria gramatical (as construções fraseológicas tais como: provérbios, expressões idiomáticas, frases livres etc. usaremos a denominação “sintagma livre”, doravante s. livre.); área semântica a qual pertence o empréstimo.

Atestação: a atestação da ocorrência, indicada entre < >, seguida da referência bibliográfica.

Italiano: tradução da ocorrência, em italiano atual.

Português: tradução da ocorrência não lematizada, como se apresenta no texto – p. ex., se está no plural, a tradução será no plural, se o verbo estiver flexionado, o traduzimos flexionado.

Citações na obra: registro das ocorrências na obra, com as suas variações gráficas e páginas onde ocorrem; se não houver mais de uma ocorrência, esse item não constará.

Citações em outros autores: nome dos autores do *corpus* que registram as mesmas ocorrências, as variações gráficas e as páginas onde se encontram assinaladas. Esse registro é importante porque permitirá a comprovação da nossa tese – de que existia um léxico do português comum que circulava entre os viajantes. A citação dos outros autores consta apenas quando a ocorrência for analisada pela primeira vez.

Análise do dado:

A análise do dado foi feita tendo como base Alves (2001, p. 10-17):

- a) a ocorrência transcrita em letra maiúscula, lematizada (substantivos e adjetivos no masculino/feminino singular e verbos no infinitivo), com a sua definição extraída de um dicionário histórico ou atual (Houaiss, Aulete, Aurélio, Dalgado, Bluteau, Moraes Silva);
- b) possíveis observações que julgamos interessantes a respeito da ocorrência;
- c) atestações em bibliografia italiana sobre o léxico português nos viajantes italianos;
- d) observações sobre atestações em linguistas, dicionários históricos italianos e portugueses, dicionários de tupi e de línguas orientais e outros que se fizeram necessários;
- e) adaptação no italiano das ocorrências feitas pelo viajante.

f) quando o empréstimo se apresenta, nos relatos, em mais de um viajante, empregamos uma remissiva para o empréstimo que foi analisado primeiro. Não o analisamos novamente, apenas registramos a atestação, a tradução e algum comentário, quando necessário.

A análise dos *Ecasuals* *UFcasuals* e *Proto/nomcasual* pode não comportar todos os itens descritos acima (sobretudo os itens b, c, e), pois em alguns deles encontramos poucos subsídios, ou são palavras comuns do português, que comportam observações de cunho antropológico, sociológico e histórico, mas que tornaria esta pesquisa por demais extensa.

4.4 Metodologia de análise amostral

Para melhor compreensão do levantamento das ocorrências e para a conferência da nossa hipótese do uso de um *pidgin* português no período das grandes navegações, montamos uma pequena análise estatística para a verificação dos dados coletados. Iniciamos com o registro de todos os *Ecasuals* (tabela geral 4) e *UFcasuals* (tabela geral 5) e a sua porcentagem de presença na literatura dos viajantes. As ocorrências estão dispostas em ordem alfabética, em duas tabelas tubulares, que se encontram no anexo.

Após o levantamento das ocorrências nas tabelas 4 e 5, compomos outra tabela simples (tabela 1, conforme modelo abaixo). Nesta tabela 1 inserimos, na coluna vertical, as ocorrências de *Ecasuals* e *UFcasuals* extraídas das tabelas 4 e 5, com uso entre os viajantes, superior a 23%. Para obtermos a equiparação das ocorrências comuns a todos os autores, inserimos na coluna horizontal, os autores estudados. Estendemos mais a tabela, com uma coluna à direita, a qual indica a divisão entre a soma de citações dos autores pelo número total dos mesmos (13), obtivemos uma porcentagem da incidência dos empréstimos, que serviu para podermos abstrair a análise.

<i>E/UFcasual</i>	Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardiz	Federici	Balbi	Sasseti	Carletti	Boni	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant	Soma	%
1 artilharia	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	13	13	100%
2 amainar as velas	1	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1	13	11	85%
3 gentio	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	13	11	85%
4 fortuna	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0	13	10	77%
5 governador	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	13	10	77%
6 principal	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	0	13	10	77%
7 armada	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	13	9	69%
8 capitão	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	13	9	69%
9 fusta	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	0	0	13	9	69%
10 légua	0	0	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	13	9	69%

Após a montagem das tabelas, para melhor visualização das incidências dos empréstimos, criamos um gráfico das 50 ocorrências mais utilizadas, que serviu para uma posterior análise estatística (gráfico 1, no corpo do texto).

Para o estudo das prevalências semânticas compomos outra tabela (tabela 2) e um gráfico (gráfico 2), no corpo do texto, nos quais verificamos em quais campos ocorreram os empréstimos.

Como as ocorrências de Proto/nom*casuals* são específicas e únicas em cada viajante, montamos uma tabela à parte. Esta tabela não concorrerá para compilar as porcentagens de uso, uma vez que são subjetivas e individuais (tabela 3), no corpo do texto.

Com os dados colhidos nas tabelas e gráficos pudemos reunir mais subsídios e adicionar dados matemáticos à verificação de nossa hipótese.

5 OS VIAJANTES: ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS

Neste capítulo, apresentamos os viajantes estudados. Primeiramente as suas biografias e dados sobre as obras das quais extraímos o *corpus* das ocorrências, em seguida apresentamos o levantamento das ocorrências, acompanhado das atestações. Contemporaneamente, analisamos as unidades constantes que consideramos pertinentes a esta pesquisa.

5.1 LUDOVICO DE VARTHEMA

Para a coleta de ocorrências, utilizamos o *Itinerario di Lodovico Varthema Bolognese nello Egyto, nella Suria, nella Arabia deserta e Felice, nella Persia & nella Ethiopia. La fede, el vivere & costumi de tutte le prefate Provincie* (doravante *Itinerario*), como ele próprio intitula o livro na edição organizada por Alberto Bacchi della Lega, de 1885, publicada por Gaetano Romagnoli, com somente 202 exemplares numerados. Para esta pesquisa utilizamos o exemplar número 135. A única versão do manuscrito doado por Varthema a Vittoria Colonna de Ávolos, filha de Agnesina di Colonna, a quem o viajante bolonhês dedica a obra, encontra-se na Biblioteca Nazionale di Firenze, acompanhado de uma carta escrita de próprio punho. O livro também foi publicado por Ramusio (1550, p. 158 V-188 V), na primeira edição de *Navigazione et viaggi*, sob o título *Itinerario di Ludovico di Barthema*. Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1885, sem modificações, apenas transcrevendo o caractere tipográfico ‘u’ (que nas palavras possui o valor da letra v) e o substituímos pelo ‘v’.

5.1.1 O Marco Polo da Idade Moderna

No nosso velho continente um rumor surgiu:
existem novos continentes. E desde que os
nossos navios ali aportaram, os continentes
rindo dizem: o grande, o temido mar é

apenas uma poça de água. E os homens têm um grande desejo de investigar as causas primeiras de todas as coisas: porque uma pedra cai quando é largada, e sobe quando atirada ao ar. Cada dia se encontra algo de novo [...]. Muito tem-se descoberto, mas muito mais pode ser encontrado no futuro⁶⁷ (B. Brecht).

Ludovico de Varthema⁶⁸, Lodovico Varthema, ou de Barthema, ou até mesmo Vartema, nasceu, segundo alguns, em Bologna; segundo outros, em Roma. Na realidade não se sabe em qual lugar, nem a data exata do seu nascimento. Para Della Lega ele é “bolonhês, até que outra coisa não se descubra”⁶⁹ (VARTHEMA, 1885, p. I), conforme o título do seu relato de viagem: *Itinerario di Lodovico Varthema, bolognese* [...] (grifo nosso). A sua vida antes e depois da viagem também é uma incógnita, não sendo possível reconstruir a sua biografia, a não ser pelas poucas informações que ele próprio nos dá, no interior da obra: a partida de Damasco, acompanhando a caravana (18 de abril de 1503), e o início do retorno da Índia (6 de dezembro de 1507). Foi um explorador do Egito, Arábia, Síria, Pérsia, Etiópia, da Índia, Sumatra, Java, Bornéu e tantos outros lugares aos quais chegou muito antes de qualquer outro europeu.

O relato da sua viagem, que dura sete anos, é publicado em 1510, a pedido do papa Júlio II, com o nome *Itinerario de Lodovico Varthema Bolognese nello Egypto, nella Suria, nella Arabia deserta e felice, nella Persia & nella Ethiopia. La fede, el vivere & costumi de tutte le prefate Provincie*⁷⁰, conhecido simplesmente como *Itinerario*.

Em 1503, parte de Veneza e se dirige a Alexandria e Cairo, indo em seguida para Trípoli, Babilônia, Antioquia, Damasco e Aman. Sobre Damasco, o autor narra que é uma cidade muito desenvolvida, abundante de águas, frutas, carnes e cereais, e mesquitas – uma delas é do tamanho da Basílica de São Pedro, em Roma, e, segundo ele, abriga o corpo do profeta Zacarias. Descreve um castelo igual aos castelos da Itália, casas que diz serem feias

⁶⁷ “On our old continent a rumor has arisen: there are new continents. And since our ships have sailed to them, the saying circulates on the laughing continents: the great, much-dreaded ocean is just a puddle. An men have come to take great pleasure in searching out the causes of all things: why the stone falls when it is dropped, and how it rises when it is thrown into the air. Every day something is found [...]. Much has been found already, but more can be found in the future” (BRECHT, Bertold. **Galileo**. New York: Grove Press, 1966, p. 32).

⁶⁸ Neste trabalho, utilizamos o nome pelo qual o viajante é mais conhecido, e como se encontra no frontispício da edição de 1535, isto é, Ludovico de Varthema.

⁶⁹ “Bolognese finché altro non se ne scopre”.

⁷⁰ Itinerário de Ludovico de Varthema, bolonhês, no Egito, na Síria, na Arábia Deserta e Feliz, na Pérsia e na Etiópia. A fé, o viver e costumes de todas as ditas Províncias.

por fora, “mas dentro são belíssimas, com muitos trabalhos em mármore e pórfiro”⁷¹ (VARTHEMA, 1885, p. 14). Em Damasco permanece por algum tempo para aprender a língua dos mouros, que lhe será muito útil em todo o restante do percurso. Ainda nessa cidade faz amizade com o capitão de uma caravana, um mameluco (termo usado para designar os cristãos convertidos ao islamismo). Decide partir em uma peregrinação para Meca e Medina, e finge ser um renegado cristão para poder ter acesso à cidade, já que não é permitido o ingresso a quem não pertença ao islamismo. Em 3 de abril de 1503, para poder entrar na cidade de Meca, se infiltra em uma caravana composta de 45.000 mil homens e 25.000 camelos que para lá se dirige. Torna-se, assim, o primeiro ocidental e infiel a introduzir-se na cidade santa dos muçulmanos, mesmo que através de uma mentira. A mentira e o engano são suas companheiras durante toda a viagem, pois se vale dela sem escrúpulos para conseguir os seus objetivos. Mente com tanta veracidade, que os seus interlocutores acreditam que realmente está falando a verdade. Às vezes usa a mentira para escapar de situações adversas e admite, sem nenhum escrúpulo, o uso de subterfúgios para enfrentar essas condições desfavoráveis: “Eu comecei a usar a hipocrisia, e fingi ser um mouro santo, e não quis mais comer carne, exceto em casa de João Maria, quando, à noite, comíamos duas galinhas”⁷² (VARTHEMA, 1885, p. 226).

Perambula por várias cidades da Arábia Feliz (hoje conhecida como Iêmen e Omã), sendo um dos primeiros a descrever essa região de terras férteis, rica de águas, de comércio e cultura. Vai à Etiópia e Pérsia, chegando a Ormuz, cidade situada em uma pequena ilha na entrada do Golfo Pérsico, ponto estratégico para a defesa do golfo e da passagem para o Oriente pela rota do Mar Vermelho. Em Ormuz os portugueses implantam uma fortaleza, que mais tarde (em 1622) será perdida para uma força anglo-persa. Doré (2002) sustenta que, quando Varthema se dirige ao Oriente, alguns dos reinos locais estão estabelecendo os primeiros contatos com os portugueses e que, ao retornar da sua viagem, sete anos depois, diversas alianças já estão consolidadas e dessas resulta a construção de fortalezas e castelos portugueses. Essas alianças são uma maneira que os portugueses encontram para poder manter a sua dominação dos mares, ao longo das costas dos diversos reinos e cidades da África, Arábia e Índia.

Varthema, muito antes de outros viajantes italianos, se dá conta de que os portugueses são realmente os dominadores do comércio e das rotas de navegação (1503). As

⁷¹ “ma dentro sono bellissime, con molti lavori de marmoro et porphido”.

⁷² “Io cominciai ad usare la ypocrisia, et finsi de esser Moro sancto, et mai volsi mangiare carne, salvo che in casa de Joanmaria, che ogni nocte mangiavamo doe para de galline”.

suas observações são quase premonitórias, pois Portugal ainda está dando os primeiros passos rumo à hegemonia, à procura de uma maneira de neutralizar a supremacia árabe no comércio dos mares do Médio Oriente e da Índia. Ele sabe que a nação lusitana já possui o controle da região - “[...] o rei de Portugal, porque ele é o Senhor do mar Oceano, e também do [mar] Pérsico e do Árábico”⁷³ (VARTHEMA, 1885, p. 48), mas que almeja muito mais:

[...] e logo creio che será senhor disso tudo o rei de Portugal, porque já se apossaram de duas terras, e nelas atacaram fogo. Pelo que eu já vi da Índia e da Etiópia, parece-me que o Rei de Portugal, querendo Deus, e tendo a vitória como teve no passado, creio que será o mais rico que exista no mundo⁷⁴ (VARTHEMA, 1885, p. 268-269).

Quando falham as alianças, os portugueses tentam tomar as cidades pela força, como no caso de Áden e Ormuz. Em Áden, os árabes resistem, e os portugueses não conseguem dominar a cidade, mas, no caso de Ormuz, a vitória é completa, e isso lhes permite o domínio das rotas marítimas no Oceano Índico e, conseqüentemente, em todo o Extremo Oriente. Nessa conquista portuguesa, empenha-se duramente o governador da Índia, Afonso de Albuquerque, que, em 1507, após diversas incursões, conclui um acordo com o rei local e o faz tributário de Portugal. A tomada da cidade é cantada por Camões: “E vereis o Mar Roxo, tão famoso, tornar-se-lhe amarelo, de enfiado; Vereis de Ormuz o Reino poderoso duas vezes tomado e sojugado” (CAMÕES, 1819, p. 53).

Seguindo a narrativa, Varthema conta que a milícia dos mamelucos, da qual faz parte, vai a uma perigosa expedição para a Síria, mas ele deserta e vai para Áden, onde a sua identidade de falso mameluco é descoberta. Acusado de ser cristão e espião, acaba prisioneiro, condenado à morte, escapando por graça de uma das mulheres do sultão. Partindo do Iêmen com um mercante persa, a quem o prazer de viajar se iguala ao seu, Varthema dirige-se para a Índia, descrita nos livros I, II e III do *Itinerario*. Chega a Cambaia, situada ao sul do Rio Indo, na região do Guzerate, cidade cujos costumes são completamente diversos dos das cidades muçulmanas: “[...] entrando na Índia, onde junto ao dito porto existe um grande rio, que se chama Indo, que se encontra próximo a uma cidade que se chama Cambaia. [...] alguns usam camisa e alguns estão nus, exceto que usam um pano nas partes pudendas, sem nada nos pés

⁷³ “[...] el Re de Portogallo, perchè lui è Signore del mare Oceano, et del sino Persico, e dello Arabico”.

⁷⁴ “[...] et presto credo che ne será Signore el Re de Portogallo, perchè ne hanno già pigliato doe terre, et messe a focho et fiamma. Per quello che io ho visto de la India et de la Ethiopia, a me mi par ch’el Re de Portogallo, piacendo a Dio, et havendo victoria como ha havuto per el passato, credo che sarà el più riccho Re che sia nel mondo”.

nem nas pernas”.⁷⁵ (VARTHEMA, 1885, p. 99). Vaga por algumas cidades, como Chaul, Dabul, Goa (que na ocasião está ainda sob o domínio do sultão Yussuf, sendo conquistada para a coroa portuguesa por Afonso de Albuquerque, em 1510). Perambula de cidade em cidade, de porto em porto, pela costa da Índia, e depois viaja para o interior até o reino de Narsinga, onde visita os mercados, sempre em companhia do amigo mercador Cogiazenor. À esse seu amigo e às andanças dos dois, dedica muitas páginas, as quais podem ser reais ou imaginárias ou mesmo quem sabe terem sido criadas pela sua capacidade inventiva, apenas para dar um sopro literário à obra (AUBIN, 1996, p. 490).

Retornando à costa, visita Calicute, que na época é uma florescente cidade, cujo comércio de mercadorias é dominado pelos muçulmanos. Não podendo negociar, devido às constantes desavenças entre portugueses e mouros, resolve descer mais ao sul pela costa do Malabar, visitando outras cidades. Na região do Malabar encontra pessoas que professam o cristianismo, seguidores de São Tomé, apóstolo que, segundo os martirológios, cristianizou a Índia, após a morte de Jesus. Ao visitar a cidade de Cioromandel (Coromandel), que se localiza de frente para a ilha de Ceilão (atual Sri Lanka), logo após o Cabo Comorin, no sul do continente, Varthema confirma que encontrou cristãos que lhe relataram que o corpo do apóstolo São Tomé “[...] encontrava-se a 12 milhas distante dali, e que estava sob a proteção de alguns cristãos [...] e que esses não podiam mais viver naquele lugar depois da vinda do Rei de Portugal, pois o dito rei matou muitos mouros do país e todos tremem de medo dos portugueses”⁷⁶ (VARTHEMA, 1885, p. 170). Até esse momento, o contato de Varthema com os portugueses é esporádico, e a sua opinião sobre eles é sempre negativa, vista através do olhar dos amigos muçulmanos, dos quais os portugueses são ferozes inimigos, seja devido à religião, seja porque querem o domínio do comércio das especiarias, até então patrimônio dos mouros. Permanece por breve tempo no Ceilão, do qual explana sobre as riquezas, as pedras preciosas – rubis, as safiras e granadas –, que se encontram nos rios ou aos pés de uma montanha e dedicando ainda algumas páginas à descrição da planta da canela e do cravo.

Continua sua viagem pela costa oriental da Índia, vai a Tarnassari e descreve o costume de oferecer a outros, sobretudo a pessoas de pele branca, a mulher para ser desvirginada. As suas aventuras o levam à cidade de Pegu (atual Bago), na Birmânia (Myanmar) e, em seguida, vai em direção oeste até a foz do Rio Ganges que, segundo a sua

⁷⁵ “[...] entrando nella India, dove apresso al dicto porto sta una grandissima fiumara, la qual se chima Indo; el qual Indo sta appresso ad una città che si chiama Combeia. [...] alchuni vanno in camicia, et alcuni nudi, reservato che portano un panno circa pudibunda, senza niente in piedi, nè in gambe”.

⁷⁶ “[...] stava xii. miglia lontano de lì, et che stava in guardia de alchuni Christiani; anchora me dissero che li Christiani non potevano più vivere in quel paese dapoì la venuta del Re de Portogallo, perchè el dicto Re ha morti molti Mori de quel paese, el quale tutto trema per paura de Portoghesi”.

costatação, é o maior rio que já encontrou. Na companhia de mercantes chineses, de religião cristã, vai a Málaca e, depois, à ilha de Sumatra e à cidade de Pider, grande produtora de pimenta.

De todas as cidades que visita informa sobre os costumes, a produção agrícola, a paisagem, a arquitetura etc., mostrando ao leitor um Oriente misterioso. Oferece, como propôs no título do *Itinerario*, uma descrição da fé e dos costumes dos povos que encontra, ou seja, o que Doré (2002, p. 2) chama de “testemunho de vista”, prefigurando o desejo de “domesticar o exótico”. Desse modo, “a pessoa que testemunha passa a ser o ponto de contato, o mediador entre ‘nós’ e o que está lá fora, longe de nossos olhos” (GREENBLATT, 1996, p. 162).

Retornando à Índia encontramos o nosso Marco Polo da Idade Moderna, exatamente em 06 de dezembro de 1505, no castelo de Dom Lourenço de Almeida, filho do vice-rei da Índia, na cidade de Cananor. Seminu, vestido à moda dos nativos, falando uma espécie de *pidgin*, misto de português e italiano⁷⁷, o nosso herói causa espanto na corte. Vejamos um trecho do episódio nesse empasto linguístico falado por ele:

[...] dei de encontro com dois cristãos portugueses e disse-lhes: oh, senhores, aonde é a fortaleza dos portugueses? Disseram aqueles dois Cristãos: sois vós cristãos? Eu respondi: sim, Senhor, louvado seja Deus. E eles disseram: de onde vindes? Respondi-lhes: venho de Calicute. Então disse um ao outro dos dois companheiros: vai ao seu sítio, que eu quero deixar esse homem a Dom Lourenço, isto é, ao filho do Vice-rei. E quando chegamos ao tal castelo, o senhor Dom Lourenço estava comendo; rapidamente me ajoelhei aos pés de sua senhoria e disse: Senhor me recomendo a Vossa Senhoria para que me salve, porque sou cristão⁷⁸ (VARTHEMA, 1885, p. 239).

Ao receber a proteção dos portugueses, tem que retribuir, dando informações sobre Calicute, cidade que controla o comércio em toda a costa da Índia, na época um reino muito rico sob o domínio mouro. Dom Lourenço o leva a uma sala privada e lhe indaga sobre o que sabe. Conta ele sobre a entrevista: “interrogando-me das coisas de Calicute, e me reteve por três dias a falar com ele. E eu, desejoso da vitória dos cristãos, lhe dei todas as informações da armada que se preparava em Calicute”.⁷⁹ (VARTHEMA, 1885, p. 240). Dá instruções sobre a

⁷⁷ Apesar desse registro de língua se parecer com o espanhol, não consta no seu relato que ele tenha tido contato com pessoas que falam essa língua.

⁷⁸ “[...] me scontrai in dui Christiani Portogalesi, et disseli: o Signori, adondes la fortelezas de los Portogalesos? Dissero quelli dui Christiani: che ses vos Christian? Io resposi: sì Signor, laudato sia Dios. Et lor dissero: donde vene is vos ? Li resposi: io vengo de Calicut. Alhora disse l'uno a l'altro de doi compagni: andais vos alla factoria, che io quero menar esto hombre a don Lorenzo, zoè al figliol del Viceré. [...]. Et quando arrivamo al ditto castello, el signor don Lorenzo stava mangiando; subito me inginochiai alli piedi de sua Signoria, et dissi: Signore, me recomiendo a vostra Signoria che me salvais, perchè son Christiano”.

armada, localização, artilharia, tudo o que interessa aos portugueses. Em seguida é mandado a Cochim, para estar com o vice-rei. Fica por dois anos a serviço de Dom Francisco de Almeida, que é um dos heróis das conquistas portuguesas no Extremo Oriente e que tem seu nome, juntamente com o primo Afonso, glorificado por Camões no Canto I, verso 14:

Nem deixarão meus versos esquecidos
 Aqueles que, nos Reinos lá da Aurora,
 Se fizeram por armas tão subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora:
 Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
 Albuquerque terrível, Castro forte,
 E outros em quem poder não teve a morte
 (CAMÕES, 1819, p. 5, grifo nosso).

Acompanha os portugueses na batalha naval de Cananor, em 12 de março de 1506, e descreve a armada, composta por onze navios, entre os quais duas galeras e um bergantim, comandados com muita bravura por Dom Lorenzo de Almeida, com a ajuda de João Serrão. Narra também as estratégias adotadas para derrotar os mouros e de como o valente Capitão Simão Martim consegue vencer uma das batalhas com uma fraude. Conclui o relato da luta dizendo que já participou de muitas guerras, mas jamais viu pessoas tão audazes quanto os portugueses.

A saudade da pátria longínqua se faz mais forte e, desejoso de retornar, pede permissão ao vice-rei, que a concede, mas lhe pede antes para acompanhar os portugueses em mais uma missão, talvez como um último sinal de fidelidade aos seus benfeitores: no dia 24 de novembro de 1507, a armada capitaneada por Tristão da Cunha toma de assalto a cidade de Panane. Após a vitória, pelos bons serviços prestados, Varthema é feito cavaleiro pelo vice-rei, tendo como padrinho o fidalgo capitão de armada Tristão da Cunha.

Dois dias depois embarca de retorno a Portugal, na longa viagem de circum-navegação da África; conhece outras cidades e países da costa, assim como várias ilhas da Etiópia, Malindi, Moçambique, Açores, aportando finalmente em Lisboa. Como o rei Dom Manuel I encontra-se, no momento, na cidade de Almada, vai ter com ele e permanece na corte vários dias contando o que viu da Índia. É confirmado oficialmente cavaleiro, prosseguindo viagem até Roma.

⁷⁹ “[...] interrogandome delle cose de Calicut, et teneme tre giorni a parlar con lui. Et io desideroso della victoria de Christiani, li diedi tutto l'advise de l' armata che se faceua in Calicut”.

O *Itinerario* deixa dúvidas quanto à veracidade de muitas peripécias e de diversos aspectos da vida do autor. Aubin (1996, p. 486-481) demonstra que existem muitos vácuos e mentiras na sua história. Della Lega, no Prefácio, página XXVI da edição de 1885, faz a seguinte observação: “Sabe-se de Varthema somente aquilo que ele quis narrar de si mesmo no livro, nada mais”⁸⁰. O primeiro a pôr em dúvida a veracidade sobre a viagem foi Garcia D’Orta (1576, p. 10), que soube, através de portugueses, que Varthema não foi além de Calicute e que todas as viagens aos reinos do Extremo Oriente, às Ilhas Molucas, Java etc. são fruto de sua inventividade: “De Ludovico Romano, ouvi aqui de alguns portugueses que o conheceram, que ele não foi, jamais, além de Calicute e Cochim, nem nos mares, que naqueles tempos não se ia, e onde hoje se navega”⁸¹. Fica aqui a pergunta e a dúvida aventada por Aubin: Varthema fala ou não a verdade?

Pouco se sabe da sua vida depois do retorno, a não ser o seu empenho em escrever a sua viagem e publicá-la em 1510, em Roma. O *Itinerario* foi reimpresso em Roma (1517), em Veneza (1518) e sucessivamente em Milão (1519, 1523, 1525), tendo sido incluído em *Navigazioni et viaggi* (1550) de Ramusio. Traduzido em castelhano (1520), em alemão (1515, 1517, 1518, 1530), em holandês (1554) e em francês (1555), teve sucesso editorial, um verdadeiro *best-seller* quinhentista, permanecendo na lista dos livros de literatura de viagem que mais sucesso alcançaram (AUBIN, 1992; CARACI, 1991).

5.1.2 O *Itinerario* de Ludovico de Varthema, bolonhês

O capitão o abraça em cabo ledo, ouvindo clara a língua de Castella; juncto de si o assenta, e prompto e quedo, pela terra pergunta, e cousas della.[...]. Tal a gente se ajuncta a ouvir o mouro.
(Camões, Os Lusíadas, canto VII, 29).

O leitor, já no início do livro, se sente atraído por esse personagem que conta as suas peripécias de viagem, sucedidas ao longo dos sete anos, como ele mesmo afirma, em que perambula pelo Oriente Médio, Índia, China, Myanmar, Bornéu, Java e tantos outros lugares

⁸⁰ “Si sa del Varthema soltanto quello che a lui è piaciuto narrar di se stesso nel suo libro, e null' altro”.

⁸¹ “Di Ludovico Romano ho inteso qui da certi Portughesi, che lo conobbero, che egli non passò mai Calicut e Cochim, nè meno à quei tempi quelli mari, che hoggi si navigano”.

desconhecidos, inhóspitos, belos e perigosos. Varthema faz do *Itinerario* um relato instigante e surpreendente, um documentário sobre povos e nações cujos usos e costumes evidencia sem nenhum pudor. Além de um relato de viagem, pode ser lido como um romance de cavalaria ou de aventuras, no qual se alternam histórias e História, guerras tribais e guerras entre nações, conquistas e dominações, prisões e fugas espetaculares, não faltando enredos mirabolantes de princesas apaixonadas, tudo isso vivido por um único personagem, um quase super-herói, que consegue fugir de situações inesperadas e perigosas utilizando criatividade e capacidade de persuasão.

A índole guerreira e desbravadora faz do seu relato uma descrição das edificações militares, sejam elas portuguesas, muçulmanas ou indianas, das cidades e portos ao longo das costas do Mar Vermelho, do Golfo Pérsico, do Oceano Índico e Atlântico, detalhando as suas construções e as finalidades para as quais eram construídas. Um documento que serve para fazer conhecer países e cidades e dar a exata dimensão do aparato guerreiro, armamentos e guarnições militares dos lugares visitados, descortinando novos horizontes e dando novas possibilidades àqueles que, como ele, têm espírito arrojado. O seu livro serve de guia geográfico e histórico para os que lhe sucedem.

Não é por desejo de fama, nem por motivos religiosos ou comerciais que Varthema, o nosso herói, se propõe, como muitos outros, a empreender essa longa viagem. Está imbuído do desejo de conhecer o mundo desconhecido e sua curiosidade o impele a visitar lugares até então jamais vistos por um homem branco europeu. Chega a renegar a sua fé para participar de peregrinações a lugares proibidos, a misturar-se incógnito na multidão para observar os mercados cheios de produtos estranhos e exóticos, capazes de saciar a sua fome física e sua sede de conhecimento e aventura. Dar o seu testemunho pessoal, para ele, é mais importante do que tudo, verificando *in loco* e explicitando como realmente são as coisas que vê. Para Greenblatt (1996, p. 162),

ver é assegurar a verdade daquilo que de outra forma poderia ser considerado incrível. [...] Mas, embora essencial, o ‘testemunho certo e verdadeiro’ do observador é quase sempre insuficiente, pois não há tempo [...] para ver tudo o que foi descoberto.

Inicia a sua epopeia justificando-se: “o desejo que impulsionou muitos outros a conhecer a diversidade das monarquias mundanas igualmente me incitou. [...] decidi ver os

países menos frequentados pelos nossos”.⁸² (VARTHEMA, 1885, p. 7). Quer ver lugares que seus conterrâneos ainda não viram, uma forma talvez um tanto orgulhosa de apresentar-se como um novo Colombo, revelar um Oriente ainda misterioso e parcialmente desconhecido. No caso da literatura de viagem, descrever o que se viu torna a coisa vista “autêntica”: “eu estive lá, vi e posso afirmar”, e Varthema empenha a sua palavra no testemunho. Quem, na época, poria em dúvida isso? Diz ele no início da sua narrativa:

[...] me dispus a querer investigar alguma parte desse nosso mundo terreno; [...] deliberei em pessoa, e com meus próprios olhos, procurar conhecer os sítios dos lugares, as qualidades das pessoas, as diversidades dos animais, as variedades de árvores frutíferas e odoríferas do Egito, da Síria, da Arábia Deserta e Feliz, da Pérsia, da Índia e da Etiópia, lembrando ser de mais estima um testemunho visual, do que dez de ouvir dizer⁸³ (VARTHEMA, 1885, p. 4).

Essa maneira de apresentar-se transmite ao leitor o seu caráter forte e indomável, capaz de transpor todas as dificuldades para conseguir o que quer. A obra é contestada por alguns críticos, como, por exemplo, Aubin (1996, p. 486), para quem muitas passagens descritas são fruto de sua invenção, mesmo porque seria impraticável, até por razões temporais e meteorológicas, completar os percursos descritos. Persistem no *Itinerario*, segundo esse autor, muitas “zonas de sombra”. Para o estudioso francês, o livro de Varthema é “cuidadosamente mentiroso”. Para Caraci as particularidades da história contada por Varthema estão, algumas vezes, em contradição, expondo frequentemente a dúvida sobre a veracidade dos episódios e a sua ida aos lugares que afirma ter visitado, sobretudo na última parte, quando trata da viagem às ilhas das especiarias de Banda e Molucas. Para a autora, ele pode ter inventado essa parte a partir de notícias ouvidas e coletadas. A sustentar essa probabilidade é a sua capacidade de, no decorrer das aventuras, ter demonstrado ser “um hábil dissimulador, tão genial quanto destituído de escrúpulos, rápido em deformar com grande elegância a verdade para cativar a simpatia dos seus interlocutores”⁸⁴ (CARACI, 1991, p. 287). Mesmo que essas afirmações sejam verdadeiras, o livro é um relato de viagem

⁸² “El desiderio, il qual molti altri ha speronato a vedere la diversità delle monarchie mundane, similmente alla medesima impresa me incitò [...] io deliberai vedere paesi dalli nostri meno frequentati”.

⁸³ “[...] me disposi volere investigare qualche particella de questo nostro terreno giro; [...] deliberai con la propria persona, et con li occhi medesmi cercar de cognoscere li siti de li lochi, le qualità de le persone, le diversità de gli animali, le varietà de li arbori fructiferi, et odoriferi de lo Egypto, de la Suria, della Arabia deserta, et felice, de la Persia, de la India, e de la Ethiopia, maxime recordandome esser più da extimare uno visivo testimonio, che diece de auditò”.

⁸⁴ “Um abile dissimulatore, geniale quanto privo di scrupoli, pronto a deformare com grande eleganza la verità per accattivarsi la simpatia dei suoi interlocutori”.

instigante, que ainda hoje transporta o leitor a essas paragens exóticas. Imagine-se o assombro que deve ter causado na época e quanto deve ter excitado e atraído os leitores.

A descrição de Meca é precisa: ele a vê como uma cidade belíssima e a compara a Roma, pois também tem muros, apenas não são de pedras, mas formados pelas montanhas que a circundam. Acrescenta que a sua localização, fora da rota comercial e longe do mar, é prejudicial à cidade, mesmo com o rico comércio que ali se pratica, devido à grande quantidade de peregrinos que a frequentam diariamente. Apesar de pouco falar de si mesmo, diz muito do que observou: narra os usos e costumes dos países visitados, as técnicas de navegação, de cosmologia, o regime dos ventos, o uso de madeiras apropriadas à construção naval, as descrições de animais e plantas já conhecidas e desconhecidas dos europeus, descrevendo minuciosamente como são e como se desenvolvem.

Destacamos as suas exposições sobre as técnicas de navegação, especialmente dos navegantes da ilha de Java, que já usam a calamita (agulha magnética) e uma espécie de carta náutica, não como as europeias, mas que lhes permite navegar entre as ilhas da Indonésia sem problemas. Comenta que, para retornar, uma vez passada a linha equinocial, os portugueses guiam-se pela Estrela Polar: “Permitam-me dizer que os portugueses navegam sempre com a Polar; mesmo que por alguns dias não se veja a dita estrela, não obstante a calamita faz o seu trabalho, e é direcionada ao polo ártico”⁸⁵ (VARTHEMA, 1885, p. 271).

Faz uma apurada descrição do modo como são construídas as embarcações e os diversos tipos barcos utilizados nos mares do oriente, especificando sua utilidade no transporte: os sambucos são “chatos embaixo”; o catur (espécie de cúter) “é feito de uma só peça, [...] tem a boca estreita, na qual não podem estar dois homens em par, mas somente um atrás do outro”; os paraus “são embarcações de uma só peça, movidos a remo ou a vela”; a almadia é uma “barqueta pequeniníssima” (VARTHEMA, 1885, p. 146); existem outros que “se chamam juncos e estes são de mil botes”⁸⁶ cada um, em cima dos quais levam alguns barcos pequenos” (p. 188). Os nomes das embarcações – parau, almadia, sambuco, junco – estão dicionarizados em italiano como empréstimos do português (SCHULTZ, 2007).

Observa atentamente, como ele mesmo afirma, os costumes dos vários povos do Oriente. Relata como se realiza a cerimônia do sati, quando a viúva, após mastigar excessivamente o bétel, ao ritmo frenético de instrumentos e danças, entra em uma espécie de transe e se imola na fogueira funerária do marido, para provar o seu amor conjugal. Varthema

⁸⁵“Lassatevi dire, ch'e Portoghesi navigano sempre con la tramontana; per ben che alquanti giorni non se veda la dicta stella, nientedimeno la calamita sì fa l'officio suo, et è sottoposta al polo artico”.

⁸⁶ espécie de odre que serve de medida de capacidade e de peso e que varia segundo as regiões e os países. (Houaiss).

(1885, p. 185) assim descreve o comportamento da viúva: “Não acreditem que esta vá de má vontade, ao contrário, parece que ela está indo para o céu”.⁸⁷

Outra passagem interessante é sobre o comércio de meninos castrados na ilha de Java⁸⁸: “[...] e comprou dois meninos por duzentos pardaus, os quais não tinham natureza nem genitália, porque nesta ilha existem mercadores de tal qualidade, que não fazem outra coisa a não ser comprar crianças pequenas, aos quais cortam tudo na infância e ficam como as mulheres”.⁸⁹ (VARTHEMA, 1885, p. 220). Não demonstra horror a esse ato ignóbil, como poderíamos supor: aceita a cultura outrem naturalmente, tolerante e coerente com a sua postura.

Ao olhar atento de Varthema, não escapa o modo de vestir das mulheres das classes altas e os tecidos utilizados nas vestimentas. Relata desde as joias dos reis até os trapos utilizados pelos párias hindus: o sistema de castas é explicado detalhadamente:

a primeira casta de Gentios que existe em Calicute se chama Brâmanes [sacerdotes]. O segundo são os Naires, que são como os nossos cavalheiros, e esses são obrigados a usar a espada e o escudo ou arco ou lança [reis, nobres e guerreiros]. A terceira espécie de gentios são os Vaixás, que são artesãos [comerciantes e artesãos], o quarto tipo se chama mechna e esses são pescadores. O quinto tipo se chamam Poliarli⁹⁰, que colhem a pimenta, o vinho e a noz [na ordem tradicional são os párias, que são os intocáveis, também conhecidos como *dalit*]. O sexto tipo se chamam Hirava e esses recolhem e semeiam o trigo⁹¹ (VARTHEMA, 1885, p. 133).

Varthema conta outras histórias extravagantes, difíceis de acreditar, como o caso da princesa, filha do sultão, que se apaixona loucamente por ele. Começa a narrativa de modo cômico, quase improvável, que pode não se configurar como verdadeiro, mas é o seu testemunho do fato:

⁸⁷ “Non crediate però che costei stia di mala voglia: anzi pare a lei, che allora allora sia portata al cielo”.

⁸⁸ Procuramos em sites de pesquisa alguma referência sobre a castração de crianças na ilha de Java e não encontramos absolutamente nada, mas na China e entre os árabes essa era uma prática comum.

⁸⁹ “[...]comprò dui mamoli per ducento Pardai, li quali non havevano natura né testicoli, perchè in questa insula ce sono mercanti de tal sorte, che non fanno altra mercantia, se non de comprare mamoli piccoli, alli quali fanno tagliare in pueritia ogni cosa, et rimangono come donne”.

⁹⁰ O sistema de castas na ordem tradicional hindu inclui quatro categorias: brâmanes (sacerdotes), xátrias (guerreiros), vaixás (burgueses), sudras (servos e trabalhadores). Os párias não fazem parte do sistema de castas, pois são considerados seres inferiores, são os intocáveis. Existem outras subclassificações dentro das próprias castas, infelizmente não achamos a tradução das três últimas castas (Mechna, Poliarli e Hirava), que talvez sejam subdivisões dos sudras ou párias.

⁹¹ “La prima sorte de Gentili che siano in Calicut se chiamano Bramini. La seconda sono Naeri, li quali sono comò ad noi li gentilhomini, et questi sono obligati a portare la spada, et la rotella, o archi, o lance; La terza sorte de Gentili se chiamano Vaixá, che sono artesani. La quarta sorte se chiamano Mechna, et questi sono pescatori. La quinta sorte se chiamano Poliarli, quali racoglieno el pepe, el uino, et le noce. La sexta sorte se chiamano Hirava, et questi seminano, et racoglieno el riso”.

Vindo na outra noite, a dita Rainha com duas damas, e trouxe-me boas coisas para comer e disse: [...] vem aqui Ludovico. [...] quer que eu venha ficar um pouco com você? Eu respondi que não, já bastava que eu estivesse preso, sem precisar correr o risco que me cortassem a cabeça!⁹² (VARTHEMA, 1885, p. 70).

Segundo o autor, a princesa se enamora devido à sua pele branca e o faz constantemente tirar a camisa e às vezes a roupa: “estando a contemplar-me como se eu fosse uma ninfa”. Mais adiante, traduz as palavras da princesa, que são também transcritas, no texto, em árabe: “[...] ó Deus, tu criastes esse homem branco como o sol, e o meu marido tu o criastes negro, o meu filhinho também negro e eu negra; Deus permitisse que esse homem fosse meu marido!”⁹³ (VARTHEMA, 1885, p. 69). Obtida a confiança da princesa, consegue enganá-la e fugir, escapando assim, tanto das garras da própria princesa quanto da condenação, por meio de subterfúgios. Talvez essa história seja um pouco romanceada, para aliar, quem sabe, no *Itinerario*, um enredo autêntico a um caráter novelesco, bem ao estilo boccacciano. Para Aubin (1996, p. 488), um “tema de opereta alegre e divertido de sultanas, perfeito para um conto de Boccaccio”.⁹⁴

Como acontece com quase todos os viajantes do período, a sua narrativa está recheada de lendas, mitos e histórias excessivamente expalhafatosas. Na passagem por Damasco, faz várias afirmações cuja credibilidade pode ser colocada à prova, como ter visto o lugar onde Jesus fez ao apóstolo Paulo a famosa pergunta “Saulo, Saulo, por que me persegues?”; ou ter visitado a casa onde Caim matou Abel.

É enfático quando afirma que viu dois unicórnios em um templo de Meca e que estes foram doados ao sultão de Meca por um rei da Etiópia. Na sua incrível imaginação, explicita, em uma das mais belas páginas da obra, dois unicórnios, animais lendários, mas que ele dirá que viu “como são feitos”; um deles parece-se como um “potro de um ano: e possui um chifre longo cerca quatro palmos”. A cor é como a de um “cavalo ruão escuro”; e tem a cabeça “como um cervo”; o pescoço “não muito longo, com a crina rara e curta que pende de um lado”; possui as pernas “delgadas e firmes como uma corça”; o pé é “pouco fendido na frente e a unha é caprina; e tem certos pelos na parte detrás”. Acrescenta que o unicórnio demonstra ser um ferocíssimo e solitário animal, e que aqueles dois foram presenteados ao Sultão de

⁹² “L'altra nocte venendo, la dicta Regina venne con due damicelle, et portommi molto bene da mangiare; et disse: [...] vien qua, Lodovico. [...] voi tu, Ludovico, che io venga a star con te un pezo? Io respondi che non, che ben bastava eh' io era in ferri, senza che mi facesse tagliare la testa”.

⁹³ “standome a contemplare, come se io fussi stato una nympha [...] o Dio tu hai creato costui bianche come el sole, al mio marito tu lo hai creato negro, el mio figliuolo anchora negro, et io negra; Dio volesse che questo huomo fusse ci mio marito!”

⁹⁴ “Joli thème d'opérette et drôle de sultane, plutôt mure pour un conte de Boccage”.

Meca como “a coisa mais bela que hoje se encontra no mundo e pelo mais rico tesouro, os quais foram enviados por um Rei da Etiópia”⁹⁵ (VARTHEMA, 1885, p. 46-47). Todas essas lendas podiam ser correntes, pois, nesse período, de transição da Idade Média para a Moderna, ainda permanecem resquícios da mentalidade medieval. Verdade ou mentira? Fica a cargo do leitor decidir, já que não possuímos meios de averiguar a verdade.

O fator linguístico, cerne da nossa pesquisa, revela no *Itinerario* muitos elementos interessantes: o autor insere frases e diálogos das línguas que fala, transcrevendo a tradução em italiano. Afirma que aprendeu a língua árabe, o português, o malaiala e o swahili. Nunes (2006, p. 66) nos assevera que, no caso dos viajantes, os diálogos transcritos recolhem um vocabulário que é elaborado em uma estrutura de conversação. Nas passagens abaixo relacionadas, não notamos palavras que originaram outras em português, mas uma mescla de português, italiano espanhol (?), que podemos supor, fosse o *pidgin* de base portuguesa:

Língua transcrita	Língua italiana	Tradução do italiano	p.
Árabe			
Rainha: <i>Leis leis camis foch.</i> Varthema: <i>Laseneti ane maomigenon delain.</i> Rainha: <i>Vualla ane arf in te habedevin te migenon in te mafdunia metalon.</i> ⁹⁶	Non così, levate la camisa; Io non son pazo adesso. Per Dio, so ben che tu non fosti mai pazo; anzi sei il più advisato homo che mai vedesse.	Rainha: Não assim, tira a camisa. Varthema: Eu não estou louco agora. Rainha: Por Deus, sei bem que tu nunca foste louco; ao contrário, tu és o mais precavido homem que jamais vi.	69
Português (pidgin de base portuguesa?)			
Varthema: <i>O Signori, adondes la fortaleza de los portogalesos? [...]</i> Cristãos: <i>donde vene vós?</i> Varthema: <i>Io vengo de Calicut.</i>	não transcreve em italiano	Varthema: Oh Senhores, onde é a fortaleza dos portugueses? Cristãos: De onde vinde vós? Varthema: Eu venho de Calicute.	
Malaiala			
Mercante 1: <i>Iangal perganal menton ondo;</i> Mercante 2: <i>hognan perganaton ondo;</i> Mercante1: <i>Nipatanga ciolli.</i> ⁹⁷	Semo stati longo tempo amici. Sì, che io son stato gran tempo tuo amico. Dici tu la verità che io son stato tuo amico?	Mercante 1: Temos sido por longo tempo amigos. Mercante 2: Sim, que eu fui muito tempo teu amigo. Mercante 1: Dizes tu a verdade, que eu tenho sido teu amigo?	137

Muitos outros diálogos são transcritos, sobretudo em árabe, língua que o autor conhece perfeitamente, pelo convívio com as etnias que falam essa língua. Transcreve

⁹⁵ “come sono fatti”; pulledro di uno anno: et ha un corno longo circa quattro palmi”; “cavallo saginato scuro”; “come un cervo”; “non molto longo, con alchuna crina rara et curta che pendeno ad una banda”; sottile e asciuta come un capriolo”; “poco fesso davanti; e l’ongia è caprin; et ah certi peli dalla banda de dietro”; “la più bella cosa che hoggi si trovi al mondo, et per più riccho tesoro, li quali furono mandati da uno re de Ethiopia”.

⁹⁶ Diálogo entre uma das três mulheres do sultão de Áden e Varthema (língua árabe).

⁹⁷ Diálogo entre dois mercantes em Calicute, província de Malabar, Índia (língua malaiala).

também outros trechos em língua malaiala. Quanto ao swahili, como não conhecemos essa língua, não nos arriscamos a transcrever. Na análise dos empréstimos feitos por Varthema, nota-se a predominância das palavras que entraram para o português por via indireta, isto é, mediadas pela língua árabe ou pelo malaiala e pelo tâmil.

Como demonstrado anteriormente, diversos autores confirmam que a grande circulação do português colaborou para que muitos dos viajantes italianos o aprendessem ou tivessem a interferência da nossa língua no seu léxico. O contato do viajante com os portugueses foi longo e, no *Itinerario*, em um diálogo com naires hindus, estes afirmam que Varthema falava a nossa língua: “Sabeis bem, disseram os naires, que [Varthema] é mouro santo, mas ele sabe a língua dos portugueses, e dirá tudo aquilo que fazemos aqui. Porque se preparava uma grande armada”⁹⁸ (VARTHEMA, 1885, p. 236, grifo nosso).

Nas descrições das plantas Varthema se vale de uma série de elementos que colocam o objeto descrito quase que “desenhado” na imaginação do seu leitor, sem necessidade de ver a “coisa” descrita pessoalmente ou através de um desenho. Gonçalves & Murakawa apontam essa capacidade descritiva, inerente a quase toda a literatura de viagem do período:

[...] o missionário exhibe seus dotes de fino observador do reino animal e vegetal, usando fórmulas linguísticas que nos permitem visualizar o descrito quase sem necessidade de desenho. Suas definições não são linguísticas, pois têm um caráter descritivo ou *mostrativo*. A julgar pela quantidade e qualidade informativa, tais definições de animais assim como de plantas são fruto da observação e experiências diretas, visto que descrevem as características observáveis no referente para então defini-lo⁹⁹ (GONÇALVES & MURAKAWA, 2007, p.237, grifo dos autores).

A descrição do coco, alimento essencial dos povos, sobretudo das ilhas do Pacífico, é enriquecida com elementos culturais, além dos descritivos. Explica o modo de produzir a bebida fermentada, extraída do miolo da palmeira, a produção do cairo, que é a corda feitas da fibra e a produção de tecidos leves, como a seda, feitos com a flor.

Podemos verificar que, no discurso lexicográfico de Varthema, os três pontos citados por Nunes encontram-se inseridos na descrição que o autor faz do coco (*cocos nucifera*), do qual usa ainda o nome autóctone *tenga*, do malaiala *tengu* (DALGADO, 1921, p. 367), nome com o qual era inicialmente conhecido pelos portugueses:

⁹⁸ “Saperne bene, disser li Naeri, che è Moro sancto, ma lui sa la lingua de Portoghesi, et dirà tutto quello che facemo qui. Perchè se faceua grandissima armata”.

⁹⁹ “[...] el misionero exhibe sus dotes de fino observador del reino animal y vegetal, usando formulas lingüísticas que nos permiten visualizar lo descrito casi sin necesidad de dibujo. Sus definiciones non son lingüísticas, sino extralingüísticas, pues tienen carácter descriptivo o *mostrativo*. A juzgar por la cantidad y calidad informativa, tales definiciones de animales como de plantas son fruto de la observación y experiencia directas, puesto que describen las características observables en el referente para así definirlo”.

Outra planta que vos quero descrever, a melhor que existe em todo o mundo, a qual se chama Tenga; e é parecida a um pé de tâmara. E dessa planta se tem dez utilidades. A primeira delas é a lenha para queimar; noz para comer, corda para navegar no mar, tecidos finos, os quais depois de tingidos parecem de seda, carvão do melhor, vinho, água, óleo e açúcar; e das folhas que caem, isto é, quando cai algum ramo, cobrem-se as casas, e estas seguram a água por meio ano. Se eu não afirmasse em que modo se fazem tantas coisas, vós não acreditaríeis, nem ao menos entenderíeis. A dita planta faz a noz como um ramo de tâmaras e cada planta fará cem ou duzentos dessas nozes, das quais se tira primeiro a casca de fora, e se faz lenha para queimar. E em seguida, junto à segunda casca se tira uma certa coisa, como o bombax¹ ou linho, e este se leva para bater aos artesãos, e da flor desse se fazem panos que parecem panos de seda; e daquela parte mais grossa tecem e fazem cordas pequenas, e juntando as pequenas se fazem grossas, e estas se usam no mar; da outra casca da dita noz se faz carvão perfeito. Depois da segunda casca está a noz boa para comer; a grossura do referido fruto é como o dedo pequeno da mão. No meio da tal noz, quando começa a nascer, começa a criar água dentro; e quando a noz está pronta, continua cheia de água, de modo que a noz produzirá quatro ou cinco copos de água, a qual é perfeitíssima para beber, e ainda um tanto rosada, e dulcíssima. Da dita noz se faz um óleo muito bom, e assim tereis desta sete utilidades. De um outro ramo da dita árvore não deixam produzir nozes, mas o cortam na metade, e lhes dão uma certa inclinação, e de manhã e à noite fazem sulcos com uma faca, e dos quais verte um certo licor, do qual obtém um certo suco, e os homens colocam uma bacia embaixo e recolhem esse suco, do qual no espaço de um dia e uma noite, uma planta dará meio bocal, e este o levam ao fogo; e fazem um, dois, três cozimentos, de modo que parece aguardente, que só ao cheirar, sem ao menos beber, altera o cérebro do homem; e este é o vinho que se bebe nesse país. De um outro ramo da planta produzem igualmente este suco, e o açucaram com o fogo; mas não é muito bom. A dita planta sempre têm frutos, ou verdes ou secos, e produz frutos em cinco anos. E dessas plantas se encontram em centenas de lugares, e todas possuem donos. Pela qualidade desta planta, quando os reis possuem inimizade um com o outro, e matando os filhos um do outro, algumas vezes fazem as pazes; mas cortando um Rei uma dessas plantas do outro, nunca mais se dariam paz. Sabeis que tal planta vive vinte ou vinte e cinco anos, e nasce em lugar arenoso. E planta-se a noz para ter esta planta, e enfim, enquanto que não germina, ou começa a nascer a planta, é necessário que os homens que a plantam, toda a noite a descubram, para que o sereno da noite a envolva; e de manhã cedo, tornam a cobri-la, para que o sol não a encontre descoberta. E desse modo se gera e nasce essa planta¹⁰⁰ (VARTHEMA, 1885, p. 153-156).

¹⁰⁰ “Un altro arboro vi voglio descrivere, el migliore che sia in tutto el mondo, il quale se chiama Tenga; et è facto questo a modo de uno pede de dattilo. Et de questo arboro se ne cavano x. utilità. La prima utilità sono legna per abbrusare; noce per mangiare, corde per navicare in mare, panni sotili, quali poi che sono tincti pareno de seta, carboni in tutta perfectione, vino, aqua, oglio, et zuccaro; et delle foglie sue che cascano, zoè quando casca alcuno ramo, se ne copreno le case, et queste tengono l' acqua per mezo anno. Se io non vi dechiarasse in che modo fa tante cose, voi non lo crederesti, né mancho potresti intenderlo. El dicto arboro fa le prefate noce come seria un ramo de dattali, et ciaschuno arboro farà c, o cc. de queste noce, delle qual se ne cava la prima scorza de fori, et fassene legna per abbrusare. Et poi appresso alla seconda scorza se ne cava una certa cosa, come bombace o vero lino, et questo se dà a conzare alli maestri, et del fiore de questo ne fanno panni che pareno panni de seta; et de quel grosso lo filano et fanno corde piccole, et de piccole ne fanno grosse, et queste se adoperano per mare; de l' altra scorza della dieta noce se ne fa carbone perfecto. Dapoi la seconda scorza c'è la noce bona per mangiare; la grossezza del dicto fructo si è come el deto piccolo della mano. In mezo della dieta noce,

Ainda não se configura um verbete, mas, segundo Nunes (2006, p. 60), as observações a respeito são “comentários lexicais”, que prefiguram um discurso lexicográfico. Na explicação da planta e fruto do coco, a neo-formação da definição é encabeçada pela palavra *tenga* (coco), incluída no contexto descritivo sem um destaque especial; em seguida, a descrição (usa a comparação com a planta da tâmara, comenta os usos, utilidades e o valor dado à planta); depois, o domínio temático (é uma planta, explica como se produz); e finalmente o seu testemunho pessoal (“a melhor que existe em todo o mundo”, “vós não acreditaríeis”).

Provavelmente por tudo o que se encontra nas páginas do *Itinerario*, pelo fato de Varthema ter vivido todas essas aventuras que contou, de ter na sua obra difundido os costumes dos povos orientais, os aparatos militares, econômicos e mercantis que serviram de apoio à conquista portuguesa, por tudo isso, mereceu, sem dúvida, o título de cavaleiro, que lhe deu o vice-rei da Índia e que mais tarde foi confirmado pelo rei de Portugal: “Depois de ter visto este diploma, disse que estava satisfeito, e solicitou que o privilégio fosse registrado no pergaminho, assinado com sua mão e com o seu sinete. Assim pedi licença a Sua Majestade e vim para a cidade de Roma”¹⁰¹ (VARTHEMA, 1885, p. 272).

comò comincia a nascere, cossi se comincia a creare l'acqua dentro; et quando la noce ha la sua perfectione, cossi è piena d'acqua, per modo che c'è tal noce che haverà iiii., o v. bicchieri d'acqua, la qual acqua si è perfectissima cosa da bere, et è anchora quanto acqua rosata, et dolcissima. Della dieta noce se ne fa oglio perfectissimo; et cossi havete da questa vii. utilità. De un altro ramo del dicto arboro non lo lassano produrre noce, ma lo tagliano alla mità, et li dano uno certo pendore, et la mattina et la sera lo intaccano con un cortello, et poi li metteno un certo liquore, el qual liquore tira certo sugo; et quelli homini li metteno una pignata sotto, et racoglieno quel sugo, del qual fra el dì et la nocte uno arboro ne farà mezo boccale, et questo pongono al focho; et ne fa de una, de doe, et tre cocte, in modo che pare una acqua vita, la quale solo ad odorarla, non che ad beberla, fa alterare el cervello del homo; et questo è el vino che se beve in questi paesi. De un altro ramo de dicto arboro producono similmente questo sugo, et lo fanno venire in zuccharo col foche; ma non è molto bono. El dicto arboro sempre ha fructi, o verdi, o secchi, et produce fructi in V. anni. Et de questi arbori se ne trova cc. miglia de paese, et tutti hanno patroni. Per bontà de questo arboro, quando li Re hanno inimicitia l'uno con l'altro, et amazandose li figlioli de l'uno et l'altro, pur alcuna volta fanno la pace; ma tagliando l'uno Re a l'altro de questi arbori, mai in eterno non li saria dato pace. Sapiate che dicto arboro vive XX., o vero XXV. anni, et nasce in loco arenoso. Et piantase quella noce per fare de questi arbori, et infino ad tanto che non comincia a pululare, o vero a nascere lo arboro de questa, è necessario che li huomini che la piantano ogni sera la vadano a scoprire, acciò che la serena della nocte li dia sopra; et la matina a bon'hora poi la torneno a coprire, perchè el sole non la trovi così scoperta. Et ad questo modo se genera, et nasce quello arboro”.

¹⁰¹ “Dopo aver visto questo diploma disse che ne era soddisfatto, e così fece stendere il privilegio su pergamena, firmata di sua mano e col suo sigillo, e registrata”. E così pigliai licenza da Sua Maestà e me ne venni alla città di Roma”.

5.1.2.1 *Ecasuals* em Varthema

AMAINANO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Subito <amainano> la vela, et prestamente senza voltarse fanno vela all’altro arboro, et tornano a rietro” (VARTHEMA. 1885, p. 206).

Italiano: *ammainare*.

Português: *amainam*.

Citações em outros autores: Pigafetta, *amainasseno*: p. 110, 196, 269.

Análise do dado: AMAINAR: descer, abaixar as velas. Com essa significação é um empréstimo lexical do português, segundo Zaccaria (1927, p. 26). Registrado em todos os dicionários italianos modernos e nos dicionários históricos: do latim *ad* e *minare*, conduzir (PIANIGIANI, 1991, p. 48). O verbo *ammainare* está adaptado graficamente à língua italiana porque, segundo Zaccaria (1905, p. VI), em muitos empréstimos, bastava geminar uma consoante, modificar uma vogal mediana ou acrescentar um *-e* final para adaptar-se completamente à grafia italiana. Zaccaria (1927, p. 26) afirma que esse verbo vem do espanhol, contudo podemos considerá-lo um iberismo. Vemos que o primeiro a atestá-lo em ambiente de interferência do português é Varthema (cf. POZZI, 1991, p. 1073). Além disso, está dicionarizado na língua italiana como palavra que entrou para essa língua vinda do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, com o acréscimo da desinência de verbos de 1ª. conjugação italiana em *-are*.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] ma lui sa la lingua de Portoghesi, et dirà tutto quello che facemo qui. Perché se faceva grandissima <armata>” (VARTHEMA, 1885, p. 236).

Italiano: *armata*.

Português: *armada*.

Citações na obra: p. 224, 225, 236.

Citações em outros autores: Corsali, *armata*: p. 5, 8, 10, 12, 13, 14, 458, 468, 477, 487; Ardizi, *armata*: p. 756, 759, 762; Pigafetta, *armata*: p. 109, 111, 119; Federici, *armata*: p. 22, 53, 77; Balbi: p. 59, 60, 89, 103, 140 etc.; Sassetti: p. 301, 391, 446, 447, 494 etc.

Análise do dado: ARMADA: frota de navios que navegam juntos, com a mesma missão, equipados de armamentos, sob o comando de um capitão-mor. Existe essa palavra no italiano, com o significado de armada militar. Romanini (2004, p. 150), citando Cardona, sustenta que

armata é um iberismo com o significado de navio ou barco “aparelhado e dotado de equipamento útil à navegação”, isto é, pronto a navegar. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo **–ato**, normal italianização do sufixo português **–ado**. Ver **andate d’armata** em Da Empoli.

ARTEGLIARIA s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “Qui non se usa <artegliaria>, ma hanno alchune lanze et spade, le qual lanze sono de canna, et con quelle combattono fra loro” (VARTHEMA, 1885, p. 174).

Italiano: *arteglieria*.

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 176, 224, 225.

Citações em outros autores: Corsali, *artiglieria*: p. 468, 461, 469, 470, 483, 485, 486, 490 etc.; Da Empoli, *artiglieria e tiri d’artiglieria*: p. 183-184; Pigafetta, *artigliaria*: p. 135, p. 140, 161, 162, 171, 206 etc.; Ardizi, *artiglieria*: p. 762; Federici, *artigliaria*: p. 25, 28, 10; Balbi: p. 60, 62, 66, 75, 102, 111; Sassetti, *artiglieria*: p. 323, 479, 539, 558.

Análise do dado: ARTILHARIA: conjunto de materiais utilizados para a guerra, consistindo de canhões, projéteis, bocas de fogo etc. A palavra artilharia existe em italiano, contudo Cardona (1973, p. 185) a registra como provável étimo português. DEI (1999, p. 131) atesta provir do francês *artillerie*, documentado em 1272. Pianigiani (1991, p. 88) afirma ser uma palavra originária do espanhol *artilleria* e do português *artelharia* e também do francês *artillerie*. Acrescenta que alguns estudiosos (Diez, Littré Scheler) afirmam provir do diminutivo latino *articulus*, *arti’clus* e deste passou para o francês, com o significado de arte da guerra, de fortaleza e tornar forte (por meio da guerra). Na primeira edição do dicionário Crusca (1612, p. 279) esta palavra é definida como um artefato que dispara uma bola de ferro (canhão). Como os primeiros significados da palavra diferem daquele dado pelos portugueses e espanhóis, provavelmente foi introduzido nas línguas ibéricas como um decalque semântico, como comprova Cardona. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a substituição de /g/ para a líquida /λ/ representada pelo dígrafo **–gl**. Ver **tiri di artiglieria** e **artigliato** em Da Empoli.

BAHAR s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Se la merchantia de che se tracta fra loro fusse specie, parlano a <bahar>, el qual bahar pesa tre cantara delli nostri” (VARTHEMA, 1885, p. 160).

Italiano: –

Português: bar.

Citações em outros autores: Da Empoli, *bari*: p. 178, 179; *bachar*, *bacare/i*, *bachari*, *bachares*: p. 236. Pigafetta, *bahar*: p. 158, 164, 165, 168 etc.; Federici, *bar*: p. 87; Balbi: p. 22, 51, 52, 74, 131 etc.; Sassetti: p. 396.

Análise do dado: BAR: medida de peso da Índia, que varia entre 141 e 330 quilos, utilizada sobretudo na compra e venda de especiarias. Em italiano existe a palavra *bar*, como unidade de medida de pressão atmosférica. Caraci (1991, p. 408-409, nota 4) afirma que é palavra do português, e deste do malaio *bahar*, através do sânscrito *bhāra*. Dalgado registra *bahar*, *baar* e *bar* (1919, p. 78-79) e afirma que era uma medida comum difundida pelos árabes. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética no acréscimo do fonema –a.

BAIRAM s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “Se carica in questa terra ogni anno cinquanta nauilii de panni de bombace, et de seta, li quali panni sono questi, zoè <bairam>, namone, lizari, ciantar, doazar, et sinabaff” (VARTHEMA, 1885, p. 189).

Italiano: –

Português: beirame.

Citações em outros autores: Da Empoli, *bairalam*: p. 189, 201; Pigafetta, *berania*: p. 162.

Análise do dado: BEIRAME: tecido fino de algodão. Dalgado (1919, p. 113) registra como pano de várias cores, fabricado na Índia, cujo étimo é do persa *bairam*, *bairamī*. Presente também no Bluteau (1712, p. 119), em duas entradas, beirame e beiraminhos. Em Da Empoli (1999, Lett/Emp2, p. 201), vemos que o autor faz distinção entre eles na largura e nas características dos tecidos: os últimos servem para a roupa branca, enquanto que os primeiros são azuis e brancos e são finíssimos. Caraci (1991, p. 438, nota 1) atesta que essa palavra origina-se do persa *bairam*, difundida através do português *beirame*. É difícil precisar o tipo de adaptação, uma vez que não existe em italiano essa palavra. Certamente o autor a registrou como a ouviu, pois se aproxima mais da forma escrita do persa que do português.

CALAMPAT s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Et acciò intendiate, sono tre sorte de legno aloë. La prima sorte et la più perfecta se chiama <calampat>, el qual non nasce in questa insula” (VARTHEMA, 1885, p. 203).

Italiano: –

Português: calambuco.

Citações na obra: p. 204.

Citações em outros autores: Da Empoli, *chalambuc*: p. 214; Sassetti: p. 335, 366.

Análise do dado: CALAMBUCO: planta da família das timeleáceas, (*Aquilaria agallocha*) cuja madeira resinosa é queimada como incenso para perfumar o ambiente. Dalgado (1919, p. 180-181) registra calamba, calambá, calambac e calambuco, do malaio *kalambāq*. Zaccaria (1927, p. 80) afirma que calambuco em português reproduz uma palavra oriental, recorrente na literatura dos viajantes portugueses, e que Barros registra *calambuc*.

CAMPANE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “li quali navilii se chiamano <campane>, che sono piane de sotto, et dimandano pocha acqua, et portan robba assai” (VARTHEMA, 1885, p. 171).

Italiano: *sampan, sampana*.

Português: *champana*.

Citações na obra: *chiampana*: p. 208; *ciampana*: p. 222.

Citações em outros autores: Da Empoli, *cianpane*: p. 181;

Análise do dado: CHAMPANA: pequena embarcação com uma pequena cobertura de bambu, utilizada nas costas e rios do Extremo Oriente e Malásia para o transporte de pessoas e mercadorias (Houaiss). Dalgado (1919, p. 254) a chama de ‘champana’ e ‘champão’, do chinês *sam-pan*. Treccani afirma que são embarcações grandes e Varthema informa que transportam grande quantidade de mercadorias. O autor grafa de três maneiras esse *Ecasual*: *campane* (p. 171), *chiampana* (p. 208) e *ciampana* (p. 222), pois estamos na fase inicial do neologismo, quando ainda não se firmou definitivamente, o que confirma a teoria de Barbosa (1981, p. 120) segundo a qual o neologismo, antes de se firmar, passa por diversas fases. Atestado por Caraci (1991, p. 349, nota 2) e Cardona (1973, p. 187) como palavra transmitida pelo português. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na perda de consoante central –h.

CAPITANEO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “In questa ìnsula sta una forteza murata ad usanza nostra appresso al mare, nella quale alcune volte sta un <capitano> che se chiama Sauain, el qual tiene iiii. cento mamaluchi, et lui anchora è mamalucho ” (VARTHEMA, 1885, p. 109).

Italiano: *capitano*.

Português: *capitão*.

Citações na obra: p. 19, 22, 25, 29, 30, 31 etc.

Citações em outros autores: Corsali, *capitano*: p. 477, 476, 481; *capitano/i generale/i*: p. 468, 490; *c. maggiore*: p. 459, 468, 476, 483 etc.; Lett/Cor1: *c. majore/maggiore*: p. 5, 7, 13, 14. *chapitano/i*: p. 166, 167, 172, 173, 177, 186 etc.; *capitano maggiore*: p. 161, 162, 163, 166, 167, 168 etc.; *c. generale*: p. 172, 175, 187 etc.; *c. maggiore generale*: p. 165, 169, 170, 177 etc. Pigafetta, *capitaneo*: 109, 111, 115, 116, 121, 120, 125, 126, 127, 130 etc., *c. generale*: 109, 111, 116, 121, 125, 126, 127, 130 etc.; *nave capitanea/capitania*: p. 115, 120, 130; Ardizi, *capitano*: p. 756, 760, 762; Federici, *capitano/i*: p. 13, 14, 22, 33, 43 etc. *capitan maggior*: p. 104; Balbi, *capitano*: p. 45, 47, 48, 80 etc.; *c. di armata*: p. 60. Sassetti: 523, 280, 419, 446, 447, 481, 522, 527, 528 etc.

Análise do dado: CAPITÃO: comandante de navio, navio mercante ou expedição marítima; chefe de uma comunidade portuguesa (ou não) no Oriente. Essa palavra existe em italiano, pois se origina do latim, mas nos textos dos viajantes está vinculada ao sentido semântico do português (cf. Cardona, 1973, p. 196; Pozzi, 1991, p. 1093). Em Da Empoli encontramos todas as palavras referentes a essa hierarquia naval: para referir-se ao comandante-geral da frota está registrada como *capitano gienerale* (capitão-geral): “E quivi aspettando il <capitano gienerale>, il quale venne e rallegrossi della presa che avamo fatta” (Da EMPOLI, 1999, p. 169); para o comandante do navio, como *capitano maggiore* (capitão-mor): “[...] determinai di spacciare uno per terra a Ghoe con lettere al nostro <capitano maggiore>” (Da EMPOLI, 1999, p. 172); para reforçar o sentido, registra *capitano maggiore generale* (capitão-mor geral): “Partissi il <capitano maggiore generale> chon 11 navi per Chuccin [...]” (Da EMPOLI, 1999, p. 168); outras vezes somente *chapitano* (capitão); “Il nostro <chapitano> non si volse difendere, ne trarre artiglieria” (Da EMPOLI, 1999, p. 173, todos grifos nossos). Como vemos, existe toda uma hierarquia no comando do navio e Da Empoli a nomeia, sempre se referindo ao sentido português da palavra. Com o significado de chefe de uma comunidade, o encontramos em outros viajantes. Decalque homonímico, com variações gráficas da palavra *capitano* ou *chapitano*.

CAS s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] et de quelle picole d'argento ne vanno xvi. per un fanon. Et ancho hanno altra moneta chiamata <cas>, che ne vanno xvi. per un Tare d'argento” (VARTHEMA, 1885, p. 123).

Italiano: –

Português: caxa.

Citações em outros autores: Balbi, *cazza*: p. 131; Carletti, *cascie*: p. 122, 140, 162.

Análise do dado: CAXA: antiga moeda asiática de cobre de pequeníssimo valor, corrente outrora na Índia austral. Dalgado (1919, p. 175) apresenta a entrada caixa (segundo ele a mais usada), caxa e caxe, mas, como Aulete registra a entrada caxa, que optamos como equivalente. Bluteau (1712, p. 41) também apresenta a entrada caixa e a emprega como sinônimo caxa. Cardona (1973, p. 200) atesta como provável étimo português *cascia* (caixa), através do tâmil *kācu*. Perujo (1976, p. XLVIII) afirma que os portugueses chamaram *caxa* uma moeda de pouco valor. Com o superstrato da língua inglesa, que dominou no Oriente o comércio de especiarias, *casce*, mudou para o inglês *cash*, que hoje em português possui o significado dinheiro vivo. O que observamos no uso dessa palavra é que a língua é usada sempre em um contexto cultural, comprovando o seu percurso neológico, determinado sempre pelo falante, que é o verdadeiro mentor na constituição do léxico e, por consequência, da sua língua. Do sânscrito vem a palavra *cascie*, do português caxa, o inglês *cash* e volta ao português como *cash*, em harmonia com a história das palavras, que, como organismos vivos, estão sempre sujeitas às mudanças tais como: gráfica, fonéticas, semânticas e morfosintáticas. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na perda do fonema final.

CHATURI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: Ancora vi è un'altra sorte de navilii qual vanno a vela et a remi, et son facti tutti de un pezo de longheza de xii. et xiii. passa l'uno, et hanno la bocca stretta, che non poi andare uno huomo a paro, ma conuiene andare uno nanti l'altro; et sono aguzze da tutte doe le bande; li quali navili se chiaman <chatur>, et vanno o a vela, o a remo più che galea, né fusta, né bregantino. (VARTHEMA, 1885, p. 146).

Italiano: –

Português: catur.

Análise do dado: CATUR: embarcação estreita e ligeira, utilizada na Índia para locomoção. Diferencia-se de cúter, que entrou para o português e para o italiano através do inglês *cutter*, outro tipo de embarcação, leve e veloz, que serve para a guerra. Este *Ecasual* aparece em outros viajantes portugueses do período, como Duarte Barbosa e Fernão Pinto, por isso podemos considerar como sendo corrente no português e no italiano dos viajantes (DALGADO, 1905, p. 239); etimologia possivelmente sânscrita. Dicionarizado no Aulete Digital, mas não no Houaiss. Atestado por Zaccaria (1927, p. 458) como sendo do português. Adaptação morfológica formal e perda de consoante central **-h** e número plural masculino em **-i**. É comum nos autores do período transcrever palavras da língua com o dígrafo **-ch** e **-gh** quando precedidos por vogal velar ou central: veja-se, por exemplo, *tancho* (VARTHEMA,

1885, p. 140), *cochos* em Carletti, *charne*, *linghue*, *ghovernatore* em Da Empoli etc. Contudo a adaptação é apenas gráfica, não existindo a adaptação fonética, que seria comum no português na pronúncia do dígrafo **-ch**: /ʃ/. Como são muitos os *Ecasuals* com essas adaptações gráficas, a partir de agora não as indicaremos mais.

CIACCARA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Una sorte de fructi trovai in Calicut che se chiama <ciaccara>. El pede suo si è a modo de uno pero grande, et el fructo è longo doi palmi et doi e mezo, et è grosso come la cossa del homo” (VARTHEMA, 1885, p. 150).

Italiano: *jack*.

Português: *jaca*.

Citações em outros autores: Pigafetta: p. 126, 149, 182; Sassetti, *Giava*: p. 472.

Análise do dado: JACA: fruto da jaqueira (*Artocarpus heterophylla* Lam.), planta originária da região sul e sudeste da Índia na costa do Malabar e hoje difundida no Brasil. Varthema faz uma descrição minuciosa da planta e do fruto: utiliza o nome malaiala, pois o nome em português, ainda no início dos contatos com os povos orientais, não se havia firmado. Descreve a jaca como uma fruta parecida com a melancia, nodosa por fora, tendo por dentro pequenos frutos vermelhos e o miolo parecido com feijões, mas maiores e macios, como castanhas ao comer. Apesar de parecer uma palavra inglesa, encontra-se dicionarizada no Treccani como *jack* e consta que se origina do português, contudo não está dicionarizada no Zing. Dalgado (1919, p. 471-472) atesta que a palavra origina-se do malaiala *chakka*. A pronúncia em **-j** seria porque, na língua do oriental, o dígrafo **ch**– pronuncia-se /ʃJa.ka/. Ao ouvir essa palavra, tanto Pigafetta quanto Varthema a transcreveram por aproximação fonética /tʃi.ˈa.ca.ra/.

CIONAMA s. f. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] et similmente mangiano con le diete foglie certa calcina de scorze de ostreghe, le quale loro chiamano <cionama>” (VARTHEMA, 1885, p. 136).

Italiano: –

Português: *chuna*.

Análise do dado: CHUNA: cal preparada à base de farinha de ostra. Aulete registra três entradas para o mesmo *Ecasual*: *chuna*, *chunambo* e *chuname*, mas é na entrada *chuna* que está a definição. Dalgado (1919, p. 282-283) registra a entrada *chunambo*, do indo-português dravídico e o sinônimo *chumame*, do indo-português gáurico. Acrescenta que a admissão

dessa palavra indiana no nosso vocabulário deve-se ao fato de a cal ser feita com outro material. Encontramos registro em Caraci (1991, p. 336, nota 1), contudo os autores não especificam que essa palavra tenha étimo português.

COMOLANGA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] et è una cosa molto singulare; et questo se chiama <comolanga>, et nasce in terra a modo de meloni. (VARTHEMA, 1885, p. 151).

Italiano: –

Português: combalenga.

Análise do dado: COMBALENGA: espécie de abóbora trepadeira, da família das curcubiáceas (*Cucurbita indica*). Dalgado (1919, p. 300) afirma ser o étimo do dravídico. Está dicionarizada no Bluteau (1712, p. 289) e no Moraes Silva com esse sentido (1813, p. 417) e com o sinônimo de “cabaças da Índia”. Presente no Aulete Digital, mas não no Houaiss. Caraci (1991, p. 343, nota 3) o registra como sendo *abobora* (*Cucurbita pepo*), do malaiala *kumpalam* e sustenta que Varthema é o primeiro a registrar esse *Ecasual*.

COPERTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “L' altra sorte sono facti con la proa dinanzi et drieto, et portano dui timoni, et dei arbori, et son senza <coperta>” (VARTHEMA, 1885, p. 187).

Italiano: *coperta*.

Português: coberta.

Citações na obra: p. 187.

Citações em outros autores: Da Empoli, *coverta*: p. 162; *di basso di c.*: p. 191; *sotto c.*: p. 191; Corsali, *coperte*: p. 486; Pigafetta, *coverta*: p. 166; Sasseti, *coperta/e*: p. 463, 446.

Análise do dado: COBERTA: espaço coberto no convés dos navios, onde se abrigam a tripulação, equipamentos ou provisões etc. Atestado em Cardona (1973, p. 188) como sendo *Ecasual* do português *coberta*. Decalque sinonímico com adaptação fonética na substituição de fonema /b/ por /v/.

CORCOPAL s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Qui se trova un altro fructo a modo de un melone, et ha le fette pur a quel modo, et quando se taglia se trova dentro iii., o vero iiii. grani che pareno uva, o vero visciole, cossi agri: lo arboro de questo si è de alteza de uno arboro de melcotogno, et fa la foglia in quello

modo; et è questo fructo chiamato <Corcopal>, el quale è ottimo a mangiare, et perfecto per medecina” (VARTHEMA, 1885, p. 151).

Italiano: –

Português: brindeiro.

Análise do dado: BRINDEIRO: planta cultivada desde a antiguidade na Indonésia, na península do extremo do Sueste Asiático e no sul das Filipinas (*Garcinia indica*), cujos frutos são comestíveis, parecidos com uma laranja pequena, casca vermelha e polpa branca com sabor ácido e refrescante; dos caroços se extrai um óleo medicinal. Dalgado (1919, p. 214) registra como entrada carcapuli, étimo malaiala *kodukka-puli*. No Houaiss não aparece essa entrada, mas encontramos no Aulete a planta denominada brindeiro com sinônimo de brindão: “árvore da Índia Portuguesa. F. Brindão”. Caraci (1991, p. 342, nota 9) confirma que se trata da *Garcinia indica* e assegura que Varthema é o primeiro a falar sobre essa planta. É difícil analisar as adaptações desse *Ecasual*, pois nada, praticamente, o relaciona com a palavra portuguesa.

CORTOR s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Li mercadanti hanno questa usanza quando vogliono vendere, o comprare le loro mercantie zoè in grosso, sempre se vendeno per mano del <Cortor>, o vero del Leila, zoè del Sensale” (VARTHEMA, 1885, p. 159).

Italiano: –

Português: corretor.

Citações na obra: p. 160.

Análise do dado: CORRETOR: pessoa que trabalha como intermediário na compra e venda de bens móveis e imóveis. Não encontramos atestação desse *Ecasual* em lexicógrafos italianos, mas depreende-se do contexto que se trata da palavra corretor, presente no português com esse significado a partir do século XIV, portanto anterior à citação. No português europeu, a supressão da vogal átona /e/ e /ε/ entre consoantes é comum, o que explicaria a grafia *cortor* /kor.tor/ da ocorrência.

CURIA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] et così lui li donò meza <curia> de rubini, li quali erano x., de valore de cinque cento Pardai” (VARTHEMA, 1885, p. 210).

Italiano: –

Português: corja.

Citações na obra: p. 160.

Análise do dado: CORJA: quantidade de vinte objetos, assim como falamos uma dúzia de ovos: corja de rubis, corja de roupas etc. Dalgado (1919, p. 309) afirma que há divergência entre os lexicógrafos quanto à etimologia, talvez do árico *kîdi*, mas que o termo se popularizou na Índia porque ali se vendiam artigos em vintenas; acrescenta que a palavra atualmente assumiu sentido pejorativo. Atestado também no Bluteau (1712, p. 548) e Moraes Silva (1813, p. 472). Não encontramos registro da palavra curia nos dicionários Houaiss, Aulete e Aurélio. Cardona (1973, p. 200) atesta como provável étimo português *corja*. Decalque homonímico com adaptação gráfica na substituição de –j por –i. Na língua italiana a consoante –j é pronunciada –i.

ENNA s. f. sing. *Matéria-primas transformadas*.

Atestação: “[...] et infra ciaschuna delle colonne del circulo de basso stanno alchune navicelle de pietra, le quale sono longhe dui passi, et sono piene de uno certo oglio, el qual se chiama <Enna>” (VARTHEMA, 1885, p. 166).

Italiano: *henna*.

Português: hena.

Análise do dado: HENA: óleo preparado com as flores e folhas da hena, planta da família das litráceas (*Lawsonia inermis* L), largamente utilizada para tingir a pele, cabelos, tecidos etc. No contexto, Varthema explica uma cerimônia que se realiza no dia 25 de dezembro, na qual as pessoas são ungidas na testa com óleo de hena. Na língua italiana é atestada apenas em Zaccaria (1927, p. 479) como “*certo olio, do português hena*”.

FANON s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] et altre de oro, che ne vanno xx. al Pardao, et chiamasi <Fanon>; et de quelle piccole d'argento ne vanno xvi. per un Fanon” (VARTHEMA, 1885, p. 123).

Italiano: –

Português: fanão.

Citações em outros autores: Balbi, *fannò*: p. 76, 83, 85. Sassetti: *fanò*: p. 919; *fanois*: p. 438, 521.

Análise do dado: FANÃO: antiga moeda de ouro da Índia (Aulete). Dalgado (1919/21, p. 386-387) define fanão como “Antiga moeda pequena de ouro ou de prata, corrente na Índia meridional, de valor variável entre 20 e 40 reis”, de etimologia malaiala *pawam*, que significa dinheiro. Bluteau (1712, p. 30) apresenta a entrada fanam, fanaõ como moeda de ouro baixo

utilizada na Etiópia e acrescenta uma subentrada fanaõ, com o significado de quilate, e informa que na Índia os rubis e safiras se vendem por fanoens (quilates). Registrado também em Balbi, com o mesmo significado (ver **fannò** nesse autor). Pelo contexto depreende-se que são moedas da Índia, pois a ocorrência se apresenta no capítulo em que fala da cidade de Narsinga, Índia. Cardona (1973, p. 201) confirma que o trâmite para o tâmil e malaiala aconteceu através do árabe, devido à realização fonética do tâmil /p/ → p /f/. Registra como provável étimo português fanaõ, através do árabe *fanam* e deste para o tâmil e o malaiala *panam*. Decalque homonímico com adaptação fonética e gráfica na transcrição do **-n** final no lugar da nasal **-ã**, pois o italiano não admite essa realização fonética.

FARASOLA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “O veramente parlano a <Farasola>, la qual Farasola pesa circa xxv. libre delle nostre” (VARTHEMA, 1885, p. 160).

Italiano: –

Português: faraçola.

Análise do dado: FARAÇOLA: medida de peso utilizada na Índia portuguesa que varia entre 8 e 11 quilos. Bluteau (1712, p. 420) registra “faraçola, termo da India”. Dalgado registra faraçola, do árabe *fārsala*, medida de peso usada no comércio na Índia. Cardona (1973, p. 201) registra *faraçola*, *faraçala*, étimo provável do português, através do árabe *farāsila*. Decalque homonímico com adaptação gráfica na substituição do grafema **-ç** por **-s**.

FACTORIA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Andando un poco più avanti, vidi al conspecto de una certa casa bassa tre botte vode, per le quale pensai che lì era la <factoria> de Christiani” (VARTHEMA, 1885, p. 238).

Italiano: –

Português: feitoria.

Citações na obra: p. 239.

Citações em outros autores: Da Empoli: p. 161, 168, 169. Varthema, *factoria*: p. 238, 239; Sassetti: p. 519.

Análise do dado: FEITORIA: entreposto comercial existente nas colônias portuguesas no período da colonização, servindo também de fortificação; o lugar onde se guardavam mercadorias. Da Empoli também emprega o *Ecasual* com o mesmo sentido. Para Caraci (1991, p. 386, nota 7), é palavra do português. Há o decalque da palavra, resultante da interferência do contato linguístico, pois existe em italiano a palavra *fattoria*, com significado

de “reunião de propriedades rurais, sob uma única administração”. Observa-se também uma adaptação semântica, pois o leitor italiano, ao ler essa palavra, muito provavelmente a entenderá com esse significado.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Li Christiani resposero che securi da latri potevamo andare, ma da la_<fortuna> del mare non” (VARTHEMA. 1885, p. 207).

Italiano: *fortuna*.

Português: fortuna.

Citações na obra: p. 84.

Citações em outros autores: Da Empoli: p. 207; Pigafetta: p. 110, 112, 116, 121, 124, 161, 189 etc.; Ardizi: p. 763; Federici, *fortune*: p. 45, 143; Balbi: p. 41, 42, 43, 44 etc.; Sassetti: p. 467.

Análise do dado: FORTUNA: azar e tempestade: com significado de adversidade, desgraça e tempestade. Apesar de no português essa palavra exprimir, mais frequentemente, algo positivo, é também sinônimo de azar e de tempestade (Houaiss, Aulete, Aurélio). Com esse significado está presente em vários viajantes, como na seguinte passagem: “[...] e nos alcançou tal tempestade de mar durante um dia e uma noite [...] e cessada a tempestade (ou a desgraça), tornamos a reunir todas com grandessíssimo prazer”¹⁰² (SPALLANZANI, 1999, p. 160). GDLI (1961, v. VI, p. 226) a registra como uma palavra arcaica, com o mesmo significado, acrescentando que é utilizada também na forma *fortuna di mare*. Atestada em Romanini (2004, p. 151) como um iberismo e em Cardona (1973, p. 188) como um exemplo de convergência entre uma palavra italiana e uma portuguesa. Sem adaptações.

FUSTA s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] et vanno o a vela, o a remo più che galea, né <fusta> né bregantino” (VARTHEMA, 1885, p. 146).

Italiano: *fusta*.

Português: fusta.

Citações na obra: fuste: p. 88;

Citações em outros autores: Da Empoli: p. 170, 173, 174, 184, 185 etc.; Corsali, *fuste*: p. 471; Pigafetta: p. 131, 154; Federici: p. 77, 140; Balbi: 45, 59, 140; Sassetti, *fusta/e*: p. 429, 463, 524, 526, 527.

¹⁰² “[...] et ci sopragungesse tal tenpesta di mare durante uno dì e uma notte [...] et ciessata la fortuna, ci tornamo a ragguntare tutte com grandíssimo piacere”.

Análise do dado: FUSTA: tipo de embarcação comprida e chata utilizada nos mares da Índia. Houaiss afirma ser a palavra de origem controversa, enquanto que Bluteau (1712, p. 242) afirma ser uma palavra de étimo latino. Para Cardona (1973, p. 188) é de origem catalã, e desta língua passou para o italiano, contudo, segundo este linguista o uso é em contexto de língua portuguesa. GDLI (1961, p. 507) registra o uso no italiano em 1304, portanto acreditamos que seja italiana, apesar de Cardona dizer que é um iberismo utilizado.

GALLANGA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: In questo paese se troua viii. o ix. sorte de specie minute, zoè turbibidi, <gallanga>, spiconardo, saphetica, et lacra, con altre specie, che non mi racordo el nome. (VARTHEMA, 1885, p. 100).

Italiano: –

Português: galanga.

Citações em outros autores: Empoli, *chalinghala*: p. 203; Balbi, *galangà*: p. 53, 67. Sassetti, *galanga*: p. 497.

Análise do dado: GALANGA: espécie de erva rizomática com odor semelhante ao gengibre, nativa da Ásia, da qual se extraem óleos essenciais e cujo rizoma é utilizado em condimentos. Existem duas espécies: uma nativa da China (*Alpinia Officinarum*) e outra natural de Java (*Alpinia galanga*). Descrita pela primeira vez por Garcia d’Orta (cf. Dalgado, 1919, p. 414). Caraci (1991, p. 439, nota 2) atesta que o nome se origina da espécie *A. officinarum*, que tem a origem do seu nome no chinês *kao-liang-kiang*, enquanto que a *A. galanga*, vem do persa *khulunjan*. Registramos porque se encontra em contexto de interferência de língua portuguesa.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Et sono questi tali non Mori, non <Gentili>: credo se havessero el baptismo tutti sariano salvi” (VARTHEMA, 1885, p. 101).

Italiano: *gentile*.

Português: gentios.

Citações na obra: gentili: p. 104, 106, 108, 133, 140, 177, 225 etc.

Citações em outros autores: Pigafetta: p. 129, 134, 138, 141, 161 etc.; Da Empoli, *gentile/i*: p. 169, 199, 201, 202, 203; Corsali: p. 6, 8, 9, 10, 13; Federici: p. 13, 17, 19, 22, 23, 33, 40 etc. Balbi: p. 40, 51, 61, 72, 73 etc. Sassetti: p. 220, 221, 296, 380, 381, 400, 418, 498 etc.

Análise do dado: GENTIO: relativo ou pertencente a indivíduos pagãos, idólatras, para distinguir de muçulmano. Em italiano existe essa palavra de étimo latino, usada desde a

antiguidade com o sentido de pagão. No contexto dos viajantes, é do português, pois se opõe a mouro e a cristão, em nova adaptação semântica (cf. Pozzi, 1991, p. 1131, e Cardona, 1973, p. 195). Adaptação gráfica com acréscimo do fonema –**li**, de número plural masculino italiano em –**i**.

GIOGHI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Questo Re de <Ioghe> si è homo de gran signoria, et fa circa xxx. milia persone; et è Gentile, et tutto el popolo suo” (VARTHEMA, 1885, p. 104).

Italiano: *yogin*.

Português: iogue.

Citações na obra: p. 242, 243.

Citações em outros autores: Balbi: p. 83. Sassetti: p. 423.

Análise do dado: IOGUE: jogue, indivíduo que pratica a ioga. Dalgado (1919, p. 491-493) registra jogue e afirma que “literalmente significa asceta hindu” e Bluteau registra “jogueiro, como derivado de jogue”. Registrado *gioghi* em Cardona (1973, p. 193), que atribui como possível étimo o português. Cardona indica como atestação Knowlton¹⁰³ (1964, p. 147), mas não Dalgado, que é uma das suas fontes. O conceito de iogue que temos hoje, aquele que pratica a ioga, difere daquele que é dado por Varthema. Para este autor os iogues possuíam um lugar de destaque na sociedade hindu, pois faziam parte intrínseca da cultura do povo, da sua religião e da sua arte. Renunciavam a todos os valores da sociedade, em busca da iluminação, isto é da paz e da serenidade. Decalque homonímico, com adaptação semântica e adaptação fonética na transcrição do grafema –**j** em –**gi**.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Qui non c'è Re, nè mancho <Governatore>, ma sono alchuni villani, quasi como bestie, senza alchuno ingegno” (VARTHEMA. 1885, p. 210).

Italiano: *governatore*.

Português: governador.

Citações em outros autores: Da Empoli, *ghovernatore*: p. 169, 170, 175, 176, 180; Corsali: p. 5, 468, 500, 501; Pigafetta: p. 154, 155, 175; Federici: p. 34. Carletti: p. 170; Borri: p. 47, 48, 81, 91, 126, 128, 129; Cavazzi: p. 3, 6, 16, 17, 19, 80, 184, 604; De Carli: p. 17, 21, 53, 60, 98, 100, 119, 125; Guattini: p. 91.

¹⁰³ KNOWLTON, J., C. **Antão de Proença**'s. Vocabulario Tamulico Lusitano: Indo portuguese elements, “Tamil Culture” II. 1954, p. 135-164. Obra não consultada.

Análise do dado: GOVERNADOR: aquele que governa, administra um estado, uma província ou região administrativa; no contexto, com o sentido de governador de um posto avançado ou de uma fortaleza portuguesa. Apesar de existir em italiano a mesma palavra com o mesmo sentido, Cardona (1973, p. 197) indica como étimo mais provável o português. Decalque homonímico com adaptação gráfica no sufixo italiano **–ore**. Ver **ghovernazione** em Da Empoli.

LEILA s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] o comprare le loro mercantie zoè in grosso, sempre se vendeno per mano del Cortor, o vero del <Leila>, zoè del Sensale” (VARTHEMA. 1885, p. 159).

Italiano: *asta*.

Português: leilão.

Citações em outros autores:

Análise do dado: LEILÃO: hasta, venda pública de objetos que são arrematados pela melhor oferta. Atestado em Cardona (1973, p. 198) *lella*, como étimo provável do português *leilão*, com significado de hasta pública e deste do árabe *al-iclām*, através do malaiala *lelang* e tâmil *ēlam*. Na adaptação gráfica, falta a terminação em **–ão** do português, que nos viajantes se realiza na terminação **–on**, **–one**.

MANIGLI s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Lo sacerdote qual vuol far el sacrificio, se mette alle braccia, alle mani, et alli piedi alchuni <manigli> d’argento, li quali fanno grandissimo rumore come sonagli” (VARTHEMA, 1885, p. 130).

Italiano: *maniglia*.

Português: manilha.

Citações em outros autores: Pigafetta, *maniglie*: p. 129, 184; Federici, *manine*: p. 23, 24; Balbi, *manili*: p. 76; *manini*: p. 98. Sassetti, *maniglie*: p. 218.

Análise do dado: MANILHA: argola usada como enfeite para os pulsos e em algumas culturas também no tornozelo. Pozzi (1991, p. 1152) indica como um iberismo, do espanhol *manilla* e do português *manilha*. Zaccaria (1927, p. 254) acredita que o italiano *maniglia* seja uma reprodução dessas duas línguas; também Cardona (1973, 184) registra como étimo provável do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica de plural italiano em **–i** e fonética dos dígrafos em **–lh** /**–j**/ em **–glia**.

NAERI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “La seconda sono <Naeri>, li quali sono como ad noi li gentilhomini, et questi sono obligati a portar ela spada e la rotella o archi o lance” (VARTHEMA, 1885, p. 133).

Italiano: –

Português: naires.

Citações na obra: p. 141, 242.

Citações em outros autores: Da Empoli, *nairi*: p. 147); Pigafetta, *nairi*: p. 189; Federici *nairi*: p. 56, 57; Balbi, *nairi*: p. 76, 137; *narini*: p. 76. Sassetti, *naire/i*: p. 399, 400, 408, 437, 442, 517.

Análise do dado: NAIRE: na estrutura social do sistema de castas do Malabar, militar nobre que servia nas tropas do rajá. Dalgado (1921, p. 93-95) o registra com o significado de indivíduo da classe nobre e militar do Malabar e também como cornaca (tratador ou condutor de elefantes). Indica como étimo o malaiala *nāyak*, *nāyoka*, chefe, diretor. Pozzi (1991, p. 1159) afirma que a atestação em Varthema é a primeira a ser registrada, enquanto que GDLI afirma que o primeiro registro ocorre em Pigafetta. Registrado *naire* em Cardona (1973, p. 196), que atribui a Dalgado o possível étimo do português e indica como étimo o tâmil *nayar* e deste para o português. Zaccaria (1927, p. 283) registra *naire*, *nairo*, através do português e espanhol. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número masculino plural em –i.

PARDAI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] la qual rende al re de Decan ogni anno x, milia ducati d’oro, li quali loro chiamano <Pardai>; et sono questi Pardai più streti che non sono li Seraphi del Cairo, ma più grossi, et hanno per stampa doi diavoli, zoè da una banda; et da l'altra banda hanno certe littere” (VARTHEMA, 1885, p. 108-109).

Italiano: *pardao*.

Português: pardau.

Citações na obra: *pardao*: p. 123; p. 117, 122, 165, 192, 208, 210, 220, 221, 242 etc.

Citações em outros autores: Balbi: p. 70.

Análise do dado: PARDAU: antiga moeda da Índia portuguesa de valor variável entre três tostões e pouco mais (MORAES SILVA, 1813, p. 397) ou trezentos e sessenta reis (Bluteau, 1712, p. 164). Cunhada no tempo de Dom Afonso de Albuquerque, circulava na Índia portuguesa em duas espécies: uma de ouro, no valor equivalente a 350 réis; outra de prata, no valor de 300 réis, que começou a ser cunhada em Goa em meados do século XVI e distinguia-se da primeira com o nome de pardau de tangas (Dalgado, 1921, p. 175). Observamos na

atestação que Varthema descreve amplamente como era essa moeda: “esses pardais são menores que os xerafins do Cairo, mas mais grossos, e possuem estampados dois diabos, isto é, de um lado, e do outro algumas letras. Registrado no Crusca, na 3ª e 4ª edições, também no Alberti (1797-1835, p. 54, v. V), porém não nos dicionários atuais. Atestado por Cardona (1973, p. 202) como provável étimo português. Caraci (1991, p. 349, nota 3) identifica os pardaus com os pagodes, moeda denominada pelos habitantes locais de *varaha* o *hÓn* e pelos portugueses *pagode*, moeda (cf. Dalgado 1927; Aulete). Dicionarizado no Houaiss como pardau, de origem sânscrita. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **-i**.

PATRIGNO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: Et poi el viceré fece tirare tutta la gente nella puncta, et qui fece alquanti cavallieri, fra li quali per sua gratia me anchora fece cavalliere; et el valentissimo Capitaneo Tristan da Chugna fu mio <patrigno>. (VARTHEMA. 1885, p. 261).

Italiano: *patrigno*.

Português: padrinho.

Análise do dado: PADRINHO: na cavalaria, pessoa que acompanha o futuro cavaleiro no cortejo para receber a comenda. A distinção era concedida a civis geralmente como homenagem ou recompensa por serviços prestados ao reino. Com esse significado, Cardona (1973, p. 211) registra como étimo provável o português. É a única ocorrência nos viajantes. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com mudança do grafema **-d** do português para **-t** e do dígrafo **-nh** para **-gn** em uma normal italianização desse fonema.

POLIARLI s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “La quinta sorte se chiamano <Poliarli>, quali racoglieno el pepe, el vino et le noce” (VARTHEMA, 1885, p. 133).

Italiano: –

Português: poleares.

Citações na obra: p. 211.

Citações em outros autores: Pigafetta, *poleai*: p. 168, 189; Balbi, *pulia*: p. 137. Sassetti, *polias*: p. 297, 442.

Análise do dado: POLEAR: no hinduísmo, o indivíduo e a classe dos párias, considerados impuros. Aulete registra poleâ, enquanto Houaiss, polear. Dalgado (1921, p. 218) registra

poleá e polear, escravo, indivíduo da classe mais ínfima e impura. Indica como étimo o malaiala *pulayan*, com o significado de poluição. Zaccaria (1927, p. 497) registra *poleai*, como semeadores e colhedores de arroz. GDLI (1961, v. XIV, p. 920) registra *pulia*, como sendo do malabárico *pulayam* e apresenta como atestação Balbi, contudo as atestações de Varthema e Pigafetta são anteriores. Cardona (1973, p. 196) registra *polia* (r), e atribui a Dalgado o possível étimo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica gráfica e fonética na troca do grafema –e por –i e na desinência o acréscimo de fonema /i/ final, de gênero plural italiano, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –r.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] et prima che facciano il sacrificio tutti se lavano in nel Tancho, et puoi sii Bramini <principali> del Re montano a cauallo delle barchette prenominate, doue sta l’oglio, et tutto questo popolo uiene alli dicti Bramini” (VARTHEMA, 1885, p. 166).

Italiano: *principale*.

Português: principais.

Citações na obra: p. 18, 131, 165, 166.

Citações em outros autores: Pigafetta, *principale/i*: p. 127, 131, 136, 140. Da Empoli: p. 163, 173, 178. Corsali: p. 504, 485. Balbi: p. 109. Sassetti: p. 214, 521.

Análise do dado: PRINCIPAL: por extensão de sentido, o mais importante, em uma hierarquia de dignidades. Atestado em Caraci (1991, p. 410) e Cardona (1971, p. 42) como sendo do português *principal*, significando o maior. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural italiano em –i.

SBARATTATA adj. *Área militar*.

Atestação: “Et poi tutta la nocte furono seguitati, sì che tutta questa armata fo <sbarattata>, senza morte de alchuno Christiano” (VARTHEMA, 1885, Lett/ Cor3, p. 251).

Italiano: *sbarattare*.

Português: desbaratada.

Citações em outros autores: Da Empoli, *disbarattare*: p. 185; *disbarrattamo*: p. 196; Corsali, *disbarattorono*: p. 485; *disbarattato*: p. 491. Federici, *disbaratato*: p. 152.

Análise do dado: DESBARATAR: derrotar. Esse *Ecasual*, pelo contexto, pode ser entendido no sentido de derrotar e não de dispersar. Atestado como iberismo, do espanhol e português, *desbaratar* por Pozzi (1991, p. 1114) e somente do português em Cardona (1973, p. 203).

Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética no prefixo –s, do italiano, e adaptação morfológica formal, na terminação verbal de particípio presente dos verbos italianos de 1ª. conjugação.

SERAPHI s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] et sono questi Pardai più streti che non sono li <Seraphi> del Cairo, ma più grossi, et hanno per stampa doi diavoli, zoè da una banda” (VARTHEMA, 1885, p. 109).

Italiano: *serafino*.

Português: xerafim.

Citações em outros autores: Da Empoli, *saraffi*: p. 180; *saraffi*: p. 169; Corsali, *seraffi*: p. 501; *asaraffi*: p. 502; Federici, *serafini*: p. 152; Balbi, *serafinni*: p. 70, 71, 76, 159 etc.; Sassetti, *xarafini*: p. 512, 513, 918, 919; *serafino/i*: p. 396, 497, 527; *saraffi*: p. 512.

Análise do dado: XERAFIM: moeda antiga corrente da Índia cujo valor equivalia a 300 réis. Atestado em Bluteau (1712, p. 615) e no Aulete. Dalgado (1921, p. 424-426) registra xerafim e sustenta que a palavra mais correta é xerafim. Distingue duas moedas, uma portuguesa utilizada na Índia Portuguesa e nos portos do Oriente, que a princípio era de ouro e mais tarde de prata, enquanto o árabe-persiano era somente de ouro. Ambos possuíam o mesmo valor. Caraci (1991, p. 301, nota 5) afirma ser do árabe *ashrafi*. GDLI (1961, v. XVIII, p. 710) afirma ser do português *xarafim*. Cardona (1973, p. 203) atesta *serafino*, provável étimo português advindo do árabe. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com perda do fonema final –m.

SERPE s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “Pur una volta fra le altre una bombarda, chiamata la <Serpe>, in uno tiro ne amazzò xviii. de lor, et mai essi amazorono alchuno de noi” (VARTHEMA, 1885, p. 255).

Italiano: –

Português: serpe.

Análise do dado: SERPE: antigo artefato de artilharia, longo e fino semelhante à colubrina (HOUAISS). Moraes Silva (1813, p. 335) registra serpe do arcabuz ou do mosquete, explicando que era o cão da espingarda, onde se punha um pedaço de corda para dar início ao fogo, a fim de disparar a arma, quando ainda não existiam os fechos com pederneira. Atestado em Cardona (1973, p. 187), segundo o qual nesse período existia o hábito de dar nomes aos canhões e bombardas. Sem adaptação.

SINABAPH s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “Io risposi: non andate, perchè perderete queste v. <sinabaph>, che sono peze de tela che portavano perhò che non havete pagato el drito al Re” (VARTHEMA, 1885, p. 237).

Italiano: –

Português: sinabafo.

Citações na obra: p. 189.

Citações em outros autores: Da Empoli, *sinabaffi*: p. 98, 201.

Análise do dado: SINABAFO: tecido de algodão branco e fino da Índia (Aulete). Segundo Dalgado (1919/21, p. 306), a etimologia é do persa, *xānbāft*. GDLI (1961, v. XIX, p. 42) registra a entrada como sendo de etimologia portuguesa e espanhola. Atestado em Zaccaria (1927, p. 365) e Cardona (1973, p. 204) como palavra utilizada pelos portugueses. Decalque homonímico com adaptação gráfica na perda do –o final.

SMONTAMMO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “<Smontamo> in questa insula Monoch, la quale è molto più piccola che non è Bandan” (Varthema, 1885, p. 212).

Italiano: *smontare*.

Português: desmontamos.

Citações na obra: *smontamo*: p. 36, 55; *desmontorono*: p. 256.

Citações em outros autores: Da Empoli, *dismontò*: p. 165; Pigafetta: *dismontare*: p. 126, *desmontare*: p. 170; *desmontato*: p. 166; *dismontasemo*: p. 126, 140. Balbi, *dismontati*: p. 44.

Análise do dado: DESMONTAR: desembarcar, descer de algum lugar. Apesar de existir esse verbo em italiano, com o mesmo significado, Pozzi (1991, p. 114) afirma que, no contexto, o sentido seria conforme o espanhol e português *desmontar*. Contudo em todos os viajantes o sentido é o de desembarcar. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na flexão do passado remoto de 1ª. conjugação.

SOMBLER s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Et el re porta un <Sombler> in scambio de un stendardo, facto a modo de uno fondo de botte, et é facto de foglie d’arboro, et é posto in cima de una canna e facto per riparare el sole al Re” (VARTHEMA, 1885, p. 141).

Italiano: *parasole*.

Português: sombreiro.

Citações em outros autores: Federici, *sombrero*: p. 172; Balbi, *sombrer*: p. 124.

Análise do dado: SOMBREIRO: espécie de guarda-sol utilizado pela nobreza do Oriente para proteger-se do sol e da chuva. Dalgado (1919/21, p. 314-316) dá a seguinte definição para sombreiro: “com os significados de «guarda-sol» e «guarda-chuva» o termo é corrente na Índia e na África Oriental e em ágio-português”. Cardona (1973, p. 184) e Caraci (1991, p. 985, nota 3) registram-no como um étimo provável do português *sombreiro* e que era utilizado com o significado de sombrinha e guarda-sol, feito de folhas de palmeira e sustentado por uma estrutura de madeira com o cabo em serpentina. Decalque homonímico, com adaptação gráfica e fonética na perda do grafema **-i** e **-o** finais e substituição do **-r** por **-l**.

SURGEMMO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “et a vintiquattro de Novembrio del anno sopradicto facessimo lo assalto dentro dal porto de Pannani; in questo giorno nui <surgemmo> davanti alla città de Pannani. (VARTHEMA. 1885, p. 259).

Italiano: *sorgere*.

Português: *surgimos*.

Citações na obra: p. 259.

Citações em outros autores: Da Empoli, *surgiere*: p. 150; *surgiamo*: p. 143, 145, 150; Lett/Emp2, *surgiere*: p. 170, 171, 175, 188, 189, 196; *surgiamo*: p. 175; *surti*: p. 177, 181, 182, 183, 191; *surte*: p. 205. Corsali, *sorgessimo*: p. 475; *surgemmo*: p. 2, 6; Pigafetta, *surgendo*: p. 162; Federici, *sorgere*: p. 61; *sorgeno*: p. 109; *sorge*: p. 110.

Análise do dado: SURGIR: lançar âncora, aportar. Bluteau (1712, p. 798) registra a entrada surgir como sinônimo de “Tomar porto. Apportar”, que deriva do latim *surgere*. Existem muitas discussões entre os linguistas italianos sobre a etimologia dessa palavra. Alguns a reputam uma palavra comum no saber mediterrâneo, cuja origem ainda não é clara (ROMANINI, 2004, p. 152-153). Caraci (1991, p. 234, nota 7) afirma ser do espanhol *surgir*, mas que a origem é do catalão; D’Agostino (1994, p. 798) aventura a hipótese de ser um italianismo e não do catalão. Zaccaria (1927, p. 373) emprega o substantivo *surgitore* como variante do verbo português *surdur*. Embora citada três vezes por Vespucci na sua carta a Lourenço de Médici, verificamos a alta frequência desse verbo em Da Empoli que emprega também o substantivo *surgitoio* e em vários outros viajantes que tiveram contato com os portugueses. Portanto, pode ser considerado um iberismo. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, no acréscimo da desinência de verbos de 2ª. conjugação italiana em **-ere**.

STORACE s. m. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] et brusando el corpo morto accendeno un foco de le più odorifere cose che trovar se possano, come che è legno aloe, belzui, sandalo, verzino, <storace>, et ambra, incenso, et alchuna bella grampa de coralli” (VARTHEMA. 1885, p. 183).

Italiano: *storace*.

Português: *estoraque*.

Citações em outros autores: Da Empoli: p. 202; Corsali, p. 9; Balbi, *storax*: p. 109.

Análise do dado: ESTORAQUE: resina aromática que se extrai da planta estoraque (*Styrax benjoin*), conhecida popularmente como benjoim, que possui propriedades farmacêuticas e cosmetológicas. Atestado por Pozzi (1991, p. 1203) do espanhol *istorach* e do português *estoraque*. Adaptação gráfica e fonética com a perda da inicial –e.

TARE s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] et anchora batte alchuna moneta d' argento chiamata <Tare>” (VARTHEMA, 1885, p. 123).

Italiano: –

Português: *tara*.

Citações em outros autores: Balbi, p. 26, 35, 69, 77; Sasseti: p. 919.

Análise do dado: TARA: antiga moeda de prata utilizada no sul da Índia, equivalente a um terço do fanão. Existe divergência de grafia e definição entre Houaiss, que registra *tara*, moeda de prata do sul da Índia, e Aulete, *tarre*, moeda de prata do Malabar. Dalgado apresenta três entradas homônimas (1921, p. 359-360) com significados diferentes: moeda da Índia, peso no Sião e barril no Japão. Contudo, na atestação apresentada por Balbi, trata-se da moeda indiana. Esse autor acrescenta que a etimologia é do dravídico *tāra*, que significa estrela. Cardona (1973, p. 203) atesta ser do português, mas afirma ser uma moeda de pouco valor, do tâmil *taram*, que significa cobre, acrescentando que em Hobson Jobson¹⁰⁴ aparece com o significado de moeda de prata.

TOCCHA s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] li huomini da bene portano una camisa curta, et in su la (testa) una <toccha> alla Moresca, et in piede non portan niente” (VARTHEMA, 1885, p. 122, parênteses do autor).

¹⁰⁴ Yule, Henry. **Hobson-Jobson**: a glossary of colloquial Anglo-indian words and phrases, and of kindred terms, etymological, historical, geographical and discursive. Delhi: Manoharlal, 1968.

Italiano: *cuffia*.

Português: touca.

Análise do dado: TOUCA: peça de vestuário utilizada para cobrir a cabeça, turbante. No contexto, turbante utilizado pelos mouros e orientais, que consiste em uma longa faixa enrolada na cabeça. Atestado em Mancini (1994, p. 866), para quem esse empréstimo é do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética no acréscimo do grafema **-c**.

TANCHO s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “La mattina a bona hora questi Gentili se ne uanno a lavare ad uno <Tancho>, el qual Tancho è una fossa d' acqua morta” (VARTHEMA, 1885, p. 140).

Italiano: *vasca*.

Português: tanque.

Citações na obra: p. 165, 166.

Citações em outros autores: Balbi, *tangi*: p. 39.

Análise do dado: TANQUE: reservatório natural de água armazenada pela chuva ou vinda de uma nascente. Varthema explica a cerimônia da purificação que os hindus fazem antes de iniciarem as orações nesse reservatório. Dalgado (1919/21) especifica que não se sabe se os portugueses levaram esse termo para a Índia, ou se o receberam do guserat *tānkī*. Registrado como palavra do português em Mancini (1994, p. 866) e Cardona (1973, p. 192). Decalque sinonímico, com adaptação gráfica e fonética na substituição de /ke/ em /ko/.

ZAMORY s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Adesso vi voglio dire qui in Calicut, perché lui si è lo più degno Re de tutti questi sopradicti; et chiamase lui <Samory>, che viene a dire in lingua Gentile, Dio in terra” (VARTHEMA, 1885, p. 126).

Italiano: *zamorino*.

Português: samorim.

Citações em outros autores: Corsali, *Sammuri*: p. 7; Sassetti, *zamorino*: p. 401, 463, 517, 518, 519 etc.

Análise do dado: SAMORIM: título dado ao soberano de Calicute, na Índia, na época da expansão portuguesa. Dalgado (1921, p. 278-279) registra samorim (çamorim), que significa “rei do mar”, através do malaiala *tāmūdri*. Atestado em Cardona como *zamorino*, étimo provável do português, através do malaiala. Pinto (1962, p. 250, nota 172) acrescenta que o

samorino a que se refere Federici é Huzaiyn Nizām Shāh, rei de Ahmdnagar, que foi um membro importante da liga muçulmana (sobre a liga, ver **idalcan** em Corsali).

ZERZELINO s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “In el presente paese de Calicut se trova gran quantità de <zerzelino>, del quale ne fanno oglio perfectissimo” (VARTHEMA, 1885, p. 156).

Italiano: *sésamo, giuggiolena*.

Português: gergelim.

Citações em outros autores: Federici, *zergelin*: p. 86.

Análise do dado: GERGELIM: sésamo, planta herbácea (*Sesamum orientale*), originária da Ásia e da África, cujas sementes são comestíveis e das quais se extrai óleo para uso culinário. Dalgado atesta a etimologia do árabe *jujulān* e acrescenta que deste passou para várias línguas europeias. Atestado em Zaccaria (1927, p. 415) como do português *gergelin*. Decalque homonímico com adaptação gráfica com substituição de –g por –z e adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência –ino, em uma normal italianização da terminação portuguesa –im, com a adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –i.

5.1.2.2 UFcasuals em Varthema

LINEA EQUINOCTIALE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “È posta questa insula sotto la <linea equinoctiale>, et li abitanti suoi non sono molto bellicosi” (VARTHEMA, 1885, p. 174).

Português: linha.

Análise do dado: ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

MAL FRANZOSO loc. subs. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] stava mal contento per respecto che era in guerra col Re de Portogallo, et anchora perchè lui havea el <mal franzoso>, et havealo in la gola” (VARTHEMA, 1885, p. 147).

Italiano: *mal portoghese*.

Português: mal francês.

Análise do dado: MAL FRANCÊS: framboesia, moléstia tropical, infecciosa e contagiosa, caracterizada por excrescências ulcerosas, semelhantes a framboesas, no rosto, nas mãos e no corpo, e causada pelo *Spirochaeta* ou *Treponema pertenue*. Segundo Manfroni (1929, p. 256), como ele faz menção no texto ao *mal di San Iop* (mal de Jó), pode tratar-se de lepra, mas pode ser também a sífilis, pois essas duas doenças eram em geral denominadas igualmente. Pozzi (1994, p. 297), baseado em Milanesi (1973), afirma que provavelmente Pigafetta “troca por lepra ou por sífilis a framboesia, doença tropical endêmica provocada pela *Spirocheta pertenuis*” e que a sífilis na Ásia era conhecida como mal europeu, e os europeus eram chamados de *franchi*, daí o fato de Pigafetta escrever que eles chamavam a doença de *for Franchi* e Varthema fala da mesma doença, porém a chama de *mal franzoso*. Contudo não se pode descartar a possibilidade que seja a sífilis ou a lepra, pois GDLI (1961, v. XIII, p. 993) insere a subentrada *mal portoghese* como sendo a lepra e cita o Pigafetta. Bergreen (2004, p. 366) assegura que provavelmente trata-se de sífilis, que havia se espalhado por todas as ilhas Molucas. Ainda segundo o autor, a origem da doença nessa região é um mistério; supostamente comerciantes e marinheiros portugueses podem tê-la transmitido, contudo esta doença já havia sido relatada na China séculos antes de ser registrada na Europa.

PATRONE DEL NAVIGLIO loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Et comandorono al <patrone del navilio>, che per niente non me levasse,et così fece” (VARTHEMA. 1885, p. 236).

Italiano: –

Português: patrão de navio.

Citações na obra: *patrone de (dicta) nave*: p. 215; *patrone*: p. 221, 236;

Citações em outros autores: Balbi, *patron di barca*: p. 2, 3, 4, 41, 57; *patron/e*: p. 57, 73; *padron della nave*: p. 16.

Análise do dado: PATRÃO: indivíduo que governa ou é dono de embarcação. É nesse contexto que o *Ecasual* é explicitado, ocorrendo duas vezes na mesma página: “[...] il quale chiamarono il patrone del naviglio”. Atestado em Cardona (1973, p. 197) como sendo do português *patron di nave*, patrão de navio. Decalque aproximativo com adaptação gráfica e fonética na correspondência da terminação portuguesa –ão em italiano –one.

5.1.2.3 Proto/nomcasuals em Varthema

ACQUA VITA loc. subs. *Matérias-primas transformadas.*

Atestação: “[...] et ne fa de una, de doe, et tre cocte, in modo che pare una <acqua vita>, la quale solo ad odorarla, non che ad beberla, fa alterare el cervello del homo; et questo è el vino che se beve in questi paesi”. (VARTHEMA, 1885, p. 155).

Português: áraque.

Análise do dado: A inteira atestação acima, de Varthema, explica a produção da bebida. Ver **urrache** em Da Empoli.

AMBA s. f. sing. *Exploratório-científico.*

Atestação: “Se trova quivi anchora un altro fructo che se chiama <Amba>, e l' pede suo se chiama Manga” (VARTHEMA, 1885, p. 151).

Italiano: *mango*.

Português: manga.

Análise do dado: MANGA: fruto da mangueira (*Mangifera indica* Lin.), cuja planta foi introduzida no Brasil pelos portugueses; alamba, mango. Para Dalgado (1921, p. 27), a palavra manga origina-se do tâmil e do malaiala *māṅkāy*. Dicionarizado em italiano *mango* (planta e fruta) como de origem inglesa, advindo do português através do tâmil *mān-kāy*, *mān-gāy* (Treccani). GDLI (1961, v. IX, p. 647) registra a entrada *manga*, como variação de *mango* e acrescenta que é uma palavra em desuso.

CANNA DE INDIA loc. subs. *Exploratório-científico.*

Atestação: “[...] et l’armatura sua si è una lanza de <canna de India>, longa dieci o vero dodeci braza, con un poco de ferro in cima , et quando vanno a far qualche corraria, vanno stretti come stornelli” (VARTHEMA, 1885, p. 20-21).

Italiano: *canna-de-india*.

Português: cana-da-índia.

Atestações na obra: *canna de India*, p. 20-21; *canna*, p. 141, 174, 184, *canne*, p. 193.

Atestações em outros autores: Pigafetta, *canne grosse*: p. 128, 150, 165, 184; Federici, *canna*: 111. Balbi, *canne d’India*: p. 93; p. 121; *canne*: p. 30, 100, 110, 128; *canne (assai) grosse* p. 97. Sassetti, *canne*: p. 437.

Análise do dado: BAMBU: planta da família das gramíneas (*Bambusa vulgaris*), com diversas utilidades em construção de templos, barcos, móveis, decoração, objetos culinários etc. Atestado em Dalgado (1919, p. 195), que afirma ser o bambu e também outra gramínea denominada erva conteira. Houaiss registra a entrada cana-da-índia, mas trata-se de outra

planta (*Canna indica*). Encontramos em vários viajantes simplesmente *canna/e* (cana/s). Pigafetta fala sobre *canne* e *canne grosse*, assim como Federici registra *canna*, pois a palavra bambu ainda não tinha se firmado no português nem no italiano. O nome *bambu* foi empregado mais tarde, etimologia de origem obscura, talvez de uma língua malaia, segundo Dalgado. No DLTupy, encontra-se *tacuara*, como sinônimo de cana-brava. Consta em Sasseti já como *bambu*, hoje dicionarizado na língua italiana como *bambù*, através do português. Decalque livre.

MALAPOLANDA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Nasce in questo paese anchora un altro fructo molto singulare, el qual fructo se chiama <Malapolanda>. L'arbor di questo si è alto quanto un homo, o pocho più, et fa iiii., o vero v. foglie, le qual sono rami et foglie. Ciascuna de queste copre uno homo da l'acqua et dal sole” (VARTHEMA, 1885, p. 152).

Italiano: *banana*.

Português: *banana*.

Análise do dado: BANANA: nome da banana em malaiala, inicialmente conhecida pelos portugueses como figos ou plátanos (Dalgado, 1919, p. 89). Marr (1972, p. 42-43)¹⁰⁵ atesta que existiam três variedades da planta, todas comestíveis (também algumas variedades que tinham sabor amargo) e que esse era o nome tâmil da banana. Varthema especifica essas variedades: “De questi fructi se ne trova tre sorte, et la prima sorte se chiamano *Cianchapalon* [...] la seconda se chiama *Cadelapolon* [...] la terza sorte sono tristi” (VARTHEMA, 1885, p. 152-153, grifos do autor). Caraci (1991, p. 343, nota 4) registra o étimo malaiala *kumpalam*, banana. Conforme Johnston¹⁰⁶, o nome banana começou a ser usado pelos portugueses apenas a partir do XVIII século e teve origem no oeste da África. Em Sasseti encontramos registrado para banana a proto/nomcasual *fichi*; em Ardizi, *muse*; em Pigafetta, *fighi lunghi uno palmo*. No Houaiss, o lema *banana* é tido como de etimologia incerta. Ver **fighi lunghi uno palmo** em Pigafetta.

MECHNA s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “La quarta sorte se chiamano <Mechna>, et questi sono pescatori” (VARTHEMA, 1885, p. 133).

¹⁰⁵ MARR, John R. An examination of some plant-names and identities in India. **Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland**, n. 1, p. 40-56. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

¹⁰⁶ JOHNSTON, Harry. *Pioneer in India*. New Delhi, A.E.S., New Delhi, 1993. p. 84.

Italiano: –

Português: macuás.

Análise do dado: MACUÁ: no hinduísmo, classe dos pescadores. Dalgado (1921, p. 7-8) atesta ser uma classe de pescador e apresenta a entrada no plural macuas, macuás. Dá como étimo o malaio *mukkuvan*, singular, *mukkuvar* plural. Registrado *mecoa* em Cardona (1973, p. 195), que atribui a Dalgado o possível étimo do português.

NOCE DE INDIA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La gente della terra viveno miseramente, et la maggiore ricchezza che sia qui sono <noce de India>, et de queste mangiano con un pocho di riso” (VARTHEMA, 1885, p. 124).

Italiano: *noce d’India*.

Português: noz-da-índia.

Citações em outros autores: Federici, *noci d’India*: p. 112; Balbi: p. 18, 60, 53, 66 etc.; Sassetti: p. 380, 392, 407.

Análise do dado: COCO-DA-BAÍÁ: fruto da palmeira originária das ilhas do Pacífico (*Cocos nucifera*), de largo uso na alimentação e ampla distribuição geográfica. Noz-da-índia como era denominado por alguns viajantes italianos o coco. Varthema registra *noce de india e tenga*, significando a mesma coisa. Houaiss registra a entrada noz-da-índia como uma planta da família das euforbiáceas (*Aleurites moluccana*), nativa da Índia, aclimatada no Brasil. GDLI (1961, v. XI, p. 477) registra a subentrada *noce d’India*, significando noz de coco. Não encontramos registros nos linguistas italianos dessa *Ecasual*. Decalque livre. Ver **tenga** em Varthema.

4 o 5 STELLE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “et lui ce monstrò <iiii,o v. stelle>, infra le quali ce ne era una, la quale disse che era al contrario della nostra tramontana” (VARTHEMA. 1885, p. 215-216).

Italiano: *quattro o cinque stelle*.

Português: quatro ou cinco estrelas.

Citações em outros autores: Pigafetta: *cinque stelle lucidissime*, p.125; Sassetti, crusero: p. 315, 361, 507.

Análise do dado: CRUZEIRO DO SUL: refere-se à constelação que se encontra nos céus da parte meridional do planeta, mas Varthema não a nomeia, apenas faz referência. O Cruzeiro do Sul fazia parte da constelação do Centauro, mas devido à importância que assumiu como estrela guia dos navegadores, foi separado e assumiu o *status* de constelação (BERGREEN,

2003, p. 113). Foi desenhada e descrita pelos viajantes italianos Giovanni da Empoli e Andrea Corsali, juntamente com o desenho da Nuvem de Magalhães (cf. Fig. 5 e 7), galáxia anã, observada pela primeira vez pela expedição de Magalhães. Decalque livre.

TENGA s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Un altro arboro vi voglio descrivere, el migliore che sia in tutto el mondo, ci quale se chiama <Tenga>; et è facto questo a modo de uno pede de dattilo. Et de questo arboro se ne cavano x. utilità” (VARTHEMA, 1885, p. 153).

Italiano: *cocco*.

Português: coco-da-baía.

Análise do dado: COCO-DA-BAÍA: palmeira de até 30 metros de altura, proveniente do Oriente, sobretudo das ilhas do Pacífico (*Cocus nucifera*). Tenga é nome malaiala da planta e do fruto do coco-da-baía. Esse *Ecasual* aparece em outros viajantes, sobretudo na literatura dos viajantes portugueses (João de Barros, Afonso de Albuquerque). Aparece registrado esse significado no Crusca/1863-1923, mas já tinha sido registrado anteriormente por Alberti (1797-1835); ambos indicam como homônimo o *cocco delle Maldive* (*Cocos nucifera*), por ser o lugar de origem. Sassetti o chama de *noci d’India* e Carletti de *coccos di Maldivia* e registra também *cochos*. Nos primeiros dicionários históricos portugueses (Bluteau e Moraes Silva), também está registrado como coco, mas hoje é comum nos dicionários a entrada coco-da-baía, ou coco-da-bahia, pela ocorrência dessa planta nesse estado. Outros viajantes, como Pigafetta, Sassetti e Da Empoli (que foi o primeiro), utilizam o nome aportuguesado *cocco*. Varthema faz uma descrição interessantíssima, explicando as várias utilidades da planta e do fruto (cf. 5.1.1). Geralmente o coco, o cravo e a canela eram plantas que os viajantes descreviam detalhadamente. Ver **noce de India**, acima.

5.2 GIOVANNI DA EMPOLI

Para a compilação das ocorrências da primeira viagem de Da Empoli (1503-1504) utilizamos a transcrição feita por Marco Spallanzani (1999, p. 139-151), com o título *Relazione del primo viaggio* (1503-1504), baseada na comparação da cópia manuscrita (B.R. 237) com a edição de Ramusio (doravante Lett/Emp1). O autor faz uma comparação e corrige as imprecisões que estão contidas na edição ramusiana. Desse relatório duas cópias manuscritas encontram-se na Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, II IV. 347, cc. 204r. – 206 v. (*Magl.* XXV, 564) e B.R. 237, cc.1r. –9r. (*Magl.* XIII m 86) (SPALLANZANI 1999, p. 113). O texto dessa carta foi publicado pela primeira vez por Ramusio na antologia *Delle navigationi et viaggi*, em Veneza, por Tommaso Giunti (1550), vulgata de todas as traduções feitas sobre a viagem de Giovanni da Empoli. Fabio Romanini (2004) fez também uma comparação dos dois relatórios, produzindo um texto crítico que utilizamos para a comprovação dos *Ecasuals*.

Sobre a segunda viagem, Da Empoli escreveu uma longa carta a seu pai, na qual conta sobre os anos que passou na Índia acompanhando os portugueses. Dessa carta existem duas cópias não autografadas, também na Biblioteca de Florença, II. IV. 347, cc. 208 r. - 232 r. (*Magl.* XXV.564) e B.R. 237, cc. 9 r. - 50 r. (*Magl.* XIII, 86). A primeira cópia, juntamente com a biografia feita pelo tio Girolamo da Empoli e a carta ao bispo de Pistoia, Antonio Pucci foi publicada pela primeira vez no Archivio Storico Italiano por Graberg da Hemso, em 1846. Para a coleta do *corpus* de ocorrências da segunda viagem nos valem da *Relazione del secondo viaggio* (1510-1514), publicada por Spallanzi (1999, p. 159-207), transcrição da fonte II. IV. 347 (doravante Lett/ Emp2). Caraci (1991, p. 371-445) elaborou um texto crítico dessa viagem, que usamos para atestar os portuguesismos presentes.

Utilizaremos ainda para a coleta das ocorrências: 1) a carta escrita a Lourenço de' Medici em 1514 (doravante Lett/Emp3), publicada em Spallanzani (1999, p. 213-214), transcrição do manuscrito do Archivio di Stato, Florença (*filza* 116, nota 405; 2); a carta escrita em Cochim no dia 15 de novembro de 1515 (doravante Lett/Emp4), também em Spallanzani (SPALLANZANI, p. 229-233), transcrição do manuscrito da Biblioteca Nazionale Centrale de Florença (B.R. 233, cc. 127 v. 131); 3); o testamento ditado em Lisboa, no dia 4 de abril de 1515, a bordo do navio Espera (doravante Lett/Emp5), transcrição do documento do Archivio di Stato, Florença (*filza* 2967, B 1953, cc. 11r - 14r), em Spallanzani (p. 219-223).

5.2.1 Um jovem mercador na Ásia (1503-1517)

Mais estanças cantara esta sirena em louvor do illustrissimo Albuquerque; mas lembrou-lhe uma ira, que o condena, postoque a fama sua o mundo cerque. O grande capitão, que o fado ordena, que com trabalhos glória eterna merque, mais ha de ser um brando companheiro pera os seus, que juiz cruel e inteiro (Os Lusíadas, canto X, 45).

Os primeiros anos de Giovanni da Empoli estão bem documentados na biografia feita pelo seu tio Girolamo que se encontra na Biblioteca Nacional Central de Florença¹⁰⁷, sob o nome de *La vita di Giovanni da Empoli da che nacque a che morì, scritta da Girolamo da Empoli* (A vida de Giovanni da Empoli desde o nascimento até a morte, escrita por Girolamo da Empoli), doravante *Vita*. Está transcrita também em Graberg (1846, p. 19-33) e em Spallanzani (1999, p. 17-30).

Empoli nasce em Florença em 24 de outubro de 1483, o primeiro varão após seis mulheres, em uma família que havia adquirido a cidadania florentina em 1372. Para o tio, é um jovem de bom caráter, “muito gracioso e agradável, tanto que todos que o conheciam lhe queriam bem”¹⁰⁸ (GRABERG, 1846, p. 21). Cresce no seio de uma família de mercantes e banqueiros, aprendendo ainda jovem as artes do ofício de negociar. Com apenas 18 anos, em abril de 1502, dirige-se a Bruges, na Bélgica, para trabalhar com os Scarfi e Buonagrazia, onde permanece apenas nove meses, sendo em seguida enviado pela Sociedade de Antonio e Filippo Gualterotti e Girolamo Frescobaldi, como negociante da firma, para a Índia. Por três vezes vai ao Oriente, deixando, das duas primeiras viagens, cartas que relatam as suas experiências.

1) Primeira viagem

A primeira viagem acontece no ano seguinte, em abril de 1503, quando se encontra em Lisboa, onde quatro naus, comandadas por Afonso de Albuquerque, são provisionadas para a ida às Índias, em uma viagem financiada por italianos (os banqueiros Gualtieri e Frescobaldi, Gerolamo Sernigi, Bartolomeo Marchionni, Bernardo Gondhi). As naves que seguem rumo às Índias, passam por Cabo Verde e, em seguida, fazem-se ao largo da costa

¹⁰⁷ Segundo Spallanzani, o original feito em 1530, quando o tio Girolamo da Empoli tinha 79 anos, perdeu-se, mas o tio escreveu uma segunda versão quando tinha 89 anos (SPALLANZANI, 1999, p. 17, nota 2).

¹⁰⁸ “molto grazioso e piacevole, ch'è ogni uomo che lo conosceva, gli voleva bene”.

africana em direção oeste, como é necessário, pois o vento próximo à costa não é favorável à navegação. A frota faz a famosa “volta” (cf. Fig. 4), tocando a ilha de Ascensão, para depois aportar na costa do Brasil, por pouco tempo, onde, uma vez abastecida de víveres e água, parte rumo ao Cabo da Boa Esperança, dobrando-o no mês de julho de 1503. Transposto esse obstáculo, faz escalas em alguns portos na costa oriental da África e chega finalmente no porto de Cananor (possessão portuguesa no período de 1505 e 1663), na região de Malabar (estado de Kerala), na costa ocidental da Índia.

Quando ali chegam, os portugueses encontram diversos reinos em luta entre si e, inteligentemente, sabem aproveitar-se dessa fraqueza e erguem, ao longo da costa, um império, definido como talassocrático, que compreende a construção de poucos mas resistentes fortes, situados em lugares estratégicos, tais como os de Goa, Malaca e Ormuz, no Golfo Pérsico (SPALLANZANI, 1997, p. 82-83).

Figura 4 - Primeira viagem de Da Empoli, a famosa 'volta'¹⁰⁹.

Cochim, primeiro baluarte lusitano na Índia, já visitado por Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama, é o primeiro entreposto português na Índia. Quando a frota na qual viaja Da Empoli aporta, se depara com a cidade destruída pelo Samorim que vê, na presença dos portugueses, uma ameaça à sua hegemonia no comércio de especiarias. As naus de Afonso de Albuquerque encontram a frota de Francisco de Albuquerque, que ali está: “E ali encontradas, fizemos grande festa e deles sabemos como tinham encontrado o dito reino de Cochim

¹⁰⁹ In: SPALLANZANI, 1997, p. 84.

destruído e expulsado o rei dos Mouros e a gente de Calicute”¹¹⁰ (DA EMPOLI, 1999, p. 144). Da Empoli fala sobre a construção que os portugueses fazem, após ter o consentimento do soberano local: “E fizemos no dito lugar de Cochim um castelo”¹¹¹ na ponta do Rio Repelim, muito resistente, de madeira, circundada de fossos grandes, com muita gente e artilharia, e cada nave deu provisões para a dita fortaleza”¹¹² (DA EMPOLI, 1999, p. 145). Como não encontram as especiarias que queriam comprar – pois foram precedidos por outro navio, que comprou toda a produção – e não querem voltar de mãos vazias a Portugal, decidem viajar mais além “e assim sem esperanças, e desesperados de tanto haver fatigado os nossos corpos [...] deliberamos não tornar a Portugal e procurar nossa ventura mais adiante [em um lugar] que naquele tempo ainda não era conhecido”¹¹³ (DA EMPOLI, 1999, p. 145). Chegam a Quílon (Kollam), cidade ainda desconhecida aos europeus, sendo recebidos pelos habitantes do lugar, com os quais logo fazem amizade, pois são cristãos seguidores do apóstolo São Tomé. Esse encontro amistoso rende aos porões do navio uma preciosa carga, que é levada a Portugal e que, do ponto de vista econômico, torna a viagem rentável: as estivas dos três navios ficam superlotadas de especiarias.

A viagem de retorno parece não apresenta dificuldades: com ventos favoráveis, podem cortar o caminho em linha reta até o Golfo da Guiné (cf. Fig. 4). Infelizmente, nesse ponto, caem nas famosas calmas equatoriais, ficando à mercê do oceano, pois faltam os ventos que impulsionam as velas. Ficam por mais de 55 dias praticamente parados e, com pouca água e comida, a tripulação começa a adoecer e a morrer. Somente do navio no qual viajava o italiano foram jogadas ao mar 76 pessoas, restando apenas 9. Da Empoli relata o desespero que toma conta dos que sobrevivem, em uma sequência na qual transparece toda a angústia sentida:

Aqui não havia nenhuma redenção, exceto esperar a ajuda de Deus, a qual era preciso que viesse rapidamente, pois não havia recursos nem para mais um dia: ficamos em tal perigo, que eu por mim não sei escrever nem explicar. Quis a nossa boa sorte que no outro dia vimos um navio e o

¹¹⁰ “E ivi trovatole, faciemmo gran festa, e da loro avemo linghua chome avevano trovato detto regnio di Chuccim distrutto, e suto chacciato il re da’ Mori e gente di Chalicut”.

¹¹¹ Por *chastello* entende-se forte, fortaleza.

¹¹² “E faciemmo in detto luogho di Chuccim uno chastello in su la punta del rio di Repellim molto forte, di legniamme e fossi grandi circhundato, e con molta gente e artiglieria; e ciaschuna nave dette per provedimento di detto chastello”.

¹¹³ “E chosì, fuori di speranza, e disperati avere tanto affatichati, e i nostri chorpi e venuti sì lontani per avere a tornare senza spezi, deliberamo puitosto non tornare a Portoghallo e cierchare nostro ventura più avanti, che a quel tempo non era notorio”.

fizemos aproximar, para saber de onde vinha: por sorte era um navio de Portugal que ia à Guiné comprar escravos¹¹⁴ (DA EMPOLI, 1999, p.150).

O navio negreiro lhes presta socorro com mantimentos e escravos e os acompanha até Lisboa. No dia 16 de setembro de 1504 chegam à cidade, sendo recebidos festivamente. Apesar de todos os percalços, a viagem vale a pena pelos contatos feitos e pelo grande lucro que Da Empoli e todos os participantes obtêm.

Bem-sucedido na primeira viagem, Da Empoli retorna aos seus financiadores em Bruges, onde presta contas dos negócios feitos. Em 1506 encontra-se no Palazzo Vecchio com o gonfaloneiro Piero Soderino, magistrado municipal, a quem conta as peripécias da sua viagem. Permanece por quatro meses na sua cidade natal, onde é muito festejado, encontrando seus amigos de infância e outras pessoas dotas interessadas em ouvir as suas aventuras (GRABERG, 1846, p. 27-28).

2) Segunda viagem

Retorna a Bruges, onde é convidado a viajar mais uma vez à Índia, sendo financiado pelos mesmos banqueiros e pela companhia dos Nasi di Lione, Raffaello de' Medici, Camilo Diacceto e um operador de Bruges. Parte na frota composta por 4 navios sob o comando de Diogo Mendes de Vasconcelos em março de 1510¹¹⁵, com recomendação explícita do rei Dom Manuel de ir até Malaca, centro do comércio de especiarias. A sua permanência no Oriente dura quatro anos e deixa marcas profundas em todos os que dela participam, sobretudo porque têm que aportar em Goa e são obrigados por Afonso de Albuquerque a lutar na reconquista da cidade. (SPALLANZANI, 1997, p. 86).

É desejo de Afonso de Albuquerque construir em Goa uma ponte para a expansão portuguesa em direção ao Extremo Oriente e a cidade se apresenta como um ponto estratégico. Uma primeira investida fracassa, mas o governador das Índias não desiste da conquista e espera uma armada que deve vir de Portugal. Com a chegada da frota de Diogo Mendes, após diversas reuniões com o conselho, fica decidido que Mendes lhe dará apoio, ao invés de prosseguir viagem a Malaca. No dia 25 de novembro, a cidade não resiste à armada portuguesa, que, sob o comando de Albuquerque, a destrói, derrubando as construções mouriscas, a mesquita, tudo o que recorda o islamismo, tanto combatido pelos europeus, na

¹¹⁴“Qui non era redentione nessuna, salvo di sperare l'aiuto di Dio, il quale bisognava venissi accielleratamente, che qui non v'era rimedio nessuno per più che un dì istemo in tal d'angero, che io per me non so né scrivere né explicare. Volse la nostra buona sorte che l'altro dì avemo vista d'una nave, e facimo venirla a nnoi, per sapere donde venissi: trovamo essere nave di Portoghallo che andava nella Ghinea a comperare servi”.

¹¹⁵ Na Lett/Emp2, Da Empoli diz que partiu de Lisboa em março de 1509, mas em nota na *Vita* (nota 2, p. 36) diz que a partida deu-se em março de 1510, e essa informação é confirmada por Spallanzani (1997, p. 86).

defesa da fé professada por eles. A batalha de reconquista de Goa afigura-se como um dos relatos de um momento histórico da expansão portuguesa, quando à autoridade de Albuquerque soma-se à sua violência e ferocidade. Para Arendt (1971, p. 65) “O poder e a violência, embora sejam fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos. Onde quer que se combinem, o poder é, conforme vimos, o fator fundamental e predominante”. A tomada de Goa é desprovida de piedade: uma matança cruel, mas necessária, para a posse total da cidade:

[...] e assim no dia de Santa Catarina, no dia 25 de novembro, [...] combatemos em quatro lugares. [...] escalamos os muros da fortaleza à força, e tomamos no espaço de quatro horas o mar e a terra, onde estavam pelo menos dez mil *romi*¹¹⁶, com uma artilharia pesada vinda do estreito. Foi tal destruição, que o rio ficou cheio de sangue e de homens mortos; e por oito dias seguidos a maré do rio jogava e tornava a jogar na terra os ditos corpos. Apossamo-nos de grande riqueza, apanhada na cidade¹¹⁷ (DA EMPOLI, 1999, p. 171, grifo do autor).

Mesmo que os relatos de viagem não sejam considerados documentos históricos, na descrição acima são narrados fatos históricos, resultado de processos e ações vivenciados pelo autor, que resultam em uma das passagens mais tocantes das cartas de Da Empoli. O nosso herói participa da retomada, luta bravamente e por isso é nomeado cavaleiro pelo governador, título que aceita, pensando mais nas benesses que a honraria lhe dará do que no seu valor intrínseco. Diz ele sobre a homenagem: “Aceitei-o mais pelos privilégios que com este [título] se recebem que por outra coisa, porque mercantes e cavaleiros são bem diferentes: se bem que nos dias de hoje, visto que as coisas acontecem a quem mais pode, é melhor ser cavaleiro que mercante”¹¹⁸ (DA EMPOLI, 1999, p. 171).

Uma vez conquistada Goa, Albuquerque decide ele mesmo ir a Malaca, em desobediência às ordens do Rei, que tinha indicado Diogo Mendes para esse encargo. O General, como o chama Da Empoli, artífice das conquistas portuguesas no Oriente, decide levá-lo consigo em 1511. Malaca é outro posto avançado a ser conquistado, devido à sua

¹¹⁶ Por *romi* entendiam-se populações que pertenciam ao antigo império romano e bizantino (cf. Spallanzani, p. 162, nota 1).

¹¹⁷ “[...] e chosì il giorno di Santa Caterina, addì 25 di novembre [...] demmo la battaglia per 4 luoghi. [...] che ssi schalorno le mura del chastello per forza, e ssi guadagnò in spazio di 4 ore il mare e la terra, dove erano bene x mila romi, com molta artiglieria grossissima veniva dello stretto. Fu tale distruzione, che il Rio era pieno di sanghue e d’uomini morti; che per 8 giorni da ppoi la marea del rio gli metteva, e tornava attirare detti corpi. Pigliamo grandissima ricchezza, che ssi prese nella ciptà”.

¹¹⁸ “Accieptalo più per i privilegi che chon esso si danno, che per le altre cose, perché merchanti e chavalieri sono assai differenti: ancora che al dì d’oggi, visto che lle cose si ghovernano a chi più può, viene meglio a essere chavalieri che merchante”.

posição estratégica, assim como Ormuz e Goa e sobretudo pela grande quantidade de navios mercantes que ali circulam. É um porto que concentra todo o comércio asiático, “desde o cravo ao pau-brasil [variedade da *Ceasalpina* no Oriente, a *Caesalpina sapan*], da noz moscada ao gengibre, da pimenta do reino à canela”¹¹⁹ (SPALLANZANI, 1997, p. 87).

Antes de ir Malaca, o capitão do navio, Diogo Mendes, é feito prisioneiro e outros três pilotos que o acompanham são enforcados, por ordem de Albuquerque. Da Empoli admira muito o capitão do seu navio, porém tem o cuidado de ficar neutro (poderíamos dizer que procura salvar a própria pele) e cai nas graças do governador da Índia, ficando no seu navio, “para pacificá-lo e entretê-lo” (DA EMPOLI, 1997, p. 174). O comandante português, com o auxílio da comunidade chinesa e dos mercadores hindus do Coromandel – que veem no monopólio muçulmano um obstáculo – se apossa da cidade, dando fim ao sultanato de Malaca. O sultão abandona a cidade nas mãos dos invasores e se refugia em outro lugar. Relata o viajante italiano: “Nesse dia ganhamos a cidade, e a roubamos em muitos lugares”¹²⁰ (DA EMPOLI, 1997, p. 186).

Da Empoli retorna a Lisboa em agosto de 1514, como confirma o seu tio e biógrafo Girolamo, “com grande riqueza e grande glória”¹²¹ (GRABERG, 1846, p. 29), não sem antes padecer vários perigos na viagem. Nesta cidade escreve duas cartas ao duque Lourenço de Médici, cumprimentando-o pela eleição de seu tio como papa Leão X e, ao mesmo tempo, avisa sobre os presentes que lhe está enviando (DA EMPOLI, 1997, p. 89). Pouco tempo permanece na capital portuguesa, pois é encarregado pessoalmente pelo rei Dom Manuel I para assumir o encargo de feitor e governador na Sumatra. Como homem prevenido e bom administrador, escreve um testamento, de sua própria mão, e o faz reconhecer em cartório, distribuindo seus bens a seu pai e aos seus irmãos, além de encarregar Giovanfrancesco Affaitati de prestar contas e pagar o devido aos seus financiadores (GRABERG, 1846, p. 31).

3) Terceira viagem

O intervalo entre a chegada da segunda viagem e a partida para a terceira é curto, cerca de oito meses e, infelizmente, Da Empoli não tem tempo de ir à Itália para rever a sua família. Parte com um encargo já prefixado: ir à China, a fim de estabelecer relações comerciais com o já famoso Império da dinastia Ming. Vai como representante nomeado pelo rei Dom Manuel I para ser feitor na Sumatra, suplantando até mesmo muitos portugueses aptos a exercer esse cargo, visto que já conseguiu certa notoriedade, como atesta Spallanzani:

¹¹⁹ “dai chiodi di garofano al verzero, dalla noce moscato allo zenzero, dal pepe ala cannella”.

¹²⁰ “E chosì quello giorno guadagno la ciptà, e rubamola in molta parte”.

¹²¹ “con grande ricchezza e grande gloria”.

Giovanni era já então um personagem muito famoso no interior da colônia florentina em Lisboa, gozava da estima dos maiores comandantes portugueses, a começar de Albuquerque, e era tido em alta consideração pela própria Corte. Foi pelo desejo das mais altas autoridades do reino que Giovanni aceitou deixar novamente Lisboa para assumir a direção de uma feitoria no sudoeste asiático¹²² (SPALLANZANI, 1997, p. 131).

Nessa terceira viagem embarca, juntamente com outros dois conterrâneos, os florentinos Raffaello Galli e Benedetto Pucci, no dia 5 de abril de 1515, ou dia 7, como querem alguns historiadores portugueses. Sabemos também que, em 17 de junho de 1517, uma frota portuguesa, sob o comando de Fernão Peres de Andrade, deixa o porto de Malaca em direção à China, ancorando, após um encontro com uma frota chinesa que controlava a costa, em Tun-men, nas vizinhanças de Cantão (SPALLANZANI, 1997, p. 90). Segundo a biografia escrita por seu tio, Da Empoli é o comandante dessa expedição, mas a informação é desmentida pelas fontes portuguesas, sobretudo pelo historiador João de Barros, que descreve minuciosamente os preparativos e a chegada da frota na China, comandada por Fernão Peres de Andrade. Da Empoli é encarregado pelo capitão do navio para as negociações com o Pio¹²³ de Nantó, a fim de pedir permissão para ir a Cantão: “Chegando a Nantó, mandou logo o feitor da armada, Ioannes Impole, muito bem acompanhado de gente limpa e trombetas com hum requerimento ao Pio, pedindo-lhe licença pera passar a Cantam” (BARROS, 1628, p. 47, V.). A chegada um pouco espalhafatosa dos portugueses, com trombetas e salvas de canhão, irrita os chineses, avessos a exibicionismos, ao que lhes responde Fernão Perez que é costume deles fazer isso nos portos onde que chegam. O contato com os governadores locais é assim descrito por Barros:

No qual dia Fernão Perez mandou o feitor da armada Ioanes Impole, bem acompanhado de gente vestida de festa [...]. Chegado o feitor ao caes nos batéis que levava, ali foi recebido de algũs principaes da cidade, e levado aos governadores: diante dos quaes propôs, como el Rey dom Manuel, que reinava no Ponête da terra chamada Portugal, que descobrira muitas terras e regiões, até suas armadas virem ter a Malaca, parte tão remota do seu Reyno [...] (BARROS, 1628, p. 48, grifo nosso).

¹²² “Giovanni [da Empoli] era ormai un personaggio assai noto all’interno dela colonia fiorentina a Lisbona, godeva dela stima dei maggiori comandanti portoghesi, a cominciare dall’Albuquerque, ed era tenuto in alta considerazione dalla stessa Corte. Fu proprio per volere delle piu alte autorità del regno che Giovanni accettò di lasciare nuovamente Lisbona per assumere la direzione di una feitoria nel sud-est-asiatico”.

¹²³ Para Barros (1628, p. 47), o significado de pio é: “Homem que servia hum cargo, como entre nós o officio de almirante do mar: e era o nome do officio e não da pessoa”. Obs. A entrada na China era dificultada aos estrangeiros, sendo necessário uma permissão especial.⁵⁺

Da Empoli obtém permissão para viajar a Cantão, onde chega após três dias de viagem. Consegue também dos comandantes locais a permissão para mandar uma comitiva a Pequim. Os portugueses estabelecem relações comerciais com a China, e o embaixador Tomé Pires é recebido pelo Imperador em Pequim, mas fica limitado a isso, fechando-se o Império a outras tentativas (BARROS, 1628, p. 49).

Nesse meio tempo, no navio português irrompe, no mês de outubro, uma epidemia, provavelmente de cólera, que mata nove pessoas, entre as quais encontram-se os italianos Raffaello Galli, Benedetto Pucci e “o principal dos quaes foi o feitor Ioannes Impole” (BARROS, p. 1628, p. 49, grifo nosso). Morre assim, de febre, na longínqua China, no dia 17 de outubro de 1517, com apenas 34 anos de idade, Giovanni da Empoli. A sua morte também é comentada por outro italiano, Piero Giovanni da Dino, em uma carta mandada ao bispo Antonio Pucci, em 1 de janeiro de 1519 (SPALLANZANI, 1997, p. 177).

5.2.2 Cartas de Giovanni da Empoli: cópia da primeira viagem e carta a seu pai

Tanto que à nova terra se chegaram, leves embarcações de pescadores acharam, que o caminho lhe mostraram de Calecut, onde eram moradores para lá logo as proas inclinaram: porque esta era a cidade das melhores do Malabar melhor, onde vivia o Rei que a terra toda possuía (Camões, Os Luísadas, Canto VII, v. 16).

Diferentemente de Varthema, Pigafetta e outros que escreveram livros contando sobre as experiências da viagem, Giovanni da Empoli escreveu muito pouco, apenas algumas cartas: o Relato da primeira viagem, a Carta escrita a seu pai, do qual existem dois manuscritos; algumas cartas a seus financiadores (a Gualterotti de Bruges, a Sernigi, duas a Lorenzo di Medici); uma carta escrita em Cochim em 1515 e o testamento ditado em Lisboa, no dia 4 de abril de 1515, a bordo do navio Espera. Há, ainda, outras disposições escritas por ele, como a libertação de um escravo, em 4 de abril de 1515, a cópia do testamento escrito em Singapura, em 1517.

Diversos filólogos e linguistas se debruçaram sobre esses textos para analisá-los (Caraci & Pozzi, 1991; Spallanzani, 1997/1999, Romanini, 2004 etc.) e todos são concordes sobre o fato de que existem diferenças na escritura. Para Romanini (2004, p. 127), as cartas

estão escritas em um florentino mesclado de estrangeirismos, sobretudo palavras do português e do espanhol. O autor ainda afirma que no texto ramusiano houve a supressão de muitos desses empréstimos, pois Ramusio entendia que o italiano vulgar, como língua de comunicação, deveria ser valorizado, reduzindo-se o emprego de termos emprestados de outras línguas. Para Romanini (2004, p. 129), “Giovanni da Empoli emprega de fato um elevado número de termos que entraram no italiano através do espanhol e principalmente do português”¹²⁴. No caso de Da Empoli, que em momento algum esteve em contato com os espanhóis, nem afirma que sabe falar espanhol (é o que deduzimos da leitura de suas cartas e de toda a bibliografia a respeito), notamos que muitos dos *Ecasuals* são iberismos. A relação de Da Empoli com os portugueses durou mais de uma década (de 1504 a 1517) e é provável e plausível que as palavras que inclui no seu texto sejam por interferência do português: podem até ter entrado no italiano mediadas pelo espanhol, e não queremos, com essa afirmação, nos contrapor aos filólogos que se debruçaram sobre o assunto, mas, no presente caso, certamente o foram pelo português, pois o português era a língua que o florentino utilizava nas suas relações diárias. Portanto, mesmo que etimologicamente sejam originárias do espanhol, consideraremos, pelo exposto acima, que foram escritas no texto de Da Empoli por interferência do português. É interessante notar que, na carta escrita na primeira viagem, quando ainda era recente o seu contato com os portugueses, a incidência de *Ecasuals* é pouquíssima, diferentemente da segunda, a carta a seu pai (Lett/ Emp2), na qual se nota uma quantidade bem maior.

Da Empoli se expressa em uma língua enxuta, direta, privada de circunlóquios, derivante do seu perfil profissional. As descrições dos poucos animais e frutas limitam-se a breves linhas: fala deles apenas ligeiramente, o mesmo acontecendo com os costumes e culturas dos povos que visitou. Segundo Graberg (1846, p. 22), a sua educação foi rígida e a sua infância sem grandes alegrias, pois “[...] lhe sobrava pouco tempo para divertir-se, pode-se dizer que nunca foi criança”¹²⁵. A convivência com o mundo mercantil refletiu na sua maneira de exprimir-se, excluindo tudo o que se pode considerar supérfluo. O contato com pessoas de um círculo mercantilista certamente restringiu a sua educação humanística, por isso as suas cartas carecem de certa elasticidade e familiaridade em relação a assuntos banais. É sempre simples e direto, como, por exemplo, quando descreve os índios brasileiros:

¹²⁴ “Giovanni da Empoli impiega infatti un elevato numero di termini entrati in italiano attraverso un tramite spagnolo e soprattutto portoghese”.

¹²⁵ “[...] gli avanzava poco tempo a pigliare spassi. E puossi dire non fussi mai fanciullo”.

As pessoas desta terra [de Vera Cruz] são bem proporcionadas; andam nus, tanto os homens como as mulheres, sem nada a cobri-los; furam-se até a cintura e enfeitam-se de penas variadas de papagaios e os seus lábios são cheios de ossos de peixe. As suas armas, como dardos, tem a ponta feita de ossos de peixe. Não possuem nenhuma fé, apenas epicurista. Alimentam-se de carne humana, que secam na fumaça, como nós a carne de porco ¹²⁶ (DA EMPOLI, 1999, p. 141).

As suas descrições de frutas e plantas, diferentemente de outros viajantes, são sempre sucintas: não discrimina nunca as propriedades e utilidades das plantas. É o primeiro a atestar a palavra *coco*, que anteriormente vinha sempre nomeada como *noci d'india* ou simplesmente *noci*, e a vemos escrita como se o seu leitor tivesse já conhecimento da planta, o que reafirma a premissa de que a interferência do português lhe era natural: “De modo que pilhamos os ditos dois juncos: vinham carregados de peixe salgado, arroz, áraque, isto é, vinho de palmeira, cocos e tecidos de palmeira”¹²⁷ (DA EMPOLI, 1999, p. 184, grifo nosso).

Ao escrever ao seu pai é bem mais prolixo, talvez pelo fato de tratar-se de uma mensagem familiar. A linguagem demonstra uma vibração inexistente na primeira, que deixa entrever seus medos e incertezas: “Pus-me a escrever essa, mais para resistir às fantasias e imaginações, que em tais funestos tempos vão diminuindo na memória para fazer como aquele que quando se encontra sozinho e lhe vem o medo, começa a cantar”¹²⁸ (DA EMPOLI, 1999, p. 160).

A carta mandada ao pai é rica em detalhes sobre como se movia a economia dos países visitados, como funcionavam os entrepostos comerciais e como se solucionavam as missões a ele impostas por Albuquerque. Quando se trata de apontar os negócios, apesar da sua costumeira economia nas palavras, coloca mais ênfase nas descrições e o faz com certa dose de entusiasmo:

Perguntando-lhe se ele tinha uma maneira de nos dar especiarias para carregar 3 navios, respondeu que em 20 dias se obrigava a carregá-los de todos os tipos de especiarias. E voltando ao navio com tal resposta ao capitão, fizemos grande festa; e começamos a ajeitar os navios para pegar as

¹²⁶ “La gente d’essa sono di buona forma, vanno nudi, sì huomini chome donne, sanza niente coprire; isforacchionsi insino alla cintura e s’adornano di penne varie di pappaghalli e le loro labbra piene d’ossa di pescie. Le loro arme, come dardi, la punta coperta di dette ossa di pescie. Fede nessuna tenghano, salvo epichura; mangiano per chomune vitto charne humana, la quale secchano al fumo come noi la charne del porcho”.

¹²⁷ “Di modo che pigliamo li detti 2 giunchi: venivano chariche di pescie salato, risi, urrache, cioè vini di palma, cochi e panni di palma” (grifo nosso).

¹²⁸ “mi sono mosso a scrivere questa presente, più per ovviare a fantasie et inmaginazioni quale in tali tempi fortunosi si vanno riducendo a memoria et fare come cholui che quando si truova solo e llo assale la paura, comincia a chantare”.

especiarias, começando a carregá-los; e carregamos tanto quanto o nosso apetite podia, e tanto até dizermos basta¹²⁹ (DA EMPOLI, 1999, p. 146).

Nessa carta fala muito pouco sobre a cultura dos lugares que visita, mas discorre sobre os chineses, demonstrando entusiasmo e admiração por esse povo. Louva a sua organização e os compara aos europeus pelo modo de vestir-se e comer.

Sobre navegação, limita-se a falar dos ventos que impulsionam ou atrasam o navio ou a dizer o tipo de embarcação utilizada na guerra ou no transporte de mercadorias, mas sem descrevê-los. Talvez porque o seu interesse esteja focado em outro tipo de assunto ou, como escreve Spallanzani (1997, p. 93): “São textos que podem ser definidos como de ordinária administração, fruto da observação por parte de uma pessoa que viajou naqueles mares orientais nas vestes de feitor, isto é, de agente comercial dotado de amplos poderes”¹³⁰.

Também ele, como muitos outros viajantes, se sente atraído pela constelação do Cruzeiro do Sul e a desenha e descreve detalhadamente, na carta enviada ao bispo de Pistoia, Antonio Pucci, em 1519. Segundo Da Empoli, quando Dante, no primeiro Canto do Purgatório diz que viu quatro estrelas do outro polo (o Polo Antártico), estava referindo-se à constelação que brilha nos nossos céus. A descrição que faz se assemelha àquela feita por Andrea Corsali, dois anos antes e que ele menciona, na mesma carta, como um “homem certamente digno de toda a fé, por ser literato, e possui muitos conhecimentos, o quanto é necessário a essas informações, e da astrologia e da cosmografia”¹³¹ (DA EMPOLI, 1846, p. 89) A descrição do Cruzeiro do Sul é semelhante àquela feita por Corsali:

[...] que são duas da cruz ✠ e duas que estão sobre a dita cruz, como aqui embaixo estarão representadas. Ainda que outras estrelas estejam perto, são tão pequenas que quase não se veem. As quatro primeiras que nos apareceram são as quatro assinaladas [no desenho]. Mais tarde vimos a ✠ aqui desenhada; e aquela estrela menor da mão [braço] direita é muito brilhante. Mais tarde descobrimos duas manchas, como duas nuvenzinhas, e no meio delas estão duas estrelas, as quais observamos com o astrolábio e o quadrante; e supomos que aquela que se encontra perpendicular ao pé da cruz, sem dúvida tem o movimento menor que qualquer outra que esteja nesse hemisfério, ou que se possa ver. E é opinião do nosso governador, que é um homem experiente e perito de mar e de todos os pilotos, que esta esteja

¹²⁹ “Domandatogli se lui aveva il modo a darci spezii per la caricha delle 3 navi, rispose che in 20 dì s’obrighava a charicharciele in fondo d’ogni sorta spezi. E tornatoci a nave con tal risposta al chapitano, faciemmo gran festa e, cominciati aconciare le navi per pigliare gli spezi, chominciamo a charichare, e charichamo tanto quanto il nostro appetito desiderava, e in fondo tanto cha diciemo non più”.

¹³⁰ “Sono testi che si possono senz’altro definire di ordinaria amministrazione, frutto dell’osservazione da parte di una persona che ha viaggiato in quei mari orientali nella veste di feitor, cioè di agente commerciale dotato di ampi poteri”.

¹³¹ “uomo certamente d’ogni fede degno, per essere literato, e che ha cognizione assai, quanto fa di bisogno a questi avvisi, e della astrologia e della cosmografia”.

mais vizinha ao polo Antártico, e que tenha mais movimento que a nossa estrela Polar¹³² (DA EMPOLI, 1846, p. 90-91).

Na carta insere também um desenho da constelação (cf. Fig. 5), assinalando o Cruzeiro com uma cruz:

Figura 5 - Constelação do Cruzeiro de Sul, em desenho de Da Empoli¹³³

Interessante notar na descrição de Da Empoli que ele menciona a estrela que se encontra no interior do Cruzeiro, mais precisamente “no braço direito”, estrela conhecida popularmente como Intrrometida. Do mesmo modo que Corsali, o viajante também menciona e insere no desenho as Nuvens de Magalhães.

¹³² “[...] che sono due della croce ✕ e dua che stanno sopra il capo de detta croce, come qui da piè saranno figurate. Ancora ch’altre stelle sieno vicine, sono tanto piccole che quasi non si veggono. Le quattro prime che ci apparirono, , sono le quattro assegnate. Dipoi avemmo vista della ✕ qui figurata; e quella stella più piccola da mano destra, è molto lucida. Dipoi scoprimmo dua macchie come dua nugolette, et in fra queste dua nugolette sono dua stelle, le quali noi affisammo con lo astrolabio e col quadrante; e trovammo che quella che sta più perpendicolare nel piè della croce, senza dubbio fa minore il moto suo ch’alcuna altra che sia fissa in questo emisferio, o che vedere si possi che sta più perpendicolare nel piè della croce, senza dubbio fa minore il moto suo ch’alcuna altra che sia fissa in questo emisferio, o che vedere si possi. E fu opinione del nostro governatore, ch’è uomo valentissimo e buono di mare, e di tutti e’ piloti, che questa fussi più vicina al polo antartico, ancora che più moto fa che la nostra tramontana”.

¹³³ In: DA EMPOLI, 1846, p. 90.

Da Empoli, pelo grande tempo passado junto aos portugueses é, depois de Sassetti, o maior introdutor de palavras portuguesas na língua italiana. Alguns são empréstimos feitos conscientemente, porque o viajante, ao registrar uma palavra exótica ou do português, dá a explicação “como dizem os portugueses” ou “como dizem os nativos” etc., mas são poucas as vezes que observamos as ocorrências descritas desse modo. Normalmente em Da Empoli os *Ecasuals* vêm inseridos inconscientemente no discurso, em uma notória interferência do português na sua cotidianidade. Um exemplo típico dessa interferência é o uso constante do título *Capitano Generale*, que ele utiliza para referir-se a Afonso de Albuquerque: poucas vezes o nomeia pelo nome, apenas pelo cargo. Para Pozzi (1991, p. 1093), a utilização dessa forma de tratamento é do português.

Examinando as cartas de Da Empoli, observamos que ele, apesar de viajar constantemente com Afonso Albuquerque, não o tem em alta estima, sobretudo pelo seu caráter autoritário, a sua falta de ética e pela crueldade para com os povos dominados. Contudo jamais se rebela, demonstrando sempre submissão, porque, como deixa entrever, se não tem as ordens seguidas, o General não hesita em mandar matar ou prender, até mesmo as pessoas chegadas a ele. A sua crueldade é tanta que não se acanha em trair os aliados para apossar-se dos seus bens. Albuquerque simplesmente afunda o navio do príncipe de Sumatra, seu aliado na conquista de Malaca, tomando-lhe todas as riquezas. Todos sabiam que realmente o general tinha cometido esse ato vil, que não era a primeira vez, que já o havia feito com outros príncipes e amigos (DA EMPOLI, 1999, p. 199).

O retrato que Da Empoli lhe faz não é muito lisonjeiro, apesar disso, está ligado a ele por laços muito fortes, atraído pela força de sua personalidade:

Obrigado contra sua vontade a estar a seu lado no período em que se criavam as bases do império português, Giovanni da Empoli faz dele [de Albuquerque] o centro no qual se desenvolve toda a história: sente o fascínio da sua personalidade, mas expõe e sublinha sem indulgência os defeitos, os erros, as crueldades¹³⁴ (CARACI, 1991, p. 381).

Por duas vezes fala da vontade que tem de escapar do jugo prepotente de Albuquerque: “E assim fui para o meu navio, dando graças a Deus, pedindo-lhe que me livrasse da sua mão, isto é do general”¹³⁵ (DA EMPOLI, 1999, p. 179). Como outros viajantes, Da Empoli reconhece Portugal como potência mundial do período: “Acreditem

¹³⁴ “Costretto suo malgrado a stargli a fianco nell’arco di tempo in cui gettava le fondamenta dell’impero portoghese, Giovanni da Empoli ne fa il centro intorno a cui ruota tutto il racconto: subisce il fascino della sua personalità, ma ne individua e sottolinea senza indulgenze i difetti, gli errori, le crudeltà”.

¹³⁵ “E chosimi fu’ per mia nave, dando grazie a Dio, preghandolo mi liberassi di sua mano, cioè del generale”.

nisto, que este Sereníssimo Rei de Portugal é o senhor de grandes conquistas e terras, mas muito mais do mar, e de riquezas de todos os gêneros, que se pode dizer senhor do mundo, quanto a isto”¹³⁶ (DA EMPOLI, 1999, p. 204).

Ilaria Luzzana Caraci (1991, p. 381) considera que a Lett/Emp2 tem valor documental pela narração dos fatos ligados às conquistas portuguesas, pelas descrições das personalidades históricas e pelas experiências vividas por Da Empoli como protagonista. Para a autora italiana, a personalidade de Afonso de Albuquerque que emerge das páginas do viajante italiano consegue, com o seu carisma, deixar em segundo plano outros personagens que também tiveram papel preponderante nas conquistas portuguesas.

5.2.2.1 *Ecasuals* em Da Empoli

ALBICCI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] mandò una carovella 50 leghe più avanti a una isola chiamata Delacha, ch’è a mezza leggha di una terra ferma, del re degl’<albicci>, che è terra del Presto Ioanni” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 205).

Italiano: *abissino*.

Português: *abexim*.

Análise do dado: ABEXIM: abissínio, relativo à Abissínia, atual Etiópia. Houaiss registra a etimologia como do árabe *habxī*, significando natural de Habax. Caraci (1991, p. 443 nota 5) atesta como sendo do português *abexim*. Difícil de analisar a adaptações desse empréstimo, pois Da Empoli o transcreve com a forma aproximada do árabe.

ALDEA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] che sono tutte ciptà nella terra ferma murate, e chase e vie chome le nostre; ecietto Mazanbich, che è <aldeia>, cioè villa” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 200).

Italiano: *villaggio*.

Português: *aldeia*.

¹³⁶ “Crediate, questo, che questo Serenissimo Re di Portoghhallo è signore di grandissimi chonquisti e tterre e signorie, ma molto più al mare, e di ricchezze d’ogni gienere; che ssi può dire signore del mondo, quanto a questo”.

Análise do dado: ALDEIA: povoação pequena, geralmente no meio rural ou distante de grandes centros. Caraci (1991, p. 437 nota 1.) afirma ser um iberismo originário do árabe *ad-day-‘ah*. Para Spallanzani (1999, p. 200, nota 120), a leitura nos manuscritos é um pouco incerta, pois em um deles parece estar escrito *aldra*, enquanto que no outro parece *aldea*. Afirma que, de qualquer maneira, é uma palavra do português. Houaiss comprova em 1134 a primeira datação na língua portuguesa. Não há adaptação gráfica, pois essa palavra era pronunciada e escrita assim, conforme comprova a entrada *aldea* no Bluteau (1712, p. 229) e no Moraes Silva (1813, p. 86).

ALARGHARE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “La risposta che gli dette il generale fu questa: che lo preghava non ssi affrettassi, perché il tempo che cci aveva <alarghare> che llui lo sapeva” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 172).

Italiano: –

Português: largar.

Citações na obra: p. 173, *alarghassi*, *alarghandoglele*.

Citações em outros autores: Corsali, *allargamo*: p. 474.

Análise do dado: LARGAR: fazer a embarcação ao mar. Tanto Spallanzani (1999, p. 172, nota 48) quanto Caraci (1991, p. 402, nota 3) afirmam ser do português *alargar*, com sentido de deixar livre. Contudo o verbo alargar em português possui também o sentido de fazer-se ao mar, ao largo (Houaiss e Aulete), significado que se coaduna com ambas as ocorrências do texto de Da Empoli. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na terminação verbal –**are**, dos verbos italianos da 1.^a conjugação.

ALSÌ adv. *Outros*.

Atestação: “Nel qual chonsiglio eravamo <alsì> noi altro e quali alsì fumo domandati di nostro parere: e tutti, vocie dicentes, che la India istava in condizione di perdersi” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 165).

Italiano: *altresì*.

Português: também.

Citações na obra: p. 165, 173, 184, 187, 189, 200;

Análise do dado: TAMBÉM: advérbio que indica inclusão, do mesmo modo, outrossim. Atestado como um decalque do português por Romanini (2004, p. 149) e por D’Agostino (1994, p. 801). Caraci (1991, p. 392, nota 6) atesta que é uma palavra antiga do italiano e

GDLI (1961, v. I, p. 348) registra como sinônimo de *além disso*, conforme o francês *aussi*.
Decalque sinonímico.

ALTURA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Facievasi el chastello con l’arme addosso, con un chaldo incomparabile, perché il sito della terra està in ii gradi d’<altura> della linea equinotiale” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 187).

Italiano: *altezza*.

Português: *altura*.

Citações em outros autores: Corsali: p. 3, 473; Pigafetta: p. 122; Ardizi: p. 762; Sassetti: p. 355, 460, 513.

Análise do dado: ALTURA: com valor de latitude, distância angular medida entre um ponto qualquer do globo terrestre e o equador, contada sobre o meridiano que passa por esse ponto. O uso do termo altura como sinônimo de latitude é confirmado por Bluteau (1712, p. 303). GDLI (1961, p. 366, v. I) registra como sinônimo de altura e como latitude citando D’Annunzio e Gadda, portanto introduzida com esse significado somente no século XIX. Atestado em Romanini (2004, p. 150) e por Pozzi (1991, p. 1147), que assevera ser um empréstimo do espanhol e português, e por Cardona (1973, p. 185), para quem é apenas do português.

AMARRE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e repugnnavaci tanto a terra che perdemo 4 <amarre>, cioè anchore, e rimasti sopra una e con poca speranze di salute [...]” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 145).

Italiano: *corde d’ormeggio, gomena*.

Português: *amarras*.

Análise do dado: AMARRA: corrente que prende a âncora ao navio. Esta é uma das raras atestações em que Da Empoli explica uma palavra, apesar de ter explicado errado, pois entende amarra como âncora, e esse não é o significado deste *Ecasual*: ao perder as amarras, perderam-se também as âncoras. Romanini (2004, p. 150) afirma que essa palavra se origina do francês *amarre*, e este do holandês *anmarren*, com o significado de atracar. Spallanzani (1999, p. 145, nota 36) assegura que essa palavra se encontra assim nos dois manuscritos, mas que Ramusio substitui por *armizi*, que são os cabos, cordas, âncoras etc. utilizados no navio. Metzeltin (1973, p. 248) confirma ser do português *amarra* e este do francês *amarre*, sendo documentado na primeira metade do século XV.

ANTIMANO adv. *Outros.*

Atestação: “[...] di modo che, tanto che ffurono racholti, ne vennono fuggendo alla nave, e lasciarono in terra la merchanzia e’ danari che avevano paghati <antimano>” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 177).

Italiano: –

Português: antemão.

Análise do dado: ANTEMÃO: diz-se de pagamento feito antecipadamente; pagar de antemão. Em italiano, para esta locução, usa-se o termo *caparra*. Graberg (1846, p. 54, nota 4) comenta que parece significar “pagamento antes de ter a mercadoria em mãos” e é confirmado por Pozzi (1991, p. 1075), que afirma ser um portuguesismo. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano –**ano** (possível interferência fonética da terminação portuguesa –**ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), italianização do sufixo português –**ão**.

ARFION s. m. sing. *Matérias-primas transformadas.*

Atestação: “[...] perché erano nemii del re di Portogallo; et che aveva molti panni richi e molte mercanzie, e <arfion>, che loro chiamano hoppio tebaicho, che logo mangiano per raffredarssi, e che gli venderia” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 178).

Italiano: *affione, oppio*.

Português: anfião.

Citações em outros autores: Corsali, *anfione*: p. 496; Federici, *anfione*, p. 18, 125; *anfion*: p. 28; *anfion*: p. 152. Sassessi, *anfione*: p. 514, 555.

Análise do dado: ANFIÃO: o mesmo que ópio. Houaiss registra como diacronismo: antigo. Zaccaria (1927, p. 29) escreve *anfione*, do português. GDLI (1961, v. I, p. 213) afirma que a palavra origina-se do árabe e registra a atestação do Sassetti, mas atestação do Da Empoli é anterior. Acrescenta que o anfião é ópio misturado com âmbar e açafrão. Caraci (1991, p. 409, nota 1) afirma ser do português *anfião*, através do árabe *afyón* e este do grego. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional no uso do sufixo italiano –**on**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa –**ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa –**ão**.

ARTIGLIATO adj. *Área militar.*

Atestação: “Pure andamo avanti chome la terra di Zoffalla, onde è la mina dell’oro e dove il re ha fatto uno chastello bene <artigliato> e huomini in abbastanza” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 143).

Italiano: –

Português: artilhado.

Análise do dado: ARTILHAR: guarnecer de artilharia. No contexto, afirma que o forte dos portugueses era bem munido de artilharia. Existe uma evidente transposição em italiano de um adjetivo inexistente no português, ocasionado pela tendência do falante de aproximar a estrutura da língua estrangeira à da sua. Em italiano existe o adjetivo e o particípio passado *artigliato*, contudo o contexto de uso é português. Para Romanini (2004, p. 150), é um evidente portuguesismo, que Zaccaria (1927, p. 424) confirma como sendo do português *artilhado* e do espanhol *artillado*. Decalque homonímico com adaptação gráfica, no dígrafo italiano –gl , /ʃ/. Há também adaptação morfológica formal, com a flexão do particípio passado da 1.^a conjugação italiana em –ato.

ATTAGLIASSIMO verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] perché i mori di Ghoe non ci <attagliassino> drento il rio, di poi non potessimo passare più holtre per arrivare al castello” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 171).

Italiano: *tagliassimo (il passo)*.

Português: atalhássemos.

Análise do dado: ATALHAR: impedir de passar. No contexto, as navas portuguesas deveriam avançar logo para chegar ao forte, pois os mouros de Goa poderiam impedir a passagem. Para Caraci (1991, p. 400, nota 8) é do português *atalhar*. Adaptação morfológica formal, com a flexão do pretérito imperfeito do subjuntivo da 1.^a conjugação em –assimo, com adaptação morfológica e gráfica na flexão de 2.^a pessoa do plural.

BAIRALAM s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “Di poi è Benghala, pure gentili; nella quale si fanno panni di chotone tutte sorte, finissimi, che ssi chiamano brattigle, sinabaffi, <bairalam>, sultanpur, e altre sorte panni molto bellissimi di cotone. (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 201).

Português: beirame.

Análise do dado: ver **bairam** em Varthema.

BARI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Inoltre che sse il re di Pedir gli dava 2 <bari> d’oro che gli faciesse ghuerra che lui si maraviglava chome non li aveva presi” (DA EMPOLI, Lett/Emp2, 1999, p. 178).

Português: *bar*.

Citações na obra: Da Empoli, *bari*: p. 178, 179; *bachar*, *bacare/i*, *bachari*, *bachares*: p. 236.

Análise do dado: Ver **bahar** em Varthema.

BARLAVENTO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “L’altra nave, per farci andare per forza e perché noi non arivassimo sopra loro s’erano messe a <barlaveno> ben due leghe, di modo che non ci potettono sochorrere” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 197).

Italiano: *sopravvento*.

Português: *barlaveno*.

Análise do dado: BARLAVENTO: lado do navio que recebe o vento nas velas para ter o impulso a fim de deslocar-se. No contexto, o navio se colocou em posição de receber o vento e assim mover-se. Zaccaria (1927, p. 44) e outros filólogos dizem originar-se do espanhol *barlovento*. Pozzi (1991, p. 1085) está de acordo, mas faz exceção a Da Empoli, afirmando que nos seus escritos a palavra é do português ‘barlaveno’. Sem adaptações.

BARLAVENTRANDO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E volendo noi seghuire e mettere ad effetto tale mandata era vento opposito, di sorte che, istando <barlavenrando> per pigliare della terra, e per pigliare uno piloto d’essa che ci menassi nell’Indie [...]” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 143).

Italiano: *sopravventando*.

Português: *barlavenando*.

Análise do dado: BARLAVENTEAR: dirigir o navio de maneira que navegue contra o vento. Atestado por Romanini (2004, p. 150) e Zaccaria (1927, p. 44), que dizem ser evidentemente uma reprodução do português *barloventear*, termo náutico comuníssimo na época. Zaccaria (p. 44) acrescenta que Da Empoli utilizou muitas palavras do português, mas também do espanhol. Adaptação gráfica com a substituição da vogal –e pela consoante –r.

BARRA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E chosì restamo tutta quella notte in terra insino al dì seguente, che era il medesimo vento che per davanti, che non si poteva uscir fuori senza molto pericolo, perché il mare nella <barra> era molto grosso” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 170).

Italiano: *bassofondo*.

Português: barra.

Citações na obra: p. 171, 175, 178, 179, 182.

Citações em outros autores: Ardizi: p. 763; Balbi, *bara/barra*: p. 92, 144; Sassetti: p. 396, 390, 398, 407.

Análise do dado: BARRA: entrada de um porto, de uma baía; bancos de sedimentos na foz dos rios. Geralmente, quando os viajantes falam em barra, estão referindo-se à dificuldade em entrar na barra de um rio, pois, dependendo do vento e da fase da lua, torna-se um lugar perigosíssimo para a navegação, devido ao encontro das águas do oceano com as do rio. Todos os linguistas italianos são concordes em afirmar que se trata de uma palavra portuguesa: Caraci (1991, p. 399, nota 3); D’Agostino, 1994, p. 801); Zaccaria (1927, p. 45). Graberg (1846, p. 59, nota 1) afirma que não sabe o significado da palavra. Sem adaptações.

BASSO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché io non avevo altro rimedio, perché a noto non si poteva salvar nessuno per lo spazio grande del <basso>. (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 188).

Italiano: *secca di mare*.

Português: baixio.

Citações na obra: basso/i: p. 140, 143, 188.

Citações em outros autores: Pigafetta, *bassi*: p. 158, 162, 167, 170, 181, 182, 183 etc. Corsali, *bassi*: p. 474, 480, 485. Federici, *basse*: p. 64; Balbi: p. 45; Sassetti, *bassi*: p. 378, 390, 405, 459.

Análise do dado: BAIXIO: acúmulo de areia ou pedras próximos à superfície do mar. No contexto, trata-se de baixios que existem no mar, nas costas ou embocaduras de rios encontrados pelos navios dos viajantes. Existe em italiano a palavra *basso*, mas com sentidos diversos: de profundidade, altura etc. Moraes Silva (1813, p. 252) registra *baixia*, substantivo feminino, como sinônimo de baixo do mar. Houaiss já atesta como substantivo masculino: banco de areia ou rochedo coberto por escassa quantidade de água do mar ou de rio e também *baixia*. Registrado em Zaccaria (1927, p. 48) como *basso*, palavra originária do espanhol e português *baixio*. Afirma que não existe em nenhum outro viajante, apenas no Sassetti, mas encontramos em Da Empoli e Corsali. Caraci (1991, p. 421, nota 5) comprova ser o português

baixio e para Romanini (2007, p. 143) é uma palavra ibérica. Segundo Spallanzani (1999, p. 188, nota 90) é do português *baixo*. Decalque homonímico com a adaptação gráfica ao italiano da palavra *basso*.

BONBA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] l’una, la nave aveva tutte le vele, e nessuno non ghovernava che s’eron fuggiti di sopra; l’altro, che la <bonba>, che non si sollevava mai tirare mano da essa, stette circha di 3 oriole senza nessuna chura” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 197).

Italiano: *pompa*.

Português: bomba.

Citações na obra: *bonbe*: p. 196.

Citações em outros autores: Pigafetta, *bomba*: p. 174;

Análise do dado: BOMBA: dispositivo mecânico para passar líquidos de um nível ou de um recipiente a outro. Para Graberg (1846, p. 75, nota 2), qualquer que seja o significado, não pode ser outro senão tromba, o que tornaria a frase incompreensível, pois em italiano significa o mesmo que em português. Spallanzani (1999, p. 196, nota 113) afirma ser do espanhol e Pozzi (1991, p. 1088) atesta como um espanholismo e também como do português *bomba*. Adaptação gráfica de gênero feminino italiano em –e.

BRATTIGLE s. f. pl. *Indústria têxtil*.

Atestação: “Di poi è Benghala, pure gentili; nella quale si fanno panni di chotone tutte sorte, finissimi, che ssi chiamano <brattigle>, sinabaffi, bairalam, sultanpur, e altre sorte panni molto bellissimi di cotone” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 201).

Italiano: *beatiglie*.

Português: beatilhas.

Citações em outros autores: Sassetti, *beatiglie*: p. 454.

Análise do dado: BEATILHA: touca de tecido finíssimo utilizado pelas mulheres, sobretudo pelas beatas; tecido para a confecção dessa touca. Não encontramos o seu registro nos dicionários italianos atuais. Atestado no Alberti (1797, p. 241, v.) significando espécie de musseline muito fina e este é o significado que se depreende do texto. Nos dicionários brasileiros, somente Aulete registra com o significado acima. Graberg (1846, p. 80, nota 2) corrige para *beattiglie*. Zaccaria (1927, p. 49) sustenta que esse termo é um hispanismo ocasional, que aparece somente em Sassetti. Caraci (1991, p. 438, nota 1) afirma ser o português *beatilha* e Pozzi (1991, p. 1086) *bratiglie*, como, provavelmente, um erro de leitura

ou de escrita no lugar de *beattiglie*. GDLI (1961, v. II, p. 132) registra esta palavra e assegura que se origina do espanhol *beatilla* e do português *beatilha*. Acrescenta que provém da palavra *beata*, título que se dava às monjas. Houaiss assinala, em uma das acepções, beata, como sendo de mulher que vivia como freira, sem ter ingressado no convento. Decalque homonímico na adaptação gráfica e fonética no dígrafo italiano em **-t**, em uma hipercorreção; a mudança gráfica da líquida **-lh** (/λ/) em **-gli**, de número plural feminino em **-e**. Além disso, insere um **-r** no lugar do **-e**.

BRAVO adj. *Outros*.

Atestação: “Inoltre, avanti me andavano 3 elefanti inchatenati per un ppiè; e pare che, per mettermi più paura, feciono sciorre uno alifante <bravo>, il quale venne appresso degl’ altri e ffece assai romore [...]” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 176).

Italiano: *feroce*.

Português: bravo.

Citações na obra: *brava*: p. 145.

Citações em outros autores: Sassetti, *brave*: p. 399.

Análise do dado: BRAVO: brabo, feroz, selvagem. Ao Graberg passou despercebido o significado desse adjetivo, talvez porque deduziu que significasse em italiano quase o contrário: corajoso, hábil. Caraci (1991, p. 241, n 1) afirma ser um iberismo. Encontramos também adjetivando o substantivo *costa*, significando *costa de mar violenta*. Atestado em Romanini (2004, p. 150) e em Zaccaria (1927, p. 465) como sendo do espanhol e do português. Sem adaptação. Ver **chosta brava** em Da Empoli.

BRESIL s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e di li partendo e navichando alla terra di Santa Croce, chiamata <Bresil>, sanai del tutto, perché è terra fredda” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 160).

Italiano: *Brasile*.

Português: Brasil.

Citações na obra: *Brasil*: p. 199.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 227; *Bresil*: p. 226.

Análise do dado: BRASIL: nome dado ao país, pela grande quantidade da árvore pau-brasil. Vemos que o topônimo Brasil começa a ser utilizado pelos viajantes no lugar de Terra de Vera Cruz. Na Lett/Emp1, em 1503, o Brasil ainda era citado pelo autor como “terra de Vera Cruz

assim nomeada”¹³⁷ (SPALLANZANI, 1997, p. 140). Na segunda viagem, em 1510, o nome Brasil já estava sendo utilizado, porém o Pigafetta, que aqui chegou em 1519 ainda usa o nome italiano *Tera del Verzin*. Encontramos na mesma Lett/Emp2 (p. 199) grafado *Brasil* e é o primeiro autor italiano no qual constatamos essa atestação. Adaptação gráfica, Bresil com –e no lugar de a. Ver **Verzino** em Corsali.

BUSANO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La nave se n’andava in fondo, a chausa del <busano> che l’avevano consumate” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 150).

Italiano: *teredine*.

Português: busano.

Citações em outros autores: Sassetti: *gusani*: p. 460.

Análise do dado: BUSANO: molusco bivalve, vermiforme, da família dos teredinídeos, que cavam galerias em madeira submersa, produzindo danos, sobretudo em embarcações construídas com madeira; gusano. Zaccaria (1927, p. 478) atesta ser uma palavra do espanhol e do português, contudo Romanini (2004, p. 151) atesta ser do espanhol *gusanos*.

CHAFRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Erano <chafri> tutti, con ossa di pescie forato le labra e ‘l mento; huomini molto grandi e paurosi al vederlli” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 193-194).

Italiano: *cafri*.

Português: cafres.

Citações na obra: p. 194,

199.

Citações em outros autores: Pigafetta, *cafri*: p. 129; Federici, *cafero/i*: p. 160, 161; Sassetti, p. 481, 554.

Análise do dado: CAFRO: indivíduo pertencente a algumas populações bantas, especialmente aquelas que habitavam uma região conhecida como Cafraria. No contexto, sinônimo de bárbaro. Dalgado (1919/21, p. 170) assegura que o termo se origina do árabe *kāfir*, infiel, não muçulmano, e que os portugueses aplicaram aos pagãos da África Oriental, restringindo o seu significado, sendo depois difundindo o termo às nações europeias. GDLI (1961, v. II, p. 502) afirma ter entrado para o italiano através do inglês *caffer* e do espanhol

¹³⁷ “terra di Vera Crocie así nomata”.

cafre. Caraci (1991, p. 428, nota 2) assevera que esse *Ecasual* era utilizado pelos portugueses como sinônimo depreciativo de bárbaro. Cardona (1971, p. 41) atesta como étimo do português e sustenta que a primeira citação encontra-se em Sassetti, mas encontramos em Da Empoli, portanto essa é mais antiga. Adaptação gráfica de número masculino plural italiano em –i.

CHAGLIEREBBE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] seguendo nostra navichatione per detto gholfo paurosamente, perché in detto gholfo sono xxiiii mila isole allagbate, e sse e s’errassi il detto canale, si vi <chaglierebbe> in dete isole” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 144).

Italiano: *incaglierebbe*.

Português: encalharia.

Análise do dado: ENCALHAR: interromper o deslocamento no meio em que flutua por tocar o fundo ou em algum obstáculo com a quilha da embarcação. Para Zaccaria (1927, p. 231), esse verbo começou a ser utilizado na língua italiana a partir do século XVI e tornou-se frequente a partir do século XVII, originário do espanhol *enquillar*. Atestado por D’Agostino (1994, p. 808) e Romanini (2004, p. 151) como iberismo. Registramos como portuguêsismo, pois no exemplo é usado em contexto de língua portuguesa. Adaptação por assimilação fonética, com a perda do fonema /in/ e adaptação morfológica formal, e a flexão do condicional presente de 1.^a conjugação, 3.^a pessoa do singular, em –**erebbe**.

CHALALUZI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Inoltre si vanno in detto porto, in fra nave e gunchi, circha 100 vele; eciepto il gran numero di <chalaluzi> e cianpane di 30 e 40 remi, et più pichole sanza numero” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 181).

Italiano: –

Português: calaluzes.

Análise do dado: CALALUZ: embarcação a remo, leve e veloz, utilizada na Índia insular e Indonésia. Atestado por Dalgado (1919, p. 180), Cardona (1973, p. 187) e por Caraci (1991, p. 413, nota 2), que registra como sendo do malaio *kelulus*. Da Empoli é o primeiro a registrar esse tipo de barco. Adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –i.

CHALAMBUCH s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Inoltre mamdo uno roccietto d’una tela di seta molto bella et uno pezzo di ligno aloes <chalambuch> molto fine.” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp3, p. 214).

Português: calambuco.

Análise do dado: ver **calampat** em Varthema.

CHALINGHALA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Passando avanti, trovate la terra di Giava in che naschono le nocie moschade e macis, chubebe, turbbiti, <chalinghala>, chanfora di 2 sorte, aloes e moltre altre infinite droghe” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 203).

Português: galanga.

Análise do dado: ver **gallanga** em Varthema.

CHAMMINO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Et chosì partimmo di Chananor, chon el capitano generale, al <chammino> di Ghoe, chon il restante delle navi, addì 4 d’ottobre” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 169).

Italiano: *direzione*.

Português: caminho.

Citações nas obras: Lett/Emp1: p. 140,144, 150, 206; Lett/Emp2: p. 169, 170, 171, 195, 197, 198, 204.

Citações em outros autores: Corsali, *camino*: p. 461; *cammino*: p. 2, 11, 505; Pigafetta, *camino*: p. 84, 112, 116, 158; Sassetti, *cammino*: p. 356, 378, 398, 405, 406, 447 etc.; Carletti: p. 9, 43, 242, 245; Cavazzi, *camino*: p. 408, 413, 462, 534, 576, 592, 594 etc.

Análise do dado: CAMINHO: espaço ou distância entre dois pontos, rumo, trajeto. Em italiano existe essa palavra, mas com o sentido de estrada e do verbo caminhar; contudo o sentido dado por Da Empoli é aquele do português, ir em direção à (referindo-se à rota do navio). Atestado por Romanini (2004 p. 150); Pozzi (1991, p. 1091) afirma que se encontra nos viajantes significando direção, rota, especialmente em expressões como: ‘pegar o caminho’, ‘tomar o caminho’ (que atesta ser tecnicismo do espanhol) e ‘fazer o caminho de’. Adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –**m** em uma hipercorreção gráfica da grafia italiana dessa palavra.

CHANSAVA verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: Stemo chosì fino a mezzo dì, per vedere se si mutava tempo, ho se <chansava> la ira del mare;” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 170).

Italiano: *stancare*.

Português: cansava.

Citações em outros autores: Sassetti, *cansa*: p. 251.

Análise do dado: CANSAR: cessar, parar. Houaiss, além desta definição traz a etimologia do latim lat. *campso, as, ávi, átum, áre* ‘rodear, andar à roda, dobrar (um cabo, uma ponta no mar)’. Pelo contexto depende-se que o significado é de “cessar a ira do mar” e não como sinônimo de fatigar, que é a significação mais conhecida. Spallanzani (1999, p. 170, nota 43) e Caraci (1991, p. 400, nota 1) afirmam ser o verbo português *cansar*.

CHAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “La partita nostra fu da Lisbona alli vi d’aprile 1503, nell’armata del <capitano> magore Alfonso d’Albucherche, chapitano di 4 navi di Portogallo, di portate di botte 1660, per nome Santo Iachopo” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 139-140).

Português: capitão.

Citações na obra: *chapitano/i*: p. 166, 167, 172, 173, 177, 186 etc.; *capitano maggiore*: p. 161, 162, 163, 166, 167, 168 etc.; *c. generale*: p. 172, 175, 187 etc.; *c. maggiore generale*: p. 165, 169, 170, 177 etc.

Análise do dado: ver **capitaneo** em Varthema.

CHASERIA s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Nell’isola al pari di terra ferma anchora che v’è un chastel grande e più <chaserie> di portoghesi molto buone” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 201).

Italiano: *caseggiato*.

Português: casaria.

Análise do dado: CASARIO: aglomerado de casas; casaria. Encontramos no Houaiss casaria como sinônimo de casario. Caraci (1991, p. 437, nota 2) atesta ser do português *casaria*. Decalque homonímico com variação gráfica no sufixo italiano –**eria**.

CHASSERIE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Chorremo grandíssima tormenta, e tochammo in secho; di modo che faciamo getto al mare di tutte le <chasserie> e artiglerie, et parte delle spezie, raccomandadoci a Dio” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 188).

Italiano: *scatolerie*.

Português: caixarias.

Análise do dado: CAIXARIA: coletivo de caixa. Atestado por Caraci (1991, p. 422, nota 1), do português grande quantidade de caixas. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural feminino italiano em *-e*, e substituição da consoante *-x*, pois em italiano não existe essa consoante, pelo dígrafo *-s*.

CHONVALESCENDO verbo. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] et fu di tal sorte agravato nella malattia, che per ultimo rimedio di mia salute mi trassono sanghue 2 volte; adeo che per poco spazio andai <chonvalescendo>”. DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 160).

Italiano: *ristabilire in salute*.

Português: *convalescendo*.

Análise do dado: CONVALESCER, recuperar a saúde, curar-se. Pozzi (1991, p. 1104) atesta ser do português *convalescer*. Decalque homonímico.

CHORRENTE s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Avevo messi tutti quelli giavi in una chatena grande <chorrente>, benché fosse sottile, perché non avevo altro” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 196).

Italiano: *catena*.

Português: *corrente*.

Análise do dado: CORRENTE: série de elos de ferro, aço e outros materiais, interligados, usados para prender algo, grilhão. Em italiano existe essa palavra, como particípio presente do verbo correr, sinônimo de ribeirão e em algumas locuções, como água corrente, moeda corrente etc., mas não com o significado de grilhão, como se apresenta no contexto. Não encontramos atestação desse *Ecasual* nos linguistas italianos.

CHROCIATI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Io ho voltato tutta la ditta somma de’ <chrociati> settemila a Giovan Francesco delly Affettati stante in Lixbona a nome e hordine de’ Ghualterotti e compagni di Brugia perché loro ne seguain [...]” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp5, 1515, p. 221).

Italiano: *crociati*.

Português: *cruzados*.

Citações na obra: p. 222, 231.

Citações em outros autores: Balbi, *crociati*: p. 132, 133.

Análise do dado: CRUZADO: antiga moeda portuguesa, mandada cunhar por Dom Afonso V quando da ida de Portugal para participar das cruzadas (Bluteau, 1712, p. 623). A moeda de ouro visava concorrer com os ducados italianos e devia o seu nome à cruz simples cunhada no reverso. Zaccaria (1927, p. 140) assegura que se pode supor que foi cunhada e recebeu esse nome por ocasião de uma cruzada empreendida pelo Papa Nicolau V, por volta de 1450, contra os mouros que invadiram Constantinopla, para a qual o rei de Portugal prometeu ajuda. Afirmo o lexicógrafo italiano que Ramusio utilizou essa palavra, na sua obra, pelo menos 15 vezes, traduzindo-a do espanhol e do português como *crociato*, e que, apesar da sua alta frequência, não foi registrada pelos dicionários históricos italianos. Balbi (1590, p. 132). explica que no reverso estão duas flechas atravessadas – mas não encontramos nada que justifique essa afirmação – talvez ele confunda a forma da cruz com as flechas (cf. Fig. 6). Segundo o contexto explicitado por Balbi, não há dúvidas que se trata do cruzado português. Zaccaria atesta ser um iberismo, pois também na Espanha existia uma moeda de ouro castelhana denominada *cruzado*, conhecida também como *castellano*. Pinto (1962, p. 327, nota 917) afirma ser do português *cruzado*, moeda de prata (a moeda de prata foi cunhada muito mais tarde, por volta de 1642). Decalque homonímico, com adaptação gráfica ao italiano de número plural em **-i**.

Figura 6 - Cruzado de ouro português cunhado no reinado de Dom Manuel I¹³⁸

COVERTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e fatto venire arme in <coverta>, e l’artiglerie e huomini presti e bene in ordine a ghuerrigliare” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 162).

Português: coberta.

¹³⁸ Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzado_\(moeda_portuguesa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzado_(moeda_portuguesa))>. Acesso em 08 jan. 2013.

Citações na obra: *coverta*: p. 191;

Análise do dado: ver **coperta** em Varthema.

CIANPANE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Inoltre si vanno in detto porto, in fra nave e gunchi, circha 100 vele; eciepto il gran numero di chalaluzi e <cianpane> di 30 e 40 remi, et più pichole senza numero” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 181).

Português: champana.

Análise do dado: Ver **campane** em Varthema.

DIRITTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E di lì pigliando nostra <diritta>, di poi d’avere tagliato molto mare, parendoci essere presso all’isole del Chapo Verde, ci trovamo più adrieto, e ffu a traverso della pescheria di Zanaghe in Ghinea” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 150).

Italiano: *rotta*.

Português: derrota.

Citações na obra: p. 140.

Citações em outros autores: Sassetti, *dirotta*: p. 403.

Análise do dado: DERROTA: caminho, rota de um navio de um ponto a outro. Encontramos esse termo registrado em todos os dicionários do *corpus* com esse sentido. Bluteau (1712, p. 78) define: “DERROTA – caminho, *iter itineris*, mais propriamente é o caminho ou a viagem que se faz por mar”. No Houaiss a datação do termo é de 1539, data pouco posterior ao registro de Da Empoli, portanto podemos concluir que os portugueses e, no nosso caso, Da Empoli utilizavam esse *Ecasual*. Encontramos em Sassetti (1855, p. 895) registrado *dirotta*, e a sua atestação deixa claro o sentido de tomar o caminho, a direção. Todos os linguistas consultados (Zaccaria, 1927; Pozzi, 1991; Romanini, 2004) são unânimes em afirmar que se trata de um iberismo. Como foi registrado por Bluteau e o *Ecasual* se encontra em contexto de contato com portugueses, podemos confirmar como interferência do português. Decalque homonímico, com adaptação fonética, com substituição e acréscimo de fonemas.

DISBARATTARE verbo. *Área militar*.

Atestação: “[...] e non volse dare più di risposta, parendo loro che non ssi trovassi maniera a posserlli <disbarattare>, perché s’erono fatti molto forti a lungho del mare” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 185).

Português: desbaratar.

Citações na obra: *disbarrattamo*: p. 196.

Análise do dado: ver *sbarattata* em Varthema.

DISCHARICHATO verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] anbra, gran soma d’avorio, che quivi aveva <discharichato> nelle fattoria del re di Portogallo. (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 161).

Italiano: *scaricato*.

Português: descarregado.

Citações na obra: p. 168, 187.

Citações em outros autores: Pigafetta, *descargare*: p. 128, 130; *descarigati*: p. 146; *descarecasemo*: p. 161, 162, 163; *decaricarle*: p. 140; *descaricò*: p. 170, 206; Federici, *discarcar*: p. 78; *discarcasse*: p. 104; *discarcano*: p. 128; Baldi, p. 10, 21, 83, 93; *discaricati*: p. 25, 72, 93; Sassetti, *discaricava*: p. 493.

Análise do dado: DESCARREGAR: retirar uma carga de algum lugar. Zaccaria (1905, p. VII) confirma que palavras como *disincontrato*, *disconfidato*, *disbarcare* etc. (isto é, com prefixo **di-**, **dis-**), comuns no léxico dos viajantes, sejam transposições do espanhol e do português. Para Pozzi (1991, p. 1114), é conforme o espanhol *descargar* e o português *descarregar*. Adaptação morfológica formal, com a terminação verbal **-are**, dos verbos italianos da 1.^a conjugação.

DISCHOPRIRE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che era oramai tempo; e che teneva assai che ffare nel chamino a <dischoprire> Pechù, e altre terre che di bisogno fusse” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 172).

Italiano: *scoprire*.

Português: descobrir.

Citações na obra: Lett/Emp4, p. 230; Lett/Emp2, p. 200, *dischoprire*, *dischoperta*: p. 203, *disquopre*; Lett/Emp2, *dischoperto*: p. 213; Lett/Emp1, *dischoprire*: p. 141, *dischoperto*: p. 145.

Citações em outros autores: Pigafetta: *discovrire*: p. 115; *iscopersemo*: p. 161, 181; *descoperte*: p. 114, 119, 166; *descovrire*: p. 124; *discoperseno*: p. 121. Corsali, *discoprire*: p. 506; *discoperto*: p. 500; Lett/Cor1, *discoperto/a*: p. 2, 13. Balbi, *discoprismo*: p. 21, 62, 63, 66, 92. Sassetti, *discoprirla*: p. 447; *discoperto*, p. 529.

Análise do dado: DESCOBRIR: encontrar casualmente, avistar ao longe. Atestado em Zaccaria (1927, p. 149), que confirma a existência desse verbo em italiano, mas que na literatura de viagem assume outra significação, por influxo ibérico do português e do espanhol. Essa nova significação encontra-se, sobretudo, nas cartas do Sassetti, que escrevia de lugares sob o domínio do português, mas podemos incluir nesse processo todos os viajantes que estudamos, que de uma forma ou de outra tiveram interferência da nossa língua. Existem divergências entre os lexicólogos e lexicógrafos italianos consultados, pois alguns dizem ser do espanhol, outros do português, ou de ambos. Podemos, portanto, classificar como um iberismo. Andrea Canova (1999, p. 177, nota 98), ao analisar essa palavra no Pigafetta, assegura que é um iberismo, mas que na fonética pode ter tido a influência do veneto *scovrir*. Na página 200 Da Empoli fala em *discoperta*, havendo a marcação do verbo em substantivo. Modelados nos prefixos **dis-** e **des-**, muitas palavras italianas e venetismos foram assimilados na forma portuguesa, havendo uma variação de grafia entre autores ou até mesmo na mesma obra: *disbucare* (it. *sboccare*), *discalso* (it. *scalzo*), *descargare* (it. *sparare*) *dismontare* (it. *smontare*) etc., conforme Pozzi (1991, p. 1113-1114). Atestado como iberismo em Romanini (2004, p. 151). Adaptação gráfica com a substituição da vogal **-e** por **-i**. Há também adaptação morfológica formal, com a terminação verbal **-ire**, dos verbos italianos da 3.^a conjugação.

DISMONTÒ verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Nel quale luogho anchorati, <dismontò> il capitano generale con e sua chon molto trionfo” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 165).

Português: desmontou.

Análise do dado: ver **smontammo** em Varthema.

DISPACCIAVA verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] Et visto con tutte queste cose il generale non lo <dispacciava>, diterminò partirssi” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 173).

Italiano: *spedire, mandare via*.

Português: despachava.

Citações na obra: p. 163, 167, 172, 198.

Citações em outros autores: Corsali, *dispacciorono*: p. 486; *dispacciata*: p. 506; *dispacciavono*: p. 493; Federici, *dispaccia*: p. 20; Sassetti, *dispaccia*: p. 463; *dispacciavono*: p. 519; *dispacciato*: p. 522. *ad ispacciare*: p. 286.

Análise do dado: DESPACHAR: enviar, mandar embora. Da Empoli, em outras passagens, grafa o verbo em italiano: “di modo che diterminai di spacciare uno per terra a Goa” (DA EMPOLI, 1999, p. 50, grifo nosso). Caraci (1991, p. 390, nota 7) afirma ser do português, mas que no manuscrito se encontra registrado “che di lì ci dispacceria”, confirmado por Spallanzani (1999, p. 163). Zaccaria (1927, p. 155) assevera que, apesar de existir no italiano, o sentido dado é de origem espanhola e portuguesa. Para Romanini (2007, p. 146), o termo existia em Machiavel, conforme atestação no GDLI. Adaptação gráfica, acréscimo do dígrafo –c, italiano, a vogal –i no lugar da consoante –h. Há também adaptação morfológica formal, com a flexão do imperfeito de 1.^a conjugação em –ava.

DISTRUIRE verbo. *Área militar.*

Atestação: “[...] e mandò a pigliare tutti e danari e merchanzie che venivano per la charicha delle navi, e chominciò a <distruire> gli mantimenti d’esse” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 174).

Italiano: *distruggere*.

Português: destruir.

Citações na obra: p. 175.

Citações em outros autores: Corsali, *distruimo*: p. 493; Pigafetta, *destrugerli*, p. 133; *destrueriano*: p. 136, *destrugeno*, 136.

Análise do dado: DESTRUIR: causar a perda; estragar. Graberg (1846, p. 51, nota 1) comprova que no manuscrito consta *ditruire* e que ele corrigiu para *distruire*, pois encontrou na p. 53 escrito desse modo. Acrescenta que nessa passagem não tem o sentido de destruir, apenas de estragar, mas achamos que o significado é aquele do português, visto o caráter bélico de Albuquerque. Pozzi (1991, p. 1115) atesta ser do português e espanhol *destruir*. Adaptação gráfica com a substituição da vogal –e por –i. Há também adaptação morfológica formal, com a terminação verbal –ire, dos verbos italianos da 3.^a conjugação.

DITENENDO verbo. *Área militar.*

Atestação: “[...] et che <ditenendo> le navi, et di poi non venissino e’ Romi, e romi, che il re perderia CCC mila ducati” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 166).

Italiano: *trattenendo*.

Português: detendo.

Citações na obra: p. 164, 173.

Citações em outros autores: Corsali, *detenersi*: p. 481; *ditenuto*: p. 458; *detennono*: p. 474.

Análise do dado: DETER: fazer parar, parar algo; no contexto, parar os navios. Caraci (1991, p. 386, nota 4) atesta ser do português e espanhol, no entanto Romanini (2007, p. 146) acredita ser um iberismo. Adaptação morfológica por derivação: Da Empoli insere no verbo a flexão do gerúndio, segunda conjugação, modelado em *trattenere*, *trattenendo*. Adaptação gráfica com a substituição da vogal –e por –i.

DOBRAMMO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e partendo con non molto buon tempi, per essere tardi, navichammo in una volta e altra, insino che <dobrammo> l’isola di Zellore, dove si comincia il golfo per a Malacha” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 174).

Italiano: *varcammo, oltrepassammo*.

Português: dobramos.

Citações na obra: p. 192, 193.

Análise do dado: DOBRAR: passar por algum lugar, dando a volta. Consta em Caraci (1991, p. 405, nota 6) como do português. Graberg (1846, p. 52, nota 3) comprova que é do francês *doubler*, mas também do português e espanhol *doblar*. Há também adaptação morfológica formal, com a flexão do passado remoto italiano da 1.^a conjugação.

ERRO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “L’altro giorno a l’alba, dubitandomi io dello <erro> del piloto, veghiando la terra e parendomi vederlla, chiamai il piloto, e lli dissi come mi pareva vedere terra” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 194).

Italiano: *errore*.

Português: erro.

Análise do dado: ERRO: falha, engano. Graberg (1845, p. 72, nota 1) sustenta que é idiotismo das antigas cidades e do interior da Toscana, contudo Caraci (1991, p. 429, nota 1) afirma ser do português. GDLI (1961, v. 5, p. 264) apresenta como sinônimo de culpa e erro, porém é palavra arcaica. Sem adaptações.

FALTA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “Schordavami dirvi e costumi e modi de’ Malabari e gentili de l’India, le quali per <falta> di buona memoria l’avevo dimentichata” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 151).

Italiano: *mancanza*.

Português: falta.

Citações em outros autores: - Sassetti, p. 399; *avendo faltato*: p. 441.

Análise do dado: FALTA: ato ou resultado de faltar, e é exatamente com esse significado que aparece no texto, como uma evidente interferência do português. Atestado como iberismo em Romanini (2004, p. 151) e em Caraci (1991, p. 913, nota 6); como do português por Cardona (1973, p. 211). Sem adaptação.

FATTORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Di poi chiedemo che il <fattore> del re, che llà rimaneva per il re di Portogallo, avessi lui a intendere nella giustizia dei cristiani, quando occhorressi” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 148).

Italiano: –

Português: feitor.

Citações na obra: p. 145, 198.

Citações em outros autores: Corsali, *factore*: p. 12; Balbi, *fattor*: 48-49. Sassetti: p. 519.

Análise do dado: FEITOR: administrador, agente comercial que atuava como supervisor nas colônias e portos portugueses. Atestado em Pozzi (1991, p. 1124) como do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética no acréscimo do dígrafo –t do fonema final /re/, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –r.

FATTORIA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] che quivi aveva discharichato nella <fattoria> del Re di Portogallo: la quale presa passava di valore di L mila ducati” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 161).

Português: feitoria.

Citações na obra: p. 161, 168, 169.

Análise do dado: ver **factoria** em Varthema.

FIDALCHI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] et se non fusse suto il nostro buono avviso, ci arebbono fatto chome feciono alla buona anima del nochiero, che l’amazzorano, insieme con molti <fidalchi>” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 199).

Italiano: *hidalghi*.

Português: fidalgos.

Citações em outros autores: Corsali, *fidalghi*: p. 14; Sassetti, *fidalghi*: p. 116, 226, 286; *fidalgo*: p. 553.

Análise do dado: FIDALGO: que ou quem pertence à nobreza; aristocrata. Todos os linguistas italianos do *corpus* são concordes em afirmar que essa palavra se originou do espanhol, contudo o título era comum também para os portugueses. Treccani dá como origem o espanhol *Hidalgo*. Caraci (1991, p. 434 nota 3) assevera que era um título nobiliárquico português e espanhol, originário de *fijo de algo*. Graberg (1846, p. 77, nota 2) atesta ser uma palavra do português. Adaptação gráfica de número plural italiana em **–chi**.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E avanti potissimo ghuadangiare il detto chapo, chorremo orribile <fortuna> per più volte a albore seccho sanza palmo di vela ora al ponente ora al levante, perché in detto luogho non chursitano altri venti che i 2” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 141).

Português: fortuna.

Citações na obra: p. 207.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FROTTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “e chome avemo vista d’esse, il capitano generale mandò che ffussimo tutta la sua <frotta> alla volta d’essi gunchi, e che faciessino segnali che chalassino e ubbidissino al capitano” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 170).

Italiano: *flotta*.

Português: frota.

Citações na obra: p. 168, 174, 180, 193, 196, 205.

Citações em outros autores: Sassetti, *flotta*: p. 271, 280, 285, 286, 523 etc.

Análise do dado: FROTA: conjunto de navios que navegam juntos com um fim específico: frota de guerra, frota mercantil etc. O mesmo que armada. Graberg (1846, p. 74, nota 3) afirma que a palavra é do português, mas que Da Empoli escreveu *frotta* ao invés de *flotta* e que significa armada naval. Acrescenta que a palavra também é espanhola, mas que Da Empoli a utiliza por tê-la identificado ao português. Para Pozzi (1991, p. 1126) e Zaccaria (1927, p. 175), a palavra é do espanhol *flota* e do português *frota*, portanto um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo **–t** em uma hipercorreção gráfica.

FUSTAGLE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Et fato vela, noi gli seghitamo, e cho lle nostre artiglierie faciamo danno grande nelle <fustagle> piccole” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 196).

Italiano: –

Português: coletivo de fusta, *fustalhas*

Citações na obra: p. 170, 184, 185.

Análise do dado: *FUSTALHA*: no exemplo hipotético, como coletivo de fusta. Da Empoli se refere às fustas sempre designando quantidade, cuja desinência –**aglia/agle** é característica de coletivo italiano, normalmente em sentido negativo, porém no contexto essa negatividade não é expressa. Caraci (1991, p. 399, nota 4) afirma ser do português *fustalha*, porém não encontramos essa palavra nos dicionários portugueses que fazem parte da nossa bibliografia. No dicionário online da Porto Editora encontramos fustalha como sinônimo de “grande quantidade de fustas” e em uma segunda acepção, “conjunto de fustas (embarcações compridas),”¹³⁹

FUSTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Partimo di Chuccim per detto viaggio chon 19 vele, in che entravano 2 ghalee e 2 brighantini e una <fusta>” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 174).

Italiano: –

Português: fusta.

Citações na obra: p. 170, 173, 184, 185 etc.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GENTILE s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “E ffumo di Chananor a lungho della chosta a ttenere sopra uno porto di una terra chiamata Honir, della quale era signore e ghovernatore uno <gentile> chiamato Timoge, grandissimo chavaliero e grande chonfederato de’ portoghesi” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 169).

Português: gentio.

Citações na obra: p. 199, 201, 202, 203.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

¹³⁹ Disponível em: < <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/fustalha>>. Acesso: 16 jul. 2013.

GHOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] et entrando nella ciptà, fui súbito a chasa il <ghovernatore> della iustizia, chiamato sciabandare, che è il nome dello ufizio” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 175).

Italiano: governatore.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

GHOVERNAZIONE s. f. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e che chonquistata la ciptà, che chonsegnerebbe la <ghovernazione> d’essa a detto Timoge: e chosì acorderono” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 170).

Italiano: –

Português: governação.

Análise do dado: GOVERNAÇÃO: ato ou efeito de governar. Não encontramos essa atestação nos linguistas italianos, contudo podemos considerar como sendo do português, pois é um substantivo modelado em *ghovernatore* (cf. Da Empoli). Empréstimo semântico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo **–zione**, normal italianização do sufixo português **–ção**.

HONDE adv. *Outros*.

Atestação: “[...] et in quanto andrò scrivendo questa giornalmente, fo conto ariverò in porto, <honde> spero trovare nuove di vostra et di tutti altri parenti et amici salute” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 160).

Italiano: *dove*.

Português: onde.

Citações na obra: p. 160, 161, 163, 170, 171, 185, 190, 191, 193, 195, 203, 205.

Análise do dado: ONDE: advérbio de lugar; em que lugar. Caraci (1991, p. 384 nota 3) afirma ser uma forma ibérica usada regularmente no lugar de *dove* e também *donde*. Graberg (1846, p. 36, nota 1) assegura que é utilizada no lugar de *ove* e que isso acontece mais vezes. Na realidade, donde e onde podem ser intercambiáveis, mas não é o que acontece no discurso de Da Empoli, no qual adquirem significados diferentes, sendo um sinônimo de ‘naquele lugar’. Decalque homonímico com adaptação gráfica no acréscimo do grafema inicial **–h**.

LINGHUE s. f. pl. *Outros*.

Atestação: “Le quali presentate, rispose non gli avere; e allora ci partimo per India, per là sortirci di <linghue>, cioè turcimanni, et pilota per la nostra navighatione” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 161).

Italiano: *lingue*.

Português: línguas.

Análise do dado: LÍNGUA: com o significado de saber várias línguas; por extensão, intérprete. Atestado em Romanini (2004, p. 151), D’Agostino (1994, p. 812) e Caraci (1991, p. 385, nota 9) como sendo do português. Decalque semântico com adaptação gráfica de número feminino plural italiano em **-e**.

LU(O)GHO adv. *Outros*.

Atestação: “Detemi un <lu(o)gho> dove dormisse insino che fussi giorno, fuori delle sue porte, in uno pinate, che al nostro modo è muricciulo, senza altra cosa” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 176-177 inserção de parênteses do autor).

Italiano: *posto*.

Português: lugar.

Análise do dado: LUGAR: posição ocupada em um espaço determinado. Em italiano, existe a palavra *luogo*, com o mesmo sentido de espaço determinado, mas, para dizer lugar para dormir, usa-se o termo *posto*. Caraci (1991, p. 406, nota 6) afirma que essa palavra no português tem o significado de *lugar*, como se encontra expresso no contexto. Decalque sinonímico.

MAESTRI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] che se lui avessi errato, che llui ghastigassi, et che non tachassi né sua piloti né <maestri>, perché loro avevano fatto quello che lui aveva chomandato” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 173).

Italiano: *comandante in seconda*.

Português: mestres.

Citações em outros autores: Pigafetta, *maistro*: p. 111, 115. 184; Balbi, *maestro*: p. 80; Sassetti, *maestro*: p. 260, 477.

Análise do dado: MESTRE: oficial da marinha que nos navios é responsável pelo aparelho e velame. Apesar de existir em italiano a palavra *maestro*, significando aquele que pode ensinar algo, não é com esse sentido que aparece no texto. Balbi também afirma que são os portugueses a chamar o ajudante de mestre: “essendo il Nocchiero detto da loro maestro”

(BALBI, 1590, p. 80, grifo nosso). Bluteau (1712, p. 457) registra com o significado de mestre de nave mercantil, função subordinada ao piloto, que por sua vez está subordinado ao capitão, exatamente como explicita Pigafetta na atestação, que relata ser o terceiro oficial na hierarquia do navio. A função do mestre, segundo Bluteau, é comandar os marinheiros. Atestado em Cardona (1973, p. 189) e Olga Pinto (1962, p. 328, nota 942) como um decalque do português *mestre*. Cardona acrescenta que não se pode falar que seja um empréstimo propriamente, contudo existe a frequência de uso devido ao influxo do português. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **-i**. Ver **contro maestro** em Pigafetta.

MANTIMENTO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che la India istava in condizione di perdersi, e che il re aveva bisogno di nave e genti e <mantimento>” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 165).

Italiano: *provvisioni*.

Português: mantimentos.

Citações na obra: *mantimento/i*: p. 164, 165, 171, 172, 174, 181, 184, 186 etc.

Citações em outros autores: Corsali, *mantenimento*: p. 490, 491; Ardizi, *mantimenti*: p. 758, 759.

Análise do dado: MANTIMENTO: provisão de víveres. Pelo contexto notamos que se refere a tudo o que é necessário para prover um navio: cordas, âncoras, barris, armamentos etc., incluindo também as provisões alimentares e pessoais. Para Caraci (1991, p. 223, nota 3), é palavra espanhola e aparece pela primeira vez em Vespucci, como *mantenimento*. Graberg (1846, p. 41, nota 4) afirma que é uma palavra nitidamente portuguesa, referindo-se não somente à alimentação, mas também aos armamentos. Decalque homonímico, sem adaptação.

MINA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Dipoi di Pechù, che è una città popolata e nobile di gente e chavagli, dove è la vera <mina> di binoni e perfetti rubini e in grande abbondanza” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 202).

Italiano: *miniera*.

Português: mina.

Citações na obra: p. 143.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 227, 447.

Análise do dado: MINA: depósito natural de onde se extraem diversos metais preciosos e outros minérios. Spallanzani (1999, p. 202, nota 132) adverte que nos dois manuscritos a leitura “binoni” é a mais convincente e que Caraci (1991, p. 438) corrige a palavra para *buoni*. Atestado por Pozzi (1991, p. 1156) como sendo um iberismo do português *mina*. Decalque homonímico sem adaptação.

MUTAZIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] et visto che ‘l tempo non facieva nessuna <mutazione>, temendoci non avessi a durare molto, per il che ci poteva sopravvenire molto danno, perché le nave rimanevano fuori con pocha gente” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 170).

Italiano: *mutazione*.

Português: *mutação*.

Citações em outros autores: Corsali: p. 501; Ardizi: p. 749; Sassetti: p. 231, 352, 353, 498.

Análise do dado: MUTAÇÃO: mudança, alteração decorrente de fenômenos naturais, como vento, clima, tempestade etc. Cardona (1973, p. 190) registra como sendo o português *mudação*, com significado de mudança da direção do vento. Acrescenta que não se pode falar que seja um empréstimo propriamente dito, contudo para o autor existe a frequência de uso devido ao influxo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo italiano **-zione**, em uma normal italianização do sufixo português **-ção**.

NAIRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e di poi e <nairi>, e quali al modo nostro sono siri di riputazione” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 147).

Português: *naires*.

Análise do dado: Ver **naeri** em Varthema.

NATURALI adj. *Usos e costumes*.

Atestação: “E dricto a llui aveva molti elefanti e chavagli, e anchora che e cavagli non sieno <naturali> del paese come gli elefanti, ma venghano di verso la Persia” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 147).

Italiano: *nativi*.

Português: *naturais*.

Citações na obra: p. 201, 203.

Citações em outros autores: Corsali: p. 4, 6, 497, p. 499; Sassetti: p. 391, 400, 496.

Análise do dado: NATURAL: nativo originário de determinado local. Atestado em Pozzi (1991, p. 1160) como do espanhol e do português. Romanini (2004, p. 151) atesta ser um decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **-i**.

PIPPA s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Il generale mandò a ppigliare per lui alchune ghalline, farine e conserve, e una <pipa>, cioè botte d’acqua;” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 189).

Italiano: *botte*.

Português: *pipa*.

Citações na obra: Lett/Emp1 150.

Análise do dado: PIPA: recipiente para armazenar líquidos, especialmente água, óleo e vinho. As pipas faziam parte das expedições, pois armazenavam também alimentos, além dos líquidos. É uma das raras vezes que Da Empoli explica a palavra (*cioè, botte*), sinal de que está consciente da interferência. É atestado por Romanini (2004, p. 151) e Caraci (1991, p. 423, nota 2) como sendo do espanhol e português, e destes do francês *pipe*, antiga medida de líquidos. Existe a palavra *pipa/pippa* em italiano, com o significado de cachimbo. Empréstimo semântico com adaptação gráfica no acréscimo do dígrafo italiano **-p**.

PRAIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] dove troviamo una terra chiamata Cholom, nella quale non v’era suto giammai persona a dischoprire: e qui surgiemo a lungho della <praia> è chosta brava, ben sei miglia di terra” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 145).

Italiano: *spiaggia*.

Português: *praia*.

Citações em outros autores: Pigafetta: p. 199, 200; Sassetti, *battiaplajas*: p. 492; Cavazzi, *praia*: p. 17.

Análise do dado: PRAIA: faixa ou região, geralmente de areia, que costeia o mar, lagoas ou rios. Atestado por Romanini (2004, p. 151) como iberismo. Para Pozzi (1994, p. 291), trata-se de um locativo mediado pelo espanhol *plagia* e pelo português *praia*, com o significado de

costa, litoral. Metzeltin (1973, p. 251) sustenta que essa palavra já era documentada nos portulanos¹⁴⁰ portugueses na segunda metade do século XIV.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] il nostro capitano, Diegho Mendes, chon gl’altri sua capitani e uficiali a llui sottoposti, e altri <principali>, fumo alla nave del generale Alfonso d’Albucherch, per presentarlli il contrato del re” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 163).

Português: principais.

Citações na obra: p. 173, 178.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

RACCOGLIMENTO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Pure entramo dentro, alli 16 di settembre, dove ci fu fatto bellissimo <rachoglimento>: e ben sono cierto che per molta allegrezza che avessimo, che lla nostra fu maggiore” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 151).

Italiano: *accoglienza*.

Português: acolhimento.

Análise do dado: ACOLHIMENTO: ato de acolher, de receber bem uma pessoa, acolhida, recepção. Atestado em Romanini (2004, p. 152) como sendo um portuguesismo, com adaptação morfológica de prefixação baseada na forma italiana **ra-**, *raccogliere* (verbo colher).

REDENTIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Qui non era <redentione> nessuna, salvo di sperare l’aiuto di Dio, il quale bisognava venissi accielleratamente, ché qui non v’era rimedio nessuno per più che un dì [...]” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 150).

Italiano: *redenzione*.

Português: redenção.

Análise do dado: REDENÇÃO: sentido figurado, significando salvação. Romanini (2004, p. 152) classifica como lusismo semântico e acrescenta que já foi usado, com o mesmo significado, por Boccaccio, Villani, Ariosto. Procuramos atestações em outros linguistas, mas

¹⁴⁰ Manual de navegação medieval, com a descrição das costas e dos portos, ilustrado com mapas (aperfeiçoado pelos portugueses na segunda metade do século XIII, continha informações desde o Mar Negro até as ilhas Britânicas). (HOUAISS).

não encontramos. Portanto, resolvemos assinalar, mas com as devidas restrições, pois, se foi usada por Boccaccio, o significado em italiano é muito anterior ao do português. Decalque semântico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo **-tione** (o sufixo **-tione** era usado em italiano calcado no acusativo **-tio** do latim, que deu origem a **-zione** em italiano (*redenzione, premonizione, commemorazione*) e em português **-ção**: redenção, salvação, comemoração etc.).

REGGIMENTO s. m. sing. *Área militar.*

Atestação: “[...] fumo alla nave del generale Alfonso d’Albucherch, per presentarlli il contratto del re e mostrargli nostro reale <reggimento>, et significargli la chausa di nostra venuta” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 163).

Italiano: *reggimento*.

Português: regimento.

Citações na obra: Lett/Emp1: p. 143.

Citações em outros autores: Corsali, *regimento*: p. 481; Ardizi, *regimento*: p. 759.

Análise do dado: REGIMENTO: regulamentos estabelecidos por escrito. Atestado por Caraci (1991, p. 390, nota 2) e Zaccaria (1927, p. 315) como sendo um portuguesismo. Encontramos a mesma palavra significando unidade militar sob o comando de um oficial: “[...] deliberamo lasciare el reggimento del piloto e partire” (SPALLANZANI, 1999, Lett/Emp1, p. 143). Essa segunda ocorrência Romanini (2004, p. 152) considera um iberismo e lhe dá a mesma interpretação de Caraci, mas a significação é outra; não se trata de *Ecasual*, mas de palavra que já existia na língua italiana significando modo e ato de reger, de governar (Treccani). Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, no acréscimo de fonema **-g**.

RELATORIO s. m. sing. *Usos e costumes.*

Atestação: “Per honde avemmo notizia de la ricchezza et navichazione di Melacha, nonostante che in Mazzambich trovassimo uno <relatorio> di Malacha per Diego Lopes di Sichiera, chapitano maggiore che là era suto” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p.161).

Italiano: *relazione*.

Português: relatório.

Análise do dado: RELATÓRIO: texto escrito no qual se relatam fatos, eventos ou qualquer outra atividade. Caraci (1991, p. 386, nota 8) afirma ser do português, com significado de *relação escrita*. É o único autor no qual encontramos essa palavra. Decalque homonímico com adaptação gráfica, sem o acento.

RINFRESCHARE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] onde stettono 8 dì a <rinfreschare> le genti. (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 206).

Italiano: *rinfrescare*.

Português: refrescar.

Análise do dado: ver **rinfresco** no mesmo autor.

RINFRESCO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E di qui fumo a Chananor, e pigliamo <rinfresco> per ricreatione di tante fatiche e fortune sopportate” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 144).

Italiano: *rinfresco*.

Português: refresco.

Citações na obra: Lett/Emp2, *rinfresco/i*: p. 189, p. 190, 199; e *rinfreschamento*: p. 206.

Citações em outros autores: Pigafetta: *refresco*: p. 113; Corsali, *rinfresco*: p. 470. 476, 495, 497; Federici, *refrescamenti*: p. 101; Balbi, *rinfrescamenti*: p. 2, 17.

Análise do dado: REFRESCO: reabastecimento de mantimentos frescos e provisão de água dos navios; provisões (HOUAISS, rubrica 5). É um termo muito comum na língua dos viajantes italianos. Após uma longa viagem, em cada porto onde o navio parava, era abastecido e o viajante utilizava essa palavra para significar víveres; utilizavam também o sinônimo *rinfrescamento/refrescamento*. Atestado em Zaccaria (1927, p. 349) como sendo do português. Romanini (2004, p. 152) afirma ser um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica, na substituição do fonema /re/– por /rin/. Pozzi (1991, p. 1187) afirma que é frequente a troca, no início de palavras, de /ri/ por /re/ e vice-versa.

RIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E così fumo al chamino; e entrati in quella barra drento nel <rio>, surgiemo e aspettamo circha di uma ora” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 170).

Italiano: *rio, fiume*.

Português: rio.

Citações na obra: p. 170, 171, 173, 196; *rii*: p. 203.

Citações em outros autores: Federici: p. 31; Sassetti: p. 226, 300, 394 etc.; *rii*: p. 399, 460.

Análise do dado: RIO: curso de água natural. Cardona (1973, p. 212), ao afirmar que é uma palavra do português, comenta o seguinte: “Dada a variação de frequência de uso (nos portulanos aparece somente *rigo* e somente uma vez, com o significado habitual de ‘ribeirão’,

e a especificidade de significado ‘rio’), é necessário postular um decalque do português *rio*, mesmo para uma palavra tão comum”¹⁴¹. Zaccaria (1927, p. 349) atesta como vinda do espanhol e português *rio*, portanto um iberismo. Acrescenta que é um hispanismo ideológico, pois em italiano até o momento das navegações era utilizada apenas a palavra *ruscello*. Metzeltin (1973, p. 253) atesta como sendo do português.¹⁴² Decalque homonímico, sem adaptação.

RUBO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] che il re gli desse e sua priogioni, e che gli faciessi paghare tutta la perdita e il <rubo> che ffecono a Diegho Lopes, che erono bene 30.000 duchiati” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 184).

Italiano: *furto*.

Português: roubo.

Análise do dado: ROUBO: apoderar-se de bens alheios, furtar. Atestado em Pozzi, (1991, p. 1192) como sendo do espanhol *robo* e do português *roubo*. Ver **rubare** em Da Empoli e Varthema. Decalque homonímico com adaptação fonética, na perda do fonema /o/.

SAGLIE s. m. pl. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Non hanno manchamento se non di farina di arbori; e quali si chiamano <saglie>, di che fanno pane” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp4, p. 230).

Italiano: *sago*.

Português: sagu.

Análise do dado: SAGU: fécula extraída da palmeira do gênero *Metroxylon*, que servia de alimento para os habitantes do Extremo Oriente. Spallanzani (1999, p. 230, nota 11) informa que no manuscrito B.R. 237, c. 51r, se lê *saghur*. Palavra do malaio, *sagu*, que entrou para o italiano através do português (cf. Schultz, 2007).

SALENDO verbo. *Outros*.

Atestação: “In questo, venne il giorno; et <salendo> fuori di chasa detto ghovernatore, senza altro dirmi, soprassedette alquanto” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 176).

Italiano: *uscendo*.

¹⁴¹ “Dato lo sbalzo di frequenza d’uso (nei portulani compare solo *rigo* e una sola volta, col significato abituale di ‘ruscello’ e la specializzazione di significato ‘fiume’) è necessario postulare un calco sul portoghese *rio* anche per una parola tanto comune” (aspas, parenteses e grifos do autor).

¹⁴² Vimos *rio*, com o mesmo significado do português em Dante e Petrarca. Ex. Canto III, da Divina Commedia.

Português: saindo.

Análise do dado: SAIR: mover-se do interior de um espaço para o exterior. Neste *Ecasual* é clara a interferência do português na língua de Da Empoli: em italiano, *salendo* significa subindo e no contexto, ‘sair de casa’. É atestado por Caraci (1991, p. 407, nota 2) como *sair*, do português. Adaptação do gerúndio italiano de 3.^a conjugação em **–endo**.

SARAFFI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] e trovammo che di primo costo chostavano le mercanzie di quel gunco drento di Benghala 120 mila <saraffi>” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 180).

Português: xerafins.

Citações na obra: *saraffi*: p. 169.

Análise do dado: ver **seraphi** em Varthema.

SCIABANDARE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] et entrando nella ciptà, fui subito a chasa il governatore della iustizia, chiamato <Sciabandare>, che è il nome dello ufizio; et quivi arrivati, non fui ricevuto da llui come sarei suto da voi” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 175).

Italiano: –

Português: xabândar.

Citações na obra: p. 175, 176, 178.

Citações em outros autores: Corsali, *scambadar*: p. 482; Balbi, *sabandar*: p. 141.

Análise do dado: XABÂNDAR: encarregado do porto. Aulete registra como sendo o encarregado do porto entre os índios, mas como é palavra originária da Indonésia, talvez não seja a definição certa ou se refira aos indígenas orientais. Contudo, em todas as atestações encontradas, fala-se de um cargo de pessoa moura. Está registrado no Bluteau (1712, p. 609) e no Moraes Silva (1813, p. 868). Ambos confirmam que é a pessoa que exerce o ofício de cônsul, definição feita por comparação no Corsali. Etimologia do árabe *shāh-bandar*, significando chefe do porto (cf. Caraci, 1991, p. 406, nota 5).

SERRAZIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] trovandosi molto in terra, saltò il vento traversio, di modo che istemmo tutto un giorno con forza di vele per dobbrar la punta dell’isola, con gran vento e <serrazione>, che stemmo del tutto traboccati e perduti” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 192).

Italiano: *nebbia*.

Português: cerração.

Análise do dado: CERRAÇÃO: nevoeiro, neblina densa que dificulta a visão e a orientação espacial. Caraci atesta ser do português *cerração* e espanhol *cerrazón* (1991, p. 426, nota 3) e dá como sinônimo ‘o escuro que precede o temporal’, o que não comporta o sentido todo da palavra, pois nem sempre a cerração está presente apenas antes do temporal. Cardona (1973, p. 191) sustenta que é um decalque do verbo *cerrar*, em *serrare*, e dá como sinônimo italiano *nebbia*, o que corresponde ao significado português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo italiano **-zione**, em uma normal italianização do sufixo português **-ção**.

SINABAFFI s. m. pl. *Indústria têxtil*.

Atestação: “[...] nella quale si fanno panni di chotone tutte sorte, finissimi, che ssi chiamano brattigle, <sinabaffi>, bairalam, sultanpur, e altre sorte panni molto bellissimi di cotone” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 201).

Português: sinabafo.

Citações na obra: p. 98.

Análise do dado: ver **sinabaph** em Varthema.

SOMMA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Andava per la terra di Giava con <somma> di danari, secondo dissono, 30 mila duchati, per soldare giunchi e gente per andare sopra Pazze per insehgorirssi del regno” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 180).

Italiano: *somma, quantità*.

Português: soma.

Citações na obra: *somma di denaro*, p. 187; *somma di elefanti*, p. 182; *somma di lacca*, p. 202.

Citações em outros autores: Corsali: p. 507.

Análise do dado: SOMA: quantidade de alguma coisa. Existe em italiano a palavra *somma*, com significado de soma e de quantidade, contudo Cardona (1973, p. 212) atesta como sendo um étimo provável do português *soma de*, com o sentido de quantidade. Cardona ainda acrescenta que geralmente a palavra soma vem, nos escritos acompanhada do adjetivo *grande* (grande soma de). Decalque semântico com adaptação gráfica no acréscimo do dígrafo italiano **-m**.

SONDANDO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E <sondando> il nostro piloto, quando trovava 30 braccia, e quando dieci o meno, di modo che noi altri, per non possere altro fare, surgemo in 4 braccia con assai paura di mostra perditione [...]” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 143).

Italiano: *sondare*.

Português: sondando.

Citações na obra: Lett/Emp2, *sondò*: p. 188.

Análise do dado: SONDAR: explorar com sonda, perscrutar. Bluteau (1712, p. 418) define o verbo sondar como “examinar a altura do mar ou rio, lançando a sonda”, definição que se aplica ao *Ecasual* utilizado por Da Empoli. Atestado por Romanini (2004, p. 152) e D’Agostino (1994, p. 801) como sendo do português *sonda* e este do francês *sonde*. Zaccaria (1927, p. 366) comprova que essa palavra é frequente no léxico dos viajantes portugueses e espanhóis nas formas *sonda*, *sondar*, *sondear*, *sondaresa*, *sondalesa*. Sem adaptação.

STORACE s. f. sing. *Matéria-primas transformadas*.

Atestação: “Tanazzari, Sarnau, dove si fa tutto il buengui biancho finissimo, <storace>, lacha più fine della di Martanan e de schale, dove venghono e cini a vedere le lor merchanzie” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 202).

Português: estoraque.

Análise do dado: ver **storace** em Varthema.

SURGIERE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E chome fumo alla vista della roccha di Sintra, cinque leghe di Lisbona, [...], a-ffare a-ssapere al re chome noi eravamo qui, e che ci mandassi ordine dove avessimo a <surgiere>” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 150).

Português: surgir.

Citações na obra: *surgiere*: p. 150; *surgiamo*: p. 143, 145, 150, 170; Lett/Emp2, *surgiere*: p. 170, 171, 175, 188, 189, 196; *surgiamo*: p. 175; *surti*: p. 177, 181, 182, 183, 191; *surte*: p. 205; *surgì*: 147.

Análise do dado: Ver **surgemmo** em Varthema.

SURGITOIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E giunti presso a terra, dove è uno porto, dove è naturale <surgitoio> delle navi d’India, e chome fumo giunti, surgì l’anchore de’ battelli, et feciesi alarghare al mare insino a tanto che il re venisse a-llito” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 147).

Italiano: –

Português: surgidouro.

Análise do dado: SURGIDOURO: lugar onde as embarcações ancoram. Bluteau (1712, p. 798) registra a entrada surgidouro como sinônimo de “Porto: O lugar onde os navios vao surgir”. Da Empoli emprega como verbo (surgir) e também como substantivo. Ver **surgemmo** em Varthema.

TACHASSI verbo. *Outros.*

Atestação: “[...] che se lui avessi errato, che llui ghashighassi, et che non <tachassi> né sua piloti né maestri, perché loro avevano fatto quello che lui aveva chomandato” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 173).

Italiano: *aggredisse*.

Português: atacasse.

Análise do dado: ATACAR: agredir fisicamente, proferir ofensas. Atestado por Caraci (1991, p. 404, nota 1) como do português atacar. Assimilação fonética com a perda da vogal –a inicial: essa perda é comum no falar popular. Há também adaptação morfológica formal, com a flexão do pretérito imperfeito do subjuntivo de 1.^a conjugação em –**assi**, com adaptação morfológica e gráfica na flexão de 2.^a pessoa do imperfeito italiano, ao invés da 3.^a pessoa.

TANBENE adv. *Outros.*

Atestação: “E chosì tornatoci a nnave, gli e’ della terra si tornò <tanbene> a riformare; e dove prima era forte, la feciom molto più” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 186).

Italiano: *anche*.

Português: também.

Atestações em outros autores: Sassetti, *tambene*: p. 218, 262, 284, 423, 450, 514.

Análise do dado: TAMBÉM: indica uma comparação; do mesmo modo. Zaccaria (1927, p. 376) atesta que provém do português e do espanhol, acrescenta que, como ele verificou a existência desse empréstimo em várias passagens nas cartas do Sassetti, a língua deste se tinha espanholizado, contudo Sassetti viveu sempre com os portugueses. Zaccaria acrescenta que não encontrou em nenhum outro escritor italiano o registro dessa palavra, mas, conforme a atestação acima, consta também em Da Empoli. Cardona, como vimos, reafirma que a língua sassettiana é plena de lusismos. Caraci (1991, p. 418, nota 6) atesta ser do português *também*. Decalque sinomínico com adaptação morfológica formal, no acréscimo de um –e final.

TRAVAGLO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Nel qual luogho arivato, evi nuove chome il generale era partito; et chosi mi tornai a Chuccim, dove sono istato tutto l’inverno a ffare rachonciare di nuovo le nostre nave, com gram <travaglo> e ffaticha” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 198).

Italiano: *lavoro*.

Português: *trabalho*.

Citações na obra: *travaglo/i*: p. 159, 160, 198.

Citações em outros autores: Corsali, *travaglio*: p. 496, 507; Federici, *travaglio*: p. 45, 50, 118, 126; Balbi: p. 2, 7, 31, 45, 90 etc. Sassetti: p. 286, 224, 251, 309, 376, 378, 385, 498 etc.; *travagliare*: p. 220; Carletti: p. p. 36-37, 42, 252; Borri: p. 66; Cavazzi: p. 23, 61, 71, 240, 247, 303, 424; De Carli: p. 30, 33, 49, 146, 232, 236, 246, 259.

Análise do dado: TRABALHO: conjunto de atividades humanas empregadas para atingir determinado fim. Com esse sentido aparece apenas uma vez, contudo é citado outras vezes, significando tribulação. Cardona (1971, p. 42) atesta ser do português *trabalho*. Decalque homonímico com adaptação gráfica do dígrafo **–lh**, na forma italiana **–gl**.

URRACHE s. f. pl. *Matéria-primas transformadas*.

Atestação: “Di modo che pigliamo li detti 2 giunchi: venivano chariche di pescie salato, risi, <urrache>, cioè vini di palma, cochi e panni di palma” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp 2, p. 184).

Italiano: *arrak*.

Português: *áraques*.

Citações em outros autores: Pigafetta, *uraca*: p. 127, 154; *arach*: p. 154.

Análise do dado: ÁRAQUE: bebida alcoólica com sabor de anis, de origem árabe. Produzida também no Extremo Oriente e no Oriente Médio, se prepara mediante a fermentação da seiva de coqueiro, de palmeira ou de tamareira e pode, inclusive, ser feita do arroz e do melado. No contexto, o suco, destilado e fermentado, é extraído mediante determinado processo da planta do coco (Pigafetta explica o processo no exemplo do *cocco*, cf. 5.3.2). Diversos viajantes o chamam de *vino di palma* (vinho de palmeira). Para Caraci (1991, p. 415, nota 2) se refere a várias bebidas de teor alcoólico produzidas no Oriente. Pozzi (1994, p. 235) afirma que *uraca* e *arach* são variantes portuguesas do árabe *araq*. Ver **aqua vita** em Varthema, que especifica o modo como os nativos produziam a bebida, extraindo-a da palmeira.

VASA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il porto é bellissimo e sichuro d’ogni vento, perché è serrato el fondo e <vasa>, che anchor alle navi tochano, tornano a lor piacere a ssalire” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 181).

Italiano: *fango*.

Português: *vasa*.

Citações em outros autores: Federici, *vaso*: p. 109.

Análise do dado: VASA: lama muito fina, depositada no fundo do mar pela decomposição de material orgânico. Atestado por Spallanzani (1999, p. 181, nota 77) e Caraci (1991, p. 88, nota 5, grifo e parênteses francesas da autora) como sendo do português *vasa*, que equivale a «pantano». Metzeltin (1973, p. 249) assevera que a palavra é dos portulanos portugueses, mas provém do francês *vase*.

VIGHORARE verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] la quale per essere chosta et terre molto suddite alle corrente e molti schogli e basso mare, e oltre è choperta della linea equinomentiale, dove, per la forza d’essa, il vento non può <vighorare>” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 140).

Italiano: –

Português: *vigorar*.

Análise do dado: VIGORAR: revigorar, tornar mais vigoroso, ter mais força. Não existe esse verbo em italiano, embora haja o substantivo *vigore* e o adjetivo *vigoroso*. Romanini (2004, p. 153) afirma ser influxo do português. Adaptação morfológica formal, com a terminação verbal –**are**, dos verbos italianos da 1.^a conjugação.

HO VOLTATO verbo. *Outros*.

Atestação: “Io <ho voltato> tutta la ditta somma de’ chrociati settemila a Giovan Francesco delly Affettati [...]” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp5, p. 221).

Italiano: *ho restituito*.

Português: *voltei*.

Análise do dado: VOLTAR: restituir a quem possuía alguma coisa. Não encontramos atestações nos linguistas italianos, mas é um evidente iberismo. Decalque homonímico com adaptação formal ao pretérito italiano.

5.2.2.2 UFcasuals em Da Empoli

A ALBORE SECCHO loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E avanti potessimo ghuadangniare il detto chapo, chorremo orribile fortuna per più volte <a albore seccho> senza palmo di vela ora al ponente ora al levante, perché in detto luogho non chursitano altri venti che i 2” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 141).

Italiano: –

Português: a árvore seca.

Análise do dado: [NAVEGAR] A ÁRVORE SECA: tecnicismo náutico, significando navegar sem o uso das velas, devido ao excesso de vento¹⁴³. No contexto, devido à tempestade, que Da Empoli denomina *fortuna*, tiveram que abaixar as velas e navegar a árvore seca. Não encontramos essa locução nos dicionários portugueses atuais, mas Bluteau (1712, p. 582) registra a acepção “Arvore seca. (Termo de navegantes). Correr arvore seca, com as velas amainadas, e apanhadas nos mastros”. No Moraes Silva (1813, p. 174) existe a entrada *arbore*, como sinônimo de árvore. Para Romanini (2004, p. 149), é um iberismo; para Pozzi (1991, p. 1070), essa locução é frequente no espanhol e frequente nos relatórios de viagem. Como foi registrado por Bluteau e Moraes Silva e como a UFcasual se encontra em contexto de contato com portugueses, podemos confirmar como interferência do português.

A FALSA FE loc. subs. *Outros*.

Atestação: “Mandolli a chiamare <a falsa fe>; e venuti, mandò loro a tagliare il chapo a tutti: diciesi che tolse loro somma di danari” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 187).

Italiano: *in mala fede*.

Português: a falsa fé.

Análise do dado: DE MÁ FÉ: expressão que significa agir à falsa fé, enganando traiçoeiramente. Atestado em Caraci (1991, p. 420, nota 5) como sendo do português. Decalque homonímico.

A LUNGHO DELLA loc. prepos. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e ffumo di Chananor <a lungho della> chosta a ttenere sopra uno porto di una terra chiamata Honir” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 169).

¹⁴³ Cf. Curso online de vela. Disponível em:

< http://www.veleiro.net/livrodebordo/cursodevela_parte1.htm>. Acesso em: 20 set. 2012.

Italiano: –

Português: ao longo de.

Citações na obra: p. 162, 193.

Análise do dado: AO LONGO DE: locução adverbial com o significado de percorrer paralelamente, costeando. Encontramos essa locução especificando ‘ao longo da costa’ e ‘ao longo da terra’. Caraci (1991, p. 387, nota 4) afirma ser do português *ao longo de*. Decalque homonímico com adaptação gráfica das preposições italianas *a* e *della* e o advérbio *lungo*.

ANDATE D’ARMATA s. v. *Área militar*.

“Et chosì mi parti’ per il cammino di Malacca addì XV di settembre: honde trovai le 3 nostre navi che pochi dì inanzi erono <andate d’armata>, e avevano fatto più prese” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 195).

Italiano: –

Português: foram de armada.

Citações na obra: p. 168.

Análise do dado: IR DE ARMADA: navios que vão em uma expedição juntos, com o mesmo objetivo, geralmente militar, sob o comando de um capitão-mor. A locução aparece duas vezes em Da Empoli e é atestada por Caraci (1991, p. 396, nota 6) como sendo do português. Decalque sinomínico do português, com o verbo *andare* do italiano, que significa ir, na 3.^a pessoa plural; elisão da vogal na preposição e o substantivo *armata* com a desinência italiana –**ato**.

AVEMO VISTA DELLA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E dobramo detta isola, navechamo tutto il gholfo con buon venti, insino che <avemo vista della> terra da l’altra banda e avuto vista, fumo a essa per riconoscerlla” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 192).

Italiano: *avvistare*.

Português: havemos vista de.

Citações na obra: a vista di: *avere vista*: p. 140, 150, 162, 175, 192; *alla/a vista di*: 141, 150, 160, 161, 180, 192, 194; *perdere di vista*: p. 141, 160.

Citações em outros autores: Corsali, *havemos vista*: p. 2, 3; Sassetti, *avere vista di*: p. 380.

Análise do dado: HAVER VISTA DE: avistar (cf. Leitão & Lopes, 1963, p. 414). Essa UFcasual é muito utilizada por Da Empoli, também na locução preposicional à vista de: “sino alla vista della isola di Salo” (DA EMPOLI, 1999, 1999, p. 192, grifo nosso), e com o sentido

de perder de vista: “cci perdemo di vista tutte le navi” (DA EMPOLI, 1999, p. 160). Atestado por Cardona (1973, p. 193), Romanini (2004, p. 153) e Pozzi (1991, p. 1219) como sendo do português. Metzeltin (1973, p. 256) confirma as diversas expressões compostas pelos verbos estar/haver vista, somadas à substantivação do particípio passado feminino do verbo *ver* e empregadas em locuções da área semântica da marinha.

BENE AVENTURATO adj. *Outros.*

Atestação: “Risposemi, che io ero stato <bene aventurato> a non m’esser trovato in Ghoo; che io sapessi cierto, che sse non mi fusse trovato là, saria stato uno de’ primi che ssaria suto inpichato” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 174).

Italiano: *benavventurato*.

Português: bem-aventurado.

Análise do dado: BEM-AVENTURADO: quem ou aquele que tem boa sorte, afortunado. Apesar de existir a mesma palavra em italiano, esse *Ecasual*, segundo Cardona (1973, p. 213), é empregado em contexto do português, tendo como étimo provável essa língua. Outros linguistas consultados registram como palavra italiana. Decalque homonímico, com adaptação italiana da palavra *bene* e adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo **-ato**, normal italianização do sufixo português **-ado**.

HOSTA BRAVA loc. adj. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “[...] e qui surgiemo a lungho della praia è <hosta brava>, ben sei miglia di terra” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 145).

Italiano: –

Português: costa brava.

Citações em outros autores: Federici, *costa brava*: p. 74; Sassetti: p. 302.

Análise do dado: COSTA BRAVA: costa de mar violenta. Pinto (1962, p. 271, nota 353) assegura que é do espanhol *bravo* e se baseia em Zaccaria, mas podemos considerar um iberismo. Ver **bravo** no mesmo autor.

DI BASSO DI loc. prepos. *Outros.*

Atestação: “Saltorono e portoghesi <di basso di> coverta e rimediorono, e ordinorono che nessuno ghuzzaratto potessi più andare sotto choverta” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 191).

Italiano: *sotto di*.

Português: debaixo de.

Citações na obra: p. 167.

Citações em outros autores: Corsali, *dibasso del*: p. 463.

Análise do dado: DEBAIXO DE: em posição inferior a algo ou alguém que se encontra acima. Interessante notar que Da Empoli, na mesma frase, emprega esse decalque do português e também o advérbio italiano *sotto* [*choverta*], com o mesmo significado. Atestado em Caraci (1991, p. 395, nota 1) como do português *debaixo de*. Decalque homonímico.

LA BARRA SI ERA SERRATA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E tornato al batello, era già sopra la sera e ffacieva molto vento al mare, di modo che <la barra si era serrata> e ffacieva molto mare” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 179).

Italiano: –

Português: a barra tinha-se cerrado.

Análise do dado: CERRAR A BARRA: enevoar, escurecer e fechar, e é com esse último sentido que se encontra no texto: no retorno, Da Empoli explica que encontrou, na entrada da barra, o mar muito violento, dificultando a passagem. Pozzi (1991, p. 1199) sustenta que é um decalque do português *cerrar-se uma barra*. Cardona (1973, p. 191) acrescenta o sentido de não poder navegar devido às condições difíceis do mar. Decalque aproximativo, no uso do particípio passado, com valor de adjetivo.

LINEA EQUINOMENTIALE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] la quale per essere chosta et terre molto suddite alle corrente e molti schogli e basso mare, e oltre è choperta della <linea equinomentiale>, dove per la forza d’essa, il vento non può vighorare” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 140).

Italiano: *linea equatoriale*.

Português: linha equinocial.

Citações na obra: Lett/Emp2, p. 187.

Citações em outros autores: Varthema, *linea equinoctiale*: p. 174; Pigafetta, *linea equinotiale*: p. 112, *l. equinoziale*: p. 113, 125; *l. de la repartizione/ripartizione*: p. 149, 152, 153, 158; *l. repartizionale*: 152, 158; Corsali, *linea*: p. 12; *l. equinoziale*: p. 1, 3; Sassetti: p. 378, 356, 363, 469; *l. meridiana*: p. 296; *l. equinoziale*: p. 314, 356, 404; Carletti: p. *l. equinotiale*: p. 10, 21, 28, 43, 106, 117, 143; Cavazzi: *l. equinoziale*: p. 2, 5, 116, 143, 316, 380 etc.; *l. dell’Equatore*: p. 226, 380; De Carli: *linea/equinotiale*: p. 19, 29, 46, 64, 91, 98, 146, 149, 365; Guattini: *linea/l.equinotiale*: p. 39, 46, 47, 48, 72.

Análise do dado: LINHA EQUINOCIAL: com o significado específico de qualquer meridiano considerado para determinado fim: no contexto refere-se à Linha do Equador. A palavra linha, no português, muitas vezes precede a palavra equatorial, ao se referir ao equador, pois é comum na nossa língua usar essa locução para referir-se à linha imaginária que passa pelo centro da circunferência do globo terrestre. Em italiano usa-se *parallelo dell' Equatore*; a palavra linha existe no italiano e é utilizada por Pigafetta (1994, p. 152), que fala da *linea repartizionale*, isto é, o Tratado de Tordesilhas, que em italiano chama-se *Linea Alessandrina* (o tratado foi sancionado pela bula papa do papa Alexandre VI, em 1494). Atestado por Cardona (1973, p. 189), como sendo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica modelada na língua italiana.

POSTO CHE conj. *Outros*.

Atestação: “[...] che saria per dare diletto a voi e alla brighata di chasa e a’ mia discendenti, se per a esso nacqui, <posto che> molto tardi la sposa, et massime che questo viaggio m’ à fatto e ffa parere vecchio” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 183).

Italiano: *poiché*.

Português: posto que.

Análise do dado: POIS QUE: visto que, conjunção subordinada causal. Interferência do português, atestada em Caraci (1991, p. 414, nota 5). Decalque homonímico.

PAGLA DA MECH loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “È terra molto alta: à sanghue di dragon, <pagla da Mech>, che è una drogha; datterì e infinita quantità di bestiame” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 204).

Italiano: *paglia di Mecca*.

Português: palha-de-meca.

Citações em outros autores:

Análise do dado: PALHA-DE-CAMELO: árvore da família das gramíneas (*Andropogon schoenanthus*), espécie de junco que nasce na Arábia e na África, utilizada como erva aromática; esquenanto. (Bluteau, 1712, p. 200). Na época se usava a raiz como droga medicinal. Para Caraci (1991, p. 442, nota 2), é do português *palha da Mecca*. Decalque aproximativo.

SANGHUE DI DRAGON loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “È terra molto alta: à <sanghue di dragon>, pagla da Mech, che è una drogha; datterì e infinita quantità di bestiame” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 204).

Italiano: *sangue di drago*.

Português: sangue de dragão.

Citações em outros autores: Corsali, *sangue di drago*: p. 462.

Análise do dado: SANGUE DE DRAGÃO: resina de cor púrpura, obtida da planta *Dracaena ombet*, endêmica nas terras altas de Haggier, na ilha de Sokotra, no Oceano Índico e utilizada como tintura¹⁴⁴. Para Pozzi (1991, p. 1195), provém do português *sangue de dragão*. Adaptação gráfica na preposição italiana –di, e com a nasal portuguesa –n, pois na língua italiana não existe a grafia –ão.

SOPRA LA TARDI loc. adv. *Outros*.

Atestação: “Et di poi d’avere auto vista dele dette isole per spazio di 4 o5 ore, <sopra la tardi> avemo similmente vista di xii vele, che venivano verso India a llungo della terra chosteggiando” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 162).

Italiano: *al pomeriggio*.

Português: sobre a tarde.

Citações na obra: *sopra alla tardi*: p. 189.

Citações em outros autores: Pigafetta, *nel tardi*: p. 130; Ardizi: *alla tarde*: p. 750.

Análise do dado: DE TARDE: locução adverbial de tempo; à tarde. Graberg (1846, p. 38, nota 3) adverte que parece faltar uma palavra e que talvez esta seja ‘sesta’, mas se a inserirmos o texto não terá sentido. Canova (1999, p. 213, nota 350), ao comentar a locução *nel tardi*, em Pigafetta, adverte que se trata de um iberismo do português e do espanhol *tarde*. Encontramos em outros autores, *alla tarde*, *nel tardi*. Decalque aproximativo do português, com a preposição italiana e o advérbio em português com adaptação morfossintática de número.

TENERE UNA TERRA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e le acque ci trasportorono tanto a basso che fumo a <tenere una terra> chiamata Patti, la quale è circhundata di molti bassi” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp1, p. 143).

¹⁴⁴ Informação disponível em: GASPAR, Antonio T. **Los dragos de Cadiz e la falsa púrpura de los Fenicios**. <<http://interclassica.um.es/var/plain/storage/original/application/9c1c395ccb2fe9d3a193befd56cb9746.pdf>>, p. 370. Acesso em: 15 set. 2012.

Italiano: *arrivare a una terra*.

Português: ter a uma terra.

Análise do dado: TER A UMA TERRA: chegar a uma terra; aportar. A expressão, com esse significado, encontra-se somente em Da Empoli, apesar de o verbo *tenere* (manter, segurar) aparecer frequentemente no léxico dos viajantes com o sentido de ter, possuir. D’Agostino (1994, p. 812), assim como Romanini (2004, p. 153), confirmam ser do português *ter a*. Decalque homonímico com a inteira transcrição da *UFcasual* em italiano.

TIRI D’ARTIGLIERIA loc. subs. *Área militar*.

Atestação: “E chosì si misse lui nel battello chon 40 uomini e 8 <tiri d’artiglieria>, e io rimasi nella nave chon 300 huomini” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 183-184).

Italiano: *spari di artiglieria*.

Português: tiros de artilharia.

Citações em outros autores: Balbi, *tiri d’artiglieria*: p. 85; *tiro di mano*: p. 31, 56; *tiro d’archobugio*: p. 60, 74; Sassetti, *tiro d’artiglieria*: p. 359; *tiro/i*: p. 479, 480.

Análise do dado: TIRO DE ARTILHARIA: disparo de armas de fogo, no caso tiro de canhão. Pozzi (1991, p. 1209) e Cardona (1973, p. 193) atestam ser do português *tiro*. A palavra *artiglieria* existe em italiano, contudo Cardona (1973, p. 185) atesta como provável étimo português. Adaptação de número plural italiano em *-i* e adaptação gráfica na elisão da vogal da preposição *de*. Ver **artegliaria** em Varthema.

VARÒ IN SECCO s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “El guncho, quando questo vidde, <varò in secco>, e llevoronsi gli uomini giavi, e ammazorono 15 portoghesi, e ruborono bene per C mila duchati che era in detto guncho” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 188).

Italiano: *dare in secca*.

Português: varou em baixio.

Análise do dado: VARAR NO BAIXIO: encalhar em um baixio. No contexto, significa que o navio encalhou ou foi conduzido para o baixio. Aulete registra *seco* como sinônimo de baixio, palavra que se aproxima por significação e grafia à italiana *secca*. Atestado como expressão do português em Caraci (1991, p. 421, nota 6). Decalque aproximativo com o verbo *varar* em português e a palavra *secca* italiana.

VENTI [...] GENERALI loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che non avamo alcuno rimedio se non commettere di passare per detto, o tornare a Chuccim, perché già li <venti erano generali>, e ssavamo tanto sotto vento, che quello anno non potevamo passare” (DA EMPOLI, 1999, Lett/Emp2, p. 193).

Italiano: *monsone*.

Português: ventos gerais.

Citações na obra: p. 188.

Citações em outros autores: Sassetti, p. 356, 405, 460.

Análise do dado: VENTOS GERAIS: ventos regulares constantes que sopram, forte e continuamente, no hemisfério sul, do sudeste para o Equador. Sopram continuamente e fortemente. Não sopram no Índico norte, nem na parte ocidental do Pacífico norte, pois ali existem as monções (MONTEIRO, 1974, p. 7). “Os ventos constantes ou permanentes são os que sopram entre dois trópicos e quatro ou cinco graus fora deles: denominam-se ventos gerais”¹⁴⁵ (s. a., 1839, p. 315) Para Sassetti (1970, p. 315), as monções (que também podem ser chamadas de ventos gerais), são sazonais, mudando de direção de acordo com a estação do ano, soprando a cada seis meses de direções opostas. Os portugueses observavam muito o calendário dos ventos para não caírem nas terríveis calmas tropicais, como aconteceu, por exemplo, com Da Empoli, no retorno da primeira viagem, na zona da costa da África, onde o navio, no qual viajava, ficou quase dois meses, praticamente parado. Caraci (1991, p. 427, nota 9) e Pozzi (1991, p. 1159) sustentam que *ventos geraes* era como os portugueses chamavam as monções, mas não são a mesma coisa, conforme explica Monteiro (1974, p. 7). Em Sassetti encontra-se registrado *monsone*. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural italiano em –i. Ver **monsonne** em Balbi.

5.2.2.3 Proto/nomcasuals em Da Empoli

Não encontramos proto/nomcasuals em Da Empoli.

¹⁴⁵ Citação em: s. a. Geografia Physica. In: **O Panorama**. Jornal literário e instructivo. Lisboa: Typografia da Sociedade, 1839, p. 315.

5.3 ANDREA CORSALI

Na compilação dos dados para a análise das cartas de Andrea Corsali, utilizamos a cópia manuscrita da primeira carta, publicada online pela Mitchel National Library of Australia, intitulada pelo copista *Copia dela lettera p. Andrea Corsali mandata alo Serenissimo Principe Duca Giuliano de Medici venuta dell'India del mese di ottobre nel XDXVI* (doravante Lett/Cor1). A carta foi escrita por Corsali em Cochim (Concain, segundo ele) e datada em 6 de janeiro de 1515. A segunda carta que utilizamos encontra-se publicada em Caraci (1991), cuja edição se baseia em um exemplar conservado em Londres (British Library, G. 6660). Escrita em 18 de setembro de 1517, mas terminada somente em janeiro de 1518 e intitula-se *Lettera di Andrea Corsali allo Illustrissimo Principe e Signore Laurenzio de' Medici Duca d'Urbino* (doravante Lett/Cor2). Ambas as cartas foram publicadas por Ramusio na edição de 1550 de *Navigazioni et viaggi*.

5.3.1 Andrea Corsali, o viajante que desapareceu no nada, que fim teve?

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
aportou? Voltará da sorte incerta que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
mas sua luz projecta-o, sonho escuro e breve
(Fernando Pessoa, Mar Português)

Poucas notícias tem-se da vida de Andrea Corsali, a não ser aquelas que expõe nas duas cartas enviadas para dois membros da rica família dos Médici, Giuliano e Lourenço, ou uma ou outra nota que aparece nos relatos de outros viajantes, como Da Empoli e Pucci. Nasce em Florença no dia 29 de junho de 1487¹⁴⁶, filho de Andrea e Catarina di Francesco del Cittadino. Parte da Itália em viagem ao Oriente com o intuito de “[...] antes de retornar à

¹⁴⁶ Nas enciclopédias italianas a data do nascimento e morte não constam. Esta informação se encontra em Giulia Grazi Bracci, disponível em: <<http://www.summagallicana.it/lessico/c/Corsali%20Andrea.htm>>. Acesso em: 20 out. 2012.

pátria, querendo o Altíssimo, visitar boa parte destas terras da Índia, Pérsia e Etiópia e assim, recomeçar a viajar”¹⁴⁷ (CORSALI, 1991, p. 458).

Corsali inicia a sua viagem rumo às Índias em 1515 como membro de uma embaixada organizada pelo Papa Leão X – membro da família Médici – mais precisamente, o segundo filho de Lourenço de Médici. O propósito dessa embaixada é dar continuidade, junto ao lendário rei etíope David, conhecido como Prestes João, às tratativas de uma aliança papal, finalizada a uma possível instalação da igreja católica no país. Viaja na mesma embaixada Duarte Galvão, representante do rei de Portugal, Dom Manuel. As iniciativas diplomáticas são tratadas inicialmente com o embaixador armênio Mateus, representante de Prestes João, que retorna na mesma armada na qual se encontra Corsali. Todavia, segundo Biscetti (1985, p. 83), a sua missão principal é informar aos Médici a situação no Golfo Pérsico: como se desenvolve a navegação nessa região, os ventos, os assaltos dos corsários, mas acima de tudo, delinear o mapa da produção e tráfico das principais mercadorias e produtos comerciáveis, visando futuras negociações para a casa mediceia. A informação é confirmada pelo próprio Corsali: “[...] para poder na minha volta dar algumas informações específicas”.¹⁴⁸ (CORSALI, p. 1991, p. 458).

Viaja na armada comandada por Lopo Soares de Albergaria, que a mando de Dom Manuel, rei de Portugal, tem o objetivo de combater a incipiente revolta que está despontando no Oriente: os egípcios, sob o comando do emir Husayn e do corsário turco Solimão Otomano, querem recuperar a perda do domínio do mar da Pérsia infligida pelos portugueses, comandados por Afonso de Albuquerque. Lopo Soares, diferentemente do seu antecessor Albuquerque, a quem irá substituir como governador da Índia, é mais diplomata que soldado e não consegue atingir o objetivo prefixado. Com a sua esquadra, perambula, incerto e indeciso, pelo sul do Mar Vermelho por quase dois anos e é desse vagar pelos mares da costa da África e Arábia que trata a segunda carta. Para Caraci (1991, p. 450), Lopo Soares não possui nem a inteligência nem a força do seu antecessor; ao contrário, é incapaz de tomar decisões rápidas, o que ocasiona graves perdas, tanto de naus quanto de homens, resultando toda a missão em um completo fracasso. A ação de Lopo Soares tolhe aos portugueses, o desejo de domínio no Mar Vermelho e desenha uma reviravolta nos planos de expansão. As poucas informações dessa sucessão de fracassos devem-se às fontes históricas portuguesas, que não as divulgam, sendo Corsali o único a relatar os pormenores das ações da frota. Apesar de descrever

¹⁴⁷ “[...] prima che mi reduca nella patria, piacendo allo Altissimo, visitare buona parte di queste terre di India, Persia ed Ethiopia, di riprender dunque a viaggiare”.

¹⁴⁸ “[...] per poter, a mia tornata dare alcune particolari informazione”.

minuciosamente essa epopeia no Mar Vermelho e arredores, não expõe nunca a face titubeante do comandante-geral, ao contrário, chama sempre Lopo Soares de “o nosso Capitão”, em um ato de respeitosa reverência.

Quanto à morte de Corsali, Leopoldina Luzio (1947, p. 4-5) e Spallanzani (1997, p. 32), baseados em uma *filza* (miscelânea) da Biblioteca Nacional de Firenze compilada por Alessandro Zorzi (*Magl.* XIII, p. 80, 81, 83, 84), afirmam que, em 1524, Corsali encontra-se na Etiópia, desenvolvendo o ofício de tipógrafo, ou, como escreve o próprio Zorzi (apud LUZIO, 1947, p. 4-5) “[...] em Barara... [...] onde no momento presente se encontra Andrea Corsali que vai estampar livros Caldeus na dita terra”¹⁴⁹. Para Luzio, a notícia dada por Zorzi possui todas as características de ser verdadeira, pois o compilador veneziano tem um interesse todo particular pela Etiópia, tanto é que ele mesmo convida um frade etíope, seu conhecido, a comer na sua casa, para saber notícias de um seu amigo pintor, Gregorio Becini, que se encontra naquele período no país. Outro ponto destacado por Luzio é que os soberanos etíopes estimulam a presença de europeus hábeis no ofício de tipografia. A autora acrescenta que dificilmente deixam que tornem à pátria, mantendo as fronteiras fechadas aos estrangeiros que ali se encontram. Assim, sabe-se que esteve na Etiópia, mas a partir de 1524 Corsali desaparece completamente para o mundo, restando apenas as cartas escritas aos Médici: um fim um tanto misterioso para quem escreve e explicita, com indiscutível conhecimento, a geografia, a astronomia, o comércio do oriente persa e indiano para o mundo ocidental. Alguns estudiosos da sua vida aventam a possibilidade que tenha morrido por volta de 1524, mas são apenas conjecturas. Fica a pergunta: onde esteve, que fim teve? Dele restam na Itália, além dos escritos, o seu nome e o seu brasão esculpidos junto aos nomes de outros navegadores toscanos na Igreja de Santa Croce, em Florença.¹⁵⁰

5.3.2 Andrea Corsali: astrônomo, diplomata, comerciante e explorador

Já descoberto tínhamos diante, la no novo hemisphério, nova estrella, não vista de outra gente, que ignorante, alguns tempos esteve incerta d’ella. Vimos a parte menos rutilante, e, por falta de estrellas, menos bella, do pólo fixo, onde inda se não sabe,

¹⁴⁹ “a Barara [...], onde al presente si ritrova Andrea Corsali che va a stampir libri Caldei in ditta terra”.

¹⁵⁰ Cf. Giulia Grazi Bracci. Disponível em: <<http://www.summagallicana.it/lessico/c/Corsali%20Andrea.htm>>. Acesso em: 20 out. 2012.

que outra terra comece ou mar acabe¹⁵¹ (Os Lusíadas, canto V, 14).

Astrônomo, cosmógrafo e navegador, assim o denomina Spallanzani (1997, p. 28) ao falar de Andrea Corsali: uma personalidade singular, cuja múltipla cultura se evidencia nas cartas. A primeira, enviada a Juliano de Médici, é datada de 6 de janeiro de 1515 (segundo o calendário florentino, um ano a menos, portanto escrita em 1516); a segunda, a Lourenço, em 15 de outubro de 1517 (1518). Corsali é um atento observador dos acontecimentos do seu tempo e suas cartas são, acima de tudo, tratados de geografia e astronomia, nos quais confirma ou corrige o que foi escrito por Ptolomeu: verifica as distâncias entre as cidades, as léguas marítimas existentes entre os portos, a latitude e a longitude, compondo uma cartografia em forma textual e não pictórica, no entanto extremamente precisa (BISCETTI, 1985). Da sua capacidade e idoneidade para escrever sobre o tema, o seu conterrâneo Da Empoli, em carta enviada a Antonio Pucci, bispo de Pistoia, relata o seguinte:

[...] terá ocasião Vossa Senhoria de dar fé daquilo que sobre o qual informou o nosso Andrea Corsali, homem certamente digno de toda a fé, por ser literato, e que possui muitos conhecimentos, o quanto é necessário a essas observações, e da astrologia e da cosmografia; o qual passou muito tempo a pesquisar com muita utilidade esses mares e terras e ilhas daqui, e dos quais deu conta de tudo perfeitamente; de tal maneira que eu tenho por certo que melhor do que ele ninguém possa escrever, pelas muitas qualidades que possui”¹⁵² (DA EMPOLI, 1846, p. 89-90).

A apreciação que Corsali faz dos portugueses, apesar de estar navegando na sua armada, não é muito positiva. Explica que, para os lusitanos, não importa a cultura dos povos subjogados: o que apreciam e lhes servem são os produtos, pois com eles podem comerciar e obter lucros. Não se acanham em destruir monumentos para poder aproveitar as pedras na construção de suas fortalezas. O Corsali erudito, que partiu de Florença, cidade-berço do Renascimento, apadrinhado por um mecenas das artes, se rebela ante essa prática e deixa impressa nas páginas a ignorância intelectual e artística dos viajantes portugueses desse período:

¹⁵¹ Camões fala da visão do Cruzeiro do Sul (para o poeta, a palavra estrela tem sentido da constelação).

¹⁵² “[...] arà cagione Vostra Segnoria dare piena fede a quella che n’ha avvisato il nostro Andrea Corsali, uomo certamente d’ogni fede degno, per essere litterato, e che ha cognizione assai, quanto fa di bisogno a questi avvisi, e della astrologia e della cosmografia; el quale assai tempo ha consumato utilmente in ricercare questi mari e terre et insule di qua, e datono tutto perfettamente buon conto: talmente che io tengo per cosa certa, che altro meglio di lui non possa scrivere, per le molte buone qualità che sono in lui”.

Nesta terra de Goa e de toda a Índia se encontram infinitos edifícios antigos dos gentios. E em uma ilhazinha aqui perto, chamada Dinar, os portugueses, para edificar a cidade de Goa, destruíram um templo antigo chamado Pagode. Este era feito com admirável artifício: com figuras antigas de certa pedra negra, trabalhadas com grande perfeição; algumas das quais ainda estão em pé danificadas e estragadas, porque estes portugueses não as têm em muita estima; se tiver alguma à mão, mesmo danificada a mandarei a V. S. para que veja o quão antigamente a cultura aqui era apreciada¹⁵³ (CORSALI, 1989, p. 6).

Apesar de não ter um conceito positivo a respeito dos portugueses, de deplorar os métodos negativos e violentos utilizados por eles para conquistar, não deixa de se incluir como um deles. Em diversas passagens refere-se a eles como “os nossos portugueses”, “a gente nossa”, “a nossa armada” etc., não em tom de escárnio, mas sentindo-se parte integrante da nação, talvez com orgulho do poderio naval português, da capacidade de dominação conseguida no Oriente, ou porque os portugueses conquistaram o direito a essa admiração, pois “são senhores de todo o Mar oceano, de Lisboa à Índia, e de mares restritos da Índia, do Mar da China e do Mar Vermelho e mar Adriático”¹⁵⁴, nos quais as suas conquistas vão cada dia aumentando [...]”¹⁵⁵ (CORSALI, 1989, p. 8).

As cartas, sobretudo a segunda, são verdadeiros documentos históricos e geográficos das quais se servem Ramusio e Gastaldo para redesenhar o mapa geográfico do mundo. De fato, os mapas inseridos na obra *Navigazione et viaggi* contêm alguns dos nomes de lugares e algumas indicações geográficas constantes nas cartas de Corsali, pois o autor os situa de modo preciso. Não lhe passa despercebida a geografia das cidades e das costas, com as distâncias em léguas e latitudes, os dias necessários de viagem, o regime dos ventos, os costumes dos habitantes locais. Parece querer traçar um mapa para que seus contemporâneos possam percorrer os mesmos caminhos:

A ilha de Ormuz está a 27 graus e 5 léguas de circuito distante da terra da Pérsia duas léguas, terra estéril e seca, sem árvores, frutos ou erva de nenhum tipo, de forma triangular [...]. A cidade está na ponta do lado da terra firme, tomando grande parte do triângulo e será de grandeza maior do

¹⁵³ “In questa terra di Goa e di tucta la India sono infinii edificii antiqui de gentili. Et in una insuletta qui vicina decta Dinari, hanno e portughesi per edificare la terra di Goa destructo uno tempio antiquo decto Pagode. Qual era con mirabile artificio fabricato: con figure antique di certa pietra nera, lavorate di grandissima perfetione; delle quale alcune ne restano in piede dannate e guaste, perché questi portughesi non le tengono in extimationi; se potro haverne alcuna a mano cosi daannata la manderò a V.S. perché quella vega quanto antiquamente la cultura in ogni parte fu havuta in prezo”.

¹⁵⁴ Com certeza erro do copista, pois trata-se do Atlântico, conforme coloca Ramusio na sua edição.

¹⁵⁵ “sono signore di tucto il Mare oceano, da Elisbona a India, e de mari particular de India del Sinomagno et mare Rosso et mare Adriatico. Et in questi loro conquisti ogni giorno vanno ampliando [...]”.

que Áden e da mesma beleza [...]. O ar desta ilha é saudável em qualquer tempo e igual como da nossa parte¹⁵⁶ (CORSALI, 1991, p. 498-499).

O Corsali astrônomo é conhecido e reverenciado por ser o primeiro em descrever e desenhar com precisão em detalhes o Cruzeiro do Sul, em 1517. Dois anos após Da Empoli, de um modo mais simples, faz o mesmo (cf. Fig. 5). Diferentemente de muitos viajantes, que antes e depois dele citaram e desenharam essa constelação (como vimos em Varthema e veremos mais adiante em Pigafetta), Corsali calcula minuciosamente a altitude em que se encontra em relação ao Equador e ao Polo Antártico, o seu percurso na rota celeste, incluindo detalhes sobre a Nuvem de Magalhães. Descreve-a dessa maneira:

[...] passando o Equador fomos na altura de 37 graus no outro hemisfério através do Cabo da Boa Esperança [...] e encontramos a noite de 14 horas; aqui vimos uma admirável ordem de estrelas, que na parte do céu oposta ao nosso hemisfério, infinitas vão girando. Em qual lugar seja o polo antártico pela altura dos graus, viajamos de dia com o sol e de noite com o astrolábio. Evidentemente o manifestam duas nuvenzinhas de grandeza razoável que ao redor dela continuamente ora abaixam-se ora levantam-se em movimento circular caminham com uma estrela sempre no meio: a qual com ela gira longe do polo cerca 11 graus. Acima desta aparece uma cruz maravilhosa no meio de cinco estrelas que a circundam, como o Carro faz com a estrela Polar; com outras estrelas que junto a essas vão girando em torno ao polo longe cerca de 30 graus: faz seu curso em 24 horas e é de tanta beleza que não se compara a nenhum outro sinal celeste, como aparece na forma a seguir¹⁵⁷ (CORSALI, 1989, p. 2).

A constelação o deixa fascinado e para ele é a mais bela que existe no céu. A representação do Cruzeiro do Sul se encontra na carta que escreve ao príncipe Giuliano de' Medici:

¹⁵⁶ “La isola d’Ormuz è in 27 gradi di 5 lege di circuito distante alla terra di Persia due leghe, terra sterile e secca, senza arbori, frutti o erba di nessuna qualità, di forma triangulare [...] la città è posta nella punta della banda della terra ferma, pigliando grande parte del triangulo e sarà di maggiore grandezza che Adem e della medesima bellezza [...]. L’aere di questa isola è salutare d’ogni tempo e stagionato come nelle parte nostre”.

¹⁵⁷ “[...] passando la linea equinotiale fumo in altura di xxxvii gradi in l’altro hemisphero attraverso di capo di bona Speranza. [...] et troviamo nocte di xiiii hore; qui vedemo con mirabile ordine di stelle, che nella parte del cielo opposita alla mostra tramontana infine vanno roteando. In che loco sia el polo antártico antartico per l’altura dei gradi: pigliamo el giorno col sole e riscontramo la nocte con l’astrolabio. Evidente lo manifestano due nugolete di ragionevole grandezza che intorno a esse continue hora abasandosi hora inalzandosi in moto circolare camminano con una stella sempre in mezo: la quale con esse si volge longe dal polo circa xi gradi. Sopra queste aparisce una croce meravigliosa in mezzo di V stele che la circondano come il carro la tramontana: con altre stelle che con esse intorno al polo vanno girandola lontane circa 30 gradi: fa sino corpo in 24 hore et di tanta bellezza che non mi pare a nissuno celeste segno comparando; come nella forma dinanzi appare”.

Figura 7 - Constelação do Cruzeiro do Sul em desenho de Corsali¹⁵⁸

O Corsali antropólogo fala sobre a cultura dos povos árabes que habitam nos lugares que visitou. O retrato que faz das mulheres se coaduna perfeitamente com o que vemos hoje, em uma descrição que parece ter saído das páginas de uma revista ou de um relato de viagem atual: no máximo mudaram as cores e os tecidos, pois a burca permanece a mesma, os usos e costumes permanecem iguais aos de 1517. Quatrocentos anos se passaram e, se observarmos do ponto de vista cultural e não de imposição religiosa, é admirável essa continuidade. Estando na cidade de Calaiatti, na Arábia Feliz (atual Qualhat, no sultanato de Omã), observa como as mulheres se vestem:

As mulheres têm sempre o rosto coberto com um pano de algodão, ralo como um véu e de cor azul, cortado na altura dos olhos, como uma máscara; o vestido delas é uma camisola, dividido na frente, cujo comprimento não passa abaixo dos joelhos, e com mangas largas; usam calções compridos até os pés de várias cores e no lado do nariz um prego largo de ouro enfiado na carne, em baixo um anel como os dos búfalos da nossa terra¹⁵⁹ (CORSALI, 1991, p. 497-498).

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.nla.gov.au/apps/cdview/?pi=nla.ms-ms7860-1-s3-v>>. Acesso em: 04 out. 2012.

¹⁵⁹ “Le donne levano sempre la faccia coperta con uno panno di cotone, raro come di velo e di colore azurro, tagliato sopra gli occhi come maschera; loro abito è uno palandrano diviso davanti la lunghezza del quale non passa el ginocchio a basso, e con maniche molto larghe; levano calzoni lunghi fino a’ piedi di varii colori, e sopra il naso da una banda una bulleta d’oro larga confitta nella carne, di basso un anello come a’ bufoli di nostra terra”.

O Corsali lexicógrafo praticamente não existe, pois as suas prioridades são outras, porém as suas cartas contêm muitas palavras do português, visto que conviveu continuamente por dois anos com a nossa língua. Nota-se que na primeira carta o número de *Ecasuals* é bem reduzido e pode ser creditado ao fato de estar ainda no início do convívio com a língua. Já na segunda, nota-se um aumento razoável, à medida que a interferência do português se acentua no seu falar. As descrições de plantas e animais, excetuando-se a bela descrição que faz do camaleão, praticamente não estão presentes no seu texto: limita-se a enumerar os produtos que existem ou que servem para o comércio. Prefere descrever a paisagem, o regime dos ventos, a pesca de pérolas ou as fortalezas construídas pelos portugueses ao longo das cidades dominadas.

5.3.2.1 *Ecasuals* em Corsali

ALLARGAMO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] ci sopravenne maggiore pericolo, perché, lasciando il vero cammino, il che era lungo la terra, una notte ci <allargamo> al mare per più sicura navigazioni” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 474).

Português: largarmos.

Análise do dado: ver **alarghare** em Da Empoli.

ALTURA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E tornati già nello Artico polo havemo vista della tramontana in gradi sei che in minore <altura> in nissuna parte si può vedere rispetto a certe nubile” (CORSALI, 1991, Lett/Cor1, p. 3).

Português: altura.

Citações na obra: Lett/Cor2: p. 473.

Análise do dado: Ver **altura** em Da Empoli.

ANFIONE s. m. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] e un'altra druga medicinale che si chiama <anfione>, che è in la India e tenuto in grandissimo prezo” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 496, grifo do autor).

Análise do dado: Ver **arfion** em Da Empoli.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e farli intendere quanto desiderassino la pace con i Portoghesi e offerire ogni necessário per l’<armata>” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 468).

Português: armada.

Citações na obra: p. 458, 477, 487; Lett/Cor1: p. 5, 8, 10, 12, 13, 14.

Análise do dado: Ver **armata** em Varthema.

ARTIGLIERIA s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “Subbito fussimo arrivati, il nostro Capitano Generale in segno di pace mandò a salutare il porto con tutta l’<artiglieria>” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 468).

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 461, 469, 470, 483, 485, 486, 490 etc.

Análise do dado: Ver **artegliaria** em Varthema.

AZAR s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Le monete de Armuz sono asaraffi e mezi asaraffi d’oro, quali chiamano <azar>” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 502, grifo do autor).

Italiano: –

Português: azar.

Análise do dado: AZAR: antiga moeda. Não se encontra registrada nos dicionários portugueses atuais. Encontramos registrada em Bluteau (1712, p. 690) como “palavra da India, moeda de Hormuz”. Dalgado (1919, p. 72) comprova como sendo uma moeda de Ormuz, no valor de 150 mil réis, do persa *hazār*. Não encontramos atestações nos linguistas italianos.

BASSI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Cominciossi ad abitare per la comodità di queste acque, e rispetto alle perle che intorno a essi e nei <bassi> delle isole circustante si generano, che tutti sono di questo Re” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 480-481).

Citações na obra: p. 474, 480, 485.

Português: baixio.

Análise do dado: Ver **basso** em Da Empoli.

BERZO s. m. sing. *Área Militar*.

Atestação: “[...] e nel mezo, giunto a l’arbore, da ogni costato uno cannone e uno tiro piccolo o vero <berzo>, con sua coda fra ogni 4 banchi” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 490).

Italiano: –

Português: berço.

Análise do dado: BERÇO: cada um dos suportes presos ao convés, estrado etc. sobre o qual se apoia uma peça móvel, como, por exemplo, um canhão. Bluteau (1712, p. 106) define como “peça curta de artilharia de fabricação antiga”, contudo tanto Aulete como Houaiss definem como um suporte onde se apoia uma arma de artilharia. Na atestação, Corsali afirma ser uma peça de artilharia e não um suporte. Atestado em Caraci (1991, p. 490, nota 4) como sendo do português *berço*.

CAFILA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e di pepe e panni, che vanno di qui in <cafila> o vero carovana di cammelli per la Etiopia e per le chiese de’ Cristiani” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 493).

Italiano: *cafila*, *carovana*.

Português: cáfila.

Análise do dado: CÁFILA: comboio ou fila de camelos, geralmente em caravana, também com significado de coletivo de camelo. Dalgado (1919, p. 169-170) afirma ser proveniente do árabe *kāfila* e ser uma palavra conhecida em Portugal antes ainda do século XVI. GDLI (1961, v. II, 502) apresenta essa entrada e sustenta que entrou para o italiano através do espanhol. Caraci (1991, p. 493, nota 4) atesta como palavra registrada através do português e deste do árabe *qafilah*. Sem adaptação.

CAMINO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Partimo della città e insula di Goa a dì 8 di febbraio 1516 e di lì per il Mare Indico attraversamo alla isola di Soquotora in 22 giorni che sono 320 lege a <camino> di ponente” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 461).

Português: caminho.

Citações na obra: p. 490; *cammino*: p. 505; Lett/Cor1, *cammino*: p. 2, 11.

Análise do dado: Ver **chammino** em Da Empoli.

CAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Dopo molte cerimonie il <capitano> e lo ‘mbasciatore pregorono el Re mandassei a Ssuadem per terre e per mare ne’ porti d’Arabia” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 477).

Português: capitão.

Citações na obra: *capitano*: p. 477, 476, 481; *capitano/i generale/i*: p. 468, 490; *capitano maggiore*: p. 459, 468, 476, 483 etc.; Lett/Cor1: *capitano majore/maggiore*: p. 5, 7, 13, 14.

Análise do dado: ver **capitaneo** em Varthema.

COPERTE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e prima mandò a porre foco a tre nave grosse a nostro costume e a uno galeone di dua <coperte> che i Mamalucchi avevano armate sopra nave presono de Mori quando furono a Adem” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 486).

Português: coberta.

Análise do dado: ver **coperta** em Varthema.

COSTATO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e nel mezo, giunto a l’arbore, da ogni <costato> uno cannone e uno tiro piccolo o vero berzo, con sua coda fra ogni 4 banchi” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 490).

Italiano: *fianco, murata della nave*.

Português: costado.

Citações em outros autores: Pigafetta, *costado*: p. 115; Sassetti, *costato*: p. 354, 405.

Análise do dado: COSTADO: lado externo do casco de embarcações. Pozzi (1991, p. 1106), registra como *fiancata de nave* (lado do navio), iberismo, conforme o espanhol e o português *costado*. Para Canova (1999, p. 174, nota 84), trata-se de um iberismo. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e mudança do sufixo formador de substantivos e adjetivos –**ado** para –**ato** em uma normal italianização desse fonema.

DETENERSI verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] a ffine che quando ci agiuntassimo col Capitano Maggiore non fussi necessario <detenersi> in sapere tanti particolari” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 481).

Português: deter-se.

Citações na obra: *ditenuto*: p. 458; *detennono*: p. 474.

Análise do dado: ver **ditenendo** em Da Empoli.

DISBARCARE verbo. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “[...] e saliti in terra la vigilia di Santa Maria Maddalena, là entramo senza nessuna defensione, ché al nostro <disbarcare> fuggirono la maggiore parte” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 492).

Italiano: *sbarcare*.

Português: desembarcar.

Citações na obra: p. 498; Lett/Cor1, *disbarcassimo*: p. 5.

Citações em outros autores: Ardizi, *disembarcati*: p. 753; Balbi: p. 19, 78, 89; Sassetti, *disimbarcava*: p. 493.

Análise do dado: DESEMBARCAR: sair ou retirar algo ou alguém de uma embarcação. Não encontramos nos linguistas italianos como sendo do português, contudo podemos verificar que segue o mesmo padrão observado em outras formações prefixais semelhantes. Ver a explicação dada para essa tipologia de interferência em **dischoprire**, em Da Empoli.

DISBARATTORONO verbo. *Área militar.*

Atestação: “Questo turco, detto Melchias, come uomo sagacissimo e esperte, dipoi che i Portoghesi <disbarattorono>, ha nove anni l’armata [...]” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 485).

Português: desbarataram.

Citações na obra: *disbarattato* p. 491.

Análise do dado: Ver **sbarattata** em Varthema.

DISCOPRIRE verbo. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “[...] e un altra per il Sino Gangetico a <discoprire> el regno e porti di Bengala, donde furono le nostre nave per algun tempo” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 506).

Português: descobrir.

Citações na obra: *discoperto*: p. 500; Lett/Cor1, *discoperto/a*: p. 2, 13.

Análise do dado: Ver **dischoprire** em Da Empoli.

DISPACCIORONO verbo. *Marítimo Geográfico.*

Atestação: “[...] e dato a tutto spedizione si venne alla isola di Cameron, donde <dispacciorono> le carovelle per a Dalaccia” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 486).

Citações na obra: *dispacciata*: p. 506; *dispacciavono*: p. 493.

Análise do dado: Ver **dispacciava** em Da Empoli.

DISTRUIMO verbo. *Área militar.*

Atestação: “[...] Non stemo in essa più che un giorno che del tutto <destruimo>, non lasciando casa che dal foco non fussi desolata” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 493).

Português: destruimos.

Análise do dado: Ver **distruire** em Da Empoli.

FACTORE s. m. sing. *Dignidades.*

Atestação: “[...] sendo in basso da Linea in questa insula si trova, della quale questo anno va <factore> Giovanni da Empoli nostro fiorentino” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1 p. 12).

Português: feitor.

Análise do dado: Ver **fattore** em Da Empoli.

FIDALGHI s. m. pl. *Dignidades.*

Atestação: “[...] lettere che certi <fidalghi> che gli aveva mandati a Portogallo prigionieri, essere tornati in India più honorati che prima” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1 p. 14).

Português: fidalgos.

Análise do dado: Ver **fidalchi** em Da Empoli.

FURTATO verbo. *Outros.*

Atestação: “[...] e che già avevono preso Zibid e Taes, terre principale del Rege di Adem e <furtato> infinite richeze, di che pagavano soldo a molta gente di Arabia” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 469).

Italiano: *rubato*.

Português: furtado.

Análise do dado: FURTAR: pegar do que não é seu, roubar. Para Pozzi (1991, p. 1128), trata-se de uma forma arcaica na língua italiana, mas que no contexto é conforme o português furtar, o catalão e o espanhol *hurtar*. Adaptação morfológica formal, com a flexão do particípio passado de 1.^a conjugação italiana em **-ato**.

FUSTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “[...] e una <fusta> in che andarono 60 uomini portoghesi” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 471).

Português: fusta.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] é abitata parte da Mori et da essi signoreggiata: parte da <gentili> et portoghesi” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1, p. 8).

Português: gentios.

Citações na obra: p. 6, 9, 10, 13.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GOVERNANZA s. f. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e ora cecando uno altro di novo, tenendosi che pigliando per tempo el Re fermeza, non tenessi rimedio con che fussino di sua <governanza> deposti e per questo costumavano acecarli” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 501).

Italiano: –

Português: governança.

Análise do dado: GOVERNANÇA: ato de governar, governação. Pozzi (1991, p. 1134) emprega como sinônimo de governo, mas não indica que seja do português. Como em italiano não existe essa palavra, podemos considerar como interferência do português. Adaptação gráfica e fonética do –z, substituindo o –c do português.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] perché ancora si facessi nuovo <Governatore>, sendo la volontà del Re e con timore de’ Portoghesi, non osò mai fare innovazioni” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 501).

Português: governador.

Citações na obra: p. 468, 500, 501; Lett/Cor1: p. 5.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

GUELFA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] quale tornando l’ altro giorno con grandissima festa presa uma <guelfa>, navilio piccolo di Mori così chiamato” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 476).

Italiano: –

Português: gelba.

Citações na obra: *gelfa*, p. 476.

Análise do dado: GELBA: pequena embarcação do Mar Vermelho (Aulete). Registrado também no Dalgado (1919, p. 428) como gelba e gelva, que inclui também uma citação de

Marco Polo (apud RAMUSIO, 1550), na qual o viajante nomeia esse tipo de barco de *zerme*. Atestado em Caraci (1991, p. 476, nota 2) como sendo do português *gelba*, através do árabe *jalba*.

IDALCAN s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Regno principale di questa <Idalcan> del Sabaio, quale è maometano, di nazione turco, homo molto bellicoso” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1 p. 4).

Italiano: –

Português: idalcão.

Citações em outros autores: Federici, *dialcan*: p. 21, 30, 32, 48; Balbi: p. 59, 54, 65, 67; Sassetti, *dialcaò*: p. 523.

Análise do dado: IDALCÃO: título dado aos reis da dinastia maometana de Bijapur ou Balagate (Aulete). Dalgado (1919. p. 462) registra idalcão e idalxá, sendo um vocábulo híbrido do árabe *adil*, que significa justiça, e do persa *shan*, senhor, príncipe. Pinto (1962, p. 250 nota 171) atesta ser a forma portuguesa do nome do rei Adil Khān, que participou da liga muçulmana e tomou parte na batalha de Talikota. A liga muçulmana compunha-se de diversos sultanatos do Decan, na Índia, estados fronteiriços ao reino de Vijayanagar: Bijanpur, Ahmadnagar, Golconda, Bidar e talvez Berar. Essa liga formou-se para pôr fim ao grande reino indiano e conseguiu o seu intento na famosa batalha de Talikota, em 1565. Para Cardona (1973, p. 195), a palavra é do português *idalcao* e deste do persa *adil xān*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na terminação italiana –**an**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa –**ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa –**ão**.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Questa insula di Soquotora è in circuito 15 <leghe>; e mi pare, quando Tolomeo compose la sua Geografia, era apresso de’ naviganti incognita” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 461).

Italiano: *leghe*.

Português: léguas.

Citações na obra: p. 471, 472, 473, 486, 498; *lega*: 471; *lege*: 461, 507 etc. Lett/Cor1: p. 13.

Citações em outros autores: Pigafetta: *leghe*, p. 115, 120; Ardizi, *lega/leghe*: 750. 752, 753, 754, 757 etc.; Balbi, *lega/e*: p. 55, 56, 61, 62 etc.; *lega*: p. 38, 56; Sassetti: p. 227, 252, 273, 295, 305, 363, 387 etc.; Cavazzi: p. 3, 4, 10, 17, 18, 19, 29, 39; Guattini: p. 80.

Análise do dado: LÉGUA: medida de distância variável conforme a região, o país ou a distância. Segundo Pozzi (1994, p. 290), equivalia a 6660 m em Portugal e 5920 m na Espanha. Para Zaccaria (1927, p. 237), trata-se de um iberismo. Houaiss data no português no século XIII e Metzeltin (1973, p. 246) o certifica nos portulanos portugueses.

LINEA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “L’ultima terra della banda di mezodì è Melaccia posta in basso la <linea> in due gradi d’altura” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1 p. 12).

Português: linha.

Citações na obra: p. 12; *linea equinoziale*: p. 1, 3.

Análise do dado: Ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

MANTENIMENTO s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e mandarono a dire a’ capitani pagassimo el soldo gli davano e mandassimo a fornire el campo di <mantenimento>, d’altra maneira faccendo determinazione morire tutti, sopra a tale dimanda” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 490-491).

Português: mantimento.

Análise do dado: Ver **mantimento** em Da Empoli.

MUTAZIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] fu questa <mutazione> sì frequente che Alfonso d’Albuquerque fece la forteza in Ormuz, e la isola tributaria al Re nostro signore con 15 mila seraffi, tagliando a pezi il Governatore, come per altra mia si scrisse” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 501).

Português: mutação.

Análise do dado: Ver **mutazione** em Da Empoli.

NATURALI adj. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e i <naturali> d’essa sono arabici nel parlare, vestire e ne’ costumi” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 497).

Português: naturais.

Citações na obra: p. 499; Lett/Cor1: p. 4, 6.

Análise do dado: Ver **naturali** em Da Empoli.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “L’altro giorno cavalcarono i <principali> de l’armata e della città a vedere l’isola” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 504).

Citações na obra: p. 485.

Português: principais.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

QUINTALI s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] e levano per il Re 50.000 <quintali> di pepe e molto giangiavo, cannella, gherofani, gomma lacca e seta di Cina.” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2 p. 506).

Italiano: –

Português: quintais.

Citações em outros autores: Pigafetta, *quintalata*: p. 163, 171; Balbi, *chintal*: p. 67, 68, 69 etc.

Análise do dado: QUINTAL: antiga unidade de medida de peso, que equivalia a quatro arrobas (cerca de 60 kg). Houaiss registra como medida de peso brasileira, cujo étimo é o árabe *quintár*, enquanto que Aulete não especifica de onde é. Bluteau (1712, p. 66) afirma que quintal deriva do hebraico *quicar*. Zaccaria (1927, p. 335-337) atesta como sendo iberismo e registra os dois *Ecasuals*, *quintale* e *quintalata*. Atestado por Cardona (1973, p. 202) como sendo provável étimo do português, *quintal*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo **-ato**, normal italianização do sufixo português **-ado**. Ver **quintalata** em Pigafetta.

REGIMENTO s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] al quale il Capitano rispose non levava <regimento> del capitano Maggiore di cosa nessuna, e se in questo andare e mandare risultasse alcuno inconveniente non poteva di esso dare buon conto” (CORSALI, 1989, Lett/Cor2, p. 481).

Análise do dado: Ver **reggimento** em Da Empoli.

RINFRESCO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Tornati gli ambasciatori a terra, dipoi lo levorno quatro piloti, e molto <rinfresco> di carne, pane e altre frutte” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 470).

Português: refresco.

Citações na obra: p. 476, 495, 497.

Análise do dado: Ver **rinfresco** em Da Empoli.

SADI s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “Le monete d’argento sono una sorte che loro chiamano <sadi>, che vale 20 uno asaraffi e 10 uno azar” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 502, grifo do autor).

Italiano: –

Português: sadim.

Análise do dado: SADIM: moeda da Índia que valia um vintém (Aulete). Dalgado (1921, p. 269) registra como entrada sadi e os sinônimos sandi, sandil e sandim. Afirma ser uma moeda de Ormuz cujo valor era cem dinares, através do persa *sad*. Acrescenta que muitos lexicógrafos registraram *candil*, pois não colocavam a cedilha, omissão que comprovamos no Bluteau (1712, p. 99) e no Moraes Silva (1813, p. 335), onde consta a entrada *candil*. Não encontramos atestações nos linguistas italianos. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com perda do fonema final **-m**.

SAMMURI s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Da Cananoro fummo a Calicut, principal terra et capo di tucto el regno del Malabari: il Re si chiama <Sammuri> che vol dire Imperatore” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1 p. 7).

Português: samorim.

Análise do dado: Ver **zamory** em Varthema.

SCAMBADAR s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e che levasse nove a India di tale ambasciata, e avendogli promesso a sua tornata farlo <Scambadar> della isola de Ormuz, che è ufficio molto grande di onore e profitto: è como a noi consolo di mare” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 482).

Português: xabândar.

Análise do dado: ver **sciabandare** em Da Empoli.

SCIARINI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Altri con un panno dal cottone circa pudenda, et questi sono gli huomini di guerra detti la <Sciarini>, et sempre portano lance, archi, spade e targhe, e per combattere sono de’ migliori huomini da India” (CORSALI, 1991, Lett/Cor1, p. 4-5).

Citações na obra: *nairi*: p. 7.

Português: naires.

Análise do dado: Ramusio nessa passagem muda a palavra *sciarini* para *nairi*, ao contrário dessa cópia do manuscrito, no qual se encontra escrito *sciarini*, com o significado da casta dos militares naire. Mais adiante, na página 7 do manuscrito, encontram-se registradas três vezes *nairi*. Ver **naeri** em Varthema.

SCIASMAEL s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] et fra essi lo ambasciatori del Sophi, overo <Sciasmael> molto honorato, che presentò al Capitano majore cavalli bellissimi, infinite Turchine” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1, p. 13).

Italiano: –

Português: xá Ismael.

Citações na obra: p. 9.

Análise do dado: XÁ: título aplicado aos soberanos de diversos reinos no Oriente muçulmano, a partir da dinastia Aquemênida (550 a. C.). Dalgado (1921, p. 418), citando Garcia d’Orta, define: “Xa, em pérsio significa rey, e Xá Ismael quer dizer elrey Ismael”. O Xá Ismael foi o fundador da dinastia Safávida da Pérsia (1487-1524). Sob a sua administração se reconstituiu a unidade política do país, que assumiu o xiismo como religião de estado (CARACI, 1991, p. 387, nota 6). No contexto, baseados na explicação de Dalgado, podemos considerar que Da Empoli certamente transcreveu a palavra como ouviu, unindo-a, de que resultou /‘*xas.mael*/, ou seja a sua transcrição em italiano, *sciasmael*. Adaptação gráfica com a substituição do dígrafo –**sc**, normal italianização do –**x**.

SCIRIFFI s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Molti Mori vennono a riscattare schiavi di conto s’erono presi in Zeila e massime certi <sciriffi> e sciriffe, così chiamati una generazione di Mori della casa di Maumet, che tenevono per grande peccato restassino in le nostre navi” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 495).

Italiano: *sceriffo*.

Português: xerifes.

Análise do dado: XERIFE: título honorífico dado aos soberanos descendentes diretos de Maomé (Houaiss). Dalgado (1921, p. 426) registra as entradas xarife e xerife e afirma que provêm do árabe *xarif*, que significa nobre. Caraci (1991, p. 495, nota 4) afirma ser o português *xarife* através do árabe *sharif*, «nobile». Adaptação gráfica e fonética com a

substituição do dígrafo –**sc**, normal italianização do –**x**, com acréscimo do dígrafo –**f**, em uma hipercorreção gráfica e adaptação gráfica de número plural masculino em –**i**.

SERAFFI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Fu questa mutazione sì frequente che Alfonso d’Albuquerque fece la forteza in Ormuz, e la isola tributaria al Re nostro signore con 15 mila <seraffi>, tagliando a pezi il Governatore, come per altra mia si scrisse” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 501).

Português: serafins.

Citações na obra: p. 501, *asaraffi*: 502.

Análise do dado: ver **seraphi** em Varthema.

SFORZATAMENTE adv. *Outros*.

Atestação: “[...] con determinazione di passare in India per mostra destruzione, e che sopra a certe differenze combattevano la città <sforzatamente>” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 459).

Italiano: –

Português: esforçadamente.

Análise do dado: ESFORÇADAMENTE: fazer as coisas com esforço. Para Caraci (1991, p. 501, nota 3), é conforme o português *esforçadamente*. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com perda do fonema inicial –**e** e a substituição do fonema central de /s/ para /ts/, em uma normal italianização desse fonema. Ver **sforzo** em Corsali.

SFORZO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] quanto maggiore offerendosi quella alle mie opportunità; il che mi da tale <sforzo>, che prima mi riduca nella patria, spero, piacendo allo Altissimo, visitare buona parte di queste terre d’India” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 458).

Italiano: *sforzo*.

Português: esforço.

Citações em outros autores: Federici: p. 95.

Análise do dado: ESFORÇO: aquilo que se faz com dificuldade; mas pode ser também considerado, conforme o contexto, com significado de coragem e empenho. Caraci (1991, p. 458, nota 3) dá como sinônimo italiano *coragem* e atesta ser conforme o português *esforço*. Pozzi (1991, p. 1199) afirma ser um iberismo, sinônimo de coragem e vigor. Adaptação

morfológica formal gráfica e fonética com perda do fonema inicial –e /e/ e mudança de fonema central de /s/ para /tʃ/, em uma normal italianização desse fonema.

SOMMA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] e di lì a Ppalliacati, porto nel regno di Nersinga, nel quale di Pegù navicano grande <somma> di rubini” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 507).

Português: soma.

Análise do dado: Ver **somma** em Da Empoli.

STORACE s. m. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “In questa terra nasce Indaco, <Storace> liquido, Corniuole , Calcidonni in quantità grandissima et si lavora di essi maniche di daghe e pugnali eccellentissimi” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1, p. 9).

Português: estoraque.

Análise do dado: Ver **storace** em Varthema.

SURGESSIMO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché era necessario che il batello andassi avanti alla nave per scoprire fondo donde potessi passare; e tale <surgessimo> tre o quatro volte per giorno” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 475).

Citações na obra: Lett/Cor1, *surgemmo*: p. 2, 6.

Português: surgíssemos.

Análise do dado: Ver **surgemmo** em Varthema.

TANGHE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] sono come uno pezo d’argento lungo e addopiato, battuto da ogni banda con stampa di lettere di Persia e questi si chiamano <tanghe>” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 502-503, grifo do autor).

Italiano: –

Português: tangas.

Citações em outros autores: Balbi, *tanga*: p. 69, 77, 131; Sassetti, *tanga/e*: p. 396.

Análise do dado: TANGA: moeda corrente na Ásia e na Índia portuguesa, de baixo valor, com a forma de uma fava. Dalgado (1921, p. 355) registra tanga e sustenta que a palavra possui dois significados, um utilizado na Índia como moeda, e outro na África austral, como

tecido para cobrir da cintura até os joelhos (que deu origem à popular tanga dos atuais biquínis). Com o significado de peça de vestuário, a palavra tanga encontra-se registrada na língua italiana, como um empréstimo do português (cf. SCHULTZ, 2007). GDLI (1961, v. XX, p. 709) registra a entrada *tanga*, com o significado de moeda, como sendo do português. Cardona (1973, p. 203) atesta como provável étimo do português *tanga*, através do sânscrito *tanka*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica na substituição da sílaba **-ga** do português, para **-ghe**, seguindo a regra da formação de número plural feminino em italiano das palavras que no singular terminam em **-ga**. Adaptação gráfica de número plural feminino em **-e**. Ver **larino** em Federici.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] e a me mi facci grazia di reducirmi in la patria da me tanto desiderata, dove con onesto riposo, in cambio di tanto <travaglio>, possa servire a quella, in questa e in ogni altra occorrente opportunità” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 507).

Citações na obra: p. 496.

Português: trabalho.

Análise do dado: Ver **travaglio** em Da Empoli.

TIRO s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] e nel mezo, giunto a l’arbore, da ogni costato uno cannone e uno <tiro> piccolo o vero berzo, con sua coda fra ogni 4 banchi” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 490).

Português: tiro.

Análise do dado: Ver **tiri di artiglieria** em Da Empoli.

VETOVAGLIE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e fumo costeggiando fino a Goa, pigliando in essa e in queste forteze di Calicut e Cananor <vetovaglie> per um anno” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 461).

Italiano: *vettovaglie*.

Português: virtualhas.

Citações na obra: *vettovaglia/e*, *vetovaglia*: p. 477, 478, 479, 486, 487 etc.; Lett/Cor1, *vittuaglie*: p. 8.

Citações em outros autores: Pigafetta, *vittuvaglia*: p. 135, 190; Federici, *vittouvaglia*: p. 2, 5, 44, 70, 94 etc.; *vittovaglia*: p. 19; *vettouvaglia*: p. 96. Balbi, *vittovaglia*: p. 3; *vettovaglia*: p.

10, 12; Sassetti, *vettovaglia/e*: p. 217, 227; Carletti: p. 60; Cavazzi: . 318, 366, 380, 408, 411, 571.

Análise do dado: VITUALHA: provisão de alimentos. Etimologia do latim *victualia, ium*, ‘víveres, provisão de alimentos’, significado existente também na lingua italiana. Com o sentido de abastecer o navio de mantimentos é encontrado no português *vitualhas* e espanhol *vituallas*, conforme atesta Pozzi (1991, p. 1219). Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a substituição de /g/ para a líquida /λ/ representada pelo dígrafo –gl. Adaptação gráfica com substituição de grafemas.

VERZINO s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché la grandezza della terra del decto <Verzino>, non è per ancora da queste parte discoperto” (CORSALI, 1989, Lett/Cor1 p. 11-12).

Italiano: Brasile.

Português: Brasil.

Citações na obra: p. 12.

Citações em outros autores: Pigafetta, *Tera del Verzin*: p. 113, 124; Sassetti, *Verzino*: p. 218, 219, 220, 234, 240, 264, 273, 301, 314 etc.

Análise do dado: BRASIL: com o nome *Verzino*, ou em Pigafetta *Tera del Verzin* (literalmente Terra do Pau-brasil), os viajantes italianos denominavam o Brasil, pela grande produção de pau-brasil (*Caesalpinia echinata*). *Verzin* ou *Verzino*, mas também *Legno di Fernambuco* eram os nomes que os italianos davam à árvore do pau-brasil, planta da família das leguminosas que existia em abundância nas costas do país na época do descobrimento. Todos os autores que lemos falam em *verzin* ou *verzino*: Da Empoli: p. 140-141; Pigafetta: *arco de verzin*: p. 114; *versin*: p. 113, 115; Federici, *verzino/i*: p. 18, 84, 94, 95; *verzin*: p. 26. De Carli é o único que registra *verzino*, acrescentando que a madeira é também chamada *brasil*. Em Da Empoli, encontramos o primeiro registro do topônimo *Brasil* na língua dos viajantes estudados. Aparece com o sentido madeira no seguinte trecho: “[...] suoi mariti solamente con un arco de verzin o de palma negra” (DA EMPOLI, 1999, p. 114). Como topônimo, *Verzino* aparece apenas em Corsali (1989, p. 11-12). *Verzino* está registrado já no Crusca/1623, com o sentido de madeira, significado que permanece nos dicionários italianos do *corpus*. Em italiano, mais tarde para o país foi adotado o topônimo *Brasile*. Zaccaria (1927, p. 65) afirma que o nome *brasile*, para especificar o pau-brasil, nunca foi utilizado na língua italiana, apenas *verzin/verzino*.

5.3.2.2 UFcasuals em Corsali

BOCCA DEL (DETTO) FIUME loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] la quale isola è posta in uno braccio di mare che entra in detta Cambraia grande spazio, nel quale braccio è <la bocca del detto filme> Indo” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 485).

Italiano: *imboccatura del fiume*.

Português: boca do (dito) rio.

Citações em outros autores: Sassetti: *bocha/e de’f*. p. 357; *bocca di porto*: p. 468.

Análise do dado: BOCA DO RIO: foz do rio; estuário. Metzeltin (1973, p. 238) atesta a presença nos portulanos portugueses e acrescenta que se trata do uso náutico da palavra boca, com o sentido dado em português. Decalque livre.

DIBASSO DEL loc. adv. *Outros*.

Atestação: “[...] donde lo ferisce il sole, perché <dibasso del> corpo è più bianco che d’altra qualità” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 463).

Português: debaixo de.

Análise do dado: Ver **di basso di** em Da Empoli.

HAVEMO VISTA DELLA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E tornati già nello Artico polo <havemo vista della> tramontana in gradi sei che in minore altura in nissuna parte si può vedere rispetto a certe nubile” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 3).

Português: tivemos vista de.

Citações na obra: havendo vista: p. 2.

Análise do dado: ver **avemo vista della** em Da Empoli.

LEVAVANO PER MALE CAMINO s. v. *Outros*.

Atestação: “[...] che <levavano male cammino> e credevano quanto il moro aveva detto, si messono in ordine per andare” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 488).

Italiano: *essere sulla cattiva strada*.

Português: levavam por mau caminho.

Citações em outros autores:

Análise do dado: IR POR UM MAU CAMINHO, desencaminhar-se; em sentido metafórico, desviar-se do bom caminho, daquele que é considerado de acordo com os padrões da sociedade. Caraci (1991, p. 488, nota 4) afirma que é do português *levar mau caminho*.

SANGUE DI DRAGO loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] qui è molto <sangue di drago>, che è gomma di uno arbore, la quale si genera in aperture di questi monti, non molto alto ma grosso di gambo e di cortice dilicata” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 462).

Português: sangue-de-dragão.

Análise do dado: Ver *sanghue di dragon* em Da Empoli.

TIRANDO FORI s.v. *Outros*.

Atestação: “[...] il quale dipoi presono <tirando fori> uno dei capitani, quali tagliarono a pezi con dua altri” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 488).

Italiano: *escludere*.

Português: tirando fora.

Citações em outros autores: Sassetti, *tirando*: p. 498.

Análise do dado: TIRAR FORA: mudar de lugar, retirar. No contexto, tirando fora do barco um dos capitães. Existe o verbo *tirare* em italiano significando puxar, mas o contexto de uso é claramente do português. Atestado em Pettenati (1961, p. 38) como do português *tirar*, com o sentido dado no Sassetti, de exceptuar.

5.3.2.3 Proto/nomcasuals em Corsali

CROCE MERAVIGLIOSA loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...]. Sopra queste aparisce una <croce meravigliosa> in mezzo di V stele che la circondano come il carro la tramontana: con altre stelle che con esse intorno al polo vanno girandola” (CORSALI, 1991, Lett/Cor2, p. 2).

Português: cruz maravilhosa.

Análise do dado: cruz maravilhosa por Cruzeiro do Sul. Ver **4 o 5 stelle em Varthema**.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
ITALIANA**

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

**O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura
dos viajantes italianos**

v. 2

**SÃO PAULO
2014**

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

**O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos
(versão corrigida)**

v. 2

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Giustina Baccin

de acordo,

Paola

**SÃO PAULO
2014**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S383c Schultz, Benilde Socreppa.
O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos/Benilde Socreppa Schultz; Orientador: Paola Giustina Baccin. – São Paulo, 2014. 696 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Léxico português. 2. Léxico Italiano. 3. Empréstimos neológicos. 4. Descobrimientos portugueses. 5. Viajantes italianos. 6. I. Título: Paola Giustina Baccin. II. Título.

FOLHA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa-múndi.....	25
Figura 2 - Mapa da África	28
Figura 3 - Peixe-mulher.....	35
Figura 4 - Primeira viagem de Da Empoli, a famosa 'volta'.....	136
Figura 5 - Constelação do Cruzeiro de Sul, em desenho de Da Empoli.....	146
Figura 6 - Cruzado de ouro português cunhado no reinado de Dom Manuel I.....	162
Figura 7 - Constelação do Cruzeiro do Sul em desenho de Corsali	200
Figura 8 - Alguns vocábulos dos povos do Brasil	233
Figura 9 - Abelhas jataí	271
Figura 10 - Figos da Índia (banana).....	274
Figura 11 - As diversas formas do larim	313
Figura 12 - Rosa dos Ventos de Balbi	354
Figura 13 - Brasão de Armas Reais e Bandeira de Portugal	375
Figura 14 - Carta náutica desenhada em um portulano	391
Figura 15 - Um dos alfabetos da língua japonesa.....	482
Figura 16 - Ideograma chinês	483
Figura 17 - Peixe-mulher de Cavazzi	512
Figura 18 - Mapa do Congo e Angola	542
Figura 19 - Antropofagia entre os Jagas.....	544
Figura 20 - Banana do Congo.....	545
Figura 21 - Mulheres carpindo	548
Figura 22 - Batata-doce	556
Figura 23 - Quilombo africano	561
Figura 24 - Transporte de um burguês em uma rede na África.....	577
Figura 25 - Galeão português Padre Eterno, construído no Brasil	628

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Percentual de ocorrências de <i>Ecasuals</i> e <i>UFCasuals</i> mais utilizados.....	644
Tabela 2 - Estudo das prevalências semânticas nos <i>Ecasuals</i> e <i>UFCasuals</i>	650
Tabela 3 - Ocorrências de <i>Proto/nomcasual</i> nos viajantes italianos	654
Tabela 4 - Tabela Geral de <i>Ecasuals</i> ocorridos nos viajantes	691
Tabela 5 - Tabela Geral de <i>UFCasuals</i> ocorridos nos viajantes	696

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico-diagnóstico das 50 ocorrências mais utilizadas	647
Gráfico 2 - Gráfico das prevalências semânticas nos viajantes italianos	651

LISTA DE ABREVIATURAS

Abreviaturas utilizadas no corpo do texto

Discorso/S	→	Discorso sul cinamomo de Sassetti
EL	→	Empréstimo lexical
<i>Ecasual</i>	→	Empréstimo casual
Ist/Descrizione	→	Istorica Descrizione [...] de Giovanni Antonio Cavazzi
<i>Itinerario</i>	→	Itinerario di Ludovico de Varthema
Lett/Cor1	→	Lettera a Giuliano de' Medici de Andrea Corsali
Lett/Cor2	→	Lettera a Lorenzo de' Medici de Andrea Corsali
Lett/Emp1	→	Relazione del primo viaggio de Giovanni da Empoli
Lett/Emp2	→	Lettera a suo padre de Giovanni da Empoli
Lett/Emp3	→	Lettera a Lorenzo de' Medici de Giovanni da Empoli
Lett/Emp4	→	Lettera di Cochim de Giovanni da Empoli
Lett/Emp5	→	Testamento de Giovanni da Empoli
Lett/Sassetti	→	Lettere da Vari Paesi de Sassetti
loc. adv.	→	Locução adverbial
loc. prepos.	→	Locução prepositiva
loc. subs.	→	Locução substantiva
loc. adj.	→	Locução adjetiva
S/Note	→	Notas de Sassetti, na edição de Caraci
OBS.	→	Observação
Proto/nom <i>casual</i> .	→	Protonomeação casual
Racconto/C	→	Il moro trasportato [...]. Racconto de Dionigi de Carli
Ragionamenti/C	→	Ragionamenti de Francesco Carletti
Relazione/P	→	Relazione del primo viaggio intorno al mondo de Antonio Pigafetta
Relatione/B	→	Relatione della nuova missione de Christororo Borri
s. livre	→	Sintagmas livres (frases livres, provérbios etc.)
s. v.	→	Sintagma verbal
s. f. sing./e ou /pl.	→	Substantivo feminino singular e/ou plural
s. m. sing./e ou /pl.	→	substantivo masculino singular e/ou plural
UF <i>casual</i>	→	Unidade fraseológica casual
Viaggio/F	→	Viaggio de Cesare Federici
Viaggio/G	→	Viaggio de Michel Angelo Guattini e Dionigi de Carli
Viaggio/B	→	Viaggio de Gasparo Balbi
Viaggio/A	→	Viaggio a Madera e Azzore de Pompeo Ardizi
v.	→	Volume

Dicionários

Alberti	→	Dizionario universale critico enciclopedico della lingua italiana
Aulete	→	Aulete Digital
Aurélio	→	Dicionário Aurélio
Bluteau	→	Vocabulario portuguez e latino de Raphael Bluteau
ChrestLB	→	Chrestomathia da lingua brazilica, de Ernesto França
Crusca/1612		
Crusca/1623		

Crusca/1691		
Crusca/1729-1738		
Crusca/1863-1929	→	Diversas edições do Vocabolario degli accademici della Crusca
Dalgado	→	Glossário luso-asiático de Sebastião Dalgado
DBI	→	Dizionario Biografico degli Italiani
DLTupi	→	Diccionario da lingua tupy de Gonçalves Dias
GDLI	→	Grande dizionario della lingua italiana de Battaglia
Houaiss	→	Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa
Moraes e Silva	→	Diccionario da língua portuguesa
Pianigiani	→	Vocabolario etimologico della lingua italiana Ottorino Pianigiani
Treccani	→	Treccani Digital
Zing	→	Vocabolario della lingua italiana de Zingarelli

SUMÁRIO

Volume I

1 INTRODUÇÃO	17
2 VIAGENS E VIAJANTES – MICROCOSMOS	24
2.1 As navegações portuguesas	24
2.2 Para uma definição de literatura de viagem.....	30
2.3 Os relatos dos viajantes: uma literatura de informação	33
3 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA	39
3.1 Lexicologia, léxico e os empréstimos linguísticos	39
3.2 Línguas em contato.....	41
3.3 Neologia e neologismos.....	46
3.4 Empréstimos: re-produção e re-criação de matéria linguística	49
3.4.1 A trajetória neológica: adaptação e integração dos empréstimos.....	53
3.4.2 Os neologismos formais: para uma sistematização e compreensão dos empréstimos <i>casuals</i> , das unidades fraseológicas <i>casuals</i> e protonomeações <i>casuals</i>	60
3.4.3 Especificidades dos empréstimos <i>casuals</i> : protonomeações, as ‘coisas’ sem referentes linguísticos	69
4 QUESTÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
4.1 Justificativa.....	73
4.2 Objetivos.....	75
4.3 Procedimentos de pesquisa e estabelecimento dos <i>corpora</i> e do <i>corpus</i> de pesquisa....	76
4.3.1 Metodologia de investigação	76
4.3.2 As obras dos viajantes: estabelecimento dos <i>corpora</i>	77
4.3.3 Organização da ficha lexicológica.....	80
4.3.4 Modelo de ficha lexicológica vazia	83
4.3.5 Modelo de ficha lexicológica preenchida	84
4.4 Metodologia de análise amostral	86
5 OS VIAJANTES: ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS	88
5.1 LUDOVICO DE VARTHEMA	88
5.1.1 O Marco Polo da Idade Moderna	88
5.1.2 O <i>Itinerario</i> de Ludovico de Varthema, bolonhês.....	95
5.1.2.1 <i>Ecasuals</i> em Varthema	105
5.1.2.2 <i>UFcasuals</i> em Varthema	128
5.1.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em Varthema.....	129
5.2 GIOVANNI DA EMPOLI.....	134
5.2.1 Um jovem mercador na Ásia (1503-1517)	135
5.2.2 Cartas de Giovanni da Empoli: cópia da primeira viagem e carta a seu pai	142
5.2.2.1 <i>Ecasuals</i> em Da Empoli	148

5.2.2.2	UF <i>casuals</i> em Da Empoli.....	186
5.2.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Da Empoli.....	193
5.3	ANDREA CORSALI	194
5.3.1	Andrea Corsali, o viajante que desapareceu no nada, que fim teve?.....	194
5.3.2	Andrea Corsali: astrônomo, diplomata, comerciante e explorador	196
5.3.2.1	E <i>casuals</i> em Corsali	201
5.3.2.2	UF <i>casuals</i> em Corsali.....	217
5.3.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Corsali.....	218

Volume II

5.4.	ANTONIO PIGAFETTA	221
5.4.1	O valor da amizade	221
5.4.2	Relato da primeira viagem ao redor do mundo	227
5.4.2.1	E <i>casuals</i> em Pigafetta.....	239
5.4.2.2	UF <i>casuals</i> em Pigafetta	266
5.4.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Pigafetta	271
5.5	POMPEO ARDIZI	278
5.5.1	Ardizi, um arquiteto viajante no Reino de Portugal	278
5.5.2	Viagem às ilhas da Madeira e ao Arquipélago dos Açores	281
5.5.2.1	E <i>casuals</i> em Ardizi.....	283
5.5.2.2	UF <i>casuals</i> em Ardizi	289
5.5.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Ardizi	291
5.6	CESARE FEDERICI.....	293
5.6.1	Cesare Federici, peripécias de um viajante desafortunado.....	293
5.6.2	Viagem de Cesare Federici na Índia Oriental e além da Índia	298
5.6.2.1	E <i>casuals</i> em Federici.....	302
5.6.2.2	UF <i>casuals</i> em Federici	324
5.6.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Federici	326
5.7	GASPARO BALBI.....	328
5.7.1	Gasparo Balbi, o viajante joalheiro	328
5.7.2	Viagem às Índias Orientais de Gasparo Balbi	332
5.7.2.1	E <i>casuals</i> em Balbi	338
5.7.2.2	UF <i>casuals</i> em Balbi	370
5.7.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Balbi.....	374
5.8	FILIPPO SASSETTI	376
5.8.1	Sasseti, uma vida nas colônias portuguesas	378
5.8.2	As <i>Lettere</i> de Sasseti: poesia e erudição.....	387
5.8.2.1	E <i>casuals</i> em Sasseti.....	395
5.8.2.2	UF <i>casuals</i> em Sasseti	442
5.8.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Sasseti	458

Volume III

5.9	FRANCESCO CARLETTI	460
5.9.1	Carletti, um mercante global em um universo não globalizado	460
5.9.2	O <i>Ragionamenti</i> , um tratado sobre a cultura e o comércio	471
5.9.2.1	E <i>casuals</i> em Carletti.....	486
5.9.2.2	UF <i>casuals</i> em Carletti	508
5.9.2.3	Proto/nom <i>casuals</i> em Carletti	512

5.10 CRISTOFORO BORRI	515
5.10.1 Borri: um matemático, astrólogo, missionário e viajante na Cochinchina	515
5.10.2 A Relatione/B de Borri, um tratado sobre um país	520
5.10.2.1 <i>Ecasuals</i> em Borri	527
5.10.2.2 <i>UFcasuals</i> em Borri	531
5.10.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Borri	532
5.11 GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI	533
5.11.1 Cavazzi, um padre pouco versado na pregação	533
5.11.2 Visões dos Reinos de Congo, Matamba e Angola: guerras, práticas e magias ...	543
5.11.2.1 <i>Ecasuals</i> em Cavazzi	553
5.11.2.2 <i>UFcasuals</i> em Cavazzi	582
5.11.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Cavazzi	584
5.12 DIONIGI DE CARLI	586
5.12.1 De Carli, missionário e pregador capuchinho na África	586
5.12.2 Instantâneos brasileiros e africanos	591
5.12.2.1 <i>Ecasuals</i> em De Carli	598
5.12.2.2 <i>UFcasuals</i> em De Carli	617
5.12.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em De Carli	621
5.13 MICHEL ANGELO GUATTINI	624
5.13.1 Padre Michel Angelo: uma vida em prol da evangelização da África	625
5.13.2.1 <i>Ecasuals</i> em Guattini	631
5.13.2.2 <i>UFcasuals</i> em Guattini	637
5.13.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Guattini	639
6 ANÁLISE ESTATÍSTICA DAS OCORRÊNCIAS COLETADAS	641
6.1 Análise e diagnóstico das ocorrências	641
6.1.1 Ocorrências mais utilizadas pelos viajantes	641
6.1.2 Campos Semânticos das Ocorrências	648
6.2 Ocorrências de <i>Proto/nomcasuals</i>	653
7 CONCLUSÃO	655
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	662
Obras gerais/linguísticas/lexicológicas/lexicográficas	662
Obras críticas sobre e de literatura de viagem	665
Dicionários em geral	671
ANEXOS	673

5.4. ANTONIO PIGAFETTA

Para a compilação das ocorrências na obra de Antonio Pigafetta, utilizamos a edição organizada por Mario Pozzi (1994), intitulada *Il primo viaggio intorno al mondo con il trattato della sfera* (doravante Relazione/P), baseada no manuscrito Ambrosiano L 103 sup., a única versão disponível em italiano. Utilizamos para os comentários também a edição de Antonio Manfroni (1929). Esta, segundo Pozzi, foi manipulada pelo autor, que mudou muitas palavras da língua original de Pigafetta para o italiano, por julgar mais adequado. Pigafetta escreve com a interferência do seu dialeto natal, o vêneto, com a carência sobretudo dos dígrafos (*le doppie* italianas), pois os habitantes dessa região não as pronunciavam. Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1994, sem modificações.

5.4.1 O valor da amizade

Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda comanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar a terra inteira
com seu abraço¹⁶⁰.
(Fernando Pessoa).

Antonio Pigafetta, vicentino, *cavalier* Di Rodi – assim é conhecido o italiano que, na armada de Fernão de Magalhães, deu a volta ao mundo pela primeira vez, um feito inédito, que cobriu de glórias o império português e de orgulho patriota a nação italiana. A história desse novo Ulisses e dessa Odisseia moderna está relatada minuciosamente na Relazione/P, livro em forma de diário, no qual conta os dramas, as dificuldades, intrigas e descobertas da expedição.

De nobre família vicentina, não se sabe precisamente a data de seu nascimento: alguns biógrafos vicentinos a situam em 1480 e 1481. Outros contestam, dizendo que, ao ser

¹⁶⁰ Poema dedicado por Fernando Pessoa a Fernão de Magalhães, em *Mar português*.

admitido como combatente na armada, estaria em pleno vigor físico e juvenil, portanto deve ter nascido por volta de 1490 (MANFRONI, 1929, p. 10). Ignora-se tudo de sua vida até 1519, quando o encontramos trabalhando para um ilustre prelado, o núncio apostólico Francesco Chiericati, primeiramente na Inglaterra e mais tarde na Espanha, durante o reinado de Carlos V. Por esse tempo tem conhecimento de que Fernão de Magalhães, após desentendimentos com o rei Dom Manuel de Portugal, procurou o rei da Espanha para propor um modo de alcançar as Ilhas Molucas, que, segundo ele, estariam na zona delimitada pelo Tratado de Tordesilhas, portanto sob a jurisdição da Espanha.

Magalhães, após servir por anos à coroa portuguesa, lutando na conquista de Malaca, capitaneia a armada espanhola, que percorre os caminhos da outra metade do mundo ainda desconhecido, à procura das famosas Ilhas das Especiarias, das quais falam as cartas enviadas por seu amigo Francisco Serrão, que habita em Ternate. Escreve-lhe Serrão: “Vinde ter comigo, Fernão. Encontrei aqui um novo mundo, mais rico e maior do que o de Vasco da Gama”. Magalhães lhe responde: “Irei a Ternate, mas não pelo caminho usual” (SILVA, 2011, p. 1). Se o mundo é redondo, como dizem, pode-se chegar às Ilhas Molucas, no Oriente, percorrendo um caminho inverso àquele de Vasco da Gama, isto é, pelo Ocidente. É imprescindível alcançá-las antes dos portugueses e tomar posse em nome da coroa espanhola.

O comandante português tem dificuldades para encontrar pessoas para compor a tripulação das cinco naves, pois os espanhóis não querem obedecer às ordens de um capitão português. A esse respeito, escreve Pigafetta:

Tendo decidido o Capitão Geral fazer uma tão longa viagem pelo Mar Oceano [...] os capitães seus, que levava em sua companhia, o odiavam muito, não sei porquê, a não ser porque era português e eles espanhóis. Querendo dar fim a isso, prometeu em juramento ao imperador Dom Carlos, rei da Espanha, que as naves na tempestade e na noite, não se separassem uma das outras [...] ¹⁶¹ (PIGAFETTA, 1994, p. 110, grifos nossos).

Fernão de Magalhães, homem hábil e político, supera essa dificuldade e, uma vez composta a tripulação, parte de San Lucar de Barrameda, no dia 20 de setembro de 1419, com a *Trinidad*, a *San Antonio*, a *Concepción*, a *Victoria* e a *Santiago*. Segue a armada com 250 tripulantes, uma babel de línguas e povos mais diversos: espanhóis, portugueses, italianos, alemães, ingleses, mouros e cipriotas, muitos deles criminosos a procurar fuga em águas

¹⁶¹ “Avendo deliberato il capitano generale di fare così longa navigazione per lo Mare Oceano [...] li capitani suì, che menava in sua compagnia, lo odiavano molto, non so perché, se non perché era portoghese e essi spagnoli. Volendo dar fine a questo che promise con iuramento a lo imperatore Don Carlo Re de Spagna, açiò le navi ne le fortune e ne la notte non se separassero una da l'altra [...]”.

distantes. Entre os estrangeiros, Antonio Pigafetta, homem nobre, recrutado a partir de recomendações dadas por pessoas ilustres de Barcelona. Pigafetta, talvez pela sua condição, conquista a amizade do comandante e começa a trabalhar diretamente sob as suas ordens, em um posto que chamamos hoje de ajudante de ordens, portanto fazendo parte do estado-maior do navio. Retribui com dedicação e admiração, sem ressalvas, ao comandante.

O valor que Pigafetta dá à amizade, inclui como norma de conduta ser correto com as pessoas que o rodeiam. Nota-se isso na fidelidade demonstrada ao comandante Magalhães durante toda a viagem: está sempre do seu lado, mesmo nos momentos mais difíceis. Mesmo quando toda a tripulação se manifesta descontente, ele jamais se lamenta, especialmente durante e após a passagem do estreito recém-descoberto. Primeiro, as dificuldades de achar o caminho no emaranhado de canais e ilhas faz com que capitães de três navios se amotinem. Contornado o motim, uma das naus naufraga e a outra deserta. À procura de uma saída para o Pacífico, no intrincado de golfos, baías e foz de rios, manda que outros navios sigam por caminhos diversos e, no desespero de achar uma saída, perde dias na esperança de encontrá-la. A perseverança e insistência de Magalhães ao procurar uma saída do estreito e ao deixar sinais para que as outras naus o encontrem, revelam a justeza do seu caráter e a preocupação para com a sua tripulação. Quando, enfim, encontra a passagem para o Pacífico, escreve Pigafetta: “O Capitão Geral chorou de alegria, e chamou aquele Cabo de Desejado, porque o haviam desejado há muito tempo”¹⁶² (PIGAFETTA, 1994, p. 121).

Quando Magalhães e todo o alto comando do navio morrem em uma emboscada traiçoeira em Mactan, o italiano encontra-se retido no barco por causa de um ferimento, escapando assim, milagrosamente, da morte certa. A descrição que faz da tragédia que culmina com a morte de Magalhães é pungente e toca o coração do leitor. Relata ele sobre esse momento terrível: “Rapidamente o atingiram com lanças de ferro e de bambu e com aqueles seus escudos até que o espelho, o lume, o conforto e o verdadeiro guia nosso mataram”¹⁶³ (PIGAFETTA, 1994, p. 147, grifo nosso). O Cavalier di Rodi escreve um elogio fúnebre digno do grande navegador:

Espero em Vossa Senhoria Ilustríssima [que] a fama de um tão generoso Capitão não deva ser extinta nos nossos tempos. Entre as virtudes que possuía, era o mais constante na adversidade, mais que qualquer outro no mundo: suportava a fome mais que todos os outros, e sabia ler mapas e

¹⁶² “El Capitanio Generale lagrimò per allegrezza, e nominò quel *Capo Deseado*, perché l’avevano già gran tempo desiderato” (grifo do autor).
¹⁶³ “Subito li foreno adosso con lance de fero e de cana e con quelli sui terciadi, fin che il specchio, il lume, el conforto e la vera guida nostra amazarono”.

navegar, e se isso era verdade, e se vê verdadeiramente, ninguém teve tanta inteligência e desejo de dar a volta ao mundo, como ele já quase havia dado. Essa batalha foi combatida no sábado, 27 de abril de 1521 (o Capitão a quis no sábado porque era seu dia de devoção) e nela morreram, juntamente com ele, bombardeados dos batéis, oito dos nossos e quatro Índios cristãos, que tinham vindo para nos ajudar; dos inimigos morreram pelo menos quinze e muitos dos nossos foram feridos¹⁶⁴ (PIGAFETTA, 1994).

Após a morte do amigo, Pigafetta se mantém neutro nos seus escritos, evita falar diretamente dos que assumiram o comando da nau Victoria, talvez por medo de represálias, ou quem sabe, para puni-los com a única arma que possuía, o poder da sua escritura: ignorando seus nomes, estaria apagando-os para a posteridade. Como afirma Pozzi (1994, p. 34), “estende sobre eles um véu de silêncio que é mais pesado que a mais áspera condenação. [...] nem ao menos uma alusão, a [nau] *Vitória* parece viajar sem um comandante!”¹⁶⁵.

Tornando à Itália, Pigafetta é hóspede na corte de Isabela d’Este. Logo após, em 1524, é chamado ao Vaticano pelo papa Clemente VII, que lhe concede a comenda da Ordem de Rodes. Pigafetta espera que o papa se interesse pela publicação do seu relatório de viagem, mas isso não acontece. Não se sabe porque, mas a primeira edição foi em francês, em Paris, sem data, com certeza depois de 1526 e antes de 1536, intitulada *Le Voyage et navigation faites par les Espagnolz aux isles de Moluques, des islez qu’ils ont trouvé audict Voyage, des roys d’icelles, de leur gouvernement e maniere de vivre, avec plusieurs autres choses*. Dedica a sua obra ao grão-mestre da ordem, Philippe de Villiers de l’Isle-Adam. Uma cópia desta, afirma Pozzi (1994, p. 26), citando Ramusio (1550), é mandada à rainha regente de França. Segundo Manfroni (1929, p. 22), a primeira edição é em língua francesa, baseada nos manuscritos franceses, contudo não existe nenhuma prova documental de que Pigafetta tenha escrito nessa língua. O crítico italiano afirma que, provavelmente, esse manuscrito francês – feito a pedido do grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros de Rodi, que era francês – seja uma cópia de algum manuscrito italiano. Existe outro manuscrito italiano na Biblioteca Ambrosiana em Milão, que é considerado por muitos o original, mas cuja autenticidade não se pode comprovar. Ainda segundo Pozzi, no ano de 1536, sem indicação de editora,

¹⁶⁴ “Spero in Vostra Illustrissima Signoria la fama d’uno sì generoso capitano non debia essere estinta ne li tempi nostri. Fra le altre virtù, che erano in lui, era lo più costante in una grandissima fortuna che mai alguno altro fosse. Suportava la fame più che tutti gli altri e più iustamente che omo fosse al mondo carteava e navigava e, se questo fu il vero, se vede apertamente, ninguno altro avere avuto tanto ingenio nì ardire di saper dar una volta al mondo como ià quasi lui aveva dato. Questa battaglia fo fatta al sabato ventisette de aprile 1521 (il Capitano la volse fare in sabato, perchè era lo giorno suo devoto), ne la quale foreno morti con lui otto de li nostri e quattro Indii, fatti cristiani, da le bombarde de li bateli, che erano dapoi venuti per aiutarne e de li nemici se non quindici, ma molti de noi feriti”.

¹⁶⁵ “stende su di loro um velo di silenzio che è più pesante che un’aspra condanna. [...] nemmeno un’allusione, la *Victoria* sembra viaggiare senza un comandante!” (grifo do autor).

provavelmente em Veneza, é publicada a primeira edição italiana, com o nome *Il viaggio fatto degli spagnoli intorno al mondo* (A viagem feita pelos espanhóis ao redor do mundo). A sua obra obtém ressonância imediata, sendo publicada sucessivamente por várias editoras e em várias línguas.

Lawrence Bergreen (2004, p. 398) afirma que Pigafetta, por volta de 1524, se estabelece em Veneza e, perante o doge e ao conselho da cidade, pede permissão para imprimir o seu relato de viagem. Essa rogatória, conforme a carta inserida em Pozzi, configura-se, pelo que sabemos, o primeiro documento requerendo direito de propriedade intelectual, ou seja, direitos autorais sobre uma obra escrita. Reportamos a carta transcrita em Pozzi:

Sereníssimo Príncipe e Excelentíssimos Senhores: suplico eu, Antonio Pigafetta, vicentino, cavaleiro hierosolimita que, desejando ver o mundo, nos anos passados, naveguei, nos últimos anos, com as caravelas de Sua Majestade Cesárea [Carlos V], que foram procurar as ilhas onde nascem as especiarias nas Novas Índias. Nessa viagem dei a volta em torno ao mundo, e como foi uma proeza que nenhum homem jamais tinha realizado, compus um livreto da dita viagem, que desejo imprimir. Por isso, peço que por 20 anos ninguém possa imprimi-lo, salvo eu próprio, estando sujeito a penalidade aquele que o fizer ou o imprimir em outro lugar e o trouxer aqui: além da perda dos livros, de ser condenado a [pagar] três libras por cópia. A execução [da penalidade] seja imposta por qualquer magistrado desta cidade, que deverá ser informado sobre ela; e que a pena seja dividida um terço ao arsenal de Sua Alteza, um terço para o acusador e um terço para aqueles que a executarão. Humildemente me entrego à sua generosidade¹⁶⁶ (POZZI, 1994, p. 26, grifos nossos).

Bergreen confirma que o pedido de Pigafetta perante o doge e o conselho é aceito, e lhe é asseverado que: “somente ele e mais ninguém teria permissão para imprimi-lo durante 20 anos” (BERGREEN, 2004, p. 398). Pigafetta garantiu assim para a posteridade o direito de propriedade intelectual que, com algumas ressalvas, permanece inalterado até hoje, ou seja:

- a) o direito de imprimir e que ninguém possa fazer cópias sem prévia autorização;
- b) estabelece o limite de direitos autorais (na carta, pelo prazo de vinte anos);

¹⁶⁶“Serenissimo Principe e eccellentissimi Signori, supplico io Antonio Pigafetta vicentino, cavalier ierosolimitano, che, desiderando veder del mondo, nelli anni passati ho navicato *cum* caravelle de la Maiestà Cesarea, che sono andate a trovar le isole dove nascono le specie nelle Nove Indie, nel qual viazo ho circumdato tutto il mondo a torno; e per esser cosa che mai omo l’ha fatta, ho composto uno libretto de tutto el ditto viazo, qual desidero far stampir. E però supplico de grazia che per anni 20 alcun non possi stampirlo, salvo chi vorò io, sotto pena a chi el stampasse o stampato altrove el portasse qui, oltre el perder li libri, de esser condannato lire tre per libro; e la execuzione possi esser fatta per qualunque magistrato de questa cità a chi sarà fatto la coscienza, e sia divisa la pena un terzo a l’arsenal de la Sublimità Vostra, un terzo a l’accusador e un terzo a quelli che farano la execuzione. Alla grazia sua *humiliter* mi racomando” (grifos do autor).

c) os transgressores serão penalizados, quer a editora, quer quando for impresso em outro país;

d) aplicação de uma multa, além da apreensão do material;

e) a pena deve ser imposta por uma autoridade jurídica;

f) a multa será dividida equitativamente para: o governo; o autor (no caso ele, Pigafetta); e para os magistrados da corte que a executarão.

Após isto, não se tem mais notícias do viajante, que morre esquecido de todos, mas que permanece vivo na memória de muitos que tiveram a oportunidade de ler o seu diário¹⁶⁷. A *Relazione/P* é a única testemunha escrita dos feitos de Fernão de Magalhães, pois o seu diário desapareceu, restando somente o relato de Sebastião d'Elcano, que continuou a viagem após a morte de Magalhães. Como Elcano faz parte do grupo dos amotinados, nos seus escritos procura denegrir a imagem do antigo comandante. Dos 250 tripulantes que partem de San Lucar de Barrameda, retornam, no dia 5 de setembro de 1522, somente 18, entre eles Pigafetta, que registra a chegada desse modo:

Sábado, em seis de setembro de 1522, entramos na baía de San Lucar, com somente dezoito homens, a maior parte enfermos. O resto, dos sessenta que partiram das Molucas, houve quem morreu de fome, outros que fugiram na ilha de Timor, e alguns foram mortos pelos seus delitos. De quando nós partimos dessa baía até o dia de hoje, tínhamos percorrido quatorze mil e quatrocentos e sessenta léguas, e mais, completado o círculo do mundo, do levante ao poente [...]. Terça-feira, nós todos, em camisa e descalços, fomos, com uma tocha na mão, para visitar o lugar de Santa Maria da Vitória e de Santa Maria de Antiqua¹⁶⁸ (PIGAFETTA, 1994, p. 190).

Além de registrar o que vê, a *Relazione/P* serve para manter viva a memória de Magalhães e da sua conquista, que de outra maneira teria sido, quem sabe, relegada ao esquecimento ou, quem sabe, alterada.

¹⁶⁷ Sua casa, um pequeno palácio em estilo gótico florido, construído em 1440, faz parte do roteiro turístico da cidade de Vicenza.

¹⁶⁸ “Sabato, a sei de settembre 1522, intrasemo nella baia de San Lucar, se non disdoto omini e la magior parte infermi. Il resto, de sesanta che partisemo da Maluco, chi morse per fame, chi fugite ne la isola di Timor, e chi furono amazati per suoi delitti. Dal tempo che se partisemo de questa baia fin al giorno presente avevamo fatto quattordicimille e quatrocento e sesanta leghe e più, compiuto lo circolo del mondo, dal levante al ponente [...]. Marti, noi tutti, in camisa e discalsi, andasemo con una torcia per uno in mano, a visitare il luoco di Santa Maria de la Victoria e de Santa Maria de l'Antiqua”.

5.4.2 Relato da primeira viagem ao redor do mundo

E la città di Vicenza si può gloriare fra tutte l'altre d'Italia che, [...] abbia anche avuto un gentiluomo di tanto animo come il detto messer Antonio Pigafetta, che avendo circondata tutta la balla del mondo, l'abbia descritta tanto particolarmente¹⁶⁹ (Ramusio, 1550).

A Relazione/P tem todas as características de um diário de bordo, registrando os dias de navegação, o roteiro utilizado, o regime dos ventos, as ordens do comandante, além das atividades que ultrapassam o contexto operacional da armada organizada por Magalhães. É um documento da história da navegação em um período em que a fragilidade do ser humano em um ambiente hostil é colocada à prova, mas que o ser humano pode e consegue superar com a sua determinação. Para Bergreen (2004, p. 398), o livro é também

“um documento pessoal, raro nessa época, quando a ideia de uma consciência individual estava começando a criar raízes. O leitor da crônica de Pigafetta ouve sua voz, alternadamente audaz, atônita, arrasada, fascinada e, no fim, perplexa por estar vivo no mundo cruelmente belo de seu tempo” (BERGREEN, 2004, p. 398).

Lendo a obra percebe-se a cultura do seu autor, a sua humanidade, a sua habilidade política, o conhecimento que tinha de geografia, astronomia, direção dos ventos, latitude e longitude, linguística e etnografia. Se nos detivermos em cada um desses itens, veremos que escreveu e descreveu coisas que nortearam o conhecimento do mundo de então. Certamente muito do que aprendeu deve-se ao fato de seguir as prescrições precisas de Fernão de Magalhães, de quem é sincero e devoto admirador. Muitos dizem que Pigafetta fantasia, por causa das descrições feitas de seres imaginários e lendas (como dos pássaros da ilha de Java, que levam búfalos e elefantes para as copas das árvores, ou das mulheres que engravidam por efeito do vento), contudo Manfroni expõe e rebate essas críticas, alegando que ele jamais afirma ter visto pessoalmente, mas ouvido falar (MANFRONI, 1929, p. 20-22).

¹⁶⁹ “E a cidade de Vicenza pode-se orgulhar, entre todas as outras da Itália [...] de ter tido um gentil-homem [cavalheiro] de tanto ânimo como o senhor Antonio Pigafetta, que tendo circundado toda a esfera do mundo, a tenha descrito com tanta minúcia”.

Pelo conteúdo dos seus escritos, Pigafetta sempre demonstra muito respeito à cultura dos povos com quem tem contato, mesmo aqueles que nunca tinham tido convívio com o homem branco. Muitos europeus veem desdenhosamente as culturas primitivas, arraigados que estão no seu preconceito. Os indígenas são retratados ora como ingênuos e simples, ora cruéis e vingativos, outras vezes dóceis e preguiçosos (o bom selvagem). Aportando no Brasil, descreve-os sem revelar preconceitos, como normalmente acontece com outros viajantes. Raramente dá algum juízo de valor, mas não deprecia ou compara com a sua cultura. Faz apenas uma pequena crítica ao apresentar os nossos índios, considerando ridículo o modo como usam o enduape, uma espécie de fraldão de penas de forma oval que os tupinambás posicionavam nas nádegas:

Não são de todo negros, mas amorenados; deixam descobertas as partes vergonhosas; o seu corpo é sem pelos, e tanto os homens como as mulheres andam sempre nus. [...]. Se vestem de vestido de plumas de papagaio, com rodas grandes no traseiro de penas maiores, coisa ridícula¹⁷⁰ (PIGAFETTA, 1994, p. 114, grifo nosso).

Quando começam a navegar no Pacífico e ficam por três meses sem encontrar nenhuma terra onde adquirir provisões, comem apenas biscoitos. Relata o viajante: “comíamos biscoito, não mais biscoito, mas o pó daquele, com vermes em punhadas porque esses tinham comido a parte boa: fedia muito de urina de rato”¹⁷¹ (PIGAFETTA, 1994, p. 124). Em nenhum momento Pigafetta se opõe ao modo como Magalhães conduz a expedição; ao contrário, acredita que, graças a ele, tomam o rumo certo e podem chegar às ilhas Marianas (Ilha dos Ladrões, como as chama).

O Pigafetta cosmógrafo apercebe-se imediatamente do erro cometido pelos cartógrafos, ao situar erroneamente no hemisfério Antártico a posição do Cabo Gaticara¹⁷²: “[...] a terra do Cabo Gaticara, cujo cabo, com perdão dos cosmógrafos porque não o viram, não se encontra onde eles pensavam, mas na parte setentrional a doze graus mais ou menos”¹⁷³ (PIGAFETTA, 1994, p. 126). Ele faz também menção à constelação do Cruzeiro do Sul: “Quando estávamos nesse golfo, vimos uma cruz de cinco estrelas brilhantíssimas,

¹⁷⁰ “Non sono del tuto negri ma olivastri; portano scoperte le parte vergoniose; el suo corpo è senza peli, e così omini qual donne sempre vanno nudi [...]. Se vesteno de piume di papagalo, con rode grande al culo de le penne maggiori, cosa ridicula”.

¹⁷¹ “mangiavamo biscoto non più biscoto, ma polvere di quello con vermi a pugnate, perché essi avevano mangiato il buono: puzzava grandamente di orina di sorci [...]”.

¹⁷² Para John Denuncé trata-se do Cabo Varela, nas Filipinas, para Manfroni, do Cabo Saint James na costa da Ásia onde hoje se situa o Vietnã do Sul.

¹⁷³ “[...] la tera del Capo Gaticara, il qual capo, con perdon de li cosmografi, perché non lo visteno, non si trova dove loro il pensavano, ma al setentrione in dodici gradi, poco più o manco”.

direcionadas ao poente, e são todas com uma distância certa entre elas”¹⁷⁴ (PIGAFETTA, 1994, p. 125). Apesar de a grande maioria considerar que se trata do Cruzeiro do Sul, Bergreen (2004) contesta e afirma que se trata da Constelação de Órion. Esse engano não diminui o valor simbólico que nutrem por ela os marinheiros, considerando-a como um sinal da sua fé, colocado ali para guiá-los. Magalhães a utiliza para navegação, junto com as outras.

O Pigafetta etnólogo informa sobre todos os povos que encontra: dos índios brasileiros aos gigantes da Patagônia, dos ágeis e cândidos ladrões habitantes da Ilha dos Ladrões (Ilhas Marianas) aos pagãos da Ilha de Samar, nas Filipinas. Apresenta-os minuciosamente: como se vestem, o que comem, como se comportam socialmente, a constituição hierárquica dos povos orientais, religião etc. Do Brasil, então conhecida pelos italianos como a *Tera del Verzin*, fala um pouco da geografia, da abundância da terra e detém-se longamente na descrição dos hábitos e costumes dos nossos índios. A tripulação, como era costume na época, troca quinquilharias por mantimentos, trocando ele mesmo uma carta de reis de ouro por seis galinhas: descreve a alegria e a ingenuidade dos índios que pensam tê-lo enganado.

Do pouco contato que tem com os habitantes nativos – pois a nau aporta na costa do Brasil apenas 13 dias – ele apreende muito dos costumes dos nossos índios e comenta, de modo natural, sem manifestar nenhum preconceito, a cultura dos nativos.

Essa terra do Verzin é muito abundante, e maior que a Espanha, França e Itália juntas: é do rei de Portugal. Os povos dessa terra não são cristãos [...], andam nus tanto os homens quanto as mulheres, moram em casas compridas que chamam *boii* e dormem em redes de algodão, chamadas *amache* [...]¹⁷⁵ (PIGAFETTA, 1994, p. 113, grifos itálicos do autor).

É um dos raros viajantes que não os idealiza nem os condena: ao contrário, aceita-os como são, com uma aquiescência plena dos fatos, atitude que se contrapõe à mentalidade da época: no máximo os olha com um olhar de complacência bonacheirona. Podemos compreender nessa sua atitude um homem evoluído em relação aos demais, um verdadeiro espírito renascentista, um agente modificador da mentalidade existente. Compreende e reconhece como comportamento usual os índios comerem carne humana: não por gostarem, mas porque o fato antropofágico está inserido em um procedimento cultural-ritualístico: “São

¹⁷⁴ “Quando éramo in mezo di questo golfo vedesemo una croce de cinque stelle lucidissime, drito al ponente e sono iustissime una con l'altra”.

¹⁷⁵ “Questa Terra del Verzin è abondatissima e piú grande di Spagna, Franza e Italia tute insieme: è del re de Portugal. Li popoli de questa tera non sono cristiani [...]. Vano nudi cosí omini come femine, abitano in case longhe che le chiamano *boii*, e dormeno in rete di bambaso, chiamate *amache*. [...]”.

homens e mulheres feitos como nós. Comem carne humana dos seus inimigos, mas não por acharem boa, mas por um certo costume. [...] comendo-o tostado com outras coisas em memória de seus inimigos”¹⁷⁶ (PIGAFETTA, 1994, p. 113-114, grifo nosso).

Descreve as mulheres da Ilha dos Ladrões (atualmente Ilhas Marianas) com verdadeira ternura, apreciando-lhes a beleza e a fragilidade: “São belas, delicadas e brancas, mais do que os homens, com os cabelos esparsos e longos, negríssimos, até o chão”.¹⁷⁷ (PIGAFETTA, 1994, p. 125). A descrição das barcas construídas na ilha é também surpreendente:

Esta gente é pobre, mas muito engenhosa e muito ladra [...]. O seu divertimento é andar com as mulheres pelo mar com aquelas suas barquetas. São como as fustas, mas mais estreitas; [...] e são como delfins ao saltar a água de onda em onda¹⁷⁸ (PIGAFETTA, 1994, p. 127).

Em outras ilhas, fica abismado ao ver as frágeis canoas feitas de troncos escavados com utensílios de pedra (pois não conhecem o ferro), movidas com remos em forma de pás, onde cabem de 30 a 40 homens em pé.

O Pigafetta linguista e lexicógrafo interessa-se desde o início pelas línguas dos povos indígenas e dos gentios com quem mantém contato. Ao expor as coisas do lugar, insere palavras dos nativos, como vimos na citação acima, quando fala dos índios do Brasil (*boii, amache*). Elabora pequenos glossários dos povos que conhece, procurando aproximar ao máximo a transcrição fonética do que ouve ao grafar a palavra. Para Pozzi (1994, p. 33), Pigafetta elabora listas que, para os estudiosos, são perfeitamente aceitáveis: “está atento a transcrever no melhor modo possível os sons ouvidos, e ao fazer isso supera de modo melhor as incertezas da grafia do período”¹⁷⁹. Essas listas são organizadas por grupo semântico, como partes do corpo, instrumentos de caça, alimentação etc. É ele, sem dúvida, o primeiro a elaborar um pequeno léxico da língua falada na costa do Brasil (cf. Neiva, 1940, p. 3), com o título *Alcuni vocabuli de questi popoli del Verzin*, (Alguns vocábulos dos povos do Brasil, (POZZI, 1994, p. 115), no qual constam oito anotações, conforme a tabela abaixo, que registra certamente os oito objetos de escambo:

¹⁷⁶ “Sono disposti omini e femine como noi. Mangiano carne umana de li sui nemici, ma per certa usansa. [...]mangiandolo brutolado come le altre cose per memoria degli sui nemici”.

¹⁷⁷ “Sono belle, dilicate e bianche più che li uomini, com li capilli sparsi e longhi, negrissimi, fino in tera”.

¹⁷⁸ “Questa gente é povera, ma ingegnosa e molto ladra [...] El suo spaso è andar com le donne per mare com quelle sue barchete. Sono come fuselere, ma più stretti; [...] e sono come delfini nel saltar a l’acqua de onda in onda”.

¹⁷⁹ “è attento a rendere nel miglior modo possibile i suoni uditi e nel far ciò supera assai meglio le incertezze della grafia del tempo”.

Italiano	Tupi	Tradução do italiano para o português
Al miglio	<i>maiz</i>	Ao milho
Alla farina	<i>hui</i>	À farinha
Al' amo	<i>pinda</i>	Ao anzol
Al cortello	<i>tacse</i>	À faca
Al petine	<i>chigap</i>	Ao pente
Alla forfice	<i>pirame</i>	À tesoura
Al sonaglio	<i>itanmaraca</i>	Ao chocalho
Buono, più che buono	<i>Tum, maragathum</i>	Bom mais do que bom

Nele, transcreve a tradução em italiano e a seguir a palavra em tupi. Verificamos no Dicionario da Lingua Tupi (doravante DLTupi), de Gonçalves Dias (1858), e na obra Chrestomathia da Lingua Brazilica (doravante ChrestLB), de França (1859), todas as palavras que Pigafetta citou. A primeira palavra não pertence ao vocabulário dos nossos índios, pois a etimologia remete ao espanhol, e deste de uma palavra da língua aruaque, o taíno. Pode-se supor que o viajante transcrevesse a palavra utilizada por algum tripulante espanhol, pois, tanto em italiano quanto em espanhol, milho é *maiz*, e o viajante a associou ao tupi. Segundo Canova (1999, p. 175, nota 87), Pigafetta, ao utilizar uma palavra já divulgada anteriormente por Colombo, queria dar prestígio à sua Relazione/P, nivelando a sua obra à do descobridor da América. Para as outras palavras transcritas, encontramos a seguinte explicação, conforme ChrestLB e DLTupi:

hui: no tupi *üí*, *farinha*; Pigafetta acrescenta a consoante ‘h’, que em italiano não é pronunciada;

pinda, anzol. *Pindá mirí*, anzol pequeno e *pindá gôacú*, anzol grande; grafa sem o acento final;

tacse: no tupi *kiçê*, faca de cortar. Grafa *tacse*, pode-se supor que os índios pronunciassem o ‘k’ /**k:se**/;

chigap: tupi *kyvâba*, pente. Não encontramos a palavra *chigap*, apenas *kyvâba*; ChrestLB registra *anhêacapyç* para pentear-se. Explica que para o *y* acentuado com o acento circunflexo, a pronúncia se aproxima dos sons “ai, eg, e u”, (FRANÇA, 1859, p. 84), o que talvez tenha confundido um pouco o que Pigafetta transcreveu. Arthur Neiva (1940, p. 4) sustenta que *chipag* (transcrito desse modo, diversamente da edição de Pigafetta) pode ser uma corruptela de *Kibaba*, que significa pente;

pirame: tupi, tesoura, na ChrestLB; peixe de dentes muito cortantes no DLTupi¹⁸⁰;

itanmaraca: essa palavra não consta na entrada dos dicionários consultados, mas encontramos na ChrestLB a entrada **Campa**, com a seguinte definição: “para tanger id. Sino, maraca. De bronze, *itâ marácâ miri*”¹⁸¹. No DLTupi, o composto *itâ*, pedra, ferro; *maráca*: **I.** Instrumento das solenidades religiosas dos índios: cascavel; **II.** Árvore [...]; **III.** Por ampliação de sentido directo da palavra, da-se hoje este nome a um chocalho feito de lata e cheio de pedrinhas, que serve às crianças de brinquedo (grifo nosso). Fica a dúvida: a qual dos dois significados se referia Pigafetta? Ao sino de bronze ou ao instrumento utilizado nas cerimônias religiosas? Pensamos que seja a esse último, já que o autor observava muito a cultura dos indígenas;

tum maragatum: não encontramos esse vocábulo nos dois dicionários consultados, contudo na ChrestLB tem-se *mbaê catu*, como coisa boa, real, honesta e no DLTupi *mbäé catû*, melhor, couza.

Cabe neste espaço em que discutimos os vocábulos do tupi uma citação de Nunes que se adapta perfeitamente para justificar a diferença entre a grafia feita por Pigafetta e aquelas que estão registradas no pequeno glossário:

A língua indígena, de tradição oral, é transmitida conforme o saber fonético espontâneo dos falantes. Portanto a formação inicial de um corpo lexicográfico está marcada pela variação escrita, pela dispersão das unidades lexicais e pelo contato multilíngue (NUNES, 1996, p. 21).

Achamos interessante expor aqui uma fotocópia do manuscrito com esse primeiro vocabulário brasileiro (cf. Fig. 8):

¹⁸⁰ *pirame*: em tupi *piraña*, nome de voraz e bem conhecido peixe, que passou a indicar ‘tesoura’, depois que os índios tiveram contato com este utensílio. Lemos Barbosa no seu Pequeno vocabulário registra como “neologismo semântico” (Nota crítica).

¹⁸¹ o acento no ‘â’ explica a nasal /ñ/ no italiano.

Figura 8 - Alguns vocábulos dos povos do Brasil¹⁸²

Nos *Vocábulos dos Gigantes da Patagônia*, dos quais apresentamos uma parte pequena, Pigafetta registrou um total de 90 palavras dos mais variados campos semânticos. É interessante notar que são palavras de uso diário e de costumes, como partes do corpo, alimentação, animais domésticos, neve, pássaros e animais que fazem parte do ecossistema dessa região do sul da Argentina – como gaivotas, lobos, emas, mergulhões, lobos marinhos etc. Esse vocabulário ele o aprendeu nos dias modorrentos de viagem pelo Oceano Pacífico, com o gigante da Patagônia que acompanhava a expedição. Para Bergreen (2004, p. 215), a importância desse registro do vocabulário da língua tehuelche dos gigantes da Patagônia está entre as descobertas mais significativas da expedição, porque “marcou o começo do estudo moderno da linguística, e ofereceu às gerações posteriores de estudiosos indícios das migrações das diversas tribos pelo continente sul-americano”. Pozzi acrescenta que a precisão das transcrições é excepcional, pois Pigafetta está sempre atento a transcrever da melhor maneira possível os sons ouvidos. Prossegue, citando Gerbi, que “mediante esses seus esforços filológicos, o vicentino procurava avizinhar-se mais ao espírito dos povos que de vez

¹⁸² Figura disponível em: PIGAFETTA, 1994, p. 6, fac-símile do Manuscrito Ambrosiano L 103 sup.

em quando visitava”¹⁸³ (POZZI, 1994, p. 33). Elencamos alguns dos *Vocabulos dos Gigantes da Patagônia* (POZZI, 1994, p. 122-124), a título de curiosidade:

Italiano	Língua dos patagões	Tradução do italiano para o português
Al capo	<i>her</i>	Cabeça
All'occhio	<i>other</i>	Olho
A la neve	<i>theu</i>	Neve
Al sole	<i>calexcheni</i>	Sol
Al cucinare	<i>yrocoles</i>	Cozinhar
A l'acqua	<i>holi</i>	Água
A l'oro	<i>pelpeli</i>	Ouro
Al pesce	<i>hoi</i>	Peixe
Al cane =	<i>holl</i>	Cão

Nos *Vocabulos dos povos gentios*, das ilhas Cebu e Mactan (Zubu, no original), nas Filipinas, Pigafetta registra uma lista ainda maior, contendo palavras das áreas semânticas do corpo humano, alimentos, plantações, frutas e números. Assim como para os nossos índios a farinha de mandioca e o milho são elementos essenciais na alimentação, o peixe o é para os patagões.

Também para os gentios, que vivem nas ilhas do Pacífico, o arroz faz parte da dieta, portanto é uma palavra do cotidiano, assim como os barcos, pois é o meio de transporte mais utilizado pelos habitantes insulares. Destacamos alguns *Vocabulos dos gentios* (POZZI, 1994, p. 149-151), entre os 159 registrados:

Italiano	Língua dos gentios	Tradução do italiano para o português
Al viso	<i>guay</i>	Ao rosto
Al batello	<i>sanpan</i>	À barca
Al riso	<i>bughax baras</i>	Ao arroz
A la gallina	<i>monoch</i>	A galinha
All'oro	<i>balaoan</i>	Ao ouro
Al bere	<i>minuncubil</i>	Ao beber
Al sole	<i>adlo</i>	Ao sol
Ter	<i>tolo</i>	Três

O último glossário que elabora, com uma quantidade bem maior de vocabúlos que os anteriores – um total de 453 – pertence à língua dos habitantes das ilhas Molucas (Ternate, Tidore, Mutir e Machian). Existem muitas palavras de origem árabe, pois, até pouco tempo

¹⁸³ “mediante questi suoi sforzi filologici, il vicentino cercava di avvicinarsi meglio allo spirito delle genti che di volta em volta visitava”.

antes de os portugueses chegarem a essas ilhas, os árabes mantêm o controle econômico, político, religioso e cultural sobre a região. As Molucas são as famosas Ilhas das Especiarias, cuja localização era mantida em segredo pelos árabes, que distribuíam e comerciavam os produtos para o Ocidente. Pigafetta prioriza o campo semântico mais utilizado, nesse caso, referente à religião muçulmana e aos números – saber fazer contas é imprescindível para quem comercializa produtos – além de incluir palavras relativas às partes do navio, à tipologia de ventos, ao corpo humano etc. Alguns *Vocábulos dos mouros* (POZZI, (1994, p. 176-181) que habitavam as Molucas:

Italiano	Língua dos mouros	Tradução do italiano para o português
Al suo Dio	<i>Allà</i>	A seu Deus
Alle sue meschite	<i>mischit</i>	Às suas mesquitas
Al ré	<i>raià</i>	Ao rei
A la cannella	<i>caiumanis</i>	À canela
A li garofoli	<i>ghianche</i>	Aos cravos
Al mangiare	<i>macan</i>	Ao comer
Settecento mila	<i>tugucati</i>	Setecentos mil
A la poppa	<i>biritan</i>	À popa

Os glossários necessitariam de um exame filológico mais aprofundado, para verificar se realmente os vocábulos eram assim, se sofreram variações diacrônicas ou permaneceram inalterados.

O Pigafetta linguista e lexicógrafo contempla, ainda, a descrição de muitas coisas e realidades que são, na época, desconhecidas do europeu. Nesse contexto, para que seu leitor possa compreendê-lo melhor, descreve as unidades lexicais desconhecidas, de modo que o leitor tenha uma ideia da ‘coisa’. Como afirma Nunes:

Nos relatos dos viajantes [...] temos um desencadeamento de processos de referências, dos quais resulta uma espécie de sintonização da relação entre palavras e coisas, incluindo-se aí mecanismos de nomeação, de tradução, de identificação, que se inserem nas formas narrativas, descritivas e dialogais dos relatos (NUNES, 1996, p. 3).

Assim, o enunciado criado pelo escritor pode ser visto como processos de significação que se aproximam da definição lexicográfica. A importância não é da palavra em si, mas dos processos discursivos relacionados a elas: a construção do enunciado definitório está ligada a uma rede de referências que identificam o referente visado: a forma, o sabor, o aspecto, o uso etc. (NUNES, 1996). Percebe-se que o significado da unidade lexical é

explicitado mediante um percurso semasiológico, que marca uma forte relação entre o conhecimento de mundo do viajante e do sujeito que o interpreta. Apenas para exemplificar, tomamos o EL do português *cocco*:

Os cocos são frutos da palmeira. Assim como nós temos o pão, o vinho, o óleo e o vinagre, assim conseguem esses povos qualquer coisa dessa árvore. Produzem o vinho desse modo: furam a dita palma em cima do seu coraçãozinho chamado palmito, do qual destila um licor, como o mosto, branco, doce, mas um pouco áspero, em tubos de bambu, grossos como a perna e até mais: os colocam amarrados à árvore da noite até o amanhecer e do amanhecer até a noite. Essa palmeira faz um fruto, que é o coco. Esse coco é grande como uma cabeça, mais ou menos. A sua primeira casca é verde e grossa mais de dois dedos, na qual se encontra um tipo de fios, que fazem as cordas com que amarram as suas barcas. Abaixo dessa casca há outra muito dura e muito mais grossa do que a da noz. Queimam-na e fazem pólvora boa para eles. Abaixo dessa, há um miolo branco, grosso como um dedo, que comem fresco com a carne e o peixe, e tem o sabor da amêndoa. Quem a secasse faria pão. No meio desse miolo há uma água clara, doce e muito saborosa; e quando essa água está muito espessa, se congela e fica como uma maçã. Quando querem fazer óleo, pegam esse coco e deixam apodrecer o miolo com água e depois fervem e se tem o óleo como manteiga. Pode-se fazer também leite, como nós fazíamos. Ralavam esse miolo, depois o misturam com a água na mesma medida, apertando-o com um pano, e assim é como leite de cabra. Essas palmeiras são como as palmeiras da tâmara, mas não tão nodosa, nem lisa. Uma família de dez pessoas, com duas dessas se mantêm desfrutando oito dias uma delas e oito dias a outra para o vinho: se não fizessem de outra maneira secariam: e duram cem anos¹⁸⁴ (PIGAFETTA, 1994, p. 127-128).

A longa, mas não menos bela descrição/definição do empréstimo lexical *cocco* – o nosso coco-da-baía – deixa entrever o desejo de Pigafetta de mostrar ao seu leitor uma série de referências para que se possa visualizar e entender como é esse fruto. A preocupação é com a descrição da ‘coisa’, e não em dar uma definição lexicográfica ao objeto, contudo os

¹⁸⁴ “Li cochi sono frutti de la palma. Così come nui avemo il pane, il vino, lo oleo e l'aceto, così hanno questi popoli ogni cosa da questi arbori. Hanno el vino in questo modo: forano la ditta palma in cima nel coresino, deto *palmito*, dal quale stilla uno liquore, come è mosto, bianco, dolce, ma un poco bruscheto, in canne grosse come la gamba e più: l' atacano a l'arbore la sera per la matina e la matina per la sera. Questa palma fa uno frutto, il quale è lo coco. Questo coco è grande come il capo, e più e meno. La sua prima scorza è verde e grossa più di dui diti, ne la quale trovano certi filitti, che fanno corde che ligano le sue barche. Soto di questa ne è una dura e molto più grossa di quella de la noce. Questa la brusano e fano polvere bona per loro. Soto di questa è una medola bianca, grossa come un dito, la qual mangiano fresca con la carne e il pesse, come nui lo pane, e di quel sapore che è la mandorla. Chi la secasse, se farebe pane. In mezo de questa medola è una acqua chiara, dolce e molto cordiale; e quando questa acqua sta un poco acolta, se congela e diventa como uno pomo. Quando voleno fare olio, pigliano questo coco e lasano putrefare quella medola con l'acqua e poi fanno buglire e vene oleo come butiro. Se può fare anco latte, come noi facevamo. Grattavamo questa medola, poi la mischiavamo con l'acqua sua medesima strucandola in uno panno, e così era latte como di capra. Queste palme sono come palme de li datali, ma non così nodose, se non lisce. Una famiglia di 10 persone, con dui di queste se mantenono fruando otto giorni l'una e otto giorni l'altra per lo vino: perché se altramente facessono, se secarebano: e durano cento anni”.

preenche muitos dos elementos que cabem à lexicografia (NUNES, 1996). Apesar de se tratar de um elemento da flora, não há um caráter científico na descrição, apenas enciclopédico. A composição do enunciado lexicográfico se faz com o entrelaçamento de descrições e comparações, que remetem ao conhecimento de mundo do autor e do leitor, aplicando elementos:

comparativos: existe um fruto, o coco; o europeu tem vários alimentos (pão, vinho etc.), o indígena tem o coco, que seria equivalente ao pão; vinho que parece o mosto; em tubos de bambu grossos como a perna; o coco é grande como uma cabeça; a casca é mais dura e mais grossa que a casca da noz; miolo grosso como um dedo; faz-se óleo do coco como manteiga; tem sabor de amêndoas; pode-se fazer leite como nós fazemos; esse leite é como o de cabra; a palmeira do coco é como a palmeira das tâmaras.

descritivos: é o fruto da palmeira; é branco, doce, mas um pouco áspero; a casca é verde e grossa mais de dois dedos; tem fios; tem um miolo branco; tem uma água clara, doce e muito saborosa;

opinativos: conseguem qualquer coisa da árvore do coco; secando se poderia fazer pão; se não fizessem de outra maneira, secaria;

culturais: furam a dita palma em cima do seu coraçãozinho chamado palmito para produzir o licor; com os fios fazem as cordas com que amarram as suas barcas; queimam a casca e fazem pólvora boa para eles; comem o miolo fresco com a carne e o peixe; quando querem fazer óleo, pegam o coco e deixam apodrecer o miolo com água e depois fervem; para fazer leite ralam esse miolo, depois o misturam com a água na mesma medida, apertando-o com um pano; uma família de dez pessoas, com duas dessas se mantém desfrutando oito dias uma delas e oito dias a outra para o vinho.

Como observamos nos parágrafos anteriores, o autor apresenta o seu enunciado colocando elementos comparativos, descritivos, culturais e as possíveis utilizações da planta. Apesar de descrever detalhadamente o modo como os indígenas usufruem esta planta, não elogia a inventividade dos nativos, que são capazes de aproveitarem uma simples palmeira como fonte principal de subsistência. Está implícito nessas opiniões que o europeu poderia tirar mais proveito do fruto do que essas populações, que o utilizavam havia séculos, ao dizer que secando a fruta, se poderia fazer pão.

Na escritura da *Relazione/P* observa-se que Pigafetta intercala palavras não pertencentes à língua italiana, a título de curiosidade ou quem sabe para mostrar-se exótico no seu discurso. Mas notamos também que existem interferências do espanhol ou do português, e isso acontece devido ao contato com falantes dessas duas línguas. Sobre essas palavras que

estão inseridas no texto, intencionalmente ou não, é difícil saber a qual das duas línguas pertencem, mesmo porque muitas delas são iguais ou semelhantes nas duas línguas. Esse problema é discutido por Formisano¹⁸⁵ (apud Trovato, 1994, p. 63) para quem a afinidade entre as duas línguas no século XVI é tão profunda, que seria mais indicado utilizar o termo *iberismo* para todas as ocorrências de hispanismos ou lusismos na literatura dos viajantes desse período. Trovato acredita que existia uma espécie de língua franca – um *pidgin*, ou algo semelhante – nas línguas faladas pelos viajantes, seja no período de permanência nas caravelas, seja nos lugares onde ancoram. Confirma o autor italiano: “Uns mais, outros menos, os homens de mar terminam por refletir também nos seus escritos a influência das línguas mistas de uso comum, a bordo e nos portos, entre os falantes de nacionalidades diferentes”¹⁸⁶ (TROVATO, 1994, p. 62). Provavelmente a afirmação é verdadeira, pois a mistura de etnias e línguas diversas, concentradas em um só lugar, era sempre grande e isso colaboraria para o surgimento de uma língua franca.

Na língua de Pigafetta, essa mistura linguística falada a bordo dos navios é perceptível. Em muitas obras críticas feitas sobre a *Relazione*P, alguns estudiosos da obra, incluindo Manfroni, afirmam que as palavras utilizadas por Pigafetta são oriundas do espanhol. Acreditamos que possam ser, mas também não descartamos a possibilidade que sejam do português, pelos seguintes motivos: 1) a armada era espanhola, composta por maioria de tripulantes espanhóis, mas existiam muitos que eram de outras nacionalidades, portanto não existia uma língua comum falada por todos eles: tanto podia ser o espanhol como o português ou uma mistura de ambas (uma língua mista, segundo Trovato); 2) Pigafetta estava sempre ao lado de Magalhães, português, de quem era ajudante de ordens, portanto é natural que o comandante falasse com ele em português, sua língua materna; 3) no seu relatório refere-se constantemente aos portugueses e em nenhum momento declara que determinada palavra é do espanhol, mas confirma que, nas naves, fala-se o português: “O servidor, por saber falar o português, entrou nas naves e disse que, mesmo que os filhos do rei de Terenate fossem inimigos do rei de Tadore, estavam de qualquer modo ao serviço do rei da Espanha”¹⁸⁷ (PIGAFETTA, 1994, p. 164, grifo nosso). Essa afirmação vem corroborar o que dissemos anteriormente: o português era uma língua falada no navio, pelo menos por uma parte da tripulação, incluindo Pigafetta. Outro fator que justifica a afirmação é a grande

¹⁸⁵ FORMISANO 1992 a, p. 491-492). Referência citada no texto.

¹⁸⁶ “Chi più chi meno, gli uomini di mare finiscono per risentire anche nei loro scritti delle lingue miste d’uso comune, a bordo e nei porti, tra parlanti di nazionalità differente”.

¹⁸⁷ “Il servitore, per sapere parlare in portoghese, entrò ne le nave e dissene che, seben li figlioli del Re de Tarenate erano nemici del Re de Tadore, niente de meno sempre stavano al servizio del Re de Spagna”.

quantidade de *Ecasuals* encontrados, todos atestados por linguistas italianos como sendo iberismos. O fato de ser iberismo não faz a balança pender nem para o lado de Portugal, nem da Espanha nem se pode afirmar que há a predominância de uma ou outra destas línguas.

5.4.2.1 *Ecasuals* em Pigafetta

ABBASSARE verbo. *Outros*.

Atestação: “Partendose de la poppa, mai se volse <abbassare>. (PIGAF/REL/1929, p. 204).

Italiano: *abbassare*.

Português: abaixar.

Citações na obra: p. 203.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 521.

Análise do dado: ABAIXAR: fazer descer. Existem discussões quanto ao sentido que o verbo *abbassare* adquire nas duas ocorrências no texto de Pigafetta: para Manfroni, está com o sentido de abaixar-se, para transpor um obstáculo, mesmo sentido que em italiano, mas para D’Agostino (1994, p. 801) possui o sentido português de *descer*; Gastone Pettenati (1961, p. 37) confirma tratar-se de um iberismo, no uso extensivo de *abaixar*.

ADRISSADO verbo. *Outros*.

Atestação: “E al piede del ditto arbore è <adrissado> in guisa de fontana una fossa, ove casca tuta la acqua, de la quale li omini abitanti e animali, cosí domestici come salvatici, ogni giorno de questa acqua e non de altra abundantissimamente si saturano” (PIGAFETTA, 1994, p. 112, grifo do autor).

Italiano: *apprestare*.

Português: adereçado.

Análise do dado: ADEREÇAR: adornar com enfeites, com adereços. Atestado em Canova (1999, p. 165, nota 30) como um iberismo, conforme o português *adereçar* e o espanhol *aderezar*. Adaptação gráfica e fonética com perda e substituição do fonema –e.

ALBACORE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Sono tre sorte de pessi longhi uno brazo e piú, che se chiamano doradi, <albacore> e boniti, li quali seguitano pesci che volano, chiamati colondrini, longhi un palmo e piú; e sono ottimi al mangiare” (PIGAFETTA, 1994, p. 122, grifo do autor).

Italiano: *tonno pinna gialla* ou *yellowfin*.

Português: albacora, atum.

Citações em outros autores: Sassetti, *albocore*: p. 398; *albucore*: p. 361, 362.

Análise do dado: ATUM: espécie que se encontra em todos os oceanos, com exceção do Mar Mediterrâneo e Vermelho (*Thunnus albacares*). No Brasil recebe as seguintes denominações: albacora, albacora-da-lage, albacora-cachorra e atum de galha em Portugal e Cabo Verde. Interferência lexical com adaptação de feminino plural em –e na língua italiana. D’Agostino (1994, p. 805), baseado em M. Alvar (cf. nota ao pé da página), afirma tratar-se de hispanismo e Zaccaria (1927, p. 12) assegura que se origina do português *albacor*, *albacora*, *albecora*. Sassetti escreve *albocore* e é assim que a entrada se encontra em Zaccaria (p. 12). Pozzi, citando Busnelli (1991, p. 1209), declara tratar-se do atum alalongo, *Thunus alalongo*. Houaiss registra o alalongo como albacora-branca. Adaptação gráfica com a mudança do –a final em –e, singular.

ALBARGHE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Aveva a li piedi <albarghe> de le medesme pelle, che copreno li piedi a uso de scarpe, e nella mano uno arco curto e grosso” (PIGAFETTA, 1994, p. 116).

Italiano: *pantofola*.

Português: abarca.

Citações em outros autores: Federici, *asparche*: p. 47.

Análise do dado: ABARCA: alabarca, calçado rústico cuja sola é atada ao peito do pé com tiras de couro ou fitas. Houaiss define também como calçado mal feito e com provável origem pré-romana, conexas com o basco *abarka*. Verificamos também a entrada alpargata e encontramos a seguinte definição: “sandália/calçado que se prende ao pé por tiras de pano ou de couro” (Houaiss e Aulete), portanto praticamente a mesma definição, apenas que os lexicógrafos as distinguem como objetos diferentes, não os utilizando como sinônimos. Caraci (1991, p. 536, nota 4) afirma que é do espanhol *abarca*, enquanto Cardona (1973, p. 183) atesta ser o étimo do português *abarca*. Adaptação gráfica e fonética com acréscimo do fonema –l e adaptação gráfica de número plural feminino em –e.

ALTURA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Se non trovavamo questo stretto, el Capitano Generale aveva deliberato andare fino a setantacinque gradi al polo antartico, dove in tal <altura> al tempo de la esta non ge è notte e se gliene è poca, così ne l’inverno iorno” (PIGAFETTA, 1994, p. 122).

Português: altura.

Análise do dado: ver **altura** em Da Empoli.

AMAINASSEN verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Si faceva quatro fochi, <amainasseno> tute le vele, facendo poi lui uno segnale di fuoca come stava fermo” (PIGAFETTA, 1994, p. 110).

Português: amainamos.

Citações na obra: p. 196, 269.

Análise do dado: ver **amainano** em Varthema.

AQUI adv. *Outros*.

Atestação: “<Aquì> trovamo uno gonco de Lozon venuto per mercatandare sandalo” (PIGAFETTA, 1994, p. 192).

Italiano: *qui*.

Português: aqui.

Análise do dado: AQUI: neste lugar. O autor registra a palavra exatamente como se escreve, talvez porque em italiano exista com o mesmo significado e grafia quase igual (*qui*). Manfroni (1929, p. 255) e Pozzi (1994, p. 237) dizem ser um hispanismo. Como esse advérbio é datado no português desde o século XIII, trata-se de um iberismo.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Avendo inteso che allora si era preparata una <armata> in la città de Siviglia, che era de cinque nave, per andare a scoprire la speseria ne le isole de Maluco, de la quale era Capitano Generale Ferando de Magaglianes, gentiluomo portoghese [...]” (PIGAFETTA, 1994, p. 109).

Citações na obra: *armata*: p. 111, 119.

Português: armada.

Análise do dado: Ver **armata** em Varthema.

ARTIGLIARIA s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “Furono calate le vele e poste a modo de bataglia e scaricò tuta la <artigliaria>, per il che questi popoli ebero grandissima paura” (PIGAFETTA, 1994, p. 135).

Português: artilharia.

Análise do dado: Ver **artegliaria** em Varthema.

ATRAVESSATO adj. *Outros*.

Atestação: “[...] e mesolo con il filo <atravessato> a la bussola drito dove lei casca” (PIGAFETTA, 1994, p. 203).

Italiano: *di traverso*.

Português: atravessado.

Análise do dado: ATRAVESSADO: colocado no sentido longitudinal ou transversal. Atestado por Pozzi (1994, p. 239) como sendo do português *atravessado* e do espanhol *atravesado*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo **-ato**, italianização do sufixo português **-ado**.

BAHAR s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “E se li trovano papagali de diverse sorte, ma fra le altre alcuni bianchi chiamati *cathara* e alcuni tutti rossi detti *nori*; e uno de questi rossi vale un <bahar> de garofoli e parlano più chiaramente che li altri” (PIGAFETTA, 1994, p. 175).

Citações na obra: p. 158, 164, 165, 168, 171 etc.

Português: bar.

Análise do dado: ver **bahar** em Varthema.

BALANGHAI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “De lì circa due ore vedesemo vegnire due <balanghai>, che sono barche grande e cusì le chiamano, pieni di uomini. Nel maggiore era lo suo Re sedendo soto uno coperto de store” (PIGAFETTA, 1994, p. 130, grifos do autor).

Italiano: –

Português: balancos.

Citações na obra: p. 131, 134, 146, 147, 151, 152.

Análise do dado: BALANCO: embarcação utilizada pelos povos da Malásia. Dalgado (1919, p. 84) assevera tratar-se de uma embarcação de dois mastros, cujo étimo é o malaio *balang*, o que geraria o português *balão*. Houaiss registra a entrada *balanco* como sinônimo *balão*. Dalgado afirma que *balang* deveria dar em português *balão*, mas registra essa palavra em uma

entrada separada. Zaccaria (1927, p. 431) registra *balanco* como sendo do português, mas como palavra desconhecida nos léxicos portugueses, contudo a encontramos registrada no Aulete, no Houaiss e no Moraes Silva (1813, p. 253). Pigafetta usa a palavra, em todas as ocorrências no texto, no plural italiano –i.

BASSI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Se faceva più fuchi, overo tirava alcuna bombarda, fose segnale de tera o de <bassi>” (PIGAFETTA, 1994, p. 110).

Português: baixios.

Citações na obra: p. 158, 162, 167, 170, 181, 182, 183.

Análise do dado: Ver **basso** em Da Empoli.

BERANIA s. f. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “[...] alcuni panni indiani lavorati de oro e de seta, una peza de <berania> bianca, tela de Cambaia, due bonetti, [...]” (PIGAFETTA, 1994, p. 162).

Português: beirame.

Análise do dado: Caraci (1991, p. 566, nota 2) e Pozzi (1994, p. 303) afirmam ser o *bailaram* de Da Empoli. Ver **bairam** em Varthema.

BOCASSINI s. m. pl. *Indústria têxtil*.

Atestação: “Vedendo lo Capitanio Generale che questi erano omini con ragione, li fece dare da mangiare e li donò boneti rossi, spechi, petini, sonagli, avorio, <bocassini> e altre cose” (PIGAFETTA, 1994, p. 127).

Italiano: *boccaccini*.

Português: bocassins.

Análise do dado: BOCASSIM: antigo tecido de algodão que servia para forrar trabalhos de tapeçaria, cortinados etc. Houaiss data a palavra no século XV. Para Dalgado (1919, p. 131), pode ser “entretela” e também “trouxa de roupa ou saco em que se entrouxa”. Discute também a possibilidade (segundo Domingos Vieira)¹⁸⁸, de ser o étimo latim *boccacinus*, mas não descarta ser do persa *buqchah*. Acrescenta que talvez o termo fosse conhecido na Índia, pois Gaspar Correia afirma que era muito difundido. Como prova de que era conhecido e utilizado pelos portugueses e espanhóis, o vemos, segundo afirma Pigafetta na atestação,

¹⁸⁸ Sem bibliografia na obra.

como objeto para presentear, por ser de pouco valor. Canova (1999, p. 206, nota 299) atesta ser um tecido ou vestimenta feita desse tecido. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência **–ino**, em uma normal italianização da terminação portuguesa **–im**, com a adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **–i**.

BOII s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Abitano in certe case longhe che le chiamano <boii>, e dormeno in rete de bambaso, chiamate *amache*, legade ne le medeme case da un capo e da l'altro a legni grossi. Fanno foco in fra essi in tera” (PIGAFETTA, 1994, p. 113, grifos do autor).

Italiano: –

Português: oca.

Análise do dado: OCA: habitação indígena construída com o entrelaçamento de paus de madeira e coberta com fibras vegetais, do tupi *oka*, que significa casa. Apesar de apresentar a palavra *boii*, pelo contexto se depreende que está falando das moradias dos índios, por isso a registramos. Caraci (1991, p. 532, nota 7) sustenta que o étimo é aruaque *bohio*, cabana grande, retangular.

BOMBA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Si sentiva venire dentro l’aqua, come per un canone e non trovavamo dove la entrava. Tuto ogi e el dì seguente non facessemo altro si non dare a la <bomba>, ma niente li iovavano” (PIGAFETTA, 1994, p. 174).

Português: bomba.

Análise do dado: ver **bonbe** em Varthema.

BONET s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Vedendo el Capitanio che non volevano fidarsi de nui, li butò un <bonet> rosso e altre cose ligate supra un pezzo de taula” (PIGAFETTA, 1994, p. 130).

Italiano: *berretto*.

Português: boné.

Citações na obra: p. 138, 154, 177; *boneti*: p. 127; *bonetti*: p. 162.

Análise do dado: BONÉ: bonete, espécie de chapéu utilizado para proteger a cabeça do sol. Era normal as expedições levarem consigo bonés, assim como espelhos, chocalhos e outras quinquilharias para serem presenteados aos indígenas, com o intuito de conquistar a amizade

ou também como objeto de escambo. Pigafetta relata (1994, p. 113) que no Brasil os índios trocam por “um anzol de pesca ou uma faca davam 5 ou 6 galinhas; por um pente um casal de patos, por um peixe ou uma tesoura, tanto peixe que bastaria para 10 homens [...]”. Pozzi (1994, p. 232) acredita que os navios levavam pelo menos 200 bonés utilizados para esse fim. Caraci (1991, p. 553, nota 5) comprova como uma palavra de origem francesa, que teve grande divulgação no espanhol, no português e no norte da Itália.

BONETA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Se faceva tre fuochi tolesseno via la <boneta>, che è una parte de vela che se ataca da basso de la vela maggiore, quando fa bon tempo, per andar più” (PIGAFETTA, 1994, p. 110).

Italiano: *vela di coltellaccio*.

Português: bonete.

Citações na obra: p. 111.

Análise do dado: BONETE: pequena vela colocada embaixo da vela maior nas embarcações a vela. No Houaiss consta como obsoleto e somente com o significado de boné, barrete. O sentido dado por Pigafetta é o mesmo que se encontra no Aulete: “vela pequena que se põe por baixo da grande e desce até vibordo” e esse significado é claro no texto. No DZ e Pianigiani (1991, p. 170), consta esse termo apenas significando boné, termo originário do francês. Não se encontra dicionarizado em nenhum dicionário histórico italiano. Trata-se de um *Ecasual* consciente, pois em seguida à palavra explica do que se trata: “que é uma parte de vela que se amarra embaixo da vela maior, quando faz bom tempo, para andar mais rápido”. Decalque homonímico com adaptação gráfica com mudança do grafema final *-e* em *-a*.

BONITI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Sono tre sorte de pessi longhi uno brazo e piú, che se chiamano *doradi*, *albacore* e <*boniti*>, li quali seguitano pesci che volano, chiamati colondrini, longhi un palmo e piú; e sono ottimi al mangiare” (PIGAFETTA, 1994, p. 122, grifos do autor).

Italiano: *tonnetto*.

Português: bonitos.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 361, 362.

Análise do dado: BONITO-CACHORRO: bonito-pintado, peixe teleósteo popularmente conhecido como bonito, do qual existem dois tipos: o peixe bonito-cachorro (*Auxis thazard*), encontrado no Atlântico e em toda a costa brasileira, e o bonito-pintado (*Euthynus*

alleteratus), no Atlântico e nos mares tropicais e subtropicais. Zaccaria (1927, p. 56) assevera que a palavra reproduz o espanhol e o português *bonito*; D'Agostino (1994, p. 805, nota 18) baseado em M. Alvar¹⁸⁹, afirma ser um hispanismo. Lembramos que os nomes de peixes ocorrem juntos: albacora, bonito e dourado, em um contexto onde as línguas espanholas e portuguesas eram faladas pela tripulação e por Pigafetta, e que esses nomes são iguais em ambas as línguas, portanto um iberismo. Palavra com adaptação gráfica para o plural italiano em **-i**. Ver **doradi** e **albacore** em Pigafetta.

CACICH s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Il suo re è chiamato <*cacich*>” (PIGAFETTA, 1994, p. 114, grifo do autor).

Italiano: *caccico*.

Português: cacique.

Análise do dado: CACIQUE: chefe temporal entre as tribos indígenas. Houaiss comprova que a etimologia é do espanhol e deste do taino, de Santo Domingo. Pozzi (1994, p. 244) atesta como proveniente do aruaque e acrescenta que a palavra foi utilizada pela primeira vez por Colombo, sendo difundida pelos espanhóis, para indicar os chefes das tribos de todas as populações indígenas do Novo Mundo. Iberismo registrado em contexto brasileiro, pois, certamente, Pigafetta ouviu dos portugueses locais essa palavra quando aqui esteve.

CAFRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Questi popoli sono <cafri>, cioè gentili” (PIGAFETTA, 1994, p. 129).

Português: cafres.

Análise do dado: ver **chafri** em Da Empoli.

CAMINO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Po’ seguendo el medesimo <camino> verso el polo antartico, acosto de terra, venissem a dare in due isole piene de occati e lovi marini” (PIGAFETTA, 1994, p. 116).

Citações na obra: p. 84, 112, 158.

Português: caminho.

Análise do dado: ver **chammino** em Da Empoli.

CANOE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

¹⁸⁹ ALVAR, M. (a cura di). Saggio sugli iberismi in Pigafetta. In: *Actas del V Congreso Internacional de estudios lingüísticos del Mediterraneo*. Madrid: 1997, p. 57-67.

Atestação: “Hanno barche d'uno solo arburo, ma schize chiamate <canoe>, cavate con menare di pietra. Questi populi adoperano le pietre, come nui el ferro, per non avere. Stanno trenta e quaranta omini in una di queste; vogano con pale come da forno e cusì negri, nudi e tosi asimigliano quando vogano a quei de la Stige palude” (PIGAFETTA, 1994, p. 113, grifo do autor).

Italiano: *canoa*.

Português: canoas.

Citações em outros autores: Carletti, *canoe*: p. 28; Cavazzi, p. 149, 576, 854; De Carli, *canoa*: p. 25, 38; Guattini, *cannoua*: p. 59, 96.

Análise do dado: CANOA: embarcação pequena, geralmente feita de um tronco só. Houaiss atesta que se origina do aruaque, através do espanhol. Nos dicionários italianos atuais consta como vinda do espanhol, através do caraíbico. Folena, citando Trovato (1994) acrescenta que as primeiras atestações grafam *canoè*, seguindo uma norma medieval pela qual todos os barbarismos são indeclináveis e as palavras são sempre oxítonas, no modelo proposto por Dante para os nomes próprios gregos: Isminè, Calliopè etc. Zaccaria (1927, p. 88-89) anota essa descrição de Pigafetta na análise que faz da palavra canoa e acrescenta que se trata de um hispanismo. Esse tipo de canoa na língua tupi chama-se *ygara* e em português tem-se também o sinônimo, *piroga*. Registramos, pois é um iberismo e se encontra em contexto brasileiro, falando dos nossos índios, que faziam as suas canoas escavadas em troncos de árvores, uma cultura que subsiste até hoje. O mesmo *Ecasual* aparece em Cavazzi, De Carli e Guattini, que viajaram para Congo e Angola.

CAPITANIO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Avendo deliberato il <Capitanio> Generale di fare così longa navigazione per lo Mare Oceano, dove sempre sono impetuosi venti e fortune grandi e non volendo manifestare a niuno de li suoi il viaggio che voleva fare [...]” (PIGAFETTA, 1994, p. 110).

Citações na obra: *capitanio generale*: p. 109, 111, 116, 121, 125, 126, 127, 130 etc.; *nave capitanea/capitania*: p. 115, 120, 130.

Português: capitão.

Análise do dado: ver **capitano** em Da Empoli.

CARTA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] come vite ne la tesoreria del re de Portugal in una <carta> fata per quello eselentissimo uomo Martin di Boemia, mandò due navi, Santo Antonio e la

Conceptione, che così le chiamavano, a vedere che era nel capo della baia” (PIGAFETTA, 1994, p. 120).

Italiano: *lettera*.

Português: carta.

Citações em outros autores: Sassetti, *carte*: p. 265, 268.

Análise do dado: CARTA: mensagem manuscrita ou impressa que se envia a uma ou mais pessoas. A palavra carta aparece diversas vezes no texto do Pigafetta, mas com os sentidos que possui na língua italiana: de papel e carta de jogo. Neste *Ecasual*, adquire o sentido português, de carta, que em italiano utiliza-se a palavra *lettera*. GDLI (1961, v. II, p. 809) registra com o significado de mensagem, bilhete e carta e apresenta como atestação Ariosto, portanto posterior a Pigafetta. Trata-se de uma clara interferência do português, atestada também por D’Agostino (1994, p. 800). Para Zaccaria, é um evidente espagnolismo (1927, p. 100). Sem adaptação.

CATHIL s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Per uno <cathil> di argento vivo, che è due libre de le nostre, ne davano sei scutelle de porcellana” (PIGAFETTA, 1994, p. 157).

Italiano: –

Português: cate.

Citações na obra: *cathil/chatili*: p. 165, 169.

Citações em outros autores: Sassetti, *cate*: p. 477.

Análise do dado: CATE: antigo peso utilizado no oriente. Aulete confirma que o peso era usado na Índia e a sua equivalência é duvidosa, pois oscila entre 500 gramas e 3 quilos. Dalgado (1919, p. 232-233) atesta como uma medida de peso utilizada na Malásia e na China, cuja equivalência era de 625 gramas. Cardona (1973, p. 200) registra *catte* como sendo um provável étimo do português, através do javanês *kati*.

CHIACHARE s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: Le <chiachare> sono frutti come le angurie, de fora nodose, de dentro hanno certi frutti rossi piccoli, come armelini; non hanno osso, ma per quello hanno una medola come un fazolo, ma più grande, e al mangiar tenere como castagne” (PIGAFETTA, 1994, p. 182).

Citações na obra: p. 149, 125, 158, 183.

Português: jaca.

Análise do dado: ver **ciaccara** em Varthema.

CONTADORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e questi erano el veadore de l’armata, che si chiamava Ioan de Cartagena, el tesorero Alovise de Mendosa, el <contadore> Antonio Coca e Gaspar de Casada” (PIGAFETTA, 1994, p. 119).

Italiano: *commissario contabile*.

Português: contador.

Análise do dado: CONTADOR: contabilista, aquele que faz a contabilidade de uma firma, de um órgão administrativo etc. Atestado em Pozzi (1994, p. 259) como vinda do espanhol *contador*, contudo podemos considerar como um iberismo, pois a etimologia no português (assim como no espanhol) provém do latim *computator*, *-oris*, e é atestada na nossa língua desde 1319. Cardona (1973, p. 197) atesta como provável étimo do português *contador* (*da fazenda*), funcionário que verifica as contas. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na correspondência da terminação portuguesa do sufixo formador de “pessoa que faz” **-or** do português para italiano **-ore**.

CONTROMAISTRO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Tuta la gente de le nave se partiva in tre coloneli: il prima era del capitano overo del <contromaistro> mutandose ogni notte; lo secondo del pilota o nocchiero, il terzo del maestro” (PIGAFETTA, 1994, p. 111).

Italiano: *nostromo/comandante in seconda*

Português: contramestre.

Citações em outros autores: Balbi, *contramastro*: p. 80.

Análise do dado: CONTRAMESTRE: oficial imediato que substitui o comandante no comando de navio ou expedição marítima. Não encontramos nos dicionários italianos esse neologismo: em italiano a categoria funcional chama-se *comandante in seconda* e serve, como no português, para denominar “pessoa que substitui o capitão no comando de um navio” (Houaiss, acepção 2). Bluteau (1712, p. 507) registra *contramestre* do navio: “oficial do navio que rege a manobra dele, e certos marinheiros sujeitos ao Mestre, e Capitão”. Manfroni (1929, p. 76) assegura que se trata de um comandado do capitão, mas é muito vago, pois diversos o são. Ambas as palavras que a compõem, *capo* e *maistro*, existem em italiano, mas são utilizadas separadamente, com significações diversas. Interferência lexical, sendo um decalque do português *contramestre*. Canova (1999, p. 163, nota 19) atesta ser o hispanismo contra-maestre. Consideramos um iberismo, pois a mesma palavra existe na nossa língua, sendo a primeira atestação de 1523.

COSTADO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Imprima costoro pensavano li batelli fossero figlioli de le nave e che ele li parturisseno quando se butavano fora di nave in mare; e stando così al <costado>, come è usansa, credevano le nave li nutrisseno” (PIGAFETTA, 1994, p. 115)

Português: costado.

Citações em outros autores: ver **costato** em Corsali.

COVERTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Gli amasasemo per farli piacere e li apicasemo soto la <coverta>” (PIGAFETTA, 1994, p. 166).

Português: coberta.

Análise do dado: ver **coperta** em Varthema.

DESCALSO adj. *Outros*.

Atestação: “Alora era vestito d’una camiseta de tela bianca sotilissima con li capi de le manighe lavorati d’oro e de uno panno de la cinta quase fina in terra, e era <descalso>” (PIGAFETTA, 1994, p. 163).

Italiano: *scalzo*.

Português: descalço.

Citações na obra: *discalso/i/e*: p. 130, 139, 142; *discalcio*: p. 207.

Análise do dado: DESCALÇO: não calçado, com os pés nus. Pozzi (1994, p. 255) afirma ser um venetismo, mas conforme o espanhol *descalzo* e o português *descalço*. Decalque homonímico com adaptação gráfica na transcrição do grafema –ço do português para italiano –so, pois a consoante –ç não existe em italiano. Ver a explicação dada em **dischoprire** de Da Empoli.

DESCARGARE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Dapoi lo Capitanio ge mostrò panno de diversi colori, tela, corali e molta mercanzia e tuta l'artigliaria, facendola <descargare>” (PIGAFETTA, 1994, p. 130).

Português: descarregar.

Citações na obra: *descargare*: p. 128, 130; *descarigati*: p. 146; *descarecasemo*: p. 161, 162, 163; *decaricarle*: p. 140; *descaricò*: p. 170, 206.

Análise do dado: Ver **discharichato** em Da Empoli.

DESCONSOLATO adj. *Outros*.

Atestação: “[...] maggiormente lui restare <desconsolato>, perché già ne aveva cognossuto e gustato alcune cose di Spagna” (PIGAFETTA, 1994, p. 171).

Italiano: *sconsolato*.

Português: desconsolado.

Análise do dado: DESCONSOLAR: sentir desconsolo, ficar triste. Para Canova (1999, p. 233, nota 1119), é o venetismo *sconsolato*, mas também utilizado conforme o português e o espanhol *desconsolado*. Esse *Ecasual* ocorre nas mesmas condições de vários outros, cuja explicação encontra-se em **dischoprire** em Da Empoli.

DESTRUGENO verbo. *Área militar*.

Atestação: “[...] e così le nostre arme aterano e <destrugeno> tuti li avversari e malevoli de la nostra fede. (PIGAFETTA, 1991, p. 136-137).

Português: destruíram.

Citações na obra: *destrugerli*, p. 133; *destrueriano*: p. 136, *destrugeno*, p. 136.

Análise do dado: ver **distruire** em Da Empoli.

DISCOVRIRE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Altre volte in questo fiume fu mangiado da questi Canibali, per tropo fidarsi, uno capitano spagnolo, che se chiamava Ioan de Solís, e sesanta omini, che andavano a <discovrire> terra como nui” (PIGAFETTA, 1994, p. 115).

Citações na obra: p. 119, 121; *discopersemo*: p. 161, 181; *descoperte*: p. 114, 119, 166; *discovrire*: p. 124; *discoperseno*: p. 121.

Português: descobrir.

Análise do dado: ver **dischoprire** em Da Empoli.

DISMONTARE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “El Capitano Generale nel giorno seguente volse <dismontare> in un'altra isola desabitata, per essere più seguro, che era di dietro di questa per pigliare acqua e qualche diporto” (PIGAFETTA, 1994, p. 127).

Citações na obra: *desmontare*: p. 170; *desmontato*: p. 166; *dismontasemo*: p. 126, 140.

Português: desmontar.

Análise do dado: ver **smontammo** em Varthema.

DORADI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Sono tre sorte de pessi longhi uno brazo e piú, che se chiamano <*doradi*>, albacore e boniti, li quali seguitano pesci che volano, chiamati colondrini, longhi un palmo e piú; e sono ottimi al mangiare” (PIGAFETTA, 1994, p. 122, grifo do autor).

Italiano: *orata*.

Português: dourado-do-mar.

Análise do dado: DOURADO: peixe comum nos mares tropicais e subtropicais (*Coryphaena hippurus*). Distingue-se do dourado dos rios (*Salminus maxillosus*), peixe comum nas bacias dos rios Paraná, São Francisco, do Rio Doce e Paraíba do Sul. D’Agostino (1994, p. 805, nota 18) afirma ser um hispanismo. GDLL (1961, v. IV, p. 962) confirma que a etimologia é do espanhol *dorado*, que significa “peixe dourado” e dá como atestação essa mesma citação do Pigafetta. Contudo *bonito*, *doradi* e *tiburone*, três peixes nomeados por Pigafetta, estão também registrados nos dicionários portugueses como bonito, dourado e tubarão, respectivamente. Podemos então afirmar que se trata de um iberismo. Decalque do português com adaptação do masculino plural em italiano –i.

FAROL s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Lo qual era: lui di note sempre voleva andar inanzi de le altre navi e elle seguitaseno la sua con una facela grande di legno che la chiamano <*farol*>, qual sempre portava pendente da la popa de la sua nave. Questo segnale era açiò de continuo lo seguitaseno” (PIGAFETTA, 1994, p. 110, grifo do autor).

Italiano: *fanale*.

Português: farol.

Análise do dado: FAROL: foco luminoso para orientar navios, sentido em que se apresenta no texto. Bluteau (1712) registra “lâmpião ou espécie de lanterna grande posta no alto da popa de um navio ou de uma galé”. Para Manfroni (1929), *farol* é empréstimo do espanhol, originária do latim *farocium*, contudo podemos considerar um iberismo, cuja datação, no português, se situa no século XV. Sem adaptação.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Qui ebeno li nave grandissima <*fortuna*>, per il che ne aparseno molte volte li tre Corpi Santi, çioè santo Elmo, santo Nicolò e santa Chiara; e subito sessava la fortuna” (PIGAFETTA, 1994, p. 116).

Citações na obra: p. 110, 112, 116, 121, 124, 161, 189 etc.

Português: fortuna.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FUSTE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Li prao sono come <fuste> e le almadie sono le sue barche da pescare” (PIGAFETTA, 1994, p. 154).

Português: fustas.

Citações na obra: p. 131.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] al <governatore> tre bracia de panno rosso, uno bonet e uno bicher dorato” (PIGAFETTA, 1994, p. 154).

Citações na obra: p. 155, 175.

Português: governador.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

GENTILI s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Anco li fece dire se erano mori o <gentili> o in che credevano” (PIGAFETTA, 1994, p. 133).

Português: gentio.

Citações na obra: p. 129, 134, 138, 141, 161 etc.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GIOPONE s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Dopo desinare tornasemo tutti in <giopone> e andasemo insieme con li dui Re nel mezodi in cima del più alto monte che fosse” (PIGAFETTA, 1994, p. 133).

Italiano: *giubbone* (Crusca).

Português: gibão.

Análise do dado: GIBÃO: antiga peça do vestuário masculino, usada durante os séculos XIII a XVII, que cobria o corpo do pescoço até um pouco abaixo da cintura, por cima das camisas.¹⁹⁰ Canova (1999, p. 219, nota 421) sustenta que pode ser uma espécie de camisa

¹⁹⁰ Mais informações disponíveis em:

<<http://trajes.no.sapo.pt/TextoGiboesMasculinos.secXV.XVI.htm>>. Acesso em: 29 out. 2012.

comprida até o joelho, e que se encontra registrado no GDLI (1961, v. VI, p. 858) como *giubbone*. Várias indicações nos levam a crer que se trate do gibão, traje que era muito utilizado por todas as classes sociais nesse período: a) era o traje da época; b) verificamos nos dicionários históricos italianos e encontramos registrada a entrada no dicionário Crusca apenas na quarta edição de 1729, como *giubbone*: “veste estreita, que cobre o busto, à qual se amarravam as calças, ou os calções”; c) no português a palavra já era corrente em 1400; d) a normal italianização do sufixo português *-ão* em *-one*.

GUAVE s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e uno altro frutto, quase como lo persico, deto <guave>, e altre cose da mangiare” (PIGAFETTA, 1994, p. 175, grifo do autor).

Italiano: *guaiava*.

Português: goiaba.

Análise do dado: GOIABA: fruto da goiabeira (*Psidium guajava*). O fruto que Pigafetta chama de *guane* é a goiaba, que compara ao pêssago, pela forma. Zing registra *guaiava* como sinônimo de *guava*, do caraíbio *guayava*, registrada pela primeira vez em 1557. Bluteau (1712, p. 465, grifo do autor) registra também como “goyava, no Brasil e *Pera* na Índia”. Dalgado (1919/21, p. 435) afirma que os portugueses chamavam a goiaba de pera pelo mesmo motivo que deram o nome de figos para as bananas e, no mesmo verbete, acrescenta que Cândido Figueiredo o registra como um vocábulo do guarani *cuiapa*. Atestado em Manfroni (1929, p. 236) que guave é a *guaiava* (goiaba).

INDIO s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Morirono 19 omini e il gigante con uno <Indio> de la Terra del Verzin” (PIGAFETTA, 1994, p. 124).

Italiano: *indigena*.

Português: índio/indiano.

Citações na obra: p. 147, 164; *indi/i*: p. 159, 175, 189, 203 etc.

Análise do dado: ÍNDIO: indivíduo originário de um grupo indígena. Nos dicionários italianos encontra-se a palavra *indio* como gentílico (população do Extremo Oriente) e como sinônimo de indígena americano, palavra de origem espanhola. Pigafetta a usa com dois sentidos: de índio brasileiro, referindo-se aos nossos indígenas (como na atestação), e para nomear os nativos de ilhas orientais, mas não indica se são nativos da Índia. Para Manfroni (1929), a palavra índio é utilizada pela primeira vez por Pigafetta, com o significado de

indígena em italiano. Registramos, pois se encontra em contexto brasileiro e certamente o autor ouviu essa palavra da população local ou dos portugueses quando aqui esteve. Além de tudo, é um iberismo. Sem adaptação.

LATONE s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] presiano aneli, cadenete de <latone>, sonagli, corteli e più al filo de ramo per ligare li sui ami da pescare” (PIGAFETTA, 1994, p. 153).

Italiano: *ottone*.

Português: latão.

Citações na obra: *latone/i*: p. 154, 171, 184; *laton*: p. 149.

Análise do dado: LATÃO: liga de cobre e zinco em proporções variadas, utilizada na fabricação de objetos de vários tipos. Para Pozzi (1994, p. 283), é uma forma de antiga do dialeto vicentino, mas que coincide com o espanhol e português *latão*. Canova (1999, p. 252, nota 49) afirma o mesmo que Pozzi e acrescenta que é também um venetismo. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, o uso de sufixo de substantivo aumentativo, italianização do sufixo português *-ão*.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il viaggio era longo 25 <leghe>, che sono cento milia” (PIGAFETTA, 1994, p. 120).

Português: légua.

Citações na obra: *leghe*, p. 115, 120 etc.

Análise do dado: ver *leghe* em Corsali.

MAESTRO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Tuta la gente de le nave se partiva in tre coloneli: el primo era del capitano overo del contramaistro, mudandose ogni notte; lo secondo del piloto o nochiero, lo terzo del <maestro>” (PIGAFETTA, 1994, p. 111).

Citações na obra: p. 184; *maistro*: p. 115.

Português: mestre.

Análise do dado: ver *maestri* em Da Empoli.

MANIGLIE s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Il suo signor era vechio e depinto; portava due schione de oro a le orechie; li altri molte <maniglie> de oro a li bрази, con fazoli intorno lo capo” (PIGAFETTA, 1994, p. 129).

Citações na obra: p. 184.

Português: manilhas.

Análise do dado: ver **manigli** em Varthema.

MISSIGLIONI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “In questo porto era asaissime cape longhe, che le chiamano <missiglioni>, avevano perle nel mezo, ma piccole, che non le potevano mangiare” (PIGAFETTA, 1994, p. 120, grifo do autor).

Italiano: *cozza, mitilo*.

Português: mexilhão.

Citações na obra: p. 122.

Análise do dado: MEXILHÃO: designação comum aos moluscos bivalves da família dos mitilídeos. Para explicar esse *Ecasual*, Pigafetta faz uma comparação com um molusco existente no mar Mediterrâneo, a *cape longhe*, molusco bivalve (*Cardium edule*) da mesma família do berbigão (*Cerastoderma edule*), no entanto o mexilhão é de outra família de moluscos (*Mytilus edulis*). O molusco de que fala Pigafetta pode ser a *Ostrea patagônica*. Encontra-se registrado no Bluteau (1712, p. 472) como ‘mexilhaõ’ e no Moraes Silva (1813, p. 297) como ‘mexilhão’. Manfroni sustenta que é uma palavra de origem espanhola, contudo Cardona (1973, p. 210) afirma que o étimo é português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano indicativo de plural **–oni** (possível interferência fonética da terminação portuguesa **–ões**, pois não existe em italiano esse sufixo), italianização do sufixo português **–ão**.

MODORA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Ogni notte se faceva ter guardie: la prima nel principio de la notte, la seconda, che la chiamano <modora>, nel meso, la terza nel fine” (PIGAFETTA, 1994, p. 111, grifo do autor).

Italiano: *sonnolenza*.

Português: modorra.

Análise do dado: MODORRA: preguiça, estado de sonolência geralmente causado pela ingestão de comida, ou falta de dormir. GDLI (1961, v. X, p. 678) registra a palavra e dá como atestação o Pigafetta, dizendo tratar-se de “turno de guarda noturna a bordo dos

navios”, contudo o significado real tanto no espanhol como no português não é esse. Atestado em Pozzi (1994, p. 285) como vinda do espanhol *hora de la modorra*, contudo podemos considerar como um iberismo, pois a etimologia no português provém do espanhol, mas atestada na nossa língua desde 1154. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com a perda do fonema /r/.

MOGLIERE s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “Ne davano per una acceta o cortello grande una o due de le sue figliole giovane per schiave; ma sua <mogliere> non dariano per cosa alcuna” (PIGAFETTA, 1994, p. 114).

Italiano: *moglie*.

Português: mulher.

Citações na obra: p. 118, 143.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 504.

Análise do dado: MULHER: indivíduo do sexo feminino. Em italiano faz-se a distinção entre a mulher casada e o indivíduo do sexo feminino, com o binômio *moglie* e *donna*, respectivamente, distinção que não acontece no português. No contexto, refere-se à mulher, sexo feminino, caracterizando clara interferência da palavra portuguesa mulher. D’Agostino (1994, p. 800) e Cardona (1971, p. 42) atestam como sendo do português.

MORELLO adj. *Outros*.

Atestação: “Lo capitano e lo re sedevano in catedre de veluto rosso e <morello>, li principali in cussini, li altri sovra store” (PIGAFETTA, 1994, p. 140).

Italiano: *giallo*.

Português: amarelo.

Citações na obra: *morella*: p. 138; *morello*: p. 154.

Análise do dado: AMARELO: cor que corresponde à coloração da gema do ovo, do ouro etc. Atestado por Cardona (1973, p. 213) como étimo provável do português *amarelo*. Decalque homonímico com adaptação fonética com perda do fonema –a e acréscimo do dígrafo –l.

NAIRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “In India maggiore sono sei sorte de omini: nairi, panichali, yranai, pangelini, macuai e poleai. <nairi> sono li principali [...]” (PIGAFETTA, 1994, p. 189).

Português: naires.

Análise do dado: ver **naeri** em Varthema.

NORVESTEA verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Non pigliare misura con relogio di sole, che è falsa, come soleno far alcuni piloti, perché <nordestea> e norvestea como vanno fuori meridiano” (PIGAFETTA, 1994, p. 202).

Italiano: –

Português: noroestear.

Citações na obra: *nordestea*, p. 202; *nordestato*: p. 207; *nordesteato*: p. 203.

Análise do dado: NORDESTEAR: ter a agulha da bússola em direção para o noroeste, navegar nessa direção. Pozzi (1994, p. 286) afirma que é palavra do português e do espanhol, portanto um iberismo. Adaptação gráfica com substituição do –o pelo –v, em uma hipercorreção à grafia italiana *ovest*, oeste.

NORI s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “E se li trovano papagali de diverse sorte, ma fra le altre alcuni bianchi chiamati *cathara* e alcuni tutti rossi detti <*nori*>” (PIGAFETTA, 1994, p. 175, grifos do autor).

Italiano: *lori*.

Português: lóri.

Análise do dado: LÓRI: espécie de papagaio da família dos psitacídeos (*Trichoglossus moluccanus*). Para Pozzi (1994, p. 262), *nori* deu origem ao termo europeu *lory*. No italiano, é um empréstimo do português *lori* (cf. SCHULTZ, 2007) e a registramos por esse motivo.

PALMITO s. m. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Hanno el vino in questo modo: forano la ditta palma in cima nel coresino, deto <*palmito*>, dal quale stilla uno licore, come è mosto, bianco, dolce, ma un poco bruscheto, in canne grosse come la gamba e più. L’atacano a l’arbore la sera per la matina e la matina per la sera” (PIGAFETTA, 1994, p. 128, grifo do autor).

Italiano: *cuore di palma*.

Português: palmito.

Análise do dado: PALMITO: parte terminal do caule da palmeira; no exemplo, do coco (*Cocos nucifera*), do qual os habitantes da Ilha dos Ladrões (atual Ilhas Marianas) faziam uma espécie de vinho. Em todas as palmeiras, essa parte do caule é comestível, variando apenas o sabor: em algumas o sabor é agro. Canova (1999, p. 207, nota 304) afirma ser um hispanismo,

contudo podemos considerar um iberismo, pois em português encontra-se datada desde 1500. Em italiano é conhecido como *cuore di palma*, coração de palmeira. Sem adaptação.

PATTOLE s. f. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “Il re de Bachian dete al nostro re cinquecento <pattole>, perché desse sua figliola per moglie al suo fratello. Queste pattole sono panni de oro e de seta fatti ne la Chijna e molto presiati fra costoro” (PIGAFETTA, 1994, p. 172).

Italiano: –

Português: patola.

Análise do dado: PATOLA: tecido de seda, às vezes com mistura de trabalhos em algodão, utilizado na Índia. Pigafetta na atestação narra que são “panos de ouro e seda, feitos na China”. Dalgado (1921, p. 194) registra patola, do malaiala *pattuda*, mas afirma ser uma palavra em desuso. Bluteau (1712, p. 319) registra patôla. Pozzi (1994, p. 304) sustenta que eram tecidos de seda feitos na Índia, mas que o nome se aplicava também aos brocados chineses. Cardona (1973, p. 204) atesta como provável étimo português *patola*. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –t em uma hipercorreção gráfica.

PAVIGLIONE s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “In mezo di ogni ramo è uno panno de bombaso a guisa de <paviglione>, soto li quali sedeano le donne più principali, tute coperte di panni bianchi de bombaso” (PIGAFETTA, 1994, p. 199-200).

Italiano: *palio*.

Português: pavilhão.

Análise do dado: PAVILHÃO: insígnia de uma corporação, religiosa ou civil, agremiação política etc., estandarte. Tanto Pozzi (1994, p. 290) quanto Canova (1999, p. 241, nota 646) dão como do espanhol *pabellón*. Canova acrescenta que é também a forma vicentina *paviglion*, contudo podemos considerar que seja um iberismo, pois encontra-se registrada no português em 1400. Adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano –one, (possível italianização do sufixo português –ão) e adaptação gráfica e fonética com a substituição de /g/ para a líquida /ʎ/ representada pelo dígrafo –gl.

PICHETI s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Di dietro de questa isola stanno omini che hanno tanto grandi li <picheti> de l’orechie che portano li braci ficati in loro” (PIGAFETTA, 1994, p. 129).

Italiano: *foro*.

Português: piques.

Análise do dado: PIQUE: orifício feito por objeto pontiagudo; pequenos furos; picar. No contexto, os furos feitos pelos indígenas na orelha para inserir ossos de peixe e de outros materiais à guisa de enfeite. A cultura de inserir objetos em furos no corpo é também comum aos nossos indígenas, tanto é que Pigafetta (1994, p. 115) narra uma passagem interessante ao se referir a esse costume entre os nossos índios: “Uma jovem bela veio um dia na nau capitânia, onde eu estava [...]. Esperando, deu uma olhada no quarto do mestre e viu um prego maior que um dedo e pegando-o, com graça e garbo, o enfiou de lado a lado na sua natureza”¹⁹¹. Canova (1999, p. 210, nota 330) afirma que é conforme o espanhol *piquete*, contudo podemos considerar um iberismo, já que a mesma palavra estava documentada no português em 1513, portanto anteriormente a Pigafetta. Decalque homonímico com adaptação gráfica, normal italianização do dígrafo **-ch** em substituição ao português **-qu**. Adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /**ti**/ final.

PLAGIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “plagia Bella; <plagia> di San Domenico; plagia Verde” (PIGAFETTA, 1994, p. 199-200).

Português: praia.

Citações na obra: p. 200.

Análise do dado: ver **praia** em Da Empoli.

POLEAI s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “In India maggiore sono sei sorte de omini: nairi, panichali, yranai, pangelini, macuai e <poleai> [...]. Poleai seminano e colgeno lo riso” (PIGAFETTA, 1994, p. 189).

Português: polear.

Análise do dado: ver **poliarli** em Varthema.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

¹⁹¹ Una iovene bella vene um dì ne la nave capitania, ove io stavo [...]. Stando così aspettando, butò lo ochio supra la câmera del maistro e vite uno chiodo longo più de un dito, il che pigliando, con grande gentilezza e galanteria se lo ficò a parte a parte de li labri di sua natura”. Por *natura* podemos entender os órgãos genitais femininos.

Atestação: “Vene il re com li sui <principali> in piazza e fece sedere li nostri apresso lui” (PIGAFETTA, 1994, p. 136).

Português: principais.

Citações na obra: p. 140, 163; *principale*: p. 127, 131.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

PROISE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Non li potevamo trovare fondo si non con lo <proise> in tera in 25 e 30 braza” (PIGAFETTA, 1994, p. 120).

Italiano: *prodese*.

Português: proiz.

Análise do dado: PROIZ: cabo com o qual se amarra a embarcação à terra. Nos barcos pequenos, geralmente colocado na proa, daí a semelhança das palavras, ambas da etimologia latina *proda*, que significa proa. Para Canova (1999, p. 187, nota 194), trata-se de um iberismo, conforme o português *proa*, o espanhol *proís/z* e o catalão *proís*. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /e/ final, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –z.

QUINTALADA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Infine per non aver più mercadanzie, ogni uno li dava chi le cape e chi li sagli e chi le camise con altri vestimenti per avere la sua <quintalata>” (PIGAFETTA, 1994, p. 171).

Italiano: –

Português: quintalada.

Citações na obra: p. 163.

Análise do dado: QUINTALADA: parcela de quintal, antiga unidade de medida de peso, que equivalia a quatro arrobas (cerca de 60 kg). Ver **quintali** em Corsali.

REFRESCO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che è tre del capo Santo Augustino, che sta in 8 gradi al medesimo polo; dove pigliassimo gran <refresco> de galine, batate [...]” (PIGAFETTA, 1994, p. 113).

Português: refresco.

Análise do dado: ver **rinfresco** em Da Empoli.

RIVOLUZIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Niun onco né altra barca da tre o quatro leghe se pò aprosimare al luoco de l’albore per le grandi <rivoluzione> de acqua che sono circa questo” (PIGAFETTA, 1994, p. 186).

Italiano: –

Português: revolução.

Citações na obra: *revoluzione*: p. 186.

Análise do dado: REVOLUÇÃO: em sentido figurado, fenômeno natural que processa transformações na superfície ou estrutura da terra, tais como: terremotos, vulcões, ventos etc. (Houaiss). No contexto, Pigafetta fala de um forte movimento nas águas do mar, ocasionado pela rapidez do fluxo da maré alta, que torna o mar extremamente violento, fenômeno que ocorre no Oceano Índico, especialmente no Golfo de Cambay e no Golfo de Martaban, na costa do Myanmar (cf. Pinto, 1962, p. 241, nota 62). Pode tratar-se do mesmo fenômeno explicado em Federici como *maccareo*, que, segundo esse autor, ocorre nas imediações de Pegù, região onde Pigafetta relata que ocorre esse fenômeno. Pigafetta narra que ouviu a história dessa revolução das águas de alguém que retornou do reino de Sião (atual Tailândia), país vizinho do Myanmar. A mesma palavra existe em italiano, contudo, para Cardona (1973, p. 191), trata-se de uma palavra utilizada conforme o português *revolução*. Adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo **-tione**, **-zione** em italiano (*redenzione*, *premonizione*, *comemorazione*), normal italizanização do português **-ção**. Ver **maccareo** em Federici.

STRENGHE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Se faceva un altro fuoco con una lanterna o con un pezo de corda de iunco, che la chiaman <strenghes>, di sparto molto batuto ne l’acqua” (PIGAFETTA, 1994, p. 110, grifo do autor).

Italiano: *fune di sparto*.

Português: estrinca.

Análise do dado: ESTRINCA: estrinque, espécie de escotilha por onde saem as amarras das embarcações (Aulete). Não consta essa entrada no Bluteau, apenas no Moraes Silva (1813, p. 785), que registra estringa e define como “espécie de escotilha de navio, e por ela sai as amarras”. Acrescenta que a palavra se origina do italiano *strinca*, contudo procuramos nos dicionários Crusca e não encontramos o registro dessa palavra. Canova (1999, p. 161, nota 8) comenta que é conforme o espanhol *estrenque* e o português *estrinque*. Decalque livre.

SURGENDO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Venere, a otto de novembre 1521, tre ore inanzi lo tramontar del sole, entrasemo in uno porto d’una isola deta *Tadore* e, <surgendo> apresso a terra in vinti bracia, descaricassemo tuta l’artigliaria” (PIGAFETTA, 1994, p. 162, grifo do autor).

Português: surgindo.

Análise do dado: ver **surgemmo** em Varthema.

TERCIADO s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “Quando visteno questo andorono adosso a lui; uno con un gran <terciado>, che è come una simitara, ma più grosso li dete una ferita ne la gamba sinistra, per la quale cascò col volto inanzi” (PIGAFETTA, 1994, p. 147).

Italiano: –

Português: terçado.

Citações na obra: *terziadi*: p. 150.

Análise do dado: TERÇADO: traçado, espécie de espada curta e larga. Pozzi (1994, p. 238) afirma ser um hispanismo, enquanto que Cardona (1973, p. 185) afirma ser um provável étimo português. Como a palavra é datada no português no século XIV, podemos considerar um iberismo.

TESTONE s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Don Manuel, già Re de Portugal, per non volere acrescere la provisione del nostro Capitano Generale solamente de uno <testone> al mese per li sui benemeriti, venne in Spagna [...]” (PIGAFETTA, 1994, p. 164).

Italiano: –

Português: tostão.

Citações em outros autores: Balbi, *testoni*: p. 57, 77.

Análise do dado: TOSTÃO: antiga moeda de prata portuguesa que valia 100 réis. No Brasil o tostão era feito de níquel, daí o seu pouco valor. Existia uma moeda italiana com esse mesmo nome, cunhada a partir de 1474, chamada *testone*, contudo no exemplo trata-se de uma palavra portuguesa. Bluteau (1712, p. 222) sustenta que o tostão é moeda de prata ou de ouro, cunhada no reinado de D. Manuel I, equivalente a 1.200 réis. Acrescenta que o tostão deriva do italiano *testone* ou do francês *teste*, porque nela estava representada a cabeça do príncipe que a mandou cunhar. Em Portugal, do nome inicial *testão* adveio a corruptela *tostão*. GDLI (1961, v. XX, p. 1008) registra a subentrada, e afirma ser do português e apresenta como

atestação o Pigafetta. Atestado por Pozzi (1994, p. 283) e Cardona (1971, p. 203), que confirmam a origem portuguesa da palavra. Cardona declara que, no caso, trata-se de uma sobreposição de palavras. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano **–one**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa **–ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa **–ão**.

TIBURONI s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Venivano al bordo de le nave certi pessi grandi che se chiamano <*tiburoni*>, che hanno denti teribili e se trovano omini nel mare li mangiano” (PIGAFETTA, 1994, p. 112, grifo do autor).

Italiano: *squallo*.

Português: tubarão.

Citações na obra: p. 125.

Citações em outros autores: Sassetti, *tuberoni*: p. 362.

Análise do dado: TUBARÃO: designação comum para os peixes cartilagosos elasmobrânquios, marinhos. Zaccaria (1927, p. 384) atesta como vinda do português tubarão e tubarão, sendo esta última registrada pelo dicionário do Tommaseo. Encontramos também no Alberti (1835, p. 748, v. VI) como *tuberone*, mas não dá a etimologia, expõe, apenas, que se trata de um peixe. Cardona (1973, p. 210) registra como étimo provável o português *tubarão*, mas a grafia com **–i**, no lugar de **–u**, pode ser do espanhol *tiburones*. Podemos pensar que se trate de um iberismo, pois o Sassetti, cuja convivência é somente com portugueses, utiliza a forma *tuberoni*. Caraci (1991, p. 530, nota 8) afirma ser uma palavra do espanhol, através de uma língua antilhana. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na terminação italiana indicativa de plural **–oni**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa **–ões**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa **–ão**.

URACA s. m. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Quando visteno la cortesia del Capitanio li presentarono pesci, uno vaso de vino de palma che lo chiamano <*uraca*>, fighi più longhi d’un palmo e altri più piccoli, più saporiti e dui cochi” (PIGAFETTA, 1994, p. 127, grifo do autor).

Citações na obra: *arach*: p. 154; *vino di palma*: p. 129, 149.

Português: áraque.

Análise do dado: Ver **urrache** em Da Empoli.

VEADORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e questi erano el <veadore> de l’armata, che si chiamava Ioan de Cartagena, el tesorero Alovise de Mendosa, el contadore Antonio Coca e Gaspar de Casada” (PIGAFETTA, 1994, p. 119).

Italiano: *ispettore*.

Português: *veador*.

Citações em outros autores: Babi, *viator*: p. 48.

Análise do dado: VEADOR: vedor no paço real ou fora dele, pessoa que servia à rainha; por extensão espécie de fiscal, como os ‘olhos’ do rei ou da rainha nas diversas seções administrativas do reino. Bluteau (1712, p. 378-380) registra *védor*, cargo ocupado por pessoa encarregada de examinar as iguarias que eram postas à mesa do rei, daí o nome *veedor* (do latim *videre* ‘ver, olhar’), voz portuguesa, do verbo *vídeo*. O lexicógrafo acrescenta que existiam os vedores da fazenda, da água, das obras etc. Cardona (1973, p. 197-198) registra *viator*, *veadore* como provável étimo português *vedor*, inspetor da armada. Atestado em Pozzi (1994, p. 259) como vinda do espanhol, contudo podemos considerar como um iberismo, pois a etimologia no português é atestada desde 1536. Decalque homonímico, com adaptação gráfica e fonética na correspondência da terminação portuguesa do sufixo formador de “pessoa que faz” –**or** do português para italiano –**ore**.

VERSI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e passando per mezo de le navi, volse vedere como tiravano li schiopeti, le balestri e li <versi>, che sono maggiori d’uno arcabuso” (PIGAFETTA, 1994, p. 167).

Italiano: –

Português: *berço*.

Análise do dado: BERÇO: boca de fogo curta (Aurelio). Peça de artilharia utilizada antigamente¹⁹². Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na correspondência do fonema /s/, grafado em –s e substituição do grafema –b por –v, no italiano.

VITTUVAGLIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

¹⁹² Informação disponível em: < <http://www.arqnet.pt/dicionario/artilhariamuseu.html>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

Atestação: “[...] ma per la sua bona fama, como aveva inteso dal re de Mazaua, era venuto solamente per visitarlo e pigliare <vittuvaglia> con la sua mercadanzia” (PIGAFETTA, 1994, p. 135).

Português: virtualha.

Citações na obra: p. 190.

Análise do dado: ver *vetovaglie* em Corsali.

ZAROBOTANE s. m. pl. *Área militar.*

Atestação: “Hanno <zarototane> con li carcasseti a lato piene de freze con erba venenata” (PIGAFETTA, 1994, p. 110).

Italiano: *cerbottana*.

Português: zarabatanas.

Citações na obra: p. 111; *zorabotana*: p. 180.

Análise do dado: ZARABATANA: arma feita de tubo comprido, geralmente de bambu, com a qual os indígenas, soprando, impeliam pequenas flechas, geralmente envenenadas; do árabe *zarbaṭāna*. Dalgado (1921, p. 440) registra *zaravatana* e *zervatana* e acrescenta que essa palavra foi empregada pelos escritores portugueses particularmente em relação à Malaca. Pozzi (1994, p. 238) afirma ser do português.

5.4.2.2 *UFcasuals* em Pigafetta

ABBASSASSEMO [...] LE VELE s. v. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “Uno sabato, de notte, ne assaltò una fortuna grandissima per il che, pregando Iddio, <abbassassemo tutte le vele>” (PIGAFETTA, 1994, p. 116).

Italiano: *calare le vele*.

Português: abaixássemos (todas) as velas.

Análise do dado: ABAIXAR AS VELAS: descer as velas de uma embarcação. Pigafetta utiliza de três modos diversos com esse sentido, dois como interferência do português: *ammainare* e *abbassare le vele*. Não existe em italiano a expressão *abbassare le vele*, apenas *ammainare/calare le vele*.

ALCUNA COSA loc. subs. *Outros.*

Atestação: “[...] il capitano generale mandò lo schiavo, che era lo interprete nostro, in terra in uno battello a dire al re, se aveva <alcuna cosa> da mangiare, la facesse portare in nave, che resteriano bene soddisfatti da noi, e come amici e non come nemici eramo venuti a la sua isola” (PIGAFETTA, 1994, p. 127).

Italiano: *qualcosa*.

Português: alguma coisa.

Citações na obra: p. 183, 189; *alguna cosa*: p. 190.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 480, 513.

Análise do dado: ALGUMA COISA: um pouco, um tanto. D’Agostino (1994, p. 801) comprova que se trata de um portuguesismo, com significado de *um pouco*, mas, pelo contexto das três ocorrências que encontramos, há sempre o significado de alguma coisa, algo, como no exemplo: “se tinha alguma coisa para comer”.¹⁹³ Atestato em Zolli (1995, p. 78) como sendo do português *um pouco*. Decalque sinonímico.

AVERE LINGUA s. v. *Outros*.

Atestação: “Vedendo questo, saltassimo in terra cento omini per <avere lingua> e parlare seco overo per forza pigliarne alguno” (PIGAFETTA, 1994, p. 115).

Italiano: *avere língua*.

Português: ter língua.

Análise do dado: TER LÍNGUA: ter notícias de algo ou alguém. Canova (1999, p. 176, nota 93) acrescenta na nota que Cardona (1973, p. 197) afirma ser um portuguesismo; porém diz que Formisano, em *Apuntes*, afirma ser um hispanismo. GDLI (1961, v. IX, p. 109) atesta também a locução *avere língua con qualcuno*, ter língua com alguém, com o significado de entender-se com alguém. Sem adaptação.

BARA DE ORO loc. subs. *Comércio*.

Atestação: “[...] per il che il re, inanzi la sua partita, volse donare al Capitanio una <bara de oro> grande e una sporta piena de gengero; ma lui, rengraziandol molto, non volse accettarle” (PIGAFETTA, 1994, p. 130).

Italiano: *lingotto d’oro*.

Português: barra de ouro.

Citações em outros autores: Sassetti, *barrette d’oro*: p. 218.

¹⁹³ “Se aveva alcuna cosa da mangiare”.

Análise do dado: BARRA DE OURO: bloco de metal fundido, geralmente de base retangular, lingote. Pozzi (1994, p. 241) atesta ser do espanhol *vara de oro*, mas, como Pigafetta escreve *bara de oro*, podemos supor que seja interferência do português. Apesar da semelhança com o português, a palavra ouro é escrita *oro* em italiano; lembramos que, pelo menos hoje, foneticamente se pronuncia /o.ro/ também em português. Zaccaria afirma que o Sassetti é o primeiro a atestar essa *Ecasual*; contudo, como pudemos comprovar, o primeiro foi o Pigafetta, apenas havendo a variação gráfica *barrette* e *bara*. Decalque aproximativo, com adaptação gráfica e fonética na perda dos grafemas –r e –u.

CARNE DE ANTA loc. subs. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] dove pigliassemo gran refresco de galine, batate, pigne molto dolci fruto in vero più gentil che sia, <carne de anta> como vaca, canne dolci e altre cose infinite, che lascio per non essere proliso” (PIGAFETTA, 1994, p. 113).

Italiano: –

Português: carne de anta.

Análise do dado: CARNE DE ANTA: carne de animal selvagem utilizada como fonte de proteína pelos índios brasileiros. A anta é um mamífero da família dos tapirídeos (*Tapirus terrestres*) que se alimenta de frutos e folhas e ainda hoje é caçada clandestinamente. Manfroni, na sua análise da obra, assever carne de pato. Caraci (1991, p. 531, nota 10) sustenta ser um termo espanhol e do português, derivado do árabe *lamt*, que no Novo Mundo é atribuído ao tapir.

ERBA DOLCE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] Chiamassimo a questo stretto *El Streto Patagonico*, in lo qual se trova, ogni meza lega, securissimi porti, acque eselentissime, legna se non di cedro, pesce, sardine, missiglioni e appio, <erba dolce>, ma ge n'è anche di amare” (PIGAFETTA, 1994, p. 122, grifos do autor).

Italiano: *finocchio selvatico*.

Português: erva-doce.

Análise do dado: ERVA-DOCE: erva da família das umbelíferas (*Pimpinella vilosa*). No texto o autor fala que comem esse vegetal por não encontrar outra coisa para comer. Manfroni assevera que o viajante a registra em oposição à ‘erva amarga’, que Pigafetta relata, mais adiante, existir também no lugar. Contudo a palavra *appio/apio*, escrita antes de *erba dolce*, é

uma planta da família das umbelíferas, a mesma família da erva-doce. Talvez estivesse explicando a palavra *appio*, ou seja, erva-doce. Decalque homonímico do português.

LINEA DE LA REPARTIZIONE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “L’isola de Tadore sta de latitudine al polo ártico in vintisete minuti e de longitudine de la <linea de la repartizione> in cento e sesantauno grado” (PIGAFETTA, 1994, p. 175).

Citações na obra: *lignea equinoziale*: p. 112, *l. equinoziale*: p. 113, 125; *l. de la repartizione/ripartizione*: p. 149, 153; *l. repartizionale*: p. 152, 158 etc.

Português: linha da repartição.

Análise do dado: ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

MAL PORTOGHESE loc. subs. *Usos e costumes*.

Atestação: “In tutte le isole avemo trovate in questo arcipelago regna lo mal de San Iop e più quivi che in altro luoco, e lo chiamano *for franchi*, cioè <mal portoghese>” (PIGAFETTA, 1994, p. 185, grifo do autor).

Português: mal português.

Análise do dado: Ver **mal franzoso** em Varthema.

NEL TARDI loc. adv. *Outros*.

Atestação: “<Nel tardi> andasemo con le nave apresso la abitazione del re” (PIGAFETTA, 1994, p. 130).

Italiano: *nel pomeriggio*.

Português: na tarde.

Análise do dado: Ver **sopra la tardi** em Da Empoli.

SALTASSIMO IN TERRA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Vedendo questo, <saltassimo in terra> cento omini per avere lingua e parlare seco overo per forza pigliarne alguno” (PIGAFETTA, 1994, p. 115).

Italiano: *sbarcare in terra*.

Português: saltássemos em terra.

Análise do dado: SALTAR EM TERRA: desembarcar. Existe a palavra *saltare* em italiano, com significado de pular. Contudo, para Canova (1999, p. 176, nota 93), que cita Formisano,

trata-se de um tecnicismo conhecidíssimo no espanhol e no português, recorrente também nas *Cartas* de Vespuccio.

TERA DEL VERZIN loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Passato che avessemo la linea equinoziale, in verso el meridiano, perdessemo la tramontana, e cosí se navegò tra el mesoiorno e garbin fino in una tera, che se dise *la <Tera del Verzin>* in 23 gradi 1/2 al polo antartico, che è tera del capo de Santo Augustino, che sta in 8 gradi al medesimo polo” (PIGAFETTA, 1994, p. 113, grifo do autor).

Português: Brasil.

Citações na obra: Verzin, país: p. 113, 124; *arco de verzin*: p. 114; *versin* (pau-brasil): p.113, 115.

Análise do dado: Ver **Verzino** em Corsali.

VELE AMAINATE s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Stessemo sovra questo cavo nove setimane con le <vele amainate> per lo vento occidentale e maistrale per proa e con fortuna grandissima” (PIGAFETTA, 1994, p. 189).

Italiano: *vele ammainate*.

Português: amainar as velas; descer as velas; calar as velas.

Citações na obra: *amainasse le vele*: p. 159, *a. tute le vele*: p. 110; *a. in pressa*: p. 110.

Citações em outros autores: Balbi: *mainammo le v.*: p. 80; *mainar* (quel poco) *di v.*: p. 41; *mainar la v.*: p. 42, 66, 80; *mainano*: p. 80; Sassetti: *ammainare la vela*: p. 378.

Análise do dado: AMAINAR AS VELAS: abaixar as velas. É interessante registrar que em italiano existia o verbo *calare*, com o mesmo significado, e Pigafetta (1994) o utiliza diversas vezes, intercambiando *ammainare* com *calare* e com *abbassare*: “Volevano calare le vele a ciò andasemo in tera: ne roborono lo schifo che estava ligato a la popa de la nave capitania con grandissima presteza” (1994, p. 126). Como existe a mesma expressão em italiano, pode-se afirmar que nesse caso se trata de interferência do português, já que o verbo *ammainare* não existia, com esse significado, no italiano desse período. Ver *abbassare le vele*, *ammainassero*. Ver **amainano** em Varthema. Decalque livre.

5.4.2.3 Proto/nomcasuals em Pigafetta

APE PICOLE COMO FORMICHE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] mele de <ape picole como formiche>, le quali fanno la mele ne li arbori, canne dolci olio di cocco e de giongioli meloni [...]” (PIGAFETTA, 1994, p. 175).

Italiano: –

Português: abelhas pequenas como formigas.

Análise do dado: ABELHAS MELIPONÍDEAS: do gênero *Melipona*, são abelhas sociais, sem ferrão, importantes na polinização de plantas. Existem mais de 20.000 espécies de abelhas conhecidas, das quais cerca de 550 não possuem ferrão. No Brasil são conhecidas como abelhas indígenas e existem cerca de 220 espécies, produzindo mel de boa qualidade, utilizado para fins medicinais. As abelhas indígenas estão presentes, exclusivamente, nas florestas tropicais da América do Sul, da América Central, da África, da Índia, da Malásia e da Austrália, em uma grande variedade de espécies e tamanhos.¹⁹⁴ Alguns nomes populares das abelhas indígenas mais conhecidos: jataí, mandassaia, mirim, irapuá, tubuna, uruçú etc. No nosso país elas serviam e ainda servem de alimento para os índios. Na descrição de Pigafetta são comparadas com formigas e, realmente, muitas abelhas sem ferrão são tão pequenas quanto as formigas. Para exemplificar, mostramos uma foto (cf. Fig. 9) da abelha conhecida como jataí (*tetragastula angustula*), presente nas nossas matas. Decalque livre.

Figura 9 - Abelhas jataí¹⁹⁵

¹⁹⁴ Informação disponível em:

< http://www.agricultura.pr.gov.br/modules/qas/uploads/2690/sos_abelhas_nativas_27jun2011.pdf>. Acesso em: 02.abril.2014.

¹⁹⁵ Foto nossa.

BATATE [...] COME CASTAGNE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] per uno sonaglio o una stringa, uno cesto de <batate>; queste batate; queste sono al mangiare come castagne e longo come napi” (PIGAFETTA, 1994, p. 113).

Italiano: *patata americana*.

Português: batata-doce.

Análise do dado: BATATA-DOCE: tubérculo de uma erva da família das convolvuláceas (*Ipomoea batatas*), nativa das Américas. Pigafetta cita várias vezes a palavra batata na sua obra, mas referindo-se à batata-doce, somente em contexto do território brasileiro. Para Caraci (1991, 531, nota 8), a palavra *batata* é de origem aruaque, sendo essa a primeira menção da batata-doce em italiano. Decalque sinonímico com adaptação gráfica de número plural feminino em –e.

CANNE DOLCI loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] dove pigliassemo gran refresco de galine, batate, pigne molto dolci fruto in vero più gentil che sia, carne de anta como vaca, <canne dolci> e altre cose infinite, che lascio per non essere prolioso” (PIGAFETTA, 1994, p. 113).

Italiano: *canna da zucchero*.

Português: canas doces.

Citações na obra: p. 149, 177.

Análise do dado: CANA-DE-AÇÚCAR: planta herbácea da família das gramíneas (*Saccharum officinarum*), matéria-prima na produção de açúcar, álcool etc. Não especifica que tipo de cana é, mas pelo contexto adverte-se que se trata da cana-de-açúcar. Pesquisamos em todos os dicionários históricos italianos, mas não encontramos com esse significado, apenas a palavra *canna*, com outros significados, como, por exemplo, cana selvagem, gargalo de garrafa, canal etc. (Alberti, 1797, p. 336). Entrou para o italiano, sendo dicionarizado no Crusca/1863-1929 como *canna di zucchero*. Atualmente nos dicionários está registrada como *canna da zucchero*. Pigafetta utiliza a palavra *canne*, para se referir à cana-de-açúcar e também ao bambu. Anotamos porque ocorre em contexto brasileiro. Ver *canne grosse*. Decalque livre.

CANNE GROSSE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] come è mosto, bianco, dolce, ma un poco bruscheto, in <canne grosse> come la gamba e più: l’ atacano a l’arbore la sera per la mattina e la mattina per la sera. (PIGAFETTA, 1994, p. 128).

Português: cannas grossas.

Atestações na obra: p. 150, 165, 184.

Análise do dado: ver **canna de Índia** em Varthema.

CROCE DE CINQUE STELLE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Quando èramo in questo golfo vedessimo una <croce de cinque stelle> lucidissime, dritto al ponente e sono giustissime una con l'altra” (PIGAFETTA, 1994, p. 125).

Italiano: *cinque stelle lucidissime*.

Português: cinco estrelas lucidíssimas.

Análise do dado: ver **4 o 5 stelle** em Varthema.

FIGHI LONGHI UNO PALMO loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Mangiano cochi, batate, ucceli, <fighi lunghi uno palmo>, canne dolci e pesci volatori con altre cose” (PIGAFETTA, 1994, p. 127).

Italiano: *banana*.

Português: figos longos um palmo.

Citações na obra: p. 127, 134, 135, 149, 150, 153; *figaro*: 127, 131; 189; *fighi lunghi mezo brazo*: p. 135, 137, 153 etc .

Citações em outros autores: Varthema, p. 112.

Análise do dado: BANANA: fruto da bananeira, do gênero *Musa*. Dalgado (1919/21, p. 394) explica as diversas formas por que é conhecida essa unidade lexical no período das grandes navegações: plátanos, figo da Índia e finalmente banana. Varthema utiliza o termo do malaiala *malapolanda* para nomear banana (cf. Pozzi, 1991, p. 1084). Hoje, essa unidade lexical está dicionarizada em italiano como *banana*. Carletti a nomeia como *figos* e também como *bananas*. Ardizi denomina a banana *muse*. Na obra aparece diversas vezes apenas como *fichi* e, em outras, especificando o tamanho: *fichi lunghi un palmo* (bananas do tamanho de um palmo), *fichi lunghi mezzo braccio* (bananas do tamanho de meio braço). Na página 182 nomeia um prato preparado à base de bananas, “uma sua comida de figos, o qual chamam *chanali*”¹⁹⁶. Christoforo Acosta (1585, p. 56) registra um belo desenho da planta da banana, quando ainda era denominada *fichi dell'India* (cf. Fig. 10). Pozzi (1994, p. 265) assegura que a palavra *figaro* (p. 127) é um venetismo, mas que no texto é utilizada com o sinônimo de banana. Decalque livre. Ver **malapolanda** em Varthema e **muse** em Ardizi.

¹⁹⁶ “un suo mangiare de fighi el quale chiamano chanali”.

Figura 10 - Figos da Índia¹⁹⁷ (banana)

GATI MAIMONI loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: Hanno infinitissimi pappagalli e ne danno 8 o 10 per uno speco, e <gati maimoni> piccoli; fati come leoni, ma ialli, cosa bellissima. (PIGAFETTA, 1994, p. 114).

Italiano: *bertuccia*.

Português: Referente linguístico: mico leão.

Análise do dado: MICO-LEÃO: designação do macaco da família dos Calitriquídeos, comumente conhecido como sagui. O animal que Pigafetta descreve como semelhante a um leão de cor amarela e chama de *gatti maimoni* (*maimone*, do espanhol *maimón*, macaco) é o primata do gênero *Callithrix* (*Leontopithecus Rosalia*), o mico-leão-dourado, que tem o seu *habitat* na região entre o Rio Doce, no Espírito Santo, e o sul do Estado do Rio de Janeiro (Auricchio, 1995, p. 85), sua taxonomia ainda não havia sido descrita cientificamente. Esta descrição foi feita somente em 1766 por Lineu. O mico-leão-dourado era um dos muitos animais que os índios criavam como animal de estimação. O popular sagui tem outros nomes em português: mico-leão-dourado, sagui-amarelo, saguipiranga, sauim-piranga etc., os últimos de origem tupi, divergindo também nas cores. Manfroni (1929, p. 86) declara que se trata de uma espécie de macaco. Pozzi (1999, p. 261) comenta que são macacos leoninos do Brasil meridional que possuem uma grande crina. Na realidade, a crina é semelhante à do leão, mas pequena e graciosa.

¹⁹⁷ Figura extraída de: ACOSTA, 1585, p. 56.

LOVI MARINI loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Questi <lovi marini> sono di diversi colori e grossi come viteli e el capo como loro, con le orecchie piccole e tonde e denti grandi. Non hanno gambe se non piedi, tacade al corpo simile a le nostre mani, con onghie piccole e fra li diti hanno quella pele che hanno le oche” (PIGAFETTA., 1929, p.116).

Italiano: *otaria orsina sudamericana*.

Português: lobos-marinhos.

Citações na obra: p. 122; *lupo m.*: p. 123.

Análise do dado: LEÃO-MARINHO: mamífero pinípede (*Otaria jubata*), com pequenas orelhas externas, nadadeiras posteriores que ajudam na locomoção. Espécie comum no Atlântico Sul, o leão-marinho habita da costa do sul do Rio Grande do Sul até o Chile, mas a grande parte dessa população encontra-se na costa do Uruguai, como bem mostra Pigafetta. Atestado em D’Agostino (1994, p. 811). Decalque livre.

OCCATI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Questi <occati> sono negri e hanno tute le penne ad un modo, così nel corpo come nelle ale. Non volano e vivono de pesse. Erano tanti grassi che non bisognava pellarli ma scortigarli. Hanno lo beco como uno corvo” (PIGAFETTA, 1994, p. 116)

Italiano: *anatra*.

Português: patos.

Citações na obra: com referência ao pinguim, somente essa.

Análise do dado: PINGUIM: designação comum a várias espécies de aves marinhas que ocorrem apenas no hemisfério sul. Pigafetta chama de *occati* (palavra vêneta para designar patos), mas, pelo contexto sabe-se que está falando do pinguim (*Spheniscus magellanicus*). Cita a palavra mais duas vezes na Relazione/P: a primeira em terras brasileiras, com o significado real, quando trocam com os índios “un petine per uno paro de occati” (um pente por um par de patos, 1994, p. 113), e no Vocabulário dos povos mouros, *occato* (p. 177). Decalque livre.

PANE ROTONDO BIANCO loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Fanno <pane rotondo bianco> de medola de arbore, non molto bono, che nasce fra l'arbore e la scorza ed è come recotta” (PIGAFETTA, 1994, p. 114).

Italiano: –

Português: pão redondo branco. Referente linguístico: beiju.

Análise do dado: BEIJU: biju, espécie de bolo (ou pão) feito com a massa da mandioca assada, alimento típico dos índios brasileiros. Como no contexto o autor fala da alimentação dos nossos índios, pode-se supor que o viajante esteja falando do alimento comum aos índios da costa, a tapioca ou o beiju, feitos à base de mandioca ou do polvilho extraído desta. Pigafetta pode ter feito confusão entre os índios brasileiros e patagônicos porque, mais adiante, falando dos indígenas da Patagônia, escreve: “[...] e mostrando-lhes (aos tripulantes) pó branco de raiz de erva, colocado em bacias de terra, que a comessem, pois não tinham outra coisa”¹⁹⁸ (PIGAFETTA, 1994, p. 117). Contudo, ao falar da alimentação dos nossos índios, cita uma planta que existe apenas na Patagônia. A descrição é clara: “fazem pão redondo branco de miolo de árvore, não muito bom, que nasce entre a árvore e a casca e é como ricota”¹⁹⁹ (PIGAFETTA, p. 114, grifo nosso). Pela descrição que faz, trata-se de um parasita (*Cyttaria darwinii* Berk) presente nas faias (espécie de carvalho) da Patagônia, descrito pela primeira vez por Charles Darwin e conhecido como *pão de índio*, que servia de alimento aos índios Tehuelche. Não se tem conhecimento desse parasita, nem desse tipo de alimento, no Brasil. Decalque livre.

PIGNE MOLTO DOLCI loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] dove pigliassemo gran refresco de galine, batate, <pigne molto dolci> fruto in vero più gentil che sia, carne de anta como vaca, canne dolci e altre cose infinite, che lascio per non essere proliso” (PIGAFETTA, 1994, p. 113).

Italiano: *ananás/ananasso*.

Português: pinhas muito doces.

Análise do dado: ABACAXI: planta da família das bromeliáceas (*Ananas comosus* L. Merrill), nativa do Brasil. Não se trata de uma pinha (planta da família das anonáceas), mas do abacaxi ou ananás, da família das bromeliáceas. O autor utiliza a palavra pinha para fazer a comparação descritiva a seu leitor, pois ainda não sabe o nome. A palavra *ananas* entrou para a língua italiana vinda do tupi *ananá/nana*. Outros viajantes, como Sasseti, por exemplo, se referem ao abacaxi como *pigne dolci* e como sendo uma das melhores frutas que existe, assim como Pigafetta relata na atestação que o abacaxi “é o fruto verdadeiramente mais delicado que exista”²⁰⁰. Carletti (1969, p. 217) afirma que os castelhanos chamavam o abacaxi de

¹⁹⁸ “[...] e mostrandoli polvere bianca de radice de erba, poste in pignate de tera, che la mangiasseno, perché non avevano altra cosa”.

¹⁹⁹ “Fanno pane rotondo bianco de medola de arbore, non molto bono, che nasce fra l’arbore e la scorsa e è como recotta”.

²⁰⁰ “fruto in vero più gentil che sia”.

pignas. O mesmo ocorre com vários outros *Ecasuals*: o referente linguístico ainda não existe, porém, ao descrever o objeto, é dado um conceito subjetivo *pigne molto dolci* (pinhas muito doces), que remete ao conhecimento de mundo do viajante. Decalque livre.

RODE GRANDE loc. subs. *Objetos de uso*.

Atestação: “Se vesteno de vestiture de piume di papagalo, con <rode grande> al culo de le penne magiori, cosa ridicola” (PIGAFETTA, 1994, p. 114).

Italiano: –

Português: rodas grandes.

Análise do dado: ENDUAPE: adereço utilizado pelos índios tupinambás, uma espécie de fraldão de plumas de papagaio, em forma de roda, posto na região glútea. O autor faz uma analogia do enduape com a roda, pois o formato do enfeite é circular, portanto pode-se considerar decalque de roda, já que, em italiano, para esta palavra, usa-se *ruota*. Registra o *Ecasual* em português, mas com a adaptação morfológica de número em italiano do plural feminino em –e, quando em português o plural é formado em –s.

VINO DI PALMA loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Venere a 22 de marzo venirono in mezodì quelli omini, secondo ne avevano promesso, in due barche con cochi, naranzi, dolci, uno vaso di <vino di palma> e uno galo per dimostrare che in queste parte erano galine” (PIGAFETTA, 1994, p. 129).

Português: áraque.

Citações na obra: p. 149.

Citações em outros autores: Federici, *si fa del vino*: p. 27.

Análise do dado: trata-se da bebida conhecida como áraque. Ver **urrache** em Da Empoli.

5.5 POMPEO ARDIZI

Para a compilação das ocorrências da obra de Pompeo Ardizi utilizamos a transcrição da sua viagem, que se encontra em *Scopritori e Viaggiatore del Cinquecento e del Seicento*, de Caraci (1991), intitulada *Viaggio a Madera e alle Azzore* (doravante Viaggio/A). O material para a biografia sobre o viajante italiano é reduzido: as poucas referências sobre ele encontram-se somente em bibliotecas de Roma e Florença, algumas notas inseridas no interior de um dicionário histórico sobre arquitetura e engenharia e em uma coletânea de documentos sobre as relações culturais entre Portugal e Espanha. Tivemos que nos ater à obra de Caraci (1991), e a uma pequena nota que se encontra em Leone A. Maggiorotti (1939); a uma alusão à sua família feita por G. I. Montanari no *Giornale Arcadico di Scienze* (1843) e a uma monografia de Cencini (1986).

5.5.1 Ardizi, um arquiteto viajante no Reino de Portugal

Passámos a grande ilha da Madeira, (que do muito arvoredo assi se chama). Das que nós povoámos, a primeira, mais célebre per nome, que per fama: mas nem por ser do mundo a derradeira se lhes avantajam quantas Venus ama; antes sendo esta sua, se esquecera de Cypro, Gnido, Páphos, e Cythere (Os Lusíadas, canto V, 5).

Montanari (1853, p. 320-321), ao fazer um elogio a Curzio Ardizi, diz que a família dos Ardizi pertencia ao alto patriciado milanês e que se transferiu de Milão para Pesaro no fim do ano de 1466. O primeiro antepassado a habitar em Pesaro, Gasparrino, era médico e foi enviado por Francesco Sforza para atender o irmão Alessandro, então senhor dessa cidade. Do neto do primeiro Ardizi nascido em Pesaro, que se chamava Girolamo e da sua mulher Chiara degli Almerini, nasceram quatro filhos: Fabrizio, Curzio, Pompeo e Fabio. Caraci (1991, p. 744) acredita que Pompeo Ardizi pode ser parente afim e coetâneo dos filhos desse Girolamo, descendente direto de Gasparrino. Confrontando as datas e a afirmação de Montanari, pode-se concluir que ele é irmão de Curzio Ardizi. Uma nota com informações semelhantes encontra-

se em Nando Cecini que, além disso, informa ter sido Gualtieri Grossi a publicar, em 1880, o *Viaggio/A*:

Trata-se de um relatório de viagem em um país não nomeado, sob comissão do rei de Portugal. Teofio Betti escreve “Aconselho os amadores de História Natural a examinar o relatório desse nosso concidadão, o qual mesmo escrito sem elegância, pode ser vantajosa para seus estudos”²⁰¹ (CECINI, 1986, p. 348, aspas do autor).

O que é certo na sua biografia é que é engenheiro militar e, em 1567, viaja às Ilhas Madeira e Açores em companhia de outro italiano, Tommaso Benedetto da Pesaro, um arquiteto contratado pelo governo português para prover as defesas da ilha de São Miguel, a qual é mencionada longamente no seu *Viaggio/A*.

Tanto as ilhas dos arquipélagos da Madeira, quanto de Açores e de Cabo Verde assumem uma importância singular para as caravelas portuguesas, por dois motivos: o primeiro é pela localização estratégica desses arquipélagos, que permitia servir de escala para as expedições quando partem e retornam das colônias portuguesas. Após a longa travessia, as caravelas estão desabastecidas de víveres e de água e, muitas vezes, também necessitam de consertos. Muitos são os viajantes que relatam sobre a importância que essas ilhas possuem para a sobrevivência e proteção da tripulação (Pigafetta, Da Empoli etc.). O próprio Ardizi confirma:

[...] todas as naves que vêm das Índias, sejam orientais sejam ocidentais, do Brasil, de São Tomé [...], todas vem aqui para refazer-se de mantimentos de modo que parece que Deus tenha, miraculosamente, colocado essas ilhas no meio do Oceano para a salvação dos pobres navegantes, que muitas vezes aqui chegam, sem os mastros e sem as velas e às vezes sem mantimentos²⁰² (ARDIZI, 1991, p. 758).

O segundo motivo que justifica a necessidade do reforço militar nos arquipélagos é a riqueza transportada pelas caravelas e carracas, no retorno das possessões portuguesas. O ouro e muitos outros produtos coloniais são o objeto de cobiça dos corsários que infestam os mares. As caravelas são frequentemente saqueadas, quando se avizinham das ilhas da

²⁰¹ “Si tratta di una relazione di viaggio compiuto nel 1567, in un paese non nominato, su commissione del re del Portogallo. Teofio Betti annota «Consiglio gli amatori di Storia Naturale a riscontrare la relazione di questo nostro concittadino, a quale benché scritta senza elleganza, può essere vantaggiosa pe’ loro studii»”.

²⁰² “[...] tutte le navi che vengono dalle Indie così orientali, come occidentali, dal Brasile, da S. Tomé [...] tutte vengono quivi a riffarsi de’ mantimenti, in modo che e’ pare che Dio miracolosamente abbia posto queste isole in mezzo a questo gran Mare Oceano per salute dei poveri naviganti, che molte volte qui pervengono, quando senza arbori e senza vele e quando senza mantimenti”.

Madeira, Açores e Cabo Verde, por corsários franceses, holandeses e ingleses. Para evitar os ataques, geralmente os navios aportam nesses arquipélagos, à espera de uma ordem de Lisboa, ou então de outras armadas para seguir em comboios, ou melhor, em conserva – como dizem os viajantes – para ajudarem-se no caso dos ataques piratas. O viajante confirma esse procedimento: “[...] começamos a navegar alegremente, [...] além dos três navios da Índia e os outros três da armada, vinham conosco de conserva, para proteger-se dos corsários, outros vinte e cinco navios mercantis²⁰³ (ARDIZI, 1991, p. 762). Prover as ilhas do Atlântico de uma boa defesa é essencial para a salvaguarda dos navios que chegam das colônias, e também proteger as cidades, como acontece no saque ao arquipélago da Madeira feito pela frota francesa comandada pelo corsário Pierre-Bertrand de Montluc, em 1566 ou as sucessivas incursões de Francis Drake (1589) e Robert Devereux (1597) aos arquipélagos de Madeira e Açores²⁰⁴.

Ardizi, após a sua viagem à Madeira e Açores, em 1570, viaja para Évora, uma antiga cidade romana, toda murada, para continuar o seu trabalho de engenheiro. A cidade define-se como um ponto estratégico, pois situa-se na estrada que parte da fronteira com a Espanha e leva diretamente a Portugal. O rei, temendo um eventual ataque da coroa espanhola, que nesse período requeria parte dos domínios portugueses, resolve convocar engenheiros de diversas nacionalidades para reforçar as fortalezas e cidades do país. Cabe ao viajante italiano a tarefa de prover os meios de defesa da cidade de Évora, construindo uma espécie de bastião no castelo, que permite a instalação da artilharia de defesa direcionada em diversas frentes (MAGGIOROTTI, 1939, p. 118). Segundo Caraci (1991, p. 745), encontra-se conservado em um arquivo, na Torre do Tombo, um alvará datado de 30 de março de 1570, no qual consta o pagamento de 20.000 réis pelo trabalho desenvolvido por Ardizi. A partir dessa data, nada mais se sabe sobre a sua vida e a sua morte: fazem-se conjecturas, apenas, sem nada de concreto.

Gualtieri Grossi²⁰⁵ (apud CARACI, 1991, p. 745) em *Nota Illustrativa* (p. XIII-XVII) informa que Ardizi participa da batalha naval de Lepanto (em 7 de outubro de 1571), na qual é gravemente ferido e, transportado em Corfú, morre antes de 18 de dezembro. A autora acrescenta que não sabe em qual prova Grossi se baseou para afirmar isso. Concordamos com

²⁰³ [...] cominciamo a navigare alegremente [...] oltra le tre navi d’India e gli altri 3 legni d’armata, venivano com noi di conserva, per assicurarsi da’ corsari, venticinque altri navilli mercatanti”.

²⁰⁴ Informações disponíveis respectivamente em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Saque_do_Funchal; < <http://www.colegiovascodagama.pt/historia3c/drake.htm> >

e http://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Devereux,_2nd_Earl_of_Essex. Acesso: 20. Out. 2013.

²⁰⁵ GROSSI, Gualtierio. **Il viaggio che fece Pompeo Ardizi**. Pesaro: Stab. tip. G. Federici, 1880. Obra não consultada.

essa posição da autora, pois parece-nos duvidoso que no mês de maio ele estivesse em Lisboa concluindo o contrato de trabalho (e isso está documentado na Torre do Tombo) e em outubro lutando e morrendo em uma batalha na Grécia. É outro viajante que deixa a sua biografia incompleta, após nos brindar com uma interessante descrição das ilhas do Atlântico.

5.5.2 Viagem às ilhas da Madeira e ao Arquipélago dos Açores

Passadas tendo já as Canárias ilhas que
tiveram por nome Fortunadas, entrámos,
navegando polas filhas do vento Hespério,
Hespérides chamadas; terras por onde novas
maravilhas andaram vendo já nossas
armadas: alli tomámos porto com bom
vento, para tomarmos da terra mantimento
(Os Lusíadas, canto V, 8).

Caraci (1991, p. 747), na nota introdutiva, adverte que a carta de Ardizi se encontra mutilada, pois falta o endereço do destinatário, as saudações finais e não possui nenhuma referência pessoal. Deduz a autora que o texto conhecido seja apenas um trecho da carta, salvo ou transcrito por conta de Guidobaldo II, duque de Urbino. Apesar de não ter as saudações finais, a carta, ao descrever a viagem, contém ambas as indicações, as datas de partida e de chegada, que o autor deixa claras no texto: inicia a viagem no dia 6 de maio de 1567 e retorna no dia 3 de setembro, ao porto de Lisboa, após várias dificuldades. A carta é escrita quase sempre na primeira pessoa do plural: certamente ele inclui na sua narrativa o companheiro de viagem, Tommaso Benedetto da Pesaro, “o senhor Tomás”, como o nomeia no texto, um arquiteto contratado pelo governo português para fortificar a ilha de São Miguel contra a invasão dos piratas.

O *Viaggio/A* é uma narrativa de viagem breve e sintética, compatível com o homem que exerce a profissão de engenheiro militar. Segundo Caraci (1991, p. 747), Ardizi “coloca em resalto aquilo que acredita que seja essencial à pesquisa, deixando pouco espaço à divagação”²⁰⁶. Relata sobre a sua visita à ilha de Madeira – na qual permanece trinta e quatro dias – e ao arquipélago dos Açores, fazendo um giro pelas ilhas de São Miguel, Terceira, São Jorge e Faial.

²⁰⁶ “metti in risalto ciò che ritiene sia essenziale all’indagine, lasciando poco spazio alle divagazioni”.

A sua atividade, voltada às ciências matemáticas, faz com que seja metuculoso ao expor sobre a medida exata das distâncias entre as cidades, ilhas e outros acidentes geográficos, ao dar a latitude e longitude das ilhas, dos montes e dos vulcões. Tudo é assinalado, juntamente com dados sucintos sobre a população ou sobre o cultivo de produtos que se encontram nos sítios descritos. Vejamos como descreve a Ilha da Madeira:

Esta ilha de Madeira está situada a 32 graus $\frac{1}{2}$ longe da mais próxima ilha das Canárias, que se chama Lanzarote; [distante] da costa da África 100 léguas e de Lisboa 150; é montuosíssima, cheia de pedras, e abundantíssima de fontes de águas perfeitíssimas. [...] Esta ilha terá entre 13 e 14 mil almas; e é dividida em duas capitánias, uma chamada Funchal e a outra Machico, as quais são de dois senhores desse Reino, e são morgados²⁰⁷ (ARDIZI, 1991, p. 750-751).

O seu olhar técnico-profissional se concentra sobre as possibilidades de defesa das ilhas, fazendo uma crítica velada ao governo português, pelo abandono no qual deixa essa região estratégica. Sustenta, ainda, que o lugar poderia ser melhor e mais bem utilizado, seja para a defesa, seja para aproveitamento do solo, sobretudo para produção de alimentos, pois sendo vulcânico é ótimo para a agricultura:

[...] e é terreno que se dando atenção produziria vinhos boníssimos, pois mesmo inculto como é, encontram-se videiras que produzem excelentíssima uva. Esta ilha tão bela [...] da maneira que eu a descrevi, não é de modo algum útil ao Rei; se vê que, por falta de homens que soubessem demonstrar à sua Alteza a necessidade de haver aqui um porto assim como é esse para a sua armada, sendo que em todas estas ilhas não existe ninguém que possa invernar sem perigo; foi deixada desse modo, sem que ninguém se desse conta disso²⁰⁸ (ARDIZI, 1991, p. 756).

Ardizi relata que o Rei decidiu alargar a boca do porto, aconselhado pelo seu amigo Tommaso. Na realidade, segundo Caraci (1991, p. 756, nota 1), esse alargamento do porto foi efetuado somente em 1590, após Portugal ter passado sob o domínio da Espanha.

²⁰⁷ “Questa isola di Madera è situata a 32 gradi $\frac{1}{2}$; lungi dalla più propínqua isola delle Fortunate, che si chiama Lanzarot; dalla costa d’Africa leghe 100 e da Lisbona leghe 150; è montuosissima, sassosa molto e copiosissima di fonti d’acque perfettissime. [...]. Quest’isola farà al più da 13 in 14 mila anime; e è divisa in due capitanie, l’una chiamata Funciale e l’altra di Maccicco, le quali sonno di due signori di questo Regno, e sonno maiorgati.[...]”.

²⁰⁸ “[...] e è terreno che chi ci attendesse produrrebbe buonissimi vini, ché così incolto come egli è, vi sono delle viti che fanno uva eccellentissima. Questa così bella isoletta [...], nella maniera ch’io l’ho descritta, non facendo nessuno utile al Re; onde si vede che, per mancamento d’uomini che sapessero dimostrare a Sua Altezza la necessità che tiene in queste isole d’un porto come è questo per la sua armata, essendo che in tutte queste isole non ne tiene nessuno che vi si possa svernare senza pericolo, è stata lasciata in questa maniera senza farne più conto che tanto”.

Quanto à língua, os *Ecasuals* inseridos no texto são sempre portuguesesismos, não existindo palavras de línguas indígenas, pois Ardizi não viaja à colônias distantes, e sim a um lugar “redescoberto” e colonizado cerca de cem anos antes pelos portugueses. Poucos são os *Ecasuals* – mesmo porque se trata de uma carta de poucas páginas – que se referem ao âmbito semântico da navegação, da geografia, da fauna e flora. Embora essa pesquisa não abarque o léxico toponomástico, achamos interessante transcrever alguns, apenas a título de curiosidade. Na tabela abaixo colocamos o nome em italiano e a respectiva tradução em português:

Italiano	Português
Madera	Madeira (ilha)
Azzore	Açores (arquipélago)
Terzera	Terceira (ilha)
Graziosa	Graciosa (ilha)
Villa di Playa	Vila da Praia
Fayale	Faial (ilha)
Toppo	Topo (vila do)
Picco	Pico (ilha e monte do)
San Michele	São Miguel (ilha)
San Giorgio	São Jorge (ilha)

Analisando os topônimos verificamos que o autor os transcreve como os ouve, deduzindo que muitos deles, como por exemplo, *Villa (di Playa)*, deva seguir a grafia italiana, com o dígrafo **–l**, do italiano, e a transcrição da preposição portuguesa **da** na italiana **di**. A duplicação das consoantes repete-se em *Toppo* e *Picco* e em outros *Ecasuals*. Note-se a transcrição do **–c** português em **–z** italiano, como vemos em Açores, Terceira e Graciosa. O **–y** de Playa e Fayale é uma escolha de Caraci e Pozzi (1991, p. 1040) para a transcrição das palavras originalmente escritas em **–ij**. Outro dado a examinar são os ditongos que sofreram monotongação na sua transcrição em italiano, como no caso de *Madera* e *Terzera*. Alguns topônimos são decalques homonímicos como San Michele e San Giorgio (São Miguel e São Jorge).

5.5.2.1. *Ecasuals* em Ardizi

ALTURA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] ma poi voltandosi il vento a levante e poco dopo a scilocco e a mezzo di, ritornamo nella nostra <altura>” (ARDIZI, 1991, p. 762).

Português: altura.

Análise do dado: ver **altura** em Da Empoli.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] c’imbarcamo in una caravella ch’andava a ritrovar l’<armata> che, essendo cessato greco, che tanto l’avea tratenuta, e spirando un poco di tramontana, già s’era aviata alla volta di Portogallo” (ARDIZI, 1991, p. 762).

Citações na obra: p. 756, 759.

Português: armada.

Análise do dado: Ver **armata** em Varthema.

ARTIGLIERIA s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] si farà un forte in una parte della detta isoletta, dove vi possi stare <artiglieria> per difesa del porto, e una abitazione per un capitano. (ARDIZI, 1991, p. 756).

Português: artilharia.

Citações na obra: 757.

Análise do dado: ver **artegliaria** em Varthema.

BARRA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] finalmente entrammo dentro della <barra>, facendo molt’allegrezza, ringraziando il Nostro Signor Dio d’averci condotti a salvamento” (ARDIZI, 1991, p. 763).

Português: barra.

Análise do dado: ver **barra** em Da Empoli.

BRASIL s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che tutte le navi che vengono dalle Indie così orientali come occidentali, dal <Brasil>, da S. Tomà, dalla Mina, e da Capo Verde, tutte vengono quivi a rifarsi de’ mantimenti [...]” (ARDIZI, 1991, p. 758).

Português: Brasil.

Análise do dado: Ver **Bresil** em Da Empoli e **Verzino** em Corsali.

CAPITANIE s. f. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Quest’isola farà al più da 13 o 14 mila anime; e è divisa in due <capitanie>, l’una chiamata del Funciale e l’altra di Maccicco le quali sonno di due signori [...]” (ARDIZI, 1991, p.750-751).

Italiano: –

Português: capitánias.

Citações na obra: *capitania/e*: 751, 753.

Análise do dado: CAPITANIA HEREDITÁRIA: unidade administrativa, imposta em algumas colônias, nas primeiras décadas da conquista portuguesa (entre 1532-1549). As terras de cada capitania hereditária eram doadas a indivíduos da nobreza ou próximos ao rei, e tais donatários adquiriam o direito (transmissível por herança) de explorá-las e ficavam responsáveis pela sua defesa, ocupação e colonização (Aulete). Atestado em Caraci (1991, p. 750, nota 6), que comenta a história da instauração das capitánias, *capitania-doação* como as denomina, e da importância que teve no Brasil colonial. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural feminino em –e.

CAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] montammo su un gallione, dove fummo bene acomodati dal <capitano> d’esso” (ARDIZI, 1991, p. 762).

Citações na obra: p. 756, 760.

Português: capitão.

Análise do dado: ver **capitaneo** em Varthema.

DISEMBARCATI verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] pervenimmo al tardi alla città di Punta Delgada; dove <disembarcati>, dimorammo da 40 giorni ne l’isola, nel qual tempo la cavalcammo quasi tutta” (ARDIZI, 1991, p. 753).

Italiano: *sbarcare*.

Português: desembarcados.

Análise do dado: DESEMBARCAR: sair ou retirar algo ou alguém de uma embarcação. Não encontramos nos linguistas italianos como sendo do português, contudo podemos verificar que segue o mesmo padrão observado em outras formações prefixais semelhantes. Ver a explicação dada para essa tipologia de interferência em **dischoprire** em Da Empoli.

FIDALGO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Questa isola di S. Michele è tutta una capitania e maiorgato d’un <fidalgo> di questo Regno” (ARDIZI, 1991, p. 757).

Português: fidalgo.

Análise do dado: ver **fidalchi** em Da Empoli.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Questa <fortuna> durò tutto questo giorno e la notte; ma il dì venente, che fu il martedì il vento cominciò a mancare e si voltò a maestro” (ARDIZI, 1991, p. 763).

Português: fortuna.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FUNCIO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] alla tarde arrivamo a Funciale, città di Vescovato, così detta perché ivi, quando primieramente comminciarono ad abitare, era tutto piena di finocchio, che i Portoghesi chiamano <funcio>” (ARDIZI, 1991, p. 750).

Italiano: *finocchio*.

Português: funcho.

Análise do dado: FUNCHO: erva da família das umbelíferas (*Foeniculum vulgare*) utilizada, sobretudo em condimentos e chás medicinais. Atestado em Caraci (1991, p. 750, nota 3) como sendo do português *funcho*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética na substituição de fonema português /x/ para /tʃ/ em uma normal italianização desse fonema.

FURNE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Dicono che due leghe lungi da quella terra chiamata Villa Franca, adentro della montagna, vi sono certe <furne> sulfuree di dove escono, quase d’un medesimo loco, due fiumicelli d’acque [...]”(ARDIZI, 1991, p. 755).

Italiano: *grotta*.

Português: furnas.

Análise do dado: FURNA: cavidade natural de grande dimensão, muitas vezes com água, gruta, caverna. Ardizi fala das furnas existentes nos Vale das Furnas, na ilha de São Miguel, onde existem várias nascentes termais e as caldeiras, algumas das quais com gêiseres. Não encontramos em italiano um significado exato para essa formação geológica, apenas a palavra

grotta. Atestado em Caraci (1991, p. 755, nota 1) conforme o português *furna*. Decalque homonímico com adaptação gráfica de plural feminino italiano em **-e**.

GHINDAMMO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] per il che non dubbitando più di dare in terra con questo vento, <ghindammo> l’antenne e al vento demmo le vele ch’erano state un giorno e due notte amainate” (ARDIZI, 1991, p. 763).

Italiano: *sollevare, alzare*.

Português: *guindamos*.

Análise do dado: GUINDAR: levantar de baixo para cima, içar. Atestado em Caraci (1991, p. 763, nota 4) do português *guindar*. Decalque homonímico com adaptação gráfica do dígrafo **-gh** em uma italianização do encontro consonantal **-gu**. Adaptação morfológica formal, com a flexão do passado remoto de 1ª. conjugação italiana em **-ammo**.

LAPPAS s. f. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] cogliendo certe cosette che stanno in sulle pietre, come lumache, che qua si chiamano <lappas>, e di queste, cotte ne l’acqua, ci mantenevamo” (ARDIZI, 1991, p. 761).

Italiano: *patella*.

Português: *lapas*.

Análise do dado: LAPA: nome comum a vários moluscos gastrópodes patelídeos (*Patella vulgata*) presentes no Mediterrâneo, Atlântico e Adriático. São moluscos com menos de 8 cm. que vivem nas rochas e alimentam-se de algas. Atestado em Caraci (1991, p. 761, nota 3) como sendo do português *lapa*. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo **-p** em uma hipercorreção gráfica. Interessante que Ardizi não emprega o plural em italiano como todos os outros viajantes, mas algumas vezes o plural em português **-s**.

LEGA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] di maniera che la più grande non eccede di lunghezza una <lega> e non è più larga d’un tiro d’arcabugio” (ARDIZI, 1991, p. 750).

Citações na obra: *lega/leghe*: p. 752, 753, 754, 757 etc.

Português: *légua*.

Análise do dado: ver *leghe* em Corsali.

MAIORGATI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] l’una chiamata del Funciale e l’altra di Maccicco le quali sonno di due signori di questo regno, e sonno <maiorgati> che vanno d’erede e hanno d’entrata la decima del Re[...]” (ARDIZI, 1991, p.750-751).

Italiano: *maggioraschi*.

Português: *morgados*.

Citações na obra: p. 757, 758.

Análise do dado: MORGADO: conjunto de bens indivisíveis, vinculados e transmitidos de geração em geração ao filho primogênito. Caraci (1991, p. 751, nota 2) atesta ser do português antigo *mayorgado*, contudo podemos considerar um iberismo, pois o étimo é do latim *maiorcātus* “filho mais velho” e entrou na nossa língua através do espanhol. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo **-ato**, normal italianização do sufixo português **-ado**.

MANTIMENTI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che tutte le navi che vengono dalle Indie così orientali come occidentali, dal Brasil, da S. Tomà, dalla Mina, e da Capo Verde, tutte vengono quivi a rifarsi de’ <mantimenti> in modo che e’ pare che Dio miracolamente abbia posto queste isole in mezzo a questo Mare Oceano per salute dei poveri naviganti” (ARDIZI, 1991, p. 758).

Português: *mantimentos*.

Citações na obra: p. 759.

Análise do dado: ver **mantimento** em Da Empoli.

MUTAZIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e così navigammo con buonissimo tempo 4 giorni senza veder terra, facendo il vento felice <mutazione>, quando in greco e quando in tramontana” (ARDIZI, 1991, p. 749).

Análise do dado: Ver **mutazione** em Da Empoli.

PICCO s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Dopo il qual terremoto la più alta parte di detto <picco> s’aperse con grandissimo strepito e cominciò a gettare grandissima quantità di fuoco [...]” (ARDIZI, 1991, p. 760).

Italiano: *cima*.

Português: *pico*.

Análise do dado: PICO: ponto mais elevado de um monte, em forma de cone; cume. Esse *Ecasual* aparece na mesma página como toponomástico, a Ilha do Pico, mas nessa atestação é referente ao acidente geográfico. Atestado em Caraci (1991, p. 760, nota 3) como sendo do português *pico*. GDLI (1961, v. XIII, p. 355) registra a entrada *picco*, com o significado de cume, com a datação de 1957. Encontramos também em Balbi o *Ecasual pico*, significando medida de peso. Decalque homonímico com adaptação gráfica e acréscimo do dígrafo –c em uma hipercorreção gráfica.

REGIMENTO s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] ci imbarcammo in una garavellina per andare a l’isole di S. Giorgio e del Fayale, le quali per <regimento> di Sua Altezza era necessário vedere, sperando perché allora spirava greco a noi favorevole” (ARDIZI, 1991, p. 759).

Português: regimento.

Análise do dado: Ver **reggimento** em Da Empoli.

SCRITTORII s. m. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] e quivi si fanno di molto belli <scrittori> di legname molto eccellente” (ARDIZI, 1991, p. 759).

Italiano: *scrivania*.

Português: escritórios.

Análise do dado: ESCRIVANINHA: móvel destinado ao uso da escritura, no qual podem ser armazenados papéis, documentos etc. A palavra escritório com o sentido de móvel era utilizada nesse período: a encontramos registrada no Bluteau e no Morais Silva, contudo atualmente escritório tem o significado de “móvel destinado à leitura e ao ato de escrever” (Houaiss). Encontramos em italiano com o significado de móvel, contudo para Caraci (1991, p. 759, nota 1) é conforme o português *escritórios*. Decalque sinonímico com adaptação morfológica formal e fonética com perda do fonema inicial –e com acréscimo do dígrafo –t em uma hipercorreção gráfica; adaptação gráfica de número plural masculino em –i.

5.5.2.2 UFcasuals em Ardizi

ALLA TARDE loc. adv. *Outros*.

Atestação: “Di li poi andammo costeggiando una parte dell’isola di Madera, per insino che <alla tarde> arrivamo a Funciale, città di Vescovato [...]” (ARDIZI, 1587, p. 750).

Português: à tarde.

Análise do dado: ver **sopra la tardi** em Da Empoli.

AMAINAMMO [...] LE VELE s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e tuttavia venendo più furioso, la notte <amainammo tutte le vele>, e voltammo la proua al vento per dubbio di non dare in terra”(ARDIZI, 1991, p. 762).

Português: amainamos todas as velas.

Citações na obra: p. 763.

Análise do dado: Ver **amainano** em Varthema.

BARCA DELLA CARRERA loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Partimo poi di questa isola per la Terzera a’ 28 di luglio, un lunedì a notte, in un navilietto piccolo, chiamato la <barca della carrera>, perché non fanno altro viaggio che questo” (ARDIZI, 1991, p. 757, grifo do autor).

Italiano: –

Português: barca da carreira.

Análise do dado: BARCA DE CARREIRA: navio ou barca de carreira utilizado para transporte marítimo mercantil que faz viagens periódicas entre dois portos. Atestado em Caraci (1991, p. 757, nota 2) como do português *barca da carreira*. Decalque homonímico aproximativo com adaptação gráfica e fonética da preposição italiana *della* e com perda do fonema –i.

CORREGIDOR DEL RE loc. subs. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e la terra principale è la città di Angra, la quale è vescovato e capo di tutte queste altre isole; ivi reside il <corregidor del re>, che governa” (ARDIZI, 1991, p. 758).

Italiano: *corregitore, pretore*.

Português: corregedor do rei.

Análise do dado: CORREGEDOR DO REI: autoridade com superintendência administrativa e judicial nas comarcas e colônias de Portugal. Apesar de existir essa mesma palavra em italiano, o sentido dado no texto, é do português. Atestado por Zaccaria (1927, p. 133) como do espanhol e do português *corregidor*. Decalque aproximativo do português.

MONTI FURATI loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Qui ancora si vedono vestigii di material convertiti in pietra, che corsero, e vi sono di molti <monti furati> come in S. Michele” (ARDIZI, 1991, p. 758).

Italiano: *monti bucati*.

Português: montes furados.

Análise do dado: MONTE FURADO: monte com aberturas provocadas pela movimentação sísmica ou explosões do vulcão; fendas. O arquipélado dos Açores é de formação vulcânica e a Ilha Terceira é caracterizada pela constante atividade sísmica, o que provocaria esse tipo de formação topográfica.²⁰⁹ Atestado em Caraci (1991, p. 758, nota 2) vindo do português *furar*. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –i.

5.5.2.3 Proto/nomcasuals em Ardizi

LAGO D’ACQUE NEGRISIME loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Dicono ancora ch’ivi è un piano, in mezzo del qual esta un <lago d’acque negrissime> che di continuo bolleno, dalle quale escono un grandissimo puzzore” (ARDIZI, 1991, p. 755).

Italiano: *lago di acque nerissime*.

Português: lago de águas negríssimas.

Análise do dado: CALDEIRA: depressão causada pelo abaixamento do cone de um vulcão, conhecida pelo nome de caldeira vulcânica. As caldeiras podem ter dimensões e formas diversas, mas tendem geralmente a se amalgamar à forma da cratera vulcânica. No caso específico de Ardizi, são as formações topográficas existentes em quase todas as ilhas do arquipélago dos Açores, derivadas da erupção e assentamento de vulcões que formam lagoas ou caldeiras de água quente (Lagoa do Caldeirão da ilha do Corvo; a Caldeira das Sete Cidades, na Ilha de S. Miguel etc.). Como Ardizi está falando da topografia da ilha de São Miguel, provavelmente refere-se ao vale das Furnas, onde brotam os gêiseres com águas ferventes e lama sulfurosa finíssima (o que explicaria o mau cheiro de que ele fala) de cor

²⁰⁹ Informação disponível em: <<http://www.cics2012.uac.pt/docs/excursao.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2012.

cinzenta-escuro.²¹⁰ Caraci (1991, p. 755, nota 2) alude às *caldeiras*, tais como a Caldeira Grande e a de Pêro Botelho. Decalque livre aproximativo.

MUSE s. f. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “È molto copiosa di frutti d’ogni sorte, e fra gli altri vi sonno delle <muse>, di quella sorte che alle volte vengono di Cipro a Venezia” (ARDIZI, 1991, p. 751).

Italiano: *banana*.

Português: bananas.

Citações em outros autores: Federici: p. 76.

Análise do dado: MUSE designação dada pelo autor à banana. Ardizi e Federici são os que utilizam o *Ecasual muse* para significar banana. Ver **fighi lunghi uno palmo** em Pigafetta e **malapolanda** em Varthema.

²¹⁰ Informação disponível em: <<http://ria.ua.pt/bitstream/10773/4993/1/189896.pdf> ver pdf>. Acesso em: 07 nov. 2012.

5.6 CESARE FEDERICI

Para a compilação das ocorrências de Cesare Federici utilizamos a obra *Viaggio di M. Cesare de i Federici, nell'India Orientale, et oltra l'India* (doravante Viaggio/F). O texto dessa obra é publicado pela primeira vez em 1587, em Veneza, por Andrea Muschio. O mesmo texto, baseado na edição de Muschio, é incluído por Ramusio, na antologia *Delle Navigationi et viaggi*, em Veneza, em publicação de Tommaso Giunti no ano de 1606. Curiosamente não é publicado no primeiro volume, mas no terceiro, no apêndice. Além dessas obras, utilizamos como referência a excelente publicação feita por Olga Pinto (1962), que contém uma introdução muito bem contextualizada historicamente, sobre o período no qual ocorre a viagem de Federici. Toda a edição Pinto é enriquecida por um esmerado comentário de cada passagem histórica, lexicográfica e cultural da obra. Como apoio nos valem também de Caraci (1991). Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1587, sem modificações, apenas transcrevendo em e o sinal gráfico &, que representa esta letra.

5.6.1 Cesare Federici, peripécias de um viajante desafortunado

E se buscando vas a mercadoria, que
produze o aurífero Levante, canella, cravo,
ardente especiaria, ou droga salutífera, e
prestante; ou se queres luzente predaria, o
rubi fino, o rígido diamante; d'aqui levarás
tudo tam sobejo, com quem faças o fim a teu
desejo (Os Lusíadas, canto II, 4).

O período no qual Federici chega ao Oriente é marcado pelo ápice da dominação portuguesa no Oriente. Detém, o reino lusitano, os pontos chaves do comércio marítimo mundial. São portugueses os maiores entrepostos, localizados nas cidades de Sofala, Mombasa, Ormuz, Goa e Malaca, além de outras cidades de importância menor. A supremacia nos mares faz com que os portugueses cometam um erro de logística pontual: fixar seus domínios somente nas cidades costeiras, deixando o interior do país nas mãos dos nativos. As

terras interioranas são as verdadeiras detentoras da produção de quase todas as mercadorias negociadas nos portos, e ali reside o desenvolvimento futuro, fator que é sabiamente aproveitado pelas populações autóctones. O fato de os portugueses desfrutarem somente o comércio nas cidades ao longo das costas leva Sassetti a chamá-los jocosamente de *battiplajas*, isto é, bate-praias.

A condução dessa postura política constitui-se em erro fatal para a nação lusa e contribuirá para a derrocada do império. Paralelamente a toda essa problemática, soma-se ainda o aumento da corrupção entre os funcionários; o aumento das despesas para equipar novas frotas; a falta de uma política financeira dirigida a um reinvestimento maior e duradouro nas colônias, que permitiria um melhor aproveitamento das riquezas por elas geradas. Há, além disso, uma mudança de mentalidade por parte da iniciativa privada, seja dos investidores europeus, seja dos ex-funcionários portugueses que – constatando as riquezas existentes muito além da Índia – estende o seu comércio em direção ao Extremo Oriente (Indochina, China, Japão), com a finalidade específica de desfrutar as potencialidades existentes nessas novas regiões, até então pouco exploradas (Caraci (1991, p. 799). A autora acrescenta que outro fator importante vem juntar-se aos já existentes: a ampliação das rotas de comércio, pela abertura do caminho terrestre, através do Mar Vermelho (a Rota da Mesopotâmia, conhecida como a rota das Especiarias). Essa nova rota dá aos venezianos, antigos detentores desse comércio no Mediterrâneo, a possibilidade de retomar e desenvolver a uma nova atividade comercial e não mais depender de Portugal. O mercante veneziano, habituado ao comércio desde tempos remotos pode, enfim, adequar-se a essa nova conjuntura e concorrer com Portugal na mesma medida.

É nesse ambiente que surge uma nova categoria de viajantes, repletos de iniciativas e estimulados pelas novas perspectivas de grandes negócios: aqueles que, com espírito empreendedor, possuidores de uma nova mentalidade mercantil, começam a frequentar as colônias portuguesas com o intuito de comerciar. Entre eles, destacam-se Cesare Federici e Gasparo Balbi, homens movidos pela busca de lucros fáceis que se aventuram pelo desconhecido, negociando na Índia, Birmânia, Malaca, Macau, Ceilão, Sião e outros lugares.

Cesare Federici ou Cesare de' I Federici, como ele expõe no frontispício da primeira publicação do seu relato de viagem, é oriundo de Erbanno, em Val Camonica, pertencente, naquele tempo, a Veneza. Nasce por volta de 1530, filho de Girolamo Federici, e tem três irmãos: Bartolomeo, Giovanni Antonio e Tommaso. Casa-se com Orsa Magnano, mas não deixa filhos, pois a nomeia herdeira dos seus bens, que não são poucos. Na morte desta, a herança passaria aos seus quatro sobrinhos, filhos de Bartolomeo e Giovanni Antonio. O seu

patrimônio constitui-se de várias propriedades e 5.470 ducados e créditos no valor de outros 1490. (PINTO, 1962, p. XXIII).

Pelos seus dois testamentos escritos, o primeiro datado de 4 de abril de 1590 e o segundo de 4 de setembro de 1599, sabe-se que, ao retornar do Oriente, reside, primeiramente, na Paróquia de São Pantaleão em Veneza e, mais tarde, no distrito de Santa Cruz. Sabe-se também que dispõe de uma razoável riqueza, podendo ser considerado, segundo Caraci (1991, p. 800), uma pessoa da burguesia, um *cittadino*, classe social que, “depois do gradual afastamento da aristocracia da prática mercantil, constituía em Veneza a espinha dorsal do mundo mercantil”²¹¹.

Joalheiro de profissão, é esse o motivo que o leva ao Oriente, em uma viagem cheia de peripécias, perigos, doenças e dificuldades, que dura de 1563 até 1581. Um herói sujeito às forças dos elementos: quando não era o mar a tomar o que lhe pertence, é roubado por corsários ou fraudado pela própria cupidez. Tudo lhe acontece: roubos, perdas, negociatas desastradas, tempestades, desvios de rota, mortes e outros acontecimentos desagradáveis. Homem de negócios, aposta e perde em especulações erradas, começa e recomeça do zero, adia mais de uma vez a viagem de volta. Sua força de vontade supera tudo: a sua engenhosidade e destemor o fazem recuperar e redobrar o que perdeu: um caráter indomável, que não se deixa abater pelas vicissitudes. Labuta durante 18 anos, em batalhas constantes, para conseguir riqueza, objetivo a que se propôs quando iniciou a viagem. É, antes de tudo, um homem de negócios, que sabe ver as circunstâncias favoráveis quando estas se apresentam, reconhecendo quando o momento é oportuno, como narra ele, no fechamento do seu Viaggio/F:

[...] digo que daqueles lados da Índia existem países muito bons, por isso é fácil com pouco fazer muito. Somente é necessário fazer-se conhecer por homens de bem, pois a estes não faltam capacidades administrativas para fazer tudo muito bem; mas quem é vicioso que não vá, porque será sempre pobre e mendigo²¹² (FEDERICI, 1587, p. 173-174).

O motivo da viagem, como já dissemos, é a de fazer fortuna com a compra de pedras preciosas obtidas no Oriente, onde esse comércio é particularmente ativo, sobretudo na Índia e em Pegu, cidade da Birmânia. A procura de pedras preciosas, rubis e pérolas é motivo

²¹¹ “dopo il graduale distacco dell’aristocrazia dalla pratica della mercatura, costituiva a Venezia il nerbo del mondo mercantile”.

²¹² “[...] dico que quelle parti dell’India sono paesi molto buoni, percioche è facil cosa di niente fare assai. Solo bisogna essere e farsi conoscere per huomini da bene, perché a tali non mancano maneggi da fare assai bene; ma chi è vitioso no vi vada, perché sarà sempre povero e mendico”.

suficiente para que um conhecedor de joias, como ele, se arrisque a viajar tão longe. Somando-se a esse motivo, está “desejoso de ver as partes do Levante”²¹³ (FEDERICI, 1587, p. 1). Embarcando no navio Gradeniga, viaja para a ilha de Chipre e mais tarde segue pela rota do Rio Eufrates.

A cronologia da sua viagem é muito difícil de precisar, pois quase não há datas no seu relato e as viagens entre a Índia, o Sião e a Birmânia acontecem muito frequentemente. Parte de Veneza em 1563, não se sabe em qual mês, com muito pouco para negociar, apenas 1.200 ducados, investidos em mercadorias, que são perdidas no início da viagem, em um assalto à caravana na qual despachou a sua carga para Alep. Viaja, portanto, somente alguns objetos, que os assaltantes não levam, por pensarem que sejam apenas vidro, presumindo ser de pouco valor; e acrescenta: “com somente o capital desses poucos vidros, pus-me a fazer a viagem à Índia”²¹⁴ (FEDERICI, 1587, p. 168).

De Trípoli viaja para Alep e Birecik (a Bir de Federici); segue viagem no Rio Eufrates, em um barco apropriado ao transporte de mercadorias, com o fundo chato, para evitar as pedras e os lugares rasos do rio. Chegando a Faluja atravessa de caravana o deserto até a cidade de Bagdá e desta, novamente de barco, desce o Rio Tigre. Em todos os lugares que passa, descreve as cidades que margeiam os rios. Fala sobre os perigos de serem assaltados pelos “ladrões formigueiros”, nome dado aos assaltantes árabes, que não matam os viajantes, mas roubam todas as mercadorias. A descrição dessa viagem é realmente interessante; o leitor acompanha com verdadeira apreensão as dificuldades na travessia dos rios, as corredeiras, o perigo de afundar ou virar a carga da barça. Federici, apesar de todos os problemas, não deixa também de perceber os detalhes da paisagem: quais as atividades desenvolvidas nos campos que margeiam os rios, como são construídas as cidades, o povo que ali habita.

Chegando a Basra, toma um grande navio para a ilha de Ormuz, domínio lusitano desde a conquista de Alfonso de Albuquerque. É prática da Coroa Portuguesa deixar que as colônias mantinham o seu próprio rei, que é “eleito” em nome do rei de Portugal. Federici assiste a essa eleição e explica que o Rei de Ormuz, escolhido entre a nobreza local, possui apenas um cargo figurativo, não tendo liberdade de ir e vir, sem a licença explícita do governador. De Ormuz parte para Goa, em um navio que leva cavalos à Índia, fato que muito o alegra, pois essas embarcações não estão sujeitas ao pagamento do tributo imposto à todas as naus que trafegam pelos mares da região.

²¹³ “desideroso di vedere le parti del Levante”.

²¹⁴ “con questo solo capitale di questi pochi vetri, mi posi a far il viaggio dell’India”.

No início de janeiro de 1566 desembarca em Goa e se aventura no interior do país, a fim de conhecer Vijayanagar, no reino de Narsinga. Na Índia visita as principais cidades, todas já descritas anteriormente por viajantes portugueses e italianos: Diu, Cambaia, Daman, Chaul etc. Impressiona-se com o tráfico de crianças no porto de Cambaiete, vendidas pelos próprios pais, por seis a oito larins, apenas para suprir a fome que sentem. Na cidade descreve o grande tráfico de mercadorias que entra e sai do porto: chega sândalo, marfim, pau-brasil, veludo; saem navios carregados de uma quase infinita quantidade de tecidos de algodão, índigo, gengibre, mirobálano, bórax em pasta, açúcar, algodão, muito ópio, assa-fétida, pucho e muitos outros tipos de drogas. Informa sobre a riqueza das pedras exportadas de Diu: pedras grossas como os frutos do corniso, granadas, ágatas, ametistas e diamantes naturais de todos os tamanhos (FEDERICI, 1587, p. 17-18).

Desce até o Ceilão – mas não se pode afirmar se é em seguida, pois ele quase não apresenta datas – indo em seguida para Malaca, cuja cidade, após a derrota imposta por Afonso de Albuquerque em 1511, é controlada pelos portugueses. De Malaca resolve viajar para São Tomé (atual Mylapore, perto de Madras), mas o navio, após uma ventania, é levado muito mais ao norte, vagando perdido durante setenta e quatro dias pela costa oriental da Índia, sem alimentos e água e com mais de quatrocentas pessoas a bordo. Federici relata que sentirá a garganta arder por mais de um ano, pela grande sede que passa nessa viagem, além de precisar vender pela metade do preço o seu escravo, que lhe é muito querido, mas, infelizmente, ele bebe a parte da água que lhe cabe! Por sorte o navio aporta nas vizinhanças de Orissa são e salvo (FEDERICI, 1587, p. 86-87).

Em agosto de 1569, o encontramos em Pegu e, após considerar que tinha realizado bons negócios, decide retornar à Itália. Quer voltar pela via de Portugal, com as naus que partem de Cochim, mas chega à cidade tarde demais, perdendo o navio. Desgraçadamente, em 1570, quando chega a Goa, o Vice-rei não permite que os navios partam, pois a cidade está sendo assediada pelo idalcão. Para conturbar ainda mais a sua vida, fica gravemente doente. A doença, somada à carestia decorrente do assédio imposto à cidade, faz com que perca quase toda a sua fortuna. Pobre novamente, vende o pouco das joias que lhe sobram e retorna ao reino de Pegu, desta vez levando uma carga de ópio. Infelizmente, o desafortunado Federici envia a sua mercadoria em outro navio, que desaparece, perdendo toda a carga. Recomeça de novo, do zero, negociando ópio: faz viagens entre Goa, Bengala e Pegu, compra e vende, perde de novo e recomeça. Como expõe ele no *Viaggio/F*:

Encontrei-me com somente mil ducados; parti de novo de Pegu para a Índia e para Ormuz com muita Laca; de Ormuz tornei à Índia, em Chiaul, e de Chaul a Cochim, de Cochim fui a São Tomé e a Pegu; perdi em Chiaul outra ocasião de tornar-me rico, porque poderia ter comprado muito ópio, mas comprei pouco, com medo da má sorte que tive da outra vez; com essa pouca quantidade [de ópio] tive um bom ganho, e então decidi tornar à pátria²¹⁵ (FEDERICI, 1587, p. 155).

Retorna à Itália pelo mesmo caminho percorrido na ida, passando por Ormuz, Basra, Bagdá, Babilônia e Alep, na famosa estrada do deserto, trajeto feito pelas caravanas que seguem em sentido inverso ao Rio Eufrates. Passando perto de Jerusalém, decide visitar os lugares santos. Chega a Veneza no dia 5 de novembro de 1581, razoavelmente rico, “com trocas e escambos e fadigas e viagens, Deus me ajudou e me retornou um bom capital”.²¹⁶ (FEDERICI, 1587, p. 169). Estabelece-se em Veneza, amplia seus negócios através de sócios e correspondentes em Constantinopla e na Sicília. Para Caraci (1991, p. 803) é devido a homens dotados desse espírito de iniciativa, unido a uma seriedade e ética profissional, que a República de Veneza deve a retomada do seu papel de grande nação mercantilista, na segunda metade do século XVI.

Pinto (1962, p. XXIII) conjectura que tenha morrido por volta de 1602, pois o seu último documento é um contrato assinado em 15 de agosto de 1600, sendo que o seguinte, de 21 de maio de 1602, é assinado por uma funcionária. Portanto, para a estudiosa da obra de Federici, em algum momento entre essas duas datas, ele morreu.

5.6.2 Viagem de Cesare Federici na Índia Oriental e além da Índia

Olha o muro, e edificio nunca crido, que entre um imperio e o outro se edifica; certíssimo signal e conhecido, da potencia real, suberba e rica. Estes, o rei que teem, não foi nascido príncipe, nem dos paes aos filhos fica. Mas elegem aquelle que é famoso, por cavaleiro sábio e virtuoso (Os Lusíadas, canto X, 130).

²¹⁵ “Mi ritrovai esser venuto in solo mille ducati; mi partì di nuovo dal Pegù per l’India, e per Ormus, con molta Lacca; da Ormus tornai in India a Chiaul, e da Chiaul a Cochim, e da Cochim a San Tomè a Pegù; Persi in Chiaul un’altra volta l’occasione di farmi ricco, perche potevo comprar molto Anfion, e ne comprai poco, spaurito dalla mala ventura dell’altra volta; in questa poca quantità feci un buon guadagno, e all’hora di nuovo mi deliberai di venire alla patria”.

²¹⁶ “con cambi e ricambi, e fatiche e viaggi, Dio mi aiutò che mi ridussi in buon capitale”.

A publicação do *Viaggio/F* na Itália dá-se após seis anos do retorno, em 1587. Sentindo-se inseguro, encarrega Frei Bartolomeo Dionigi de extrair de um seu memorial um texto adequado à publicação, o qual, segundo Pinto (1962), é feito às suas expensas. A publicação tem pouca ressonância na Itália, contudo no exterior é traduzida em diversas línguas, em edições consecutivas: em inglês, um ano após a edição original e em muitas outras edições elaboradas por autores diferentes; foi também traduzida do inglês para o holandês, nos primeiros anos de 1600 (PINTO, 1962, p. XXV). Na Itália, os estudos sobre Federici, além das publicações de Ramusio e de Pinto, se resumem a pequenos trechos da sua obra em Caraci (1991) e um artigo de Marica Milanese, editado na coletânea sobre a obra de Ramusio²¹⁷.

No tocante aos acontecimentos históricos narrados por Federici, Caraci (1991, p. 801) afirma que o *Viaggio/F* constitui uma fonte “citada e considerada válida pelos historiadores, pela reconstrução dos fatos políticos e militares que levaram, com a queda daquele que foi o último baluarte hindu, ao apogeu do predomínio islâmico na Índia”²¹⁸.

O Federici historiógrafo é o primeiro ocidental a visitar Vijayanagar (ou Bisnagar, a Bezeneger do *Viaggio/F*), no reino de Narsinga, dois anos apenas após a sua destruição, na batalha de Talikota, em 1565. Narsinga, considerado um dos mais potentes estados indianos, abrange a maior parte da Índia ao sul do Rio Khrisna (hoje compreende os estados Tamil Nadu, Kerala, Karnataka e Andhra Pradesh). O reino divide-se em mais de 200 províncias, sob a jurisdição de governadores, independentes da autoridade central. Vijayanagar, a capital, é considerada uma das mais ricas e impressionantes cidades da Índia, riquíssima no seu esplendor, detentora de uma arquitetura acurada, rica de monumentos e arte. Federici, ao chegar, relata detalhadamente a devastação efetuada pela coalização da Liga Muçulmana, composta pelos chefes de quatro estados muçulmanos, o Idalcão, o Nizamaluco, o Cotamaluco e o *Veridi* que, favorecidos pela traição de alguns capitães do exército do rei de Narsinga, arrasa a cidade. Pinto (1962, p. 251, nota 174) afirma que Federici se esquece de mencionar um quinto componente da liga, o chefe muçulmano do estado de Berar. O viajante descreve, em detalhes, a tirania existente no reino, exercida pelos usurpadores do príncipe herdeiro, mantido em prisão pelos ex-capitães do rei morto, denominados Turumala (Timaraggio), Rama Raya (Ramaraggio) e Venkatadri (Bengatatre) (PINTO, 1962, p. 251, nota 178). Segundo a autora, os três usurpadores mostram aos súditos o príncipe Sadasiva

²¹⁷ Torino: Einaudi, 1988, p. 1013-1082.

²¹⁸ “citata e considerata autorevole dagli storici per la ricostruzione delle vicende politiche e militare che portarono, con il crollo di quel ultimo baluardo indù, all’apogeo del predominio islamico in India”.

Raya somente uma vez ao ano, para que o povo saiba que está vivo, mas o verdadeiro comando permanece nas mãos dos algozes.

Importante também é a contribuição de Federici para o conhecimento da Birmânia, descrita tão acuradamente, como ninguém o tinha feito até o momento. Quando Federici chega à península indostânica, esta se divide em dois grandes estados independentes, em contínua luta pela conquista de territórios: o reino de Pegu (Birmânia) e o reino de Sião. No decorrer do primeiro quarto do século XVI, a dinastia birmana vai, cada vez mais, conquistando os pequenos reinos circunstantes: Ava, Bassein e Martaban que, apesar das tentativas de revolta, se obrigam a prestar vassalagem ao rei birmano, sediado na cidade de Pegu. Outro viajante italiano, Balbi (1590), que vive muito tempo na Cidade Real, narra os costumes desse reino e faz uma minuciosa descrição da cidade toda murada, com fossas ao redor – como nos castelos europeus – e das vinte pontes que lhe dão acesso. Uma cidade cheia de palácios e templos, digna de admiração por parte de um homem que conhecia a bela arte renascentista, e vinha de uma cidade cuja riqueza artística e arquitetônica era e é reconhecida desde os seus primórdios. Para Federici, as ruas são as mais lindas que já viu, em perfeitas linhas retas, rodeadas de palmeiras, desenhadas de tal modo que se consegue divisá-las do início ao fim. O palácio do rei é como uma fortaleza no centro da cidade, com os edifícios construídos em ouro folheado que refletem a riqueza do país. O monarca tem paixão em colecionar elefantes brancos, comprando-os onde quer que estejam e pelo preço que custar. Estes animais são um símbolo da sua realeza, sustentados e tratados como verdadeiros fidalgos: “ele mantém estes elefantes brancos com servos e grandíssima limpeza, cada um dos quais está em uma casa dourada, e se lhes dá de comer em vasos de prata e ouro”²¹⁹ (FEDERICI, 1587, p. 114).

O Federici antropólogo descreve com uma incrível vivacidade de detalhes a cerimônia de um *sati*, na mesma cidade de Vijayanagar: desde as cerimônias que antecedem o ritual (a preparação da viúva, vestida nos seus mais ricos trajes, o cortejo a desfilarem pela cidade, em elefantes ou em cavalos ricamente adornados; as danças; a doação de suas joias aos parentes mais chegados ou a seus filhos quando os têm; a unção de óleos no seu corpo, para que possa queimar logo e assim morrer rapidamente) até o clímax do sacrifício final, sem redenção, nas chamas ardentes. Todas as vezes em que acontece o *sati*, Federici pode observá-lo, pelo fato de ter o seu quarto vizinho à porta pela qual passa o cortejo em direção ao local do terrível sacrifício. Quando o marido pertence à classe mais nobre, além da mulher, todas as

²¹⁹ “fa egli tenere questi elefanti bianchi con servitù e politezza grandissima, cadaun dei quali sta in una casa indorata, e se gli dà da mangiare in vasi d’argento e d’oro”.

escravas com quem tinha tido relações carnavais também se sacrificam juntas (FEDERICI, 1587, p. 32-40).

Essa cerimônia é descrita por quase todos os viajantes italianos, sempre no âmbito de pessoas da classe superior indiana. É o primeiro viajante a descrever o mesmo auto-sacrifício no âmbito das classes inferiores: muda apenas a maneira, não existe a suntuosidade das classes superiores. Nas classes inferiores, a morte não é tão dolorida quanto na primeira, executada pelo fogo, onde o sofrimento se prolonga longamente. Nessas, a mulher se ajoelha na frente e abraça o corpo do marido morto, sentado em uma espécie de cadeira. Em seguida ergue-se um muro ao redor dos dois e, quando a parede chega à altura do seu pescoço, alguém vem por trás e, com uma torção rápida da cabeça, mata-a, após o que o muro é terminado, sepultando-os juntos (FEDERICI, 1587, p. 41-42).

O Federici lexicólogo contribui muito pouco na utilização de novas palavras que tiveram o trâmite da língua portuguesa, apesar da longa estadia na Índia e na parte ocidental da Indochina. Talvez por conviver muito com pessoas de outras nacionalidades, que não a portuguesa, ou por a sua obra ser escrita depois do seu retorno à Itália, com a ajuda do Frei Bartolomeo Dionigi, que deve, quem sabe, pode ter inserido os equivalentes em italiano. A utilização de *Ecasuals* na sua relação se processa por meio das palavras recorrentes na língua dos viajantes que o precedem, por pertencerem à essa língua de base portuguesa do qual nos fala Mancini (1994). As novas ocorrências são, sobretudo, de palavras da área semântica das dignidades, umas poucas da numismática e algumas da flora. Nomeia muitos *Ecasuals* de línguas diversas: do birmanês (*delinge*), do mon (*bargiti*); do malaio (*godon*) e do telegu-tâmil da Birmânia (*tarega*).

Outros dados linguísticos e geográficos referem-se às descrições feitas ao longo da viagem na Mesopotâmia: a tipologia de comércio desenvolvida pelos árabes, as caravanas que transportam as mercadorias entre o Oriente e o Ocidente e vice e versa. Faz uma descrição detalhada da viagem nos rios Eufrates e Tigre, incluindo trechos onde os acidentes geográficos, as enchentes e as vazantes influenciam no percurso das barcas. Verdadeiramente interessante é a descrição das barcas árabes utilizadas na travessia, descritas e comparadas com aquelas do seu mundo veneziano: algumas são iguais aos *burchielli* (barca de transporte de fundo raso, comum nos rios do Vêneto), outras às *fuste* (fustas), outras às *peotte* (*peota*, típica barca utilizada nas regatas na laguna veneziana), todas, italianas ou árabes, adaptadas ao transporte de mercadorias para lugares onde o calado é baixo. Na laguna de Veneza, assim como nos rios da Mesopotâmia, são transportadas grandes quantidades de mercadorias, portanto as barcas devem ser largas e rasas, para uma melhor distribuição do peso.

Apesar de todas as dificuldades pelas quais passa, o viajante jamais se revoltou; ao contrário, encara tudo sempre com uma pitada de humor, mesmo nas situações mais adversas. Quando resolve viajar de Bezeneger à Goa, na companhia de dois portugueses, estes vão de palanquim e Federici com dois bois, um para sua cavalgadura e outro para levar a sua mercadoria. A viagem demora, no verão, cerca de oito dias, mas como é inverno, estação das chuvas, a viagem se torna mais difícil e demora cerca de quinze dias. No caminho perde os dois bois: aquele que leva a mercadoria começa a mostrar tanta debilidade, que se obriga a abandoná-lo e aquele no qual cavalga, ao atravessar um rio a nado para, em uma ilha, no meio do rio, cheia de erva fresca e ali fica pastando. Federici, que atravessa por uma ponte pequena, fica sem a sua montaria: tem que continuar o restante do caminho a pé, resignado, sem lamentar-se. A descrição que faz do boi pastando na ilha, deixando-o à mão, é realmente cômica. Por sorte, mais tarde, encontra alguns carregadores que levam a sua mercadoria (FEDERICI, 1587, p. 44-45). Esse é apenas um exemplo dos contratempos que afronta na sua viagem; muitos outros se sucedem, contudo jamais esmore, possui uma fé inabalável em si mesmo e não se deixa abater pelas dificuldades encontradas.

Ao contar o que vê e observa, Federici proporciona um mapa completo do roteiro percorrido, dos obstáculos encontrados e como os supera. Sabe da importância do seu relato, de modo que aconselha ao leitor que quiser aventurar-se por aquelas paragens a não perturbar-se ao ler sobre as contrariedades pelas quais passou, pois ele, por ter viajado sem experiência e dinheiro, pôs a perder muitas coisas (FEDERICI, 1587, p. 168).

5.6.2.1. *Ecasuals* em Federici

ANFIONE s. m. sing. *Matéria-primas transformadas*.

Atestação: “[...] assai zuccaro, molto gottone, assaissimo <Anfione>, assa fetida, puchio e molte altre droghe” (FEDERICI, 1587, p. 18).

Português: anfião.

Citações na obra: p. 18, 125, 128; *anfion*: p. 28; *anfion*: p. 152.

Análise do dado: Ver **arfion** em Da Empoli.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] al Diu a caricar le navi, che de lì vanno poi alla Mecca, e in Ormus, e parte vanno a Chiaul, e a Goa, con la scorta sempre dell’<armata> de Portughesi per rispetto de i molti Corsari che vanno corseggiando, e rubando” (FEDERICI, 1587, p. 22).

Português: armada.

Citações na obra: p. 53, 77.

Análise do dado: Ver **armata** em Varthema.

ARTIGLIARIA s. f. sing. *Área militar.*

Atestação: “[...] ma in tempo di guerra non possono andar legni grossi alla città de i Mori, perciocché sono battuti, e messi a fondo dall’<artiglieria> della fortezza Portuguese inanzi alla quale convengono passare” (FEDERICI, 1587, p. 25).

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 28, 107.

Análise do dado: Ver **artegliaria** em Varthema.

ASPARCHE s. f. pl. *Objetos de uso.*

Atestação: “Portavano in piede alcune pianelle alte, dette da loro <Asparche>” (FEDERICI, 1587, p. 47).

Português: abarcas.

Análise do dado: ver **albarghe** em Pigafetta.

BAR s. m. sing. *Comércio.*

Atestação: “[...] dipoi ho visto che uno volse dar un <bar> di pevere, che sono dui quintali e mezzo per una mezaruola d’acqua” (FEDERICI, 1587, p. 87).

Português: bar.

Análise do dado: ver **bahar** em Varthema.

BASSE s. m. pl. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “[...] ma quelli che vanno d’India verso Levante per la costa di Chiaramandel, passano dall’altra banda per le <basse> di Chilao, che sono tra l’Isola di Manar e terra ferma” (FEDERICI, 1587, p. 64).

Português: baixios.

Análise do dado: Ver **basso** em Da Empoli.

BIZE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “Quella moneta pesa assai, e quaranta <bize> sono una gran carga da facchino” (FEDERICI, 1587, p. 137).

Italiano: –

Português: biças.

Citações em outros autores: Balbi, *biza*: p. 128, 106; *bise*: p. 104, 108, 106, 107

Análise do dado: BIÇA: moeda utilizada na Índia, no Pegu e Barma, equivalente a 40 onças ou 500 cruzados. Registrada no Bluteau (1712, p. 118) e no Moraes Silva (1813, p. 280). Dalgado (1919, p. 125) sustenta que o étimo é do tâmil *visai*. Atestado em Cardona (1973, p. 199) que o registra como sendo do português e deste do tâmil *vīcai*, significando divisão. Adaptação gráfica e fonética com substituição do fonema /s/ pelo /dʒ/.

CAFERO s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Portano poco a poco su’l lito la lor roba e si ritirano, e il mercadante <Cafero> viene a veder la roba e li mette tanto oro appresso quanti li par di volerla pagare e si ritira” (FEDERICI, 1587, p. 160).

Português: cafre.

Citações na obra: *cafero/i*: 160, 161.

Análise do dado: ver **chafri** em Da Empoli.

CAIRO s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “[...] vi si fa assai <cairo> da far cordovaglia, produce assai Christallo, e occhi di gatta, e dicono che vi si trovano anche rubini” (FEDERICI, 1587, p. 67).

Italiano: –

Português: cairo.

Citações na obra: p. 59.

Citações em outros autores: Balbi, *cagiero*: p. 54.

Análise do dado: CAIRO: filamentos extraídos da noz do coco, utilizado pelos orientais para a fabricação de cordas e amarras, devido a sua grande resistência, elasticidade e incorruptibilidade na água. Era, segundo Dalgado (1919, p. 173), muito utilizado na pelos portugueses para a fabricação de cordame dos navios. Acrescenta que a palavra é do malaiala e tâmil *kayuru* e significa corda, e que passou para diversas línguas europeias, tais como o inglês *coir* e o francês *caire*. GDLI (1961, v. II, p. 508) registra o EL e assevera ser conforme

o francês *caïre* e o português *cairo* (*cayro*). Cardona (1973, p. 206) atesta ser étimo provável do português *coiro* ou *cairo*. Sem adaptações.

CAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Ha una fortezza bellissima, vicina al mare, nella quale risiede un <Capitano> del Re di Portogallo con una buona banda di Portughesi e inanzi alla fortezza è una bella spianata” (FEDERICI, 1587, p. 13).

Português: capitão.

Citações na obra: *capitano/i*: p. 14, 22, 33, 43 etc.; *capitan maggior*: p. 104.

Análise do dado: ver **capitaneio** em Varthema.

CARTACCO s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] ma i mori non possono navigare per quei mari senza il <cartacco>, cioè licentia del Vicere di Portogallo, altramente si piglierebbono per contrabando” (FEDERICI, 1587, p. 16).

Italiano: *salvocondotto*.

Português: cartaz.

Análise do dado: CARTAZ: passaporte ou salvo-conduto emitido pelo portugueses a todos os navios que traficavam pelos mares da Pérsia e Índia, mediante uma taxa de pagamento. Dalgado (1919, p. 220) sustenta que a palavra é de origem árabe, *qirtās*, e não portuguesa, e significa ‘papel, documento’ e que estaria em voga muito antes da chegada dos portugueses. Pinto (1962, p. 240, nota 61), ao invés, afirma que é o português *cartaz*, acrescentando que se um navio fosse encontrado sem o cartaz português, seria preso e teria confiscada toda a mercadoria. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a substituição do fonema final /s/ para /ko/, e acréscimo do dígrafo –c, em uma italianização desse fonema.

CAVAIE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Il vestir di Bezeneger era <Cavaie> sopra le camise, over Zuppe ugnole, overo imbottite, di veluto raso, damasco, incarlato overo panni bianchi di bombaso, secondo la qualità degli huomini” (FEDERICI, 1587, p. 46).

Italiano: –

Português: cabaia.

Análise do dado: CABAIA: túnica de comprimento, forma e tecido diversos, usada pelos povos asiáticos, tais como os hindus, persas, árabes etc. Caraci (1991, p. 821, nota 10) atesta

ser o português *cabaia* e deste do árabe *qabbah*. Para Cardona (1973, p. 183) a troca do /b/ por /v/ pode ser uma realização do [β] intervocálico do espanhol, a menos que não seja um venetismo. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a substituição de fonema central de /b/ para /v/ e de número plural feminino em –e.

CHITINI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Finita la pescaria, e visto se è buona ricolta, o cativa, vi sono certi huomini periti, che si chiamano <Chitini>, liquali metteno il prezo alle perle, secondo la lor carratà” (FEDERICI, 1587, p. 63).

Italiano: –

Português: chatins.

Citações em outros autores: Balbi: p. 50. Sassetti, *ciattini*: p. 381, 511, 517.

Análise do dado: CHATIM: mercante, negociante. Federici especifica que são comerciantes que estabeleciam o preço nas pérolas, segundo o seu peso em quilates. Dalgado (1919, p. 265-266) informa que com o passar do tempo a palavra adquiriu um sentido semântico negativo, de negociante pouco honesto, contudo com o tempo essa palavra teve um novo significado semântico, de pessoa tratante, sendo hoje pouco utilizada. Acrescenta que o étimo é o dravídico *chetti*, e este do sânscrito *chrestī*. Cardona (1973, p. 195) atesta ser étimo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica, normal italianização do dígrafo –ch em substituição ao português –qu, e adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência –ino, em uma normal italianização da terminação portuguesa –im, acrescido da adaptação de de número plural masculino em –i.

COLAE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] con berette lunghe in testa, da essi chiamate <Colae>, di veluto, di raso, di scarlatto, o di damasco” (FEDERICI, 1587, p. 46).

Italiano: –

Português: culais.

Análise do dado: CULAI: espécie de touca ou turbante com a ponta alongada, usada para cobrir a cabeça. Dalgado (1919, p. 330) registra a entrada *culai*, do persa *kidāk* significando *carapuça* e declara que é uma palavra em desuso. Não encontramos registro nos dicionário atuais, nem em Bluteau e Morais Silva, contudo é registrada também por Nimer (2005, p. 438) como *culai*, *collães* e *culaes*. Este autor afirma ser etimologia persa: *kulāh* e que até hoje a palavra é utilizada no Iraque, onde é chamado *kulāū*. Caraci (1991, 822, nota 1) o registra

como sendo do português *colae*; Cardona (1973, p. 184) assevera que Dalgado registra o étimo errado, pois é uma palavra do tâmil, *kullāyi* e Federici deve tê-la registrado como a ouviu, fazendo a adaptação na língua italiana. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com a troca do grafema **–u** por **–a** no italiano e do grafema final **–i** por **–e**.

CONVERSO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] venti d’essi attendevano a vodar la sentina, venti nel <converso>, e venti da basso e tutti con secchie e Zare, non favevano altro che di continuo gettar il mar nel mare” (FEDERICI, 1587, p. 144).

Italiano: *ponte della nave*.

Português: convés.

Citações em outros autores: Carletti, *convesso*: p. 257; Sassetti: p. 405.

Análise do dado: CONVÉS: pavimento de um navio que fica na parte superior, especialmente aquele que fica a céu aberto; deque. Nos veleiros anteriores ao século XVIII, o piso descoberto entre o mastro maior e a proa. Em italiano a palavra *convesso* significa convexo (que tem relevo exterior curvo). Caraci (1991, p. 853) afirma que provém do português *convés*. Adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /o/ final, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em **–s**.

COTAMALUC s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “La città di Bezeneger fu messa a sacco l’anno del MDLXV da quattro Re Mori, e potente che furono il Dialcan, il Zamaluc, il <Cotamaluc> e il Veridi” (FEDERICI, 1587, p. 32).

Italiano: –

Português: cotamaluco.

Análise do dado: COTAMALUCO: título dado pelos portugueses aos reis muçulmanos da dinastia de Golconda. Dalgado (1919, p. 315) assegura que o epíteto é proveniente do fundador da dinastia. Pinto (1962, p. 245 nota 174) sustenta que é a forma portuguesa do nome *Qutb al Mulk*, rei de Golconda que fez parte da liga muçulmana (sobre a liga ver **idalcan** em Corsali). Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com perda do fonema final /ko/ para /k/.

DIALCAN s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: La città di Bezeneger fu messa a sacco l'anno del MDLXV da quattro Re Mori, e potente che furono il <Dialcan>, il Zamaluc, il Cotamaluc e il Veridi” (FEDERICI, 1587, p. 32).

Português: idalcão.

Citações na obra: p. 21, 30, 32, 48.

Análise do dado: Ver **idalkan** em Corsali.

DISBARATATO verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] e le gioie erano faltate di prezzo, ond’io vedendomi un poco <disbaratato>, mi risolsi di vender il resto delle gioie, ch’io mi trovavo, e di ritornare a fare un altro viaggio al Pegù” (FEDERICI, 1587, p. 152).

Português: desbaratado.

Análise do dado: ver **sbarattata** em Varthema.

DISCARCAR verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] percioche tutte le navi e navilli, che per quei mari navigano, sono obbligati di fare scala a Malacca, e pagar datio, anchorche non vogliano <discarcar> cosa alcuna” (FEDERICI, 1587, p. 78).

Português: descarregar.

Citações na obra: *discarcasse*: p. 104; *discarcano*: p. 128.

Análise do dado: Federici fala nessa passagem do tributo, ao qual eram obrigados a pagar todos os navios que transitavam pelos portos e pelos mares onde o domínio português predominava, mesmo não utilizando os serviços portuários. Ver **descargare** Pigafetta.

DISPACCIA verbo. *Marítimo geográfico*.

Atestação: “Resta il sensaro con la poliza alla marina, fa sbarcar la mercantia, la <dispaccia> dal Datio, e la fa portare con carette alla casa ove è alloggiato il mercadante” (FEDERICI, 1587, p. 20).

Português: despacha.

Análise do dado: Ver **dispacciava** em Da Empoli.

ERANO FALTATE verbo. *Comércio*.

Atestação: “[...] e le gioie <erano faltate> di prezzo, ond’io vedendomi un poco disbaratato, mi risolsi di vender il resto delle gioie, ch’io mi trovavo, e di ritornare a fare un altro viaggio al Pegù” (FEDERICI, 1587, p. 152).

Italiano: *erano mancate*.

Português: tinham faltado.

Análise do dado: TINHAM FALTADO: faltar. Federici utiliza com o sentido de baixar de preço. Ver **avendo faltato** em Sassetti.

FACENDE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “In somma il Regno di Cambaia, é luoco di gran traffico e di grosse <facende>, con tutto che da un tempo in qua sia in mano de’ Tiranni” (FEDERICI, 1587, p. 22).

Italiano: *affari*.

Português: fazendas.

Citações na obra: p. 20, 53.

Citações em outros autores: Balbi: p. 48. Sassetti, *faccende*: p. 218, 293, 310.

Análise do dado: FAZENDA: conjunto de gêneros ou produtos destinados à venda (Houaiss). No texto explicita que o Reino de Cambaia é um lugar de grandes negócios, de grande comércio. Caraci (1991, p. 813, nota 2) afirma ser conforme o português *fazenda*, significando negócio. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com a troca de fonema português /ze/ pelo fonema italiano /tʃe/, e de número plural feminino em –e.

FORTUNE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Per dire, che cosa sia questo Tufon, si ha da sapere, che nei mari dell’India ordinariamente non fanno le <fortune> così spese, come in questi nostri mari” (FEDERICI, 1587, p. 143).

Português: fortunas.

Citações na obra: p. 45.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FUSTE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e questo di Rachan puol armare sina ducento <fuste>” (FEDERICI, 1587, p. 140).

Português: fustas.

Citações na obra: p. 77, 149.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GANZA s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Nella quarta e ultima casa è un'altra statua così grande, fatta di <Ganza>, che è un mettallo di che fanno le lor monete, fatte di rame e di piombo mescolate insieme” (FEDERICI, 1587, p. 123).

Português: *gança*.

Citações na obra: p. 134, 135, 136.

Citações em outros autores: Balbi: p. 15, 104, 105, 107 etc.

Análise do dado: GANÇA: metal utilizado na confecção de objetos, sobretudo de estátuas, na região de Pegu. Aulete define como “certo metal do Pegu”. Dalgado (1919, p. 416) acrescenta que é um metal utilizado na confecção de sinos; do malaio *gansa* e deste do sânscrito *kâmsa*. Cardona (1973, p. 201) atesta ser um provável étimo português. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a substituição do fonema final de /sa/ para /tʃa/ em uma normal italianização desse fonema.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Nella città poi habitano i suoi cittadini, huomini maritati, soldati, mercadanti di ogni natione, tra i quali assai Mori e <Gentili>” (FEDERICI, 1587, p. 13).

Português: *gentios*.

Citações na obra: *gentile/i*: p. 13, 17, 19, 22, 23, 33, 40 etc.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GIAGRA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Vi vengono ogni anno di Cochín, e di Canenor dieci, quindici nave cariche di noci grosse corate, e di zuccaro de l'istessa noce chiamato <Giagra>” (FEDERICI, 1587, p. 26).

Italiano: –

Português: *jagra*.

Citações em outros autores: Balbi, *giaga*: p. 7, 140.

Análise do dado: JAGRA: açúcar mascavado extraído da palmeira-de-rabo-de-peixe (*Caryota mitis*). Atestado em Dalgado (1919, 476-476), registra as entradas *jagra* e *jágara*, afirmando que o termo é corrente em toda a Ásia portuguesa. Afirma que os nativos não utilizam esse tipo de açúcar, preferindo o de cana-de-açúcar. Não encontramos atestações em

linguistas italianos. GDLI (1961, v. VI, p. 759) atesta como sendo do português através do malaio *chákkara*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança do fonema inicial /j/ do português para /dʒ/ em uma normal italianização desse fonema.

GODON s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Le case sono fatte di canna, e coperte di foglie, e di paglia; e le case de i mercadanti hanno tutte un magazen che chiamano <Godon>, fato di pietre cotte” (FEDERICI, 1587, p. 111).

Italiano: *magazzino*.

Português: godão.

Citações em outros autores: Balbi, *gottoni*: p. 111.

Análise do dado: GODÃO: casa, loja, armazém ou depósito no térreo das casas na Índia Portuguesa (Aulete). Dalgado, (1919, p. 445-446) registra gudão e acrescenta que é palavra corrente (*godown*) na Ásia Portuguesa; do malaio *gadong* e do tâmil *kidangu*. Pinto (1962, p. 281, nota 539) explica que *godão* eram os armazéns existentes em todos os portos da Índia e da China onde eram conservadas as mercadorias, uma espécie de armazém da alfândega; Cardona (1973, p. 198) atesta como sendo provável étimo português *gudão*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano **–on**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa **–ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa **–ão**.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] il secondo havea nome Timaraggio, qual si aveva preso l’officio di <Governatore>” (FEDERICI, 1587, p. 34).

Português: governador.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

L’AIA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Le prime sono tonde [pérolas], e si chiamano <l’Aia> de’ Portughesi, perché i Portughesi le comprano; le seconde, che non sono tonde, si chiamano l’Aia di Bengala; la terza sorte, che sono manco buone, chiamano l’Aia di Canarà, cioè del Regno di Bezeneger; la quarta e ultima sorte, che sono piu triste e piu minute, si chama l’Aia di Cambaia” (FEDERICI, 1587, p. 63).

Italiano: –

Português: laia.

Análise do dado: LAIA: espécie ou classificação das pérolas exemplificada por Federici. Caraci (1991, p. 825, nota 2) afirma ser do português *laia*, significando qualidade, gênero. Pinto (1962, p. 267, nota 300), ao invés, sustenta que significa área, pois as pérolas geralmente eram conhecidas pelo nome da região de onde provinham. Concordamos com Caraci, pois se depreende do texto o sentido dado pela autora. Decalque homonímico sem contudo haver perda ou acréscimo de fonema, pois o autor antepõe ao *Ecasual* o artigo italiano *l'*–, o qual seguido de –*a*, reproduz o fonema /*la*/ do português.

LARINO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] un <Larino> ridotto alla mostra moneta può valer intorno a un mocenigo” (FEDERICI, 1587, p. 17).

Italiano: –

Português: larim.

Citações na obra: *larini*: p. 17; *larin*: p. 146.

Citações em outros autores: Balbi: p. 34, 35, 36, 37 etc. *larim*: p. 52. Sassetti, *larini*: p. 496, 919.

Análise do dado: LARIM: moeda de prata corrente no Golfo Pérsico e na Índia. Federici é o primeiro viajante a citar essa moeda, que possui um formato verdadeiramente estranho (cf. Fig. 11), a qual é descrita minuciosamente por Balbi, que adverte tratar-se de uma “estranha moeda”. Dalgado (1921, p. 513) comprova que o nome origina-se da cidade de Lara, onde foi cunhada pela primeira vez. Essa cidade era um importante entreposto para as caravanas, daí ela ser difundida também na Índia. A sua forma assemelha-se a um bastão, bastante variável, alguns deles possuindo a forma retorcida como de um anzol. É a mesma moeda que alguns viajantes portugueses chamavam tangas ou tangas larins, conforme atesta Dalgado. Aulete define como antiga moeda de Portugal, contudo com essa significação não encontramos em nenhum dos dicionários portugueses da nossa bibliografia. Bluteau e Morais Silva dão a mesma definição do Dalgado. Varthema fala da mesma moeda, que denomina *tanghe*. Balbi descreve detalhadamente essa estranha moeda (ver Balbi, em 5.7.2). Caraci (1991, p. 854, nota 5) e Cardona (1973, p. 201) o registram como sendo do português *larim* e este do árabe *lārī*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência –*ino*, em uma normal italianização da terminação portuguesa –*im*. Ver *tanghe* em Corsali.

Figura 11 - As diversas formas do larim²²⁰

MACCAREO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che in lor lingua chiamano Maccareo di Cambaia, perché corrono qui l’acque fuori d’ogni misura a paragon de gli altri luochi, eccettuando che nel Pegu vi è un altro <Maccareo>, ove corrono con empito maggiore” (FEDERICI, 1587, p. 16-17).

Italiano: *acquemoto*.

Português: *macaréu*.

Citações na obra: p. 16, 110.

Citações em outros autores: Balbi: p. 83, 91, 92, 95, 97, 129. Sasseti, *macarco*: p. 476.

Análise do dado: MACARÉU: fenômeno natural que processa transformações na superfície do mar, derivante do encontro das águas descendentes dos rios com as do mar na preamar. Dalgado (1921, p. 3-4) expõe que a etimologia não é clara, e que a população de Cambaia, para atemorizar os portugueses, dizia que o fenômeno provinha de *makaró*, uma espécie de ente mitológico, que nos contos populares devorava os barcos e os homens. Pode-se fazer com essa lenda indiana uma analogia com os monstros Cila e Caribdi, da Odisseia de Homero, que faziam o mesmo, na passagem do estreito de Messina, entre a ilha da Sicília (*Trinacia*) e o continente italiano, nos lugares hoje conhecidos como Scilla e Cariddi. Atestado em Cardona (1973, p. 1880) como sendo do português. GDLI (1961, v. IX, p. 346) registra a entrada e afirma ser do português e espanhol *macareo* e do francês *macaret*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, com o acréscimo do dígrafo –c, substituição do grafema final –u em –o. Ver **rivoluzione** em Pigafetta.

²²⁰ Disponível em: < <http://www.numismatas.com/phpBB3/viewtopic.php?f=38&t=193&start=20>>. Acesso em 08. jan. 2013.

MAN s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] andai in Cambaia per fare qui una buona investita in Anfion, e vi comprai sessenta <man> d’Anfion, che mi costò duo mila e cento ducati serafini, che a nostro conto possono valere cinque lire l’uno” (FEDERICI, 1587, p. 152).

Italiano: –

Português: mão.

Citações em outros autores: Balbi: *man/i*: p. 26, 51, 26.

Análise do dado: MÃO: peso indiano para sólidos e líquidos, variando de 1 a 75 kg. Esta definição encontra-se em Dalgado (1921, p. 34-35), que discute longamente a etimologia da palavra, acrescentando que a dicção portuguesa é a do neoárico hindust-bengali *man*. Não encontramos nos dicionários portugueses atuais essa acepção com o significado dado por Dalgado, apesar disso, consta uma entrada com a rubrica de regionalismo: “medida de comercialização de milho não debulhado equivalente a 50 espigas em Pernambuco, 25 em Alagoas, 60 em São Paulo, e 64 no Rio Grande do Sul” (Houaiss). Está presente no Bluteau (1712, p. 312) como medida da Índia. Atestado em Caraci (1991, p. 857, nota 1) como sendo do português *mão*. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética em *–an /an/* (recordando que em italiano não existe o fonema nasal /ã/), que no português é produzido com o grafema *–ã*.

MANINI s. m. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Mentre io dimorai in Cambaiette vidi cosa, che mi fece maravigliare, che fu il quasi infinito numero de’ maestri, che del continuo fanno <manini> di denti d’Elefanti lavorati a varij colori, per le donne gentili, le quali ne portano piene le braccia” (FEDERICI, 1587, p. 23).

Português: manilhas.

Citações na obra: p. 24.

Análise do dado: Ver *manigli* em Varthema.

MARFIN s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “E una e l’altra sono porto di mare e vi si fanno molte facende d’ogni sorte di spetie, e di droghe, sete, panni di seta, sandolo, <marfin>, verzin, porcelana della China, veluti, e scarlatti che vengono di Portugallo [...]” (FEDERICI, 1587, p. 26).

Italiano: *avorio*.

Português: marfim.

Análise do dado: MARFIM: material branco, consistente, proveniente das presas do elefante, do hipopótamo e da morsa, de grande valor comercial, utilizado na confecção de joias objetos decorativos. Cardona (1973, p. 210) e Pinto (1962, p. 245 nota 123) afirmam ser do português *marfim*. Decalque homonímico com adaptação gráfica com substituição do grafema final – **m** para o –**n**.

MOSON s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] si piglia una casa affito, o per mesi, o per anno, secondo che si disegna di starvi, e nel Pegù è costume di pigliarla per <Moson>, cioè per sei mesi” (FEDERICI, 1587, p.130).

Italiano: *monsone*.

Português: monção.

Citações em outros autores: Balbi, p. *monsonne/i*: p. 69, 70, 144, 145, 146, 147; Sassetti, *monzones*: p. 316, 354, 356; *monzao*: p. 495; Carletti, *monsone*: 197, 198; Borri, *motioni*: p. 114.

Análise do dado: MONÇÃO: vento periódico que ocorre anualmente no sudoeste da Ásia e que sopra alternadamente da terra para o mar e vice-versa. Caraci (1991, p. 847, nota 6) atesta que nesse caso é expresso o significado literal da palavra árabe monção (*mawsim*), que quer dizer *estação*. GDLI (1961, v. X. p. 835) registra a entrada e usa como atestação o Sassetti, que é posterior ao Federici. Acrescenta que a palavra deriva do árabe *mawsin*, e deste para o espanhol *monzon* e do português *monção*. Federici explica que os viajantes alugavam as casas no período das monções, pois no verão, a monção soprando de sudoeste, não permitia a navegação de quem partia da China e Índia em direção à África. Os viajantes eram, forçosamente, obrigados a permanecerem em terra à espera da monção de inverno, que soprava do nordeste e empurrava as caravelas possibilitando a travessia até a costa da África. Cardona (1973, p. 190) atesta como provável étimo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional no uso do sufixo italiano –**on**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa –**ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa –**ão**. Ver **venti [...] generali** em Da Empoli.

NAIC s. m. sing. *Dignidades*..

Atestação: “Se mi ricordo bene, che il <Naic>, cioè il Signore della Città li mandò a domandare certi cavalli Arabi e havendoglili essi dinegati, di li a pochi giorni venne voglia al Signore di vedere il mare” (FEDERICI, 1587, p. 70-71).

Italiano: –

Português: naique.

Citações em outros autores: Balbi, *naich*: p. 82, 170.

Análise do dado: NAIQUE: empregado de menor qualificação na Índia Portuguesa, espécie de contínuo. Essa definição é a existente no Aulete, mas pelo que Federici define no texto, é exatamente o contrário, o “Senhor da Cidade”. Tanto Bluteau (1712, p. 67) quanto Moraes Silva (1813, p. 333) definem como “continuo de Tribunal”, “pessoa que serve ou leva recados”. Dalgado (1921, p. 91) afirma que, sobretudo na costa de Coromandel, é o título dado a alguns reis subordinados, sendo até hoje um tratamento honorífico utilizado por certas castas ou famílias influentes, empregado posposto ao nome. A definição de Dalgado se coaduna melhor à explicação dada por Federici nessa atestação. Cardona (1973, p. 196) dá como étimo provável o português, através do sânscrito *nāyaka*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, com a troca do fonema final /**ke**/ para /**k**/.

NAIRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Ha un gran numero d’Amochi, che sono gli suoi gentil’huomini, chiamati anche <Nairi>; li quali non apprezzano punto la vita” (FEDERICI, 1587, p. 56).

Citações na obra: p. 57.

Português: naires.

Análise do dado: Na explicação que Federici faz dessa casta indiana relata que “não apreciam a vida”, significando que eles praticam o amoco, isto é, matam-se quando é necessário para salvar o seu rei. Ver **naeri** em Varthema.

NIPA s. f. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] è verзино e <nipa>, qual è un vino eccellentissimo, che nasce nel fior d’un arboro chiamato Niper, il cui liquor si distilla, e se ne fa una bevanda eccellentissima, chiara come cristallo, buona alla bocca, e migliore allo stomaco e ha una gentilissima virtù, che s’uno fosse marcio da mal francese, bevendone assai, in poco tempo si risana” (FEDERICI, 1587, p. 95).

Italiano: –

Português: nipa.

Citações na obra: p. 23.

Citações em outros autores: Balbi, *annippa*: p. 127; Carletti, *nipa*: p. 96.

Análise do dado: NIPA: bebida alcóolica obtida da extração da seiva da nipeira (*Nypa fruticans*), através de fermentação. Dalgado (1921, p. 109) declara que vários escritores estendem o significado da palavra para qualquer aguardente produzida na Ásia. Aurélio registra nipa como bebida produzida em Moçambique. GDLI (1961, v. XI, p. 446) registra a entrada *nipa*, como sendo a palmeira que produz um líquido açucarado do qual se extrai um licor denominado também de *nipa*. Observar que Federici distingue claramente *nipa* (licor) e nipeira (palmeira) na atestação. Sem adaptação. Ver **niper** em Federici.

NIPER s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] è verзино e nipa, qual è un vino eccellentissimo, che nasce nel fior d’un arboro chiamato <Niper>, il cui liquor si distilla [...]” (FEDERICI, 1587, p. 95).

Italiano: *nipa*.

Português: nipeira.

Citações na obra: p. 23.

Análise do dado: NIPEIRA: palmeira do gênero *Nypa* (*Nypa fruticans*) nativa da Índia às Ilhas Salomão, cujas folhas são utilizadas para cobertura de casas e fabricação de cestos. Dalgado (1921, p. 109) registra a entrada *Nipa* (*nimpa*) e nipeira significando uma espécie de palmeira da Malásia e acrescenta que nipa e nimpa se usam para designar também a bebida fermentada obtida da mesma planta. Atestado por Cardona (1973, p. 208) como *nipeira*, do português, planta que produz a *nipa*. O linguista italiano declara que se trata de uma neoformação do português *nipa*, normalmente confundida com o nome da bebida, portanto distingue as duas, bebida e palmeira e acrescenta que *nipah* em malaio significa *palmeira*. Realmente, Federici (1587, p. 95, grifos nossos) faz a distinção entre a planta e a bebida “[...] e nipa, que é um vinho excelentíssimo, o qual nasce [se extrai] da flor de uma árvore chamada Niper, cujo licor se destila”. Do mesmo modo GDLI (1961, v. XI, p. 446) registra a subentrada *nipa*, como sendo a planta da nipeira e a bebida, atestando como fonte a atestação do Federici. Acrescenta que é uma voz culta do latim e deste de uma língua do Hindustão. Tanto Aulete como Houaiss definem nipa como planta e como bebida. Aurélio registra a entrada nipa e assegura que é uma espécie de aguardente, sendo a palavra utilizada em vários dialetos moçambicanos, mas não registra nipeira. Decalque homonímico com a perda de fonema e do sufixo derivacional português **-eiro**, designador de árvores frutíferas.

PALMAR s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “L'alboro, che produce questa noce si chiama <Palmar>, e per tutta l'India, massime da Goa in là, ve ne sono boschi grandissimi, e è molto simile al dattolaro” (FEDERICI, 1587, p. 26).

Italiano: *palma*.

Português: palmeira.

Citações em outros autores: Balbi, *palmieri*: p. 73, 94.

Análise do dado: PALMEIRA: designação comum a todas as plantas da família das palmas. No contexto trata-se da palmeira que produz o coco (*Cocus nucifera*), longamente descrita por Federici. A palmeira e o fruto do coco pareciam exercer um grande fascínio nos viajantes, pois todos eles, quase sem exceção os descrevem longamente: Federici discorre por mais de três páginas. Atestado em Cardona (1973, p. 208) como étimo português. Decalque homonímico com a perda de fonema e do prefixo derivacional português **–eiro**, designador de árvores frutíferas. Lembramos que em Portugal, em certas regiões, pronuncia-se também **–aira**, talvez daí a troca do **–e** pelo **–a**.

PESCHIERE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Piacque a Dio ch'in capo al giorno nono scoprissemo su le ventidue hore alcune <peschiere>, e indi a poco alcune barchette, che per esse andavano” (FEDERICI, 1587, p. 98).

Italiano: *peschiera*.

Português: pesqueiro.

Análise do dado: PESQUEIRO: lugar onde os peixes se abrigam, comem ou vivem. Temos no português duas palavras parecidas com sentidos diversos: pesqueira e pesqueiro. A primeira significa lugar onde se encontra as armações de pesca e a segunda como lugar onde se abrigam os peixes, portanto onde o pescador procura a pesca. No texto, contudo, o sentido não é bem claro, pois Federici pode estar falando de um lugar onde estão armadas as redes e os anzóis (pesqueira), como também pode ser, pelas barcas encontradas, que se dirigiam a esse lugar, um local piscoso (pesqueiro). Caraci (1991, p. 833, nota 3) atesta como sendo do português *pesqueiro*, entendido como lugar de pesca. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso de **–iere**, sufixo italiano derivativo de nomes e profissões e alguns objetos, que em português produz **–eiro**, sendo formador de adjetivos e substantivos que denotam profissões, gentílicos, receptáculos etc. Adaptação gráfica, normal italianização do dígrafo **–ch** em substituição ao português **–qu**.

PRADARIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] indi esce della Città, e camminando lungo il fiume Negondin, che passa appresso alle sue mura giunge in una <pradaria>, ove si sogliono far questi abbrusciamenti di donne restate vedove” (FEDERICI, 1587, p. 37).

Italiano: prateria.

Português: pradaria.

Análise do dado: PRADARIA: formação campreste composta, sobretudo por gramíneas e pequenos arbustos, comum nas áreas temperadas. Caraci (1991, p. 817, nota 3) atesta como sendo do português. Sem adaptação.

PUCHIO s. f. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] boraso in pasta, assai zuccaro, molto gottone, assaissimo Anfione, assa fetida, <puchio> e molte altre sorti di droghe” (FEDERICI, 1587, p. 18).

Italiano: –

Português: pucho.

Análise do dado: PUCHO: raiz aromática de uma planta da família das compostas (*Saussurea costus*) utilizada na Índia para a produção de perfumes. Dalgado (1921, p. 228) registra a palavra, mas não dá a definição, apenas expõe que “se trata de outro nome de conto usado pelos nossos escritores”. Cardona (1973, p. 208) afirma ser um provável étimo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /i/ central, que modifica o grafema italiano –**ch** no fonema /k/.

REFRESCAMENTI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] ch’ogni quindici giorni li va dal Pegù una caravana di Fachini con cesti in testa pieni di diversi <refrescamenti>, e panni netti” (FEDERICI, 1587, p. 101).

Português: refrescamentos.

Análise do dado: Federici utiliza a palavra *refrescamenti* (refrescamentos) significando refresco, alimento. Ver **rinfresco** em Da Empoli.

RIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Io mi ritrovai in Goa l’anno del MDLXX, quando venne detto Re ad assediarela, essendoseli accampato sotto, (ma però di là dal <Rio>) con uno essercito, qual si diceva passare ducento mila persone” (FEDERICI, 1587, p. 31, parênteses do autor).

Português: rio.

Análise do dado: ver **rio** em Da Empoli.

SERAFINI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] e di più spesi ottocento <serafini> in tre balle di tele di bombaso, che sono buone per il Pegù” (FEDERICI, 1587, p. 152).

Português: xerafins.

Análise do dado: ver **seraphi** em Varthema.

SFORZO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] percioche essendovi esso con grande empito, e <sforzo> di gente entrato, e trovandolo diviso, non fu chi se gli opponesse” (FEDERICI, 1587, p. 23).

Português: esforço.

Citações na obra: p. 95.

Análise do dado: ver **sforzo** em Corsali.

SOMBRERO s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] vero è ch’i Signori mai non vanno a piede, ma o si fanno portare in un solaro da otto huomini, con gran riputatione, con un <sombrero> tessuto di foglie, che li difende dal sole e dalla pioggia; o vanno a cavallo co’ i piedi nudi nelle staffe” (FEDERICI, 1587, p. 172).

Português: sombreiro.

Citações na obra: p. 75.

Análise do dado: ver **somblar** em Varthema.

SORGERE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e holle viste la mattina a partire in grandissimo numero e andare a <sorgere> in quindici fina dididoto passa d’acqua che tale è il fondo di tutto quel contorno” (FEDERICI, 1587, p. 61).

Português: surgir.

Citações na obra: *sorgeno*: p. 109; *sorge*: 110.

Análise do dado: ver **surgemmo** em Varthema.

STADO s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] overo sopra un’elefante, overo in un solaro, qual è un <stado>, sopra i quali vanno gli huomini di conto, portato da otto huomini” (FEDERICI, 1587, p. 36).

Italiano: *pedana*.

Português: estrado.

Citações em outros autores: Cavazzi, *strato*: p.805.

Análise do dado: ESTRADO: base ou suporte sobre o qual se apoia algo, tablado. No contexto, Federici fala do estrado colocado sobre um cavalo ou elefante, à guisa de cadeira, sobre o qual é transportada a mulher que irá se sacrificar na cerimônia do sati (sati se encontra registrado no Aulete, mas não no Houaiss). Federici descreve tudo minuciosamente: todos os preparativos que antecedem a cerimônia, até o seu ápice final, em uma narração belíssima. Caraci (1991, p. 816, nota 3) sustenta que é do português *estrado*, objeto semelhante a uma plataforma coberta de travesseiros sobre a qual se sentavam as mulheres para executar serviços e receber, o que não condiz com a explicação dada por Federici. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com perda do fonema inicial /e/ e do fonema central /r/.

TANE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perciocchè si sbarcano a una isola detta Peripatan e mentonsi le mercanzie in barchette picciole chiamate <Tane>, che sono piane di fondo e pescano poco però possono passare sopra ogni secca” (FEDERICI, 1587, p. 65).

Italiano: –

Português: tone.

Análise do dado: TONE: embarcação asiática conhecida antigamente por almadia. O termo *almadia* é um empréstimo do português na língua italiana (cf. Schultz, 2007). Dalgado (1921, p. 378) registra tona, tone como um pequeno barco, de um só mastro, a remo, utilizado nos rios ou nas costas da Índia meridional. Acrescenta o lexicógrafo que o nome tona foi usado muito, mas que prevalece a forma tone, mais correta. Adverte, ainda, que São Francisco Xavier, nos seus escritos, faz a distinção entre as duas, considerando as tones como barcas menores. Pinto (1962, p. 267, nota 311) acredita que Federici escreveu errado, deveria escrever *toni*, do tâmil *tōni*, pequena barca da Índia meridional feita de um tronco escavado. Cardona (1973, p. 192) e Caraci (1991, p. 826, nota 2) o registram como palavra do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na substituição do grafema –o no português para –a no italiano.

TAREGHE s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Sono nella Città di Pegù, quattro botteghe de Sensari gioiellieri, huomini di gran credito, che si chiamano <Tareghe>: per le man di questi quattro passano quasi tutti i Rubini, che si comprano e che si vendono, e nelle lor botteghe si riducono sempre i compratori e i venditori” (FEDERICI, 1587, p. 139-140).

Italiano: *tareghe*.

Português: *taregas*.

Citações na obra: p.140; *tarega*: p. 141.

Citações em outros autores: Balbi, *terrecà*: p. 101.

Análise do dado: TAREGA: agente, corretor ou almoxarife no Malabar, do malaiala *taragan* (Dalgado). Encontramos a mesma palavra no Houaiss, definida como ‘adeleiro que negocia tarecos, cacarecos etc.’. e emprega a mesma etimologia, portanto está-se falando da mesma palavra. Federici define *tarega* como “[...] negociantes joalheiros, homens de grande crédito, que se chamam taregas”. O mesmo sentido é dado por Balbi (ver **terrecà** em Balbi), portanto existe um desacordo na definição dos dois lexicógrafos. GDLI (1961, v. XX, p. 737) define com o significado de mediador em uma transação comercial e acrescenta que é do português *tarega*, significando negociante de móveis usados (aquele que regateia). Dalgado (1921, p. 360) dá como exemplo a citação de Federici e de Frei Antônio de Gouveia, que assevera que *tarega* é como *Almoxarife*, que nesse período era um cargo de alto padrão, o de administrador das propriedades da casa real, sentido que se contrapõe ao dado no Houaiss. Pode ser que, com o tempo, com as variações diacrônicas da palavra, o sentido tenha mudado. Seria necessário um estudo mais aprofundado para saber se realmente houve mudança semântica. Decalque homonímico com adaptação fonética com perda do dígrafo –r e adaptação gráfica de número plural masculino em –e. É difícil de explicar porque o autor aplica a desinência de plural feminino em uma palavra masculina, talvez por associação à palavra portuguesa, que pode ser masculina em –a, e no plural é em –s.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Un altro <travaglio> che havessimo, che ogni giorno entravamo in terre di nuovi signori, tutti però tributari del Re di Bezeneger [...]” (FEDERICI, 1587, p. 45).

Português: *trabalho*.

Citações na obra: p. 45, 50, 118, 126.

Análise do dado: Ver **travaglio** em Da Empoli.

VARELLE s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] se ne consuma ancora in quel Regno nelle lor <Varelle>, che sono i suoi pagodi, de i quali ve n’è gran quantità di grande e di picciole” (FEDERICI, 1587, p. 138).

Italiano: *varella*.

Português: varelas.

Citações em outros autores: Balbi, *varella*: p. 92, 96, 98, 99 etc.

Análise do dado: VARELA: templo na Índia, enquanto que na China, Indochina e Japão significa templo (pagode) e também mosteiro. Dalgado (1921, p. 405) acrescenta que essa palavra possui uma segunda acepção, que é de ídolo (o mesmo que pagodes como eram conhecidas certas estátuas no Oriente). O termo pagode, assim como varela, possui esses dois significados. *Pagode* está dicionarizado no italiano como empréstimo do português. GDLI (1961, v. XXI, p. 671) registra como sendo uma palavra do malaio, *berhala*, difundida pelo português. Cardona (1973, p. 194) afirma ser um étimo português, e Pinto (1962, p. 288, nota 668) adverte que é uma palavra desconhecida na língua birmanesa, proveniente do malaio *berhala* e que o Federici e o Balbi são os primeiros a utilizá-la e foi difundida pelos portugueses. Decalque homonímico com adaptação fonética com acréscimo do dígrafo –l e adaptação gráfica de número plural masculino em –e. É difícil de explicar porque o autor insere a desinência de plural feminino em uma palavra masculina, talvez por associação à palavra portuguesa, que pode ser masculina em –a, e no plural é em –s.

VASO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Quando l’acqua è callata restano in secco, e tanto alto dal <vaso> del canale, quanto è alta ogni gran casa” (FEDERICI, 1587, p. 109).

Português: vasa.

Análise do dado: Federici faz nesse *Ecasual* um decalque homonímico com adaptação morfológica funcional, na mudança de gênero do feminino português para o masculino italiano. Ver **vasa** em Da Empoli.

VITTOUVAGLIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] io comprai dui buoi, uno per mio cavalcare e l’altro per la compagnia da portar i drappi e la <vittouvaglia>” (FEDERICI, 1587, p. 44).

Português: vitualha.

Citações na obra: p. 2, 5, 44, 70, 94 etc.; *vittovaglia*: p. 19; *vettouvaglia*: p. 96.

Análise do dado: Ver **vetovaglia** em Corsali.

ZAMALUCCO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] Il Re <Zamalucco> è Moro, e è molto potente, come quello ch’ a ogni sua requisitione mette in campagna ducenta mila persone da guerra” (FEDERICI, 1587, p. 28).

Italiano: –

Português: nizamaluco.

Citações na obra: p. 25, 28, 29; *zamaluc*: p. 32.

Citações em outros autores: Balbi: p. 64, 66, 67. Sassetti: p. 479, 521, 522.

Análise do dado: NIZAMALUCO: forma portuguesa do título dado ao rei de Ahamadnagar. Os portugueses geralmente adaptavam à língua os nomes dos reis, e os transformavam em nomes comuns. No caso, trata-se do rei Nizām al-Mulk, que Federici omite a primeira sílaba e o transforma em *Xa-Malucco*, do qual *zamalucco*. Na passagem o autor faz menção ao controle exercido sobre a cidade pelos Nizām de Shāhī de Ahmadnagar. (Pinto, p. 245, nota 122). Para Cardona (1973, p. 196) é do português *nizamaluco*, conforme Machado (1961, p. 259)²²¹. Não encontramos em nenhum dicionário português a palavra e infelizmente não tivemos acesso ao dicionário de Machado para confirmar. Decalque homonímico com adaptação fonética e perda do fonema inicial do português /ni/ e com o acréscimo do dígrafo –c, em uma hipercorreção gráfica.

ZERGELIN s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e fossemo a scoprir terra oltra S. Tomè piu di cinquecento miglia, ch’erano le montagne del <Zergelin>, apresso il Regno d’Orisa, e cosi fossemo a Orisa con assai morti di sete e molti amalati” (FEDERICI, 1587, p. 86).

Português: gengerlim.

Análise do dado: Ver **zerzelino** em Varthema.

5.6.2.2 UFcasuals em Federici

COSTA BRAVA loc. adj. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Spaventosa cosa é a chi non ha più visto, l’imbarcare e sbarcar le mercantie e le persone a San Tomè, percioche è <costa brava> [...]” (FEDERICI, 1587, p. 73).

²²¹ MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: [s.e], 1956-61.

Português: costa bravia.

Análise do dado: Ver **chosta brava** em Da Empoli.

LADRI FORMICHERI loc. subs. *Outros*.

Atestação: “E quando la notte si stà ligati alle rive, bisogna farsi buona guardia, per rispetto de gli Arabi, che sono <ladri formichieri>, non amazzano, ma robbano, e fuggono” (FEDERICI, 1587, p. 4).

Italiano: *ladri formichieri*.

Português: ladrões formigueiros.

Análise do dado: LADRÃO FORMIGUEIRO: no sentido dado no texto, assaltante corsário dos rios, na Mesopotâmia. Talvez significando porque vinham muitos, levando a mercadoria roubada nas costas como formigas, ou em tantos quanto formigas. Caraci (1991, p. 808) confirma que essa locução não existe em italiano, mas presente no português e registra *ladrão formigueiro*, “ladrãozinho”, como aquele que rouba coisas de pouco valor. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica de número plural masculino em **-i** nas duas palavras que compõe a locução, substituição do dígrafo **-gu** para **-ch**.

MORI DI CARAPUZA loc. subs. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] è nido e refugio di tutti i ladri forestieri, che si chiamano <Mori di Carapuzza>, perché portano in testa una beretta lunga rossa” (FEDERICI, 1587, p. 52-53).

Italiano: *mori di berretto*.

Português: mouros de carapuça.

Citações em outros autores: Balbi, *m. di carapuzza*: p. 74. Sassetti, *carapuzze moresche*: p. 449.

Análise do dado: MOURO DE CARAPUÇA: nome dado aos mouros que usavam uma espécie de barrete comprido de forma cônica. Para Cardona (1973, p. 183) é evidente a referência aos turcos *kizil baş*, um corpo especial ligado ao Xá Ismael. Acrescenta que essa expressão é evidentemente do português *mouros de Carapuça*. Já Zaccaria (1927, p. 97) remete ao espanhol *carapuzza* e assevera que o único a registrar essa palavra é o Sassetti, (talvez pelo fato de as cartas de Sassetti terem sido publicadas antes das de Balbi e Federici). Pinto (1962, p. 262, nota 252) sustenta que provavelmente é do turco *kara* que significa negro e *bās* cabeça. Como *carapuça* é atestada na nossa língua a partir de 1452, podemos considerar um iberismo. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica de número

plural masculino em –i nas duas palavras que compõem a locução e mudança de fonema final de /s/ para /ts/ em uma normal italianização desse fonema.

OCCHI DI GATTA loc. subs. *Comércio*.

Atestação: “[...] vi si fa assai cairo da far cordovaglia, produce assai Christallo, e <occhi di gatta>, e dicono che vi si trovano anche rubini” (FEDERICI, 1587, p. 67).

Italiano: *occhi di gatta*.

Português: olho de gato.

Citações em outros autores: Carletti: p. 233.

Análise do dado: OLHO DE GATO: variedade de crisoberilo, uma pedra preciosa, muito difusa no Oriente, também conhecido como olho de tigre; espécie de ágata. Dalgado (1921, p. 121) atesta (cf. Yule) que é o nome que os portugueses deram a uma pedra do Ceilão, pela sua semelhança ao olho do gato. Acrescenta, porém, que Conti (viajante italiano que viajou à Índia pelo caminho das caravanas na primeira metade do século XV) já falava em *occhio di gatta*. Decalque homonímico com a adaptação morfológica funcional, na mudança de gênero do masculino português para o feminino italiano. Adaptação morfológica formal gráfica de número plural masculino em –i na primeira palavra que compõe a locução.

5.6.2.3 Proto/nomcasuals em Federici

CANNA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Le case sono fatte di <canna>, e coperte di foglie, e di paglia; e le case de i mercadanti hanno tutte un magazen che chiamano Godon, fato di pietre cotte” (FEDERICI, 1587, p. 111).

Português: cana.

Análise do dado: Federici como outros viajantes denomina cana para o bambu. As casas do povo eram todas feitas de palha e de bambu, tendo sido proibida a feitura em tijolos ou em pedra, pois segundo a concepção existente, uma casa mais sólida, poderia provocar resistência por parte dos súditos. A burguesia geralmente possuía casas feitas de madeira e algumas vezes de argila. Quanto maior o poder aquisitivo, mais bem decoradas eram. (Pinto, 1962, p. 380, nota 538). Decalque livre. Ver **canne de India** em Varthema.

MUSE s. f. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] se ne avvicinarono alla navi due lor barchette cariche di frutti, cioè <Muse> e Noci di quelle fresche, e molti Ignami cotti alessso” (FEDERICI, 1587, p. 76).

Português: bananas.

Análise do dado: ver **muse** em Ardizi.

NOCI D’INDIA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Da una banda e da l’altra delle strade sono piantate all’incontro delle porte delle case <noci d’India> che fanno un ombra molto bella e commoda” (FEDERICI, 1587, p. 112).

Português: nozes da Índia.

Citações na obra: *noci*: p. 76.

Análise do dado: ver **noce de India** em Varthema.

SI FA DEL VINO s. v. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] <si fa del vino>, qual vino si cava del fiore in mezzo all’arboro, che gitta di continuo un liquor bianco come acqua” (FEDERICI, 1587, p. 27).

Português: áraque.

Análise do dado: ver **urrache** em Da Empoli.

5.7 GASPARO BALBI

Para a compilação das ocorrências em Gasparo Balbi utilizamos a obra *Viaggio dell'India Orientale di Gasparo Balbi, gioielliere venetiano nel quale si contiene quanto egli in detto viaggio ha veduto dal 1579 al 1588* (doravante Viaggio/B). A bibliografia sobre o autor, além da acima citada, é bem restrita; encontramos apenas alguns pequenos comentários em Gubernatis (1875), em Doré (2002), em Branca (1873), Girolamo Tiraboschi (Storia della letteratura italiana. Modena: Società Tipografica, 1787-94, p. 273), em Amat di San Filippo (1874) e em Caraci (1991). Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1590, sem modificar acentos, pontuação, palavras unidas etc., apenas transcrevendo o sinal gráfico &, que representa a letra e.

5.7.1 Gasparo Balbi, o viajante joalheiro

Assi fallando entravam ja na sala onde
aquele imperador n'uma camilha jaz, que
não se iguala de outra alguma no preço, e no
lavor: no recostado gesto se assinala um
venerando e próspero senhor. Um panno de
ouro cinge, e na cabeça de preciosas
gemmas se adereça (Camões, Os Lusíadas,
Canto VII, 57).

As fabulosas riquezas do Reino de Pegu, com seus templos dourados, seus reis seus elefantes brancos, despertam nos europeus o desejo de aventurar-se por aquelas paragens, a fim de obter, a um preço menos custoso, as pedras e metais preciosos que vão abastecer o luxuoso mercado veneziano. Logo após a viagem de Cesare Federici, o seu concidadão Gasparo Balbi, também ele joalheiro, segue os mesmos passos, interessado em comerciar joias e pedrarias no Oriente. Diferentemente de Federici, Balbi não acena aos motivos que o levam a essa aventura. No seu relatório não deixa entrever dados pessoais que possam compor a sua personalidade, limitando-se a narrar o que vê, em uma não menos rica descrição, quase enciclopédica, sobre as moedas, os barcos, os produtos, os costumes ouvidos e presenciados durante os nove anos de aventuras pelos reinos da Índia Oriental, Birmânia e Sião.

Nasce Balbi, no seio de uma nobre família veneziana, em data imprecisa, nos meados de 1550/60. Pouco se conhece da sua vida antes e depois da sua viagem. Nos documentos existentes no *Archivio di Stato* de Veneza, Pinto (1962) encontra um testamento, no qual Balbi deixa a sua herança para seu primo Leonardo Cavalli. Em 1940 tal documento é encontrado ainda lacrado, de modo que a pesquisadora supõe que o seu herdeiro ou morreu solteiro ou ficou viúvo, sem filhos. O testamento informa que é filho de um tal Tranquillo, que servia na nau capitã comandada por Lorenzo Tiepolo, em Candia. Pelos documentos vistos pela pesquisadora, sabe-se que existe um processo movido contra ele por Camillo Olivi, o Velho e Girolamo Brugnera, que lhes haviam financiado mercadorias no valor de 1044 ducados. Balbi, neste documento, assume o compromisso de vender as mercadorias no Oriente e enviar aos seus financiadores o montante em joias. Não tendo mais notícias do viajante, em abril de 1579, os financiadores encarregam um amigo, residente em Alep, de encontrá-lo. Balbi, então, responde dizendo que está partindo para as Índias, na esperança de retornar após dois anos e poder saldar o débito. No entanto, volta à Veneza somente após nove anos, em 1588; encontra os herdeiros dos seus dois credores e assina um compromisso, que não mantém. Denunciado, é mandado à prisão, sendo liberado uma semana depois, em 19 de julho de 1590.

Se não se sabe muito sobre sua vida, sabe-se muito sobre a sua viagem. O Viaggio/B é informativo e didático, em contraposição ao Viaggio/F, mais culto e refinado. O seu relatório é quase um diário, podendo-se segui-lo, passo a passo, na sua jornada. Balbi inicia a sua viagem, como o seu predecessor Federici, partindo de Veneza, pelo caminho de Alep, trajeto conhecido por muitos viajantes italianos, de modo que se abstém de descrevê-lo. Relata ele no primeiro parágrafo: “Sendo a viagem ou navegação de Veneza, minha pátria, até Alep, tão conhecida e fácil, julguei não ser necessário descrevê-la, pela grande frequência dos navios e barcos que navegam desta nossa alma cidade àquela”²²² (BALBI, 1590, p. 1). Em compensação, após passar por Alep, a riqueza da descrição se desdobra em várias facetas: cada cidade, vila ou povoado é motivo para falar sobre a geografia, o comércio, as moedas utilizadas, as barcas, a arqueologia, os usos e os costumes. Pinto explana que Balbi demonstra ser:

[...] um agudo observador, um indagador cheio de curiosidade e um atento e escrupuloso anotador; procura entender tudo, de tudo se informa com curiosidade e tudo anota com inteligência no seu diário: notícias exatas e detalhadas de acontecimentos históricos, descrições de monumentos dignas

²²² “Essendo il viaggio o navigatione da Venezia mia patria fino alla città di Aleppo tanto noto e facile, ho giudicato non haver bisogno di alcuna dichiarazione, per la gran frequenza delle navi e vascelli i quali navigano da questa mostra alma città à quella”.

de um arqueólogo, observações algumas vezes refinadas, costumes e tradições dos diversos povos com os quais teve contato, dados linguísticos estrangeiros [...] especialmente dados geográficos tão novos e tão ricos, que algumas vezes fica-se perplexo pelo modo como ele conseguiu encontrá-los e a exatidão com que ele os anotou no seu diário (PINTO, 1962, p. XXIX).²²³

É quase impossível acompanhá-lo em todas as cidades pelas quais passa, nomeia e explicita: podemos no máximo dar o nome de algumas mais conhecidas. Chegando a Basra parte para Ormuz. De Ormuz embarca em direção à Diu e desta para Bombaim. Em Bombaim faz uma exposição sobre um famoso templo do século VIII, escavado na rocha, conhecido como Templo de Elephanta, que Balbi sustenta ter sido construído por Alexandro Magno. Nomeia no trajeto de Alep a Ormuz 130 cidades; do Golfo Pérsico dá o nome (e muitas vezes a descrição etnográfica) de mais 22; de Ormuz a Diu cita 12 nomes geográficos da costa persiana meridional. Esses números, que constam em Pinto (1962, p. XXIX), são apenas para exemplificar a sua minuciosidade nas descrições. Como afirma a autora, muitos desses lugares não tinham sido citados por nenhum viajante, sendo ele o primeiro. Passa por Chaul chegando a Goa, na qual permanece por dezoito meses, até abril de 1582. De Goa, fez o giro pela costa do Ceilão atingindo outras tantas cidades, sempre descrevendo-as detalhadamente. Em seguida parte para São Tomé.

Protela sua partida de São Tomé de Meliapor até 18 até setembro de 1583. Dessa cidade enumera, como nenhum outro viajante, a grande quantidade de igrejas: a catedral, dedicada ao santo protetor da cidade “[...] assim chamada pelas relíquias do Santo que aqui se conservam com grande veneração”²²⁴ (BALBI, 1590, p. 84); a igreja de São Francisco, onde estão os padres capuchinhos; a igreja de São João Batista e a igreja Mãe de Deus, dos padres jesuítas; além de outras existentes nas vizinhanças, como a igreja Nossa Senhora do Monte e da Cruz, a de São Lázaro etc. Isso significa que a cidade, no momento em que ali esteve, se encontra em franca prosperidade e florescimento, cumprindo um dos objetivos propostos nas navegações portuguesas que é de evangelizar os gentios. Somando-se a isso, a cidade já possui uma tradição de cristianismo, que vem desde os tempos da chegada do apóstolo e evangelista Tomé. A permanência em São Tomé é quase obrigatória para quem, como ele,

²²³ “[...] un acuto ossservatore, un indagatore pieno di curiosità, ed un atento e scrupoloso annotatore; di tutto cerca di rendersi conto, di tutto s’informa con curiosità e tutto appunta con intelligenza nel suo diario: notizie esatte e dettagliate di avvenimenti storici, descrizioni di monumenti degne di un archeologo, osservazioni qualche volte finissime di usi, costumi e tradizioni dei diversi popoli con i quali viene a contatto, dati linguistici stranieri [...] specialmente dati geografici così nuovi e così ricchi, che qualche volta si rimane perplessi per il modo con cui egli è riuscito a procacciarli e l’esattezza con cui li ha annotati nel suo diario”.

²²⁴ “[...] così chiamata dalle reliquie del Santo, che quivi si custodiscono con gran venerazione”.

quer aventurar-se mais além, pois a cidade funciona como entreposto comercial e um dos últimos baluartes portugueses na Índia sul-oriental. Nessa cidade fica por quinze meses, inteirando-se de toda a estrutura organizativa e comercial existente, procurando conhecer ao máximo o seu funcionamento.

Parte de São Tomé para os reinos de Ava e Pegu (antiga Birmânia, atual Myanmar) e Sião (Tailândia), fazendo um caminho diferente daquele feito por Federici: viaja de barco através da intrincada rede de rios no delta do mítico e sagrado rio Irauádi (Irrawady, no Myanmar). Nesse percurso a sua contribuição ao conhecimento geográfico é essencial, pois cita e descreve localidades até então desconhecidas pela geografia ocidental. Caraci (1992, p. 941) afirma que o *ViaggioB* constitui-se em uma fonte de importância imprescindível para o conhecimento dessa região.

Em Pegu permanece pouco mais de dois anos, de novembro de 1583 a 5 de janeiro de 1586, retornando à Índia, por via terrestre, até Martavão e completando o resto do trajeto por mar. Ao chegar em Cochim, perde os navios que retornam a Ormuz e tem que esperar mais sete meses, devido às monções. Chega, finalmente, nessa cidade no natal de 1586. Completa o retorno até Bagdá, onde chega no dia 23 de novembro de 1587, terminando a sua crônica. Supõe-se que, finalmente, aporta em Veneza nos primeiros meses do ano seguinte e dois anos após publica o seu *Viaggio/B*.

Após a publicação do seu relato de viagem, Balbi continua o trabalho no comércio de joias. Tem a sua botega de joalheiro na Ponte de Rialto e em 1621 vive no bairro de São Martinho. Segundo os documentos da denúncia feita contra ele e comentada por Pinto, Balbi prepara-se para outra viagem ao Oriente, mas não se sabe se a completou; assim como não se tem mais informações da sua vida, nem da sua morte, que provavelmente ocorre entre 1621 e 1625, pois nas atas do tabelião Zoppini, depois desta última data, não se encontra mais nenhum documento que faça referência a ele (PINTO, 1962, p. XXXVI-XXVII).

Gubernatis (1875, p. 24) afirma que com Balbi acaba-se o ciclo de viagens feitas por iniciativa privada no século XVI: quase no mesmo período, o florentino Sassetti também vai ao Oriente, mas enviado pelo Grão-duque da Toscana.

5.7.2 Viagem às Índias Orientais de Gasparo Balbi

O texto do Viaggio/B é publicado pela primeira vez em 1590, em Veneza, por Camillo Borgominieri e é editado no III volume de *Navigazione et viaggi*, por Ramusio, no ano de 1606, permanecendo mais de três séculos sem outra publicação na Itália. É reeditado, juntamente com o Viaggio/F, por Olga Pinto em 1962, na coleção *Il Nuovo Ramusio*, em um texto crítico, rico de comentários, que utilizamos nesta pesquisa. Apesar da obra ter sido reeditada somente quatro séculos depois, houve muitas outras edições da obra em países diferentes. Foi traduzido para o alemão por Gotthard Arths em 1605, para o latim em 1606 e inserido na coleção *India Orientalis* dos irmãos De Bry. No século XVIII foi traduzido diretamente do italiano para o holandês e publicado na coleção de Pieter van der Aa, na qual constava também o Viaggio/F. Traduções parciais em inglês, somente na parte em que fala de Pegu, foram publicadas por S. Purchas em 1625 e por Pinkerton em 1811. Depois disso somente a edição completa de Pinto (1962) e recentemente Caraci (1991), que publicou apenas parte da viagem de São Tomé para o Pegu. Balbi dedica o seu livro ao Senhor Theodoro Balbi, nobre Veneziano, com o desejo de servi-lo e “[...] toda a nobilíssima e antiquíssima Casa Balbi, a qual adoro com o pensamento, celebro merecidamente com a língua, e reverencio com o coração e honro com o vivo afeto que tenho”²²⁵ (BALBI, 1590, Introduzione, [s.n]).

As semelhanças entre a viagem de Federici e Balbi não se limitam apenas à rota extremamente parecida: ambos têm por objetivo comerciar ouro e pedras preciosas, ambos partem de Veneza pela rota das caravanas; ambos visitam a Índia e o reino de Pegu e retornam pelo mesmo caminho. Existe similaridade também na escritura do relatório. Pinto relaciona aspectos do Viaggio/B que estão presentes no Viaggio/F publicado três anos antes. A autora se pergunta por que, sendo a obra de Balbi uma excepcional contribuição ao conhecimento do Oriente, o autor copiaria, sem nenhum pejo, períodos inteiros, alguns com incongruências verdadeiramente estúpidas, mesmo sabendo que o leitor não seria tão ignaro e notaria logo o plágio? Acresce-se a isso o fato de o livro ter sido publicado na mesma cidade de Veneza pouco antes. A pesquisadora responde à sua pergunta dizendo – mas não é segura das suas afirmações – que talvez o autor, percebendo algumas lacunas, preencheu-as com o texto de Federici, ou que então ambos, Federici e Balbi, tiveram acesso a um relatório de viagem de

²²⁵ “[...] e toda a nobilissima e antichissima casa Balbi, laquale adoro co'l pensiero, celebro meritamente con la lingua, riverisco co'l cuore e onoro con quel vivo affetto, ch'io ho”.

qualquer mercador italiano que estava em Alep que, posteriormente, foi extraviado. Pinto credita o pouco sucesso da obra na Itália justamente a esse fato. Quem perde, com isso, é o leitor, pois a parte mais rica, onde as informações são realmente fundamentais, Balbi as escreveu de próprio punho (PINTO, 1962, p. XXIX-XXX).

Discussões à parte, o *Viaggio/B* é rico de informações cativantes: a descrição das barcas do Rio Eufrates são detalhadas, desde o modo como são feitas – a estrutura das velas, os seus diversos tamanhos e formas, partes essenciais para a navegação – até a maneira como a tripulação as conduz. Descreve as barcas “costuradas” com cordas e pregos de madeira que servem para carregar e descarregar os navios no porto de Nagapattinam. No mesmo local, é o primeiro a relatar sobre o catamarã, fazendo uma exposição completa desse tipo de embarcação:

[...] conduzindo sobre algumas barcas semelhantes às nossas balsas, com sete traves roliças, unidas juntas, para cada uma dessas barcas, e das sete traves, cinco são para o fundo, uma mais comprida do que as outras, que é colocada no meio e que na proa serve de espora, e uma outra na popa, que fica embaixo da água, onde se senta um homem que segura o timão com uma madeira longa; na ponta de tal madeira, embaixo da água, está pregado um pedaço de tábua. São estas barcas chamadas Catamarãs [...]. Mas tornando aos sopracitados catamarãs, sulcam aqueles mares, e assim vão navegando com seis, sete e oito marinheiros cada uma; e quando vão longe da dita cidade, fabricam um tabuleiro alto para que embaixo possa passar a água; quando vogam usam certos remos como postes, com os quais vão empurrando a água²²⁶ (BALBI, 1590, p. 82).

Mas não é somente do catamarã que fala, pois nomeia e explica sobre outras casas e barcos feitos de ramos de tamareira; descreve as barcas pesqueiras, construídas para enfrentar as mais terríveis tempestades: vogam na crista das ondas como barcos de papel, sem afundar. Fala sobre as almadias, os catamarãs, os paraus, os juncos e tantos outros barcos: praticamente todos os barcos utilizados no Oriente comparecem nas páginas do *Viaggio/B*.

É minucioso também nas suas contas, anotando os gastos feitos durante a viagem, como, por exemplo, as despesas feitas de Alep até a Babilônia. Em uma bem organizada tabela com 23 itens, inclui o preço do custo das mulas, os tributos pagos durante a viagem de

²²⁶ “[...] conducendo sopra alcune barche fatte à somiglianza delle nostre zattare con sette travi tondi legati insieme per ogn’una di dette barche, e di detti sette travi ne sono cinque per fondo, uno più lungo de gli altri, ilquale è quello di mezo, che per prora fa uno sperone, e un altro per poppa, che sta sotto acqua, ove sta a seder un’huomo, che tiene il timon con un legno lungo; e in capo di detto legno sotto acqua è inchiodato un pezzo di tavola. Sono queste barche chiamate Gatameroni [...]. Ma per tornare al proposito de’ sopradetti Catameroni, solcano quei mari, e così vanno navigando con sei, sette, e otto marinari per ogni una di quelle; e quando vanno lontano da detta città, vi si fabrica un pagliolo alto tanto, che sotto vi possi passarel’acqua; quando vogano hanno certi remi come pali, con li quali vanno tirando l’acqua”.

navegação (os árabes, nas cidades ribeirinhas do Eufrates e Tigre, assim como os portugueses no Oceano, cobravam o tributo de passagem), o preço das barcas, as extorsões feitas pelos demais reis, cadís e autoridades da região. Inclui nessas anotações outras despesas, sem, contudo, contar as pessoais e de alimentação. Nomeia a moeda corrente de cada região, citando o nome utilizado pelos portugueses e algumas vezes também o nome indígena. Nas páginas do *Viaggio F* comparecem o real, o cruzado de ouro, o português, o patacão, o vintém, o larim, a tanga e o xerafim, entre outras: moedas de Portugal e das cidades da Ásia e Oriente, onde os portugueses comerciavam. Talvez pelo fato de ser um negociante, o valor dado às descrições das moedas, dos pesos e das medidas seja para ele relevante, intercalando descrições com informações sobre o lugar onde são utilizados:

[...] e dita moeda de um lado tem uma coroa com duas flechas atravessadas, e do outro as armas de Portugal, e o tal ouro se chama em Malacca cruzado, e vale cada um 6 tangas. [...] e os ditos dinheiros, caxas, calains e tangas, que são de estanho, e patações de prata e cruzados de ouro. Os larins valem [...] dois cruzados. Cada uma dessas moedas de oito reais cada uma se chama pardau de reais, que no seu justo preço vale sete tangas de boa moeda²²⁷ (BALBI, 1590, p. 132, grifos nossos).

A organização de listas é um detalhe secundário se comparado com o modo como a obra é composta. Cada cidade é descrita separadamente com a sua arquitetura, a sua cultura, os pesos e medidas utilizados no comércio, sua administração, suas barcas, seus usos e costumes. O que realmente impressiona é a meticulosidade das exposições, feitas de modo sintético, sem a reflexão e estética existentes no Federici, mas não menos ricas de informações.

Na Birmânia, informa sobre os pagodes dourados, de cuja beleza exalta a magnificiência: “descobrimos do lado esquerdo do rio um pagode, ou melhor, varela, toda dourada, que se vê de longe. [...] quando o sol bate naquele ouro, faz resplandecer ao redor pelo espaço que ela alcança”²²⁸ (BALBI, 1590, p. 92). O ouro empregado nos pagodes é doado pelos fieis budistas, em agradecimento por algum fato importante da sua vida ou uma graça alcançada. Muitos reis e rainhas doam até os seu próprios pesos em ouro para embelezar os templos.

²²⁷ “[...] e detta monetta da una banda ha una corona com due frezze traversate, e dall’altra l’arma di Portogallo, ilquale oro si chiama in Malacca crociato e val ogn’uno tanghe 6. [...] che detti danari, cazze, calaine e tanghe, che sono di stagno, e pataconi d’argento e i crociati d’oro. I larini vagliono [...] due crociati. Ogn’una di quelle monete da otto reali l’una si chiama pardao di reales, laquale di suo giusto prezzo val tanghe sette di buona moneta”.

²²⁸ “[...] discopro a banda sinistra del rivo un pagodo, over varella, tutta dorata, laqual si scopre di lontano. [...] quando il Sole percote in quell’ oro che la fa risplendere all’intorno per tanto spatio quanto ela scopre”.

Balbi fala sobre os vários pagodes existentes, nas mais diversas cidades birmanas, nomeando o complexo de Shwegadon, com seus templos e seu domo, na cidade de Dogon (atual Yagon). Narra sobre as casas dos *talapoi* (monges budistas), geralmente construídas vizinhas aos pagodes, com a escadaria que dá acesso ao templo e sobre as suas divisões em espaços a cada quarenta, trinta e vinte degraus; as estátuas no topo, o sino enorme cheio de inscrições. Descreve as pessoas que frequentam as varelas, desde o povo até reis e rainhas. A grandeza e beleza dos pagodes pode ser comparada à beleza dos edifícios de Veneza, na sua época mais esplendorosa:

[...] nas quais habitam todos os Talapoi, que são os seus Padres, e que estão na administração do Pagode, ou melhor, Varela de Dogon.[...] o lado esquerdo é provido de pórticos com bodegas como aquelas da Procuradoria Nova de Veneza. [...] quando se alcança a varela, se encontra uma escada com 90 degraus, tão longa, segundo penso, quanto o canal de Rialto. [...] do lado direito há uma Varela dourada em forma redonda, cuja circunferência seria semelhante a da praça em frente ao palácio de Veneza, se ela fosse circular, e a sua altura se compara àquela da torre de São Marcos. Do lado direito tem uma bela sala toda entalhada e dourada, por dentro e por fora²²⁹ (BALBI, 1590, p. 96-97).

No aspecto antropológico, as observações de Balbi são acrescidas de comentários a respeito dos usos e costumes das populações, alguns desses nunca antes relatados, como – por exemplo – quando explica o estranho costume dos habitantes de Kanara, chamados pelo autor de *Canarini* (Canarinhos), de doar a virgindade das filhas ao deus. Essa população adora um ídolo de pedra, ao qual “entregam” as filhas para que o ídolo as deflore: “fazem que se conjungem com a dita estátua, o membro de pedra da qual, reconhecendo carnalmente, deixam que por este sejam violadas, e desse modo parecem dedicar a virgindade a esse ídolo”²³⁰. Esse costume, segundo ele, era para obter prosperidade no casamento. No momento da relação, quando a jovem estivesse relutante, devido ao possível sofrimento, eram estimuladas pelas mães, que as ajudam: “[...] na hora são empurradas pelas mães, por trás, de modo que sejam dessa maneira desvirginadas”²³¹ (BALBI, 1590, p. 68). Poucos anos mais

²²⁹ “[...] nelle quali abitano tutti i Talapoi che sono i loro Frati, che stanno a governo del Pagodo, over Varella di Dogon. [...] la banda sinistra è fornita di portici con botteghe a punto come quegli della Procuratia Nuova di Venetia [...] quando si giunge la Varella, si trova una scala di 90 scallini, lunga a mio giudicio quanto il canal di Rialto di Venetia. [...] a mano destra è una Varella dorata in forma rotonda, ed è di circuito quanto sarebbe la piazza dinanzi al palazzo di Venetia, s’ella fosse tonda, e la sua alteza può pareggiarsi a quella del campanile di S. Marco. A man sinistra è una bella sala, tutta intagliata e dorata di dentro e di fuori”.

²³⁰ “[...] fanno che le si congiungano con detta statua, il membro di sasso della quale riconoscendo carnalmente, lasciano che da quello restino violate, e a questo modo lor pare dedicar la verginità a quell’Idolo”.

²³¹ “[...] all’ora sono spinte dalle proprie madri di dietro; in modo che restano in questa guisa sverginare”.

tarde, outro viajante, Sasseti, também relata esse fato, que para nós, se configura como uma prática bárbara.

O Balbi antropólogo descreve também as cinco principais festas que se realizam no Pegu: a primeira, que ele transcreve como *Sapan Giachè* (da língua mon *kyak*, pagode), realizada mais ou menos a dez milhas da cidade, onde comparecem o rei e a rainha – em uma carruagem puxada por oito cavalos, todos da mesma cor – e os príncipes, acompanhados da sua corte, todos ricamente decorados, em cujo desfile participam dois elefantes vermelhos e quatro brancos. Narra com toda a riqueza de detalhes essas festividades, que tem a participação ativa de toda a população, desde a decoração dos trajes do rei à dos elefantes. O autor não informa em qual dos pagodes se realiza, mas segundo Pinto (1962, p. 349, nota 1356) os dois maiores pagodes que se encontram na distância indicada são os de Mokkainggyl e de Makaw. A segunda das festas que nomeia é a de *Sapan Catena* (do mon *katan*, doação ao clero dos hábitos de cerimônia) e se realiza dentro da cidade. Tem início na lua cheia e marca o fim da quaresma (que coincide com os meses de chuva), quando são iluminadas as estradas, os pagodes e os rios e nestes navegam pequenos barcos feitos de bambu, que levam lanternas iluminadas em vasos de óleo. É uma das festas mais importantes, porque assinala o fim do período chuvoso e início da primavera. A terceira se chama *Sapan Giaimseigienon* (do mon *Kyak-ma-gnin*, grande pagode) e acontece no lugar onde se erguia o grande pagode de Mawkanein, às margens da floresta. A quarta festa denominada *Sapan Daiche* (do mon *dak*, água) é a Festas das Águas, que coincide com o ano-novo birmano, uma festa menos pomposa que as anteriores, contudo mais difundida e popular, celebrada no mês de abril. Segundo o costume, as pessoas jogam uns aos outros nas águas ou vão pelas ruas com vasos de água que são jogados nos passantes. Até mesmo passando embaixo das janelas das casas, corre-se o risco de ser banhado; para o povo, esse ritual é um sinal positivo. A quinta e última festa, a de *Sapan Donon* (do mon *dlun*, barca) como o próprio nome comprova, a Festa das Barcas, é uma espécie de regata anual, feita na metade da quaresma (BALBI, 1590, p. 119-122). Para Pinto (1962, p. 351, nota 1384), além da exposição feita por Balbi, não se encontra em nenhum outro autor comentários dessas festividades, que voltam a ser descritas somente no século XIX. Além dessas festas existem outras, de menor importância, sendo que as citadas são as mais importantes.

Em muitas passagens do Viaggio/B o autor acena à existência das duas raças que predominam na Birmânia: os birmanos, que ocupam a parte central e setentrional da península, e os mon, que habitam as extensas planícies no delta do Rio Irravady. A língua mon é falada em toda essa região, mas hoje está desaparecendo, absorvida pela maioria

populacional birmana. Pinto (1962, p. 334, nota 1070) examinando o recenciamento de 1931, adverte que a população que fala o birmano atinge o número de 9. 300.000 enquanto que os que falam o mon apenas 300.000. O substrato birmano se impôs ao longo da história da dominação do norte sobre o sul.

A importância do Balbi lexicólogo se revela na transcrição dos numerais da língua mon que, para Pinto, constitui-se no único documento da língua nesse período:

E para não me estender mais, direi que o contar ou o numerar deles, ao invés de dizer um, dois três, contam dizendo moi, ba, pi, pon, masun, trao, dapo, daciam, dacin ciio, que são os números até dez e em lugar de dizer vinte, dizem bacin, trinta pici, quarenta panciù, cinquenta massunciù, sessenta tarraciù, setenta dapociù, oitenta daciamxù, noventa dacijtiù cento colon, mille gnia, dieci mila sunim²³² (BALBI, 1590, p. 128, grifos nossos).

Como historiador, nos dois anos que permanece no Pegu (novembro de 1583 a janeiro de 1586), presencia a rebelião iniciada pelo Rei de Ava contra o Rei Nandabayin, do Pegu, por não querer mais pagar o tributo a este. Informa Balbi que a população de Pegu não ama o seu rei. Por essa razão, ao invés de combater a favor do soberano, os principais capitães tomam a defesa do adversário, o que faz com que o rei os mande chamar todos, com as respectivas mulheres e filhos, inclusive as mulheres grávidas e criancinhas, num total de 400, e os queima todos vivos (BALBI, 1590, p. 105-106). Pinto afirma que Balbi é o único testemunho ocular desse episódio, e que essa barbárie volta a acontecer outras vezes, até 1820. Acrescenta que a crônica birmanesa Hmannan (III, p. 78) relata simplesmente que “Sua Majestade, não tendo mais confiança nos seus 30 ministros, os colocou em uma gaiola e os fez queimar”²³³ (PINTO, 1961, p. 342, nota 1213).

Na audiência que teve com o rei de Pegu, comenta sobre a transição acontecida no governo de Portugal, notícia que recebe provavelmente enquanto está na viagem entre Chaul e Goa, na caravela capitaneada, como escreve ele, por *Diegopusogna* (provavelmente Diogo da Cunha) que leva o primeiro Vice-Rei das Índias nomeado pelo Rei Felipe II da Espanha, Francisco Mascarenhas. Felipe II ascende, ou melhor, ocupa militarmente o trono de Portugal após o desaparecimento de D. Sebastião e a morte de Dom Henrique I, seu sucessor. Quando o rei de Pegu lhe pergunta sobre o rei de Portugal, Balbi lhe responde que o “Rei Felipe, o

²³² “E per non voler stender ad altro, dirò che il contar o il numerar loro invece di dir uno, due e tre, contano dicendo moi, ba, pi, pon, masun, trao, dapo, daciam, dacin ciio, ch’è il numero sino a dieci e così in luogo di dir venti, dicono bacin, trenta pici, quaranta panciù, cinquanta massunciù, sessanta tarraciù, settanta dapociù, ottanta daciamxù novanta dacijtiù cento colon, mille gnia, diccimila sunim”.

²³³ “Sua Maestà non fidandosi più di 30 suoi ministri, li mise nelle gabbie e li fece bruciare”.

qual havia expugnado Portugal, era o mais potente rei que havia entre os Cristãos, e que era servidores dos Venezianos”²³⁴ (BALBI, 1590, p. 103). Na mesma audiência, quando o rei lhe pergunta como é o governo de Veneza, se espanta com a resposta de Balbi, ao lhe dizer que em Veneza não existem reis, que é uma república, coisa para ele incompreensível, tanto que começa a rir até quase sufocar.

Caraci (1991, p. 947) sustenta que o *Viaggio/B* é um documento de valor excepcional para o conhecimento de vários aspectos da cultura oriental por ser “um precioso testemunho não somente para a história das relações comerciais entre Oriente e Ocidente, em uma fase crucial do seu progresso, quando a hegemonia portuguesa começara a vacilar, mas também pela riqueza e valor da pesquisa etnológica”²³⁵.

5.7.2.1 *Ecasuals* em Balbi

ACHIRAN s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Le targhe sono larghe un palmo e sei lunghe e sono fatte di cuoio doppio e forte con una mistura di sopra chiamata <Achiran>, molto lustro e negro” (BALBI, 1590, p. 111).

Italiano: –

Português: charão.

Análise do dado: CHARÃO: verniz extraído de várias árvores, de cor negro ou vermelho preparado na China ou no Japão feito de laca associada à outras substâncias; acharão. Dalgado (1919, p. 262) expõe uma longa discussão sobre a etimologia da palavra, atestando-a, conforme Gonçalves Dias, como provinda do espanhol *charol*, também possivelmente do chinês *chat*, com o significado de verniz; ou do malaio *rěngas*, “árvore de que se extrai”. Acrescenta que pode ser do chinês *tchi-yâu*, com a possibilidade de *charol* ser relacionado com *charão* e ambos de origem oriental. Pinto (1962, p. 346, nota 1277) afirma o mesmo. Decalque homonímico com adaptação morfológica funcional, com mudança de gênero, acréscimo de fonemas /a/ inicial e sufixo em **-an** (possível interferência fonética da

²³⁴ “Rè Filippo, il quale haveva espugnato Portogallo, era il più potente Rè che fosse fra i Christiani, e che era famigliare dei Venetiani”.

²³⁵ “[...] una preziosa testimonianza non soltanto per la storia dei rapporti commerciali tra Oriente e Occidente, in una fase cruciale del loro svolgimento, quando già l’egemonia portoghese cominciava a vacillare, ma anche per la ricchezza e la validità dell’indagine etnológica”.

terminação portuguesa –**ão**, pois não existe em italiano esse sufixo) da terminação masculina do português em –**ão**.

ADICARIO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] che risiede in detta lor città, la quale è cinta di muraglie e fatte de fango, co’ muri, e baloardi attorno: e questo Capitano è da loro chiamato <Adicario>” (BALBI, 1590, p. 87).

Italiano: –

Português: digar.

Análise do dado: ADIGAR: espécie de regedor na Índia. Dalgado (1919, p. 11-12) registra a entrada adigar, digar e explica que no sul da Índia era o título dado ao chefe da aldeia, mas que em outras regiões designava autoridades tais como ministros, governadores e magistrados. A etimologia, segundo Dalgado seria do tamul-malaiala *adhigāri*. Cardona (1973, p. 194) dá como provável étimo português *adigar*. Como Dalgado registra diversas acepções, é difícil estabelecer qual delas se aproxima à transcrição feita por Balbi.

ANNIPPA s. f. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “I portoghesi e noi altri di queste bande di quà non mangiamo nel Regno del Pegù pane di grano [...] ne si beve vino; ma una certa acqua lambiccata da un albero detto <Annippa> ch’è alla bocca assai gustevole” (BALBI, 1590, p. 127).

Português: nipa.

Análise do dado: ver **nipa** em Federici.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] attendemmo a navigare presto fino che l’<armata> sopradetta Portoghese si trovava in Ormùs, perche i ladri, che in gran quantità corseggiano quei mari predando, non ne assaltassero” (BALBI, 1590, p. 141).

Português: armada.

Citações na obra: p. 59, 60, 89, 103, 140.

Análise do dado: Ver **armata** em Varthema.

ARTIGLIARIA s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] entro la porta di detta fortezza è un pezzo di <artiglieria> grosso tanto che nella sua bocca vi staria un huomo a sedere” (BALBI, 1590, p. 60).

Português: artigliaria.

Citações na obra: p. 62, 66, 75, 102, 111.

Análise do dado: Ver **artegliaria** em Varthema.

BALLONI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Et questo luogo è vicino à Cocchi, e dopo mezo giorno ci troviamo sul porto di Cocchi dove venero apresso alcune barche da loro dette <balloni>, le quali sono fatte da un pezzo di legno intiero” (BALBI, 1590, p. 74).

Italiano: –

Português: balão.

Análise do dado: BALÃO: pequena embarcação monóxila, movida a remos. Houaiss registra a entrada e dá como sinônimo balanço, contudo, segundo Dalgado (1919, p. 85) não se trata da mesma coisa, pois essa é uma embarcação feita em uma só peça, escavada no tronco de uma árvore, como as canoas dos nossos indígenas. Acrescenta que essa palavra era utilizada por todos os escritores portugueses para referir-se a esse tipo de embarcação, seja na Índia, seja na Malásia e que essa palavra difundiu-se também em todas as zonas de influência portuguesa, incluindo várias línguas indígenas do oriente, provavelmente intermédio do português. Faz uma longa explanação da etimologia da palavra, e acredita que não se pode precisar exatamente qual a sua origem: talvez seja originária da região do Malabar, do tamul-malaial *vaḷḷam*. Atestado em Cardona (1972, p. 185) como sendo do português *balão*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo de substantivo aumentativo **–one**, italianização do sufixo português **–ão**. Adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **–i**. Ver **balanco** em Pigafetta.

BAR s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Avvertendo, che vi sono Bari di molti pesi, e con molta differenza, e che di essi si ragiona cosi simplicementi il <Bar>, ma come si ragiona a bar grande, s’intendono cantara 7” (BALBI, 1590, p. 51).

Português: bar.

Citações na obra: *bar/bari*: p. 22, 51, 52, 74, 131, 135, 140, 142 etc.

Análise do dado: ver **bahar** em Varthema.

BARRA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] per cui spatio di tempo vascello di sorte alcuna non naviga, né può partire della <barra> di Goa, né meno entrar per le grandissime piogge” (BALBI, 1590, p. 144).

Português: barra.

Citações na obra: *bara*: p. 92.

Análise do dado: ver **barra** em Da Empoli.

BASARUCCHI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Vi sono monete fatte di stagno, e piombo mescolato, e sono alquanto grosse, e tonde con una stampa da una banda di una sfera, o mappamondo, e dall’altra sono due frezze scolpite e 3 plaghe, e tali monete sono chiamate <Basarucchi>” (BALBI, 1590, p. 69).

Italiano: –

Português: bazaruco.

Citações na obra: p. 71, 77, 84; *basarucco*: p. 70, 72, 84, 91;

Citações em outros autores: Sassetti: *basalucco*: p. 379, 396, 408, 511, 512.

Análise do dado: BAZARUCO: antiga moeda da Índia Portuguesa (Aulete). Dalgado (1919, p. 109-110) acrescenta que era uma moeda confeccionada com diversos tipos de metais, tais como bronze, cobre e estanho, de valor variável. Para o autor é difícil precisar a etimologia, pode provir de *bāzār-rukā*, «ruka de bazar», como do canarês *badaga-ruka*, isto é, «moeda baixa» ou do persa *bursug* «grosso». Acrescenta que é possível que signifique «moeda grossa ou grosseira», por ser confeccionada com metal de baixo valor. Para Pinto (1962, p. 325, nota 838) trata-se da grafia portuguesa para a palavra *bud-gruk*, moeda indo-portuguesa, de baixo valor, usada originalmente em Goa, difundida em todos os mares indianos. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica com a substituição do grafema –z por –s no italiano, e adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –i.

BASSE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Finalmente passando vicino a due isole grandi di otto miglia in circa, e <basse>, come è il nostro Lio, mettemmo la prora per tramontana” (BALBI, 1590, p. 45).

Português: baixios.

Análise do dado: Ver **basso** em Da Empoli.

BATICCHE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] entrano nelle loro stanze, ove gli elefanti bianchi mangiano in certe <baticche>, come da noi le mastelle” (BALBI, 1590, p. 109).

Italiano: *bacile*.

Português: bâtegas.

Análise do dado: BÁTEGA: bacia de metal. Houaiss afirma ser um diacronismo e regionalismo da Índia, de étimo incerto. Dalgado (1919, p. 103) registra essa palavra e acrescenta que não era muito conhecida no continente, mas ainda vigora no Oriente, também com o sentido de bandeja, sendo usada nas formas bática e batic, com etimologia provinda do árabe *bātiya*. Pinto (1962, p. 344, nota 1253) confirma ser do português. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica com a substituição do grafema central –e por –i no italiano, e adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –i.

BATTON s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] e voi lo potete serrare prigione nella vostra casa; il che poche volte interviene: perché chi non havesse da pagar, va à toglier danari a <batton>, che vuol dir ad usura e paga” (BALBI, 1590, p. 107).

Italiano: *usura*.

Português: batão.

Análise do dado: BATÃO: emprestar dinheiro mediante a cobrança de juros; ágio. Não encontramos essa palavra com esse significado nos dicionários históricos portugueses, apenas se encontra registrada no Dalgado (1919, p. 101-102), que afirma ser sinônimo indiano de ágio. Cardona (1973, p. 198) atesta ser um provável étimo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano –on (possível interferência fonética da terminação portuguesa –ão, pois não existe em italiano esse sufixo), italianização do sufixo português –ão.

BIZA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Ogni <biza> risponde al peso grosso di Venetia, lire due, once cinque, e al sottile lire tre e once 9” (BALBI, 1590, p. 128).

Português: biça.

Citações na obra: p. 128, 106; *bise*: p. 104, 108, 106, 107.

Análise do dado: ver **bize** em Federici.

BRAGANINI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “In questa città di Goa ci è un costume fra le genti da terra, che nel comprar, e vender di legne, carboni, calcine e altre cose simili si parla à <Braganini>” (BALBI, 1590, p. 71).

Italiano: –

Português: barganim.

Análise do dado: BARGANIM: pequena moeda de prata corrente na Índia no tempo da ocupação portuguesa de Goa (Dalgado, 1919, p. 98). Não encontramos essa palavra nos demais dicionários, apenas em Dalgado, cuja definição reportamos. Atestado em Cardona (1973, p. 200) como sendo do português, onde o autor cita o lexicógrafo português como sua única fonte. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso da desinência **–ino**, em uma normal italianização da terminação portuguesa **–im**, com a adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **–i**.

CAGIERO s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “<Cagiero>, cioè corde di noci d’India, cantara sette, rotoli vintiquattro, lire 1380” (BALBI, 1590, p. 55).

Português: cairo.

Análise do dado: ver **cairo** em Federici.

CALAIN s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Detta cazza è una moneta di stagno più grande con la medesima arma, e due di esse cazze fano un <calain>, pur di stagno con sodetta stampa” (BALBI, 1590, p. 131).

Italiano: –

Português: calaim.

Citações na obra: p. 125; *calaini*: p. 132; *calaia*: p. 125.

Análise do dado: CALAIM: antiga moeda portuguesa feita de uma liga de estanho. Dalgado (1919, p. 179) afirma ser o étimo árabe *qal’āi*, que foi adotado pelas línguas indianas, o qual provavelmente provém do malaio *kālang*. Atestado em Cardona (1973, p. 200) como sendo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica com a substituição do grafema final **–m** em **–n**.

CAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Ha un porto murato posto in fortezza, alla cui guardia è un <Capitano> Portoghese, che la difende dalle scorrerie e impeto di Zamalucco, re moro” (BALBI, 1590, p. 64).

Português: capitão.

Citações na obra: p. 45, 47, 48, 80, 87, 88, 89, 90, 92 etc.; *c. di armata*: p. 60.

Análise do dado: ver **capitaneo** em Varthema.

CANARINI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “In questa Isola sono alcuni habitante detti <Canarini>, i quali adorano una statua nuda di pietra” (BALBI, 1590, p. 68).

Italiano: –

Português: canarins.

Citações em outros autores: Carletti: p. 232.

Análise do dado: CANARIM: habitante do Canará, estado da antiga União Indiana, zona limítrofe a Goa. Atestado em Bluteau (1712) e Dalgado (1919, p. 197) que adverte que os portugueses aplicaram erroneamente esse gentílico ao povo de Goa. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência **–ino**, em uma normal italianização da terminação portuguesa **–im**. Adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **–i**.

CANDIL s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] le quali si vendono e comprano per un tanto il <Candil>: avvertendo che in Goa ci sono due sorte di Candili” (BALBI, 1590, p. 68-69).

Italiano: –

Português: candil.

Citações na obra: *candili*: p. 69.

Análise do dado: CANDIL: medida de capacidade equivalente a vinte alqueires. Dalgado (1919, p. 198-199) sustenta que em Bluteau se encontra uma acepção a mais: de antiga moeda de Ormuz, porém contesta essa afirmação do linguista, acrescentando que tal moeda jamais existiu e que não se encontra registrada em nenhum viajante. Atestada em Cardona (1973, p. 200) como sendo do português *candil*, um peso de vinte libras. Sem adaptação.

CAZZA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Detta <cazza> è una moneta di stagno più grande con la medesima arma, e due di esse cazze fanno un calain, pur di stano con sodetta stampa” (BALBI, 1590, p. 131).

Português: caxa.

Análise do dado: Pinto (1962, p. 359, nota 1525) atesta como sendo a forma italianizada da palavra *cash*, nome dado pelos europeus à várias moedas de baixo valor. Ver **cas** em Varthema.

CHIASSO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] ogni man è chiassi 24 e ogni <chiasso> è mettecali dieci e mezo” (BALBI, 1590, p. 51).

Italiano: –

Português: quiaz.

Análise do dado: QUIAZ: peso pequeno utilizado em Ormuz (Aulete). Dalgado (1921, p. 236) o registra como sendo um peso equivalente a uma onça e afirma ser de etimologia persa *ūqīya*. Cardona (1973, p. 200) registra *chiasso*, do português *quiaz*. Decalque homonímico com adaptação gráfica, normal italianização do dígrafo **–ch** em substituição ao português **–qu**. Adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /so/ final.

CHINTAL s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Il detto <Chintal> (come nella dichiarazione di Ormus ho dichiarato) e in tutte le mercantie, droghe e spetie, che si vendono, si ragiona per Chintal, eccetto nel Regno della Cinna” (BALBI, 1590, p. 68).

Português: quintal.

Citações na obra: p. 67, 68, 69, 76, 77.

Análise do dado: ver **quintali** em Corsali.

CHITINI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Fatto quese divisioni, vi sono alcuni periti, detti <Chitini>, che mettono il prezo alle perle e poi vi vanno i mercanti di diversi parti, che con danari stanno aspettando” (BALBI, 1590, p. 50).

Português: chatim.

Análise do dado: ver **chitini** em Federici.

CLISSE s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] ma [quelli] della costa della Chiava che stufi di viver più, si mettono con una lor arma in mano, la qual chiamano <clisse> in strada e ammazzano quanti ne capitano fra le lor mano, fine che sono ancora essi ammazzati” (BALBI, 1590, p. 90).

Italiano: –

Português: *cris*.

Citações em outros autores: Carletti, *cris*: p. 205.

Análise do dado: CRIS: espécie de punhal, de lâmina ondulada, contendo dois gumes, utilizado pelos povos da Malásia e das Filipinas; adaga. Dalgado (1919, p. 322) informa que Afonso de Albuquerque se apresentava em recepções oficiais, sempre com um *cris* de ouro preso à cintura. Atestado em Cardona (1973, p. 183) como sendo provável étimo português, do malaio *kěris*. Decalque homonímico com a adaptação morfológica funcional, com a mudança de gênero do masculino português para o feminino italiano. Adaptação gráfica, e fonética com acréscimo de fonema /se/ final e a substituição do grafema português –r em –l.

CONTRAMASTRO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Mentre che io stava alla banda della nave, ragionando col <Contramastro>, il quale ha il carico che nelle nostre ha il Penese, mi accorsi e gli disse che l’acqua del mare era bianca” (BALBI, 1590, p. 80).

Português: *contramestre*.

Análise do dado: ver **contromaistro** em Pigafetta.

COVODI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “In questo modo, portandosi pichi 100 di panno o altro misurato in Babilonia, o Balsara in Goa, si trovano <Covodi> numero 117 quarte tre e meza à punto” (BALBI, 1590, p. 69).

Italiano: –

Português: *côvados*.

Citações na obra: *caudi*: p. 51; *coudi*: p. 69;

Citações em outros autores: Sassetti, *covodo*: p. 399

Análise do dado: CÔVADO: medida de comprimento equivalente a 66 cm. Zaccaria (1927, p. 135) atesta como espécie de medida portuguesa que mede três palmos, definição que encontramos também em Morais Silva (1813, p. 489). Cardona (1973, p. 200) confirma como sendo de provável étimo português. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –i.

CROCIATTO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] e detta moneta da una banda ha una corona con due frezze traversate, e dall’altra l’arma di Portogallo, il qual oro si chiama in Malacca <crociatto>, e val ogn’uno tanghe sei, di buona moneta, come quello di argento” (BALBI, 1590, p. 132).

Italiano: *crociato*.

Português: *cruzado*.

Citações na obra: *crociatti*: p. 133.

Análise do dado: ver **chrociati** em Da Empoli.

DACHIEN s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Tutti i pesi con che si pesa ogni sorte di mercantia sono e si reggono per il peso di <Dachien>, il quale è un peso à modo di statera di Venetia” (BALBI, 1590, p. 132).

Italiano: –

Português: *dachém*.

Análise do dado: DACHÉM: grande balança chinesa de aço; achém. Houaiss registra as duas entradas, mas dá a definição em *dachém* enquanto que Aulete remete a definição em *achém*. Dalgado (1919, p. 310-311) discute a variação do nome, declarando que alguns escritores registram *achém*, outros da segunda maneira, como nome de lugar *Dachem*, do qual proviria a palavra. Atestado em Cardona (1073, p. 201) como sendo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema central /i/ e troca de grafema final de –m em –n.

DANARI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] da una banda con due frezze e cinque piaghe, e dall’altra l’arma di Portogallo, lequali si chiamano <danari>, che dieci di essi danari fano una cazza” (BALBI, 1590, p. 131).

Italiano: *soldi*.

Português: *dinheiros*.

Citações na obra: p. 19, 27, 50, 52, 107, 127, 131, 132, 133, 135 etc.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 217, 227, 248 etc.

Análise do dado: DINHEIRO: moeda ou cédula utilizado como pagamento. Etimologia do latim *denarius*, ‘dezena, denário, qualquer moeda’. Pinto (1962, p. 359, nota 1518) e Cardona (1973, p. 201), afirmam ser um óbvio decalque do português *dinheiro*. No entanto, Dante, no canto XXII do Inferno utiliza a palavra *danar*: “Danar si tolse e lasciolti di piano, si

com'e' disse [...]". É difícil precisar se realmente é interferência do português, contudo como é atestado por Cardona, um dos principais estudiosos dos lusismos na língua italiana, incluímos na pesquisa. Decalque homonímico com a tradução da palavra portuguesa para o italiano.

DIALCAN s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] mentre per spugnar Goa vi era sotto con l’essercito con <Dialcan> Rè ali 27. ne si accosto un’altra fusta di Goa e ne diede una buonissima nuova” (BALBI, 1590, p. 59).

Português: idalcão.

Citações na obra: p. 59, 54, 65, 67.

Análise do dado: Ver **idalcan** em Corsali.

DISBARCARE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché non vi si può <disbarcare> alcuna quantità di soldati d’armata, fuori della città di S. Thomè è un'altra Città tutta attorniata di muraglie, fatte di fango” (BALBI, 1590, p. 89).

Português: desembarcar.

Citações na obra: *disbarca*: p. 19, 78.

Análise do dado: ver **disbarcare** em Corsali.

DISCARICAR verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] é passo frequentato da molti forestieri mercanti, i quali vanno, e vengono di Aleppo in Babilonia e quivi arrivano per imbarcare, o <discaricar> le loro merci, per metterle o levarle dalle caravane de’ cameli” (BALBI, 1590, p. 21).

Português: descarregar.

Citações na obra: p. 10, 83, 93; *discaricati*: p. 25, 72, 93.

Análise do dado: na página 22 encontramos *scaricate*, o mesmo verbo, utilizado na forma italiana. Ver **discharichato** em Da Empoli.

DISCOPRIMMO verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Alle 22 hore <discoprimmo> terra per mezo la prora, che era Basait fortezza, e città di Portoghesi, lontana da Diu 30 leghe e è vicina a Chiaul 10” (BALBI, 1590, p. 62).

Português: descobrimos.

Citações na obra: p. 21, 63, 66, 92.

Análise do dado: Ver **dischoprire** em Da Empoli.

DISMONTATI verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] a tal che gli constringemmo à ritirarsi, i quali <dismontati> in quell’Isola cominciorno à far fumo, credo io per far segno agli altri corsari” (BALBI, 1590, p. 44).

Português: desmontados.

Análise do dado: ver **smontammo** em Varthema.

FACENDE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “Quivi risiede anchora il viator di <facende>, che vuol dire thesoriere del Rè di Portogallo” (BALBI, 1590, p. 48).

Português: fazendas.

Análise do dado: ver **facende** em Federici.

FANNÒ s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “La moneta di quella città si chiama <fannò>, ch’è d’oro come più sotto intenderete” (BALBI, 1590, p. 83).

Português: fanão.

Citações na obra: p. 69, 76, 85.

Análise do dado: Tanto Bluteau (1712) como Morais Silva (1813) apresentam essa entrada contendo os dois significados, o de moeda e de peso. Em Federici e Sassetti encontramos apenas com o significado de moeda. Balbi, no entanto, atesta os dois significados, o de moeda (cf. a atestação) e de peso, como exposto na seguinte atestação: “I rubini poi si pesano con un peso detto fannò, che ogni fannò poi fa carati due Venetiani” (BALBI, 1590, p. 69, grifo nosso). Ver **fanon** em Varthema.

FARDO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] e quatro e mezo il <fardo>, e questo quando portano i dieci cavalli quelle navi, per i quai cavalli non gli si paga niente” (BALBI, 1590, p. 53).

Italiano: *collo di merci*.

Português: fardo.

Citações na obra: p. 31, 52; *faredi*: p. 104; *fardi*: p. 132.

Citações em outros autores: Sassetti, *fardi*: p. 420; *fardetti*: p. 411.

Análise do dado: FARDO: pacote ou objeto mais ou menos volumoso que se destina ao transporte; carga. Houaiss dá como etimologia o francês *fardel*, enquanto que Cardona (1973, p. 198), ao atestar como sendo étimo provável do português, sustenta que provém do árabe *fard*, e que a nossa língua recebeu essa palavra do italiano, mas o contexto é do português. Sem adaptação.

FATTOR s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “E vi risiede anchora un’altro chiamato <fattor> del Rè di Portogallo, dove quando si vuol cavar robbe di dogana, ciò non può farsi, se non risiedono tutti tre questi” (BALBI, 1590, p. 48-49).

Português: feitor.

Análise do dado: ver **fattore** em Da Empoli.

FONTIGO s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “In faccia del molo vi è la Dogana, da loro detto <fontigo>, nella cui porta vi sono due bandiere con una croce per una dipinta assai artificiosamente, e dentro di detto fontigo ha un cortile grande più di quello del palazzo Ducale di Venezia” (BALBI, 1590, p. 60).

Italiano: *dogana*.

Português: alfândega.

Análise do dado: ALFÂNDEGA: repartição do governo que fiscaliza a entrada e saída de mercadorias de um país; lugar onde funciona esse serviço. Atestado por Pinto (1962, p. 319, nota 726) e Cardona (1973, p. 198) como sendo do português *alfândega*. É difícil analisar as adaptações desse *Ecasual*, pois nada, praticamente o relaciona com a palavra portuguesa, apenas lembrando que a etimologia é do árabe *al-fundaq*: extraindo o artigo *al*, a semelhança é aproximativa. Note-se que no português, como em muitos outros empréstimos provenientes do árabe, o artigo se funde com a palavra.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Dopo aver rimediato al vascello, il quale si era aperto nella poppa, e nel fondo con molto pericolo di sommergerci, fummo sopraggiunti da una crudelissima <fortuna>, che mai a’ miei giorni viddi la maggiore” (BALBI, 1590, p. 41).

Português: fortuna.

Citações na obra: p. 42, 43, 44, 45, 61, 64, 65, 67.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FUSTE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] alle 22 hore demmo fondo per mezo la fortezza di Diù, ove ne vennero à trovar due <fuste> di Portoghesi” (BALBI, 1590, p. 59).

Português: fustas.

Citações na obra: p. 45, 140.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GALANGÀ s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “In tutte le mercantie che si vendono si ragiona per Chintal, eccetto nel Regno della Cinna, e <Galangà>, le quali si vendono, e comprano per un tanto il Candil” (BALBI, 1590, p. 67).

Português: galanga.

Citações na obra: p. 53.

Análise do dado: ver **gallanga** em Varthema.

GANZA s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Ve n’è un’altra ancora di <ganza>, laquale è una materia fatta di rame e di stagno, laquale ridotta in moneta è assai corrente” (BALBI, 1590, p. 110).

Português: gança.

Citações na obra: p. 15, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111 etc.

Análise do dado: Ver **ganza** em Federici.

GATAMERONI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Sono queste barche chiamate <Gatameroni> e gli huomini che vanno con esse, stanno tutti ignudi senza cosa veruna che gli copra fuorchè una pezza alle parti vergognose e in testa un cappello” (BALBI, 1590, p. 82).

Italiano: *catamarano*.

Português: catamarãs.

Citações na obra: *catameroni*: p. 82.

Análise do dado: CATAMARÃ: espécie de jangada formada por três ou quatro troncos independentes ligados entre si, utilizado nos mares do sul da Índia. Existe o mesmo termo no italiano, através do tâmil, que entrou apenas recentemente na língua (1930). Pinto (1962, p. 330, nota 970) assegura que Balbi é o primeiro e único escritor do século XVI a descrever detalhadamente essa embarcação. Cardona (1973, p. 187) o atesta como sendo do português,

mas que entrou para o italiano através do francês ou inglês, sendo difícil precisar. Acrescenta que é usado também como adjetivo, no sentido de “ter forma de catamarã”. Decalque homonímico com adaptação morfológica gráfica e fonética com a mudança do fonema inicial /g/ do português para /k/ e adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano indicativo de plural **–oni**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa **–ães**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa **–ã**.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Le donne more hebreo, <gentili>, ed altre natione dalle christiane infuori, tutte portano attaccato al naso un pezzetto d’oro più grande, e più picciolo secondo le lor possibilità” (BALBI, 1590, p. 48-49).

Português: gentios.

Citações na obra: p. 40, 51, 61, 72, 73, 78, 79, 86, 89, 90 etc.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GIAGA s. f. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Zenzero condito in <giaga>, cantata 3. rotoli 64, lire 672” (BALBI, 1590, p. 7).

Português: jagra.

Citações na obra: p. 140.

Análise do dado: ver **giagra** em Federici.

GIOGHI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e sopra il carro sono molti gradi, dove stanno a seder alcuni huomini, che essi chiamano <gioghi>, i quali sono come appresso di noi i Frati o i Preti” (BALBI, 1590, p. 83).

Português: iogue.

Análise do dado: ver **gioghi** Varthema.

GOTTONI s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Nel palazzo del Rè sono molti Thesaurieri perché ci sono molti magazeni di [...] muschio, belzuin, sandalo, e legno aloè e tutte queste cose hanno i suoi <gottoni>, che significano stanze separate” (BALBI, 1590, p. 111).

Português: godão.

Análise do dado: ver **godon** em Federici.

INSEGIADA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Poi facemmo vela per Ormùs, ma dal vento contrario fummo trasportati sopra l’<Insegiada> di Segiet, ch’è un luogo atterrato più di 30 leghe in mare” (BALBI, 1590, p. 138).

Italiano: *insenatura*.

Português: enseada.

Análise do dado: ENSEADA: baía de pequena dimensão geralmente abrigada na costa de mar. Atestado como sendo do português em Cardona (1973, p. 179). Pinto (1962, p. 362, nota 1593) afirma ser do português *inseada*; Metzeltin (1973, p. 243) atesta como sendo do português *seio*, etimologia apresentada no Houaiss (*en+seio+ada*). Decalque aproximativo com adaptação morfológica derivacional, com o uso de prefixo –in e sufixo aportuguesado –ada. É difícil estabelecer relação de –seio com –segia.

LARINO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Il detto <larino> è una strana moneta a vedersi, per non esser rotondo come l’altre monete: ma è una verghetta di argento di grossezza di una pena d’oca da scrivere e di lunghezza di meza quaerta in circa” (BALBI, 1590, p. 34).

Português: larim.

Citações na obra: *larino/i*: 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53 etc. *larim*: p. 52.

Análise do dado: ver **larino** em Federici.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Cocchi é una città posta in dieci gradi, che ha la sua facciata per tramontana; ma quella, che guarda il mare è per ponente, e da essa si distende una punta fuori per Garbin da quattro <leghe>” (BALBI, 1590, p. 74).

Português: léguas.

Citações na obra: p. 55, 56, 61, 62, 85, 138; *lega*: p. 38, 56.

Análise do dado: ver **leghe** em Corsali.

LEST s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama Nort, di Greco Nordest; di Levante <Lest>; di Sirocco Suest, di Ostro Sul, di Garbin Sudueste, di Ponente, Ueste, e di Maestro Noroeste, e accioché meglio io sia inteso ho posto la forma che segue” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *est*.

Português: leste.

Citações na obra: p. 146.

Análise do dado: LESTE: vento que sopra do levante. O vento leste seria o italiano *vento di levante* (que possui esse nome também em português), vento que sopra do leste no Mediterrâneo. BALBI registra o nome de todos os ventos em português, em correspondência aos nomes italianos, conforme a atestação acima e em seguida desenha a rosa dos ventos (cf. fig. 12). Atestado em Pinto ((1962, p. 364, nota 1655) e Metzeltin (1973, p. 249) como sendo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com perda do fonema final *-e*.

Figura 12 - Rosa dos Ventos de Balbi²³⁶

MAEDINO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] i quali si chiamano estinni, che 12 di essi fanno un <maedino>, che saria à conto di Aleppo maedino uno” (BALBI, 1590, p. 34).

Italiano: *maidino*.

Português: *maidim*.

Citações na obra: *maedino/i*: p. 5, 18, 21, 22, 34, 35, 36, 37, 52.

Análise do dado: MAIDIM, madim: moeda turca de baixo valor. Dalgado (1921, p. 9) registra *madim* como moeda turca no valor de 10 reis, do turco *ma'den*. GDLI (1961, v. IX, p. 487) registra a entrada e assegura que se origina do árabe. Decalque homonímico com

²³⁶ In: PINTO, 1962, p. 224.

adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência –**ino**, em uma normal italianização da terminação portuguesa –**im**.

MACCAREO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Havendo navigato fino a’ 23 del detto mese, ci trovammo vicini al <Maccareo>, ch’è la più maravigliosa cosa, che mai sia udita di crescimenti e calamenti che fanno l’acque” (BALBI, 1590, p. 91).

Português: macaréu.

Citações na obra: p. 83, 91, 92, 95, 97, 129.

Análise do dado: ver **maccareo** em Federici.

MAESTRO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] onde essendo ancho egli della mia opinione, ando su’l cassaro a dirlo al Capitano e al Piloto, che giocavano insieme a gli scacchi, essendo il Nocchiero detto da loro <maestro>” (BALBI, 1590, p. 80).

Português: mestre.

Análise do dado: ver **maestri** em Da Empoli.

MAN s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] si grande come piccioli sono frassole 20 e ogni frassola è <man> 10 che sariano mani 20” (BALBI, 1590, p. 51).

Português: mão.

Citações na obra: p. 26; *man/i*: p. 26, 51, 26.

Análise do dado: ver **man** em Federici.

MANILI s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “I Narini, poi, per esser conosciuti, portano al braccio certi <manili>, e i capelli molto bene acconci, e è questa la lor bellezza, come anche il portar la spada nuda” (BALBI, 1590, p. 76).

Português: manilhas.

Citações na obra: *manini*: p. 98.

Análise do dado: ver **manigli** em Varthema.

MATO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] nè i banditi, i quali quando il Rè bandisce qualch’uno lo manda nel <mato>, che vuol dire bosco, accioche stia lì con spavento di animali” (BALBI, 1590, p. 129).

Italiano: *bosco*.

Português: mato.

Citações em outros autores: Sassetti, *mattos*: p. 393, 394, 385.

Análise do dado: MATO: área coberta por vegetação constituída de plantas de porte médio, não cultivadas. Balbi faz corretamente a transposição do português para o italiano, pois emprega a palavra *bosque* com o significado em italiano. GDLI (1961, v. IX, p. 935) registra a entrada como sinônimo de pradaria, uma adaptação da palavra portuguesa mato, que significa árvore pequena, plantação (*alberetto*, *piantagione*) e que dessa palavra, surgiu o topônimo Mato Grosso. Pinto (1962, p. 358, nota 1493) atesta ser do português, com significado de *floresta*. Sem adaptação.

METECCALI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Avvertendo che fra i mercanti nella moneta si parla à 100 <meteccali>, che sono drame 150” (BALBI, 1590, p. 35).

Italiano: –

Português: metical.

Citações na obra: p. 51; *metaccali*: p. 27; *metecchali*: p. 27; *metteccali*, p. 53.

Análise do dado: METICAL: antiga moeda de pesos otomana e árabe para matérias preciosas, como o ouro, a prata, pedras etc. Atestado em Nimer (2005, p. 181) como antigo e pequeno peso utilizado na cidade de Ormuz; conforme o árabe *mitqāl*. Atestado em Cardona (1973, p. 202) como provável étimo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema final de número plural masculino /i/ em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –l.

MONSONNE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il primo <monsonne> di Goa per Ormùs è dal primo di Ottobre fino alla fine, che si partono di Goa le navi e vanno con venti dall’Este, che vuol dir Levante per la costa della Persia” (BALBI, 1590, p. 145).

Português: monção.

Citações na obra: p. 70, 144, 145, 146, 147; *monsonni*: p. 69.

Análise do dado: ver **moson** em Federici.

NAICH s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “È sottoposta grandemente a i tradimenti, che spesse volte vi ordisce <Naich> Signor del paese” (BALBI, 1590, p. 82).

Português: naique.

Citações na obra: p. 170.

Análise do dado: ver **naic** em Federici.

NAIRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Ha buon numero di gentil huomini che si chiamano <Nairi>, che sono molto fedeli al Rè, e vanno sempre dal mezo in su nudi e discalzi” (BALBI, 1590, p. 75).

Português: naires.

Citações na obra: *nairo/i*, p. 76, 137; *narini*: p. 76.

Análise do dado: Ver **naeri** em Varthema.

NORDEST s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama Nort, di greco <Nordest> [...]” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *nord-est*.

Português: nordeste.

Citações na obra: p. 145, 146.

Análise do dado: NORDESTE: vento que sopra a meio entre as direções norte e leste; mistral. Atestado em Pinto (1962, p. 364, nota 1654) e Metzeltin (1973, p. 249) como sendo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com perda do fonema final –e. Ver **lest** em Balbi.

NOROESTE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama Nort [...], e di Maestro <Noroeste>” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *nord-est*.

Português: noroeste.

Citações na obra: p. 146.

Análise do dado: NOROESTE: vento que sopra a meio entre as direções norte e oeste. Pinto (1962, p. 364, nota 1660) e Metzeltin (1973, p. 249) afirmam ser do português. Ver **lest** em Balbi.

NORT s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama <Nort> [...]” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *nord*.

Português: norte.

Citações na obra: p. 146.

Análise do dado: NORTE: vento que sopra do norte para o sul; vento tramontana. Pinto (1962, p. 364, nota 1653) e Metzeltin (1973, p. 249) atestam ser do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com perda do fonema final –e. Ver **lest** em Balbi.

OLLA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “La mattina seguente à due hore di Sole trovammo un casale popolato, ove era un canal grande, quanto è quello della Zuecca di Venetia, e quivi ne bisognò mostrar l’<olla>, cioè la licenza di passare” (BALBI, 1590, p. 129).

Italiano: *olla*.

Português: ola.

Citações na obra: *olla/e*: 103, 105, 112, 124, 128.

Citações em outros autores: Sassetti, *olle*: p. 395.

Análise do dado: OLA: na atestação com o significado de um documento escrito, uma espécie de licença de passagem. Dalgado (1921, p. 117-120) afirma que era uma palavra largamente utilizada em suas diversas acepções: 1) folha de palmeira para cobrir casas; 2) folha de palmeira onde era escrito incidindo com um ferro curvo; 3) documento escrito (como no exemplo de Balbi); 4) lâmina de ouro, de prata ou de cobre com letras gravadas. Encontramos em Balbi três significados expostos: o de documento escrito, exemplificado na atestação, a) licença de passar: “foi necessário mostrar a ola, isto é a licença para passar” (BALBI, 1590, p. 129); b) de folha de palmeira onde se podia escrever: “tudo foi escrito em uma ola” (BALBI, 1590, p. 103); c) letras gravadas: “uma bacia de prata com algumas letras chamadas por eles de olas” (BALBI, 1590, p. 95).²³⁷ Não encontramos nos dicionários portugueses essa entrada, apenas no Dalgado. Atestado em Cardona (1973, p. 184) como sendo do português, através do tâmil *olai* e do malaiala *ola*. GDLI (1961, XI, p. 882) registra a entrada e cita o Balbi como atestação. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –l em uma hipercorreção gráfica.

²³⁷ a) “bisognò mostrar l’olla, cioè la licenza di passare”; b) “Il tutto fu scritto in un olla”; c) “un baccile d’argento intagliato con alchune lettere da lor dette olle”.

PAGGIAVELLON s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “I panni, che si portano da San Thomè, si vendono a <paggiavellon>, che ogni quattro panni fanno un paggiavellon [...]” (BALBI, 1590, p. 106).

Italiano: –

Português: pachavelão.

Análise do dado: PACHAVELÃO: tecido de ramagens utilizado em Coromandel. Segundo Dalgado (1921, p. 128-129) esse tecido era apresentado como prova de benevolência ou de estima. O étimo seria o tâmil *pachaivadam*, mas para Caraci (1991, p. 965, nota 7) é o telugu *pachadamu*. A autora atesta como sendo do português *pachavelão*. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com mudança do fonema /x/ do português para o italiano /dʒ/, acréscimo do dígrafo –l em uma hipercorreção gráfica; adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano –on, (possível interferência fonética da terminação portuguesa –ão, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa –ão.

PALMIERI s. f. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Il giorno seguente ci mettemo per un rivo stretto, come la nostra Brenta di Padova, il quale havea ombra da i <Palmieri>, che dall’ una e l’altra parte haveva in gran quantità” (BALBI, 1590, p. 94).

Português: palmeiras.

Citações na obra: *palmeri*: p. 73.

Análise do dado: ver **palmar** em Federici.

PARDAI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Ma per una sorte di mercantia in Goa si dimandano <pardai> d’oro, eccetto per gioie e cavalli, e per ogni altra qualita di merce e droghe si contano serafinni di argento” (BALBI, 1590, p. 70).

Português: pardau.

Citações na obra: existem outras 13 ocorrências no fim da obra, em páginas não numeradas.

Análise do dado: ver **pardai** Varthema.

PATACCONI s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] l’image di San Thomè in mezo, e dall’altra parte l’arma di Portogallo, e ogn’uno di essi si chiama <patacone>, il qual val tanghe sei di buona moneta l’una” (BALBI, 1590, p. 132).

Italiano: *patacco*.

Português: patacão.

Citações na obra: *pataccine*, p. 70, 71.

Análise do dado: PATAÇÃO: nome dado a diversas moedas de cobre ou de bronze, do Brasil, Portugal, Espanha e alguns países da América do Sul. Bluteau (1712, p. 313) afirma que o patacão de prata da Índia Portuguesa foi mandado cunhar pelo Vice-rei Afonso de Noronha. Era considerada a melhor moeda corrente, devido à sua pureza, sendo que corria também entre os reinos estrangeiros. Acrescenta que o nome patacão foi uma associação pela semelhança que o patacão português tinha com o patacão castelhano. Possuía de um lado a imagem de São Tomás, protetor da Índia e no reverso as armas de Portugal (conforme explica Balbi na atestação). Atestado por Cardona (1973, p. 202) como sendo provável étimo do português, mas podemos considerar também um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –c em uma hipercorreção gráfica e adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo de substantivo aumentativo –one, italianização do sufixo português –ão.

PATIFO adj. *Outros*.

Atestação: “[...] bisogna che tutti corrano armati a dar soccorso perchè chi non lo facesse sarebbe tenuto homo vile, e come dicono i Portoghesi, per un <patifo>, che vuol dir persona goffa, e di poco cuore” (BALBI, 1590, p. 87).

Italiano: *vile*.

Português: patife.

Citações na obra: *patifi*: p. 88.

Análise do dado: PATIFE: pessoa que possui má índole e não demonstra vergonha; vil. Atestado em Pinto (1962, p. 332, nota 1007) como sendo um adjetivo do português. Decalque homonímico consciente com adaptação morfológica formal gráfica com a substituição do grafema final –e para –o.

PICO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] ne portorno via una al Sangiacco, il quale subito ne fece tagliar sete pichi per farsi un giambellucco per cavalcare e disse volerno pagare à ragione di venetiani quattro il <pico>” (BALBI, 1590, p. 6).

Italiano: *picco*.

Português: pico.

Citações na obra: *pichi*: p. 6, 13, 34, 51, 52, 69; *pici*: 52.

Citações em outros autores: Carletti, *picco*: p. 108, 156.

Análise do dado: PICO: peso do extremo oriente equivalente a 100 cates ou 60 kg; picul. Do malaio e javanês *pikul*, que equivale à “carga de um homem” (DALGADO, 1921, p. 208-209). GDLI (1961, v. XIII, p. 356) registra a subentrada *picco*, mas afirma ser do espanhol e apresenta uma atestação posterior a essa do Balbi, do Gemelli-Careri, que fez a sua viagem ao redor do mundo entre 1693 e 1698. Cardona (1973, p. 202) assegura ser do português. Sem adaptação.

PIMENTA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] ha un ponte per ilquale si passa, laquale è fatta artificiosamente sotto licenza havuta dal Rè di poter fabricar una casa di poter tener la <pimenta>” (BALBI, 1590, p. 136).

Italiano: *pepe*.

Português: pimenta.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 464, 495.

Análise do dado: PIMENTA-DO-REINO: fruto da *Piper nigrum* utilizado em grão ou moído como condimento; pimenta. A pimenta, juntamente com o cravo e a canela, era uma das especiarias orientais mais apreciadas na Europa, sendo vendida a peso de ouro, pelo seu sabor picante. GDLI (1961, v. XIII, p. 486) registra a entrada pimenta e a apresenta como vinda do espanhol *pimienta* e do português *pimenta*. Atestado em Cardona (1973, p. 208) como sendo provável étimo do português. Sem adaptação.

PORTOGHESE s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Vi è ancora una moneta d’oro grande laquale si chiama <Portoghese> con stampa da una banda di una croce grande, e dall’altra l’arma di Portogallo” (BALBI, 1590, p. 77).

Italiano: *portoghese*.

Português: português.

Citações em outros autores: Sassetti: p. 417.

Análise do dado: PORTUGUÊS: moeda de ouro e prata portuguesa (Bluteau, 1712, p. 640). Não encontramos nos dicionários portugueses atuais essa entrada com esse significado, apenas no Bluteau e no Moraes Silva (1813, p. 475) onde encontra-se como uma subentrada. Bluteau registra *portuguez*, moeda cunhada por Dom Manuel I, em 1504, que valia 400 mil réis, mas que pela elevada cotação do ouro, no momento, dobrou de valor. GDLI (1961, v. XIII, p. 993) registra a subentrada *portoghese*, como uma moeda que valia quinze ducados. Pinto (1962, p. 327, nota 916) afirma ser do português *portugais*, moeda de ouro no valor de 10 cruzados, cunhada após a descoberta das Índias. Cardona (1973, p. 202) confirma ser do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica morfológica formal, normal italianização do dígrafo –gh em substituição ao português –gu, e fonética com acréscimo de fonema /e/ final, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –s.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “A man sinistra stanno i suoi Thesaurieri, e altri Signori <principali>, e vicino a lui à destra stà il Prencipe sopra un palco, come ho di sopra detto” (BALBI, 1590, p. 109).

Português: principais.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

PULIA s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e l’altra <Pulia>, ch’è la plebe, laqual Pulia mentre camina per la strada, e s’incontra con un Nairo, subito l’honora con darli luogo in strada” (BALBI, 1590, p. 137).

Português: polear.

Análise do dado: ver **POLIARLI** em Varthema.

REALI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Li <reali> d’argento da 8 reali per ogn’uno vaglione per commandamento del Rè di Portogallo Reis 400, che ogni Reis val basarucco uno” (BALBI, 1590, p. 70).

Português: reais.

Citações na obra: p. 27, 70, 71, 77 147. Outras quatro atestações encontram-se nas páginas finais, sem numeração.

Análise do dado: ver **reali** em Sassetti.

REIS s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Li reali d’argento da 8 reali per ogn’uno vaglione per commandamento de Rè di Portogallo <Reis> 400, che ogni Reis val basarucco uno” (BALBI, 1590, p. 70).

Italiano: –

Português: réis.

Citações na obra: p. 70, 71, 77, 133. Existem mais de vinte atestações nas páginas finais, sem numeração.

Citações em outros autores: Carletti: p. 233.

Análise do dado: RÉIS: plural de real, antiga moeda circulante no Reino de Portugal, cujas cédulas eram múltiplas e as moedas frações de mil réis. Ver **reali** em Sasseti.

REPLICARE verbo. *Outros.*

Atestação: “[...] E havendomi egli risposto, che quando si sente <replicare> il suono della campana, laquale essi chiamano il Sino, e ch’ella suona, come si disse da noi, à martello” (BALBI, 1590, p. 87).

Italiano: *suonare*.

Português: repicar.

Análise do dado: REPICAR: produzir sons, sobretudo falando de sinos, tocar. Cardona (1973, p. 192) ao examinar a palavra sino contida nessa atestação põe entre parênteses a palavra portuguesa repicar seguida de um ponto de interrogação, mas não atesta que seja do português. Pelo contexto pode-se compreender que se trata de uma palavra da nossa língua, portanto podemos perfeitamente classificá-la como sendo um *Ecasual*. Decalque homonímico com adaptação fonética com acréscimo do fonema –l e adaptação gráfica com acréscimo do fonema final /re/, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –r.

RINFRESCAMENTI s. m. pl. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “Et egli ne fece buona, e fedel compagna, dandone molti <rinfrescamenti> in detta sua casa, con sgombrarci dal pensiero parte della maninconia, c’havevamo conceputa dal timore d’esser assaliti da assassini [...]” (BALBI, 1590, p. 2).

Português: refresco.

Citações na obra: p. 17.

Análise do dado: Ver **rinfresco** em Da Empoli.

ROMBEE s. f. pl. *Usos e costumes.*

Atestação: “[...] e torno di nuovo à far dette riverenze da essi chiamate <rombee>” (BALBI, 1590, p. 103).

Italiano: –

Português: zumbaia.

Citações na obra: p. 103; *zomba*: p. 188.

Citações em outros autores: Sassetti, *sombaj*: p. 424.

Análise do dado: ZUMBAIA: saudação reverente, cerimoniosa. Nos dicionários do *corpus* encontramos registrado zumbaia, no entanto Dalgado (1921, p. 326-327)) afirma ser do que os dicionaristas se enganam ao registrar zombaia, pois a forma “correta e legítima” é sumbaia. Segundo o autor, o étimo malaio *sembah* significa saudação e *sèmbahyang*, significando oração, culto de Deus. Conclui que o étimo do termo português é, incontestavelmente, *sembahyang*, empregado pelo portugueses no sentido de “saudação reverencial feita a um rei ou a homem eminente”. Cardona (1971, p. 44) assevera que o modo como se encontra escrito em Balbi é um erro evidente: *rombee* ao invés de *zombee*. Acrescenta que é um termo do malaio, que entrou para a língua franca (de base portuguesa), resultando no português *sombaia*. Pozzi (1991, p. 1222) alega que a palavra *rombee* não deve ser tocada, pois no Viaggio/B aparece por três vezes. Podemos creditar a um erro do tipógrafo, que passou despercebido ao Balbi, pois mais adiante encontramos *zomba*: “[...] che haveria da S. Maestà havuta udienza, e però gli comparì prima innanzi a fargli riverenza, e zomba (è questo il Prencipe figliolo primogênito del Rè) Mauparagià” (BALBI, 1890, p. 118, grifo nosso). No Sassetti encontra-se com outra significação, que é apresentada também no Dalgado, a de oração. Como existem dúvidas quanto à transcrição correta do *Ecasual*, nos absteremos de analisá-lo.

RUBBO s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Avvertendo, che ogni cantaro fa rubbi quatro e ogni <rubbo> fa ruotoli trentadue, che fariano ruotoli cento” (BALBI, 1590, p. 131).

Italiano: –

Português: arroba.

Citações na obra: p. 69, 51; *rubbi*: p.131.

Análise do dado: ARROBA: medida de peso correspondente a 15 quilos. Atestado em Cardona (1973, p. 202) como sendo do português *arroba*.

SABANDAR s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e così dopo haver pagato un sadino per capo al <Sabandar>, il che prima, che pagavamo come Portoghese, non eravamo tenuti di sborsare” (BALBI, 1590, p. 141).

Português: xabândar.

Análise do dado: ver **sciabandare** em Da Empoli.

SADINO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] e così dopo haver pagato un <sadino> per capo al Sabandar, il che prima, che pagavamo come Portoghese, non eravamo tenuti di sborsare” (BALBI, 1590, p. 141).

Italiano: –

Português: sadim.

Citações na obra: *sadini*: p. 52.

Análise do dado: SADIM: antiga moeda da Índia, que valia um vintém (Aulete). Dalgado (1921, p. 269) registra as entradas sandi, sandil e sandim, uma moeda de Ormuz que valia “cem dinares”. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência **–ino**, em uma normal italianização da terminação portuguesa **–im**.

SERAFAGIO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] e quel di più di pagamenti si dimanda <Serafagio> e metto figura che vagliano ad uno per cento di Serafagio” (BALBI, 1590, p. 159).

Italiano: *aggio*.

Português: sarrafagem.

Citações na obra: *serafagio*, *serafaggio*: p. 69, 70, 71.

Citações em outros autores: Sassetti, *xarafaggio*: p. 495.

Análise do dado: SARRAFAGEM: cambio, ágio na Índia; ação praticada pelo xarafo, significando agiotagem (Dalgado). Não encontramos esse adjetivo nos outros dicionários portugueses históricos e atuais, apenas o substantivo xarafo, no Aulete, que registra como termo da Índia Portuguesa, significando cambiador. Dalgado (1921, p. 296) registra a entrada sarrafagem, cuja definição empregamos acima. O autor assevera que o adjetivo deriva de sarrafo, botica de sarrafagem, estabelecimento do cambista, pois nesse período circulavam moedas de diversos períodos e valores, sendo necessária a existência dessas boticas, precursoras das atuais casas de câmbio. Cardona (1973, p. 199) confirma ser do português *xarafagem*, através do árabe *ṣarrāf*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixos que denota ação ou resultado de ação **–aggio**, italianização do sufixo português **–agem**.

SERAFINNI s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] e per ogni altra qualità di merce, e droghe si contano i <serafinni> di argento” (BALBI, 1590, p. 70).

Português: xerafim.

Citações na obra: p. 70, 71, 76, 159, 160 etc.

Análise do dado: ver **seraphi** em Varthema.

SINO s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] e havendomi egli risposto, che quando si sente replicare il suono della campana, laquale essi chiamano il <Sino>, e ch’ella suona, come si disse da noi, à martello, bisogna che tutti corrano armati a dar soccorso” (BALBI, 1590, p. 87).

Italiano: *campana*.

Português: sino.

Análise do dado: SINO: instrumento cônico, geralmente de bronze, com um pêndulo interno o qual ao percutir nas paredes produz sons mais ou menos graves. Cardona (1973, p. 182) atesta ser do português. Sem adaptação.

SOMBRER s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Sogliono per il cocente Sole portar un <Sombrer>, coperto di bambace rovana chiara, e l’inverno à tempo di pioggia portano un’aggiron per rispetto dell’acque” (BALBI, 1590, p. 124).

Português: sombreiro.

Análise do dado: ver **somblar** em Varthema.

SUEST s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama Nort [...] di Sirocco <Suest> [...]” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *sud-est*.

Português: sueste.

Citações na obra: p. 146.

Análise do dado: SUESTE: vento que sopra a meio entre as direções sul e leste. Pinto (1962, p. 364, nota 1656) e Metzeltin (1973, p. 255) atestam ser do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com perda do fonema final **-e**. Ver **lest** em Balbi.

SUDUESTE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama Nort [...], di Garbin <Sudueste> [...]” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *sud-ovest*.

Português: sudoeste.

Citações na obra: p. 146.

Análise do dado: SUDOESTE: vento que sopra a meio entre as direções sul e oeste. (Pinto (1962, p. 364, nota 1658) e Metzeltin (1973, p. 255) afirmam ser do português). Decalque homonímico com adaptação gráfica, com substituição de grafema português –o para o italiano –u. Ver **lest** em Balbi.

SUL s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama Nort [...], di Ostro <Sul> [...]” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *sud*.

Português: sul.

Citações na obra: p. 146.

Análise do dado: SUL: vento que provém dessa região. Pinto (1962, p. 364, nota 1657) e Metzeltin (1973, p. 255) atestam ser do português. Sem adaptação. Ver **lest** em Balbi.

STORAX s. f. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “<Storax> liquida, cantara 7. rot. 24 lire 1380” (BALBI, 1590, p. 55).

Português: estoraque.

Análise do dado: ver **storace** em Varthema.

TANGA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] ma non già che sia <tanga> stampata, se non cosi per nome tanga, laquale à conto di Venetia val soldi 18” (BALBI, 1590, p. 131).

Português: tanga.

Citações na obra: p. 69, 77.

Análise do dado: ver **tanghe** em Corsali.

TANGI s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Questi cassoni così impeciati ne’ quali si porta l’acqua per l’uso del bere, e del cucinare, sono chiamati <tangi>, e sono cuciti con le corde e inchiodati con chiodi di legno” (BALBI, 1590, p. 39).

Português: tanque.

Análise do dado: ver **tancho** em Varthema.

TARA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “Una mano di spetie di Babilonia sono à conto di Aleppo rotolo uno, once cinque e meza sporche di <tara> che man 68” (BALBI, 1590, p. 26).

Português: tara.

Citações na obra: p. 35, 69, 77.

Análise do dado: ver **tare** em Varthema.

TERRECÀ s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] i quali haveria fatto stimar da i suoi <Terrecà> publici, che così sono chiamati gli stimatori e che m’haveria fatto fare il mio pagamento” (BALBI, 1590, p. 104).

Português: tarefa.

Análise do dado: ver **tareghe** em Federici.

TESTONI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Et sono questi molto simili à certi scudi d’argento, che ivi vengono di Portogallo, dove si chiamano <testoni>” (BALBI, 1590, p. 57).

Português: tostão.

Citações na obra: p. 77.

Análise do dado: ver **testone** em Pigafetta.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Onde menamo tutta quella notte in <travaglio>, finche l’acqua crebbe e la mattina potemmo uscir fuori di quelle secche” (BALBI, 1590, p. 45).

Português: trabalho.

Citações na obra: p. 2, 7, 31, 45, 90, 79, 124, 128, 147 etc.

Análise do dado: ver **travaglio** em Da Empoli.

UESTE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il vento della Tramontana si chiama Nort [...], di Ponente, <Ueste> [...]” (BALBI, 1590, p. 143).

Italiano: *ovest*.

Português: oeste.

Citações na obra: p. 146.

Análise do dado: OESTE: vento que sopra dessa direção. Pinto (1962, p. 364, nota 1659) afirma ser do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica, com a substituição de grafema inicial português –o para o italiano –u. Ver **lest** em Balbi.

VARA s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Vi è ancora un'altra sorte di misura, a qual si chiama <Vara>, la quale è mandata in India dal Rè di Portogallo, e ancora in Ormus, con la quale si vendono cordellami” (BALBI, 1590, p. 52).

Italiano: *vara*.

Português: vara.

Citações na obra: *vare*: p. 69.

Análise do dado: VARA antiga medida de comprimento que equivalia a 1.10 m, utilizada em diversos países. GDLI (1961, v. XXI, p. 668) registra a entrada e explica ser uma moeda utilizada na Península Ibérica. Atestado em Caraci (1973, p. 203) como sendo do português *vara*. Sem adaptação.

VARELLA s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Quando si giunge alla <varella>, si trova una scala di 90 scalini, lunga a mio giudicio quanto il canal di Rialto di Venezia” (BALBI, 1590, p. 96).

Português: varelas.

Citações na obra: p. 92, 96, 98, 99, 102, 123.

Análise do dado: ver **varelle** em Federici.

VIATOR s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Quivi risiede anchora il <viator> di facende, che vuol dire thesoriere del Rè di Portogallo” (BALBI, 1590, p. 48).

Português: veador.

Análise do dado: ver **veadore** em Pigafetta.

VINTENNI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Ma vi è uma sorte di <vintenni>, fatti in Portogallo d’argento come sadini, com stampa Portoghese, i quali vagliono reis 20 l’uno” (BALBI, 1590, p. 77).

Italiano: –

Português: vintém.

Citações na obra: p. 69.

Citações em outros autores: Sassetti, *ventini*: p. 408.

Análise do dado: VINTÉM: antiga moeda de prata lavrada por Dom Afonso V e mais tarde por dom João II. Denomina-se vintém por valer o equivalente a vinte réis (Bluteau, 1712, p. 508). Outros vinténs foram feitos também em cobre e bronze, de baixo valor, o que originou as locuções “não valer um vintém, não ter vintém etc”. Atestado em Pinto (1962, p. 325, nota 839) como sendo do português *vintém*. Decalque homonímico com adaptação gráfica com o acréscimo do dígrafo –n e fonema /ni/, indicativo de plural, em uma normal italianização de palavras que na nossa língua terminam em –m.

VITTOVAGLIE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Ai sedeci del detto la sera medesima mettemmo tutte le nostre mercantie, e <vittovaglie> in barca di detto Mustafà [...]” (BALBI, 1590, p. 3).

Português: virtualhas.

Citações na obra: *vettovaglia*: p. 10, 12, 25, 57, 70.

Análise do dado: ver *vetovaglie* em Corsali.

ZAMALUCCO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Ha un porto murato posto in fortezza, alla cui guardia è un Capitano Portoghese, che la difende dalle scorrerie e impeto di <Zamalucco> re moro” (BALBI, 1590, p. 64).

Português: nizamaluco.

Citações na obra: p. 66, 67.

Análise do dado: ver *zamalucco* em Federici.

5.7.2.2 UFcasuals em Balbi

CANNE D’INDIA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Cosmì è posta in grado 16 e un terzo e ha le sue case fatte con <canne d’India> grosse, e coperte di paglia” (BALBI, 1590, p. 93).

Português: cana-da-índia.

Citações na obra: p. 121; *canne* (com o significado de bambu): p. 30, 100, 110, 128; *canne (assai) grosse* p. 97.

Análise do dado: CANA-DA-ÍNDIA por bambu. Pinto (1962, p. 335, nota 1072) confirma como sendo o bambu. Ver **canna de India** em Varthema.

BITTIA DI CAPPELLA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Adorano similmente detti habitatori una figura di vacca, hora quella di un serpente, chiamato <bittia di cappella>, ch’è velenosa nel morso” (BALBI, 1590, p. 89).

Italiano: *serpente di cappello*.

Português: cobra-de-capelo.

Citações em outros autores: Sassetti, *serpe di cappello*: p. 422

Análise do dado: COBRA-DE-CAPELO: serpente altamente venenosa, da família dos elapídeos (*Naja tripudians*); naja. O nome deve-se porque essa serpente, quando excitada, dilata o pescoço, formando uma espécie de capuz. Balbi explica que os hindus adoram ora a vaca ora a serpente naja, sendo que a esta dedica grande respeito e lhe são atribuídos poderes divinos. O culto à serpente é remoto e influenciou diversas religiões dárnicas, tais como o hinduísmo, o janaísmo, o budismo etc. O deus Shiva, um dos três formadores da trindade hindu é representado com a naja envolta no seu pescoço. Garcia da Orta (1891, p. 182) fala dessa cobra chamada vulgarmente de “cobra de capelo”, que se encontra em grande quantidade na ilha de Ceilão. Pinto (1962, p. 332, nota 1026) atesta ser o português *cobra de cappello*. Decalque aproximativo do português, com a palavra *bittia* italiana, significando cobra, e *cappella*, testa.

CORPI PINTADI loc. subs. *Indústria textil*.

Atestação: “Si portano diversi tipi di panni, alchuni dei quali sono chiamati Topiti, <corpi pintadi> cioè sono tutti dipinti e molto ben lavorati [...]” (BALBI, 1590, p. 106).

Italiano: *corpi dipinti*.

Português: corpos pintados.

Análise do dado: [CORPO] PINTADO: tecido de algodão estampado; chita (Aulete). Pinto (1962, p. 343, nota 1220) atesta ser palavra do português *pintados*, e se refere a tecidos de

algodão estampados, muito difundidos em diversas localidades do Coromandel. Como a citação não é clara, omitimos a análise.

INCENSO MASCHIO loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “<Incenso maschio> eletto in grani, cantara 4. rotoli 13. Lire 787 e meza” (BALBI, 1590, p. 55).

Italiano: *incenso maschio*.

Português: incenso macho.

Análise do dado: INCENSO MACHO: goma-resina liberada naturalmente da planta *Juniperus Thurifera*, em forma de grãos ou lágrimas. Dá-se o nome de incenso macho ou olíbano quando essa resina emana naturalmente da planta; quando é extraída artificialmente, chama-se incenso fêmea, sendo que o primeiro possui um valor comercial muito maior, por ser mais apreciado²³⁸. No Houaiss encontramos a informação de que o incenso é extraído das árvores do gênero *Boswellia* (*Boswellia serrata*, *B. Carteri* etc.). Para Pinto (1962, p. 317 nota 650) a palavra *maschio* é a forma portuguesa de *macho*. Decalque homonímico, com a tradução literal do *Ecasual*.

MAINAMMO LE VELE s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Alhora, con tutto che havemmo le vele altre fu dato fondo con grandissima fretta, e poi <mainammo le vele>, e non vedemo tera da banda veruna” (BALBI, 1590, p. 80).

Português: amainamos as velas.

Citações na obra: *mainar* [quel poco] *di vela*: p. 41; *mainar la vela*: p. 42, 66, 80; *mainano*: p. 80.

Análise do dado: ver **vele amainate** em Pigafetta.

MORI DI CARAPUZZA loc. subs. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] luogo del Rè di Calicut, il quale è nemico de’ Portoghesi; e però in tal luogo dà ridotto a’ molti ladri, chiamati <mori di Carapuzza>, i quali predano, e rispondono non so a che al detto Rè ” (BALBI, 1590, p. 74).

Português: mouros de carapuça.

Análise do dado: ver **mori di carapuza** em Federici.

²³⁸ Informação extraída de: PARACELSO, Filippo Teofrasto. **As plantas mágicas**: botânica oculta. Trad. Atílio Cancian. São Paulo : Hemus, 2005. p. 207.

MURENO MOR loc. subs. *Dignidades*.

Atestação: “Noi perchè l’obbligo è così, restammo a far servitù al Capitano, che ivi si chiama <Mureno Mor>: ilqual titolo in quel paese importa Capitano di tutte le navi de’ Portoghesi, che vanno al Pegù” (BALBI, 1590, p. 99).

Italiano: –

Português: meirinho-mor.

Análise do dado: MEIRINHO-MOR: magistrado que, nomeado pelo rei, governava amplamente um território ou uma comarca (Houaiss). É mais difundida no português a primeira a palavra meirinho, com o significado de oficial de justiça. Pinto (1962, p. 339, nota 1142) afirma ser do português *marinho*, que significaria marinheiro e *mor*, chefe (maior), originando, portanto, marinheiro-mor. Procuramos em dicionários e na internet essa função e não a encontramos. cremos, apesar de a explicação definitiva de Balbi não se coadunar com a definição do Houaiss, que se trate da mesma função de meirinho-mor, à qual desde o período de Dom Afonso II (1212 a 1223) cabia a responsabilidade de garantir a ordem na esfera judicial. Esse cargo era sempre por nomeação real sendo o mais importante da vila, cidade ou comarca. Ao meirinho-mor, se subalternavam por sua vez os meirinhos, que se encarregavam de fazer cumprir as ordens do superior. Balbi assevera que todos em terra o deveriam servir. Como não existe consenso na significação exata da palavra, omitimos a análise.

TIRI D’ARTIGLIERIE loc. subs. *Área militar*.

Atestação: “[...] sono lontane sette leghe da S. Thomè dirimpetto al quale arrivammo à mezo giorno a’ 30 di Maggio con salutarlo di tre <tiri d’artiglierie>” (BALBI, 1590, p. 85).

Citações na obra: *tiro di mano*: p. 31, 56; *tiro d’archobugio*: p. 60, 74.

Análise do dado: ver **tiri d’artiglieria** Da Empoli.

PATRON DI BARCA loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Ci trovammo sopra un luogo à banda sinistra nella costa di Persia, detto Gibel, ch’è un Isola, ove il nostro <patron di barca> buttandosi in mare, andò sotto acqua nel fondo del nostro vascello, per trovar un foro” (BALBI, 1590, p. 41).

Português: patrão de barca.

Citações na obra: p. 2, 3, 4, 57; *patron/e*: p. 57, 73; *padron della nave*: p. 16.

Análise do dado: ver **patrone del navilio** em Varthema.

PAO DE FERRO loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] ove demmo fondo à due ancore di legno, che poi son gravi come il proprio ferro, essendo detto legno chiamato in lingua Portoghese <pao di ferro>, che vuol significar legno di ferro” (BALBI, 1590, p. 135).

Italiano: *legno di ferro*.

Português: pau de ferro.

Análise do dado: PAU-FERRO: árvore da subfamília das cesalpinoídeas (*Caesalpinia ferrea*) presente em florestas tropicais. Como seu próprio nome diz a sua madeira é duríssima, motivo pelo qual era muito utilizada na construção de vigamentos e painéis de embarcações. Na presente atestação, Balbi informa o seu uso na confecção de âncoras, devido exatamente a essa sua propriedade. Não encontramos atestação em linguistas italianos desta *Ufcasual*, contudo trata-se evidentemente de um *Ecasual*, como o próprio autor afirma. Decalque aproximativo com adaptação gráfica e fonética com a substituição do grafema –o em –u e acréscimo de uma preposição portuguesa –de.

5.7.2.3 Proto/nomcasuals em Balbi

L’ARMA DEL RÈ loc. subs. *Outros*.

Atestação: “In capo di detto molo verso la città sono due piramidette una per banda, la cui destra ha per impronto, e inintaglio <l’arma del Rè> di Portogallo e la sinistra il sopradetto segno delle trè frezze, accio che si paghi il datio” (BALBI, 1590, p. 59).

Italiano: *scudo*.

Português: a arma do Rei.

Análise do dado: BRASÃO DE ARMAS: emblema simbólico formado por um conjunto de figuras que compõem o escudo de famílias nobres, reis, cidades etc. O brasão com as armas de Portugal, que está também representado na bandeira, acompanha a história das dinastias portuguesas e o escudete com as cinco quinas aparece nas armas desde os primórdios do reino, já no século XIII (cf. Fig. 13). Atestado em Pinto (1962, p. 319, nota 725) como sendo do português.

Figura 13 - Brasão de Armas Reais e Bandeira de Portugal²³⁹

NOCI D'INDIA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] il cui territorio si vedeva tutto bello, e verde con alberi di <noci d’India> di bella veduta, e quivi vicino à noi passorno due navi che venivano di Goa per passar in Ormùs” (BALBI, 1590, p. 66).

Português: nozes da Índia.

Citações na obra: p. 18, 60, 53, 66, 67, 74.

Análise do dado: ver **noce de India** em Varthema.

²³⁹ À esquerda o Brasão de Armas Reais, Museu de Évora, Portugal. À direita bandeira hasteada junto ao Monumento do Descobrimentos, em Belém, Portugal. Fotos nossas.

5.8 FILIPPO SASSETTI

Das 126 cartas publicadas por Vanni Bramanti (1970), utilizamos, para a extração das ocorrências, apenas as que Filippo Sassetti escreve quando viaja para Madri e Sevilha a negócios e durante sua estadia em Lisboa e Cochim. No total são 72 cartas, separadas em duas seções, sob os títulos *Lettere Spagnole e Portoghesi* (Cartas Espanholas e Portuguesas, p. 211-374), escritas entre 1578 a 1583 e *Lettere Indiane* (Cartas Indianas, p. 375-559), estas escritas entre 1583 a 1588 (doravante todas as cartas denominaremos Lett/Sassetti).

Cartas Espanholas e Portuguesas:

1. Carta 55: a Giovan Battista Strozzi (Madri, 22 de abril de 1578);
2. Carta 56: a Bacio Valori (Lisboa, 10 de outubro de 1578);
3. Carta 57: a Francesco Bonciani (Lisboa, 19 de fevereiro de 1579);
4. Carta 58: a Pier Vettori (Lisboa, 06 de março de 1579);
5. Carta 59: a Francesco Bonciani (Lisboa, outubro-dezembro de 1579);
6. Carta 60: a Pier Vettori (Lisboa, 10 de janeiro de 1580);
7. Carta 61: a Baccio Valori (Lisboa, 10 de janeiro de 1580);
8. Carta 62: ao mesmo (Lisboa, 15 de junho de 1580);
9. Carta 63: a Francesco Valori (Lisboa, 15 de junho de 1580);
10. Carta 64: ao mesmo (Madri, 03 de abril de 1581);
11. Carta 65: ao mesmo (Madri, 26 de junho de 1581);
12. Carta 66: ao mesmo (Madri, 07 de agosto de 1581);
13. Carta 67: ao mesmo (Madri, agosto de 1581);
14. Carta 68: ao mesmo (Madri, 21 de agosto de 1581);
15. Carta 69: ao mesmo (Madri, 02 outubro de 1581);
16. Carta 70: ao mesmo (Madri, 30 outubro de 1581);
17. Carta 71: ao mesmo (Lisboa, 04 de dezembro de 1581);
18. Carta 72: ao mesmo (Lisboa, 18 de dezembro de 1581);
19. Carta 73: a Baccio Valori (Lisboa, 18 de dezembro de 1581);
20. Carta 74: a Pier Vettori (Lisboa, 18 de dezembro de 1581);
21. Carta 75: a Francesco Valori (Lisboa, 15 de janeiro de 1582);
22. Carta 76: ao mesmo (Siviglia, 05 de janeiro de 1582);
23. Carta 77: ao mesmo (Lisboa, março de 1582);

24. Carta 78: a Baccio Valori (Lisboa, 26 de março de 1582);
25. Carta 79: ao mesmo (Lisboa, 24 de setembro de 1582);
26. Carta 80: a Francesco Valori (Lisboa, 24 de setembro de 1582);
27. Carta 81: ao mesmo (Lisboa, 18 de outubro de 1582);
28. Carta 82: ao mesmo (Lisboa, 15 de novembro de 1582);
29. Carta 83: ao mesmo (Lisboa, 29 de novembro de 1582);
30. Carta 84: ao mesmo (Lisboa, 13 de dezembro de 1582);
31. Carta 85: (Lisboa, 27 de dezembro de 1582);
32. Carta 86: a Baccio Valori (Lisboa, 17 de dezembro de 1582);
33. Carta 87: a Francesco Valori (Lisboa, 10 de janeiro de 1583);
34. Carta 88: ao mesmo (Lisboa, 14 de janeiro de 1583);
35. Carta 89: ao mesmo (Lisboa, 07 de fevereiro de 1583);
36. Carta 90: a Francesco I de' Medici (Lisboa, 07 de fevereiro de 1583);
37. Carta 91: a Francesco Valore (Lisboa, 05 de março de 1583);
38. Carta 92: a Francesco Buonamici (Lisboa, 06 de março de 1583);
39. Carta 93: a Bacio Valori (Lisboa, março de 1583);
40. Carta 94: a Francesco Valori (Lisboa, 03 de abril de 1583);

Cartas Indianas:

01. Carta 95: a Francesco Valori (Cochim, dezembro de 1583);
02. Carta 96: a Maria Sassetti Bartoli (Cochim, dezembro de 1583);
03. Carta 97: a Bacio Valori (Cochim, 20 janeiro de 1584);
04. Carta 98: a Francesco I de' Medici (Cochim, 22 de janeiro de 1584);
05. Carta 99: a Ferdinando de' Medici (Cochim, janeiro de 1584);
06. Carta 100: a Pietro Spina (Cochim, janeiro de 1584);
07. Carta 101: a Maria Sassetti Bartoli (Cochim, 10 de fevereiro de 1584);
08. Carta 102: a Bacio Valori (Cochim, 27 de janeiro de 1585);
09. Carta 103: a Pier Vettori (Cochim, 27 de janeiro de 1585);
10. Carta 104: a Francesco Valori (Cochim, 27 de janeiro de 1585);
11. Carta 105: a Maria Sassetti Bartoli (Cochim, 27 de janeiro de 1585);
12. Carta 106: a Lorenzo Canigiani (Cochim, 27 de janeiro de 1585);
13. Carta 107: a Ferdinando de' Medici (Cochim, 10 de fevereiro de 1585);
14. Carta 108: a Francesco I de' Medici (Cochim, 11 de fevereiro de 1585);
15. Carta 109: ao mesmo (Cochim, 18 de fevereiro de 1585);

16. Carta 110: a Maria Sassetti Bartoli (No mar, 28 de dezembro de 1585);
17. Carta 111: a Michele Saladini (Cochim, dezembro de 1585);
18. Carta 112: a Giovanbattista Strozzi (Cochim, 01 de janeiro de 1586);
19. Carta 113: a Pietro Spina (Cochim, 20 de janeiro de 1586);
20. Carta 114: a Francesco Valori (Cochim, 20 de janeiro de 1586);
21. Carta 115: a Baccio Valori (Cochim, 22 de janeiro de 1586);
22. Carta 116: a Bernardo Davanzati (Cochim, 22 de janeiro de 1586);
23. Carta 117: a Lorenzo Canigiani (Cochim, 23 de janeiro de 1586);
24. Carta 118: a Alessandro Rinuccini (Cochim, 06 de fevereiro de 1586);
25. Carta 119: a Francesco I de' Medici (Cochim, 10 de fevereiro de 1586);
26. Carta 120: a Ferdinando de' Medici (Cochim, 10 de fevereiro de 1586);
27. Carta 121: a Baccio Valori (Cochim, 06 de janeiro de 1587);
28. Carta 122: a Maria Sassetti Bartoli (Cochim, 06 de janeiro de 1587);
29. Carta 123: alla stessa (Cochim, 27 de dezembro de 1587);
30. Carta 124: a Baccio Valori (Cochim, 11 de janeiro de 1588);
31. Carta 125: a Lorenzo Giacomini (Cochim, 17 de janeiro de 1588);
32. Carta 126: a Un Ignoto.

Utilizamos ainda o *Discorso sopra il cinamomo* (doravante Discorso/S), que se encontra em Marcucci (1855) e a Nota (doravante S/Note), que segue na carta de 10 de fevereiro de 1585, enviada de Cochim, a Francesco de' Medici. Esta Nota refere-se aos diversos objetos enviados a Andrea Migliorati, em Lisboa, para que fossem mandados ao Cardeal de' Medici e se encontra inserida na obra de Caracci (1991, p. 918-921) e publicada, segundo a autora, por E. G. Saltini.

Na obra, as partes assinaladas com ***, conforme Bramanti, são de palavras ilegíveis no manuscrito e as assinaladas com são espaços que relacionam o produto e o preço. Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1970.

5.8.1 Sassetti, uma vida nas colônias portuguesas

Enfim que nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,

Que em tal caminho e em tanta desventura
 Foram sempre conosco aventureiros.
 Quão fácil é ao corpo a sepultura!
 Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
 Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
 Receberão de todo o Ilustre os ossos
 (Camões, Os Lusíadas, canto V, 81).

Diferentemente de outros viajantes até agora estudados, sabe-se quase tudo da sua vida: onde nasce, como vive e onde morre e até mesmo onde é enterrado. Isso deve-se, sobretudo, porque foi registrado praticamente o essencial sobre ela: pelo que ele próprio conta nas suas cartas, pelos discursos fúnebres efetuados em sua honra na *Accademia degli Alterati* de Florença; pela história da origem da família escrita por seu irmão Francesco da Gianbattista Sassetti (*Dell'origine e nobiltà della famiglia Sassetti*), que se encontra publicada na obra de Marcucci (1855, p. XV-XLVII), e pelos muitos estudiosos que se debruçam sobre a sua vida e sua obra (Marcucci, 1855; Bramanti, 1970; Milanesi, 1973; Caraci, 1991; Dei, 1995 etc.).

Segundo consta na biografia feita pelo irmão, a família Sassetti descende de uma nobre estirpe germânica, a *gens Saxetia*, que vem da “Germânia e aqui permanece no tempo em que os imperadores alemães vinham frequentemente na Itália pela coroa do império ou por outros motivos”²⁴⁰ (MARCUCCI, 1855, p. XX). Francesco Sassetti remonta o registro da família Sassetti a Ugo Verini que, em 1190, compila a biografia das nobres famílias florentinas, na qual consta uma ode em louvor à família Sassetti, um “Saxoneque egregio sobrenome”²⁴¹ (MARCUCCI, 1855, p. XXI). Francesco cita também um rico antepassado, Gentile d’Ugo di Sassetto Sassetti, que morre em 1283, proprietário de muitos imóveis, além de outros Sassettis, cuja existência e riqueza pode comprovar com escritos e pergaminhos dos quais é possuidor.

O bisavô, Francesco di Tommaso di Federigo, homem culto e refinado, trabalha a serviço de Cosimo de’ Medici, com Piero de’ Medici e mais tarde com Lorenzo, o Magnífico, em missões na França, Bélgica e na Itália. Lourenço de’ Medici o tem em alta conta, trata-o com muita familiaridade, confiando-lhe todos os negócios do estado, tanto que na corte “não se fazia senão o que queria e dispunha o nosso Francesco”²⁴² (MARCUCCI, 1855, p. XXXV).

²⁴⁰ “di Germania, restataci in quelli tempi che gl’imperatorî tedeschi venivano spesso in Italia o per la corona dell’Impero o per altre occorrenze”.

²⁴¹ “Saxoneque egregium cognomen”.

²⁴² “non si faceva se non quanto voleva e disponeva il nostro Francesco”.

Nessas suas andanças, o bisavô de Sassetti acumula uma rica biblioteca, composta de livros e códices raros, a maior parte escritos a pena, que hoje se encontra distribuída entre as Bibliotecas Laurenziana e Vaticana (CARACI, 1991, p. 862).

O interesse pelas artes, aliado ao poder significativo da sua riqueza, faz com que o seu bisavô construa uma esplêndida capela em Santa Trinità, afrescada por Ghirlandaio, tendo o retrato seu e de sua mulher, Nera de' Corsi, pintados ao lado do altar, como é costume entre os ricos burgueses da época. Edifica, na mesma capela, duas tombas: uma para ele e outra para a sua mulher, atribuídas a Giuliano da Sangallo (CARACI, 1991, p. 862). Essa capella é tão bem decorada, que Vasari, considerado o primeiro crítico e historiador de arte, a cita e elogia a sua beleza. O crítico renascentista louva a pintura de Ghirlandaio na capela e relata que “tal obra é admiravelmente conduzida por ele [Ghirlandaio] com graça, com um cuidado formal e estilístico e com amor trabalhada”²⁴³ (MARCUCCI, 1855, p.XXXVIII, nota 1). A ligação dos Sassetti com a família Medici estende-se até o nosso viajante, que envia várias cartas a Ferdinando e Francesco I de' Medici, informando-os sobre os seus negócios e sobre as curiosidades que observa durante a sua estadia na Índia.

Com o passar dos anos a família vai perdendo, pouco a pouco, os seus bens e propriedades, resumindo-se a poucos imóveis e quase nenhum rendimento, dos quais Filippo Sassetti abre mão em favor do irmão Francesco, motivo pelo qual tem que abandonar os estudos e dedicar-se à mercancia, profissão que está no sangue da família, porém não no seu.

Milanesi (1973, p. 20, nota 1) desenvolveu uma extensa indagação nos Arquivos de Estado de Florença (*Archivi dello Stato*) e reconstrói o inventário do patrimônio imobiliário da família, publicado no apêndice do seu livro que, segundo a autora, resume-se a alguns bens de pouca consistência. Sassetti nasce, portanto, de uma nobre, mas empobrecida família, em Florença, no dia 26 de setembro de 1540. Seu pai chama-se Giambattista e sua mãe Maddalena de' Gondi²⁴⁴; tem dois irmãos: Maria e o já citado Francesco. Contrariando a sua índole humanística e premido pelas contingências financeiras, emprega-se como mercante a serviço de terceiros, de 1552 a 1568. Em 1568, abandona, à revelia da família, a mercancia e ingressa na Universidade de Pisa, onde se dedica com paixão ao estudo dos clássicos. Desse período permanece uma amizade duradoura com Francesco e Baccio Valore, Francesco

²⁴³ “la quale opera è mirabilmente condotta, e da lui con grazia e pulitezza e con amor lavorata”.

²⁴⁴ Existe controvérsia entre dois autores sobre o nome da mãe de Sassetti: Caraci (1991, p. 861) atesta como sendo Maddalena Gondi; Dei (1995, p. 21) como sendo Margherita de' Gondi. Segundo se encontra na memória escrita por Francesco Sassetti, irmão de Filippo, em Marcucci (1855, p. XLVI) a mãe chama-se Maddalena de' Gondi.

Buonamici, Giovanbattista Strozzi e com seu professor Pier Vettori, aos quais endereça muitas das suas cartas.

Uma vez completados os estudos, é aceito na *Accademia degli Alterati*, onde assume o apelido de *Assetato* (Sedento), tendo como figura simbólica uma esponja, em alusão à sua sede de conhecimento. A sua produção literária inicia-se nesse período; escreve diversos textos, entre os quais destacam-se a *Sopra le Imprese* (in: *Raccolta di Prose Fiorentine*. Firenze: Tartini e Franchi, 1727-1728, parte II, v. II, p. 154-196); *Vita de Francesco Ferrucci* (Milano: Daelli Editori, 1863); *Raggionamento sopra il Commercio fra i Toscani e i Levantini* (in: MARCUCCI, 1855, p. 102-116).

O *Raggionamento sopra il Commercio* é o divisor de águas na vida de Sassetti: logo após tê-lo escrito, renuncia aos seus rendimentos em favor do irmão Francesco, que se encontra em uma situação financeira deficitária, tendo de sustentar a casa e a sua numerosa prole. Consequentemente, Sassetti, para ajudar o irmão, se vê obrigado a retornar à atividade mercantil, pois em Florença existe “somente a casa do meu irmão, a qual está reduzida do jeito que vós sabeis; e agora está crescendo em dificuldades pela desatinada familiazinha que ali se está gerando”²⁴⁵ (SASSETTI, 1970, p. 326). Esse caráter altruístico delineia-se em Sassetti em várias ocasiões: sacrifica a si e aos seus sonhos para ajudar o irmão Francesco e os sobrinhos, filhos de Francesco e da irmã Maria Bartoli. A esta envia diversas cartas cheias de afeto e carinho, lembrando os sobrinhos, confiando que a sobrinha Maddalena cresça e se pareça com a avó, dando assim alegria à família. Interessante verificar que, entre todas as cartas escritas, nenhuma é endereçada ao irmão: que ele as tenha escrito é possível, como também é possível que tenham-se perdido pelo caminho.

Renuncia também aos sonhos de ser literato, e volta à atividade mercantil, desenvolvendo serviços para a casa Capponi (na qual tinha participação e interesses o Grão-duque de Toscana, Francesco di Medici). Viaja, como seu representante, para Madri, Sevilha e Lisboa, cidade na qual se estabelece no período de outubro de 1578 até o início de 1581, e novamente em dezembro do mesmo ano até abril de 1583.

O interesse dos toscanos é inicialmente tomar o lugar de Antuérpia (Bélgica), como centro distribuidor das especiarias na Europa e fazer de Livorno a sede mercantil e desse modo fragilizar também a aliada e ao mesmo tempo eterna rival, Veneza. Contudo em Portugal a situação dificulta os interesses dos Médicis: em 1576 o país encontra-se em uma condição financeira crítica, o que obriga o rei Sebastião I a firmar um contrato com Konrad

²⁴⁵ “se non la casa di mio fratello, la quale è ridotta nel termine che voi vi sapete; e adesso va crescendo in difficoltà per la sbigottita famigliola che vi s’ingenera”.

Rott, representante de um consórcio de mercantes alemães, italianos e portugueses (nas mãos de Jacome de Bardes, Diego de Castro, Giovan Battista Rovellasco e Welser). O contrato dispõe da compra das especiarias na Índia (o chamado “Contrato da Ásia”), do respectivo transporte até Portugal e da distribuição e revenda em todo o continente (o “Contrato da Europa”). Dom Sebastião acredita que pode obter lucros facilmente desse contrato e desse modo poder sanar as finanças do estado, que se encontram exauridas (CARACI, 1991, p. 863).

Com a morte prematura do rei, em agosto de 1578, o seu sucessor, o cardeal D. Henrique, mantém o contrato Rott e, desse modo, a casa Capponi, sem perspectiva de negócios, em 1581 fecha sua sucursal em Lisboa. Para Sassetti (1970, p. 225) a morte do rei-cardeal D. Henrique muda o rumo da sua existência, assim como muda o governo de Portugal: “O rei morreu, perdeu-se o exército, mudou-se um novo estado, novas condições, alterações de todos os negócios, o desaparecimento de todos os projetos”²⁴⁶. A desesperança toma conta dele, pois não tem o lucro esperado e, somando-se a isso, a distância dos amigos e a ausência de uma acalorada discussão sobre assuntos comuns a eles completam o seu desolamento. Falta-lhe quase tudo em Lisboa: os debates que o seu intelecto almeja, a companhia dos caros, a compaixão dos amigos. No ambiente mercantilista em que vive, o entendimento das ciências humanas não têm valor, apenas o dinheiro qualifica o homem; não tê-lo é não ter inteligência. Essa situação o leva a desabafar ao amigo Bonciani: “As minhas coisas, vocês sabem, não têm remédio, e a tudo isso se acrescenta ainda a solidão e nenhum debate com quem possa fazê-lo mudar de opinião, sentir pena ou alegrá-lo”²⁴⁷ (SASSETTI, 1970, p. 225). Sassetti transcorre a primavera e o verão de 1581 entre Madri, Sevilha e Medina del Campo. Do que se ocupa é um mistério, apenas adverte que espera com ânsia a chegada dos navios da Índia, pois neles investiu cerca de seiscentos escudos (MILANESI, 1973, p. 34-38).

Porque a decisão de ir às Índias? Seu pai, desde cedo, estimula nos filhos o gosto pelas viagens, lendo e comentando a obra *Navigazioni et viaggi* de Ramusio, de quem é ardente admirador. Dedicava aos dois filhos uma extensa introdução da transcrição do *Discorso sopra il crescere del Nilo* (Discorso sobre as enchentes do Nilo) de Francastoro, que se encontra em Ramusio e atualmente publicada por Milanesi no Apêndice III, p. 94-98. Certamente o problema financeiro é a causa principal da sua viagem, mas os sonhos infantis também o motivam, embalados certamente pelas histórias contidas nas coletâneas de viagem

²⁴⁶ Il re morì, perdesse l'esercito, mutossi un nuovo stato, nuove condizioni, alterazioni di ogni negozio, svanimento di ogni disegno”.

²⁴⁷ “Cose sono le mie voi sapete, senza rimedio, e a tutte queste si aggiunge poi la solitudine e nessuna conversazione con chi possa discrederti, dolerti e rallegrarti”.

de Francastoro e Ramusio, tão apreciadas pelo seu pai. Em uma carta a Baccio Valori escreve: “Francisco deve ter dito a V.S. a minha resolução de ir até a Índia, coisa longamente e desde criança desejada por mim”²⁴⁸ (SASSETTI, 1970, p. 295, grifo nosso) e mais adiante confirma a Francesco Valori: “eu tinha um desejo imenso de ir à Índia, o maior [desejo] do mundo”²⁴⁹ (SASSETTI, 1970, p. 309).

A ocasião de conhecer a tão almejada Índia apresenta-se quando Giovan Battista Rovellasco, detentor de 17/24 do Contrato da Ásia, o convida para ser seu representante e supervisor no contrato da compra da pimenta, tendo como assistentes os amigos e colaboradores Orazio Neretti e Giovanni Buondelmonti. Receberá pelo seu trabalho mil ducados, mais a participação de lucros em todos os negócios realizados; além do que, Rovellasco, por sua conta, o levará e o enviará à Índia, com toda a sua companhia, tendo direito à três braças quadradas de lugar sobre a nau, pois precisa movimentar-se²⁵⁰ (SASSETTI, 1970, p. 309). O contrato o satisfaz plenamente: tem a possibilidade de conhecer a Índia, de ganhar dinheiro e de ser uma pessoa influente. Para seu irmão, ele é talvez a autoridade máxima na nau e talvez até da Índia, “o primeiro homem daquele regimento” (MARCUCCI, 1855, p. 104) e isso é verdadeiro, como observa Godinho²⁵¹: a sua autoridade é tão grande ou até maior que a do próprio vice-rei, “cuja autoridade política e militar é muitas vezes contrária aos interesses econômicos e políticos locais”²⁵² (apud MILANESI, 1973, p. 74).

Mais adiante, na mesma carta enviada a Francesco Valori, comenta que pela maneira como se conduzem os negócios na Índia, Rovellasco tem uma necessidade premente dos seus serviços e, que ele, Sassetti, não saberia dizer qual outra pessoa poderia ser mais apropriada, senão ele mesmo, a desenvolver de maneira adequada o trabalho (SASSETTI, 1970, p. 309). A sua função será tanto política quanto comercial: deve entabular as conversações para a compra da pimenta com os reis dos pequenos estados indianos, situados ao longo da costa do Malabar – os “reizinhos de poucos fanois” – como mais tarde os chama, armazenar o produto em Cochim, à espera da chegada dos navios portugueses, embarcá-lo e despachá-lo à capital portuguesa.

²⁴⁸ “Francesco dovrà avere conferito a Vostra Signoria la mia risoluzione di passare fino a India, cosa da me lungamente e fino da fanciullo desiderata”.

²⁴⁹ “Io avevo uno struggimento di andare in India, il maggiore del mondo”.

²⁵⁰ Os navios iam normalmente cheios de pessoas e de mercadorias para serem negociadas no Oriente, tendo pouco o espaço para as passageiros.

²⁵¹ Vitorino Magalhães Godinho. *L'economie de l'empire portugais aux XV et XVI siècles*, Paris 1969, p. 618. Obra não consultada.

²⁵² “la cui attività politica e militare si scontra tanto spesso con gli interessi economici e politici locali”.

Parte de Lisboa na nau portuguesa São Felipe, em abril de 1582, em uma conserva de cinco navios. Porém o capitão, por mais competente que seja, se faz muito ao largo na famosa volta, indo dar nos baixios das costas do Brasil. Com a viagem frustrada, torna a Lisboa, onde é necessário esperar mais um ano, até que o ciclo das monções no Índico seja propício à navegação dos barcos vindos de Portugal. Novamente se põe a caminho, na mesma nau, mas dessa vez o piloto, com medo de ir dar novamente na costa do Brasil, cai nas temidas calmarias da costa da Guiné, onde o navio fica parado por quarenta dias. Passando por muitas outras desventuras, finalmente aporta em Cochim no dia 8 de novembro de 1583. A travessia, tão temida, mas ao mesmo tempo tão desejada, é comentada expressivamente por Dei:

Era naqueles anos uma prova dura e perigosa, um gesto cultural sempre traumático, uma passagem quase iniciática. Aprofundava-se por longos meses nas águas oceânicas e então se reemergia, se tudo corria bem, em um mundo estranho e periférico, onde todos os anos aportava da Europa um povo de dispersos e de desorganizados, sujeitos à casualidade e à avidez²⁵³ (DEI, 1995, p. 10).

Uma vez estabelecido em Goa, faz as viagens necessárias aos negócios para Cochim, não indo mais além: não é um viajante contumaz, visita eventualmente as cidades ao longo da costa do Decan e algumas cidades do interior e conhece Calicute. A impressão que tem dessa cidade não é das melhores; a encontra decadente e pobre, desvestida do seu antigo brilho; visita também Honovar e Mangalore. O trabalho lhe ocupa somente parte do ano; no período das chuvas fica bloqueado, devido às monções, em Goa. Para passar os dias, compra uma possessão e ali produz cebolas, repolhos, alfaces e outras coisas que gosta, com a ajuda de homens e mulheres, que substituem, como assegura ele, os asnos e bois e as fêmeas destes. Não que tenha necessidade disso, mas a ocupação lhe ajuda a pesquisar a botânica local e a não morrer de tédio nos longos meses de inverno (SASSETTI, 1970, p. 455).

No entanto, no plano comercial, a situação da Índia vai se deteriorando com o passar dos anos: não existe mais a febre inicial pelos produtos exóticos, o tráfico comercial decresce devido a má administração das colônias portuguesas e a outros motivos bem explicitados por Sassetti. Na sua agudeza de espírito e seu tino mercantil, delineia as diversas causas: a destruição do rico reino de Vijayanar em 1573 (que ele chama de Bisnagar); a conquista do Gujarat (Cambaia, como nomeia ele) pelos invasores mongóis; a errada política

²⁵³ “Era in quegli anni, una prova dura e pericolosa, un gesto culturale sempre traumatico, un passaggio quase iniziatico. Si sprofondava per lunghi mesi nelle acque oceaniche e quindi si riemergeva, se andava bene, in un mondo alieno e periferico, dove ogni anno approdava dall’Europa un popolo di dispersi e disorganizzati, in preda alla casualità e all’avidità”.

cristianizadora dos portugueses, que, ao querer impor a sua fé aos hindus, faz com que os grandes expoentes dessa sociedade procurem um lugar mais adequado, onde possam praticar e “ler as suas ciências, fazer os seus sacrifícios e devoções” (SASSETTI, 1970, p. 492). São expulsos, em teoria, os representantes da intelectualidade pensante dessa sociedade e permanece na cidade somente aqueles que fazem o trabalho braçal: “os melhores deles foram embora para viver em outros lugares”²⁵⁴ (SASSETTI, 1970, p. 492). A cidade de Goa, acrescenta Sassetti, que é “cheia de belas coisas, rica pelo comércio, que aqui era maior do que em qualquer outro lugar, [atualmente] está reduzida a nada, e indo cada vez pior”²⁵⁵ (SASSETTI, 1970, 492). A pretensão cristianizante portuguesa é quase que inteiramente desculpável pela conjuntura histórica e social da época, contudo pouco se preocupa com o estado real do povo, deixando-o em completo abandono.

O contrato com Rovellasco termina em 1584, não sendo renovado durante todo o ano seguinte. Nesse meio tempo, Sassetti trabalha expedindo pimenta por conta da Fazenda Real. No fim do ano de 1586, recebe a notícia de que seu contrato não será renovado. Se mais tarde Rovellasco restabelecer o contrato, permanecerá por mais quatro anos, caso não seja possível, irá embora da Índia (MILANESI, 1973, p. 46). Premido por estas circunstâncias, escreve ao Cardeal Ferdinando de’ Medici, em de 1586, dizendo-lhe do desejo de retornar à pátria, dentro de dois anos, possivelmente. Porém, antes, almeja fazer um caminho inverso àquele da vinda: quer conhecer outras culturas, observar, estudar, ver e conhecer novos povos, em uma ânsia de conhecimento que faz juz ao seu apelido de *Assetato*. Pretende conhecer aquela China misteriosa, que lhe parece fabulosa, de onde vêm as mais finas porcelanas e os bordados delicadíssimos que expede para seus amigos na Itália. Quer certificar-se que tudo o que ouve ou lê sobre esse país tem razão de ser, pois gostaria de “sentir sobre aquela terra alguma coisa com mais fundamento do que aquilo que eu não soube senão pelos relatórios dados por outros que lá foram”²⁵⁶ (SASSETTI, 1970, p. 532). Deseja percorrer o caminho de Málaca, das Filipinas e das Índias Ocidentais, fazendo uma peregrinação cognoscitiva a lugares desejados, mas não contemplados, para desse modo poder inferir sem a mediação de terceiros.

Todos os seus projetos permanecem apenas no papel. A morte vem e ceifa a sua vida, sem contemplação: morre em Goa, aos quarenta e oito anos, no dia 3 de setembro de 1588,

²⁵⁴ “leggere le loro scienze, far loro sacrifici e devozione [...] i migliori di loro se ne sono andati a vivere in altre parti”.

²⁵⁵ “piena di belle cose, ricca per il commercio che vi era maggiore che in nessun’altra terra, è ridotta a poco, e tira sempre a meno”.

²⁵⁶ “d’intendere di quella terra qualche cosa con più fondamento da quello che io non veggo sapersene per le relazioni che hanno datone altri che là furono”.

deixando os seus bens, em testamento, divididos entre o irmão (cerca de 12 mil florins) e o filho Ventura, que teve com uma escrava. Nem o irmão nem o filho receberão a herança: este, porque morre aos dois anos, aquele porque de uma maneira ou de outra, jamais tomará posse da herança, que se perde pelo caminho. A notícia da sua morte chega a Florença somente um ano mais tarde, no fim de 1589. A seu pedido, é enterrado na Igreja da Companhia de Misericórdia, em solo indiano. Seu amigo e companheiro de viagem e de negócios, Ottavio Neretti, coloca na sua tumba uma lápide, contendo as armas da casa Sassetti, com seguinte epitáfio:

Felipe Sassetti, patricio florentino, insigne em naturalística e matemática e eloquente em língua grega, latina e toscana, o qual foi como feitor no envio de especiarias, mais para estudar as razões das coisas novas do que para conseguir lucros, se arremessou além do vasto e imenso oceano, se estabeleceu em Goa, onde enriqueceu quase toda a Europa de preciosas e eruditas informações, bem mais preciosas do que as gemas índicas. Estimado pelos seus e pelos estrangeiros, aqui morreu em MDLXXXVIII, aos quarenta e oito anos de idade. Seu compatriota e leal amigo Horácio Neretti, agradecido, dolentíssimo, colocou [a lápide]²⁵⁷ (MARCUCCI, 1855, p. XLI, nota 1).

Várias são as honras públicas feitas na Academia Florentina, em sua homenagem. Poesias e discursos foram proferidos pelos amigos Ottavio Rinuccini, Giovanbattista Strozzi, Giovan Battista Vecchietti. Luigi Allamanni pronuncia na *Accademia degli Alterati* uma oração fúnebre em sua homenagem, *Delle lodi di Filippo Sassetti, detto nell'Accademia degli Alterati, l'Assetato*, publicadas nas *Prose Fiorentine* (1843). Entre as tantas homenagens feitas a Sassetti, a mais singela foi a do pesquisador da sua obra, Marcucci, que em 1855, vasculhou os arquivos das bibliotecas à procura de mais cartas, publicando algumas inéditas, além daquelas publicadas nas *Prose Fiorentine*. Expõe ele no prefácio do seu livro: “Era um daqueles homens que de vez em quando os faz a natureza e depois rasga o modelo: todo coração, todo dedicado ao estudo”²⁵⁸. E mais adiante: “Os tempos fazem o homem; e Sassetti foi o homem do seu tempo, se não o que teria podido ou talvez querido ser. Suas cartas são um reflexo da sua vida que, quase votiva tela, como do velho Lucílio disse Horácio, ali se vê

²⁵⁷ “Filippo Sassetti patrizio fiorentino insigne in naturalistica e matematica e in greca latina e tosca eloquenza che a studiar le gagione di nuove cose più che a lucro acquistare con ufficio di preside all’ invio degli aromi gito oltre abila e calpe e smisurato oceano stanziandossi a Goa donde quase tutta europa intesori d’erudite notizie ben preziose dall’ indiche gemme caro ai suoi e agli stranieri quivi defunto nel MDLXXXVIII quarantottesimo suo Orazio Neretti compatriota e indiviso consorte, grato dolentissimo pose”. OBS.: colocamos por nossa conta a pontuação na tradução para melhor compreensão.

²⁵⁸ “Era um di quegli uomini che di trato in trato li fa la natura, e poi rompe la stampa: tutto cuore, tutto studio”.

representada”²⁵⁹ (MARCUCCI, 1855, p. III-IV). Marcucci, que muitas vezes foi execrado por ter adulterado palavras e construções sintáticas nas cartas do Sassetti, para adaptá-las à língua italiana, com essas palavras singelas engrandeceu o viajante considerado o maior introdutor de palavras do português na língua italiana, e de certa forma, se redime.

5.8.2 As *Lettere* de Sassetti: poesia e erudição

Toda a erudição, a beleza e a poesia contidas nas Lett/Sassetti ficaram por muitos anos no esquecimento, desaparecendo quase completamente qualquer traço de Sassetti em Florença, afirma Milanese (1973, p. 1-3). As cartas permanecem ignoradas do grande público por mais de cem anos, talvez voluntariamente esquecidas no fundo de arquivos pessoais. A causa do silêncio sobre essas cartas, tão ricas de informações, não se sabe. A estudiosa da obra do viajante florentino considera estranho que o grão-duque Ferdinando, a quem Sassetti destinou algumas delas, poucos anos mais tarde, tivesse pedido a Francesco Carletti para escrever um relatório da sua viagem. Mais estranho ainda, segundo a autora, é que em 1604 o mesmo grão-duque se lamenta, em uma carta, de não estar bem informado sobre a Índia. Milanese hipotiza que nos anos que se seguem à morte de Sassetti a atenção dos Medici pelo comércio desenvolvido na Índia não está entre os interesses relevantes para esta família, pois os horizontes financeiros abrem-se em direção ao Extremo Oriente e às Américas, estando a Índia já exaurida comercialmente.

A primeira publicação das cartas do *Assetato* surgiu nas *Prose Fiorentine*, parte IV, v. III, em Florença em 1716-1745 e contém apenas 35 cartas. Afirmam os organizadores, no prefácio, que publicam as cartas porque crêem que a leitura delas possa diletar os eruditos, não tanto pelas notícias que dão, mas pela vivacidade e ligeireza de estilo, pela graça harmônica e pelos alegres motes, que mostram, mais que tudo, a maneira franca de pensar do Sassetti (SMARRITO, 1843, p. V). Mas, mesmo publicadas, continuaram na obscuridade, como sustenta Vianni²⁶⁰ (apud Milanese, p. 5), perdidas no tempo e na memória “de onde ninguém as tirou, e onde repousam, em meio àquelas sonolentas escrituras, indevidamente

²⁵⁹ “I tempi fanno l’uomo; e fu il Sassetti l’uomo del tempo suo, se non quale avrebbe potuto e vorse voluto essere. Le sue lettere sono lo specchio della sua vita, che quasi in votiva tabella, come del vecchio Lucilio disse Orazio, vi si vede rappresentata”. OBS.: *tabella* no italiano arcaico significava também tábua utilizada na pintura.

²⁶⁰ In: **Lettere di Filippo Sassetti sopra i suoi viaggi nelle Indie Orientali dal 1578 al 588**, Reggio 1844 (a cura di P. Vianni).

esquecidas”²⁶¹. Um trabalho de grande valor histórico-filológico é a organização de uma nova edição feita por Marcucci (1855), que acrescenta 75 cartas inéditas. Como dissemos acima, apesar do excelente trabalho, o filólogo italiano é muito criticado por ter italianizado muitas passagens da obra; contudo, isso não deve e não pode desmerecer o seu trabalho, que é realmente importante para que o mundo tome conhecimento desse escritor brilhante. Uma nova edição atualizada e acrescida, pesquisada diretamente nos manuscritos, é realizada por Bramanti (1970) e é sem dúvida a mais completa e a melhor organizada; contém 126 cartas, muitas das quais inéditas. O trabalho de Bramanti é de transcrição, com poucos comentários lexicais e históricos, mas de um valor excepcional, pois permite a correção de muitos erros passados. Recentemente temos mais duas publicações: a de Caraci (1991), com poucas cartas (apenas sete), contudo acompanhadas de um trabalho crítico e filológico de grande valor e a publicação de Dei (1995), que acrescenta algumas notas lexicais e um prefácio de notável qualidade do ponto de vista da interpretação e entendimento da obra. Muitos outros escreveram trabalhos críticos sobre Sassetti; não os enumeraremos neste momento, apenas os que utilizamos nesta pesquisa.

As cartas escritas pelo Sassetti obedecem a um esquema, parecido com o fenômeno das monções, vão e vêm de acordo com o ciclo de navegação. São acumuladas e mandadas todas juntas, uma vez por ano, e as respostas obedecem ao mesmo compasso. Portanto, as notícias recebidas chegam atrasadas e desatualizadas, acumulando em Sassetti, a sensação de abandono e de distância. As cartas enviadas se subdividem em diversas categorias: para a irmã Maria, algumas recriminações e lamentações que, no entanto, demonstram o seu grande afeto fraternal: “você é uma mamãezinha toda ternura”²⁶² (SASSETTI, 1970, p. 433); para os amigos mais chegados, Strozzi, Valori, Spina, e Davanzati – são mais informativas – pontilhadas às vezes de ironia, com pequenos motes (como quando chama os portugueses de *battiplajas*) e descrições engraçadas. A Francesco Valori, seu grande amigo e confidente, revela as suas preocupações e os planos para o futuro; e ao grupo mais formal, composto do seu professor Vettori e Ferdinando e Francesco de’Medici, cartas mais cerimoniais e informativas. Segundo Dei (1995, p. 12) cada carta contém um ano de vida, de experiências acumuladas, como uma janela que se abre por um átimo entre dois mundos distantes e desiguais, mas que se fecha logo. Muitos argumentos repetem-se em algumas cartas, assim como existe a repetição dos mesmos *Ecasual* nas diferentes cartas, pois escreve as mesmas coisas, modificando ligeiramente a exposição, segundo o destinatário da carta.

²⁶¹ “dove niuno le trasse, e dove giacciono, in mezzo a quelle sonnifere scritture, indebitamente dimenticate”.

²⁶² “voi siete una mammuccia tutta tenerezza”.

O seu senso de responsabilidade e circunspecção como homem e escritor está presente na carta que escreve a Baccio Valore em outubro de 1578, em Lisboa, quando resolve não falar sobre certos costumes que observa, pois acredita que “*en passant* não se pode julgar”²⁶³ (SASSETTI, 1970, p. 471). A Lisboa mítica fundada pelo mais sábios dos gregos é, quando Sassetti ali chega, bastante populosa, com cerca duzentos mil habitantes; não possui nenhum belo edifício, nem memória, pois tinha sido devastada pela fúria dos mouros. O palácio real e o comércio mercantil se estabelecem às margens do Tejo; a cidade lhe parece caótica, uma babel dos tempos modernos, com pessoas e escravos de todas as partes do mundo: os japoneses exercitam todas as artes; os chineses são homens de grande intelecto e hábeis na cozinha. Da Índia vêm duas distintas etnias: os mouros maometanos, de olhos vivazes, quase nenhum intelecto, mas espertos; são finíssimos ladrões (não no sentido literal da palavra, mas na capacidade de negociar) e os negros gentios, que são fortes e hábeis para os trabalhos mais fatigosos. São iguais aos que chegam da Ilha de São Tomé, negros trazidos de toda a costa da África: os que vêm de Cabo Verde são os mais gentis, pois aprendem tudo com facilidade, até a tocar violino, mas são um pouco soberbos. Do Brasil não trazem mais os escravos índios porque são pessoas difíceis e obstinadas, que se deixam morrer para não serem escravos.

Sassetti fica atônito ao observar o trato dado aos africanos na praça de venda de Lisboa: irrita-se com a miséria e desumanidade dos feitores de escravos. O seu intelecto e seu coração, ao qual repugna a desumanidade, se rebelam ao tratamento dado a eles, considerando o estado em que se encontram, tratados como verdadeiras bestas humanas: a revolta é antes uma reação da vontade e do sentimento que da razão propriamente dita. Certo dia, passeando pela praça, vê um grupo de escravos ajoelhados, com as mãos na terra, formando um círculo. Pensando tratar-se de um jogo, aproxima-se curioso e, estarrecido, vê que os pobres miseráveis espremiam-se, debruçados para lambe o restante das gotas de água que se encontram em uma bacia, mais parece “uma manada de porcos que peleja para enfiar a cabeça no caldo” (SASSETTI, 1970. p. 221). Para ele é completamente desumano o quadro que se apresenta diante de seus olhos: os pés formando uma circunferência e as cabeças o centro do círculo. Acrescenta que o que está contando é de mau gosto: a sua alma afetuosa se condói desses infelizes seres humanos, lamenta-lhes a triste sorte. Reporta-se a Platão na afirmação: “afinal não se trata de civilidade, mas de considerar a natureza das coisas, não se deve discutir”²⁶⁴ (SASSETTI, 1970. p. 221).

²⁶³ “em passando non si può giudicare”.

²⁶⁴ “la dove non si trata di creanza, ma di considerare la natura delle cose, non si disconviene”.

Elabora um verdadeiro tratado de agronomia, examinando as condições da terra nas cercanias de Lisboa, as possibilidades de vida do povo: os arredores são estéreis, não porque a terra é ruim, e sim porque os agricultores não a cultivam como deveriam. Inspiram-lhe tristeza os olivais abandonados, que mesmo assim produzem tanto óleo, que é possível alimentar toda a nação, além de abastecer os navios que viajam para o Brasil e para a Índia. O mesmo acontece com o vinho. Deduz que plantando-se trigo, daria para sustentar toda a população que ali habita, mas os agricultores não querem trabalhar. A terra encontra-se negligenciada, porque tudo se deixa por conta da natureza, que faz a sua parte, dando às plantas perenes como a uva e a oliveira a possibilidade de produzir, pela bondade da terra, no entanto, o cultivo sazonal está abandonado ao deus-dará. Contrapondo-se à essa esterilidade da terra, por falta do manejo correto, tem-se a beleza e riqueza que vem do rio que adorna a cidade. O Tejo, o rio-mar é, para ele, o mais belo rio da Europa, sempre cheio de naus e barcas, duzentas, até trezentas delas. Deleita-se em estar à janela da sua casa, olhando-o, ao contemplar tantas imagens novas e prazerosas, como aquelas imaginadas por Petrarca²⁶⁵.

O Portugal que visita não necessita produzir nada, tudo é importado. As navegações o tornaram um país rico, onde tudo o que se consome e se usa vem do exterior: queijos, manteiga, peixes salgados, centeio e outros cereais, vêm dos portos além da Polônia (alude aos países nórdicos)²⁶⁶; de Flandres e da Bretanha vêm os ovos de galinha, os galos e os capões; os flamengos trazem tecidos, cujo excedente é mandado para as colônias; da França vem a vitualha, além de dinheiro e açúcar; da Mina (São Jorge da Mina, na atual Guiné), como bem comprova o nome, uma mina de ouro e de escravos; de vários outros lugares vem o restante, tudo do melhor e necessário para se viver, incluindo açúcar e especiarias. Examina analiticamente a venturosa riqueza que percorre por toda a cidade, os seus olhos de sociólogo examinam cada detalhe e lhe dá seu diagnóstico, sem ideias preconcebidas (SASSETTI, 1970, p. 227).

Com sua mente aberta a todas as informações, viaja com diversos instrumentos utilizados na astronomia, para poder examinar o céu e o mar, as variações climáticas, os ciclos das chuvas e dos ventos, as estrelas e os peixes do mar. As páginas escritas ao professor Francesco Buonamici são um verdadeiro tratado sobre o clima, pondo em prática o que

²⁶⁵ Sassetti alude ao Canzoniere di Petrarca, canto CCCXXIII, do qual reportamos um trecho:

“Standomi un giorno solo a la fenestra, onde cose vede a tante, et sí nove,
[...] Indi per alto mar vidi una nave, con le sarte di seta, et d’òr la vela,
tutta d’avorio et d’ebeno contesta; e ‘l mar tranquillo, et l’aura era soave,
e ‘l ciel qual è se nulla nube il vela ella carca di ricca merce honesta”.

²⁶⁶ O bacalhau que vem dos países do mar do Norte, como afirma ele. Foram os portugueses a disseminar o seu uso no século XV. É citado também por Da Empoli.

aprendeu nas aulas, estudando nos livros a filosofia da natureza de Aristóteles, Física, Do Céu (*De Caelo et Mondo*) e Sobre a Meteorologia (*Meteororis*) (cf. Milanese, p. 57), informações que foram enriquecidas na sua primeira malograda viagem. Cita o nome de todos os ventos que observa, especificando como e quando acontecem, de qual direção sopram, as causas etc., em um verdadeiro tratado de meteorologia: “mudada a estação, mudado o vento”²⁶⁷ relata ele (SASSETTI, 1970, 353). Os ventos nordeste, levante, siroco, oeste (zéfiro), sudoeste (vento chuvoso), tramontana e o fenômeno das monções, todos bem definidos e descritos (cf. Fig. 14). Explica minuciosamente o fenômeno das monções, acrescentando que estes ventos “são por eles chamados monções, vocábulo que deve ter saído da Índia”²⁶⁸ (SASSETTI, 1970, p. 354). Não deixa de observar as chuvas e os fenômenos que acompanham as violentas tempestades no Atlântico e no Índico: inclui diversos *Ecasuals*, alguns dos quais não tinham ainda sido nomeados, tais como: *manga* (manga), *tifone* (tufão), *trocoadas* (trovoadas), *brezza* (brisa) (SASSETTI, 1970, p. 252-360).

Figura 14 - Carta náutica desenhada em um portulano²⁶⁹

Na mesma carta ao professor Buonamici detalha também o céu austral, explicando que não é tão cheio de estrelas quanto o boreal e que se o mesmo fosse desprovido das constelações do Centauro e de Argos ficaria o céu do hemisfério sul completamente sem de estrelas. Algumas das estrelas que se vêem no céu austral são de grandíssima beleza: o Cruzeiro do Sul, além de ser muito bonito, serve para orientar a direção do polo sul. A sua

²⁶⁷ “Mutata la stagione, mutato il vento”.

²⁶⁸ “sono da costoro addomandati monzoni, vocabolo che dovette uscire d’India”.

²⁶⁹ Desenho de Giambattista Agnesi, in: SILVESTRO, 1958, sem número de página.

dúvida é se ele faz ou não parte da constelação de Centauro. Inclui a seguir um verdadeiro tratado sobre os peixes do Atlântico: explica pormenorizadamente sobre os peixes voadores (*Mugiles Alati*), os quais atraem a atenção de quase todos os viajantes; nota a beleza do voo que fazem, na difícil tarefa de escapar das albacoras e dos bonitos. Justifica que esse voo é praticamente inútil, pois, mais adiante os peixes voadores são abocanhados, no deslocamento aéreo, por grandes pássaros, que acompanham a fuga, esperando o momento certo de devorá-los.

Certamente é no plano das ciências naturais que ele produz mais conhecimentos. A advertir o valor das informações preciosas contidas nas Lett/Sassetti, foi Giovanni Targioni Tozzetti que, remexendo entre os livros da Biblioteca Magliabechiana, na qual trabalhava, encontra várias cartas do viajante. O interesse de Sassetti pela natureza permanece desconhecido até 1852, quando é publicado o seu trabalho *Notizia sulla storia delle scienze fisiche in Toscana*. O mesmo Tozzetti²⁷⁰, em 1853, publica um livro no qual faz menção ao Sassetti, como sendo “o homem que mandou a planta do cinamomo para Firenze” (apud MILANESI, 1970, p. 6). Na Índia tem a oportunidade de aprofundar esse seu interesse, seja cuidando o pequeno pedaço de terra que comprou, como diz jocosamente, para escapar da chatice do inverno, seja estudando a flora e a medicina local, aprimorando os seus conhecimentos através do contato com os médicos nativos. Encontra nesse país outros Hipócrates, Dioscórides e Galeno, que escreveram tratados sobre as plantas. Vai à procura informações e traduções junto a um médico gentio, com quem fez amizade. Busca sempre o saber diretamente na fonte, seja clássica, seja indiana: é um pesquisador que não se satisfaz com o ver, necessita o apoio de um embasamento científico para discutir o problema, confrontar idéias, dar soluções.

Escreve a Bernardo Davanzati e ao grão-duque Francesco di Medici amplas explicações desses tratados, mandando trechos das traduções. Na carta a Davanzati inclui o tratado sobre a árvore do *cadirà*, já descrita na antiguidade por Dioscórides e por cientistas do seu tempo, como Acosta (1585) e Garcia d’Orta (1576). Dioscórides afirma que o cadirá é o *lycium*. No seu tratado explica que é conhecida como acácia indiana (*Acacia catechu*), da qual se extrai o catechu, que, segundo ele, tem a propriedade de purificar o sangue, combater o aborrecimento, a sarna e a tosse, entre outras doenças (SASSETTI, 1970, p. 499-501). Ao grão-duque Francesco, interessado em botânica, envia sementes exóticas, escreve sobre a utilidade de diversas plantas, bem sabendo do interesse deste na introdução e cultivo de outras

²⁷⁰ TOZZETTI, A. Targioni. **Cenni storici sulla introduzione di varie piante nell’agricoltura e orticoltura toscana**. Firenze, 1853, p. 260.

espécies na região da Toscana; a Baccio Valori envia remédios que são bons para o estômago e, em 1587, envia plantas, sementes de canela, juntamente com um tratado sobre o cinamomo (que se encontra publicado na edição do Marcucci, de 1855), no qual analisa a questão se a conhecida canela do Ceilão é a mesma daquela descrita por clássicos como Dioscórides, Plínio e Galeno.

Nas descrições das plantas comparecem não apenas as palavras de um observador, mas de um literato que vê além de um objeto composto de matéria: vê a própria essência. A canela, a pimenta e outras plantas são descritas longamente; outras, com menos informações, mas com a marca que lhe é peculiar, a de aliar informações e impressões pessoais, como na descrição do ananás:

O abacaxi me parece a fruta mais gostosa que existe: é feita como a planta da alcachofra, e não é diferente, senão que puxa um pouco para a feição da pinha; madura, exala um odor suavíssimo. O sabor é de morango e de melão, e com o vinho adquire grande consistência; acham esses [os habitantes] calidíssimo e dizem que para comê-lo se deve enfiar uma faca dentro à noite e deixar repousar até o dia seguinte. Esta planta é forasteira, vinda do Brasil, e levada a Portugal não medrou²⁷¹ (SASSETTI, 1970, p. 392).

Pelas sua grande colaboração na construção do conhecimento do universo botânico da Índia, Milanesi o qualifica como um autor científico, pois ele não somente restituiu

à ciência medicamentos e espécies das quais se tinha perdido completamente os vestígios; recuperando a antiga ciência para o uso moderno o Sassetti reafirma, coerentemente com as convicções do seu tempo, a sua validade e continuidade²⁷² (MILANESI, 1973, p. 75).

A palavra, na pena de Sassetti, adquire nuances que não existem em outros autores: se compraz em transcrever palavras das línguas exóticas, estudar a escrita, verificar a etimologia. Nota, com muita propriedade que, nas províncias da China, existem línguas diversas, cujos falantes se entendem através da escrita; uma língua não representada por caracteres, mas em tantos sinais quantas são as coisas e os conceitos. As suas reflexões, ao estudar as palavras do sânscrito, o fazem perceber que elas possuem semelhanças com as

²⁷¹ “L’ananas mi pare la più gustosa frutta che ci sia: è fatta da una pianta come il carciofo e egli non è dissimile, se non che tira più a fazione della pina; matura getta un odor soavissimo. Il sapore è di fragola e di popone, e col vino acquista forza grande; trovanlo costoro caldissimo e argumentono dal consumarvisi dentro um coltello che vi si fichi la sera e lascivisi stare fino a la mattina. Questa pianta è forestiera, venutaci dal Verzino e, condottassi in Portogallo non visse”.

²⁷² “alla scienza medicine e spezie delle quali erano state perdute le tracce; recuperando la scienza antica all'uso moderno il Sassetti ne riafferma, coerentemente con le convinzioni del suo tempo, la validità e la continuità”.

línguas europeias, deduzindo que pertencessem a uma família linguística comum, algo jamais notado até então. Apesar de não aprofundar essa temática, limitando-se ao exame de algumas palavras, foi o primeiro a perceber a existência da protolíngua indoeuropeia.

É no léxico, que se distingue dos outros viajantes: a sua formação literária o instiga a recheiar as Lett/Sasseti das palavras novas que ouve, de motes e de provérbios, quase sempre transcritos com uma forte interferência linguística do português. Depois de anos convivendo em uma colônia portuguesa, é mais do que natural que, em muitas passagens, ele nem se aperceba dessa interferência; desse modo é possível encontrar, “pelo gosto da *variatio*”, segundo Cardona (1970, p. 40), “um empaste linguístico”, misto de italiano e português, onde o primeiro contribui com o significante e o segundo com o significado. Em uma conversa informal com o professor Vanni Bramanti, que transcreveu o manuscrito utilizado nessa pesquisa sobre Sasseti, este nos dizia que gosta de imaginar o espanto dos amigos e familiares quando liam as Lett/Sasseti. Provavelmente não conseguiam entender o real significado de muitas passagens e explicações fornecidas pelo viajante, pois o seu italiano misturado com expressões e palavras do português, seria uma língua quase incompreensível²⁷³.

Dei afirma que Sasseti, como florentino, cultivava um gosto pelo léxico extravagante, pelo neologismo, pela fraseologia e pela inusitada mistura de palavras de várias línguas, pois “A palavra estrangeira define o exótico, dá voz ao estranhamento e à lonjura e, ao mesmo tempo, garante uma espécie de cientificidade, de objetividade descritiva”²⁷⁴ (DEI, 1995, p. 18). Para muitos linguistas italianos o Sasseti é o maior introdutor de vocábulos portugueses dicionarizados na língua italiana – *marmellata, tifone, baia, casta* –, para citar alguns; se compraz em transcrever várias expressões idiomáticas, locuções, todas construídas com aquela mistura linguística que o caracteriza, tais como: *pare um naire sopra um elefante, levando buona vita, che di cose* etc. Apesar dessa variação, para Bramanti (1970, p. 21), as cartas escritas, mesmo depois da sua partida de Florença, conservam na sua escritura a estrutura tipicamente florentina; a anormalidade se encontra somente no léxico.

A vivacidade e ligeireza de estilo faz da leitura das suas Lett/Sasseti um interlúdio de repouso e entretenimento na tarefa difícil de escrever esta tese. Ler a sua obra é mais do que viajar por mundos desconhecidos e vistos através dos olhos de outros autores, é vaguear nas ondas da poesia, embalada pelas suas palavras. Sasseti, membro de uma Academia de

²⁷³ Informação pessoal fornecida em 19 out. 2013, em um encontro na Biblioteca Nazionale di Firenze.

²⁷⁴ “La parola straniera definisce l’esotico, dà voce all’estraniamento e alla lontananza, e insieme garantisce una sorta di scientificità, di obbiettività descrittiva”.

Letras, é sobretudo um literato: ele não narra, nem descreve – compõe. Compõe poesia até nas descrições das coisas mais banais, como a do jambo, que para ele não é apenas uma fruta é algo mais: os jambos são “brancos e vermelhos como rosas e leite misturados, de substância tão leve como o algodão, e tão brancos, com o sabor de água de rosas”²⁷⁵ (SASSETTI, 1970, p. 471). Ou quando fala do coco, base da alimentação dos hindus: as “Nozes da Índia, as quais são o rendimento, o campo, a vinha, as oliveiras e o bosco desta gente”²⁷⁶ (SASSETTI, 1970, p. 407). É realmente uma pena ter morrido cedo. Tivesse vivido mais, viajado por outros lugares, como desejava, quem sabe com quanto mais nos teria deleitado e quanto contribuído para a literatura.

5.8.2.1 *Ecasuals* em Sassetti

ABASSARE verbo. *Outros*.

Atestação: “Stava in punto quel gra mogor per <abassare> alla conquista dello stato d’un principe detto el zamalucco” (SASSETTI, 1970, p. 521).

Português: abaixar.

Análise do dado: Ver **abbassare** em Pigafetta.

ABASTATA adj. *Outros*.

Atestação: “[...] e sopra tutto la terra ripiena di tutti i beni e, come dicono i portoghesi, <abastata>” (SASSETTI, 1970, p. 546, grifo do autor).

Italiano: *opulenta*.

Português: abastada.

Análise do dado: ABASTADO: diz-se de pessoa ou país que possui boas finanças; rico, opulento. Cardona (1973, p. 212) confirma ser do português. Decalque homonímico consciente, com adaptação morfológica formal gráfica com mudança do sufixo formador de substantivos e adjetivos –**ado** para –**ato** em uma normal italianização desse fonema.

.

ALBOCORE s. m. pl. *Exploratório-científico*.

²⁷⁵ “Bianchi e incarnati come rose e latte mescolati insieme, di così lieve sustanza come bambagia, e così bianchi, di sapor di acqua rosata”.

²⁷⁶ “Noci d’India, i quali sono la rendita, il campo, la vigna, gli ulive e ‘l bosco di questa gente”.

Atestação: “[...] pigliamo pesci grandissimi (chiamanli i portoghesi <albocore>, e sono una specie di tonno) con i lacci, senza esca” (SASSETTI, 1970, p. 398, parênteses do autor).

Português: albacora.

Citações na obra: *albucore*: p. 361, 362.

Análise do dado: ver **albacore** em Pigafetta.

ALCUGNA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] pigliando quello che noi diciamo el casato (dicono loro [i portoghesi] l’<alcugna>)” (SASSETTI, 1970, p. 553, grifo do autor).

Italiano: *soprannome*.

Português: alcunha.

Análise do dado: ALCUNHA: epíteto dado a uma pessoa geralmente derivado de alguma característica física ou moral; apelido. Cardona (1973, p. 210) afirma ser do português, cujo étimo é o árabe *al-kunya*. Adaptação morfológica formal gráfica com mudança do dígrafo –**nh** para –**gn** em uma normal italianização desse fonema.

ALTURA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] da sei gradi d’<altura> in qua trovano questi venti grechi, con i quali voltano le prue per maestro” (SASSETTI, 1970, p. 355).

Português: altura.

Citações na obra: p. 460, 476, 478, 513 etc.

Análise do dado: ver **altura** em Da Empoli.

ANFIONE s. m. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] la terza è l’<anfione>, cioè oppio, col quale si sostentano i mori in questa parte in tal maniera che senz’esso muoiono” (SASSETTI, 1970, p. 555).

Português: anfião.

Citações na obra: p. 514.

Análise do dado: ver **arfion** em Da Empoli.

ANILE s. m. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Vienci l’<anile>, o vero indaco, la lacca per tignere, che sono cacature di formiche, e in certi canali quella dura da suggellare” (SASSETTI, 1970, p. 220).

Italiano: *indaco, anile*.

Português: anil.

Citações na obra: p. 495.

Análise do dado: ANIL: substância azul, extraída de plantas do gênero *indigofera*, utilizada sobretudo na indústria têxtil; índigo. Zaccaria (1927, p. 29) atesta ser do português e espanhol, e acrescenta que se trata da madeira do qual se extraía o anil; acreditamos que nessa passagem o Sassetti fale do produto acabado, pois seria desvantajoso transportar somente a matéria prima. A extração do anil não requeria um processo muito elaborado, pois após a colheita os ramos e folhas eram postos para fermentar em água, e o produto final, o anil, ficava depositado no fundo e em seguida posto para secar²⁷⁷. GDLI (1961, v. I, p. 478) registra *anile*, valendo-se da atestação do Sassetti e sustenta que a palavra é originária do sânscrito *nilās*, através do árabe *nilā* e *an-nīl*. Adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /e/ final, em uma italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em – l.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Vassi facendo presta l’<armata> per andare all’impresa di quell’isola Terzera” (SASSETTI, 1970, p. 301).

Português: armada.

Citações na obra: p. 391, 446, 447, 494, 526, 527, 529 etc.

Análise do dado: ver **armata** Varthema.

ARROZ s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Le bazzecole di casa sono un calderone e un cotale catino di legno, dove e’ mangiano l’<arroz>, o volete dir il riso” (SASSETTI, 1970, p. 437, grifo do autor).

Italiano: *riso*.

Português: arroz.

Análise do dado: ARROZ: erva da família das gramíneas (*Oryza sativa*) que produz um grão que constitui a base para a alimentação de várias populações. Sassetti é o primeiro a registrar esse *Ecasual*. Atestado em D’Agostino (1994, p. 811) como sendo do português. Sem adaptações.

ARTIGLIERIA s. m. sing. *Área militar*.

²⁷⁷ Informação disponível em: < <http://www.ruralnews.com.br/visualiza.php?id=75>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

Atestação: “Don Antonio partì dalla Terzera con trentacinque navi, con tremila fanti, molta munizione e <artiglieria>” (SASSETTI, 1970, p. 323).

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 479, 539, 558.

Análise do dado: ver **artegliaria** em Varthema.

AVENDO FALTATO verbo. *Outros.*

Atestação: “Ma né questo mi è venuto fatto in parte nessuna, perché <avendo faltato> le navi della Cina e non venutone se non una di Bengala, [...]” (SASSETTI, 1970, p. 441).

Português: tendo faltado.

Análise do dado: TER FALTADO: não comparecer, deixar de vir. É o primeiro registro que encontramos desse verbo na literatura examinada. Decalque aproximativo do português, com o verbo italiano avere no gerúndio e particípio passado do verbo faltar no português. Ver **falta** em Da Empoli.

BAR s. m. sing. *Comércio.*

Atestação: “Intanto che in questa isola dei Zeilan si vende un <bar> della più fine cannella, che sono 360 once a sei e sette *parafini*” (Discorso/S, 1855, p. 396, grifos do autor).

Português: bar.

Análise do dado: ver **bahar** em Varthema.

BARATTO adv. *Comércio.*

Atestação: “[...] almeno dovrete voi confidarmi i cento fiorini che avevono a spendere qua per voi in gentilezze, che là saranno a molto miglior ricapito, cioè più <baratto>, che vuol dire buona derrata” (SASSETTI, 1970, p. 293).

Italiano: *a buon mercato.*

Português: barato.

Análise do dado: BARATO: que possui o preço mais baixo. O uso de *barato*, nesta atestação, é adverbial. Atestado em Cardona (1971, p. 41) como sendo do português. Adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –t, em uma hipercorreção gráfica.

BARZA s. f. sing. *Objetos de uso.*

Atestação: “Honno preso una <barza> di terra coperta con fune, la quale terrà da quattro a cinque fiaschi [...]” (SASSETTI, 1970, p. 222).

Italiano: –

Português: barça.

Análise do dado: BARÇA: envoltório de palha ou vime para embalar e proteger as mercadorias de vidro e porcelana (Houaiss). Aulete registra também com o significado de “cesto de palha em que os trabalhadores levam a comida”. Sassetti usa o *Ecasual barza* para significar o próprio objeto, talvez uma caixa de vime que utilizou para transportar os garrações. Zaccaria (1927, p. 47) acrescenta que essa ocorrência está presente somente no Sassetti, de onde se pode supor que seja uma palavra de origem portuguesa. Infelizmente não encontramos nos dicionários históricos ou atuais qualquer informação etimológica, apenas Houaiss afirma ser uma provável dialetização de balça, que significa mata fechada, cerca-viva e estandarte. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança de fonema final /s/ para /ts/ em uma normal italianização desse fonema.

BARRE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e fanno siepe su la foce de’ porti che i portughesi domandano <barre>” (SASSETTI, 1970, p. 396).

Português: barras.

Citações na obra: p. 390, 398, 407.

Análise do dado: ver **barra** em Da Empoli.

BASALUCCO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] per dolorosa comodità che ci era d’impiegare un solo <basalucco>, stimando che in Goa arebbono auto o miglior comodità” (SASSETTI, 1970, p. 379).

Português: bazaruco.

Citações na obra: *basalucchi*: p. 396, 408, 511, 512.

Análise do dado: ver **basarucchi** em Balbi.

BASSI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il nostro piloto, che l’anno passato fu a dare nel Verzino sopra que’ <bassi>, impaurito a questa volta innanzi che si mettesse a traverssare la linea [...]” (SASSETTI, 1970, p. 378).

Português: baxios.

Citações na obra: p. 390, 405, 459.

Análise do dado: ver **basso** em Da Empoli.

BASTANTE adj. *Outros*.

Atestação: “[...] il quale non fu <bastante> a difendersi dal figliolo del re morto, che prese la fortezza fuggendosi per mare il capitano” (SASSETTI, 1970, p. 462).

Italiano: *sufficiente*.

Português: *bastante*.

Análise do dado: BASTANTE: suficiente, que basta. Cardona (1973, p. 213) atesta como sendo do português. Sem adaptações.

BATTIPLAJAS s. m. pl. *Outros*.

Atestação: “[...] col quale li chiamò [ai portoghesi] a’ giorni passati un negro, che per questo rispetto di non entrare un palmo fra terra gli domandò <battiplajas>, che vuole dire scopaliti” (SASSETTI, 1970, p. 492, grifo do autor).

Italiano: –

Português: *bate-praias*.

Análise do dado: BATE-PRAIAS: reproduzindo a expressão *bate e volta*, com o significado de chegar a um lugar e ficar pouco tempo. Sassetti explica que os indianos (não faz distinção de cor entre indianos e negros, para ele a população da Índia, pela sua cor, era considerada negra) apelidaram os portugueses de *bate-praias*, pois nunca entravam no interior dos países onde possuíam colônias (o mesmo aconteceu no início também no Brasil); as suas cidades, assim como os seus negócios, limitavam-se à orla do mar. Se olharmos um mapa das possessões portuguesas desse período, essa expressão justifica-se plenamente. Acrescente-se a isso o fato de as caravelas e carracas irem e virem constantemente de Portugal, transportando as mercadorias compradas e revendidas. Não encontramos atestações nos linguistas italianos dessa *UFcasual*, mas sem dúvida trata-se de um locução da nossa língua, pois Sassetti vivia em Goa e Cochim, colônias portuguesas, provavelmente sem o contato constante com falantes de espanhol. O rotacismo é frequente no português, por serem pontos de articulação muito próximos. Segundo Freitag²⁷⁸ (2010) é um fenômeno comum nas línguas românicas.

BEATIGLIE s. f. pl. *Indústria têxtil*.

²⁷⁸ Informação disponível em: <RevLet – Revista Virtual de Letras Volume 2, Número 02/2010 ISSN: 2176-9125>. Acesso 08.03.213.

Atestação: “E se ella vi si disponesse, me gli obrigo per questa di mandarli tanto bambagino e tele, che le chiamano qua <*beatiglie*>, che non le manchino mai né bende, né soggoli” (SASSETTI, 1970, p. 454, grifo do autor).

Português: beatilhas.

Análise do dado: ver **brattigle** em Da Empoli.

BERTANGI s. m. sing. *Indústria Têxtil*.

Atestação: “2 stuore del Iapan fine, una in una custodia di <*bertangi*>, ch’è foderata di taffettà, l’altra scempia.....xerafini 27” (S/Note, 1991, p. 919).

Italiano: –

Português: bretangil.

Análise do dado: BRETANGIL: tecido de algodão que se fabricava na França e na África Oriental (Houaiss). Dalgado (1919, p. 120) registra as entradas bertangi, bertangil e bretangil e confirma que era um tecido de algodão de várias de cores, que se exportava de Cambaia para a África Oriental. Acrescenta que apesar de todas as suas pesquisas, não conseguiu definir a origem dessa palavra. Atestado em Caraci (1991, p. 191, nota 1) como sendo do português *bretangil* ou *bertangil*, tecido de algodão grosso. Adaptação gráfica e fonética, com perda do fonema inicial /br/ e final /l/, que nessa posição inexiste em italiano.

BILANCIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché in nave l’osservazione delle stelle o del cielo, come diceva il maestro della nostra nave, *nao falla verdade*, per il continuo <*bilancio*> della nave” (SASSETTI, 1970, p. 477, grifos do autor).

Italiano: *rollio*.

Português: balanço.

Análise do dado: BALANÇO: movimento longitudinal ou transversal de embarcação, provocado pela ação das vagas (Houaiss). Existe a palavra *bilancio* em italiano com vários significados, mas não com a significação dada pelo viajante. Zaccaria (1927, p. 51) afirma ser um *Ecasual* cunhado provavelmente por Sassetti, uma italianização do espanhol *balance*, *balancear*. No português é datado em 1400, portanto existente na nossa língua anteriormente. Podemos considerar um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na correspondência do *Ecasual* em italiano.

BOFETTA s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “4 pezzi di <bofetta> finissimi...xerafini 4” (S/Note, 1991 p. 918).

Italiano: –

Português: bofetá.

Citações em outros autores: Carletti, *bofettani*: p. 214.

Análise do dado: BOFETÁ: antigo tecido de algodão fabricado especialmente em Baroche na Índia (Dalgado, 1919, p. 32). Encontramos o registro em Morais Silva (1813) e no Bluteau (1712, p. 141) que afirma ser uma tela muito fina e muito fechada. Atestado por Caraci (1991, p. 918, nota 6) como sendo do português. Adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –t em uma hipercorreção gráfica.

BONITTI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Sonvi una sorte che domandano <bonitti>, detti *Pelamis ver seu Thunnus Australis* dal Rondelletto” (SASSETTI, 1970, p. 361, grifos do autor).

Português: bonitos.

Citações na obra: p. 362.

Análise do dado: ver **boníti** em Pigafetta.

BOTTEGLIERE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] che non mi pare ufficio dello scalco né del coppiere, né del credenziere, e molto meno del <bottegliere>” (SASSETTI, 1970, p. 510).

Italiano: *bottigliere*.

Português: botelheiro.

Análise do dado: BOTELHEIRO nas casas ricas, pessoa que tinha a seu encargo a guarda dos vinhos. A palavra origina-se do francês *bouteille* + o prefixo português *-eiro*. D’Agostino (1994, p. 812), observa que a palavra *bottigliere* existe no italiano desde o século XIV, mas que no Sassetti deriva do português. O mesmo afirma Cardona (1971, p. 42). Adaptação morfológica derivacional, com o uso de **-iere**, sufixo italiano derivativo de nomes e profissões e alguns objetos, que em português produz **-eiro**, sendo formador de adjetivos e substantivos que denotam profissões, gentílicos, receptáculos etc.

BRASIL s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] vanno in India, nel <Brasil>, nella costa d’Africa che guarda il mezzo giorno, in quella volta a ponente dove è la mina dalla quale si reca l’oro e delli stiavi” (SASSETTI, 1970, p. 227).

Português: Brasil.

Citações na obra: *Bresil*: p. 226;

Análise do dado: Ver **Bresil** em Da Empoli e **Tera del Verzin** em Pigafetta.

BRAVE adj. pl. *Outros*.

Atestação: “Sonci dipoi lonze e tigri, di fiere <brave>, in tanto che non è molto sicuro andare per la foresta” (SASSETTI, 1970, p. 399).

Português: bravas.

Análise do dado: ver **bravo** em Da Empoli.

BRINCHI s. m. pl. *Outros*.

Atestação: “Non venne l’anno passato la nave della Cina, non so perché: donde mancarono tutte le galanterie che costoro domandano <brinchi>” (SASSETTI, 1970, p. 414).

Italiano: *gentilezza, galanteria*.

Português: brincos.

Citações na obra: p. 266.

Análise do dado: BRINCO: agrado, mimo. No contexto o próprio Sassetti confirma o significado dessa palavra: *galanterie*, que significa agrados, atenções. Os linguistas italianos (Zaccaria, 1927; Cardona, 1973; Dei, 1991) definem, respectivamente, como “objeto de se colocar nas orelhas, braçaletes, joias”, mas não é esse o real significado deste *Ecasual*, o qual se encontra no Moraes Silva (1813, p. 302), no sentido figurado de “tudo o que é bonito e serve para ornar o corpo e a casa”. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural masculino italiano –**chi**, das palavras que no singular terminam em –**co**.

BRISA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] il quale, per essere sempre gelato, è da costoro addomandato <brisa>, che dee forse volere inferire nella nostra lingua brezza” (SASSETTI, 1970, p. 355, grifo do autor).

Italiano: *brezza*.

Português: brisa.

Análise do dado: BRISA: vento fresco e leve, que sopra geralmente à beira-mar. No contexto o próprio Sassetti confirma que os portugueses denominam brisa, acrescentando que significa *brezza* em italiano. Atestado em Cardona (1973, p. 186) como provável étimo português *brisa* e do espanhol *briza*. Sem adaptações.

BUSCANDO verbo *Outros*.

Atestação: “I sacerdote loro sono di questi brameni, dotti nella legge loro, alcuni de’ quali, che essi addimandano gioghi, vanno <buscando> il martirio infernale per differenti maniere” (SASSETTI, 1970, p. 423).

Italiano: *cercando*.

Português: *buscando*.

Análise do dado: BUSCAR: esforçar-se para achar algo, procurar. Zaccaria (1927, p. 73-74) atesta ser um termo de provável origem espanhola, que passou para outras línguas, inclusive para a italiana. Podemos considerar um iberismo, pois o contexto é de língua portuguesa. Sem adaptações.

CAFRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “La causa, perché sono alla fine negri e <cafri>, che vuol dire uomini senza ragione; e si lasciano occupare da’ mori tutte le marine” (SASSETTI, 1970, p. 481).

Português: *cafros*.

Citações na obra: p. 554.

Análise do dado: ver **chafri** em Da Empoli.

CAGRU s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “I <cagru> o lagiù, i tamerindi, l’ambole e mille altri frutti che, con esser comune a tutto l’anno, il quel tempo danno di sé copia maggiore” (SASSETTI, 1970, p. 472).

Italiano: *acagiù*.

Português: *caju*.

Citações na obra: Discorso/S: *cagiù*: p. 397.

Análise do dado: CAJU: fruto da planta da família das Anacardiáceas (*Anacardium occidentale*) que possui o pedúnculo e a castanha comestíveis. Em italiano está dicionarizado o empréstimo do português *acagiù* (a planta e o fruto); no entanto, na Itália, a castanha é popularmente conhecida como *anacardio*. Atestado em Soravia (1989, p. 372), como sendo do português. Decalque livre com adaptação gráfica e fonética, com o acréscimo do dígrafo –**gr** em substituição ao grafema –**g**.

CALAMBUCCO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Una corona di legno aloé, o di <calambucco>, come e’ lo chiamano qui per distinguerlo dal legno aloé che gli è inferiore” (SASSETTI, 1970, p. 335).

Português: calambuco.

Citações na obra: p. 366.

Análise do dado: ver **calampatat** em Varthema.

CALMA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Durano due, quatro e sei ore; e poi piove e <calma> il vento, come se non fusse mai stato e fa allora il sole l’uffizio suo” (SASSETTI, 1970, p. 355).

Italiano: *calmeria*.

Português: calma.

Citações na obra: *calma/e*: p. 315, 362, 403, 380.

Citações em outros autores: Carletti: p. 24; Cavazzi: p. 303, 308, 353, 380, 408, 462, 534 etc.; De Carli: p. 8, 11, 20, 92, 107, 111, 132, 171 etc.; Guattini: p. 23, 28, 75.

Análise do dado: CALMA: cessação completa ou quase completa de ventos, especialmente no mar; calmaria (Houaiss). Zaccaria (1927, p. X) faz uma ampla discussão sobre a origem da palavra, não expondo dúvidas sobre o fato de, apesar de ser uma palavra grega, o sentido dado acima provém do espanhol e do português. Nessas duas línguas ibéricas já estava presente no início de 1400, enquanto que o italiano *calma* entrou apenas no fim do mesmo século e o francês *calme*, no fim de 1500. Ao fazer essa discussão sobre a origem de palavras latinas e gregas, Zaccaria acrescenta que várias delas foram neologizadas, isto é, existiam já em algumas línguas românicas com o sentido original, mas que foram “reprocessadas”, adquirindo um novo sentido semântico. GDLI (1961, v. II, p. 553) registra *calmeria*, com o significado de *bonança* e usa o Sassetti como atestação. Registrado o uso náutico desse *Ecasual* nos portulanos portugueses, em Metzeltin (1973, p. 239). Sem adaptações.

CAMMELLETTI s. m. pl. *Área militar*.

Atestação: “Ha un arsenale [...] tutti d’una misura, che chiamano qua <cammelletti>, che sono alcuna cosa meno che mezze colubrine” (SASSETTI, 1970, p. 480).

Italiano: –

Português: cameletes.

Análise do dado: CAMELETE pequena peça de artilharia; artilharia miúda (Aulete, Bluteau). Cardona (1971, p. 41) atesta que a palavra origina-se do português *camelo*, com o significado de um canhão de grosso calibre. Existe a controvérsia de definição entre Cardona e as definições dos nossos lexicógrafos. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética, com acréscimo dos dígrafos **–m**, **–l**, e **–t**, em uma hipercorreção gráfica.

CAMMINO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] volendo uscire e andare al <cammino> dell’India, bisognerebbe volgere la prua per il vento scilocco, donde appunto tira il vento” (SASSETTI, 1970, p. 356).

Português: caminho.

Citações na obra: 378, 398, 405, 406, 447 etc.; *camino*: p. 459.

Análise do dado: ver **chammino** em Da Empoli.

CANICHINO s. m. sing. *Indústria Textil*.

Atestação: “Ancora li consegnerà il detto una pezza di panno detto <canichino>, ch’è come noi diremmo bambagino con salda” (SASSETTI, 1970, p. 331).

Italiano: –

Português: canequim.

Citações na obra: p. 336.

Citações em outros autores: Carletti, *canichini*: p. 214.

Análise do dado: CANEQUIM: tecido de algodão da Índia (Aulete, Bluteau). Dalgado (1919, p. 202) afirma ser um tecido grosso de algodão utilizadíssimo seja na Índia seja na África Oriental, cujo étimo é do concanimar *khaṇkī*. Atestado em Zaccaria (1927, p. 86) como sendo do português *caniquí*. O autor acrescenta que a oxitonia do português fez com que no italiano houvesse o acréscimo de uma sílaba. Decalque homonímico com adaptação gráfica, normal italianização do dígrafo –**ch** em substituição ao português –**qu**, e adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência –**ino**, em uma normal italianização da terminação portuguesa –**im**.

CAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Venne qua d’Ormuz in fin di marzo passato Giovan Batista Britti, servitore del signor Cardinale, mandato dal <capitano> d’Ormuz” (SASSETTI, 1970, p. 523).

Português: capitão.

Citações na obra: 280, 419, 446, 447, 481, 522, 527, 528 etc.

Análise do dado: ver **capitaneo** em Varthema.

CARTA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] e che di quinci proceda ch’io non possa veder <carta> del signor Giovanni, che per altro arebbe il torto” (SASSETTI, 1970, p. 268).

Português: carta.

Citações na obra: *carte*: p. 265.

Análise do dado: ver **carta** em Pigafetta.

CARACCONI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “A Lisbona non fanno segno d’arrivar que’ <caracconi> dell’Indie” (SASSETTI, 1970, p. 272).

Italiano: *caracca*.

Português: carracões.

Citações em outros autores: De Carli, *carracca*: p. 14, 33.

Análise do dado: CARRACA: antigo navio português de grande porte, utilizado no transporte de mercadorias. Houaiss data essa palavra no século XIV e afirma que a etimologia é controversa. Zaccaria (1927, p. 92-93) registra *caracca* e *caraccone* e acrescenta que é do espanhol *caracon*, e acrescenta que essa entrou para o italiano possivelmente quando da introdução de palavras náuticas espanholas no italiano. GDLI (1961, p. 735, v. II) informa que era uma palavra difusa no Mediterrâneo nos séculos XIII e XVI, com o significado de navio português e genovês. Consideramos um iberismo. Adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo de substantivo aumentativo **–one**, italianização do sufixo português **–ão** e adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo **–c** em uma hipercorreção gráfica.

CARAPPO s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] ne porto più di uno, ma uno tra gli altri che domandano ‘l <carappo>, le palle del quale stanno per meraviglia in tutte queste fortezze portuguese” (SASSETTI, 1970, p. 479).

Italiano: *colubrina*.

Português: casapo.

Análise do dado: CASAPO: canhão de artilharia antigo que disparava tiros fortes. Moraes Silva (1813, p. 335) registra esse *Ecasual*, do qual extraímos a definição. Bluteau (1712, p. 203), que assegura que os portugueses chamavam um certo tipo de canhão casapo grande e um outro de casapo pequeno. Cardona (1973, p. 187) atesta ser do português *casapo*, mas que houve um erro de transcrição de casapo para *carappo*. Adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo **–p** em uma hipercorreção gráfica e substituição do grafema **–r** por **–p**.

CASAGLIATO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] mi fusse dato aiuto e favore a questo effetto del vedere e ‘ntendere, mandandomi a date <casagliato> nelle navi da una parte all’altra” (SASSETTI, 1970, p. 534).

Italiano: –

Português: agasalhado.

Análise do dado: AGASALHADO, mercadoria particular embarcada por tripulante ou passageiro para negociar por conta própria ou de sociedade com terceiro; gasalhado (Houaiss). Zaccaria (1927, p. 102) afirma tratar-se do direito de hospedagem gratuito nos navios, possivelmente um termo náutico espanhol, mas como vimos acima, em português há outra significação. Segundo Houaiss, é datado já no século XIII, e existe o homônimo gasalhado, portanto um *Ecasual* do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica com mudança do sufixo formador de substantivos e adjetivos – **ado** para –**ato** em uma normal italianização desse fonema; adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /a/ inicial.

CASATI adj. *Outros*.

Atestação: “Donde si ribellò el popolo tutto e quel capitano si fuggì, rimanendo quivi i portoghesi <casati> alla misericordia di quel moro” (SASSETTI, 1970, p. 529).

Italiano: *sposati*.

Português: casados.

Análise do dado: CASADO: unido pelo matrimônio. Sassetti explica que após um capitão português ter traído e assassinado o rei de Terenate (nas Ilhas Molucas), o povo se rebelou e expulsou o capitão da fortaleza portuguesa, deixando apenas os que eram casados. Atestado em Cardona (1973, p. 213) como sendo do português. Adaptação morfológica derivacional, com o uso da desinência –**ato**, em uma normal italianização da terminação portuguesa – **ado**.

CATRI s. m. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Vengono di là legnami da letti, che e’ domandano <catrì>, dipinti di diversi colori e tali miniati d’oro di gentilissimi compassi” (SASSETTI, 1970, p. 219).

Italiano: *catre*.

Português: catres.

Análise do dado: CATRE: leito, cama de viagem. Caraci (1991, p. 886, nota 3) atesta que a palavra entrou para o vocabulário luso-asiático com o significado de estrado de leito. Dalgado (1919, p. 234) registra como entrada *cátele*, *catél*, *catle*, *catere* e *catre*, e sustenta que essas

variantes ocorreram nos indianistas, mas que o termo que entrou na linguagem comum foi *catre*, e que os outros ficaram circunscritos aos vocabulários luso-asiáticos. Acrescenta que a palavra passou por muitas significações, desde “maca de lona” na Índia, até “trono dos reis” no Malabar, mas a que se fixou é cama dobradiça, cama de viagem e leito tosco e pobre. Quanto à etimologia não descarta a ideia de ser do espanhol *catre*, significando cama ligeira. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –i.

CATÙ s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “L’albero detto cadirà, del cui legno fanno gli indiani il <catù>, nasce da per se stesso in tutta la costa da’India e abbondantemente in Cambaia” (SASSETTI, 1970, p. 241, grifo do autor).

Italiano: *cacciù*.

Português: catechu.

Citações na obra: p. 500.

Análise do dado: CATECHU: extrato de madeira da catechueira, também conhecido por «terra japônica» (Dalgado, 1919, p. 233); cate, cato, cacho e catechu. Tanto Houaiss quanto Aulete registram a entrada catechu, que é a mesma planta da família das leguminosas (*Acacia catechu*), nativa da Índia e da qual se extraem o tanino, substâncias resinosas utilizados em medicina, portanto entre elas o cate. Aulete registra a entrada catechu, mas indica a remissiva para cacho 3, porém ao consultarmos essa subentrada encontramos a seguinte definição: “conjunto de objetos dispostos dessa forma”, e não apresenta a definição de cacho, como sinônimo de catechu. O EL *cate* encontra-se atestada nos linguistas italianos apenas como antigo peso; GDLI (1961, v. II, p. 875) registra *catechu*, planta da família das leguminosas, mas não o extrato, que é conhecido em italiano como *cacciù* (cf. Schultz, 2007). Como Dalgado registra as diversas variantes da palavra presente nos viajantes portugueses. Omitimos a análise das adaptações gráficas.

CHARA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “Tra le parole che adesso mi svengono è questa una, <chara>, usata da loro per significare la faccia e quello che noi diremo aria di nobile o plebeo” (SASSETTI, 1970, p. 231).

Italiano: *faccia*.

Português: cara.

Análise do dado: CARA: face, rosto. *Ecasual* evidente, atestado em Caraci (1991, p. 875, nota 2) como sendo do português. Sem adaptações (ver *tancho* em Varthema).

CIATTINI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Alcuni pochi ve ne sono mercanti, che chiamano <ciattini>, e ‘ntendono in tutte *** di cose” (SASSETTI, 1970, p. 381).

Português: chatins.

Citações na obra: p. 511, 517.

Análise do dado: ver **chitini** em Federici.

CONVESSO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e con tutto che ci scoppiassino alcune curve, l’aqua era tant’alta nel <convesso> della nave ch’ella potessi uscire per le buche” (SASSETTI, 1970, p. 405).

Português: convés.

Análise do dado: ver **converso** em Federici.

COSTATO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e’ colpi tanto forti, che il <costato> d’ogni altra nave non arebbe potuto reggere a nessun partito” (SASSETTI, 1970, p. 405).

Português: costado.

Citações na obra: p. 354.

Análise do dado: ver **costato** em Corsali.

COPERTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “In tutte sarano sessanta o settanta fuste e galeotte, senza <coperta>, con remi ****” (SASSETTI, 1970, p. 463).

Português: coberta.

Citações na obra: *coperte*: p. 446.

Análise do dado: ver **coperta** em Varthema.

COVODO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Vendonsi a misura per la lunghezza a 400 ducati d’oro il <covodo>, e costerà uno mille e milleduecento scudi” (SASSETTI, 1970, p. 399).

Português: côvado.

Análise do dado: ver **covodi** em Balbi.

CRUSERO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Quel <Crusero>, che si vede dalla banda di mezzogiorno con 60 gradi di declinazione dalla banda di mezzogiorno, sono quattro stelle, due della seconda grandezza una della terza, che è nel piè della croce” (SASSETTI, 1970, p. 315).

Português: *cruzeiro*.

Citações na obra: p. 361, 507.

Análise do dado: CRUZEIRO-DO-SUL: Sasseti se refere ao Cruzeiro do Sul. Ver **4 o 5 stelle** em Varthema.

CURVE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e con tutto che ci scoppiassino alcune <curve>, l’aqua era tant’alta nel convesso della nave ch’ella potessi uscire per le buche” (SASSETTI, 1970, p. 405).

Italiano: *mensola* (*per sostegno di prua*, para a sustentação da proa).

Português: *curva*.

Análise do dado: CURVA: elemento arqueado de qualquer coisa ou objeto. Na linguagem náutica, parte curva que une as laterais da proa até a popa. Bluteau (1712, p. 644) registra a subentrada: “Curva (termo de Navio). Curvas de cõvés são as chaves da náó, que fortificação os lados [...]. Curva do falcão do Beque, he huma *curva* particular, em que prega o Talhamar” (grifos nossos). No italiano, *curva* designa palavras da área da matemática, da geografia etc., mas não no significado do português. Atestado em Zaccaria (1927, p. 144) como sendo do português e do espanhol. Adaptação gráfica de número plural feminino italiano em **–e**.

CUTE s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] ne vengono tremilacinquecento <cute> ogni anno che sono ogni *cute* trenta onze e mezzo” (SASSETTI, 1970, p. 477, grifos do autor).

Português: *cate*.

Citações na obra: p. 500.

Análise do dado: ver **cathil** em Pigafetta.

DANARI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] e ci portano d’ogni cosa fino all’uova e alle galline, e de’ <danari> sopra questo, e pòrtanne spezierie” (SASSETTI, 1970, p. 217).

Português: dinheiros.

Citações na obra: p. 217, 227, 248, 372, 377, 379, 497 etc.

Análise do dado: ver **danari** em Balbi.

DATELERIA s. m. *Usos e costumes.*

Atestação: “[...] la quale infermità non impropriamente da’ portoghesi è domandata <datezeria>, per lo che tutti si vestono in quella stagione e a quel’ora da vantaggio” (SASSETTI, 1970, p. 469, grifo do autor).

Italiano: –

Português: de telaria?

Análise do dado: DE TELARIA?: não conseguimos encontrar uma definição para esse *Ecasual*. Pode ser uma mentonímia, quando a doença assumiu o nome, “de telaria” (*datezeria*), pelo fato de os afetados vestirem-se de tecido de tela, contudo é apenas uma suposição. Que se trate de um *Ecasual* do português é evidente, pois o próprio Sassetti especifica “é chamada pelos portugueses de *datezeria*”, contudo não conseguimos encontrar um termo que qualifique essa doença. Zaccaria (1927, p. 145) discute esse problema e acredita que talvez Sassetti entendeu e registrou *datezeria* ao invés de *detzeria*. Procuramos (por aproximação) em todos os dicionários e em pesquisas que fizemos na internet e não encontramos nada que se relacionasse a essa doença. Dei (1995, p. 137, nota 11) acredita que podem ser duas palavras separadas, *da teleria*, pois no contexto fala que todas as pessoas doentes “se vestem” com tecido de tela. Pode ser que a autora esteja certa, pois Moraes Silva (1813, 760) registra a entrada *telaria*. Não discutiremos a adaptação gráfica deste *Ecasual* por não termos certeza de qual palavra se trata.

DEPENDENZE s. f. pl. *Outros.*

Atestação: “Partimmi di costa con le <dependenze> che voi sapete e ho fatto sempre conto di riconoscere i medesimi per miei superiori” (SASSETTI, 1970, p. 266).

Italiano: *pendenze*.

Português: dependência.

Citações na obra: 494; *depende*: p. 494.

Análise do dado: DEPENDÊNCIA estado de sujeição a algo prescrito anteriormente. No contexto, com o significado de pendência, de algo que ficou à espera de solução. Na página 494 usa o mesmo *Ecasual* com sentido de território dependente de Portugal: “e o negócio, que hoje restou, depende todo do tráfego de Portugal, sem o qual [...] acabaria não somente esta

cidade e as outras dependências dos portugueses”²⁷⁹. Zaccaria (1919, p. 146) registra o exemplo da atestação como sendo um espanholismo, pois Sassetti escreve a carta de Madrid e teria deixado pendências na cidade; no segundo caso comprova que é um iberismo, mas claramente utilizado em âmbito de língua portuguesa. Como ambos possuem significados na nossa língua, podemos considerar esse *Ecasual* um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética para o sufixo italiano **–enza**, na correspondência da terminação portuguesa do sufixo **–ência**, formador de substantivos abstratos oriundos de verbos. Adaptação gráfica de número plural feminino italiano em **–e**.

DIALCAÒ s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] fu signoreggiato da un altro di quei capitani del re di Bisnagar, detto el <dialcaò>, el qual essendo morto lassò un picciol figliletto” (SASSETTI, 1970, p. 523).

Português: idalcão.

Análise do dado: ver **idalcan** em Corsali.

DIROTTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] già aveva preso ciascuno la sua <dirotta> e perduciti di vista tutti, nonostante gli ordini, le istruzioni e i comandamenti” (SASSETTI, 1970, p. 403).

Português: derrota.

Análise do dado: ver **diritta** em Da Empoli.

DISAPPARITO verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] ma el giunco, dove venivano diverse cose mie, è <disapparito>: eppure v'erano sopra i due (...) di Malaca” (SASSETTI, 1970, p. 526, parênteses do autor).

Italiano: *sparito*.

Português: desaparecido.

Análise do dado: DESAPARECER: deixar de estar visível, sumir. Não encontramos atestação nos linguistas italianos, contudo segue a mesma tipologia de interferência de outros *Ecasuals* com a formação prefixal **dis**–. Ver análise do dado **dischoprire** em Varthema.

DISAVVANTAGGIOSI adj. *Comércio*.

²⁷⁹ “e il negozio, che oggi c'è rimasto dipende tutto dal traffico di Portogallo, senza il quale [...] verrebbe meno non solo questa città e le altre dependenze de' portoghesi”.

Atestação: “[...] o, se pare avessero fatti i negozi <disavvantaggiosi>, altri sarebbono che darebbono le male soddisfazioni” (SASSETTI, 1970, p. 379).

Italiano: *svantaggioso*.

Português: desvantajosos.

Análise do dado: DESVANTAJOSO: que oferece desvantagem; prejudicial. Também esse adjetivo segue as mesmas regras de acréscimo de um prefixo português. Ver a explicação dada para essa tipologia de interferência em **dischoprire** em Da Empoli. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com o acréscimo do fonema /**za**/ no prefixo, acréscimo dos dígrafos –**v** e –**g**, em uma hipercorreção gráfica e adaptação gráfica de número plural masculino italiano em –**i**.

DISCARICAVA verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Dipoi li <dis caricava> tutte le sue rove in terra e senza che ne avessi travaglio nessuno, e presane la fattura [...]” (SASSETTI, 1970, p. 497).

Português: descarregava.

Análise do dado: ver **discharichato** em Da Empoli.

DISCONFIDATO adj. *Outros*.

Atestação: “Sono nel trattare di poca verità, volubili come foglie, timidi come scimie, <disconfidati> in modo che temono che l’aria porti lor via ciò ch’egli hanno” (SASSETTI, 1970, p. 514).

Italiano: *diffidente*.

Português: desconfiado.

Análise do dado: DESCONFIADO: que ou aquele que não confia nos outros. Atestado em Cardona (1973, p. 213) como sendo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica com mudança do sufixo formador de substantivos e adjetivos –**ado** para –**ato** em uma normal italianização desse fonema. Ver a análise feita em **dischoprire** em Da Empoli.

DISCONTENTO adj. *Outros*.

Atestação: “[...] che considerato ogni cosa, viverà el tempo che Nostro Signore le darà di vita con molto travaglio e <discontento>” (SASSETTI, 1970 p. 456).

Italiano: *scontento*.

Português: descontente.

Citações na obra: p. *discontenteranno*: 441.

Análise do dado: DESCONTENTE: que manifesta insatisfação, frustração. Adjetivo com o prefixo modelado na mesma forma de muitas outros *Ecasuals* presentes na literatura dos viajantes italianos. Adaptação morfológica com a substituição do grafema e fonema português /e/ em /i/, em uma hipercorreção gráfica. Ver a análise de **dischoprire** em Da Empoli.

DISCONVERSABILE adj. *Outros*.

Atestação: “[...] perché, oltre al non ragunarci i soldati tanti danari che possano vestirsi, questa maniera d’arme ci è <disconversabile> rispetto ai grandissimi caldi” (SASSETTI, 1970, p. 527).

Italiano: –

Português: desconversável.

Análise do dado: DESCONVERSÁVEL: difícil de sustentar, de suportar. Atestado em Zaccaria (1927, p. 150) como sendo do português *desconversável* (e do espanhol *desconversible*), com o significado de insociável, mas que no Sassetti, apesar de ser uma passagem de difícil interpretação, pois pode ser explicada com o sentido de inútil, inservível. Pettenati (1961, p. 38) afirma que no século XVI a palavra *desconversável* possuía o sentido de *desconfortável* e usa um exemplo extraído do Moraes Silva. No Houaiss encontramos o sentido dado acima, que acreditamos seja aquele que se adapte melhor a essa passagem do Sassetti, mas o sentido dado por Pettenati também é possível. Adjetivo com o prefixo modelado na mesma forma de muitas outros *Ecasuals* presentes na literatura dos viajantes italianos. Ver a análise do dado feita em **dischoprire** em Da Empoli.

DISCOPRIMENTO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] l’una è il <discoprimento> d’una mina d’argento, che dicono che il minerale tien la *** di plata in un rio detto Cuama presso a Sofala e Mozambiche” (SASSETTI, 1970, p. 447).

Português: descobrimento.

Citações na obra: *discoprimenti*: p. 225; *discoprirla*: p. 447.

Análise do dado: DESCOBRIMENTO processo ou efeito de encontrar algo ainda desconhecido. Ver a análise do dado feita em **dischoprire** em Da Empoli.

DISCOPRIRLA verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] dove altra volta rimasono una banda di portoghesi che vi furono a <discoprirla>” (SASSETTI, 1970, p. 447).

Português: descobri-la.

Citações na obra: *discoperto/a*: p. 529; *Discorso/S*: p. 385.

Análise do dado: Ver **dischoprire** em Da Empoli.

DISIMBARCAVA verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] veniva uno de’ quatro sensali posti per la corte e lo <disimbarcava>, e davali casa e altro necessario” (SASSETTI, 1970, p. 493).

Italiano: *sbarcare*.

Português: desembarcava.

Análise do dado: ver **disbarcare** em Corsali.

DISINFATARSI verbo. *Outros*.

Atestação: “Io l’ho caro, ché portrò pure alle volte <disinfatarmi> con dargli, se farà di bisogno, alle volte qualche picchiata” (SASSETTI, 1970, p. 290).

Italiano: *rompere la noia*.

Português: desenfadar-se.

Análise do dado: DESENFADAR-SE: livrar-se do tédio com relação a algo; mandar embora a tristeza. Zaccaria (1927, p. 152) discute a posição de Scarabelli²⁸⁰, o qual sustenta que a palavra origina-se de *fado*, que acrescido do prefixo de negação, significaria literalmente subtrair-se do fado, isto é do destino e que em espanhol *desenfadarse* significa mandar embora a tristeza, significado que se coaduna melhor com esse verbo. Zaccaria completa que Sassetti usava um termo hispano-português, isto é um iberismo. Ver a análise do dado **dischoprire** em Da Empoli.

DISINCONTRATI adj. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Le sue barbe sono molte grosse e ‘l gambo è come del susino e del mandorlo o più; su per lo quale nascono i rami <disincontrati>” (SASSETTI, 1970, p. 499).

Italiano: *che non ha riscontro*.

Português: desencontrados.

²⁸⁰ Sem referência no Zaccaria.

Análise do dado: DESENCONTRAR: que não estão no mesmo lugar. No texto Sassetti refere-se aos ramos da planta que são simpodiais, que nascem em diferentes direções. Verbo com o prefixo modelado do mesmo modo em adjetivos e outros verbos dos viajantes. Atestado em Zaccaria (1927, p. 152) como sendo do português. Ver a análise do dado feita em **dischoprire** em Da Empoli.

DISPACCIA verbos. *Marítimo geográfico.*

Atestação: “Um viceré solo comanda all’India tutta, da Mozambique sino a Malacca, ma i capitani gli <dispaccia> il re, e la residenza della corte è a Goa” (SASSETTI, 1991, p. 463).

Português: despacha.

Citações na obra: *dispacciavono*: p. 519; *dispacciato*: p. 522. *ad ispacciare*: p. 286.

Análise do dado: ver **dispacciava** em Da Empoli.

DISPOPOLÒ verbo. *Outros.*

Atestação: “[...] chiamano *Monte de li Chievi*, che vuol dir de’ topi, per la plaga de’ quali si <dispopolò> qui una città principalissima” (SASSETTI, 1970, p. 553, grifo do autor).

Italiano: *spopolare*.

Português: despovoar.

Análise do dado: DESPOPOVOAR: fazer ou ficar sem habitantes. Verbo com o prefixo modelado na mesma forma de outros *Ecasuals* presentes na literatura dos viajantes italianos. Ver a análise do dado feita em **dischoprire** em Da Empoli.

FACCENDE s. f. pl. *Comércio.*

Atestação: “In questo paese si ritrova Filippo Cavalcanti, fratello di Guido e di Stiatta, il quale ha grandissime <faccende> alle mani” (SASSETTI, 1970, p. 218).

Português: fazendas.

Citações na obra: *faccenda/e*: p. 293, 310.

Análise do dado: ver **facende** em Federici.

FALTA s. f. sing. *Outros.*

Atestação: “Ma spero di emendar la <falta> l’anno prossimo perché andando a Goa doppo la spedizione di queste navi, potrò provedermi con più comodo di tutte queste novità” (SASSETTI, 1855, p. 399).

Português: falta.

Análise do dado: Ver **falta** em Da Empoli.

FANOIS s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] e chi ha danari assai e può spendere 700 o 800 o 1000 <*fanois*>, che van *** per un reale” (SASSETTI, 1970, p. 438, grifo do autor).

Português: fanões.

Citações na obra: p. 521; Sassetti, S/*Note*, *fanò*: p. 919.

Análise do dado: ver **fanon** em Varthema.

FARDI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] al fare lo spedale per gli uccelli presi, al consumare molti <*fardi*> di riso ogni anno in casa loro” (SASSETTI, 1970, p. 420).

Português: fardos.

Citações na obra: *fardetto*: p. 411.

Análise do dado: ver **fardo** em Balbi.

FATTORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Ma la fattoria e gli ufficiali del re, che sono <*fattore*>, scrivano e altre gente che intervengono a riscuoter diritti e licenza” (SASSETTI, 1970, p. 519).

Português: feitor.

Análise do dado: ver **fattore** em Da Empoli.

FATTORIA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Ma la <*fattoria*> e gli ufficiali del re, che sono *fattore*, scrivano e altre gente che intervengono a riscuoter diritti e licenza” (SASSETTI, 1970, p. 519).

Português: feitoria.

Análise do dado: ver **factoria** em Varthema.

FIDALGHI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “I Christiani vecchi son divisi ne’ <*fidalghi*> e altro popolo minuto” (SASSETTI, 1970, p. 216, grifo do autor).

Português: fidalgos.

Citações na obra: p. 226, 286, 527; *fidalgo*: p. 553.

Análise do dado: ver **fidalchi** em Da Empoli.

FLOTTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] dove se giuntano con la <flotta> di Santo Domingo, e quivi con i venti di quella costa, si conducono al medesimo camino che le navi de’ portoghesi” (SASSETTI, 1970, p. 459).

Português: frota.

Citações na obra: p. 271, 280, 285, 286, 523, 558.

Análise do dado: ver **frotta** em Da Empoli.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Dura questa <fortuna> impetuosa quindici o venti giorni al più; e come sono tanto furiosi, non son continui in tutto quel tempo” (SASSETTI, 1970, p. 467).

Português: fortuna.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FUSTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e particolarmente sopra una <fusta>, dove ogni ora metto un capel bianco nella barba, già che il capo è tutto” (SASSETTI, 1970, p. 429).

Português: fusta.

Citações na obra: *fusta/e*: p. 429, 463, 524, 526, 527.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GALANGA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Viene di là allume di rocca senza fine, <galanga>, cinabro, canfora e le porcellane” (SASSETTI, 1970, p. 497).

Português: galanga.

Análise do dado: ver **gallanga** em Varthema.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “D’India vengono due sorti d’ingenerazioni: i mori maometani e’ neri, che sono <gentili>” (SASSETTI, 1970, p. 220).

Português: gentios.

Citações na obra: p. 221, 296, 380, 381, 400, 418, 498 etc.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GHINGONE s. f. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “1 padiglione con suo cappello e coperta da letto di panno che chiamano <ghingone> di sarazo, che viene di San Tomé” (S/Note, p. 919, grifo do autor).

Italiano: –

Português: guingão.

Análise do dado: GUINGÃO: tecido muito fino e lútroso; a essa definição Houaiss acrescenta outra com o significado de “a parte mais grossa e espessa da seda”. Dalgado (1919, p. 445) discute o significado da palavra, afirmando que o vocábulo tem vários significados: como pano que vem da Índia, estofa fabricada no território do Mogor, tecido fino de algodão, proveniente da borra da seda etc. Para Caraci (1991, p. 191, nota 6) a palavra *ghingone* que acompanha o *Ecasual sarazo* é um tecido de algodão (do malês *giggang*). Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, na terminação italiana **–one**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa **–ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa **–ão**.

GIAMBI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “I <giambi>, di figura delle pere diacciuole, bianchi e incarnati come rose e latte mescolati insieme, di così lieve sustanza come bambagia, e così bianchi, di sapor di acqua rosata” (SASSETTI, 1970, p. 471).

Italiano: *giambo*.

Português: jambo.

Citações em outros autores: Carletti, *giambos*: p. 201.

Análise do dado: JAMBO: fruto do jambeiro, planta da família das mirtáceas (*Eugenia malaccensis*), com cores variando entre amarelo rosado, vermelho, branco ou róseo. Cardona (1973, p. 207) atesta como sendo provável étimo português, usando Dalgado como referência. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética na mudança do fonema inicial /**ʒ**/ do português para /**dʒ**/ em uma normal italianização desse fonema. Adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **–i**.

GIAVA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La <giava> che matura in quel tempo, grande e ovata como un grandissimo cocomero, e ha la sua scorza a punti di diamanti e ripiena dentro d’una sostanza non dissimile al popone, il cui seme sono certe castagne che, cotte, sono al gusto dolcissime” (SASSETTI, 1970, p. 472).

Português: jaca.

Análise do dado: Dei (1995, p. 140, nota 18) sustenta que normalmente é identificada com a goiaba, mas segundo a autora, trata-se certamente da jaca. Concordamos com a linguista, pois pelas características descritas o Sassetti está falando da jaca. Ver **ciaccara** em Varthema.

GIOGHI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “I sacerdote loro sono di questi brameni, dotti nella legge loro, alcuni de’ quali, che essi addimandano <gioghi>, vanno buscando il martirio infernale per differenti maniere” (SASSETTI, 1970, p. 423).

Português: iogues.

Análise do dado: ver **gioghi** em Varthema.

GRAGLIA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Superstizioni negli auguri quanto si possa immaginare, ché, se la <graglia> si attraversa loro la mattina quando egli escono di casa non ha rimedio per farli far niente al giorno” (SASSETTI/Lett/98, 1855, p. 394-395).

Italiano: *gracchio*.

Português: gralha.

Análise do dado: GRALHA: ave da família dos corvídeos (*Pyrrhocorax graculus*), de plumagem negra e bico amarelo. Esse pássaro envolvia algumas lendas e superstições, como bem explica Sassetti, pela sua cor preta e seu grito estridente e ser aparentado com o corvo. Atestado em Caraci (1991, p. 910, nota 2) como sendo do português. Adaptação gráfica e fonética com a substituição de /g/ para a líquida /ʎ/ representada pelo dígrafo –gl.

GUSANI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Svernare colà non si può, perché il re lo proibisce, sendo in quei rii e’ <gusani> come gli chiamano, che rendono le navi innavigabili” (SASSETTI, 1970, p. 460).

Português: gusanos.

Análise do dado: ver **busano** em Da Empoli.

LAGARTI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Sono per questo rio, detto Mangate, de’ croccodrilli, che qui domandano <lagarti>, e ne funno per tutti questi rii della costa” (SASSETTI, 1970, p. 399).

Italiano: –

Português: lagartos.

Citações em outros autores: De Carli, *allagarte*: p. 87.

Análise do dado: LAGARTO: regionalismo do português brasileiro para designar os répteis da subordem dos sáurios, comum em todas as regiões do Brasil. Cardona (1973, p. 210) e Soravia (1989, p. 374) atestam ser do português. Decalque homonímico, com adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **-i**.

LAGNE s. f. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] che quando sono acerbi si chiamano <lagne>, e se ne fa molto conto per essere pieni dentro di un’ acqua dolcissima” (SASSETTI, 1970, p. 380, grifo do autor).

Italiano: –

Português: lanhas.

Citações na obra: p. 336.

Análise do dado: LANHA: fruto da palmeira quando ainda tenro. Aulete assegura que se trata de um vocábulo da Índia Portuguesa, no entanto Bluteau (1712, p. 37) atesta que é da Etiopia Oriental. Atestado em Dei (1991, p. 35, nota 27) como sendo do português. Adaptação morfológica formal gráfica com mudança do dígrafo **-nh** para **-gn** em uma normal italianização desse fonema. Adaptação gráfica de número plural feminino italiano em **-e**.

LARINI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] e il più, le galline, che per comprar le mercanzie vogliono reali castigliani o <larini>” (SASSETTI, 1970, p. 496).

Português: larins.

Citações na obra: Sassetti, *S/Note*: p. 919.

Análise do dado: ver **larino** em Federici.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il marzo passato mi partii di qui per il detto luogo, distante da questo per 100 <leghe>, che sono come 400 miglia delle nostre” (SASSETTI, 1970, p. 418).

Português: léguas.

Citações na obra: p. 227, 252, 273, 295, 305, 363, 387 etc.; *lega*: 253, 285.

Análise do dado: ver **leghe** em Corsali

LENTIGLIE s. f. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e si vanno scoprendo in esse certe <lentiglie>, le quali vanno allargando, sì che elle pigliano la gamba tutta” (SASSETTI, 1970, p. 379).

Italiano: *lenticchie*.

Português: lentilhas.

Análise do dado: LENTILHA: nódoa vermelha que vem no rosto ou na pele em geral (Bluteau e Morais Silva). Na atestação Sassetti chama de lentilhas as feridas causadas pelo escorbuto. Atestado em Cardona (1973, p. 211) como provável étimo do português. Adaptação gráfica e fonética com a substituição de /g/ para a líquida /ʎ/ representada pelo dígrafo –gl. Adaptação gráfica de número plural feminino italiano em –e.

LEVA verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] che egli mi <leva> e pone da qui in India, con tutta la compagnia sua ad ogni spesa che saranno cosa di duecento ducati” (SASSETTI, 1970, p. 309).

Italiano: *portare*.

Português: leva.

Citações na obra: p. 547, *leverò*: p. 309.

Análise do dado: LEVAR: conduzir de um lugar para outro. Apesar de existir em italiano o verbo *levare* com o significado de levantar, no contexto possui o significado português que ele me leva (*che egli mi leva*). Atestado em Zaccaria (1927, p. 238), que afirma ser do espanhol *llevar*, contudo podemos considerar como iberismo, pois o mesmo verbo existe no português desde 1022 (Houaiss). Sem adaptação.

LINEA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] impaurito a questa volta, innanzi che si mettesse a traversare la <linea> si messe tanto sotto la costa di Guinea” (SASSETTI, 1970, p. 378).

Português: linha.

Citações na obra: p. 356, 363, 469; *l. meridiana*: p. 296; *l. equinoziale*: p. 314, 356, 404.

Análise do dado: ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

MACARCO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e molto più timoroso, che qua domandano <macarco>, dove bolle l’acqua come s’ella avesse (e forse ha sotto) il fuoco da basso e vi si sommergono i navili con tanta brevità che né vedere si può antivedere l’accidente” (SASSETTI, 1970, p. 476, grifo e parênteses do autor).

Português: macaréu.

Análise do dado: Dei (1996, p. 144, nota 9) assim como Cardona (1971, p. 44), adverte que talvez o autor quisesse dizer *macareo*. Houve um engano na transcrição dessa palavra, pois essa carta, segundo Cardona, não é autógrafa, constando, ao invés, várias cópias manuscritas. É possível que o copista tenha transcrito a letra **c** no lugar de **e**: a semelhança na forma das letras pode ter causado o erro. Ver **maccareo** em Federici.

MAESTRO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] come diceva il <maestro> della nostra nave, *naõ falla verdade*, per il continuo bilancio della nave” (SASSETTI, 1970, p. 477, grifos do autor).

Português: mestre.

Citações na obra: p. 260.

Análise do dado: ver **maestri** em Da Empoli.

MANGAS s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E ne’ mari che si navigano da India alla Cina, ne sono assai, e, come io dico, i portoghesi le domandano <*Mangas*>” (SASSETTI, 1970, p. 360, grifo do autor).

Italiano: *tromba marina*.

Português: mangas.

Citações na obra: *manga*: p. 360.

Análise do dado: MANGA: em um tufão a formação de nuvens e de ventos muito fortes que adquire a forma de uma manga. Sassetti explica e define manga com precisão:

Movia-se em giro violentamente, e ao mover-se, fazia um buraco no mar não muito fundo e girava velozmente. A cor da nuvem era muito clara e do meio saía algo muito parecido com uma tromba, ou de uma manga de fumo de cor negra como fumaça de alcatrão, que pela similitude chamam manga essa feição²⁸¹ (SASSETTI, 1970, p. 360).

Nos dicionários Aulete, Aurélio e Houaiss encontramos para esse *Ecasual* o sinônimo de tromba d’água. No Bluteau (1712, p. 290), a definição se aproxima mais do significado dado por Sassetti: “manga de nuvem”. O lexicógrafo cita um exemplo extraído de Vieira “[...] (aparece huma nuvem no meyo daquela baia, lança huã manga ao mar)”. A

²⁸¹ “Moveva-si in giro concitatissimamente, e nel muoversi cavava il mare a scarpa in questa maniera, ancora che non molto a fondo, e giravalo seco velocemente. Il colore della nuvola era assai chiaro, e del mezzo usciva come una tromba o di una manica di fumo color nero come fumo di pece, dalla quale similitudine addomandano manga quella affezione”.

definição de Moraes Silva (1813, p. 259) também se assemelha: “*manga de nuvem*: a tromba, que sorve agua ás nuvens, e depois derrama em chuveiro” (grifo do autor). Também ele cita o exemplo de Vieira. Atestado em Cardona (1973, p. 190) como sendo do português. GDLI (1961, v. IX, p. 647) registra como tromba marinha e usa a atestação do Sassetti como exemplo de ocorrência. Acrescenta que entrou para o italiano através do português e do espanhol *manga*. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com acréscimo do grafema –s do plural do português.

MANIGLIE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] e certe <maniglie> e anelli, che que’ neri si pongono al naso e agli orecchi” (SASSETTI, 1970, p. 218).

Português: manilhas.

Análise do dado: ver **manigli** Varthema.

MARADEVIS s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] i quali di tutta la vita loro non fanno altro che conti, e non maneggiano né venggono mai un <maradevis>” (SASSETTI, 1970, p. 267, grifo do autor).

Italiano: *maravedi*.

Português: maravedi.

Análise do dado: MARAVEDI: antiga moeda de Portugal e Espanha, que correspondia a 27 réis; morabitino (Aulete). Essa moeda foi muito usada na península Ibérica durante a dominação mouresca e circulava seja em Portugal que em Espanha. Há entre a palavra transcrita por Sassetti e a dicionarizada no português uma troca de fonemas, sendo que Zaccaria (1927, p. 262) registra as duas formas, e acrescenta que existiam diferentes registros da palavra. O léxicografo acrescenta que o maravedi era uma moeda de baixo valor, sendo que a palavra é uma reprodução do espanhol *maravedí/s* e também *maradevi/s*. GDLI (1961, v. IX, p. 764) afirma o mesmo. Como o contexto é de língua portuguesa consideramos um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com acréscimo do grafema –s do plural do português.

MATTALOTAGGIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e farmi alcune mercè che si fanno per le spese del <mattalotaggio>, che è la provisione del vivere, si come fecero al castigliano predetto” (SASSETTI, 1970, p. 534).

Italiano: *provviste di bordo*.

Português: matalotagem.

Análise do dado: MATALOTAGEM: provisão de alimentos e víveres utilizados em um navio para o consumo da tripulação e passageiros. Atestado em Cardona (1973, p. 190) como provável étimo português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixos que denotam ação ou resultado de ação –**aggio**, italianização do sufixo português –**agem**, com acréscimo do dígrafo –**t** em uma hipercorreção gráfica.

MATTOS s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e la cannella del Malabar e della Iava, che i portughesi addimandano di <matto>, e vuol dir salvatica” (SASSETTI, 1970, p. 393, grifo do autor).

Português: matos.

Citações na obra: p. 394. Discorso/S: p. 385.

Análise do dado: Sassetti nessa atestação fala sobre um tipo de canela, de qualidade inferior (por isso do mato, canela selvagem, com sentido negativo) diferente da canela de Ceilão, mais valorizada pelo seu aroma e sabor. Soravia (1989, p. 376) afirma que talvez possa significar *matto*, no sentido de falso (ex. *oro matto*, ouro doido), o que eliminaria a possibilidade de ser um *Ecasual*, contudo se o fosse, Sassetti não teria escrito com o plural português. Ver **mato** em Balbi. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –**t** em uma hipercorreção gráfica e acréscimo do grafema –**s** do plural do português.

MESTIZI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “I portoghese di qua sono di due maniere, perché o ci sono venuti da Portogallo o nati in queste parti; che se sono nati qua di donne indiane, gli domando <mestizi>, il quale viso si conoscono partecipando del volto di queste parti” (SASSETTI, 1970, p. 418).

Italiano: *meticcio*.

Português: mestiço.

Citações na obra: p. 448.

Citações em outros autores: Carletti, *mestizzi*: p. 221, 222.

Análise do dado: MESTIÇO: que se origina de indivíduos de etnias diferentes. Sassetti explica bem o significado desse *Ecasual*, que está dicionarizado em língua italiana vindo do espanhol. Cardona (1973, p. 195) atesta como étimo do português. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança de fonema final de /s/ para /tz/ em uma normal italianização desse fonema.

MINA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] l’una è il discoprimento d’una <mina> d’argento, che dicono che il minerale tien la *** di plata” (SASSETTI, 1970, p. 447).

Português: mina.

Citações na obra: p. 227.

Análise do dado: ver **mina** em Da Empoli.

MOGLIERE s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “Porta dipinte le frutte, i bragmeni, i malabar, le <mogliere> e le cose tutte, sì che per un pezzo io mi penso che ‘l pover uomo abbia ad essere martire” (SASSETTI, 1970, p. 504).

Português: mulher.

Análise do dado: ver **mogliere** em Pigafetta.

MONZONE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Questi venti, a questo modo regolati, sono da costoro addomandati <monzone>: vocabolo che dovette uscire d’India, dove e’ sono osservati” (SASSETTI, 1970, p. 354, grifo do autor).

Português: monção.

Citações na obra: *monzones*: p. 316, 356; *monzao*: p. 495 .

Análise do dado: Ver **moson** em Federici e **venti [...] generali** em Da Empoli.

MUTANZA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché ad ogni piccolo tratto é tanta gran <mutanza> che in generale non può favellarsene” (SASSETTI, 1970, p. 480).

Italiano: *mutamento*.

Português: mudança.

Análise do dado: MUDANÇA: transformação decorrente de certos fenômenos meteorológicos. Sassetti fala sobre as mudanças de estações na Índia, muito diferentes daquelas da Itália, que são bem definidas. Cardona (1971, p. 42) afirma ser do português, mas acrescenta que a palavra é atestada em italiano com outro significado. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança de fonema final de /s/ para /ts/ em uma normal italianização desse fonema.

MUTAZIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Non è di minore considerazione appresso di me l'altra <mutazione> de' medesimi venti, che accade da stagione a stagione [...]” (SASSETTI, 1970, p. 353).

Português: mutação.

Citações na obra: p. 231, 352, 353, 498.

Análise do dado: ver **mutazione** em Da Empoli.

NAIRE s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “El polias dà luogo nella via al pescatore; questo all'artefice, l'artefice al <naire>” (SASSETTI, 1970, p. 437).

Português: naire.

Citações na obra: *naire/i*: p. 399, 400, 408, 437, 442, 517.

Análise do dado: ver **naeri** em Varthema.

NATURALI adj. *Usos e costumes*.

Atestação: “I <naturali> di questa costa, detti nairi, sono essi ancora gentili” (SASSETTI, 1970, p. 400).

Português: naturais.

Citações na obra: p. 391, 496.

Análise do dado: ver **naturali** em Da Empoli.

OLLE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] dove si disse che i risponsi dell'oracolo di Apollo si scriveveno nelle foglie, chiamate <olle>, che forse è corrotto da l'antico *folia*” (SASSETTI, 1970, p. 395, grifos do autor).

Português: ola.

Análise do dado: ver **olla** em Balbi.

PAGHEIS s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “E vanno di questi luoghi qui vicini sette o otto naviletti, che si domandano <pagheis>, che portano opera di quattrocento salme” (SASSETTI, 1970, p. 496, grifo do autor).

Italiano: –

Português: pagueres.

Análise do dado: PAGUER: certa embarcação da Índia (Aulete). Dalgado (1921, p. 138) registra a entrada paguel, pajel, como antiga embarcação de carga utilizada na Índia meridional. Acrescenta que os dicionários e glossários do malaiala não registram nenhum vocábulo correspondente, contudo é possível que a palavra estivesse em voga, no tempo dos descobrimentos. Discute a possível etimologia, mas não chega a uma conclusão. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica com mudança do dígrafo –**gu** para –**gh** em uma normal italianização desse fonema. Adaptação gráfica de número plural do português em –s.

PAPPELLI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “<Pappelli> grandi di setta colorata xerafini 38.3” (S/Note, 1991, p. 918).

Italiano: *carte*.

Português: papéis.

Análise do dado: PAPEL: material fabricado de fibras vegetais, utilizado para escrever, imprimir, embalar etc. Atestado em Caraci (1991, p. 918, nota 4) como sendo do português. Decalque homonímico, com adaptação gráfica com acréscimo dos dígrafos –**g** e –**l** em uma hipercorreção gráfica e de número plural masculino italiano em –**i**.

PARAR verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] altrettanti di vento grecali e levanti, che ci fecero <parar> con le vele in basso” (SASSETTI, 1970, p. 404).

Italiano: *fermare*.

Português: parar.

Análise do dado: PARAR: interromper um deslocamento, deixar de mover-se. No contexto, baixar as velas para que o barco pare. Existe na língua italiana o verbo *parare*, mais utilizado no sentido de preparar, enfeitar, apesar de existir a locução *parare le vele*, com o sentido de abrir, estender as velas, contudo é um sentido contrário ao que Sassetti dá na atestação. É evidente na frase a interferência do português “parar com as velas em baixo” (abaixadas). Não encontramos atestações de linguistas italianos. Sem adaptações.

PIMENTA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] da ottocentomila libbre di dieci reali a un conto d’oro, compresi i capitali per comprar la <pimenta>” (SASSETTI, 1970, p. 495, grifo do autor).

Português: pimenta.

Citações na obra: p. 464.

Análise do dado: ver **pimenta** em Balbi.

PLAGA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] chiamano *Monte de li Chievi*, che vuol dir de’ topi, per la <plaga> de’ quali si dispopolò qui una città principalissima” (SASSETTI, 1970, p. 553, grifo do autor).

Italiano: *piaga*.

Português: praga.

Análise do dado: PRAGA: infestação maléfica provocada nos seres vivos por certas espécies nocivas; peste. Atestado em Pettenati (1961, p. 38) como sendo do português *praga*. Sassetti em várias ocasiões adapta palavras do português, como por exemplo nesta atestação, transcrevedo o dígrafo **–pr** do português em **–pl**. Em outras passagens usa o artigo **o** transcrito **el**. Seria necessário reconstruir o sistema fonológico dessa língua franca de base portuguesa para verificar a real causa dessa interferência, ou creditar essa tipologia à própria língua do Sassetti, que é o que fazemos. Podemos considerar como um iberismo. Adaptação gráfica e fonética com o dígrafo em **–pl** ao invés de **–pr**.

PLATA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] che dicono che il minerale tien la *** di <plata> in un rio detto Cuama presso a Sofala e Mozambiche” (SASSETTI, 1970, p. 447).

Italiano: *argento*.

Português: prata.

Análise do dado: PRATA: elemento químico usado na fabricação de jóias e ornamentos. Para Bramanti a palavra que antecede o *Ecasual* é ilegível nos manuscritos. Ver a explicação dada em **plaga**.

POLIAS s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Ve ne è una casta bassa bassa che domandano <polias> che sono come dire infami” (SASSETTI, 1970, p. 297).

Português: poleares.

Citações na obra: p. 297, 442.

Análise do dado: ver **poliarli** em Varthema.

POPOLAZIONE s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “I portoghesi tengono molti luoghi in questa costa del mare, dove hanno certe fortezze fatte anticamente e con molte d’esse una <popolazione>” (SASSETTI, 1970, p. 391).

Italiano: *villaggio*.

Português: povoação.

Análise do dado: POVOAÇÃO: conjunto de habitantes aglomerados em um lugar; população. Caraci (1991, p. 906, nota 2) atesta ser do português *povoação*. Adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo italiano **–zione**, em uma normal italianização do sufixo português **–ção**.

PORTOGHESI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] aperta la borsa e trovatovi drento sei <portoghesi>, che sono circa a novanta ducati, mandò a dire a casa che non l’aspettassimo” (SASSETTI, 1970, p. 417).

Português: portugueses.

Análise do dado: ver **portoghese** em Balbi.

PREDERIA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “E perché per e’ cammini sono molte volte mal trattati da’ ladroni, perché non sia trovata la <prederia>, la pongono in un bucciolo di rame, e questo poi dentro il sesso” (SASSETTI, 1970, p. 495).

Italiano: *pietre*.

Português: pedraria.

Análise do dado: PEDRARIA: qualquer quantidade de pedras preciosas. Atestado em Caraci (1991, p. 926, nota 10) como sendo um iberismo. Para Marcucci (1855, p. 532) quando Sassetti relata que as pedrarias eram escondidas no *sesso* (sexo), quer dizer que eram colocadas no ânus, como forma de traficar pedras preciosas. Adaptação morfológica formal gráfica com a troca de grafema.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] ha preso molta maggioranza sopra gli altri <principali> del Malabar” (SASSETTI, 1970, p. 521).

Português: principais.

Citações na obra: p. 214.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

REALI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] Dietro a questi vengono le navi di Portogallo con <reali> e vini della terra medesima” (SASSETTI, 1970, p. 497).

Português: reais.

Citações na obra: p. 290, 305, 321, 368, 396, 495, 556 etc.

Citações em outros autores: Balbi: p. 27, 70, 71, 77 147; Carletti: p. 233; De Carli, *rhais*: p. p. 38; Guattini, *rais*: p. 96, 97.

Análise do dado: REAL: antiga moeda portuguesa cunhada a partir de 1430, por ordem do rei Afonso IV, sendo também conhecida por alfonsim. O real era inicialmente cunhado em ouro, prata e cobre e adquiriu o nome de real por pertencer à realeza (SANTA ROSA, 1799, 268-269). Existia, nesse período, também o real espanhol, *reales*, que é citado em algumas passagens dos viajantes, o que não é o caso de Sassetti. Alguns estudiosos da obra de Sassetti sustentam que os reais de que ele fala (*reali*) são os reais castelhanos. Concordamos, pois realmente em algumas passagens ele cita a moeda desse país, contudo em outras passagens, pelo contexto, sabemos que se trata do real português, corrente na Índia. Atestado em Zaccaria (1927, p. 342) e Cardona (1973, p. 202) e Bramanti (1970, p. 223, nota 15) como sendo do português, sentido expresso claramente no texto.

REGIDORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e particolarmente dove sta lui tiene un suo <regidore> ch’è come luogotenente di tutto il regno, in mano del quale sta la giustizia” (SASSETTI, 1970, p. 394).

Italiano: *amministratore*.

Português: regedor.

Citações na obra: p. 438, 518.

Análise do dado: REGEDOR: nas colônias portuguesas, autoridade administrativa, judiciária, religiosa etc. indicada pelo rei. No contexto, o representante da justiça, como relata Sassetti, era o lugar-tenente de todo o reino (*il luogotenente di tutto il regno*). Atestado em Cardona (1973, p. 197) como sendo do português. Adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /e/ final, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em **-r**.

RIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che una parte delle case, e la maggiore, scuoprono il <rio> pieno di navi e di legni e fino a taluna alla marina” (SASSETTI, 1970, p. 226).

Português: rio.

Citações na obra: p. 300, 394, 399, 447, 558 etc.; *rii*: p. 399, 460.

Análise do dado: ver **rio** em Da Empoli.

RIVERA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] i quali servono per discaricare e caricare le barche in questa <riviera>” (SASSETTI, 1970, p. 399).

Italiano: *riva, riviera*.

Português: ribeira.

Citações na obra: *riviera* p. 216, 408.

Análise do dado: RIBEIRA: terreno baixo à margens de rios ou de mares. Existe em italiano com esse significado, contudo na atestação, segundo Cardona (1971, p. 42) é o português *ribeira*, que significa para este linguista “pequeno curso de água”. Adaptação gráfica e fonética com a troca de fonema /b/ por /v/, e acréscimo do fonema /i/.

SARAZO s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “1 padiglione con suo cappello e coperta da letto di panno che chiamano *ghingone di <sarazo>*, che viene di San Tomé” (S/Note, p. 919, grifo do autor).

Italiano: –

Português: saraça.

Análise do dado: SARAÇA: tecido de algodão fino da Índia Portuguesa. Dalgado (1921, p. 293) comprova que é um tecido de cor, com o qual as maleses e algumas índias cristãs enrolavam-se da cintura para baixo. Acrescenta que nos Açores e em Macau designa uma espécie de mantilha. Atestado em Caraci (1991, p. 191, nota 6) como sendo do português *saraço*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética na mudança de fonema final de /s/ para /ts/ em uma normal italianização desse fonema.

SOMBAJA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “E così senza entrare là, sotto un portico stava uno facendo le sue orazioni (che chiamano <sombaja>) e era posto in cotal modo” (SASSETTI, 1970, p. 424, grifo do autor).

Português: zombaia.

Análise do dado: ver **rombee** no Balbi.

SOPRANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e come egli era <soprano> a tutti gli altri re di quelle cinque isole, tutti erano amici de’ portoghesi” (SASSETTI, 1970, p. 528).

Italiano: *sovrano*.

Português: soberano.

Análise do dado: SOBERANO: quem ou aquele que possui o domínio sobre outros, rei. No contexto, Sassetti está falando de um rei que comandava todos os outros reis das cinco ilhas. Cardona (1973, p. 214) afirma ser do português.

SOSSOPRA verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e viene con tanto impeto e rovina, che chi vi si trova e non è lesto, va <so sopra> con il navile” (SASSETTI, 1970, p. 476).

Italiano: *naufrega*.

Português: soçobra.

Análise do dado: SOÇOBRAR: ir a pique, afundar (geralmente referindo-se a embarcações). Zaccaria (1927, p. 368) sustenta que é uma variante um pouco italianizada, mas que não tem nada a ver com o advérbio italiano *so sopra* e que, na realidade, trata-se de um nauticismo muito frequente no espanhol (*sozobrar*) e no português (*soçobrar*). Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica na substituição do grafema –ç para o dígrafo –s, em uma normal italianização desse fonema.

STRANGIERI s. m. pl. *Outros*.

Atestação: “[...] ma la gente bassa che ha il governo, e li <strangieri> non ne vuol sentire niente” (SASSETTI, 1970, p. 302).

Italiano: *stranieri*.

Português: estrangeiros.

Análise do dado: ESTRANGEIRO: que ou quem é proveniente de outro país. Atestado em Cardona (1973, p. 212) como sendo do português *estrangeiro*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na perda da vogal inicial –e, e de número plural masculino em –i.

STUDIANTE s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] dove era già uno studio generale con molti collegi alla maniera de’ nostri e numero quase infinito di <studianti>” (SASSETTI, 1970, p. 511).

Italiano: *studente*.

Português: estudante.

Análise do dado: ESTUDANTE: pessoa que frequenta com regularidade qualquer curso de ensino. Atestado em Cardona (1971, p. 42) como sendo do português *estudiante*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na perda da vogal inicial –e, e acréscimo da vogal –i.

TABARDILLO s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] in Castiglia ne tengono grandissimo conto per rimedio al <tabardillo>, che sono le nostre petecchie” (SASSETTI, 1970, p. 246, grifo do autor).

Italiano: *tifo esentematico*,

Português: tabardilho.

Análise do dado: TABARDILHO: doença viral caracterizada por manchas na pele, muitas vezes causando pequenas hemorragias; tifo exantemático. O tabardilho é uma doença transmitida pelo piolho infectado pela bactéria *Rickettsia prowazekii*. Bluteau (1712, p. 5) explica que essa doença iniciou-se na ilha de Chipre e rapidamente espalhou-se pela Itália e França levada por um embaixador veneziano. Acrescenta que Castela foi infectada no ano de 1579 (a atestação encontra-se na carta expedida à Baccio Valore, de Lisboa no ano de 1580). Atestado em Cardona (1973, p. 212) como provável étimo português, mas certamente é um iberismo. Sassetti em várias ocasiões adapta palavras do português, como por exemplo nesta atestação, transcrevendo palavras do espanhol, sobretudo quando são iberismos. No caso específico de Sassetti, sabemos que ele teve contato apenas casualmente com falantes de língua espanhola, pois viveu todo o tempo em colônias portuguesas. Decalque homonímico, com adaptação gráfica com a troca do dígrafo –lh em –ll.

TAMBENE adv. *Outros*.

Atestação: “[...] e in India portano di tutto <tambene>, vino, olio, drappi, panni, ma pochi; fogli, vetri, coralli e reali” (SASSETTI, 1970, p. 218).

Português: também.

Citações na obra: p. 262, 284, 423, 450, 514.

Análise do dado: ver **tanbene** em Da Empoli.

TAMPOCO adv. *Outros*.

Atestação: “Dirò d’alcuna d’esse, perché scrivere non vi aveva luogo, né <tampoco> il badar molto, avendovi poco tempo e che vedere assai” (SASSETTI, 1970, p. 422).

Italiano: *tampoco, nemmeno, neppure*.

Português: *tampouco*.

Citações na obra: p. 408, 485.

Citações em outros autores:

Análise do dado: TAMPOUCO: advérbio utilizado para reforçar uma negação; *nem*, também não. Zaccaria (1927, p. 378-379) comprova que esse advérbio aparece na língua italiana antes de 1500, mas com o significado de “algum” e “não pouco”. Significando negação aparece pela primeira vez em Sassetti, que o utiliza diversas vezes, por influxo do português e espanhol (e é como empréstimo dessa última língua que entrou para o italiano), podendo ser considerado um iberismo. Adaptação morfológica formal, e de consoante central –u.

TANGA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] e più serafini 38, una <tanga> e 36 basalucchi per aggio a 4 per cento” (SASSETTI, 1970, p. 396).

Português: *tanga*.

Citações na obra: *tanghe*: p. 396.

Análise do dado: ver *tanghe* em Corsali.

TAPPIE s. f. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “La sua città molto grande di circuito, senza mura se non tai pezzi di <tappie>, alla banda del mare già rovinate” (SASSETTI, 1970, p. 528).

Italiano: *terrapieno*.

Português: *taipas*.

Análise do dado: TAIPA: processo de construção de paredes, muros etc. que consiste na aplicação de varas, paus, bambus entrelaçados preenchidos com uma pasta feita de barro. Bluteau (1712, p. 17) assevera que taipa é uma corruptela do árabe *tapia*, parede feita de barro. Atestado em Zaccaria (1927, p. 380) como sendo do português *taipa*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica na transposição do grafema –i para a sílaba anterior e adaptação de número plural feminino italiano em –e.

TARDANZA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “In Goa vedrò di compensare la <tardanza> con provvedere qualcosa a Vostra Signoria a suo gusto” (SASSETTI, 1970, p. 388).

Italiano: *ritardo*.

Português: tardança.

Citações na obra: p. 279, 545, 405.

Análise do dado: TARDANÇA: ato ou efeito de tardar; demora. Atestado em Cardona (1971, p. 42) como sendo do português *tardança*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética na mudança de fonema final de /s/ para /ts/ em uma normal italianização desse fonema; adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo de substantivo aumentativo **-nza**, italianização do sufixo nominal português **-nça**, designador de ação ou resultado de ação.

TARE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “<Tare>, monete piccoline della costa d’India che ne va +...+ per un fanò” (S/Note, 1991, p. 919).

Português: taras.

Análise do dado: ver **tare** em Varthema.

TINELLI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Le porcellane non sono da lasciarsi, delle quali credo che ci siano venute questo anno dugento <tinelli>” (SASSETTI, 1970, p. 220).

Italiano: –

Português: tonéis.

Citações na obra: *tinello*: p. 524.

Análise do dado: TONEL: unidade de capacidade de pesos equivalente a uma tonelada. Na página 524 Sassetti utiliza a mesma palavra, porém com a significação que existe no italiano, lugar onde os servidores comiam: “per viver gli fu assegnato mensa nel tinello dei frati” (para viver lhe foi dado de comer na cozinha dos frades). Zaccaria (1927, p. 385) atesta como sendo do português e do espanhol e acrescenta que essa medida de capacidade era largamente utilizada nesse período. O mesmo afirma GDLI (1961, v. XXI, p. 23), portanto podemos considerar um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural masculino em **-i**.

TIRANDO verbo. *Outros*.

Atestação: “[...] e in ogni genere di mercanzie che di là venga, <tirando> l’oro, si raddoppia quando non si fa d’uno tre” (SASSETTI, 1970, p. 498).

Português: tirando.

Análise do dado: Esse *Ecasual* encontra-se com o sentido de excetuar (falando das mercadorias que vêm da China, que exceto o ouro, duplicam de preço). Atestado em Pettenati (1961, p. 38) como sendo do português. Ver **tirando fori** em Corsali.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Intanto le navi d’India che avevano a dare l’ultima risoluzione al negozio non comparivano, con molto <travaglio> mio e d’altri” (SASSETTI, 1970, p. 286).

Português: trabalho.

Citações na obra: p. 224, 251, 309, 376, 378, 385, 456, 498 etc.; *travagliare*: p. 220.

Análise do dado: ver **travaglio** em Da Empoli.

TROCCOADAS s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] per navigare bisogna aspettare certe burrasche, che i portoghesi addomandano <troccoadas>, le quali entrano nabissando con furia di venti, che pare che il mondo voglia subissare” (SASSETTI, 1970, p. 355, grifo do autor).

Italiano: *burrasca*.

Português: trovoadas.

Citações na obra: *troccoadade*: p. 355.

Análise do dado: TROVOADA: tempestade forte acompanhada de trovões. No contexto o próprio Sassetti confirma que os portugueses assim denominam as tempestades no mar. Atestado em Cardona (1973, p. 193) como sendo étimo provável do português. Acrescenta o linguista italiano que é difícil explicar a passagem fonética de *trovoadas* para *troccoadas*, pois não é provável que se troque um **v** por dois **c**. Credita o erro ao copista pelo fato de a carta não ser autógrafa, mas uma cópia feita mais tarde. Como existem dúvidas, nos abstermos de analisar.

TUBERONI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Eserciti di delfini grandissimi, posti in ordinanza come file di soldato; <tuberoni> grandissime e feroci” (SASSETTI, 1970, p. 362).

Português: tubarão.

Análise do dado: ver **tiburoni** em Pigafetta.

URCA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché glielie mandi quando gli abbia ricevuti dalla nave dove si sono carichi, che è una <urca>, detta Nostra Signoria della speranza” (SASSETTI, 1970, p. 248, grifo do autor).

Italiano: –

Português: urca.

Análise do dado: URCA: embarcação a vela, com dois a três mastros, larga e de fundo chato, usada para transporte de mercadorias. Atestado em Cardona (1973, p. 193) como sendo do português. Sem adaptação.

VENTINI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Costa una frutta di queste due *basalucchi*, che sono uno di questi <ventini>” (SASSETTI, 1970, p. 408, grifos do autor).

Português: vinténs.

Análise do dado: ver **vintenni** em Balbi.

VERANIGLIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] facendo e’ tempi nubilosi, caldi e fastidiosi, che durano 10 in 12 giorni, che li chiamano qua il <veraniglio> caldi e fastidiosi, quasi la nostra state di San Martino” (SASSETTI, 1970, p. 467, grifo do autor).

Italiano: –

Português: veranico.

Análise do dado: VERANICO: período de dias quentes, entre estações, quando faz bastante sol e calor; veranico de maio. GDLI (1961, v. XXI, p. 760) registra a entrada como sendo do espanhol *veranillo* e do português *veranillo*. Atestado em Cardona (1973, p. 193) como sendo do português, mas acrescenta que, pela desinência, pode se tratar de um hispanismo. Como vimos, existia uma espécie amálgama linguística entre as línguas, devido à presença em Goa e Cochim, de pessoas de diversas partes do mundo. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética do fonema /k/ na líquida /ʎ/. Ver a análise feita em **tabardillo** de Sassetti.

VERZINO s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] all’Isola di Santommè, e a quella costa del Mondo nuovo, ch’ e’ chiamano il <Verzino>” (SASSETTI, 1970, p. 218).

Português: Brasil.

Citações na obra: p. 219, 220, 234, 240, 264, 273, 301, 314 etc.

Análise do dado: Ver **Bresil** em Da Empoli e **Verzino** em Corsali..

VETTOVAGLIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e tutti vivono di <vettovaglia> portatoci dal mare, o la maggior parte, che il paese è sterile e non colto” (SASSETTI, 1970, p. 217)

Português: *vitualha*.

Citações na obra: *vettovaglia/e*: p. 227

Análise do dado: ver **vetovaglie** em Corsali.

VIRAZIONE s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Ma cominciando a crescere et a entrare la marea, si muove seco un vento freschissimo, sano e giocondo, pure che sia preso con modo il quale è domandato da costoro <virazione>, quasi rivolgimento dell’aria” (SASSETTI, 1970, p. 357, grifo do autor).

Italiano: *virazione*.

Português: *viração*.

Citações na obra: p. 407.

Análise do dado: **VIRAÇÃO:** vento brando e fresco que costuma soprar à tarde do mar para a terra. Neste *Ecasual* o próprio Sassetti afirma ser uma expressão dita pelos portugueses. GDLI (1961, v. XXI, p. 903) registra a entrada e assegura que é do espanhol *virazón*, contudo na língua do Sassetti é um evidente portuguesismo. Atestado em Cardona (1973, p. 193) como sendo do português *viração*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo italiano **-zione**, em uma normal italianização do sufixo português **-ção**.

XARAFAGGIO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] si son venduti con dodici per cento di <xarafaggio>; ché così domandano quest’aggio, dal nome *xaraffo*, che è il banchiere” (SASSETTI, 1970, p. 495, grifos do autor).

Português: *xarafagem*.

Análise do dado: ver **serafagio** em Balbi.

XARAFFI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] Chiamansi questi banchieri <xaraffi>, servendo l’x alla spagnuola per s” (SASSETTI, 1970, p. 512, grifos do autor).

Italiano: *saraffo*.

Português: sarrafos.

Citações na obra: *xaraffo*: p. 495.

Análise do dado: SARAFO: espécie de cambista no Oriente (Aulete). Sassetti em uma passagem mais adiante explica que a palavra já existia na língua italiana, no tempo de Boccaccio ou do *Novellino*. Segundo Cardona, (1973, p. 199) o *Ecasual*, na atestação do Sassetti, é através do português. GDLI (1961, v. XVII, p. 570) emprega essa mesma atestação do Sassetti, mas afirma provir do turco e rumeno, mas devemos considerar que a língua do Sassetti é permeada pela interferência do português. Acrescenta que entrou na gíria italiana com o significado de embrulhão. Não encontramos nos dicionários italianos utilizados nesta pesquisa, a palavra *saraffo*. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na troca do grafema inicial **s-** por **x-** no italiano.

XARAFINI s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] per questo nome veniva anticamente a chiamarsi la moneta, sì come oggi si chiama ancora certa molto trista che battono qui i portoghesi in Goa, detti <xarafini>, che la piglierebbero da gentili” (SASSETTI, 1970, p. 512).

Português: xerafins.

Citações na obra: p. 513, 918, 919; *serafino/i*: p. 396, 497, 527; *saraffi*: p. 512; *Discurso/S*, *parafini*: p. 396.

Análise do dado: No manuscrito do *Discurso/S* Sassetti registra *parafini*, mas segundo Marcucci seria *sarafini* ou *xarafini*. Ver **seraphi** em Varthema.

XEQUE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Imperò che trovata in quel <xeque> di Serri, moro, tanta umanità e tanta clemenza che non potette venire se non d’ispirazion divina” (SASSETTI, 1970, p. 524).

Italiano: *sceico*.

Português: xeque.

Citações na obra: *xequi*: p. 523; *saquem*: p. 525.

Análise do dado: XEQUE: soberano muçulmano nos territórios árabes (países, cidades, tribos etc.). Cardona (1971, p. 44) comprova que é a transcrição portuguesa do árabe *šayh*, chefe árabe. Sem adaptação.

ZAMALUCCO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Stava in punto quel gran mogor per abbassare alla conquista dello stato d’un principe detto el <zamalucco>, la terra del quale è in questa India” (SASSETTI, 1970, p. 521-522).

Português: nizamaluco.

Citações na obra: p. 479, 521, 522.

Análise do dado: ver **zamalucco** em Federici.

ZAMORINO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Col re di Calicut detto <zamorino>, che è titolo di principe, sono stati quase sempre i portoghesi in guerra fino all’anno passato” (SASSETTI, 1970, p. 463).

Português: samorim.

Citações na obra: p. 401, 517, 518, 519, 520, 521 etc.

Análise do dado: ver **zamory** em Varthema.

5.8.2.2 *UFcasuals* em Sassetti

ABAL DE VENTO loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e gli danno questi venti, fa miglior navigazione, perché si trova più a vantaggio: dicono i portoghesi più <abal de vento>; sopra vento, direbbono i nostri” (SASSETTI, 1970, p. 460, grifo do autor).

Italiano: *sopravento*.

Português: à barlavento.

Análise do dado: À BARLAVENTO: direção de onde sopra o vento. Na navegação, o lado da embarcação que recebe o vento nas velas, de onde se origina a expressão “velas à barlavento”. É difícil de analisar as adaptações gráficas feitas neste *Ecasual*, pois Sassetti, apesar de saber a língua portuguesa, deve ter transcrito como o ouvia, não fazendo atenção à escrita.

A BOCCA DI NOTTE loc. subs. *Outros*.

Atestação: “Ci sopraggiunse una nave delle nostre e passocci avanti; <a bocca di notte> ci stava per prua opera di meza lega” (SASSETTI, 1970, p. 475).

Italiano: *sul far della notte*.

Português: na boca da noite

Citações na obra: p. 269;

Análise do dado: BOCA DA NOITE: o escurecer, o início da noite. Caraci (1991, p. 898, nota 1) atesta como sendo do espanhol a *boca de noche*, contudo podemos considerar um iberismo, pois também temos essa expressão, comprovada em Bluteau (1712, p. 185), como o princípio da noite. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica com acréscimo de dígrafos do italiano –c e –t, em uma normal transcrição da locução.

A BORDO loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Appariscono <a bordo> della nave tosto che in Guinea si rimane senza vento e sempre ne trovano quando il vento calma” (SASSETTI, 1970, p. 362).

Italiano: *a bordo*.

Português: a bordo.

Análise do dado: A BORDO: que se encontra no interior de uma embarcação ou aeronave. Zaccaria (1927, p. 57) analisa a palavra *bordo*, que define como a parte do casco do navio que fica sobre a água. Acrescenta que *bordo* entrou para o italiano por volta de 1.500, através de traduções de textos do português e do espanhol, como por exemplo, o texto do piloto português Tomé Lopez (Navegação às Índias Orientais) traduzido no italiano em 1510 e vários outros textos de navegadores portugueses e espanhóis publicados pelo Ramusio em *Navigazioni et Viaggi*. GDLI (1961, v. II, p. 311) registra essa locução e também “nau de alto bordo”, isto é de alto calado. Em ambos os registros constam as atestações do Sassetti, portanto podemos, de acordo com Zaccaria (1927), p. 57-58, considerar como um *Ecasual* do português. Sem adaptação.

ALCUNA COSA loc. subs. *Outros*.

Atestação: “[...] e ponendo loro in mano <alcuna cosa> di quella che si vende, vi dà sopra con la sua (che si chama qui dar pancata) e ‘n questo modo dichiara il prezzo” (SASSETTI, 1970, p. 513).

Português: alguma coisa.

Citações na obra: p. 480.

Análise do dado: ver **alcuna cosa** em Pigafetta.

ALTO BORDO loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] un galeone e una galeazza (sono queste poco più basse che i galeoni e più lunghe, ma nel resto si governano come legni d’alto bordo)” (SASSETTI, 1970, p. 526, parênteses do autor).

Italiano: *alto bordo*.

Português: alto bordo.

Análise do dado: ALTO BORDO: bordo de uma embarcação com mais de uma coberta; altibordo. Existe a mesma locução em italiano com a mesma significação, mas para D’Agostino (1994, p. 807) a palavra já se apresentava no século XIII, como tradução do francês, que reapareceu nos textos marinharescos como termo náutico, provavelmente através do português. Para Zaccaria (1927, p. 24) significa navios grandes e, segundo ele, a expressão entrou para o italiano muito antes do Sassetti, pois se encontrava já registrada nos escritos de portugueses e espanhóis de Barros, Oviedo e Castagneda muito antes desta atestação sassettiana. Ver **a bordo** em Sassetti. Sem adaptação.

AMMAINARE [...] LA VELA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] vennero a Goa al tempo consueto, senza avere mai un travaglio che sia o <ammainare> pure un tratto <la vela>” (SASSETTI, 1970, p. 378).

Português: amainar a vela.

Análise do dado: ver **vele amainate** em Pigafetta.

A MONTERIA loc. subs. *Indústria têxtil*.

Atestação: “Due mantelline d’ermisino della Cina ricamate <a monteria> con oro e setta..... serafini 100” (SASSETTI, 1970, p. 396).

Italiano: –

Português: a montaria.

Análise do dado: DE MONTERIA: armar, montar com algo, com alguma coisa. No contexto, provavelmente Sassetti queria dizer que as mantas eram bordadas e montadas com ouro e seda. Bluteau (1712, p. 565) confirma essa locução: ‘colcha de monteria, a que tem labores de agulha, com retroz ou bordados, em que se representam corsas, veados e outras cousas da casa de montaria’. Caraci (1991, p. 912, nota 7) atesta que é um termo do português que significa “caça de animais silvestres” e acrescenta que Sassetti talvez estivesse explanando que os tecidos eram bordados com cenas de caça. Como não sabemos exatamente o significado semântico dado por Sassetti, nos abstermos de fazer a análise gráfica e fonológica desta *UFcasual*.

AVERE [...] VISTA DI loc. propos. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Non ci mancò poi di <avere auto vista di> terra un poco di contrasto, ché stemmo per calme otto giorni senza pigliare” (SASSETTI, 1970, p. 380).

Português: haver vista de.

Análise do dado: ver **avemo vista della** em Da Empoli.

BARRETE D’ORO loc. subs. *Comércio*.

Atestação: “[...] questo anno che i portoghesi sono in guerra con quelli del paese, in due legni sono venuti da duecentomila ducati in <barrette d’oro>” (SASSETTI, 1970, p. 218).

Italiano: *lingottini d’oro*.

Português: barrinhas de ouro.

Análise do dado: ver **bara de oro** em Pigafetta.

BOCHE DE’ FIUME loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “La cagione perché le <boche de’ fiumi> sputino gran venti, mi pare considerabile, perché come parti umide dovrebbero fare effetto contrario” (SASSETTI, 1970, p. 357).

Italiano: *foce*.

Português: bocas dos rios.

Citações na obra: *bocche de’f.* p. 357; *bocca di porto*: p. 468.

Análise do dado: Sassetti usa indiferentemente a locução *boca de* para significar a entrada de um porto ou de um rio. Ver **bocca del [...] fiume** em Corsali.

CARAPUZZE MORESCHE loc. subs. *Objetos de uso*.

Atestação: “Le <carapuzze moresche>, in pochi giorni che sono state al mare, sono tornate dal colore della ruggine” (SASSETTI, 1970, p. 449).

Português: carapuças mourescas.

Citações na obra: p. 449.

Análise do dado: ver **mori di carapuzza** em Federici.

CARRIERA D’INDIA loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Fecesi per un *fidalgo* portoghese un partito col re di armare ogni anno cinque navi per la <carriera d’India>” (SASSETTI, 1970, p. 286, grifo do autor).

Italiano: *rotta d’India*.

Português: carreira da Índia.

Citações na obra: p. 378.

Análise do dado: CARREIRA DAS ÍNDIAS: compreende o sistema de frotas responsável pelas navegações ocorridas nos séculos XVI, XVII e XVIII entre Portugal e o Oriente, contornando o Cabo da Boa Esperança. Por analogia, o caminho das Índias. Marcucci (1855, p. 178) substitui o original *carriera d'India* por *carovana d'India*, em uma hipercorreção do texto, finalmente corrigida por Bramanti (1970). Caraci (1991, p. 895, nota 2) atesta *carriera* como sendo do português, contudo deve-se compreender a locução como um todo e não apenas o *Ecasual* separadamente.

CHE DI COSE loc. adv. *Outros*.

Atestação: “Spero con le prime navi di sentirne l’arrivo, almeno in Portogallo, ma quando e’ sarà da voi, <che di cose> si hanno a sapere!” (SASSETTI, 1970, p. 504).

Italiano: *quante cose*.

Português: que de coisas.

Análise do dado: QUANTAS COISAS: expressão com valor adverbial e exprimindo quantidade. No contexto quantas notícias ele saberá dos seus amigos e parentes que estão na Itália. Pettenati (1961, p. 37-38) assegura ser do português *Que de...!* em contraposição a Marcucci (1855, p. 450), que afirma ter a marca do francês *Che di choses!* Decalque livre.

CONTO D’ORO loc. subs. *Comércio*.

Atestação: “[...] vengono da ottocentomila libbre di dieci reali a un <conto d’oro>, compresi i capitali per comprar la *pimenta*” (SASSETTI, 1970, p. 495, grifo do autor).

Italiano: –

Português: conto de ouro.

Análise do dado: CONTO DE OURO: unidade de medida. Houaiss traz a locução conto de réis, significando “um milhar de mil-réis”. No período da expansão portuguesa era praxe afirmar que um conto de ouro equivalia a um milhão de cruzados (que eram em ouro). Também existiu desde tempos remotos a contagem imaginária conto de réis para significar um milhão de reais²⁸². Provavelmente Sassetti usava a expressão *um conto de ouro*, significando o mesmo e está claro que se refere a um determinado valor em ouro. Existe em italiano a palavra *conto*, mas com significado cálculo. Caraci (1991, p. 925, nota 5) atesta ser um antigo

²⁸² Informação disponível em: <http://nfnm.com.sapo.pt/_Outras/sistemas1.htm> . Acesso em: 01 fev. 2013.

termo português, no valor de um milhão. Decalque homonímico com adaptação gráfica na elisão da preposição italiana *d'* –, quando precede uma palavra que inicia com vogal.

COSTA BRAVA loc. adj. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché vi sono drento de’ franzesi, e l’isola è forte di sito per esser quase tutta <costa brava>” (SASSETTI, 1970, p. 302).

Português: costa bravia.

Análise do dado: ver **chosta brava** em Da Empoli.

COSTI CHE COSTI s. livre. *Outros*.

Atestação: “Se io abbatto a qualcosa buona ve la mando, <costi che costi>” (SASSETTI, 1970, p. 282).

Italiano: *a qualunque costo, ad ogni costo*.

Português: custe o que custar

Análise do dado: CUSTE O QUE CUSTAR: com o significado de a qualquer preço. Decalque livre, modelado na locução do português.

CRISTÃOS NOVOS loc. adj. *Usos e costumes*.

Atestação: “I christiani vecchi son divisi ne’ *fidalghi* e altro popolo minuto, e i <christiani nuovi> sono gli ultimi giudei, che elessor di rimanere qui e battezzarsi” (SASSETTI, 1970, p. 216, grifo do autor).

Italiano: *cristiani nuovi*.

Português: cristãos novos.

Citações na obra: p. 231.

Análise do dado: CRISTÃO-NOVO: judeus convertidos à fé católica por imposição da inquisição portuguesa. Cristão-novo é um termo cunhado em Portugal, por volta de 1497, na época da perseguição religiosa aos falsos católicos ou heréticos, em contraposição ao termo cristão-velho. Bluteau (1712, p. 302) registra *christão novo* aquele que nasceu de pais e avós convertidos ao cristianismo. Pesquisamos nos dicionários históricos italianos, e entre os linguistas italianos atestação deste *Ecasual*, mas não encontramos. Sem adaptação.

DAR PANCATA s. livre. *Comércio*.

Atestação: “[...] e ponendo loro in mano alcuna cosa di quella che si vende, vi dà sopra con la sua (che si chama qui <dar pancata>) e ‘n questo modo dichiara il prezzo” (SASSETTI, 1970, p. 513, parênteses do autor).

Italiano: *picchiare*.

Português: dar pancada.

Citações em outros autores: Carletti, *dare la pancada*: p. 156.

Análise do dado: DAR A PANCADA: bater; bater o martelo. No contexto, Sassetti fala do ritual praticado entre vendedor e comprador, em negócios intermediados por um terceiro personagem que conduz a transação. Descreve essa prática, que ele considera fantástica, pelo modo como se desenrolava nos mercados orientais: na finalização do negócio, os negociantes sobrepunham as suas mãos e o mediador dava uma pancada sobre elas, mais ou menos como hoje fazem os leiloeiros ao bater o martelo. Atestado em Cardona (1973, p. 199) como sendo do português, contudo o autor registra apenas o *Ecasual pancada*. Decalque homonímico com adaptação gráfica na troca do grafema –d pelo –t em italiano.

FURONE IN TERMINE loc. prepos. *Outros*.

Atestação: “[...] ma quando <furone in termine> che potevano serrare quel comercio tutto, sono andati temporeggiandosi” (SASSETTI, 1970, p. 480).

Italiano: *esser al punto di*.

Português: estavam em termos de.

Análise do dado: ESTAR EM TERMOS DE: estar ao ponto de concluir algo, em condição de fazer algo. Atestado por Cardona (1971, p. 42), que afirma ser do português *estar em termos de*. Decalque livre.

GETTAMO NOSTRO CONTO s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e con quella così poca vela <gettamo nostro conto> che corremmo a ragione di cinquanta leghe al giorno” (SASSETTI, 1970, p. 405).

Italiano: –

Português: lançamos por nossa conta.

Análise do dado: LANÇAR POR CONTA: ir por conta própria, ousadamente, em um negócio; aventurar-se. Atestado e Caraci (1991, p. 897, nota 1) como sendo a expressão portuguesa *lançar contas*. Decalque livre.

HA PIÙ FANTASIA CHE UN NERO s. livre. *Outros*.

Atestação: “[...] trattone che sono un poco superbi, che è vizio di tutti i neri, e ce n’è il proverbio egli <ha più fantasia che un nero>” (SASSETTI, 1970, p. 221, grifo do autor).

Italiano: –

Português: há mais fantasia que um negro.

Análise do dado: TER MAIS FANTASIA QUE UM NEGRO: ter muita presunção, ser orgulhoso. É com esse sentido que Sassetti registra esse provérbio, quando afirma que as pessoas de pele escura possuem o vício da arrogância (lembrando que ele inclui com essa classificação todos os habitantes da Índia). Marcucci (1855, p. 564) acredita tratar-se de um provérbio português, contudo pesquisamos em todos os dicionários históricos e na internet não encontramos menção desse provérbio. Decalque livre.

IN BUSCA DI loc. prepos. *Outros.*

Atestação: “Non mi maraviglio, perché l’uno debbe adesso essere <in busca di> concetti a novelli madrigal, e l’altro è il modello dell’infingardaggine” (SASSETTI, 1970, p. 237).

Italiano: *alla ricerca di*.

Português: em busca de.

Citações em outros autores: Borri, *in busca degli*: p. 12; Cavazzi: p. 40, 262, 780.

Análise do dado: EM BUSCA DE: ir, estar à procura de algo. Zaccaria (1927, p. 73-74) registra que *buscare* é um iberismo, do espanhol e português *buscar*. Entendemos que somente o verbo não abrange o significado real que Sassetti quer expressar, portanto preferimos registrar a locução. Decalque aproximativo.

INGEGNI DI ZUCCHERI loc. subs. *Usos e costumes.*

Atestação: “Dicono che e’ tiene gran corte con molti paggi e cavalli, e spende l’anno in sua casa meglio di scudi cinquemila; e’ suoi negozi sono <ingegni di zuccheri>” (SASSETTI, 1970, p. 218).

Italiano: *fabbrica/mulino di zucchero*.

Português: engenhos de açúcar.

Análise do dado: ENGENHO DE AÇÚCAR: estabelecimento destinado à moagem e beneficiamento da cana-de-açúcar finalizado à produção do açúcar e derivados. Nessa passagem, Sassetti fala de Felipe Cavalcanti, que possui, no Brasil, muitos negócios e é um homem de grande autoridade (SASSETTI, 1970, p. 218). Existe a palavra *ingegno* em italiano, com o significado de “talento, criatividade” e de “conjunto de instrumentos” bélico, mecânicos etc., significados existentes também em português, contudo não existe com o

significado de local de beneficiamento de uma matéria prima, como exposto no Sassetti. Marcucci (1855, p. 484) acredita que provavelmente a palavra *ingegni* signifique as máquinas utilizadas nas fábricas de açúcar. Decalque aproximativo.

IRMAÒS DE ARMAS loc. subs. *Área militar.*

Atestação: “[...] però che essendo quel re confederato con questo stato, che domandono qua <irmaòs de armas>” (SASSETTI, 1970, p. 519).

Italiano: –

Português: irmãos de armas.

Análise do dado: IRMÃOS DE ARMAS: guerreiro que combate junto a outro contra inimigo comum (Houaiss). Sassetti confirma ser uma expressão do português. Sem adaptação.

LEVANDO BUONA VITA s. livre. *Outros.*

Atestação: “[...] che tutto vi si smaltiva in quella maniera, standosi il mercante a sedere e, come dicono i portughesi, <levando buona vita>” (SASSETTI, 1970, p. 494).

Italiano: –

Português: levando uma boa vida.

Análise do dado: LEVAR BOA VIDA: viver folgadoamente, sem preocupações. Sassetti afirma ser uma expressão dita pelos portugueses, portanto consciente. Decalque livre.

MILVEZES loc. subs. *Outros.*

Atestação: “In Goa questo verno mi volse fare la natura questa mercé, ma gliene baciai le mani per <milvezes>” (SASSETTI, 1970, p. 428, grifo do autor).

Italiano: *mille volte.*

Português: mil vezes.

Análise do dado: MIL VEZES: hipérbole, significando muitas vezes. Trata-se de uma locução de origem latina, utilizada na antiguidade, significando outro tanto (de vezes), conforme Bluteau (1712, p. 159). Podemos, portanto, considerar um iberismo; contudo, em se tratando de Sassetti, é um portuguesismo. Decalque homonímico.

NAO FALLA VERDADE s. livre. *Outros.*

Atestação: “[...] perché in nave l’osservazione delle stelle o del cielo, come diceva il maestro della mostra nave, <nao falla verdade>, per il continuo bilancio della nave” (SASSETTI, 1970, p. 477, grifos do autor).

Italiano: *non dice il vero*.

Português: não fala a verdade.

Análise do dado: NÃO FALAR A VERDADE, não dizer a verdade; mentir; enganar. Sassetti ao atestar “como dizia o mestre do nosso navio” (no qual viajava para a Índia), está repetindo uma frase dita por um marinheiro português. Dei (1995, p. 146, nota 16) informa que deve ser corrigido para *não fala a verdade* (grifo nosso). Decalque homonímico e adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –l em uma hipercorreção gráfica.

NÉ IN TERRA TIENE CON CHI CONTRASTI s. livre. *Outros*.

Atestação: “[...] e tutti con le arme di Portogallo, de’ quali però non ha uso nessuno, ch’ei non naviga, <né in terra tiene con chi contrasti>, né per ventura sa adoperargli” (SASSETTI, 1970, p. 480).

Italiano: –

Português: nem na terra tem quem contraste.

Análise do dado: NÃO TEM NA TERRA QUEM CONTRASTE: não existe quem possa contrapor-se. Exemplo típico de interferência, onde todos os elementos são da língua italiana, mas o sentido é dado em português. Cardona (apud. WEINREICH, 1974, intr. p. XXV) atesta ser uma locução portuguesa. Ver a exemplificação dada em 3.2. Decalque sinonímico, com a transcrição gráfica inteiramente em italiano.

NON HA CHI ACCERTI s. livre. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Le cose del mare sono incerte tanto che, come direbbero i portoghesi, <non ha chi accerti> con esse e tutto è una ventura” (SASSETTI, 1970, p. 536).

Italiano: –

Português: não há quem acerte.

Análise do dado: NÃO HÁ QUEM ACERTE: estar de acordo com algo que não pode ser previsto; atinar. Nessa locução o próprio Sassetti afirma ser uma expressão dita pelos portugueses, explicando que o mar é sempre imprevisível, é difícil saber como será. Essa expressão é citada pelo Cardona (1971, p. 41) explicitando a interferência do português na língua escrita do Sassetti: todos os elementos são do italiano, poderia ser considerada aceitável, contudo um falante nativo acharia estranho o uso do verbo *accertare* (que em italiano significa assegurar, verificar) e o português de acertar (atinar, estar de acordo). Decalque sinonímico, com a transcrição gráfica inteiramente em italiano.

OPERA DI loc. prepos. *Outros*.

Atestação: “Ma tornando al Malabar, e’ comincia qui, e fornisce nel Capo di Camorin, che saranno <opera di> ottantacinque leghe portoghese, che è la lunghezza” (SASSETTI, 1970, p. 554).

Italiano: *circa, questione di*.

Português: obra de.

Citações na obra: p. 463, 475, 495, 496, 475, 519, 522, 523.

Análise do dado: OBRA DE: mais ou menos, cerca de (Houaiss). Zaccaria (1927, p. 290-291) atesta que é um lusismo somente quando o *Ecasual opera di* significa “em número de” “cerca de”. Na obra de Sassetti aparece muitas vezes esse lusismo, contudo encontramos essa locução também com a significação italiana “obra de alguém, de alguma coisa”, como por exemplo: *opera di certi ladroni* (obra de certos ladrões), *opera di carità* (obra de caridade) etc. Decalque homonímico, com a transcrição gráfica inteiramente em italiano.

PALO D’AGUILA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Questo è diferente dal legno aloe, che qua domandano <palo d’aguila>, secondo il più e ‘l meno” (SASSETTI, 1970, p. 366).

Italiano: *legno d’aquila*.

Português: pau de águila.

Citações em outros autores: Carletti, *agila*: p. 140; Borri, *legno d’aquila*: p. 31, 32, 33.

Análise do dado: ÁGUILA: planta do gênero *Agallochum* (reclassificado *Aquilaria malaccensis*), espécie de loureiro do qual se fazia um incenso muito apreciado pelos europeus; agáloco (Houaiss). Cardona (1973, p. 205) atesta como sendo empréstimo do português e acrescenta que as denominações europeias (*bois d’agile*, *eagle wood*, *legno d’aquila*) são todas traduções do português *pao d’aguila*. Decalque aproximativo do português, com a substantivo *aguila* do português.

PAO DE COBRA loc. subs. *Usos e costumes*.

Atestação: “Pensano di guarire le terzane senza altra evacuazione o alterazioni di sciloppi, dando certo legno macinato, che domandano qua <pao de cobra>, che vuol dire legno contro alle serpi” (SASSETTI, 1970, p. 489, grifo do autor).

Italiano: –

Português: pau-de-cobra.

Análise do dado: PAU-DE-COBRA: planta que faz parte da família das serpentinias ou columbrinas (*Ophioxylon serpentinum* L., ou *Strychnos colubrina* Auct.) utilizada contra picada de cobra e como vermífugo. Garcia da Orta (1891, p. 181-182) descreve que os furões mordiam a raiz da planta e passavam o sumo extraído no corpo para defender-se da mordida da cobra-de-capelo (naja). Os portugueses, vendo isso e acreditando no que contavam os nativos (que a raiz era um antídoto para as picadas de serpentes), souberam aproveitar o uso dessa droga e difundiram o seu valor medicinal. Nessa locução o próprio Sasseti confirma ser uma expressão dos falantes de língua portuguesa. Decalque homonímico do português. Interessante notar que nas duas UFcasuals, apesar de a primeira palavra significar a mesma coisa, são transcritas de maneiras diferentes: *palo d'aguila* (pau de águila) e *pao de cobra* (pau-de-cobra, grifos nossos).

PARADISO TERRENAL loc. subs. *Outros*.

Atestação: “[...] ma dove e’ fa nessuno fino a qui che vi sia stato è conosciuto: dicono là che viene del <paradiso *terrenal*>” (SASSETTI, 1970, p. 252, grifo do autor).

Italiano: *paradiso terrestre*.

Português: paraíso terrestre.

Análise do dado: PARAÍSO TERRESTRE: lugar aprasível, onde segundo a Bíblia Deus colocou Adão e Eva; paraíso terreal, éden. Atestado em Pettenati (1961, p. 38) como sendo do português *paraíso terreafe*. Decalque livre.

PARA TODO SEMPRE s. livre. *Outros*.

Atestação: “[...] la quale doveva essere sciocca, perché ella si è messa nell’acqua salata <para *todo sempre*>” (SASSETTI, 1970, p. 340, grifo do autor).

Italiano: *per sempre*.

Português: para todo sempre.

Análise do dado: PARA TODO O SEMPRE: de modo definitivo, eternamente (Houaiss). Não encontramos atestação em linguistas italianos dessa UFcasual, contudo o uso evidentemente do português. Decalque homonímico, com a tradução literal do português.

PARE UN NAIRE SOPRA UN ELEFANTE s. livre. *Outros*.

Atestação: “Un elefante è qui tant’alto, che chi è in terra giudica con la vista molto piccolo chi lo cavalca, donde è nato il proverbio: e’ <pare un Naire sopra l’elefante>” (SASSETTI, 1970, p. 408).

Italiano: –

Português: ele parece um Naire sobre um elefante.

Análise do dado: PARECER UM NAIRE SOBRE UM ELEFANTE: parecer pequeno, em cima de um elefante grande. Sassetti explica essa UFcasual, fazendo uma analogia com naire, pessoa pertencente à casta dos guerreiros, que lutava nas guerras montando um elefante, animal grande. Não se consegue saber se utiliza no sentido explícito da palavra ou em sentido figurado. Marcucci (1855, p. 564) acredita tratar-se de um provérbio português, contudo pesquisamos em todos os dicionários históricos e também na internet não encontramos menção desse provérbio. Ao registrar esse provérbio, Sassetti provavelmente o ouviu em ambiente de língua portuguesa, talvez seja uma transposição de algum provérbio do malaiala ou tâmil. Decalque livre.

PIETRA DEL PORCOSPINO loc. subs. *Usos e costumes*.

Atestação: “Quella <pietra del porcospino> non si presta, ma si manda l’acqua già fatta amara” (SASSETTI, 1970, p. 507).

Italiano: *bazar, benzoar*.

Português: pedra de porco-espinho.

Citações na obra: p. 505.

Citações em outros autores: Carletti: p. 207.

Análise do dado: PEDRA DE PORCO-ESPINHO: cálculo que se forma no interior do fígado ou do intestino de determinada variedade de porco espinho. Dalgado (1921, p. 202) registra a entrada pedra de Málaca e como sinônimos pedra de porco e pedra de porco espinho. Também conhecida como bezoar (*Bezoar histicis*), provinha da região de Málaca e Sumatra e era conhecida pela medicina chinesa desde a antiguidade pelos seus poderes alexifármacos. Cardona (1973, p. 211) atesta como sendo do português e utiliza Dalgado (1921) para comprovar a sua atestação. GDLI (1961, v. II, p. 129) cita a atestação do Sassetti. Decalque homonímico, com a tradução literal do português.

POCO STOFFO loc. subs. *Outros*.

Atestação: “[...] certi volti scoloriti e sbattuti, che dimostrano il <poco stoffo> di questo stato” (SASSETTI, 1970, p. 494).

Italiano: *scarsa consistenza*.

Português: pouco estofo.

Análise do dado: POUCO ESTOFO: pessoa que demonstra pouca fibra (em sentido figurado). Atestado em Caraci (1991, p. 925, nota 2) como sendo do português. Decalque homonímico, com a adaptação gráfica e perda do grafema central português –u e o e- no início da palavra.

POR ESTAS BARBAS E O POR ESTO ROSTRO s. livre. *Outros*.

Atestação: “Giurano pelos Sanctos Evangelios e, quando vogliono aggrandire e procacciarsi più fede, arrogeno y mas <por estas barbas o por esto rostro>; e toccansi la barba o il viso, non senza muovere chi gli vede a riso ” (SASSETTI, 1970, p. 217, grifo do autor).

Italiano: –

Português: por estas barbas e por este rosto.

Análise do dado: JURAR PELAS BARBAS E PELO ROSTO: forma de juramento para assegurar a alguém a sua boa fé e conduta honesta. No contexto, o Sassetti fala de um juramento feito pelos chamados cristãos-velhos de Lisboa, os quais juravam por qualquer motivo, à toa. O próprio autor confirma que é uma expressão utilizada pelos portugueses. Decalque homonímico, com a tradução literal do português. Adaptação gráfica com a substituição do grafema –o em *esto* e acréscimo do grafema –r em *rosto*.

QUELLO CHE GLI CAPE s. livre. *Outros*.

Atestação: “Che quanto a quel nostro Vespucci, bisogna che stia con <quello che gli cape>” (SASSETTI, 1970, p. 459).

Italiano: *quello che gli spetta*.

Português: aquilo que lhe cabe.

Análise do dado: AQUILO QUE LHE CABE: com aquilo que lhe pertence. Pettenati (1961, p. 37) atesta o verbo português *caber*, mas optamos pela locução, pois se apresentássemos apenas o verbo, perder-se-ia o sentido da frase. Decalque homonímico, com a tradução literal do português. Adaptação gráfica com a substituição do grafema –b em –p.

REUCCIO DI POCHI FANOIS s. livre. *Outros*.

Atestação: “Però che essendo già un <reuccio di pochi fanois>, ha preso molta maggioranza sopra gli altri principali del Malabar” (SASSETTI, 1970, p. 521).

Italiano: –

Português: reizinho de poucos fanões.

Análise do dado: REI DE POUCOS FANÕES: expressão negativa para indicar que o potentado era de pouca importância. Não encontramos essa locução em dicionários e outros

viajantes, contudo poderia ser utilizada na língua falada ou ser uma expressão modelada no português, criada até mesmo por Sassetti.

SA [...] MOLTA LETTERA s. v. *Outros*.

Atestação: “E se non fosse che questo moderno re è uomo prudente e <sa (come dicono i portoghesi) molta lettera>, potrebbe essere che già fossero venuti a rottura” (SASSETTI, 1970, p. 521, parênteses do autor).

Italiano: –

Português: sabe [...] muita letra.

Análise do dado: SABER MUITA LETRA: saber viver; no uso familiar com significação de saber manhas, ser vivo, ardiloso (Morais Silva, 1813, p. 216). Nessa locução o próprio Sassetti afirma ser uma expressão dita pelos portugueses. Decalque livre consciente.

SERPE [...] DI CAPPELLO loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Aveva in una delle mani destre una <serpe che domandano di cappello>, per rizzarsi loro sopra la testa” (SASSETTI, 1970, p. 422).

Português: serpente de chapéu.

Análise do dado: ver **bittia di cappella** em Balbi

STAVA DETERMINATO A s. v. *Outros*.

Atestação: “L’isole Molucche avevano un re amico de’ portoghesi, il quale dette loro una fortezza in Tudor, che é l’isola principale, e <stava determinato a> mandare un suo figliolo a Goa, perché studiale la legge cristiana” (SASSETTI, 1970, p. 462).

Italiano: *deciso a, determinato a*.

Português: estava determinado a.

Análise do dado: DETERMINAR A: tomar uma resolução; decidir-se a fazer alguma coisa. Existe em italiano o verbo *determinare* e o adjetivo *determinato*, com o mesmo sentido; contudo trata-se de interferência do português, pois o particípio é precedido do verbo estar, ‘estava determinado a’, erro formal em italiano. Sassetti, como homem letrado, jamais cometeria esse tipo de transgressão gramatical. Em italiano a única forma possível, no presente caso, é o verbo ser + particípio: *ero determinato a*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal, na flexão do particípio passado de 1ª. conjugação italiana em **-ato**.

TEMONO BRAVAMENTE s. v. *Outros*.

Atestação: “[...] e gli altri che vivono qua in India, gli <temono bravamente>” (SASSETTI, 1970, p. 469).

Italiano: –

Português: temem bravamente.

Análise do dado: TEMER BRAVAMENTE: sentir muito medo. Pettenati (1961, p. 37) afirma que se trata de uma locução portuguesa com o significado de *temer muito* e que o advérbio *bravamente* é utilizado em locuções do tipo *ferido bravamente* e *bravamente apaixonado*. Decalque homonímico, com a tradução literal do português no italiano.

TIRO D’ARTIGLIERIA loc. subs. *Área militar*.

Atestação: “[...] e tanto più che gli uomini di nave si ridevano di forarlo con un <tiro d’artiglieria>, come io diceva loro” (SASSETTI, 1970, p. 359).

Português: tiro de artilharia.

Citações na obra: tiro/i: p. 479, 480.

Análise do dado: ver **tiri d’artiglieria** em Da Empoli.

TRATTANO VERDADE s. v. *Outros*.

Atestação: “La gente è acutíssima, bene inclinata, con molto onore, e, come dicono i portoghesi, <trattano *verdade*>” (SASSETTI, 1970, p. 462, grifo do autor).

Italiano: –

Português: tratam verdade.

Análise do dado: TRATAR VERDADE: ter um procedimento sincero, ser honesto. Bluteau (1712, p. 432-433) registra a expressão tratar verdade com o significado de “andar lizo nos negócios [...] amor aos negócios, ódio à mentira”. Sassetti confirma essa significação e afirma que era utilizada pelos portugueses. Decalque aproximativo, com a adaptação gráfica e fonética no acréscimo do grafema –o final e acréscimo do dígrafo –t em uma hipercorreção gráfica.

VAMOS Á LA COMIDA s. livre. *Outros*.

Atestação: “Il nostro Etiope [...] disse come pulcino: <vamos á la comida>, però s’interrompe il filo al mio debole ragionamento” (SASSETTI, 1970, p. 241, grifo do autor).

Italiano: *andiamo a mangiare*.

Português: vamos à comida.

Análise do dado: VAMOS À COMIDA: expressão jocosa para convidar para comer. O gentílico *etíope* em Sassetti não significa necessariamente pessoa nascida na Etiópia, mas a todos que possuíam a tez escura.

VENTO [...] GENERALE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Venne pure alla fine un <vento che i portoghesi chiamano generale>, col quale andammo a nostro cammino” (SASSETTI, 1970, p. 405).

Português: vento geral.

Citações na obra: v. *generali*: p. 356, 460.

Análise do dado: Ver *moson* em Federici e *venti [...] generali* em Da Empoli.

VOSSA MERCÉ loc. subs. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e tre quarti delle parole consistono in <Vossa mercé> e in giuramenti, che non credo che si trovi dove più si giuri” (SASSETTI, 1970, p. 217, grifo do autor).

Italiano: *Vostra Signoria*.

Português: Vossa Mercê.

Citações na obra: *V.M.*: p. 371.

Citações em outros autores: De Carli, *Vostra Mercè*: p. 34.

Análise do dado: VOSSA MERCÊ: expressão de tratamento de deferência, usado formalmente a pessoas mais importantes. Ferrero (1948, p. 618, nota 5) afirma ser o tratamento português *Vossa Mercè*. No Marcuci (1855, p. 122), nesta passagem, encontra-se abreviado V. M. destacado em negrito. O conhecimento de Sassetti da língua portuguesa é grande, pois mais adiante emprega o pronome de tratamento como é geralmente utilizado na nossa língua, abreviado. Decalque homonímico, com a tradução literal do português e adaptação gráfica com a mudança do acento circunflexo em acento agudo.

5.8.2.3 Proto/nomcasuals em Sassetti

CANNE s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Dove si ha da tirar la cortina, rizzano certi pezzi di <canne> che e’ chiamano bambu, addoppiati gli uni e gli altri” (SASSETTI, 1970, p. 437, grifo nosso).

Português: canas.

Análise do dado: canas por bambu. Sassetti é primeiro a atestar a palavra bambu, que até o momento era nomeado apenas como cana ou cana-da-índia (cf. Pozzi, 1991, p. 1084). Ver **canna de India** Varthema.

CERTE BARBE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] che sino a qua danno loro da mangiare del medesimo di che vivono nella terra loro, che sono <certe barbe> come quelle del ghiaggiuolo, che crude o cotte, cui non lo sapesse, le giudicherebbe castagne” (SASSETTI, 1970, p. 221).

Italiano: *certe barbe*.

Português: certas barbas.

Análise do dado: INHAME: designação comum a várias plantas da família das dioscoreáceas (*Dioscorea* spp.), cujos tubérculos são cobertos por filamentos (barbas). Sassetti nessa passagem fala sobre a alimentação dada aos escravos que vinham da Guiné e do Congo, que comiam certas barbas, que quando cozidas se parecem com castanhas. Este EL está dicionarizado em italiano como *igname*, empréstimo do português (cf. SCHULTZ, 2007).

FICHI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] non ostante che i portoghesi ne chiamino alcuni con i medesimi lor nomi, come i <fichi>, che non hanno di fico altri che il nome” (SASSETTI, 1970, p. 392).

Italiano: *banana*.

Português: figos .

Citações na obra: p. 408, 437, 511; *ficho*: p. 526.

Análise do dado: Sassetti escreve figos significando bananas. Na página 249 descreve a forma da banana: *certi loro fichi a modo di cornetti* (certos figos deles parecidos com cornetos). Ver **malapolanda** em Varthema, **fichi lunghi un palmo** em Pigafetta e **muse** em Ardizi.

NOCI D’INDIA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Cocchi, o <noci d’India>, che quando sono acerbi si chiamano *lagne*, e se ne fa molto conto per essere pieni dentro di un’ acqua dolcissima” (SASSETTI, 1970, p. 380, grifo do autor).

Português: nozes da Índia.

Citações na obra: p. 392, 407.

Análise do dado: ver **noce de India** em Varthema.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
ITALIANAS**

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

**O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura
dos viajantes italianos**

v. 3

**SÃO PAULO
2014**

BENILDE SOCREPPA SCHULTZ

**O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura
dos viajantes italianos
(versão corrigida)**

v. 3

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Giustina Baccin

de acordo

Paola

**SÃO PAULO
2014**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S383c Schultz, Benilde Socreppa.
O conhecimento de mundos desconhecidos: palavras e coisas do português na literatura dos viajantes italianos/Benilde Socreppa Schultz; Orientador: Paola Giustina Baccin. – São Paulo, 2014. 690 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de Concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Léxico português. 2. Léxico Italiano. 3. Empréstimos neológicos. 4. Descobrimientos portugueses. 5. Viajantes italianos. 6. I. Título: Paola Giustina Baccin. II. Título.

FOLHA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa-múndi.....	25
Figura 2 - Mapa da África	28
Figura 3 - Peixe-mulher.....	35
Figura 4 - Primeira viagem de Da Empoli, a famosa 'volta'.....	136
Figura 5 - Constelação do Cruzeiro de Sul, em desenho de Da Empoli.....	146
Figura 6 - Cruzado de ouro português cunhado no reinado de Dom Manuel I.....	162
Figura 7 - Constelação do Cruzeiro do Sul em desenho de Corsali	200
Figura 8 - Alguns vocábulos dos povos do Brasil	233
Figura 9 - Abelhas jataí	271
Figura 10 - Figos da Índia (banana).....	274
Figura 11 - As diversas formas do larim	313
Figura 12 - Rosa dos Ventos de Balbi	354
Figura 13 - Brasão de Armas Reais e Bandeira de Portugal	375
Figura 14 - Carta náutica desenhada em um portulano	391
Figura 15 - Um dos alfabetos da língua japonesa.....	482
Figura 16 - Ideograma chinês	483
Figura 17 - Peixe-mulher de Cavazzi	512
Figura 18 - Mapa do Congo e Angola	542
Figura 19 - Antropofagia entre os Jagas.....	544
Figura 20 - Banana do Congo.....	545
Figura 21 - Mulheres carpindo	548
Figura 22 - Batata-doce	556
Figura 23 - Quilombo africano	561
Figura 24 - Transporte de um burguês em uma rede na África.....	577
Figura 25 - Galeão português Padre Eterno, construído no Brasil	628

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Percentual de ocorrências de <i>Ecasuals</i> e <i>UFCasuals</i> mais utilizados.....	644
Tabela 2 - Estudo das prevalências semânticas nos <i>Ecasuals</i> e <i>UFCasuals</i>	650
Tabela 3 - Ocorrências de <i>Proto/nomcasual</i> nos viajantes italianos	654
Tabela 4 - Tabela Geral de <i>Ecasuals</i> ocorridos nos viajantes	691
Tabela 5 - Tabela Geral de <i>UFCasuals</i> ocorridos nos viajantes	696

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico-diagnóstico das 50 ocorrências mais utilizadas	647
Gráfico 2 - Gráfico das prevalências semânticas nos viajantes italianos	651

LISTA DE ABREVIATURAS

Abreviaturas utilizadas no corpo do texto

Discorso/S	→	Discorso sul cinamomo de Sassetti
EL	→	Empréstimo lexical
<i>Ecasual</i>	→	Empréstimo casual
Ist/Descrizione	→	Istorica Descrizione [...] de Giovanni Antonio Cavazzi
<i>Itinerario</i>	→	Itinerario di Ludovico de Varthema
Lett/Cor1	→	Lettera a Giuliano de' Medici de Andrea Corsali
Lett/Cor2	→	Lettera a Lorenzo de' Medici de Andrea Corsali
Lett/Emp1	→	Relazione del primo viaggio de Giovanni da Empoli
Lett/Emp2	→	Lettera a suo padre de Giovanni da Empoli
Lett/Emp3	→	Lettera a Lorenzo de' Medici de Giovanni da Empoli
Lett/Emp4	→	Lettera di Cochim de Giovanni da Empoli
Lett/Emp5	→	Testamento de Giovanni da Empoli
Lett/Sassetti	→	Lettere da Vari Paesi de Sassetti
loc. adv.	→	Locução adverbial
loc. prepos.	→	Locução prepositiva
loc. subs.	→	Locução substantiva
loc. adj.	→	Locução adjetiva
S/Note	→	Notas de Sassetti, na edição de Caraci
OBS.	→	Observação
Proto/nom <i>casual</i> .	→	Protonomeação casual
Racconto/C	→	Il moro trasportato [...]. Racconto de Dionigi de Carli
Ragionamenti/C	→	Ragionamenti de Francesco Carletti
Relazione/P	→	Relazione del primo viaggio intorno al mondo de Antonio Pigafetta
Relatione/B	→	Relatione della nuova missione de Christororo Borri
s. livre	→	Sintagmas livres (frases livres, provérbios etc.)
s. v.	→	Sintagma verbal
s. f. sing./e ou /pl.	→	Substantivo feminino singular e/ou plural
s. m. sing./e ou /pl.	→	substantivo masculino singular e/ou plural
UF <i>casual</i>	→	Unidade fraseológica casual
Viaggio/F	→	Viaggio de Cesare Federici
Viaggio/G	→	Viaggio de Michel Angelo Guattini e Dionigi de Carli
Viaggio/B	→	Viaggio de Gasparo Balbi
Viaggio/A	→	Viaggio a Madera e Azzore de Pompeo Ardizi
v.	→	Volume

Dicionários

Alberti	→	Dizionario universale critico enciclopedico della lingua italiana
Aulete	→	Aulete Digital
Aurélio	→	Dicionário Aurélio
Bluteau	→	Vocabulario portuguez e latino de Raphael Bluteau
ChrestLB	→	Chrestomathia da lingua brazilica, de Ernesto França
Crusca/1612		
Crusca/1623		

Crusca/1691		
Crusca/1729-1738		
Crusca/1863-1929	→	Diversas edições do Vocabolario degli accademici della Crusca
Dalgado	→	Glossário luso-asiático de Sebastião Dalgado
DBI	→	Dizionario Biografico degli Italiani
DLTupi	→	Diccionario da lingua tupy de Gonçalves Dias
GDLI	→	Grande dizionario della lingua italiana de Battaglia
Houaiss	→	Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa
Moraes Silva	→	Diccionario da língua portuguesa
Pianigiani	→	Vocabolario etimologico della lingua italiana Ottorino Pianigiani
Treccani	→	Treccani Digital
Zing	→	Vocabolario della lingua italiana de Zingarelli

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 VIAGENS E VIAJANTES – MICROCOSMOS	24
2.1 As navegações portuguesas	24
2.2 Para uma definição de literatura de viagem.....	30
2.3 Os relatos dos viajantes: uma literatura de informação	33
3 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA	39
3.1 Lexicologia, léxico e os empréstimos linguísticos	39
3.2 Línguas em contato.....	41
3.3 Neologia e neologismos.....	46
3.4 Empréstimos: re-produção e re-criação de matéria linguística	49
3.4.1 A trajetória neológica: adaptação e integração dos empréstimos.....	53
3.4.2 Os neologismos formais: para uma sistematização e compreensão dos empréstimos <i>casuals</i> , das unidades fraseológicas <i>casuals</i> e protonomeações <i>casuals</i>	60
3.4.3 Especificidades dos empréstimos <i>casuals</i> : protonomeações, as ‘coisas’ sem referentes linguísticos	69
4 QUESTÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
4.1 Justificativa.....	73
4.2 Objetivos.....	75
4.3 Procedimentos de pesquisa e estabelecimento dos <i>corpora</i> e do <i>corpus</i> de pesquisa....	76
4.3.1 Metodologia de investigação	76
4.3.2 As obras dos viajantes: estabelecimento dos <i>corpora</i>	77
4.3.3 Organização da ficha lexicológica.....	80
4.3.4 Modelo de ficha lexicológica vazia	83
4.3.5 Modelo de ficha lexicológica preenchida.....	84
4.4 Metodologia de análise amostral	86
5 OS VIAJANTES: ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS	88
5.1 LUDOVICO DE VARTHEMA	88
5.1.1 O Marco Polo da Idade Moderna	88
5.1.2 O <i>Itinerario</i> de Ludovico de Varthema, bolonhês.....	95
5.1.2.1 <i>Ecasuals</i> em Varthema	105
5.1.2.2 <i>UFCasuals</i> em Varthema	128
5.1.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em Varthema.....	129
5.2 GIOVANNI DA EMPOLI.....	134
5.2.1 Um jovem mercador na Ásia (1503-1517).....	135
5.2.2 Cartas de Giovanni da Empoli: cópia da primeira viagem e carta a seu pai	142
5.2.2.1 <i>Ecasuals</i> em Da Empoli	148
5.2.2.2 <i>UFCasuals</i> em Da Empoli.....	186
5.2.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em Da Empoli	193

5.3 ANDREA CORSALI	194
5.3.1 Andrea Corsali, o viajante que desapareceu no nada, que fim teve?.....	194
5.3.2 Andrea Corsali: astrônomo, diplomata, comerciante e explorador	196
5.3.2.1 <i>Ecasuals</i> em Corsali	201
5.3.2.2 <i>UFcasuals</i> em Corsali.....	217
5.3.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Corsali	218

Volume II

5.4. ANTONIO PIGAFETTA	221
5.4.1 O valor da amizade	221
5.4.2 Relato da primeira viagem ao redor do mundo	227
5.4.2.1 <i>Ecasuals</i> em Pigafetta.....	239
5.4.2.2 <i>UFcasuals</i> em Pigafetta	266
5.4.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Pigafetta	271
5.5 POMPEO ARDIZI	278
5.5.1 Ardizi, um arquiteto viajante no Reino de Portugal	278
5.5.2 Viagem às ilhas da Madeira e ao Arquipélago dos Açores	281
5.5.2.1. <i>Ecasuals</i> em Ardizi.....	283
5.5.2.2 <i>UFcasuals</i> em Ardizi	289
5.5.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Ardizi	291
5.6 CESARE FEDERICI.....	293
5.6.1 Cesare Federici, peripécias de um viajante desafortunado.....	293
5.6.2 Viagem de Cesare Federici na Índia Oriental e além da Índia	298
5.6.2.1. <i>Ecasuals</i> em Federici.....	302
5.6.2.2 <i>UFcasuals</i> em Federici	324
5.6.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Federici	326
5.7 GASPARO BALBI.....	328
5.7.1 Gasparo Balbi, o viajante joalheiro	328
5.7.2 Viagem às Índias Orientais de Gasparo Balbi	332
5.7.2.1 <i>Ecasuals</i> em Balbi	338
5.7.2.2 <i>UFcasuals</i> em Balbi	370
5.7.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Balbi.....	374
5.8 FILIPPO SASSETTI	376
5.8.1 Sassetti, uma vida nas colônias portuguesas	378
5.8.2 As <i>Lettere</i> de Sassetti: poesia e erudição.....	387
5.8.2.1 <i>Ecasuals</i> em Sassetti.....	395
5.8.2.2 <i>UFcasuals</i> em Sassetti	442
5.8.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Sassetti	458

Volume III

5.9 FRANCESCO CARLETTI	460
5.9.1 Carletti, um mercante global em um universo não globalizado	460
5.9.2 O <i>Ragionamenti</i> , um tratado sobre a cultura e o comércio	471
5.9.2.1 <i>Ecasuals</i> em Carletti.....	486
5.9.2.2 <i>UFcasuals</i> em Carletti	508
5.9.2.3 <i>Proto/nomcasuals</i> em Carletti	512
5.10 CRISTOFORO BORRI	515
5.10.1 Borri: um matemático, astrólogo, missionário e viajante na Cochinchina.....	515

5.10.2 A Relatione/B de Borri, um tratado sobre um país.....	520
5.10.2.1 <i>Ecasuals</i> em Borri	527
5.10.2.2 <i>UFcasuals</i> em Borri.....	531
5.10.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em Borri	532
5.11 GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI	533
5.11.1 Cavazzi, um padre pouco versado na pregação	533
5.11.2 Visões dos Reinos de Congo, Matamba e Angola: guerras, práticas e magias ...	543
5.11.2.1 <i>Ecasuals</i> em Cavazzi	553
5.11.2.2 <i>UFcasuals</i> em Cavazzi	582
5.11.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em Cavazzi	584
5.12 DIONIGI DE CARLI	586
5.12.1 De Carli, missionário e pregador capuchinho na África	586
5.12.2 Instantâneos brasileiros e africanos	591
5.12.2.1 <i>Ecasuals</i> em De Carli	598
5.12.2.2 <i>UFcasuals</i> em De Carli.....	617
5.12.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em De Carli.....	621
5.13 MICHEL ANGELO GUATTINI	624
5.13.1 Padre Michel Angelo: uma vida em prol da evangelização da África	625
5.13.2.1 <i>Ecasuals</i> em Guattini.....	631
5.13.2.2 <i>UFcasuals</i> em Guattini	637
5.13.2.3 Proto/nom <i>casuals</i> em Guattini.....	639
6 ANÁLISE ESTATÍSTICA DAS OCORRÊNCIAS COLETADAS.....	641
6.1 Análise e diagnóstico das ocorrências	641
6.1.1 Ocorrências mais utilizadas pelos viajantes	641
6.1.2 Campos Semânticos das Ocorrências	648
6.2 Ocorrências de Proto/nom <i>casuals</i>	653
7 CONCLUSÃO.....	655
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	662
Obras gerais/linguísticas/lexicológicas/lexicográficas	662
Obras críticas sobre e de literatura de viagem	665
Dicionários em geral.....	671
ANEXOS	673

5.9 FRANCESCO CARLETTI

Para a compilação das ocorrências desse viajante utilizamos a edição de Gianfranco Silvestro intitulada *Ragionamenti del mio viaggio intorno al mondo* (doravante *Ragionamenti/C*), composta por Francesco Carletti e extraída do manuscrito conservado na Biblioteca Angélica de Roma. Segundo Silvestro (1958), a pesquisadora Gemma Grilli relacionou entre manuscritos não autógrafos do autor, derivados do original, um total de quatro: 1) Ginori-Venturi, do qual foi feita a revisão para a primeira edição, existente entre as cartas de Lorenzo Magalotti; 2) Moreniano 47, da Biblioteca Riccardiana de Florença; 3) Códice 1331 da Biblioteca Angelica de Roma; 4) Magliabechiano – classe XIII, nota 8 da Biblioteca Nazionale de Florença. Foram publicadas várias edições do *Ragionamenti/C*, mas todas baseadas na edição de 1701, a qual, infelizmente, está cheia de retoques, não caracterizando plenamente a linguagem do autor. Para compor a biografia e estudos lexicais de Carletti recorreremos a Angelo Gubernatis (1875), Silvestro (1958), Francesca Perujo (1976) e Marziano Guglieminetti (1976), além dos linguistas que utilizamos em outros viajantes. Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1958, sem modificações.

5.9.1 Carletti, um mercante global em um universo não globalizado

Como vereis o mar fervendo acceso, co'os incêndios dos vossos pelejando, levando o idólatra, e o Mouro preso, de nações diferentes triumphando: e sujeita a rica Aurea-Chernoneso, até o longinquo China navegando. E as ilhas mais remotas do Oriente; ser-lhe-ha todo o Oceano obediente. (Os Lusíadas, canto II, 54).

Em uma família de mercadores, a tradição exige que o filho seja mercador. É o que acontece com Sassetti, que não o queria ser, mas, obrigado pelas circunstâncias, tem que assumir a profissão indesejada. Com Carletti, acontece o contrário; nasce nesse meio e nele vive toda a sua vida: negociar faz parte da sua essência, ele é um homem do seu tempo: em

todos os portos dos continentes orientais e ocidentais, esse período caracteriza-se por uma contínua troca, desde produtos nativos até seres humanos. Comerciante ele é, antes e sobre todas as coisas, afirma Silvestro (1958, p. VIII), um mercador universal, que barganha escravos, prata, pimenta, seda e porcelana, tudo o que seja intercambiável, variando apenas o produto, segundo o lugar visitado.

Nasce em Florença por volta de 1573 ou 1574, de uma antiga e tradicional família habituada ao tráfico de mercadorias, filho de Antonio Carletti e Lucrezia Macinghi. Em 1591 é enviado a Sevilha para aprender os segredos da arte de comerciar, junto a Nicolò Parenti, um florentino ali sediado. Logo após, seu pai o alcança e o manda comprar escravos em Cabo Verde, para revendê-los nas Índias Ocidentais, nas colônias espanholas da América. Tramita os despachos necessários, na Casa de la Contratación, para ter a autorização de se estabelecer como viajante-mercador. Negocia sob o nome de uma terceira pessoa, a esposa espanhola de um pisano, Menzía di Medina, para caracterizar que a firma seja espanhola, porque, escreve ele: “estas viagens e navegações às Índias não podem ser feitas por outros [...], nós como Italianos e forasteiros poderíamos perder tudo”²⁸³ (CARLETTI, 1958, p. 8). Viaja por sua conta, em uma época em que o comércio marítimo é propriedade quase que exclusiva dos Estados. Os viajantes que embarcam a negócios normalmente alugam um espaço determinado nos navios, onde possam movimentar-se e alojar as suas mercadorias. Paga o frete, que compreende a alimentação e o serviço de bordo. No último momento, seu pai decide acompanhá-lo, como clandestino, pois não possui a licença de passagem para as Índias. De Sanlúcar de Barrameda parte-se para as colônias espanholas e portuguesas, no período em que estas últimas, encontram-se sob o domínio de uma mesma coroa. Começa uma viagem programada para durar pouco, mas que se estende de 08 de janeiro de 1594 a 12 de julho de 1606, data em que retorna, finalmente, à sua terra natal.

A primeira parada nessa sua viagem ao redor do mundo é nas Ilhas de Cabo Verde, onde compra setenta e cinco escravos para revendê-los nas colônias espanholas. O arquipélago, no momento, serve de entreposto no comércio de escravos trazidos pelos mercadores das colônias do Reino Português ao longo da África e vendidos às colônias das Américas, onde são comprados a peso de ouro, sobretudo para o trabalho na produção de cana-de-açúcar. Ficam presos nas propriedades dos portugueses “em manadas, como bestas”²⁸⁴ (CARLETTI, 1958, p. 17) e depois são trazidos ao mercado na cidade para serem

²⁸³ “questi viaggi e navigationi dell’Indie non possono farsi d’altri [...] noi come Italiani e forestieri venivamo a cascare in pregiudizio de perdere tutto”.

²⁸⁴ “a branchi, come il bestiame”.

revendidos. Apesar de achar repugnante a venda de seres humanos, vê essa atividade como um negócio. Pede perdão a Deus pelo seu procedimento, e promete fazer penitências para que seja absolvido deste ato ignóbil: “causa-me certa tristeza e confusão de consciência [...] isto me parece sempre um negócio desumano e indigno da profissão e da piedade cristã”²⁸⁵ (CARLETTI, 1958, p. 18). Considera que, apesar de serem diferentes na cor e na sorte, os negros possuem a alma formada por um mesmo Criador, motivo pelo qual os trata sempre bem, procurando proporcionar, durante a viagem, um pouco de bem estar, alimentação adequada, água e o conforto possível, dentro das condições possíveis, pois se encontram extremamente apertados em um pequeno espaço. À parte os seus escrúpulos, Carletti é um negociante e cuidar bem da sua “mercadoria” faz parte do ramo, pois um escravo morto é dinheiro perdido. Guglielminetti (1976, p. 14-15) assegura que essa sua atitude é inspirada em interesses e não em razões humanitárias. Carletti, por outro lado, considera legítimas as comunidades de escravos fugitivos, instauradas em nome da liberdade. A condenação a essa dominação é explícita, pois os espanhóis (podemos incluir os portugueses e mais tarde ingleses e holandeses) são “desvirtuadores, para não dizer destruidores de tudo”²⁸⁶ (CARLETTI, 1958, p. 103). Carletti condena o tráfico de escravos, mas, por *ragion di mercatura*, em nome de interesses econômicos, reprime os valores éticos e os escrúpulos.

Apesar de todo o cuidado, perde sete escravos, que morrem na viagem e “o ver jogar ao mar o seu”²⁸⁷ (CARLETTI, 1958, p. 22) o deixa desgostoso. Esse desapego ao futuro desses seres humanos, um comércio cruel do qual ele foi partícipe, ainda que considerando os escrúpulos que apresenta, não o eximem da culpa pois, indubitavelmente, a mercadoria “homem”, para ele, possui o mesmo valor que o ouro, a pedra preciosa ou a porcelana: representam produtos a serem traficados em nome do vil metal.

Carletti parte da ilha de Sam Jacop (atual Santiago) em Cabo Verde, no dia 19 de abril de 1594, em conserva, com outro navio que transporta escravos; chega em Cartagena das Índias, na Colômbia, após uma travessia de trinta dias, relativamente tranquila. Ali vende os escravos, perdendo cerca de 40% do capital investido, pois a “mercadoria” está muito debilitada pela difícil viagem e pelo clima ali encontrado. Além disso chega a estação das chuvas, e esse fato não favorece muito o comércio. Com o lucro, compra outras mercadorias

²⁸⁵ “mi causa una certa tristeza e confusione di coscienza [...] questo mi parve sempre un traffico inumano et indegno della professione et pietà cristiana”.

²⁸⁶ “mutatori, per non dire destruttori d’ogni cosa”.

²⁸⁷ “il vedere gettare in mare il suo”.

para levar ao Peru, aportando em Nombre de Dios,²⁸⁸ no mar das Antilhas, antes de atravessar para o outro lado do oceano. Dali, alcança a cidade do Panamá, no Oceano Pacífico. Nesta, permanece por 15 dias e, lamentando o desconforto provocado pela falta de pão e o assédio constante dos pernilongos, que não o deixam em paz, dia e noite perturbando. Lamenta-se também da quantidade monstruosa de sapos e rãs, monstruosos também no tamanho, tantos, que “é opinião que chovem do céu”²⁸⁹ (CARLETTI, 1958, p. 33)²⁹⁰.

Em Nombre de Dios aluga barcos que o conduzirão à cidade do Panamá pelo trecho navegável do Rio Chagres. A passagem é atribulada, dura dezenove dias, apenas compensada, segundo ele, pela majestosa floresta tropical que ladeia o rio, uma floresta intocada, onde ninguém jamais penetrou tão compacta é; apesar de ser um lugar impenetrável ao ser humano existe permanentemente a vibração dos animais que ali habitam, rompendo a harmonia do lugar com seus gritos estridentes, em um estrondo infernal. O rio o leva apenas por um trecho, o restante deve completá-lo no lombo de animais, conduzidos por escravos, os quais trabalham de uma maneira tal que jamais um branco suportaria: enterrados, animais e escravos, até as ancas na lama da trilha. Nem os animais, às vezes, suportam tanta dificuldade, morrendo frequentemente pelo caminho lamacento e difícil. Admira-se de encontrar mercadorias deixadas ao longo da estrada, para serem recolhidas mais tarde. Segundo ele, não existe roubo na região; mesmo aqueles que na Espanha foram condenados por latrocínio e outros crimes, aqui se redimiram, tornaram-se cidadãos virtuosos (CARLETTI, 1958, p. 33-35).

Em 1595 se encontra em Lima, onde se respira riqueza, onde o ouro e a prata correm abundantes, um verdadeiro paraíso para um mercador como ele. Silvestro (1958, p. VIII-IX) julga que Lima é a cidade da fantasia para uma pessoa como Carletti: a abundância é tanta que os comerciantes empilham as barras de ouro uma sobre a outra, fazendo de estrado para as suas camas e colocando, sobre elas, um colchão para dormirem. As mulheres negras, escravas e libertas, andam soberbamente enfeitadas, com vestidos de seda e pérolas, e até de ouro; as mulheres de origem espanhola são tão suntuosas, que causa estupor a magnificente e esplendorosa maneira de vestir. Lima é tão suntuosa que até os sapateiros comem em pratos preciosos. Como a riqueza é grande, tudo custa muito, tem que ser importado de outros

²⁸⁸ Para Perujo (1976, p. 10, nota 11) se trata da cidade de Playa, che talvez no tempo de Carletti chamava-se Nombre de Dios.

²⁸⁹ “é opinione che piovino dal cielo”.

²⁹⁰ O fato de as rãs e sapos choverem do céu, no período das chuvas, fazia parte do legendário popular europeu desde tempos remotos e, posteriormente, essa imagem é reforçada por Vico segundo a qual, com chuva, a terra se enche de sapos. Diz Vico: “*come dalla terra nascono, piovento l'està, le ranocchie*” (como da terra nascem, chovendo no verão as rãs). Citado em: VICO, Giambattista. **Opere di Giambattista Vico**. Ordinate ed illustrate da Giuseppe Ferrari, vol.V. Milano: Società Tipografica, 1836, p. 212.

lugares: o peixe existe, mas é caro, pois os espanhóis são muito orgulhosos e não se rebaixariam a serem simples pescadores. Tudo o que vem da Espanha, México e Chile é para o consumo dos espanhóis, e não dos índios, que não são mais ricos, pois o branco, no começo, comprou as suas riquezas, o seu ouro e a sua prata, com bagatelas, como espelhos, chocalhos, bolinhas de vidro, mais tarde, “com a violência das armas se apossaram, ao mesmo tempo, do país e das pessoas”²⁹¹ (CARLETTI, 1958, p. 57). Com a conquista, os dominadores submetem os povos pré-colombianos a uma escravidão contínua, obrigando-os a trabalharem nas minas de ouro e prata, dizimando-os e enfraquecendo-os cultural e fisicamente. Carletti observa que nas minas de Potosí os índios estão se exaurindo no trabalho e vaticina que acontecerá o mesmo que aconteceu nas ilhas de São Domingos, que no momento estão desertas e sem habitantes, pelas tantas aflições impingidas aos nativos. Prevê que “por isto e por outros inumanos tratamentos [...] em breve se acredita que [os nativos] desaparecerão completamente”²⁹² (CARLETTI, 1958, p. 69). Contra esta devastação dos indígenas nas colônias das Índias Ocidentais, levanta-se a voz do padre dominicano Monsenhor Bartolomé De las Casas, em um grito vão:

Entre essas mansas ovelhinhas [...] entraram os espanhóis logo que as conheceram, como lobos, tigres, e leões de há muitos dias famintos. E não fizeram outra coisa, nos últimos quarenta anos, nem outra coisa fazem nos dias presentes além de lacerá-las, matá-las, afligí-las, atormentá-las, destruí-las com estranhas, novas e jamais vistas, nem compreendidas, nem lidas, maneiras de crueldade²⁹³ (DE LAS CASAS, 1626, p. 9).

O padre, no veemente protesto que faz ao Rei Felipe II, contra a indiscriminada matança dos primitivos habitantes, acusa os conquistadores de uma “cupidez temerária” que causou o genocídio indígena, operado por pessoas que se diziam cristãs: injusta e tiranicamente, são mortas mais de 12 milhões de pessoas, sem distinção entre homens, mulheres e crianças.

Carletti permanece no Peru apenas de janeiro a maio de 1595: vendendo o que tinha, converte tudo em lingotes de prata. Parte, dessa vez para o México, com a intenção comprar mercadorias e tornar a revendê-las em Lima, mas como ele mesmo narra, “os homens não podem fazer nem guiar as próprias ações, senão o que está previsto por quem governa o

²⁹¹ “con la violenza dell’arme si sono impadroniti e insieme del paese e delle persone”.

²⁹² “per questo e altri inumani trattamenti [...] fra poco tempo si crede di certo che si spegneranno del tutto”.

²⁹³ “Fra queste mansuete pecorelle [...] entrarono gli spagnuoli subito che le conobbero, come lupi, tigri e leoni di molti giorni affamati. Et non hanno fatto altro da quaranta anni in qua, né altro fanno al giorno presente che lacerarle, ammazzarle, affligerle, tormentarle, distruggerle con le strane e nuove e diverse e non mai piu viste ne intese, ne lette maniere di crudeltà”.

todo”²⁹⁴ (CARLETTI, 1958, p. 77-79). Seu pai mais uma vez intervém, mudando os planos iniciais.

Do México, pai e filho decidem aventurar-se pelas Filipinas, passando antes pelas Ilhas dos Ladrões, aquela mesma já percorrida por Pigafetta e que, no momento, tem o nome nome para Ilhas Marianas (em 1668), em homenagem à Mariana da Áustria, viúva de Felipe IV da Espanha. Também ele se encanta com essa população nativa, observa a agilidade dos nativos ao vogar sobre as águas do mar em suas barquinhas minúsculas e ligeiras – mais parecendo pássaros deslizando sobre o mar, em voos rasante. Admira o modo como negociam e por possuir o seu espírito natural ainda incontaminado por valores considerados civis. O capitão, com medo de ser roubado, não permite a aproximação desses indígenas: as trocas se dão através de cordas lançadas na beirada do navio e os nativos, nas suas barquetas, fazem o escambo de peixe e água por ferro. Devemos lembrar que os habitantes da ilha se apossam de objetos que não lhes pertencem, espontaneamente, pois não conhecem o significado da palavra roubo: os ilhéus vivem em uma sociedade onde não existe a propriedade privada, tudo é de todos.

Nessa passagem relata um fato muito interessante: a do frade que, levado pelo seu grande zelo missionário, resolve, literalmente, deixar-se cair do navio até as barquinhas dos pescadores, para batizá-los. A descrição desse episódio é colorido e cheio de graça, contando Carletti sobre o assombro dos viajantes, quando o missionário é examinado minuciosamente pelos nativos, que o esquadrinham dos pés à cabeça, levantando a sua túnica, tocando por todo o corpo, espantados e maravilhados com a brancura da sua pele, para depois levá-lo para a sua ilha, tão rapidamente quanto um relâmpago. Lá se vai o pobre padre, embora para sempre, deixando os companheiros aturdidos e compadecidos pelo seu destino, conquanto ele, o padre, sustentado pela sua missão evangelizadora, não reclame. Dois marinheiros, que se jogam ao mar para resgatar o frade aos indígenas, morrem afogados. Carletti não lamenta a perda dos dois marinheiros, assiste apenas como um espectador irreverente, não tomando parte, nem agindo a favor ou contra: é um mero espectador desse quadro tragicômico.

Das Ilhas dos Ladrões, Carletti e o pai encaminham-se para as ilhas Filipinas, já sob o domínio espanhol. O Tratado de Tordesilhas cria uma colonização distintamente bipartida: enquanto as colônias de Portugal estendem-se do meridiano do mesmo nome em direção ao Oriente, as espanholas partem do Ocidente em direção ao oriente, compreendendo quase toda a América. Os espanhóis avançam além do tratado e tomam posse das Filipinas e Molucas, no

²⁹⁴ “gli uomini in questo mondo non possono fare né guidare le loro attioni se non conforme è stato provisto da chi governa il tutto”.

lado oriental, pertencentes à coroa portuguesa, alegando que, pelo tratado, estão dentro da sua jurisdição. Com o tratado de Saragoça, em 1529, as Molucas retornam ao domínio português e as Filipinas permanecem com a Espanha. Quando Carletti chega, a cidade de Manila é o maior centro de dominação espanhola no Oriente, com uma cidade protegida por muros, um porto bem localizado, ponto de encontro de navios que chegam cheios de mercadorias da China, das colônias espanholas na América, da Índia e da Indochina.

Manila é apenas um ponto de passagem para alcançar as Índias mas, ao chegar, Carletti embate-se no acordo existente entre as duas coroas, portuguesa e espanhola, segundo o qual nenhum barco ou pessoa de origem castelhanos, vindos das Índias Ocidentais, poderia passar para as possessões do domínio português, sob pena de perder todos os bens e ter o barco queimado. Para escapar desse controle, decide ir ao Japão, país livre de qualquer dominação colonialista e que mantinha boas relações comerciais com ambos os países, Portugal e Espanha. Foge, na calada da noite, em um barco japonês, e chega a Nagasaki. (CARLETTI, 1958, p. 99-100).

Nesta cidade existe uma pequena comunidade portuguesa, algumas poucas casas de mercadores, mas não fala nada sobre ela ou qualquer negócio que teve com a população, apesar de permanecer cerca de nove meses, de junho de 1597 a março de 1598. Verifica a possibilidade de tomar um barco português que vem uma vez por ano e faz a viagem Macau-Nagasaki, mas que nesse ano não chega. Assim decide pegar um navio japonês, comandado por um capitão, português de origem, nascido no Japão e casado com uma nativa do país, que o leva a Macau. Com ele e seu pai vão também alguns religiosos jesuítas, outros mercadores e alguns passageiros portugueses. Na passagem fala sobre o caráter indômito e guerreiro dos japoneses, do quanto são dedicados às lutas, e pelo fato de não gostarem de ofensas. Relata a briga entre os marinheiros, por uma grosseria feita por um português a um japonês. Explica que foi necessária a intervenção pacificadora dos religiosos, a fim de evitar o pior. Ao aportar em Macau, desembarca, secretamente, à noite, para levar os seus bens e escondê-los, com medo se serem confiscados pela justiça. Interrogado e investigado minuciosamente, responde que está vindo de uma nação livre, o Japão, e que ele, como italiano, é cidadão livre de andar pelo mundo por onde queira. O controle português é de fato rigoroso e, apesar das suas explicações, tem que pagar dois mil ducados em taxas. Somente após o pagamento é liberado da prisão, sob a condição de se apresentar ao Vice-rei em Goa, quando ali chegar.

Um fato adverso vem contribuir para que pense em retornar à pátria: após quatro meses de sofrimento, o seu pai, Antônio morre, no dia 28 de julho de 1598, sendo enterrado em frente ao altar-mor da catedral de Macau. Encontra consolo com a chegada de Otavio

Neretti, amigo e colaborador de Sassetti, que vinha de Goa a negócios. A sua alegria é grande, pois como relata, há 18 meses que não vê nem fala com um conterrâneo. Como ambos são mercadores, pela nova amizade e pela sua fragilidade emocional no momento, muda os planos iniciais de ir para a Índia e resolve ficar na cidade por mais dezoito meses.

Macau é um florescente centro comercial português na China, a porta de entrada para as naus que convergem do Extremo-Oriente e do Ocidente e porto de saída das fabulosas riquezas de reino chinês. Ponto de encontro dos mercantes que vêm de todas as partes do Oriente para abastecerem-se de mercadorias chinesas, consta, na época, de uma população de cerca de dez mil habitantes. Ali se realiza uma feira que reúne mercadores que chegam de todas as partes para comprarem os apreciados produtos chineses²⁹⁵. Carletti, na ocasião da feira, entrega o seu dinheiro aos “deputados”, como os chama, para que comprem mercadorias (seda, porcelanas, ouro, tecidos, bordados etc.) para que possa revender na Índia ou levar para a Itália.

Em 1599 embarca as mercadorias compradas, em dois navios que partem de Macau para Goa, passando pelo estreito de Singapura e Málaca; faz uma breve parada em Cochim, mas fica pouco tempo. Em Goa permanece vinte e um meses, negociando parte do que comprara na China, ganhando, segundo ele, setenta por cento de lucro. Com o que obtém, manda vir de Cambaia tecidos de algodão, canequim, bofetá e manufaturas como colchas bordadas, pedras e muitas outras mercadorias que lhe darão um bom lucro quando vendidas na Europa. Apesar de encontrar uma Goa que caminha para a decadência, gosta muita do que vê e assevera que ali se vive e se pode negociar muito bem, pois é uma terra “plena de delícias e de todos os tipos de mercadorias, que para ali são trazidas de toda aquelas Índias e países orientais”²⁹⁶ (CARLETTI, 1958, p. 232). Lamenta o fato de os franceses, ingleses e holandeses terem se apossado do tráfico de especiarias que vêm das Ilhas Molucas, pois a perda dessa fonte de negócios prejudica os portugueses. Segundo ele, esses países eliminam a concorrência de Portugal, pois compram a mercadora em dinheiro vivo, e os portugueses as permutam com tecidos de algodão vindos de Coromandel e Negopatan. Deplora que aqueles, além de terem reduzido o comércio português, infestem os mares, assaltando os navios que vêm e vão de Lisboa, destruindo um comércio que é “o esplendor de todo esse oriente, e que

²⁹⁵ Os mercadores eram proibidos de entrar na China: era permitida somente a entrada de poucos representantes, que intermediavam as compras, em uma espécie de leilão público, arrematando a mercadoria com o famoso “dar a pancada”, *Ecasual* que aparece e é comentado também por Sassetti. A partir de 1581, a feira realizava-se duas vezes por ano.

²⁹⁶ “ripiena di delitia et d’ogni sorte di mercantie, che vi sono portate da tutte quell’Indie e paesi orientali”.

maravilhou e ainda maravilha todo o mundo, e é a melhor coisa que fizeram os Portugueses”²⁹⁷ (CARLETTI, 1958, p. 233).

Após receber uma última carga que vem de Malaca, resolve retornar à pátria, a bordo da carraca de Portugal, São Jacó, que está partindo para Lisboa, no dia de Natal de 1601. O contrato feito com o experiente capitão do navio, que já havia passado por dezoito ou vinte vezes o Cabo da Boa Esperança, lhe custa mil serafins. Compreende as seguintes benesses: um espaço vizinho à popa para ele, onde possa fazer um camarote; carne de galinha servida todos os dias, um lugar para colocar a sua mercadoria e incluído no preço a diária dos três servidores que leva consigo.

Apesar das suas palavras elogiando o comércio português, quando Carletti parte da Índia, a situação histórica e mercantil está caminhando para o seu declínio. No final do século XVI Portugal começa a perder a sua supremacia no mar, ameaçada, em primeiro lugar, pela morte de D. Sebastião e a sucessiva anexação ao reino de Espanha; em segundo, pela ascensão da Inglaterra e dos Países Baixos no comércio mundial e pela cobiça destes pelas riquezas existentes nas colônias dos países ibéricos. Tanto ingleses como holandeses se valem de alguns atos de pirataria, com a desculpa da escassez de produtos no comércio, já que Portugal está dominado pela Espanha e em franca decadência, não conseguindo mais suprir a demanda. Além disso, os Países Baixos, com uma organização de estado moderno, onde é dominante uma burguesia mercantil, criaram diversas frotas bem equipadas e economicamente capazes de fazer frente ao domínio luso-espanhol. Em 1598 mandam ao Oriente vinte e dois navios, enquanto que Portugal, por exemplo, envia apenas quatro carracas a Goa. Logo mais, em 1602, a liga dos Estados Gerais dos Países Baixos, sob a orientação do príncipe Maurício de Nassau, funda a Companhia das Índias Orientais, um braço holandês, capaz de se sobrepor ao comércio espanhol e português tomando, sobretudo, o controle das Ilhas Molucas (Perujo, 1976, p. XVIII). Outro fator que concorre para o domínio dos ingleses é a ascensão da rainha Elisabeth I da Inglaterra ao trono e a instituição da Companhia Britânica das Índias Orientais, que toma posse dos anteriores mercados portugueses de Calicute, Bombaim e Madras. Apesar de apresentarem-se independentes, os corsários nesse período possuem o beneplácito de seus governantes: Francis Drake é considerado um herói; no entanto, com o seu galeão *Golden Hind*, saqueia diversas cidades espanholas nas Índias Ocidentais e desfalca o galeão *Nossa Senhora da Conceição*, carregado de ouro do Peru (que por sua vez havia sido extraído das minas, em territórios anteriormente pertencente aos

²⁹⁷ “lo splendore di tutto questo oriente, et che ha fatto et fa maravigliare tutto il mondo, et è maggiore utile che fanno li Portughesi”.

indígenas). Carletti é um crítico ferrenho dessa pirataria institucionalizada, pois o fato de os chefes de nações se tratarem como inimigos, não pode e não deve significar que os mercadores o devam ser; a estes cabe o papel de mercadejar, comprar, vender, lucrar: “não cabe aos mercantes guerrear entre eles, pelas pretensões existentes entre os príncipes”²⁹⁸, afirma o nosso viajante (CARLETTI, p. 280). Carletti é sujeito e testemunha dessa apropriação, no seu caso indevida, pois tudo o que lhe pertence e lhe é tomado deve-se ao seu trabalho, seja como mercador de escravos seja comerciante de objetos.

Ao chegar a ilha de Santa Helena, contrariando o desejo dos passageiros, o capitão-mor do galeão, António de Melo de Castro²⁹⁹, resolve parar, o que lhe vale inúmeros dissabores. O seu navio é assediado por três navios piratas da Zelândia (região da Holanda, cuja capital é Middelburg), sob o comando de Gerardo de Roy. Após defenderem-se com tiros de artilharia, os holandeses, alegando que foram os portugueses a iniciar a luta, os subjugam e se apoderam de todas as riquezas que encontram na carraca, dando como garantia apenas a promessa de poderem seguir a viagem, sãos e salvos. Os sobreviventes são abandonados na ilha de Fernão de Noronha, com um pouco de provisão e uma pequena embarcação em péssimas condições, para que possam alcançar a costa brasileira. Carletti, valendo-se da sua cidadania italiana e de ser súdito do grão-duque Ferdinando de’ Medici, consegue convencer o capitão do navio pirata a levá-lo consigo até Zelanda.

Começa para Carletti um calvário: insatisfeito com a perda dos seus bens, segue na nau dos seus predadores, até Middelburg, onde procura fazer, através dos seus contatos, uma petição em todas as instâncias possíveis, para reaver o que lhe foi tomado. Procura ajuda com um italiano que mora no país, Paolo Franceschi; escreve cartas pedindo o apoio do príncipe de Toscana, Ferdinando, recebe o apoio também da filha deste, a Rainha da França, Maria de’ Medici; comparece em uma audiência com o Príncipe Mauricio de Nassau que, por consideração ao príncipe toscano, o recebe. O príncipe se interessa pela sua causa, mas acredita que no seu caso não pode imiscuir-se, porque esse tipo de problema diz respeito apenas aos mercadores. Leva uma petição perante o Conselho do Almirantado, o qual, após julgá-la, lhe dá o seguinte despacho:

Sua Excelência e o ditos conselheiros visto o processo e defesas do litígio de uma e de outra parte, e tudo bem considerado, declaram os bens do dito requerente resguardados, providos e confiscados em proveito da causa

²⁹⁸ “non s’aspetta a’ mercanti il voler guerreggiare tra di loro per le pretentioni che sono fra’ i principi”.

²⁹⁹ Verificamos a existência desse capitão e encontramos o seu nome na Listagens das armadas no reinado de Felipe II, da Espanha (lembrando que Portugal encontrava-se sob o domínio espanhol. Disponível em: < <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=705> >. Acesso em: 20 mar. 2013.

comum e daqueles que têm direito a eles, compensando as despesas pelas razões que o dito conselho moveu. Realizado no Colégio do Almirantado, reunido aos 12 de agosto de 1603.³⁰⁰ (CARLETTI, 1958, p. 264-265).

Após essa “injusta e iníqua sentença”³⁰¹ (CARLETTI, 1958, p. 265), na qual os juízes estavam de um só lado, como afirma, apela ao Conselho Superior dos Estados Gerais das sete províncias que compõem a liga, obtendo outra negativa. Após três anos e nove meses de lutas, indo de uma comissão à outra, de um conselho a outro, importunando-os constantemente, com cartas e súplicas orais, aqueles, talvez para se verem livres desse constante e contínuo assédio, dão-lhe a decisão do Colégio do Almirantado, a qual reza o seguinte: “Carletti, nós não esperamos nem acreditamos levar a termo essa causa [...] o aconselhamos a pegar deles aquele pouco que lhe querem dar, porque, de outro modo, a questão será longa e muito dispendioso ter de recorrer mais uma vez”³⁰² (CARLETTI, 1958, p. 271). Já que “a força superava a razão”³⁰³ conforma-se com a mísera quantia com a qual é ressarcido, pois está no limite das suas forças, com “a bolsa vazia, e um saco cheio de paciência e um outro cheio de papéis”³⁰⁴ (CARLETTI, 1958, p. 272). Ele, que um dia foi rico, lamenta-se ao ser privado dos bens. Não fosse a misericórdia de Deus a lhe ajudar, teria enlouquecido: “Oh, quanto è verdade que não existe no mundo outra desgraça e dor maior do que ter sido rico e sortudo, e ser levado à extrema miséria!”³⁰⁵ (CARLETTI, 1958, p. 273). É um golpe no ânimo do viajante, sobretudo pelas consequências materiais, para ele impossível de serem remediadas, pois não tem mais idade nem disposição para retornar ao Oriente em busca de novas riquezas. Parte do dinheiro vai-se no pagamento da causa, perdem-se também as sedas, as joias, as pérolas, os preciosos tecidos e brocados chineses, as porcelanas finíssimas, enfim, tudo o que conseguiu mercadejar como um viajante global.

Ainda em Haia recebe um convite do secretário Ville-Roy para um encontro com o rei Henrique IV da França. Segundo consta, este quer aproveitar o seu conhecimento do mundo mercantil ultramarino para um negócio que está entabulando com a Holanda. Tem

³⁰⁰ “[...] Sua Eccellenza et detti consiglieri, visto il processo, e munimenti della lite dell’una e l’altra parte prodotti, et tutto bene considerato, dechiarano li beni del detto diffendente diffesi, scommessi et confistati al profitto della commune causa et di quelli che ne hanno dritto, compensando le spese per ragioni che il detto Consiglio ha mosse. Fatto nel Collegio dell’Admiralità, ragunato alli 12 agosto dell’anno 1603”.

³⁰¹ “injusta e iniqua sententia”.

³⁰² “Carletti, noi non speriamo né crediamo poter terminare questa causa [...] vi consigliamo a pigliare da costoro quel poco che vi vogliono dare, perché altrimenti sarà cosa lunga e di gran spesa il poterci ricondurre qui un’altra volta”.

³⁰³ “la forza superava la ragione”.

³⁰⁴ “la borsa vota et e un sacco pieno di patientia, et um altro pieno di scritture”.

³⁰⁵ “Oh, quanto è vero che non ci è nel mondo alcuna altra maggior disgratia et dolore, che essere stato ricco e fortunato, e vedersi in estrema miséria condotto!”

uma breve audiência, que não lhe rendeu os frutos esperados, pois o rei encarrega um tal de Senhor de Rony de fazer as tratativas com ele, o qual não toma nenhuma providência a respeito, por ser inimigo do secretário Ville-Roy, o seu padrinho. Partindo de Paris, chega finalmente em Florença no dia 12 de julho de 1606, indo apresentar-se ao Grão-duque Ferdinando de' Medici, para fazer-lhe reverência. Completa assim o ciclo de quinze anos fora da sua cidade natal, doze deles na viagem ao redor do mundo.

Nomeado conselheiro do príncipe de Toscana, que deseja fazer de Livorno um centro de comércio com o Oriente, trata da compra de um grande navio, mas também esse negócio não tem bom êxito. Morto Ferdinando em 1609, Carletti é nomeado mestre de casa, pelo sucessor Cosimo II. Permanece no cargo até 1617, depois o seu nome desaparece dos livros de tesouraria da corte; a partir dessa data aparece vinculado à diversas comissões dos Medici. Em 12 de janeiro de 1636 morre, deixando seus bens em testamento a um filho natural de nome Carlos, que jamais tomou posse dos bens. Deixa também de publicar o seu relatório (Perujo, 1976, p. XIX; Silvestro, 1958, p. XIV). Carletti completou como Pigafetta a volta ao mundo, partindo do mesmo porto de San Lúcar de Barrameda na Espanha, em direção ao Ocidente, realizando uma rota diferente, mas do mesmo modo eficiente:

da Espanha ao México se vai em três meses, de Acapulco às Filipinas em outros três meses, das Filipinas ao Japão, um mês, do Japão a Macau, meio mês, de Macau na China a Goa, três meses, e da dita Goa de Índia a Lisboa, seis meses, e mesmo fazendo todo esse girovagar não se leva mais de dezesseis meses e meio.³⁰⁶ (CARLETTI, 1958, p. 114).

Carletti é, sobretudo um homem prático: consegue em poucas palavras explicar um itinerário ao seu leitor dando, com brevidade e praticidade, informações relevantes.

5.9.2 O *Ragionamenti*, um tratado sobre a cultura e o comércio

N'este rico archipélago do Oriente pera a parte do Artico assentada, jaz n'uma estancia fertil e eminente, de *Malaca* a cidade memorada: de povos orientaes e do occidente, por causa do commercio,

³⁰⁶ “di Spagna all’Indie del Messico vi si va in tre mesi, da Acapulco alle Filippine in altri tre mesi, dalle Filippine al Giappone un mese, dal Giappone al Macao mezzo mese, da Macao di Cina a Goa tre mesi, e da detto Goa dell’India a Lisbona sei mesi, che con fare tutte queste giravolte non si mette più di sedece mesi e mezzo”.

frequentada: Querida dos amigos per preceitos; temida dos imigos per seus feitos. (Antonio de Abreu³⁰⁷).

Os escritos de Carletti são editados pela primeira vez por Domenico Maria Manni, em 1701, em Florença, o qual acrescenta uma nota biográfica. A obra é revisada por acadêmicos anônimos da Crusca, que infelizmente a truncam escandalosamente, criando um texto que se distancia, quanto ao léxico e quanto à forma, do original. Segundo Silvestro (1958, p. XIII), dessa primeira edição surge um texto nítido e bem cuidado, no entanto claramente falsificado, onde as palavras toscanas ou florentinas são substituídas, períodos e partes inteiras descaracterizados ou eliminados. Esta publicação não tem muita ressonância, ficando restrita ao âmbito acadêmico. Somente dois séculos depois, por iniciativa da pesquisadora Gemma Grilli³⁰⁸, o seu livro volta a ter notoriedade. A estudiosa faz uma pesquisa detalhada, nos arquivos de diversas bibliotecas e consegue trazer à tona quatro manuscritos não autógrafos. A pesquisa de Grilli serve de base para todos os estudos posteriores sobre Carletti. Pouco depois Luigi Barzini publica *Le più belle pagine di Francesco Carletti* (1926). Silvestro, em 1958, revê os manuscritos e publica a mais acurada edição da obra até o momento. Para este autor o Ragionamenti/C é uma fonte preciosa de informações culturais e comerciais, pois expõem com clareza o quadro da situação do comércio mundial, exatamente naquele período no qual o monopólio se encontra nas mãos dos espanhóis e portugueses, tanto no Oriente quanto no Ocidente, pouco antes de as frotas inglesas e holandesas se apossarem em parte desse rico mercado (SILVESTRO, 1958, p. IX). Outros estudiosos que se debruçam sobre Carletti são Perujo (1976) e Guglielminetti (1976).

O Ragionamenti/C, como escreve o próprio autor, é uma obra dialogada: todos os dias ele se põe diante do grão-duque Ferdinando de' Medici e lhe conta sobre a sua peregrinação ao redor do mundo. Funcionalidade e praticidade estão presentes também na maneira como estrutura a obra, dividindo-a em dois grandes discursos, o primeiro para as Índias Ocidentais e o segundo para as Índias Orientais. Cada um destes, por sua vez, é subdividido em seis pequenos discursos, que englobam o trajeto de um país a outro: o primeiro, por exemplo, fala sobre a decisão de viajar, partindo de Florença a Lisboa e desta para o Arquipélago de Cabo Verde; a segunda engloba o comércio dos escravos, a viagem a

³⁰⁷ Cf. Notas em: FONSECA, José da. **Os Lusíadas, poema épico de Camões**. Paris: Livraria Europeia de Baudry, 1846, p. 553.

³⁰⁸ GRILLI, Gemma. **Francesco Carletti, mercante e viaggiatore fiorentino [1573'74-1636]**. Rocca San Casciano: Cappelli, 1904.

Cartagena das Índias e assim por diante. Eventualmente apresenta *flashbacks* e prolepses (*flashfowards*) intercalados no discurso sobre o país ou a cultura dos quais está percorrendo. Em todos os capítulos inclui descrições de cidades, hábitos culturais, plantas etc.; contudo, o seu olhar é mais atento às possibilidades de comércio existentes. Como afirma Silvestro (1958, p. VIII), comerciante, sobre todas as coisas ele é, e o seu primeiro olhar e primeiro pensamento são sempre para as possibilidades de negócios que cada país pode lhe oferecer. Em função disso, também traça o seu roteiro ao redor do mundo, fazendo desvios da rota quando são necessários, mesmo que isso implique uma estadia mais longa do que o previsto, uma ida sem necessidade ao Japão (para escapar da taxa imposta pelos portugueses aos que vêm das possessões espanholas), ou pegar um navio que não está programado. A sua viagem é traçada pela possibilidade oferecida pelo negócio e não, como em tantos outros viajantes, pelo gosto do exótico.

A organização formal faz com que cada um dos doze discursos contenha em si uma história completa, composta como o *Decameron* de Boccaccio, de quem ele demonstra ser discípulo, sobretudo pelo seu olhar sobre as mulheres. O Carletti é o espectador da sua obra, que observa tudo o que se apresenta, mas não participa integralmente em nenhuma ação. O seu discurso é isento de preconceitos, sua opinião raras vezes se manifesta. Tem um gosto especial de desvelar os costumes e particularidades de cada cultura; o exótico se lhe apresenta como normal, sem o espanto e maravilha que se observa em outros. O seu livro não é um relatório de viagens, é um documentário sobre os lugares que visita. Cada discurso encontra-se ordenado dentro de uma metodologia específica: a geografia, os portos, o comércio, as mulheres, os costumes, a ocupação das camadas da sociedade, as guerras, os reis e assim por diante, tudo muito impessoal e isento de julgamentos.

Perujo (1976, p. XXI) considera que Carletti é um cético, que participa sensualmente do mundo: nada lhe causa assombro, tudo o que vê atira a sua curiosidade, como é evidente em todas as páginas do *Ragionamenti/C*. A sua prosa é fresca e colorida, na sua descrição os mercados adquirem a vivacidade que lhes é peculiar: vemos o pobre e o rico, o escravo e o patrão, o vendedor, a madame escondida atrás da cortina do seu palanquim, que observa, quem sabe, com o mesmo olhar agudo do Carletti, esse formigueiro humano que é uma praça de mercado, com gentes de todos os mundos, línguas de todas as nações. Por meio do seu relato se entrevê a origem do ouro espoliado aos indígenas no Peru; o escravo vendido como um animal em Cabo Verde; a cochinilha que dá colorido aos trajes dos indígenas; o cacau que adoça a boca e alegra as tardes das senhoras da Nova Espanha; a imolação dos sacerdotes; o gosto pelas lutas corporais no Japão; a descrição geográfica de uma China que avança em

tecnologia, mas possui, desde esse tempo, a perícia de falsificar os produtos; os infundáveis tráficos de especiarias de Malaca; as pedras preciosas, as pérolas e outras mercadorias negociadas na Malásia, e finalmente Goa, com suas cobiçadas mestiças, os usos e costumes de mundos desconhecidos que, nas suas páginas, adquirem vida.

Um recorte prazeroso na sua narrativa ocorre quando fala sobre as mulheres, às quais dedica páginas e páginas, em diversos discursos: para as mulatas de Goa, com as quais os portugueses se amasiam ou casam, o seu olhar é não apenas de espectador, mas de um coparticipante e usufruidor da sua sensualidade. Observa que os lusitanos amam mais as mulatas cabo-verdianas, do que as mulheres da própria raça, pois “são de natureza mais frescas e sãs”, ao contrário das portuguesas, que “caminham sempre vacilando [...] com uma cor muito pálida ou melhor amarela, parecem mais mortas que vivas”³⁰⁹ (CARLETTI, 1958, p. 10). Ele mesmo compara as mulatas do arquipélago com as mulheres europeias e chega à conclusão que aquelas são mais bem dispostas fisicamente, mais bonitas, possuem mais valor e inteligência. Considera que a cor da pele, amorenada, não lhe dá fastio, ao contrário, é belíssima (CARLETTI, 1958, p. 13). As brancas perdem sempre nessa avaliação, sobretudo quando comparadas fisicamente com as mulatas e negras, pois: “raras vezes se vê uma mulher com os seios caídos, nem com outras imperfeições que se veem nas nossas quando tiveram filhos”³¹⁰ (CARLETTI, 1958, p. 225).

Lendo o *Ragionamenti/C* observa-se uma tendência um tanto quanto lasciva a tudo que se refere ao aspecto carnal: em todos os lugares, detém-se, sobretudo, na descrição das mulheres, exaltando-lhes a beleza e a sedução, em um discurso que seria taxado de obsceno se relacionado a uma mulher branca e europeia. Muitas páginas são dedicadas ao comportamento erótico das culturas indígenas e negras, sempre colocado em confronto com aquele praticado no ocidente civilizado. Apesar de a nação portuguesa (de Goa) ser liberal e audaz, não consegue e não se sai bem ao tentar “por um freio aos desenfreados desejos das suas mulheres”³¹¹. (CARLETTI, 1958, p. 227).

As descrições de mulheres ou de culturas que valorizam a relação carnal evocam nele a sensualidade existente nos romances de Jorge Amado: a cor das mulatas é aquela do cravo e da canela e os cheiros que exalam, estimulam a voluptuosidade: as mulheres de Goa e do Malabar são limpíssimas, lavam-se todos os dias, perfumam-se e vão ao leito envolvidas em

³⁰⁹ “sono di natura più fresche e sane”, “pare sempre che vadino barcolando [...] con un colore più pallido o per dir meglio giallo, che paiono più morte che vive”.

³¹⁰ “rare volte si vede donna con le mammelle che ricadino né con altre imperfezioni che vengono alle nostre quando hanno partorito”.

³¹¹ “porre freno alle sfrenate voglie delle lor donne”.

tecidos levíssimos, que “logo deixam cair e ficam todas nuas”³¹² (CARLETTI, 1958, p. 229). O modo de vestir-se das nativas incita à libertinagem; a utilização de certas técnicas, para estimular o prazer, o deixa tão curioso a ponto de querer experimentar, ele mesmo, para saber se são verdadeiras. Essas práticas sexuais diferentes são estimulantes e aceitas por ele e por todos os habitantes europeus que vivem nas Índias. Para Guglieminetti (1976, p. 17) existe na personalidade de Carletti “um componente quase científico, que o impelia a examinar com uma curiosidade quase mórbida aqueles fenômenos humanos e naturais que pareciam fazer vacilar certos princípios fixos da visão ocidental do mundo e da sociedade”³¹³. Contudo pode-se pensar que, ao relacionar todos esses atributos, apesar dos elogios que faz ao comportamento das nativas, encerram no fundo uma parcela de preconceito, originário do seu pensamento europeu e italiano, de que a cor e o modo comportar-se opõe-se ao mundo civilizado. As práticas associadas ao sexo podem ser permitidas nas mulheres que vivem naquele mundo, que se encontra em um estágio ainda inferior em relação ao europeu, segundo o conceito da época. Seriam inconvenientes se postas em prática pelas mulheres do seu mundo.

A sua viagem das Filipinas ao Japão – em uma etapa não programada, mas obrigatória para se livrar dos impostos cobrados pelos portugueses – é feita em uma soma, embarcação japonesa, a qual explana minuciosamente, desde o velame até o modo de calafetar com uma pasta de betume chamada galagala. Nessa viagem os japoneses não utilizam o astrolábio nem as cartas de navegação, valendo-se apenas do sistema dos ventos e de uma bússola muito rudimentar. Chegando ao porto de Nagasaki, em junho de 1597, o seu olhar vai diretamente para a culinária japonesa, mostrando-se a evidente dedicação do povo à qualidade de vida: “a nação Japonesa dá mais valor às coisas que são boas para conservar a vida e a saúde”³¹⁴ (CARLETTI, 1958, p. 110), assegura. Nota o viajante, um verdadeiro culto ao chá no país, por meio do qual o contexto alimentar, assume uma característica cultural e social decisiva: além de servi-lo para melhorar a digestão, é uma forma de honrar os hóspedes pela visita. O seu armazenamento é realizado com todo o cuidado, comprova Carletti, em vasos apropriados, de valor inestimável: são centenários, difíceis de encontrar, feitos de argila especial. O mercador discorre sobre a origem, a manufatura e o valor dado a esses vasos, que são os únicos adequados para a boa conservação, pois quanto mais velha é a folha do chá,

³¹² “subito lasciati cadere restano del tutto nude”.

³¹³ “una componente quase scientifica, che lo spingeva a esaminare con curiosità quase morbosa quei fenomeni umani e naturali che sembravano far vacillare certi principi fissi della visione occidentale del mondo e della società”.

³¹⁴ “la nazione Giapponese stima più quelle cose che sono buone per conservar la vita e la sanità”.

melhor será o seu sabor. Um vaso desses vale mais do que “se fosse de ouro ou de prata ou de outra coisa mais preciosa, como o diamante, ou outra jóia”³¹⁵ CARLETTI, 1958, p. 111).

Na culinária japonesa, chama-lhe a atenção o uso dos pauzinhos, no lugar do garfo, e o modo como é manejado. Discorre sobre o grande consumo de peixe e a importância do arroz e do *misol*, a sopa japonesa feita de missô (conhecida como *missoshiro*). Por ser uma cozinha altamente digestiva, os japoneses incluem no cardápio uma grande variedade de frutas e saladas. Estas últimas, temperadas com peixe cru, formam a base da alimentação, assim como o é ainda hoje. Comenta sobre o pouco valor que os japoneses dão à carne vermelha: os estrangeiros podem comprar galinha, porco ou vitelo a um preço ínfimo. Na descrição das casas, chama-lhe a atenção a extrema limpeza existente em todas elas, a delicadeza dos objetos de decoração, a disposição elaborada dos móveis, as belas pinturas naturalistas que decoram as paredes, harmonizando o ambiente.

Como é do seu gosto, detém-se na descrição das mulheres nipônicas: desde o modo de vestir, pentear e se pintar até a descrição fisionômica. Para ele a delicadeza e gentileza delas somam-se a outros atributos: “as mulheres são muito bonitas, e razoavelmente brancas, porém os olhos são pequeninos, e os acham mais bonitos que os grandes [...] tingem-se o cabelo de negro tinto, que acham mais graciosos do que os cabelos loiros”³¹⁶ (CARLETTI, 1958, 136). Encantado pela qualidade de vida desse país, afirma: “nessas ilhas se poderia passar uma vida muito feliz com pouquíssimos escudos”³¹⁷ (CARLETTI, 1958, p. 122).

À parte o discurso das belezas do Japão, Carletti expõe sobre a índole guerreira desse povo, moldada sob alguns aspectos, em uma violência silenciosa e explícita. Os pais que não possuem muitos bens vendem suas filhas de 14 ou 15 anos – sobretudo aos portugueses, para saciar os seus prazeres – por quase nada, por alguns tostões. Comenta que o castigo dado à mulher adúltera chega às raias do barbarismo, mas o autor não dá nenhuma mostra de condenar a violência com a qual se depara. É apenas um fato que constata, não cabe a ele julgar os padrões de comportamento ou crenças do país que visita. Sobre o adultério, declara que os japoneses, ao contrário da maioria dos gentios, costumam casar-se apenas com uma mulher, não possuindo concubinas. Quando há traição, os dois amantes são punidos de forma impiedosa: os traidores, de mãos amarradas, são postos sobre um carro e levados à frente da casa do marido traído. Na presença deste, cortam a genitália do amante, juntamente com uma

³¹⁵ “se fosse d’oro o d’argento o d’altra cosa più pretiosa come diamante, o altra gioia”.

³¹⁶ “le donne sono assai belle, e bianche ragionevolmente, ma però con gli occhi piccolissimi, che infra loro stimano più belli che li grandi [...] si tingono ancora li capelli, pure di nero morato, che stimano più vaghi che se fossero bianchi”.

³¹⁷ “in quest’isole si potrebbe passar ela vita felicemente con pocchissimi scudi”.

porção da pele ao redor, a qual é posta, à maneira de touca, na cabeça da adúltera. O mesmo é feito com os genitais da mulher, construindo uma espécie de grinalda que é colocada na cabeça do amante. Assim adornados, são levados, vivos ainda, em um cortejo, por toda a cidade, enquanto o sangue esvai-se dos seus corpos, até a morte final.

A mesma tirania é constatada, também, no plano histórico. Quando chega a Nagasaki, governa o país o xógum Toyotomi Hideyoshi, sucessor de Oda Nobunoga, conhecido e nomeado por Carletti como *Taico Sama*. Existe, nessa época, uma grande comunidade cristã, iniciada por São Francisco Xavier, em 1550, o padre português que evangelizou o Japão. Carletti relata o sacrifício dos “Mártires do Japão”³¹⁸, como são conhecidos os sacerdotes que foram sacrificados, após um conflito entre Hydeoshi e os religiosos, acerca de uma disputa sobre um navio espanhol, o São Felipe, que naufragou nos mares do país, após uma violenta tempestade, e cuja riqueza era cobiçada pelas duas partes contendoras. A descrição feita por Carletti refere-se ao incidente ocorrido quatro meses antes da sua chegada, contudo ele afirma ter ido, logo após o desembarque, ao lugar do sacrifício “para ver o espetáculo daqueles seis pobres (neste mundo) frades de São Francisco, da ordem terceira dos descalços da Espanha, que tinham sido crucificados juntamente com outros vinte Japoneses cristãos, no dia 5 de fevereiro do mesmo ano de 1597”³¹⁹ (CARLETTI, 1958, p. 114-115, parênteses do autor). As referências que dá do acontecimento são comprovadas historicamente e isentas de qualquer qualquer emoção e subjetividade religiosa. Segundo Perujo (1976, p. 110, nota 17), o fato de ter estado na Holanda durante alguns anos contribuiria para que Carletti tivesse contato com uma publicação feita nesse país, narrando sobre o martírio dos religiosos³²⁰ (vinte e seis segundo Carletti, vinte e cinco nas fontes históricas). Seria, portanto quase impossível saber se o que relata é parte da sua efetiva experiência pessoal ou se conta com as fontes holandesas, na transcrição do fato.

Outro ato de violência que ele relata é o autossacrifício dos guerreiros, o haraquiri ou em japonês, *seppuku*, que literalmente significa “cortar o ventre”. Imolação que os guerreiros de um organismo belicoso, ainda mergulhado e governado por um sistema medieval, como é o Japão de Carletti, consideram uma morte honrosa. Nessas e em outras passagens, sobre a índole guerreira dessa camada da população, o autor traça um quadro vivo das execuções, sem

³¹⁸ Para outras informações: BOERO, Giuseppe. **Relazione della Gloriosa morte di duecento e cinque beati martire nel Giappone**. Roma: Civiltà Cattolica, 1867.

Disponível em: <books.google.com/books?id=TqRo1wAg8uwC>. Acesso em: 28 Mar. 2013.

³¹⁹ “a vedere il spettacolo di quelli poveri (quanto al mondo) sei frati di San Francesco dell’ordine delli scalzi di Spagna, che erano stati crocifissi insieme con altri venti Giapponesi cristiani ali 5 del mese di febbraio di quel medesimo anno di 1597”.

³²⁰ A obra *Dutch Memorable Embassies* publicada em **Memorable Embassies of United Provinces to Emperors of Japan**, Amsterdam: J. de Meurs, 1680.

jamais por em confronto essas atitudes com o seu mundo, com uma total e completa ausência de juízo de valores. Na era contemporânea, a modalidade do haraquiri varia nas motivações e nas maneiras em que acontece: na segunda guerra, como arma coletiva de defesa do país; atualmente, observa-se em eventuais situações de protestos, geralmente através de fogo ateado ao corpo ou de ataques suicidas a instituições, prédios e população, com explosivos amarrados ao corpo.

Guglielminetti (1976, p. 17) afirma que Carletti, ao comentar sem disfarces e sem ideias preconcebidas as passagens de violências expostas na obra, não quer misturar a crua realidade com comentários supérfluos: isto iria contra a sua natureza de escritor, que quer antes de tudo desmistificar. Podemos acrescentar a esse aspecto a sua natureza de historiógrafo, que documenta os fatos que considera relevantes, a de um *voyeur* dos usos e costumes dos povos que visita, que tudo vê, observa e escreve.

São os portugueses, sustenta Carletti, a dar o nome à China, derivando-o de Cochinchina. A admiração que sente por esse país o faz discorrer sobre vários assuntos relacionados, desde a geografia, a história e a escrita, até as castas e riquezas. Relata a respeito:

São tão antigas as invenções na China, que passam milhares de anos e se pode sem qualquer dúvida acreditar que tudo venha deles [...]. Possuem em quantidade todas as artes mecânicas e políticas, são mestres em filosofia moral, matemática, astrologia, medicina e de outras ciências nas quais se consideram os melhores homens do mundo [...]. Nos estudos consomem a maior parte das suas vidas e nessas ciências se fundamentam, sendo que através delas alcançam graus de perfeição mediante o uso da justiça e a administração das coisas públicas³²¹ (CARLETTI, 1958, p. 176-177).

O conhecimento da China expresso no *Ragionamenti/C* advém do relacionamento com os missionários jesuítas, especialmente com o Padre Cattaneo, mencionado no livro. O Padre Cattaneo, colaborador do padre Matteo Ricci que, juntamente com Micheli Ruggieri, compilam o primeiro dicionário da língua chinesa, o *Vocabolario Sinico-europeo*. A amizade com os sacerdotes o ajuda a elaborar o discurso sobre o continente chinês, traçando um painel do país, em uma exposição ainda sem precedentes. Perujo (1976, p. XXXV) aventa a possibilidade de Carletti e, sobretudo Ricci, haverem uma fonte comum de informações, pois

³²¹ “Sono tanto antiche inventioni nella Cina, che passano migliaia di anni et si può senz’alcun dubbio credere che tutti venghino da loro [...]. Abbondano d’ogni arte meccanica et pulitica, e fanno professione di filosofia morale, di matematica, d’astrologia, di medecina et di altre scientie nelle quali si tengoni li primi uomini del mondo [...]. Nelli studii consumano la maggior parte della loro vita et in quelli fanno ogni loro fondamento, essendo che per essi pervengono a gradi di nobiltà mediante il maneggio della giustitia et governo delle cose pubbliche”.

o livro de Ricci *Storia dell'introduzione del cristianesimo in Cina* e o discurso sobre a China de Carletti possuem muitas coisas em comum. Segundo a estudiosa não se trata de plágio, pois o livro de Ricci foi escrito entre 1606 e 1610 e Carletti já havia retornado à Italia há mais de quatro anos, em 1602. Por meio do seu discurso, uma geografia completa da China vem ao conhecimento do mundo ocidental: os povos que a compõem, as diferentes cidades de cada província, o número de habitantes e muitas outras informações extraídas de um livro que doou pessoalmente ao grão-duque Ferdinando. Este livro hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Florença, catalogado como *Atlas Sinicus sive regni Sinarum descriptio geographica in ipso Sinarum*, obra do geógrafo chinês Chussû-Pên, da metade do século XVI. Impresso em um finíssimo papel de arroz, abriga as descrições das quinze províncias da China. Um segundo volume autógrafo contém a explicação das ilustrações e mapas chineses (CARLETTI, 1958, p. 150, nota 26).

A admiração que sente pelo povo é expressa também na descrição que faz das habilidades com as quais os chineses negociam as mercadorias. Possuem uma grande capacidade de falsificar os produtos, segundo a cultura do país, explica Carletti: conseguir enganar o comprador é uma habilidade apreciada, sinônimo de sagacidade e esperteza, qualidades dignas de admiração. Vários são os subterfúgios que usam: enganam no peso das galinhas, dando de comer areia misturada ao farelo; recheiam os peixes com pedras no ventre, para que pesem mais. Enganam os portugueses e indianos vendendo as bolsas de almiscar³²² e a própria essência falsificadas: de uma bolsa fazem até quatro, trocando a natural por outra feita da pele do animal e acrescentando à essência várias outras misturas chineses (CARLETTI, 1958, p. 163).

Alguns aspectos da cultura chinesa são percebidos por ele apenas como o processo de um povo que possui uma identidade peculiar, não merecedora de críticas ou reprovações, pois os atos se enquadram dentro dos parâmetros estabelecidos por aquela cultura. Ao falar sobre a alimentação dos chineses comenta: “Comem de todos os tipos de animais, até cachorros, que entre eles é tida como uma carne saudável e boa, como também aquela dos cavalos, dos burros e dos asnos, não obstante tenham de todos os outros tipos, como nós”³²³ (CARLETTI, 1958, p. 187). O mesmo sucede quando fala da venda dos filhos ou do infanticídio, por afogamento, nas comunidades pobres. Para ele é apenas uma constatação; não demonstra nenhum sentimento de desaprovação, que poderíamos esperar em cristão e

³²² Matéria prima produzida por uma bolsa existente no ventre do almiscareiro macho (*Moschus moschiferus*) grandemente utilizada na produção de perfumes.

³²³ “Mangiano d’ogni sorte d’animali, infino a’ cani, che fra loro è tenuta per carne sana e buona com’anche quella de’ cavalli, muli et asini, non ostante che ne abbino di tutte altre sorte come noi”.

católico. A aceitação sem críticas dessa sociedade oriental expõe a coerência de quem não transige com a verdade e nem é levado por sentimentalismos, ratificando o pacto que faz logo nas primeiras linhas do *Ragionamenti/C*, de contar somente das “coisas que fiz e que vi”³²⁴ (CARLETTI, 1958, p. 7).

A descrição das frutas obedece a um esquema científico peculiar, elas são representadas como verdadeiras “naturezas mortas holandesas” (SILVESTRO, 1958, p. XI), quase surreais, onde a descrição obedece a um aparato técnico. Primeiramente analisa a morfologia da planta; depois o fruto é examinado minuciosamente – a casca, a polpa, o suco, a semente – são detalhados, pedaço por pedaço, metódica e igualmente: “O fruto é descomposto, feito em pedaços, acariciado, comido, de cada fase uma descrição exatíssima”³²⁵ (SILVESTRO, 1958, p. XI). Não existe o método de comparação com os frutos da sua terra, tão usado pelos viajantes anteriores; as descrições são baseada em uma analogia que apela à memória sensorial de objetos conhecidos dos leitores: a banana tem o “gosto do leite”; o jambo possui a cor da “carnatura de uma mulher”; no durião sentem-se “diversos sabores e odores ao mesmo tempo”; a folha da coca tem uma certa “maciez e untuosidade”; a bebida extraída do cacau dá “força, nutrimento e revigora” o corpo.

Ao chegar ao México aponta as diversas plantas que encontra: as diversas variedades de pimenta, os vários usos do agave (*Agave Americana*) na confecção de fibras; o cacau, cobiçado pelo seu doce aroma e sabor, tão valioso que serve até como moeda de troca. Comenta que o produto final do cacau é o *cioccolate*, chocolate, consumido na forma de bebida quente, adoçada com açúcar, uma espécie de ancestral do nosso atual chocolate quente. Explica com detalhes a preparação do fruto, desde a secagem até a moagem da semente para a obtenção da pasta de cacau, acrescentando que a partir de 1600 os habitantes começaram a prepará-lo em barras. É considerado, segundo Perujo (1976, p. 61, nota 10) o introdutor do uso do cacau em Florença e, por conseguinte, na Itália.

Como documentarista, o elemento fantástico inexistente (quando presente não é ele a afirmar a existência), mas relata o que já foi documentado em outros livros, como por exemplo, quando comenta sobre os homens chamados “zinzin”, cuja existência é comprovada no livro de geografia de Chussû-Pên. Esses seres lembram os homens do reino de Leambre de Marco Polo (1827, p. 164), homens que possuem o rabo do tamanho de um palmo. Discorre sobre o peixe-mulher e sobre o uso comum (ou seria uma lenda?) entre os pescadores da costa da África, de servirem-se sexualmente do dito peixe, devido a sua semelhança com a mulher.

³²⁴ “cose che ho fatte e viste”.

³²⁵ “Il frutto viene scomposto, spezzato, acarezzato, mangiato, di ogni fasi una descrizione esatissima”.

O autor pode estar falando da fêmea do peixe-boi (provavelmente o *Trichechus senegalensis*), cuja descrição feita por Cavazzi (1687, p. 52) é bastante aproximativa (cf. Fig. 3 e 17). De Carli também fala do mesmo peixe, porém não inclui a lenda, apenas confirma que se assemelha à mulher, de onde se origina o nome. As lendas envolvendo peixes são comuns nos povos antigos: vemos, na Odisséia as sereias que encantavam Ulisses ou, entre os nossos índios, as jovens que engravidam do boto-cor-rosa.

Carletti é um atento observador das línguas faladas nos diversos países que frequenta e ao descrevê-las ele se vale do mesmo rigor técnico-científico usado em todas as exposições que faz. As palavras das línguas consideradas exóticas são “traduzidas”, através do português, na língua italiana. Verificamos que muitas delas são também iberismos, como *patatas*, *cioccolate*, *cocca* etc., que entraram para o italiano mediados pelo espanhol; outras são palavras do holandês, como *dicchi*, *duna* etc., que entraram na língua italiana como empréstimos diretos. Cardona (1971, p. 40) reafirma que os elementos da língua portuguesa na língua desse viajante superam em muito os elementos do espanhol. Em outros momentos da sua escrita, não se limita a nomear e traduzir o seu significado; vai mais fundo, na busca da língua original, mostrando como a palavra é escrita. Esse rigor linguístico na descrição de algumas línguas levou Perujo a afirmar que

este uso frequente do português e os casos em que o mercante dá equivalências de uma palavra em diversas línguas permitiu chegar às raízes originárias que em suas transformações põem à mostra densos tecidos históricos: as relações de uns povos com outros, sobreposições culturais, predomínio de certos aspectos de uma civilização sobre outras [...] ³²⁶
(PERUJO, 1976, p. XLIII).

Os ideogramas japoneses e chineses são desenhados no texto e acompanhados do ideograma e do significado em italiano. Da língua japonesa, o mundo ocidental já possui, nessa época, um certo conhecimento devido à presença dos missionários no Japão, que escrevem relatórios e cartas a seus superiores. Outra fonte de informação é dada pela embaixada composta por príncipes japoneses que vão a Roma e através da edição de *Peregrinação* de Fernão Mendez Pinto (1614). Carletti explicita sucintamente a escrita japonesa e chinesa, e acrescenta que apesar de as línguas serem diferentes, são iguais na escrita, pois ambas utilizam o mesmo sistema ideográfico. O autor comenta que os japoneses,

³²⁶ “Este uso frecuente del português, y los casos em que el mercader da equivalencias de una palabra em diversas lenguas, há permitido llegar a las raíces originarias que en sus transformaciones descubren densos tejidos históricos: relaciones de unos pueblos con otros, superposiciones culturales, predominio de ciertos aspectos de una civilización sobre otras [...]”.

para escrever, possuem três ou quatro tipos de alfabeto de 42 letras cada um, compostos de sílabas, exceptuando as vogais, sendo que os números possuem caracteres diferentes. O quadro de um dos alfabetos japoneses é apresentado para que o seu leitor tenha maior entendimento (cf. Fig. 15), explicando que todas as sílabas se compõem com dezessete letras do nosso alfabeto. Como falta a letra B esta é substituída pelo V; ao invés do D usam a letra I, no lugar do P usam a letra F, no lugar do Q usam o C (a letra C substitue todas as duas) e o X vale pelo S.

Principio

A	Ja	Ra	Jo	Ci	J'
Za	Ma	Mu	Pa	Ki	Lo
chi	che	V	Le	Na	Ja
Iu	Iu	J'	Zo	Qu	Ki
Me	Co	No	Zu	O	fo
Mi	e	Vo	Ne	Pa	fe
Sci	Je	Cu	Na	Ca	fo
chio					
Sis					

e queste due ultime vogliono dire il fine,

Figura 15 - Um dos alfabetos da língua japonesa³²⁷

O ocidente ainda não tem grande conhecimento da língua chinesa e Carletti é um dos primeiros a registrar e compreender o seu significado, explicando que se compõe de símbolos independentes da fonética, com palavras monossilábicas e invariáveis. Registra o sistema numerológico e algumas palavras, analisando corretamente o funcionamento. Perujo sustenta que na tradução italiana do atlas, na página onde estão desenhados os ideogramas, está escrita, provavelmente por Carletti, a seguinte citação:

Tal como se vê, todos estes caracteres são compostos por somente uma sílaba, as quais servem para compor outros nomes, como por exemplo, se eu disser a um chinês que me escrevesse o Maghi, como este nome é novo, não teria caracteres próprios que o representassem, este tomaria a letra que se chama Ma e a letra que se chama Ghi e desse modo comporia o nome Maghi.³²⁸ (PERUJO, 1976, p. XLX).

³²⁷ In: CARLETTI, 1958, p. 145.

³²⁸ “Tal como se ve todos estos caracteres están compuestos por una sola sílaba, las cuales sirven para componer otros nombres, como por ejemplo, si yo dijera a un chino que me escribiera el nombre de Maghi, como este nombre es nuevo no abría carácter propio que lo representara, éste tomaría la letra che se llama Ma y la letra que se llama Ghi y de este modo compondría el nombre Maghi”.

Perujo (1976, p. XLV) afirma que a maior parte dos ideogramas que estão registrados no Ragionamenti/C são corretos, pois que a sua fonte direta pode ter sido o *Atlas Sinicus*. Estas transcrições dos ideogramas estão entre os primeiros testemunhos da escrita chinesa registrados em toda a Europa. Apenas para exemplificar, expomos um recorte feito da obra, onde Carletti reproduz os elementos terra, água fogo, metais e alguns fenômenos naturais (cf. Fig. 16) :

ne forma una perfetta. Fanno similmente cinque elementi, ciò è terra, la quale chiamano « touch », che la significano con questo carattere 土; acqua con questo 水, detto « zuii »; fuoco con questo 火, detto « hah », et in cambio dell'aria mettono ogni sorte de metalli, che significano con questo carattere 金, chiamandolo « chien ». Per ultimo elemento annoverano tutte le piante dell'alberi, et chiamanlo « boch », con quest'altro 木. Inoltre la pioggia, il tuono e la saetta dimostrano con questi tre caratteri: il primo si chiama « vu » 雨, il secondo « duii » 雷 et il terzo « hzi » 電.

Figura 16 - Ideograma chinês³²⁹

Além do ideograma que representa a palavra escrita, Carletti registra a palavra em chinês, a tradução e o ideograma. Como podemos observar, é bastante aproximativa a comparação entre os ideogramas abaixo e as palavras chinesas. Quanto à transcrição do chinês, devemos supor que seja uma transcrição fonética; pode, portanto, não ser exata:

ideograma em chinês atual	como transcreve em chinês	transcrição em chinês atual	tradução em italiano	tradução em português
土地	touch	t'u	terra	terra
水	zuii	shui	acqua	água
火	hah	huo	fuoco	fogo
金币	chien	chin	oro	ouro
木	boch	mu	legno	madeira
雨	vu	yü	pioggia	chuva
閃電	duii	san d'ian	fulmine	relâmpago
半徑	hzi	t'ien	raggio	raio

³²⁹ In: CARLETTI, 1958, p. 187.

O mesmo cuidado ele demonstra em todos os registros de palavras de outras línguas, sejam elas americanas, japonesas, malaialas (e de outras línguas da Índia) e chinesas. As palavras das línguas orientais que registra ainda não tinham passado às línguas europeias, e poucas permaneceram, sendo que parte delas fica apenas no português, o que comprova a afirmação de Cardona de que Carletti é um grande introdutor de *Ecasual* do português na língua italiana.

Carletti alega, no início do *Ragionamenti/C*, ter perdido todos os originais escritos, tendo de recorrer à memória para se lembrar dos fatos sucedidos. Na segunda parte dos discursos sobre o Oriente ele retoma o argumento e acredita que será mais fácil recordar, pois a memória está, nesse ponto, mais fresca, já que os fatos que contará são mais recentes. Obviamente, além da memória, recorre a outros escritos e, pudemos comprovar, juntamente com Perujo (1976 p. XXXIII-XXIV), em diversas outras passagens esse seu recurso. A autora mexicana não afirma tratar-se de plágio: o autor se vale da ajuda de livros para refrescar a sua memória; contudo, é evidente que em diversos pontos ele transcreve trechos de outros livros, e isso não acontece uma ou duas vezes, mas diversas, do mesmo modo como o faz Balbi, quando escreve o seu *Viaggio*.

Apenas como evidência, apresentamos um fragmento do *Ragionamenti/C*, no qual observa que, ao fazer a volta ao mundo, perde-se doze horas de viagem – isto é, a diferença de um dia – e constata que: “[...] os Portugueses [...] navegando sempre em direção ao oriente, chegaram até o Japão [...] ganharam doze horas de um dia [...] e nós, pelo contrário [...] navegando em direção ao ocidente, em tal viagem perdemos sempre um dia”³³⁰ (CARLETTI, 1958, p. 111). Mais adiante continua, “nas ilhas Filipinas os espanhóis e a sua igreja, no mesmo dia em que se celebra o sábado santo, aqueles que estão no Japão, isto é os Portugueses e a sua igreja, comem carne porque para eles é o dia da Ressureição [dia da Páscoa]”³³¹ (CARLETTI, 1958, p. 112). Essa constatação da diferença de horas é comprovada anteriormente pelo historiógrafo Joseph de Acosta que, em 1590, data da publicação da primeira edição do seu livro (impresso em Sevilha, por Juan de Leon), declara praticamente o mesmo:

³³⁰ “i Portuguesi [...] navicando sempre verso oriente, sono arrivati insino al Giappone, [...] avevano guadagnato dodici ore d’un giorno [...] e noi, per contrario [...] navicando sempre verso occidente, nel qual viaggio andavamo perdendo sempre del giorno”.

³³¹ “nell’isole Filippine li Spagnoli e la loro chiesa, quel medesimo giorno che vi si celebra il sabato santo, questi che stanno in Giapponi, cioè li Portughesi e la loro chiesa, mangiano della carne come giorno a loro della Ressurezione”.

[...] os Portugueses fizeram a sua navegação de leste a oeste, os Castelhanos do oeste ao leste: quando se juntaram (que é nas Filipinas e Macau) ganharam aqueles doze horas de dianteira, estes perderam outras tantas: e assim a um mesmo ponto e mesmo tempo, se tem a diferença de vinte e quatro horas, que é um dia inteiro: e por força disso uns estão em três de maio, quando os outros estão em dois: uns estão em jejum no Sábado Santo, e os outros comem carne no dia da Ressureição [dia de Páscoa]³³² (ACOSTA, 1792, Livro III, p. 172).

Como demonstramos acima, Carletti, mudando apenas os lugares, as datas e as palavras que expõem no seu discurso, repete o mesmo que havia dito anteriormente Acosta, caracterizando plágio por parte do viajante italiano. Possivelmente, ao elaborar o seu livro, tenha lido e pesquisado as suas notas históricas no Acosta, pois, ao perder todos os seus escritos e memórias, não lhe resta que recorrer à lembrança dos fatos que serão descritos ou recorrer a outras fontes de informação.

À parte essa omissão do nome dos autores que plagia (ele comprova apenas quando descreve a parte geográfica do *Atlas Sinicus*), o fato de referir o seu périplo ao redor do mundo merece a inclusão no rol dos viajantes que contribuíram formalmente para que o conhecimento da geografia, da cultura e do mundo mercantil do Extremo Oriente e das Índias Ocidentais chegassem à compreensão dos europeus. Guglielminetti (1976, p. 12), ao analisar a obra, sustenta que ao lermos o *Ragionamenti/C* não nos encontramos diante de uma aventura legendária, como a da viagem de Magalhães, onde cada lugar é uma incógnita. Carletti não possui o estofado de um grande explorador, mas o do aventureiro em busca do ouro, a sua viagem é uma circum-navegação premeditada, que segue no rastro de Francis Drake e Cavendish, atrás apenas dos pontos comerciais mais apropriados à obtenção do lucro. A grande diferença entre Drake e Carletti é que aquele tinha por trás dele toda a estrutura de um império posto à sua disposição, enquanto que este dependia apenas de si mesmo.

A prática do mercantilismo requer habilidades específicas, tais como a astúcia, sagacidade, capacidade de negociar – assim como fez Jacó – que obteve o direito de primogenitura, acompanhada dos bens paternos, de seu irmão Esaú, por um prato de lentilhas. Carletti possuía todas essas ferramentas, porém foi traído pela sorte, que lhe foi adversa.

³³² “[...] los Portugueses han hecho su navegacion de poniente á oriente, los Castellanos de oriente á ponente: quando se han venido á juntar (que es en las Filipinas y Macán) los unos han ganado doce horas de delantera, los otros han perdido otras tantas: y así á um mismo punto, y á um mismo tempo, hallan la diferencia de veinte y quatro horas, que es dia entero: y por eso forzoso los unos están em três de Mayo, quando los otros cuentan á dos: y los unos ayunan Sábado Santo, y los otros comen carne em dia de Ressureccion”

5.9.2.1 *Ecasuals* em Carletti

AGILA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e con esse comprano gran quantità di legno aloe, che li Giapponesi chiamano «gincò» e i Portughesi <«agila»>, e se ne servono per fare profumi e altri medicamenti” (CARLETTI, 1958, 140, aspas francesas do autor).

Português: águila.

Análise do dado: ver **palo d’aguila** em Sassetti.

ALBACORAS s. f. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] et li meglio et li più grandi si chiamano <«albacoras»>, l’altri «bonitos»” (CARLETTI, 1958, p. 24, aspas francesas do autor).

Português: albacoras.

Análise do dado: ver **albacore** em Pigafetta.

ARTIGLIERIA s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] e molti feriti miseramente dall’<artiglieria>, che alla fine, venendo la notte, cessò” (CARLETTI, 1958, p. 247).

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 246, 248, 249, 250, 252 etc.

Análise do dado: ver **artegliaria** em Varthema.

ATTREVIMENTO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Quelli volevano il Portoghese e noi e il nostro capitano domandavamo il Giapponese per castigarlo dell’<attrevimento>” (CARLETTI, 1958, p. 148).

Italiano: *sfacciataggine*.

Português: atrevimento.

Análise do dado: ATREVIMENTO: falta de respeito, insolência. Silvestro (1958, p. 148, nota 1) atesta que é do espanhol *atrevimiento*, mas trata-se de um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica no acréscimo do dígrafo –t em uma hipercorreção gráfica.

BADANAS s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] che fa le foglie molto verdi e grandi, a tale che vi può stare sotto una persona al rezzo, fa una certa sorte di frutte lunghe fino a un palmo, che essi chiamano <«badanas»>: grosse come un citriolo” (CARLETTI, 1958, p. 10-11, aspas francesas do autor).

Português: bananas.

Análise do dado: ver **malapolanda** em Varthema e **fighi longhi uno palmo** em Pigafetta.

BALESTRIGLIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] Non sanno che cosa sia strolabio per pigliare l’altezza del sole, né <«balestriglia»> per l’istesso sole e per le stelle” (CARLETTI, 1958, p. 106).

Italiano: *ballestriglia*.

Português: balestilha.

Análise do dado: BALESTILHA: instrumento náutico utilizado antigamente para medir a altura dos astros. Existe no italiano essa palavra, que foi emprestada do espanhol e segundo Zaccaria (1929, p. 43) tem origem nessa língua. No caso, o uso em contexto do português é atestado por Cardona (1973, p. 185). Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética no acréscimo do dígrafo italiano **–tr**, e a líquida portuguesa /**l**/ transcrita em **–gli**.

BANCONI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “In oltre ci sono l’armate di vascelli, che stanno per tutte le costiere di quel mare e sono numero infinito di nave, dette da loro <banconi>, con molti soldati. (CARLETTI, 1958, p. 175).

Italiano: –

Português: bancão.

Análise do dado: BANCÃO: embarcação asiática (Aulete). Dalgado (1921, p. 402) registra a entrada *vancão*, *bancão* como sendo uma embarcação chinesa, menor que o junco, cujo étimo é o malaio *vankan*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano **–one**, italianização do sufixo português **–ão**. Adaptação gráfica de número plural masculino italiano em **–i**.

BAR s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] et ogni cosa a carissimo prezo, pagando un <bar> di pepe, che sono libre 400” (CARLETTI, 1958, p. 278).

Português: bar.

Análise do dado: ver **bahar** em Varthema.

BIOBUS s. m. pl. *Objetos de uso.*

Atestação: “Questi tali quadri sono chiamati in lingua Giapponese <«biobus»>” (CARLETTI, 1958, p. 132, aspas francesas do autor).

Italiano: *schermo divisore; pieghevole.*

Português: biombos.

Análise do dado: BIOMBO: anteparo articulado, feito de diversos materiais, muito utilizado no extremo oriente para dividir ou isolar ambientes. Atestado em Dalgado (1919, p. 128) como sendo o étimo japonês *byóbu* ou *bióbu*, havendo no português a nasalização, dando origem à forma atual. Perujo (1976, p. XLV) afirma que essa palavra é atestada no dicionário etimológico Corominas (1974) como tendo entrado no espanhol em 1684; contudo vemos, pela atestação, que no português já era conhecido mais de um século antes. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética na perda do fonema nasal /m/, a substituição do grafema final do português –o em –u e desinência de plural português em –s.

BOFFETTANI s. m. pl. *Indústria têxtil.*

Atestação: “[...] tante telerie di bambagia che chiamano canichini, <«boffettani»>, semiane et d’altre sorte, tutte buone per Portogallo” (CARLETTI, 1958, p. 214, aspas francesas do autor).

Português: bofetás.

Análise do dado: ver **bofetta** em Sassetti.

BOMBE s. f. pl. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “[...] et si cavava con caldaie e altro dalla scotiglia et le <bombe> o trombe non potevano più adoperarsi” (CARLETTI, 1958, p. 250).

Português: bombas.

Análise do dado: ver **bonba** em Da Empoli.

BONITOS s. m. pl. *Exploratório-científico.*

Atestação: “[...] et li meglio et li più grandi si chiamano «albacoras», l’altri <«bonitos».>” (CARLETTI, 1958, p. 24, aspas francesas do autor).

Português: bonitos.

Análise do dado: ver **bonitos** em Pigafetta.

BRASIL s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Ancora in questo proposito desiderato dalle donne, scrive Amerigo Vespucci, che discoperse il <Brasil>” (CARLETTI, 1958, p. 196).

Português: Brasil.

Citações na obra: p. 250, 254; *Brazil*: p. 12.

Análise do dado: Carletti confunde o nome do descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral com o do viajante italiano Américo Vespúcio, em cuja homenagem foram denominadas as terras do Novo Mundo. Ver **Tera del Verzin** em Pigafetta.

BUGIOS s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] numero infinito di quelle bertuccie, che noi chiamiamo gatti mammoni, che hanno le code lunghe, nominate in quel paese dalli Portughesi <«bugios»>, alle quali insegnano ballare e a fare mol’altri giuochi” (CARLETTI, 1958, p. 12, aspas francesas do autor).

Italiano: *bertuccia*.

Português: bugios.

Análise do dado: BUGIO: designação comum aos macacos do gênero *Aluatta*, comum nas florestas do sul do México à Argentina. Atestado em Perujo (1976, p. 14) como sendo do português, com etimologia do árabe *budjâ*. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo de número plural português em –s.

CALAMBÀ s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Dal paese di Ciamba ne portano il <calambà>, legno tanto prezioso, e tanto stimado in tutte l’Indie e da tutte le nazioni” (CARLETTI, 1701, p. 78).

Português: calambuco.

Análise do dado: ver **calampat** em Varthema.

CALMA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] “ch’allora è meglio per loro, anzi sono nimicissimi delle <calme>, e bonacce, e per istinto naturale cercano sempre il vento” (CARLETTI, 1958, p. 24).

Português: calma.

Análise do dado: ver **calma** em Sassetti.

CAMINO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] et di quivi spiegate le vele al vento drizzammo il nostro <camino>, soli e senza altra conserva, verso le prenominate isole di Capo Verde” (CARLETTI, 1958, p. 9).

Português: caminho.

Citações na obra: *cammino*: p. 43, 242, 245.

Análise do dado: ver **chamino** em Da Empoli.

CANARINI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] in quell’isola che molte di quelle palme che fanno dette «cocos» (custodite da questi paesani abitanti quivi, quali si chiamano «canarini», gente vile e che va quasi nuda). (CARLETTI, 1958, p. 232, aspas francesas e parênteses do autor).

Português: canarim.

Análise do dado: ver **canarini** em Balbi.

CANICHINI s. m. pl. *Indústria Textil*.

Atestação: “[...] tante telerie di bambagia che chiamano <«canichini»>, boffettani, semiane et d’altre sorte, tutte buone per Portogallo” (CARLETTI, 1958, p. 214, aspas francesas do autor).

Português: canequins.

Análise do dado: ver **canichino** em Sassetti.

CANOE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “de’ quali alberi, ciò è di quelli maggiori, se ne fanno barche tutte d’un pezzo che l’indiani chiamano <«canoe»>” (CARLETTI, 1701, p. 28, aspas francesas do autor).

Português: canoa.

Análise do dado: ver **canoè** em Pigafetta.

CAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e sebbene è isola adiacente alla Cina, nulladimeno è governata da uno <Capitano> Portugese, che vi viene ogn’anno di Goa ” (CARLETTI, 1958, p. 150).

Português: capitão.

Citações na obra: p. 30, 197, 204, 205, 206, 233, 235 etc.

Análise do dado: ver **capitaneo** em Varthema.

CARACOLI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Loro si chiamano <«caracoli»> e noi diremmo brigantini quanto al guscio e grandezza, ma differentissimi nel modo del remare” (CARLETTI, 1958, p. 202, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: cora-coras.

Análise do dado: CORA-CORA: embarcação malaia. Dalgado (1919, p. 307) registra coracora, caracora e caracola como uma embarcação de cabotagem e que era usada também na pirataria. Dalgado discute as várias suposições da origem do étimo, registrando o português caraca, mas não chega a uma conclusão. Aulete registra a etimologia do malaio *kora-kora*. É difícil estabelecer as adaptações gráficas e morfológicas, já que no período existia também a palavra coracola, como atesta Dalgado.

CASCIE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “In capo a sette o otto mesi vanno nel Regno di Coccincina con certe monete di rame, quali chiamano <«cascie»>” (CARLETTI, 1958, p. 140, aspas francesas do autor).

Português: caxas.

Citações na obra: p. 122, 162.

Análise do dado: ver **cas** em Varthema.

CATANE s. m. pl. *Área militar*.

Atestação: “Sopra i corpi, dopo che sono morti, fanno prova delle loro scimitarre, che essi chiamano <«catane»>” (CARLETTI, 1958, p. 116).

Italiano: *catana*.

Português: catanas.

Citações na obra: p. 111, 141, 148.

Citações em outros autores: Borri: p. 87.

Análise do dado: CATANA: espada longa e curva de origem japonesa (Aulete). Atestado em Dalgado (1919, p. 231) que afirma ser hoje um vocábulo pouco usado, mas muito utilizado nas colônias lusitanas; na Índia significa espada comprida e larga. Acrescenta que não tem fundamento histórico a procedência do italiano, como querem alguns, pois as primeiras abonações indicam claramente a procedência do japonês *katana* e difundido pelos portugueses na época dos descobrimentos. Perujo (1976, p. 107, nota 14) confirma a observação de Dalgado, acrescentando que a origem remota da palavra se deve talvez a uma raiz comum a muitas línguas da Europa, Ásia e Egito (sânscrito, grego, árabe, persa) com o significado de

“cortar, matar”. GDLI (1961, v. II, p. 869) registra o EL, e acrescenta que entrou no português e espanhol em 1582 e 1609, sendo hoje de uso comum. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural feminino italiano em **–e**.

CATTI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] ve ne conducono per ciascun viaggio settanta e ottanta mila libbre di vent’ oncie l’ una, che loro chiamano <«catti»>” (CARLETTI, 1958, p. 150, aspas francesas do autor).

Português: cates.

Citações na obra: *catte/i*: p. 108, 156.

Análise do dado: ver **cathil** em Pigafetta.

CIA s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] perché hanno proprietà di conservare senza corrompersi nove dieci, e vent’ anni una certa foglia che loro chiamano il <«cià»>” (CARLETTI, 1958, p. 108, aspas francesas do autor).

Italiano: *tè*.

Português: chá.

Citações na obra: p. 110, 188.

Citações em outros autores: Borri, *chià*: p. 65.

Análise do dado: CHÁ: infusão feita com folhas, raízes, cascas etc. de plantas. Especificamente refere-se ao chá-da-índia, feito com as folhas de uma planta originária da Índia e da China, da família das teáceas (*Camellia sinensis* ou *Thea sinensis*). Dalgado (1919, p. 247) atesta que o ideograma chinês que representa a palavra chá corresponde a duas formas fonéticas: no mandarim *cha* e no dialeto de Fun-Kien é *te*. Pelos japoneses, portugueses, gregos, russos e indochineses foi divulgada a forma *chá* enquanto que no resto da Europa *te*. Acrescenta que, pelas referências, os portugueses a receberam diretamente dos chineses e japoneses, sendo que a primeira atestação da palavra é de 1565. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na mudança de fonema português /x/, em /tʃ/ italiana. Algumas palavras que no português se realizam em **–ch**, no italiano são em **–c**, como por exemplo China e Cina, respectivamente.

CONDERINO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] dànnone dieci per uno de’ detti <«conderini»> d’argento” (CARLETTI, 1958, p. 162, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: condorim.

Citações na obra: p. 122.

Análise do dado: CONDORIM: peso e medida utilizados na Ásia e na Malásia; condarim (Aulete). Dalgado (1919, p. 303) comprova que a palavra provém do malaio *Kanduri*, peso e medida do arquipélago malaio e da China. Atestado como sendo do português *conderim* por Perujo (1976, p. 115, nota 25). Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso da desinência **–ino**, em uma normal italianização da terminação portuguesa **–im**.

CONVESSO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] et imbarazzati per tutto il <convesso>, o coperta della nave, con grosse casse et altre balle di mercantie” (CARLETTI, 1958, p. 257).

Português: convés.

Análise do dado: ver **converso** em Federici.

COPERTA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] accomodandogli in essa li uomini sotto la <coperta> stivati l’uno appresso l’altro, in maniera così stretta che a gran pena, volendo si potevano voltare da un lato all’altro” (CARLETTI, 1958, p. 20).

Português: coberta.

Citações na obra: p. 253, 257, 258.

Análise do dado: ver **coperta** em Varthema.

CRIS s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] accompagnati da pochi di loro senza altre arme che un piccolo pugnale, che loro chiamano <«cris»>” (CARLETTI, 1958, p. 205, aspas francesas do autor).

Português: cris.

Análise do dado: ver **clisse** em Balbi.

DESCOPRIMENTO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] sí come fece la nave detta Vittoria, di Ferdinando di Magaglianes, nel <descoprimiento> di detto restretto, l’anno 1520” (CARLETTI, 1958, p. 114).

Português: descobrimento.

Análise do dado: Ver **dischoprire** em Da Empoli.

DISCOPERSE verbo. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “Ancora in questo proposito desiderato dalle donne, scrive Amerigo Vespucci, che <discoperse> il Brasil” (CARLETTI, 1958, p. 196).

Português: descobriu.

Análise do dado: Ver **dischoprire** em Da Empoli.

DURIONE s. m. sing. *Exploratório-científico.*

Atestação: “[...] et inoltre di buonissime e diverse frutte, fra le quali vi è il <«durione»>, che è prodotto da un grandissimo albero” (CARLETTI, 1958, p. 199, aspas francesas do autor).

Italiano: *durian*.

Português: durião.

Citações em outros autores: Borri: p. 18, 20.

Análise do dado: DURIÃO: fruto proveniente da planta da família das bombacáceas (*Durio zibethinus*), nativa da Malásia, cuja casca assemelha-se à jaca; a semente é comestível quando assada. Atestado em Cardona (1973, p. 207) como sendo um étimo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo de substantivo aumentativo **–one**, italianização do sufixo português **–ão**.

FASCE s. m. pl. *Objetos de uso.*

Atestação: “Mangiano il tutto servendosi di dua fuscellini in forma rotonda e spuntati lunghi un palmo e grossi quanto una penna da scrivere, fatti di legno o d’argento o d’oro, e questi chiamano <«fasce»>” (CARLETTI, 1958, p. 120, aspas francesas do autor).

Italiano: *bacchette per mangiare; bacchette cinese/giapponese*.

Português: hashi.

Citações em outros autores: Borri, *due legnetti*: p. 62.

Análise do dado: HASHI: dois pauzinhos que os orientais utilizam para se alimentar, fachi. Tanto Houaiss quanto Aulete registram a entrada hashi, mas remetem à remissiva fachi, onde se encontra a definição acima; portanto o Carletti transcreve de maneira parecida. Dalgado (1919, p. 384) registra a entrada fachis, e assegura que o termo é conhecidíssimo em Macau,

pois são os talheres que servem para comer. A etimologia é de Cantão, “*fa-chi (faitzse)*, que passou ao japonês *fāxi*”. Acrescenta que a língua japonesa não admite a letra **f** /**f**/ (aceita somente quando seguida de **-u**), portanto a forma é *haxi*. Por ser um *Ecasual* talvez transcrito erroneamente, não analisaremos as adaptações.

FATAMI s. m. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Questi sacconi, che loro chiamano <«fatami»>, quando sono delli piú fini arrivano a valere cento e centocinquanta scudi l’uno” (CARLETTI, 1958, p. 133, aspas francesas do autor).

Italiano: *tatami*.

Português: tatame.

Citações na obra: p. 85.

Análise do dado: TATAME: esteira de palha de arroz utilizada como tapete nas casas japonesas. Atualmente prevalece o significado de tapete onde se praticam lutas marciais orientais (judô, karatê etc.). Perujo (1976, p. 125, nota 36) acredita que houve um erro de transcrição no manuscrito, com a troca da letra **t** pela **f**. Atestado em Dalgado (1921, p. 362) que afirma ser o tatame feito nas medidas de seis pés de comprimento por dois de largura e com a altura de duas polegadas. O vocábulo serve também como medida de extensão. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na troca do grafema **-t** em **-f**.

FATTORIE s. f. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] et per tutti quelli porti vi sono <fattorie> di Portoghesi che contrattano barattando li detti schiavi mori a dette mercie” (CARLETTI, 1958, p. 14).

Português: fatorias.

Análise do dado: ver **fattoria** em Da Empoli.

FIGOS s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] possono fare diverse vivande, sí come fanno li Castigliani nell’ Indie occidentali, che la chiamano «platanos», e li Portughesi nell’India orientale <«figos»>” (CARLETTI, 1958, p. 11, aspas francesas do autor).

Português: figos (bananas).

Análise do dado: Como se observa na atestação acima, Carletti também registra a palavra *platanos*, como era originariamente chamada a banana em espanhol. Ver **malapolanda** em Varthema, **fichi lunghi un palmo** em Pigafetta e **muse** em Ardizi.

FLOTTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] bisognerebbe partendo di Spagna imbarcarsi con la <flotta> che va in India occidentale nel mese di luglio” (CARLETTI, 1958, p. 113).

Português: frota.

Citações na obra: p. 116.

Análise do dado: ver **frotta** em Da Empoli.

FORTUNE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] in maniera che non si può fare i servitii che poi occorrono per diffendersi dalle <fortune> del mare e per maneggiar le vele” (CARLETTI, 1958, p. 257).

Português: fortuna.

Citações na obra: p. 104, 128.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FUSTE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e scorrendo quelle due costiere con vascelli a remo a modo di galeotte, che loro chiamano <fuste>” (CARLETTI, 1958, p. 223).

Português: fusta.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GALA GALA s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Usano in quel cambio un certo betume fato di calcina e olio con stoppa trita, che tutto mescolato insieme chiamano «seiucui» e per tutta l’India <«gala-gala»>” (CARLETTI, 1958, p. 105, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: galagala.

Análise do dado: GALAGALA: betume feito de cal e azeite, utilizado antigamente para calafetar as madeiras do fundo das embarcações, a fim de evitar o apodrecimento da madeira. Perujo (1976, p. 102, nota 5) atesta como sendo uma palavra do português, que o recebeu do malaio *gala-gala*. GDLI (1961, v. VI, p. 538) afirma o mesmo que Perujo. Sem adaptação, apenas transcreve em uma palavra composta.

GARUA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] dalla quale stilla una acquicina così minuta, che loro chiamano <«garua»>” (CARLETTI, 1958, p. 43, aspas francesas do autor).

Italiano: *nebbia*.

Português: garoa.

Análise do dado: GAROA: nevoeiro leve e persistente, de baixa intensidade. Atestado em Perujo (1976, p. 44, nota 2) como sendo do português *caruja*, com o significado de neblina. GDLI (1961, v. VI, p. 599) afirma ser a palavra antiga e dialetal *garuva*, e usa como atestação o viajante italiano Gemelli Careri, que iniciou a volta ao mundo em 1693 e publicou a sua viagem *Giro del Mondo* (Napoli, 1699), portanto dois anos antes da publicação de Carletti. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica na troca de grafema –u, no lugar de –o.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Questi popoli, ancora che siano <gentili>, usano di maritarsi con una sola donna” (CARLETTI, 1958, p. 136).

Português: gentios.

Citações na obra: p. 99, 139, 215.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GIACA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Ma le frutte proprie di quel paese, e non piú viste da me, mi parvero assai più belle che buone, e spetialmente quella che chiamano <«giaca»>” (CARLETTI, 1958, p. 143, aspas francesas do autor).

Português: jaca.

Citações na obra: giache: *giache*: 89;

Análise do dado: ver **ciaccara** em Varthema.

GIAMBOS s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Si ritrova in questa terra una frutta propria del paese, che essi chiamano <«giambos»>, se bene oggi ne sono anche in Goa” (CARLETTI, 1958, p. 201, aspas francesas do autor).

Português: jambos.

Análise do dado: ver **giambi** em Sassetti.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] pigliando nome dal <governatore>, che vuol dire vice re, che stava quivi” (CARLETTI, 1958, p. 170).

Português: governador.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

GUISATE verbo. *Usos e costumes*.

Atestação: “Mangiano [os portugueses] tutti in porcellane di Cina, e quel ch’è meglio vivande tutte di volatiglie isquisitamente <guisate>” (CARLETTI, 1958, p. 218).

Italiano: *stufati*.

Português: guisadas.

Análise do dado: **GUISADO**: refogado feito geralmente de carnes, acompanhado de molho. Guglielminetti (1976, p. 232, nota 173) afirma que é do espanhol *guisar*. Consideramos um iberismo. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso de sufixo feminino **–ato**, normal italianização do sufixo português **–ado** e adaptação gráfica de número plural feminino italiano em **–e**.

LANTEE s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] de’ quali vascelli, che loro chiamano <<lantee>> et che vogano con remi al modo delle funee del Giappone” (CARLETTI, 1958, p. 155, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: lanteá.

Análise do dado: **LANTEÁ**: barco ligeiro do extremo Oriente semelhante à fusta; lanteia. Não encontramos registros nos dicionários históricos nem atuais, contudo encontra-se atestado em Dalgado (1919, p. 511) que afirma ser do malaio *lantey* que tem origem em “tablado, sobrado”. Atestado em Perujo (1976, p. 141, nota 9) como sendo do malaio *lantay* e deste provavelmente para o português *lanteá*. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com a substituição do fonema fonema final **–a** em **–e**.

LECCIA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Hanno un’altra frutta, che si chiama <<leccia>> molto meglio sí al gusto come alla sanità” (CARLETTI, 1958, p. 183, aspas francesas do autor).

Italiano: *litchi; cilegia della Cina*.

Português: lechia.

Análise do dado: LECHIA: planta da família das sapindáceas (*Litchi chinensis*), originária do extremo Oriente, cujos frutos são semelhantes ao morango, globosos, com a casca rugosa; lichia. Dalgado (1919, p. 519) registra *lechia*, *lichia* e assegura que é o fruto do *Nephelium Litchi* Lamb, e a etimologia é do chinês *li-chi* e do malaio *līchi*. Silvestro (1958, p. 183, nota 1) tem dúvidas de qual fruto seja e acrescenta que deve ser uma espécie do gênero *Anona*. Para Perujo (1976, p. 166, nota 65) esse *Ecasual* passou do malaio para o português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na mudança de fonema português /x/, em /tʃ/ italiana.

LEVADERA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] portandoli via ancora la vela, e insieme l’antenna detta <«levadera».>” (CARLETTI, 1958, p. 22, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: cevadeira.

Citações na obra: p. 26.

Análise do dado: CEVADEIRA: vela pequena, redonda que pende de um mastro do mesmo nome, transversal ao gurupés, que se inclina da ponta da proa para a frente (Houaiss e Aulete). Cardona (1973, p. 189) assegura que é assim se apresenta no texto de Silvestro, no Manuscrito Angélica, do qual foi feita a presente transcrição, enquanto que no código Riccardiano encontra-se “antena della sevadeira”, e possivelmente na cópia de um para outro código foi trocado o s– pelo l–, sendo que *sevadera* é a transcrição do português *cevadeira*. Por ser um *Ecasual* talvez transcrito erroneamente, não analisaremos as adaptações.

MAESTRO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] secondo che dal Capitano Portughesi, <maestro> e piloto della nave, è ordinato questo saranghi” (CARLETTI, 1958, p. 197).

Português: mestre.

Citações na obra: p. 244, 249.

Análise do dado: ver **maestri** em Da Empoli.

MALAVARI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] tengono neto quel mare da’ corsari dell’Indie, detti <«Malavari» dei quali sempre ne vanno a torno per danneggiare ognuno, e spetialmente i mercanti Portughesi” (CARLETTI, 1958, p. 223, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: malabares.

Análise do dado: MALABAR: aquele que é ou nasceu no Malabar. Especificamente Carletti está falando dos piratas malabares, cujas ações corsárias encontram-se descritas em diversos historiadores. Existe o gentílico malabarico, a língua malabarica etc. (cf. Treccani) em italiano; contudo no Carletti é uma adaptação semântica da palavra, para explicitar somente os piratas. Decalque semântico, com adaptação gráfica e fonética com a troca do grafema **b**– por **r**– no italiano e adaptação gráfica de número plural masculino em **–i**.

MANGOSTANI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Vi sono ancora in Malacca diverse altre frutta, come li <<mangostani>>, proportionatissime per levare la sete” (CARLETTI, 1958, p. 201).

Italiano: *mangostano*.

Português: mangostão.

Análise do dado: MANGOSTÃO: fruto proveniente da planta da família das gutíferas (*Garcinia mangostana*), cuja polpa é mole, succulenta e refrescante. Atestado em Cardona (1973, p. 208) como sendo étimo provável do português. GDLI (1961, v. IX, p. 663) afirma que a palavra entrou para o italiano através do inglês *mangosteen* em 1598, conforme o francês *mangostan* ou *mangoustan* e o espanhol *mangostan*. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano **–one** transcrito no feminino, em uma italianização do sufixo português **–ão**.

MANIGLIE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Le donne per contrario vanno vestite e non portano scoperto altro che la gamba con il piede scalzo, il quale riempiono et adornano di <maniglie> di metalli piú o meno pretiosi” (CARLETTI, 1958, p. 93).

Português: manilhas.

Análise do dado: Ver **manigli** em Varthema.

MANTENIMENTI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Li loro <mantenimenti> sono risi, de’ quali ne ricolgono in abbondanza, cotto semplicemente con acqua e sale” (CARLETTI, 1958, p. 95).

Português: mantimentos.

Citações na obra: p. 12, 75.

Análise do dado: Ver **mantimento** em Da empoli.

MATTES s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] et quando è di tutta bontà arriva a dodeci carati, che loro dicono <<mattes>>, ma di questo non se ne vede né contratta mai, sí come anche segue il simile dell’oro che arrivi a 24 carati” (CARLETTI, 1958, p. 157, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: mate.

Análise do dado: MATE: medida de peso utilizada na Índia. Dalgado (1921, p. 43) atesta como uma espécie de quilate utilizado na Índia e na Indochina, do tâmil *mattu*. Atestado em Perujo (1976, p. 142, nota 18) como sendo do português. Adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –t em uma hipercorreção gráfica e de número plural português em –s.

MESTIZZE s. f. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] et chiamansi tutte comumente <<mestizze>> com’a dire mescolate” (CARLETTI, 1958, p. 221).

Português: mestiças.

Citações na obra: p. 222.

Análise do dado: ver **mestizi** em Sassetti.

MONSONE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] m’imbarcai con la nave che parte di Cina per l’India, essendo di già venuto il tempo che si chiama la <monsone>, che è una calle di vento che dura a soffiare tre o quatro mesi” (CARLETTI, 1958, p. 197).

Português: monção.

Citações na obra: p. 198.

Análise do dado: Ver **moson** em Federici e **venti [...] generali** em Da Empoli.

NATURALI adj. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e popolata nelli porti di mare di <naturali> Indiani, oggi cristiani” (CARLETTI, 1958, p. 44).

Português: naturais.

Citações na obra: p. 230.

Análise do dado: ver **naturali** em Da Empoli.

NIPPA s. f. sing. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Non manca loro diverse sorte di bevande, che fanno spetialmente di due sorte di palme, una che chiamano <<nippa>> et è meglio per farne il vino” (CARLETTI, 1958, p. 96, aspas francesas do autor).

Português: nipa.

Análise do dado: ver **nipa** em Federici.

NONO s. m. sing. *Indústria têxtil*.

Atestação: “[...] et chiamansi detto panno <<nono>>, con il quale si rivolgono strettamente in molti giri per tenere la gamba piú fresca e polita e che non sudi” (CARLETTI, 1958, p. 159-160, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: nuno.

Análise do dado: NUNO: tecido de linho, algodão ou palha no Japão. Dalgado (1921, p. 115) registra a entrada com a definição explicitada acima. Perujo (1976, p. 144, nota 17) confirma que se encontra registrado nas crônicas portuguesas do Japão. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com substituição do grafema –**u** do português para o grafema –**o**, em italiano.

PICCO s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “La sorte delle mercantie sono principalmente sete crude, delle quali io ne comprai per mio conto a novanta tael il <<picco>>” (CARLETTI, 1958, p. 156).

Português: pico.

Citações na obra: p. 108.

Análise do dado: ver **pico** em Balbi.

PRINCIPALE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “E subito il <principale> di quelli signori, che spesso è l’essecutore della giustitia fatta, cavato fuori dal fodero la sua storta e impugnandola [...]” (CARLETTI, 1958, p. 117).

Português: principal.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

PULGARE s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Le pigliano nelle mani tra le due dita <pulgare> e indice, posando e affermando prima l’uno di detti fuscellini sopra l’estremità del dito pollice o del mezzo, e l’altro fuscellino preso con le due dita suddette” (CARLETTI, 1958, p. 120).

Italiano: *pollice*.

Português: polegar.

Análise do dado: POLEGAR: dedo mais curto e mais grosso que faz parte da mão. Atestado no português em 1194. Em espanhol temos a mesma palavra, portanto trata-se de um iberismo. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com substituição do grafema –u do português para o grafema –o, em italiano –e, perda do grafema –e central e desinência acréscimo de fonema /e/ final, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –r.

REALI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] et è il maggiore utile che fanno i Portughesi, poiché ne’ <reali> solamente che vengono di Lisbona guadagnano meglio di cinquanta per cento” (CARLETTI, 1958, p. 233).

Português: reais.

Análise do dado: Ver **reali** em Sassetti.

REIS s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] essendo che i reali di otto reali, che in Portogallo vale 32° <reis>, in India vale 489 e 484 reis” (CARLETTI, 1958, p. 233).

Português: réis.

Análise do dado: Ver **reis** em Balbi.

RINFRESCAMENTO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] si piglia <rinfrescamento> di vivere per tutta quella costa abitata” (CARLETTI, 1958, p. 43).

Português: refrescamento.

Citações na obra: p. 44, 46, 240.

Análise do dado: Ver **rinfresco** em Da Empoli.

RIOS s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e da essi dalla terra ferma d’Africa, Capo Verde, e da Los <Rios> che tanto vale como dire dalle fiumare” (CARLETTI, 1958, p. 14).

Português: rios.

Análise do dado: ver **rio** em Da Empoli.

SAGRI s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Similmente fanno pane del midollo di certe palme molto grosse che chiamano <«sagri»> il midollo delle quali, cheggiato e secco al fumo, si sfarina pestandolo in mortai di legno” (CARLETTI, 1958, p. 95, aspas francesas do autor).

Português: sagu.

Análise do dado: ver **saglie** em Da Empoli.

SAPON s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] di dove recano certo legno come quello che si chiama verзино, che loro chiamano «suò» e li Portughesi <«sapon»>, il quale serve per tignere” (CARLETTI, 1958, p. 140, aspas francesas do autor).

Italiano: *verzino*.

Português: sapão.

Citações na obra: *sapan*: p. 194.

Análise do dado: SAPÃO: planta da família das leguminosas (*Caesalpinia sappan*), nativa da Índia e Sudeste da Ásia, semelhante ao pau-brasil, da qual se extrai um corante vermelho. Os viajantes italianos não fazem distinção entre a planta brasileira (pau-brasil, *Cesalpineia equinata*) e o oriental (sapão), que denominam comumente de *verzino*. Atestado em Cardona (1973, p. 208) como sendo étimo do português. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional no uso do sufixo italiano **-on**, (possível interferência fonética da terminação portuguesa **-ão**, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa **-ão**.

SARANGHI s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] sotto il governo d’un loro capo che li comanda, chiamato da essi il <«saranghi»>, pure d’una delle suddette nazioni” (CARLETTI, 1958, p. 197, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: sarangue.

Citações na obra: p. 197.

Análise do dado: SARANGUE: piloto, guarda da proa. Evidentemente existe uma controvérsia entre o cargo explicitado pelo Carletti e os nossos dicionaristas, pois tanto Bluteau (1712, p. 496) quanto Dalgado (1921, p. 294) explicitam a definição acima. Dalgado sustenta que a palavra origina-se do persa *sharang*, que significa “comandante, fiscalizador”. Atestado em Cardona (1973, p. 191) como sendo do português e acrescenta que em malaio a palavra adquiriu o significado de “capitão da equipe”. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica com mudança do dígrafo –gu para –gh em uma normal italianização desse fonema.

SCOTIGLIA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] con il continuo aggotare l’acqua che già si poteva arrivare et si cavava con caldaie e altro dalla <scotiglia> et le bombe o trombe non potevano più adoperarsi” (CARLETTI, 1958, p. 250).

Italiano: *scottiglia*.

Português: escotilha.

Análise do dado: ESCOTILHA: abertura nos navios que põe em comunicação entre si as cobertas, o convés e o porão, servindo também para iluminar e arejar o interior das embarcações (Aulete). Atestado em Cardona (1973, p. 191) como provável étimo do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética na troca da líquida portuguesa /ʎ/ transcrita em –gli.

SERAFFINI s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] et accordai di darli mille <seraffini>, moneta di Goa ache vale giulli sette e mezzo” (CARLETTI, 1958, p. 241).

Português: xerafins.

Análise do dado: ver **seraphi** em Varthema.

SOMMA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Tra quali mercanti e li marinari giapponesi che guidavano il navilio, che loro chiamano <«somma»>, nacque una spaventevole contesa” (CARLETTI, 1958, p. 147, aspas francesas do autor).

Italiano: –

Português: soma.

Citações na obra: *somme*: p.104, 105.

Citações em outros autores: Borri, *somme*: p. 96.

Análise do dado: SOMA: embarcação de comércio e guerra, semelhante ao junco, antigamente utilizada na China e na Malásia (Houaiss). Atestado em Dalgado (1921, p. 313) que dá a definição que se encontra acima. Decalque homonímico com adaptação gráfica no acréscimo no italiano do dígrafo **-m**, em uma hipercorreção gráfica.

SURA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “È di sapore dolce, e chiama-se <«sura»>, molto grato al gusto, che per farne vino si stilla a lambicco e diventa una bevanda come acquavite” (CARLETTI, 1958, p. 97).

Italiano: –

Português: sura.

Análise do dado: SURA: líquido extraído da espata de palmeira e quando destilado converte-se em aguardente. Carletti distingue as duas palmeiras das quais se extraem bebidas que após a fermentação ou destilação tornam-se alcoólicas, a *nipa* (extraída da nipeira) e a *sura* (extraída de uma palmeira que ele chama de *noce d’India*). Atestado em Perujo (1976, p. 94, nota 16) como sendo do português, e deste vindo do concani *sur*. Sem adaptação.

SURTE verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e stando ancora loro <surte>, non si potevano valere se non dell’artigliaria d’una sol banda” (CARLETTI, 1958, p. 249).

Português: surgidas.

Análise do dado: ver **surgemmo** em Varthema.

TAICO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Del Giappone, nel tempo quand’io arrivai in quel regno, era signore universale <Taico> Sama [...]” (CARLETTI, 1958, p. 123).

Italiano: –

Português: táicum.

Citações na obra: p. 128.

Análise do dado: TÁICUM: antigo chefe militar japonês, o mesmo que xógun (Aulete). Dalgado (1921, p. 338-339) registra *taico*, *taicozama*, com o significado de primeiro ministro ou regente de um império, composto de *tai*, grande e *kūn*, príncipe; Perujo (1976, p. 116, nota 27) afirma que *taikō* (taico) é o título que Toyotomi Hideyoshi tomou nos últimos anos de sua

vida; *sama* significa senhor. Dalgado registra também *taico*, do mesmo modo como escreve Carletti. Provavelmente o autor tenha transcrito este *Ecasual* como ouviu.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] essendo questa fatica e <travaglio> che da uomini bianchi non potrà mai essere tollerata” (CARLETTI, 1958, p. 36-37).

Português: trabalho.

Citações na obra: p. 42, 252.

Análise do dado: ver **travaglio** em Da Empoli.

TROMBA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] et tutto pigliano con la premoscide, che li Portughesi chiamano <tromba>, la quale serve loro di mane” (CARLETTI, 1958, p. 210).

Italiano: *proboscide*.

Português: tromba.

Citações em outros autores: Borri: p. 39.

Análise do dado: TROMBA: extensão longa e tubular do focinho própria de alguns mamíferos; probóscide. O próprio Carletti atesta que é um *Ecasual* do português.

VERZINO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e arrivamo ancora al fiume della Plata, che sbocca nella costa della terra chiamata del Brasil o <Verzino>” (CARLETTI, 1958, p. 56).

Português: Brasil.

Citações na obra: *verzino* (*angiosperma*): p. 194.

Análise do dado: Ver **Verzino** em Corsali.

VETTOVAGLIE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] dove portano farine di grano e altre sorte di <vettovaglie> e merce” (CARLETTI, 1958, p. 140).

Português: vitualha.

Análise do dado: ver **vetovaglie** em Corsali.

5.9.2.2 UFcasuals em Carletti

AGGOTARE L'ACQUA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] con il continuo <aggotare l’acqua> che già si poteva arrivare et si cavava con caldaie e altro dalla scotiglia et le bombe o trombe non potevano più adoperarsi” (CARLETTI, 1958, p. 250).

Italiano: *eliminare, scaricare l’acqua*.

Português: esgotar a água.

Análise do dado: ESGOTAR: esvaziar, eliminar a água. Cardona (1973, p.191) ao examinar a palavra *trombe*, que se encontra após esse *Ecasual* coloca entre parênteses um ponto de interrogação, a dúvida: é ou não o português *esgotar*?. Podemos considerar sim um *Ecasual* do português, pois em italiano não existe essa palavra e no português é atestada desde o século XVI. Decalque aproximativo do português, com a completa transcrição da inteira locução no italiano.

AMMAINARE LE VELE s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] che quando vogliono ammainare le vele, quelle si ripiegano come fa un ventaglio” (CARLETTI, 1958, p. 104).

Português: amainar as velas.

Análise do dado: ver **vele amainate** em Pigafetta.

BARRE [...] D'ARGENTO loc. subs. *Comércio*.

Atestação: “Molti mercanti ricchi di tre e quattrocento <barre e verghe d’argento>, che vagliono cinquecento scudi l’una in circa, accastandole ne fanno letti” (CARLETTI, 1958, p. 47-48).

Português: barra de prata.

Análise do dado: ver **bara de oro** em Pigafetta.

BOCCE DI [...] PORTI loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] porta e muove con il mare grosso tanta rena, che serra le <bocche di detti porti>.” (CARLETTI, 1958, p. 223).

Português: bocas dos [...] portos.

Análise do dado: ver **bocca del [...] fiume** em Corsali.

DARE LA PANCADA s. livre. *Comércio*.

Atestação: “[...] et a vedere le mercantie, et a farli il prezo, che loro chiamano <«dare la pancada»>” (CARLETTI, 1958, p. 156).

Português: dar a pancada.

Análise do dado: ver **dar pancata** em Sassetti.

GALLINA [...] DI GUINEA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “In particolare pigliamo molte di quelle <galline che loro chiamano di Ghinea>” (CARLETTI, 1958, p. 12).

Italiano: *faraona*.

Português: galinhas (que eles chamam) de Guiné.

Análise do dado: GALINHA-DA-GUINÉ: ave da família dos numídídeos (*Numida meleagris*), originária da África, de plumagem cinza pintalgada de branco; galinha-d’angola. Atestado em Cardona (1973, p. 209) como sendo do português. Decalque homonímico do português, com a completa transcrição da inteira locução no italiano.

LINEA EQUINOTIALE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Ma quella di S. Jacopo, dove noi approdammo, resta in 16 gradi lontana dalla <linea equinotiale> verso tramontana ” (CARLETTI, 1958, p. 10).

Português: linha.

Citações na obra: *linea equinotiale*: p. 21, 28, 43, 106, 117, 143.

Análise do dado: ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

MAIS QUE MORRER s. livre. *Outros*.

Atestação: “[...] et dicono comumente un proverbio in lingua Portughesa <«Mais que morrer»>, che vuol dire «Ancorché si muoia, suo danno»” (CARLETTI, 1958, p. 226, aspas francesas e grifos do autor).

Italiano: –

Português: mais que morrer.

Análise do dado: MORREU AZAR O SEU: equivale a dizer – se algo acontecer o problema é seu. Não encontramos a exata expressão *mais que morrer*, apenas a que explicitamos acima, a qual possui o mesmo significado dado pelo autor no contexto. O uso dessa expressão encontra-se em uma parlenda: “Lá em cima do piano tinha um copo de veneno, quem bebeu

morreu, azar o seu”. Como o próprio Carletti atesta, é portuguesa. Decalque livre do português, com a completa transcrição da inteira locução no italiano.

MANGIARE REALE loc. subs. *Usos e costumes.*

Atestação: “[...] tra le quali ne dirò solamente una che si chiama <«mangiare reale»>, che fanno di polpa di cappone, cotto prima lessa o arrosto, le quali sfilano minutissimamente et poi incorporano et pestano con mandorle, zucchero, ambra, musco, perle macinate, acquarosa e torli d’uova” (CARLETTI, 1958, p. 227, aspas francesas do autor).

Italiano: *mangiare reale*.

Português: manjar real.

Análise do dado: MANJAR-REAL: antiga iguaria da cozinha portuguesa. Consiste em carne de frango cozido e desfiado, socado no pilão juntamente com amêndoas, farinha, açúcar etc. Uma receita semelhante consta no livro *A arte da cozinha*, de Domingos Rodrigues e publicado em 1680. A receita é a seguinte: “Deite-se em um tacho um peito de galinha meio cozido e desfiado e desfaça-se muito bem diluindo-o no mesmo tacho com a colher; misture-se com o miolo de um vintém de pão ralado, uma quarta de amêndoas bem pisadas e dois arráteis de meio de açúcar em ponto de espadana; depois de batido tudo isto, ponha-se a cozer em lume brando, até que engrosse; como estiver grosso, deite-se nos pratos e mande-se à mesa”³³³. Atestado por Perujo, (1976, p. 205, nota 14) que afirma tratar-se seguramente de uma palavra do português, contudo não sabe dizer a qual forma corresponde na nossa língua. Decalque homonímico do português, com a completa transcrição da inteira locução no italiano; adaptação gráfica e fonética nos acréscimos dos fonemas /e/ finais, em uma italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –r e –l.

OCCHI DI GATTA loc. subs. *Comércio.*

Atestação: “[...] che di là vengono a detta India, come vini, olii, coralli, vetri <occhi di gatta> balasci, smeraldi, perle grosse et altre diverse merce” (CARLETTI, 1958, p. 233).

Português: olho de gata.

Análise do dado: ver **occhi di gatta** em Federici.

PESCE DONNA loc. subs. *Exploratório-científico.*

³³³ Receita contida em: RODRIGUES, Domingos. **A arte de cozinha** (1680). Introdução de Paula Pinto e Silva, com 31 receitas atualizadas por Flávia Quaresma. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2008, p. 151.

Atestação: “[...] e quello del meraviglioso <pesce donna>, così chiamato per avere tanta somiglianza, che dicono che li negri del paese, pigliandoli per quei mari, se ne servono bestialmente come se fossero vere donne” (CARLETTI, 1958, p. 234).

Italiano: *pesce donna*.

Português: peixe-mulher.

Citações em outros autores: Cavazzi: p. 52; De Carli: p. 87.

Análise do dado: PEIXE-MULHER: fêmea do peixe-boi, mamífero do gênero triquequídeos. Conhecidos geralmente como peixes-boi habitam o Atlântico, as costas da África e das Américas e se dividem em três espécies: o peixe boi africano (*Trichechus senegalensis*); o peixe-boi marinho (*Trichechus manatus*) e o peixe-boi-da-amazônia, que é único e de água-doce (*Trichechus inunguis*). Existe outro peixe que se assemelha ao descrito por Carletti e por Cavazzi (1687), o dugongo (*Dugong dugon*), da ordem dos Sirenios como o peixe-boi, contudo o seu habitat é a costa oriental da África, a costa ocidental da Índia, todo o oeste e sudeste Asiático, ilhas do Pacífico e Austrália. Como o peixe-boi habita a costa ocidental da África, acreditamos que os dois viajantes italianos estejam falando deste peixe. O *pesce-donna* – peixe-mulher – faz parte do imaginário coletivo de diversas culturas desde a antiguidade (as sereias de Homero, a Iara dos nossos índios). No contexto parece representar as sereias no fantástico dos habitantes da costa da África. Cavazzi (1687) apresenta duas figuras antropomórficas na representação do peixe-mulher: a primeira, encomendada por Alamandini e inserida entre as páginas do livro, expõe o binômio homem-mito, onde os elementos anatômicos são notadamente humanos e perceptíveis, sobretudo na composição das partes que evocam a sensualidade (cabelos, seios, genitália, cf. Fig. 3). A segunda figura, desenhada sob a orientação de Cavazzi, está inserida no interior do texto: o peixe-mulher se encontra integrado no seu habitat natural e não evoca a lubricidade do primeiro. Esta última figura preserva as formas humanas e animais em um modo mais comedido, sem apresentar a expressividade e liberdade criativa do primeiro (cf. Fig. 17). Decalque homonímico do português, com a completa transcrição da inteira locução no italiano.

Figura 17 - Peixe-mulher de Cavazzi³³⁴

PIETRA [...] DEL PORCOSPINO loc. subs. *Usos e costumes.*

Atestação: “[...] come similmente feci d’una <pietra chiamata del porcospino>, detta altrimenti pietra di Malacca” (CARLETTI, 1958, p. 207).

Português: pedra de porco-espinho

Análise do dado: ver **pietra del porcospino** em Sassetti.

SANGHE DI DRAGO loc. subs. *Matérias-primas transformadas.*

Atestação: “[...] pieno di boscaglie e d’alberi in tutto diversi dalli nostri, tra quali veddi quello dal quale si cava il <sangue di drago>” (CARLETTI, 1958, p. 64).

Português: sangue de dragão.

Análise do dado: ver **sanghue di dragon** em Da Empoli.

5.9.2.3 Proto/nomcasuals em Carletti

CANNE GROSSE loc. subs. *Exploratório-científico.*

Atestação: “E cominciorno a mostrarci quello che loro portavano, che era quantità di <canne grosse> a meraviglia, e verde e piene di acqua fresca” (CARLETTI, 1958, p. 80).

Português: canas grossas.

Citações na obra: canne: 95, 104, 105; c. *grossissime*: p. 94.

³³⁴ In: Cavazzi, 1687, p. 52.

Análise do dado: canas grossas por bambu. Ver **canna de India** em Vartema.

LIMONCINI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Ve ne sono un'altra sorte, tanto piccoline che se ne può fare un boccone dell'una come si fa delle ciriege, e paiono piú tosto <limoncini>, che si mangiano similmente con la buccia e acconci in confetti sono pretiosissimi ” (CARLETTI, 1958, p. 118).

Italiano: *fortunella; kumquat*.

Português: limãozinhos.

Análise do dado: LARANJINHA KINKAN: fruto da planta da família das rutáceas (*Fortunella margarita*) conhecida popularmente como laranjinha *kinkan* ou laranjinha *de ouro*. No sul, sobretudo em Santa Catarina é conhecida como laranjinha *chinchim*. Parecida com uma laranja pequena, a casca é fina, aromática e comestível sendo que a polpa é bastante ácida. Utilizada na culinária, no fabrico de geleias, compotas e licores, é rica em vitamina C, potássio e cálcio; é também empregada como planta ornamental. Apesar de ser uma laranja conhecidíssima no sul do Brasil, não encontramos o registro desse cítrico nos dicionários do *corpus*, contudo o registramos apenas para constar, pois não interferirá na análise final. Decalque livre.

SI TAGLIANO DA PER LORO s. livre. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] <si tagliano da per loro> [...], con una di quelle loro catane minori, facendosi con essa una croce sopra il ventre, che sfonda insino all'intestini: questo tengono che sia una sorte di morte onoratissima”. (CARLETTI, 1958, p. 149).

Italiano: *karachiri; carachiri*.

Português: cortam-se eles mesmos.

Análise do dado: HARAQUIRI: suicídio ritual praticado por membros da classe guerreira e pelos nobres japoneses, que consiste em rasgar o ventre à faca ou a sabre (no contexto com a catana). Carletti descreve o ritual em todos os pormenores comentando esse costume tradicional. Decalque livre.

VINO [...] DI RISO s. livre. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Il <vino si fa di riso>, cotto al vapore recipiente dell'acqua che bolle in una caldara, il quale, di poi di essere cotto, mescolato con fiore di cenere e lassarlo così stare tanto che diventa muffato [...]” (CARLETTI, 1958, p. 109).

Italiano: *sake*.

Português: saquê.

Análise do dado: SAQUÊ: bebida tradicional japonesa feita de arroz fermentado. Carletti explica passo a passo todas as etapas da obtenção dessa bebida. Decalque livre.

5.10 CRISTOFORO BORRI

Para a compilação das ocorrências em Cristoforo Borri utilizamos a obra *Relatione della nuova missione delli Padri della Compagnia di Giesù al Regno della Cocincina* (doravante RelationiB). O texto dessa obra é publicado pela primeira vez em 1631, em Roma, por Francesco Corbeletti. A bibliografia sobre Borri encontra-se em Guglielminetti (1976) e dois artigos que falam sobre os estudos de astronomia feitos por Borri, em Luís Miguel Carolino (2007 e 2008). Para informações históricas e geográficas sobre a Cochinchina consultamos Giulio Ferrario (*Il costume antico e moderno, ovvero [...]*, v. III. Torino: A. Fontana, 1829, p. 254-298). Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1631, sem modificações, apenas transcrevendo em **e** o sinal gráfico **&**, que representa esta letra.

5.10.1 Borri: um matemático, astrólogo, missionário e viajante na Cochinchina

Olha ca pelos mares do Oriente as infinitas
ilhas espalhadas: ve Tidor, e Ternáte, co' o
fervente cume, que lança as flammaz
ondeadas: as arvores verás do cravo ardente
co' sangue portuguez inda compradas. Aqui
ha as aures aves, que não decem nunca á
terra, e so mortas aparecem (Os Lusíadas,
canto X, 132).

A partir de Borri, nesta pesquisa, temos uma mudança radical no perfil do viajante: não se fala mais de aventureiros ou de mercadores atrás de riquezas, mas de homens cujo ideal é catequizar os gentios, cumprindo um dos objetivos principais das grandes navegações: a propagação da fé cristã. O papa Gregório XV com a instituição da Propaganda Fide³³⁵ envia sacerdotes às colônias, sobretudo padres franciscanos e jesuítas. No Brasil temos o exemplo

³³⁵ A Sagrada Congregação da Propaganda Fide instituída pelo Papa Gregório XV, com a bula *Inscrutabili Divinae Providentiae* de 1622 tinha por objetivo, na sua origem, coordenar e dirigir a atividade missionária, bem como garantir a expansão do cristianismo nos territórios ultramarinhos europeus. Os fundamentos da Propaganda Fide foram redefinidos no pontificado do Papa João Paulo II, em 1988, e passou a ser denominada Congregação para a Evangelização dos Povos.

de José de Anchieta; no Oriente os grandes catequizadores são Francisco Xavier e Matteo Ricci. Muitos outros seguem os seus exemplos, abandonando a vida relativamente confortável para enfrentar culturas alienígenas, embrenhar-se em nas florestas inóspitas, padecendo muitas vezes de fome – como acontece com Borri – ou febres tropicais como Cavazzi e De Carli. Outros morrem vítimas de agressão por parte dos habitantes autóctones (lembrando o Bispo Sardinha, que foi morto pelos nossos indígenas) ou por regimes que veem na religião cristã uma ameaça ao seu sistema, como no caso dos mártires do Japão.

Inicialmente a literatura religiosa é cronística e martirológica e relata a obra missionária ao superior da ordem. A seguir instaura-se uma literatura de tipo informativo, que divulga os progressos nas missões ou as dificuldades enfrentadas, intercalando informações de cunho cultural, geográfico, científico etc. De Carli, por exemplo, conta minuciosamente as almas que consegue salvar diariamente, através do batismo (quanto mais batiza, menos serão os condenados às penas do inferno). O missionário, na sua “contabilidade”, tenta provar que o seu trabalho missionário é produtivo, “como se semelhantes estatísticas encerrassem em si dignamente e eficazmente a sua atividade”³³⁶ (GUGLIEMINETTI, 1976, 35). Ao mesmo tempo descreve as comunidades africanas: seus costumes, a sua religião a fauna, a flora e muitos outros dados que julga serem interessantes. Com Borri e, mais tarde, com Antonio Murchio (que na ordem assume o nome de Padre Vincenzo Maria di Santa Caterina da Siena), muda o aspecto dessa literatura de cunho religioso, que se aproxima mais aos relatórios dos viajantes leigos.

Desse último tipo de literatura faz parte Cristoforo Borri (Borrus, Borro ou Borri), conhecido no mundo português como Cristóvão Bruno, matemático, astrólogo, missionário e viajante, nascido em Milão, em 1583. Entra para a Companhia de Jesus estudando Teologia no Colégio de Brera, que nesse tempo já possui o estatuto de universidade. Em 1601, torna-se padre e a partir de 1607 inicia a sua carreira de professor de Matemática e Filosofia, primeiramente em Mondovi (1607-1610) e em seguida em Brera (1611-1614). Nesse período dedica-se à astrologia, tomando conhecimento das principais teses da época, as quais passa a defender publicamente: o sistema planetário de Brahe, a teoria da fluidez celeste, as descobertas de Galileu feitas por meio do telescópio, recentemente inventado. Borri realiza diversas observações astronômicas sobre a superfície da lua, sobre Júpiter, sobre os anéis de Saturno e sobre as fases de Vênus, tomando conhecimento das teorias de Galileu e de Kleper (CAROLINO, 2008, p. 268).

³³⁶ “come se simile statistiche suggellassero degnamente ed efficacemente la sua attività”.

Após ensinar a teoria da tripartição dos céus, da sua fluidez e corruptibilidade, é peremptoriamente afastado do ensino, pois essas ideias inovadoras se opõem ao momento de cautela pelo qual passa a Companhia de Jesus, devido a uma controvérsia teológica com os dominicanos (relativa ao modo de melhor conciliar o auxílio da graça divina e o livre arbítrio), que ameaça abalar o prestígio dos padres jesuítas. Não podendo ensinar, a sua única saída é tornar-se missionário (CAROLINO, 2007, p. 183-184). Em 1615 pede para ir o Extremo-Oriente, chegando a Goa, onde permanece seis meses. Em 1616 viaja para Macau, lecionando no colégio Madre de Deus; contudo, a sua missão é no país que os lusos chamam de Cochinchina (na região sul da Indochina, que compreende parte dos atuais estados do Laos e Vietnam). Borri (1631, p. 221) assegura que o mandam à Conchinchina a fim de aprender a língua para poder abrir uma missão no reino de Tonkin, onde a língua é a mesma. Chega em 1617 e é a partir da sua estadia nessa península que se concentra todo o conteúdo da sua *Relatione/B*.

É o primeiro a escrever sobre o Vietnam, inteirando o mundo sobre aquele povo e sua geografia, a par do estudo dos fenômenos astronômicos, em uma atividade constante de pesquisador e de professor. Apesar de ser praticamente exilado do seu país e da sua profissão, não perde a dinâmica professoral; o seu livro é um pequeno compêndio histórico e cultural, elaborado didaticamente, com os assuntos separados metodicamente, o que dá clareza e percepção ao conteúdo. O seu olhar ao povo e ao país é completamente desprovido do preconceito que reveste alguns viajantes e missionários, vendo, na expressão da cultura, uma respeitosa manifestação da identidade de um povo. Borri, mais que catequizar e converter, se preocupa em contextualizar a catequização no seu ambiente histórico, traçando um retrato das figuras importantes que colaboram com o desenvolvimento da missão, como do governador da província de Qui-nhon (a Pulucambi de Borri), da Senhora Giovana, uma dama da elite convertida ao cristianismo ou dos japoneses que vivem em uma cidade cujo terreno é doado pelo governo local.

Quando ali chega, a missão na Cochinchina desenvolve-se a todo o vapor, pois os reinantes locais são tolerantes, seja com a cristianização, seja com os estrangeiros, diferentemente dos chineses, que não permitem a entrada de pessoas vindas de outros países. Borri relata que o povo cochinchinense é extremamente hospitaleiro e receptivo, “tanto que nos parecia estar entre amigos há muito tempo conhecidos: e esta é uma grande disposição para facilitar aos ministros de Cristo a pregação do Santo Evangelho”³³⁷ (BORRI, 1631, p.

³³⁷ “che ci pareva à punto di stare tra amici, e di molto tempo conosciuti: e questa é una gran disposizione per facilitar a’ ministri di Christo la predicatione del Santo Evangelio”.

50). Primeiramente, reside em Tourane e, depois, em Fai-fo. Nesta cidade japonesa construída com permissão do governo local no seu território (enclave), conhece o governador de Pulucambi, que o convida a acompanhá-lo, pois o tem em alta estima. De comum acordo com o provincial da ordem, Borri, pensando no trabalho missionário, aceita a oferta.

A amizade com o governador o levou, juntamente com o padre Francesco Buzome e Francesco de Pina, à cidade de Nouecman (Nuoc-man), onde é construída uma igreja e uma casa para que eles iniciem a missão. Para seu espanto, o governador manda um “um exército de mais de mil pessoas, todas carregadas com o material para esta construção [da igreja]” e “com não menos espanto nosso foi posta em pé, em um só dia, toda a construção”³³⁸. (BORRI, 1631, p. 135). A amizade forte que o une ao governador lhe rende conversas quase que diárias, quando este vem visitá-lo, acompanhado da sua corte. O governador considera tão interessantes as discussões com Borri, que muitas vezes, para não perder tempo, dá as audiências no pátio da casa paroquial! Apesar de Borri não conseguir convertê-lo à fé cristã, o tem em alta conta pela sua cultura e conhecimento, pela sua bondade e gentileza. É um período muito produtivo para a sua missão, pois os conchinchineses, vendo o apoio dado pelo governador, convertem-se. Nada falta aos missionários, sustentados pelo nobre protetor: a comida é abundante, a casa acolhedora e a messe é grande.

Infelizmente o governador morre repentinamente e com a sua morte vem também o período de vacas magras. Ficam, como relata, órfãos, abandonados por todos, sem comida e sem ajuda, desaparecendo até os neocatólicos que, ao verem os padres sem a proteção do governador, voltam à antiga religião. Com medo de pedir ajuda, os três padres restam à mercê da própria sorte, comendo o que conseguem prover com o seu trabalho braçal. Após três anos de padecimentos físicos e espirituais – pois além de faltar comida, não podem cumprir a missão evangelizadora que lhes é tão cara – decidem os dois outros padres companheiros voltar, um a Faifó, e outro a Turon. Borri fica sozinho, sem intérprete para cuidar das poucas almas que permanecem fiéis à Igreja.

Mas, quando “a humana fragilidade nossa mais se mostrou desconfiada da Divina ajuda”³³⁹ (BORRI, 1631, p. 154), eis que o Senhor manda em seu socorro, na pessoa de uma dama e a sua corte, a ajuda que necessita. Em uma caravana de elefantes ricamente adornados, chega na frente de sua casa: é a mulher do embaixador que o rei da Cochinchina enviará pouco tempo depois ao Camboja. A embaixatriz, conhecendo algumas poucas coisas da

³³⁸ “esercito di più di mille persone, cariche tutti di materiale per questa fabrica” e “con non poca nostra maraviglia fu posta in piedi in un solo giorno tutta quella macchina”.

³³⁹ “l’humana fragilità nostra più si mostrò sconfidata del Divino soccorso”.

religião cristã, pede a ele, Borri, que a instrua nos mistérios da fé, mas ele não conhece suficientemente a língua para poder ensiná-la. Logo, porém, volta o Pe. Buzome que, com o seu intérprete, a instrui e a batiza com o nome de Úrsula, a ela e a toda as damas de companhia. O embaixador é nativo de Nuoc-man, e depois que o governador anterior morre, é a maior autoridade do lugar. Logo após a sua chegada à cidade, também ele se converte, abandonando os ídolos e, com um pouco de resistência, também as concubinas. Ao ser batizado toma o nome de Inácio, em homenagem ao fundador da ordem dos Jesuítas.

Em 1622 o missionário parte da Indochina e vai a Goa, ficando ali cerca de dois anos. Nessa cidade encontra outro viajante italiano, Pietro della Valle, um nobre que viaja por sua própria conta, que o convence a escrever outro tratado. Nasce assim *De Nova mundi constitutione juxta systema tichonis Brahe aliorumque recentiorum mathematicorum*. Della Valle o traduz para o persa, em 1624, e mais tarde para o italiano. Borri permanece nessa cidade da Índia por dois anos, em seguida regressa à Europa. Na cidade de Coimbra, de 1626 a 1627, Borri ensina matemática no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra e posteriormente, em Lisboa, no ano de 1627 a 1630, na Aula da Esfera, no Colégio Santo Antão, então considerado o principal centro de formação matemática de Portugal. Nesse período redige um conjunto de normas chamado a *Arte de Navegar*³⁴⁰ datado de 19 de março de 1628, endereçado aos pilotos que viajam à Índia, demonstrando que seria mais profícuo se os navegantes usassem a sua proposta de navegação de leste a oeste. Escreve também a *Collecta astronomica ex doctrina P. Cristophori Borri Mediolanensis ex Societate Iesu; de tribus coelis, aereo, sidereo, empíreo [...]*. (Lisboa 1629-1631).

Posteriormente parte para Madrid a convite do rei Felipe IV e, perante as autoridades competentes da corte espanhola, apresenta e debate sobre as suas teorias sobre a navegação. Decepcionado pela não aceitação, por parte dessa assembleia, do método que expõe, resolve tornar à Roma. Amargurado e desiludido, abandona a Companhia de Jesus e pede licença ao papa para entrar na Ordem dos Cisterciences, no mosteiro da Basílica de Santa Cruz de Jerusalém (Roma), mas, após completar rapidamente o noviciado (em apenas três meses), não é aceito pelo superior da abadia. Decide então entrar em outro convento, provavelmente o de São Bernardo e após algumas semanas é expulso. Abre um processo contra os abades dos dois mosteiros: vence a causa, contudo, morre improvisamente, no dia 24 de maio de 1632 (DBI, 1961, v.13).

³⁴⁰ O manuscrito foi publicado em Lisboa em 1940.

É importante sublinhar que Borri, com o seu grande conhecimento de astronomia e matemática, colabora não somente no âmbito científico, mas também no missionário. É graças aos seus dotes de sacerdote, de matemático e astrônomo, pela sua capacidade de demonstrar a Verdade cientificamente, que consegue converter à fé cristã potentados, sacerdotes e o povo conchinchinês. Depois da sua saída, a Igreja vietnamita prospera, apesar de todas as perseguições sofridas durante os séculos seguintes.

5.10.2 A Relatione/B de Borri, um tratado sobre um país

A Relatione/B é dedicada ao papa Urbano VIII, a quem escreve também um pequeno prefácio. É dividida em duas partes: a primeira trata de aspectos temporais da Cochinchina, incluindo as riquezas, o povo, a cultura, a organização política do país, plantas e frutas; a segunda trata do aspecto espiritual, sobretudo das conversões feitas pelos padres Jesuítas. Em alguns capítulos inclui descrições de templos e das diversas religiões existentes no país. No decorrer do capítulo sobre o seu labor espiritual – desenvolvido junto aos habitantes da Indochina – inclui uma pequena explanação sobre astronomia, falando da passagem de alguns cometas que cruzam nessa região asiática, em 1618 (na realidade observa apenas um, os outros, pelas condições adversas, não são vistos por ele), do eclipse da lua em 9 de dezembro de 1620 e do eclipse solar de maio de 1621. As previsões de Borri sobre os eclipses, feitas bem mais corretamente do que as elaboradas pelos astrônomos anamitas, contribuem para que a missão jesuítica não seja quase que completamente extinta. A obra deste missionário é considerada o primeiro relatório de viagem que fala sobre a península da Indochina, sendo largamente difundida entre os vários países da Europa, com traduções em vários idiomas: francês, latim, inglês, alemão e holandês.

Geralmente, os viajantes descrevem a viagem feita por mar, pois é para eles uma experiência assustadora; Borri se exime dessas descrições. Ele é um cientista, as dificuldades são poucas e minimizadas, interessa-lhe o objeto na sua essência. Mesmo não havendo o que comer, ao invés de lamentar-se, prefere falar sobre a qualidade e quantidade da produção de arroz do delta do Mekong, estudando-lhe o regime das chuvas e a fertilidade do solo. Tendo sido praticamente “expulso” da sua atividade de pesquisador e professor na Itália, não a abandona e ali, no longínquo Oriente, continua a ser um professor e pesquisador se não em tempo integral, pelo menos quando lhe aparece uma oportunidade.

O fato de não falar nada sobre a viagem de navio, tanto da ida quanto da volta, faz com que os termos da área semântica da marinha não compareçam no seu relatório. Apesar do contato quase constante com os portugueses e da permanência por alguns anos em Lisboa, dando aulas, a interferência da nossa língua na sua escrita é muito restrita, limitando-se à transcrição dos nomes que os lusitanos residentes na Cochinchina dão às diversas frutas e plantas, nomes esses originários da língua local. Ocorrem raros novos *Ecasuals*, sendo os restantes comuns na língua dos viajantes que o antecedem.

Inicia o seu relato fazendo um pequeno estudo sobre a origem da palavra Cochinchina:

A Cochinchina assim chamada pelos Portugueses,³⁴¹ é pelos Nativos chamada Anam, nome que significa parte ocidental, sendo verdadeiramente este reino ocidental à respeito da China [...] do mesmo vocábulo dos japoneses, Cochim, e desta outra palavra China formaram esse terceiro nome, Cochinchina, adaptando-o à esse reino, quase dizendo Cochim da China, para distingui-lo de Cochim, Cidade da Índia, habitada pelos mesmos Portugueses³⁴² (BORRI, 1631, p. 5).

Após expor minuciosamente a geografia do país, fala do delta do Rio Mekong e das inundações repentinas, provenientes das chuvas torrenciais, frequentes nos meses de setembro a novembro e mais esparsas, mas não menos fortes, de dezembro a fevereiro. Estas são como uma benção para o país, por vários motivos, entre eles, pela grande fertilidade, advinda da inundação, que enriquece o solo de materiais orgânicos. O delta do Mekong caracteriza-se, já nesse período, como uma zona de grande produção de arroz, alimento básico da população. Outro motivo é que muitos animais se afogam com as cheias e toda a população sai à sua procura, em alegres incursões, em verdadeiras regatas de barcos. Devido a uma lei que permite apossar-se desses animais mortos livremente, há uma grande quantidade de carne à disposição para a alimentação. Sendo a carne abundante, fazem-se banquetes contínuos, motivo pelo qual a enchente é esperada com verdadeira ansiedade.

Outro benefício trazido pelas cheias do Mekong é o extermínio de pragas: como as plantações de arroz são muitas, nelas encontram-se grande quantidade de ratos que, com as enchentes, refugiam-se nas árvores procurando salvarem-se do afogamento. Os roedores,

³⁴¹ Os portugueses estabeleceram-se na Cochinchina no período de 1615 a 1660, trazendo com eles os missionários.

³⁴² “La Cocincina così detta da Portoghesi, da proprij Paesani si chiama Anam, voce che significa parte occidentale, essendo veramente questo Regno occidentale rispetto alla Cina [...] del medesimo vocabolo de’ Giapponesi, Coci, e di quest’altra voce, Cina, ne formarono questo terzo nome, Cocincina, appropriandolo à questo regno, quasi dicessero Cocin della Cina, per maggiormente distinguerlo da Cocin, Città dell’India, habitata da’ medesimi Portoghesi”.

pendendo dos ramos como graciosos frutos balançantes, lembram uma paisagem surrealista: as crianças acorrem, em suas barquetas, sacudindo os ratos das árvores e afogando-os, constituindo-se essa brincadeira um grande divertimento. Raciocina Borri que esse tipo de brincadeira é muito útil, pois extermina grande parte dos ratos que poderiam trazer um mal maior, não fossem dessa maneira combatidos. Passagens como essas levam Guglielminetti (1976, p. 35) a afirmar que “são imagens, estas, espontâneas e puras, que até então nenhum missionário tinha sabido gravar com mão tanto leve”³⁴³.

Não se limita a expor a geografia; explana também sobre as lutas internas e a história da formação dos reinos na Indochina. A Conchincina inicialmente faz parte do reino de Tonkin e foi usurpada por um avô do reinante atual, através de um estratagema não muito leal. Relata Borri que o antepassado, ao ser nomeado governador da região, se rebela contra o rei e se apossa dos armamentos de naus lusitanas e holandesas naufragadas nas costas da Cochinchina; cerca de sessenta peças de artilharia pesada são “repescadas” pelos habitantes, que se tornam hábeis no seu manuseio, bem mais até que os próprios europeus. Com navios e uma boa frota, o novo governante pode fazer frente ao rei de Tonchin e se apossar dessa parte do reino, porque a potência desse reino, adverte Borri, era tanta, que em pouco tempo consegue dispor no campo de batalha oitenta mil soldados (BORRI, 1631, p. 85-87).

A tolerância existente em relação aos estrangeiros no reino permite que muitas nações usufruam do território e do comércio ali existentes, como vinha sendo feito até então pelos portugueses, chineses e japoneses. Os holandeses, querendo estender os seus domínios, vão ao rei e pedem permissão para negociar, que lhes é dada, mas que desagrade sobremaneira aos lusos. O embaixador Fernando da Costa, enviado de Macau especialmente para solucionar essa questão, exige que se observe o acordo régio preexistente e “batendo com o pé na terra em sinal de raiva, com a animosidade dos Portugueses, exprime o seu desagrado”³⁴⁴ (BORRI, 1631, p. 99) perante os acontecimentos.

O rei e a corte veem na atitude do embaixador um ato de afirmação corajosa, o mandam embora, dizendo-lhe que não se preocupe. Com a chegada de uma nau holandesa, carregada de mercadorias para serem negociadas, o rei a sequestra e manda matar todos os marinheiros a bordo, alegando que sabe serem conhecidos corsários, que infestam os mares e merecem o castigo. Ordena com um edito que nenhum holandês “ousasse mais no futuro aproximar-se do seu país, pois realmente aconteceu que esses mesmos [corsários] tinham

³⁴³ “Sono immagini, queste, cordiale e schiette, quali finora nessun missionario aveva saputo incidere con mano tanto lieve”.

³⁴⁴ “battendo co’l piè la terra in segno di cólera con animosità di Portoghesi se ne dolse”.

depredado alguns barcos da Cochinchina”³⁴⁵ (BORRI, 1631, p. 100). O rei, segundo Borri (1631, p. 101), “amava extraordinariamente”³⁴⁶ os portugueses, e lhes oferece três ou quatro léguas das terras mais férteis no porto de Tourane para que construam uma cidade, assim como tinha feito com os japoneses e os chineses em Fai-fo, construindo as suas cidades, em terrenos divididos igualmente, vivendo conforme as leis dos seus respectivos países.

O procedimento de Borri defronte à cultura local nunca é de total reprovação, como veremos em De Carli (ou em outros missionários), que condenam peremptoriamente qualquer discurso que extrapole os dogmas da religião. Borri se aproxima mais da escrita dos viajantes laicos, como Carletti, pois é desprovida de crítica e sem o didatismo que caracteriza a literatura missionária, a qual carrega em si estigma condenatório pelas outras confissões religiosas discordantes do catolicismo. Até mesmo em relação às seitas existentes no país o seu comportamento é de consideração e respeito, motivo pelo qual reconhece na doutrina de *Xaca* (refere-se a Buda) qualidades que estão à altura da cultura ocidental, pois considera o filósofo indiano “muito mais antigo do que Aristóteles e a sua capacidade e conhecimento das coisas naturais, nada inferiores”³⁴⁷ (BORRI, 1631, p. 201). A empatia pelos ensinamentos de Buda é contrária a sua formação religiosa levando-o, apesar da tolerância que demonstra, ao afirmar que a população não se dá conta do quanto essa doutrina é, em algumas partes, “bobíssima e vaníssima”³⁴⁸ (BORRI, 1631, p. 208), sobretudo no tópico que se refere à reencarnação.

Todo o capítulo quinto versa sobre os costumes, qualidades, modo de viver do conchinchinense, estendendo-se o autor nas descrições das peculiaridades desse povo, que reúne em si qualidades conhecidas, mas não muito consideradas na cultura ocidental: acham abominável deixar-se transportar pela ira, pois o homem que perde o domínio de si mesmo é considerado incivil; são hospitaleiros com os estranhos, a ponto de receber desconhecidos nas suas casas como se fossem velhos amigos; são gentis para com os pobres: jamais um mendigo fica sem comida quando bate à porta de alguém, nada lhe é negado, nem mesmo quando o que se possui em casa é apenas o próprio alimento. Todas essas características fazem com que exista uma grande união entre eles, como se todos sejam irmãos – e nessa grande fraternidade – incluem-se também os estrangeiros.

³⁴⁵ “osasse più nell’avvenire di accostarsi a’ suoi paesi, e realmente si trovò, che questi medesimi havevano depredati alcuni vascelli della Cocincina”.

³⁴⁶ “amava straordinariamente”.

³⁴⁷ “antico molto più di Aristotele e a lui nella capacità e conoscenza delle cose naturali, niente inferiore”.

³⁴⁸ “sciochissima e vanissima”.

Nas festas, a espontaneidade natural dos cochinchinenses se potencializa na gracilidade das vestimentas dos homens e das mulheres. Apesar de utilizarem um tecido muito valorizado, a seda, as mulheres são mais modestas no vestir do que na Índia, não deixando transparecer nenhuma parte do corpo: usam seis vestes sobrepostas, de várias cores. A primeira destas saias chega ao chão e, as restantes, são postas em cima, sucessivamente, dando um ar sugestivo e vistoso; o busto é recoberto com um corpete xadrez, de cores diferentes, em cima do qual usam um véu transparente. São tão majestosas e encantadoras ao andar, que nem sequer a ponta dos pés se consegue ver. Os cabelos soltos ondeiam pelas costas, longos alguns até o chão, pois o comprimento é sinal de beleza. O quadro se completa com um gracioso chapéu grande que cobre quase toda a face, feito de seda e ouro, variando o luxo das vestes, segundo o grau de riqueza da portadora. O todo da vestimenta compõe um quadro alegre e florido, gracioso como a primareva. É regra de cortesia que, ao saudar, as mulheres levantem um pouco o chapéu para mostrar o rosto, movimentando levemente a cabeça, para em seguida abaixá-la, o que lhes dá, segundo Borri, uma serena graciosidade. Nas classes sociais inferiores, a mulher se veste simplesmente com uma camisa longa de algodão escuro e calças pretas. Os homens costumam enfaixar-se com uma peça de pano inteira, sobrepondo cinco ou seis vestes longas e largas, de seda finíssima. Uma observação interessante de Borri sobre as mulheres é que elas não sofrem nem um tipo cerceamento, gozando de toda a liberdade. Isto acontece, não porque são valorizadas, e sim por serem consideradas seres inferiores aos homens, portanto sem importância socialmente (BORRI, 1931, p. 55-56).

A docilidade da população se transforma em exarcebação se certos princípios éticos são infringidos: ao ladrão, se o crime é grave, cortam o pescoço, se rouba uma galinha, cortam um dedo; ao ladrão de galinhas reincidente, a pena vai aumentando, podendo chegar à pena de morte. Se no Japão o castigo para o casal adúltero é terrível, na Cochinchina, apesar da imanente cortesia do povo, a punição não é menos aterrorizante. Borri relata que os traidores são levados para o campo, na presença de uma multidão que observa e, amarrados ao lado de um elefante, são sacrificados, um de cada vez. Este prende o culpado pela tromba, o aperta fortemente, levantando-o, jogando-o pelo ar, para que caia, com o próprio peso, diretamente nas presas, transpassando-o. Em seguida o elefante o joga na terra e com as possantes patas o esmigalha, perante a multidão apavorada (BORRI, 1931, p. 83).

Outro aspecto sobre o qual se debruça é o da alimentação que consiste, sobretudo de arroz preparado simplesmente com água. Utilizam-no como os italianos o pão, servindo-se pelo menos quatro vezes ao dia; a carne vermelha, aves, peixes, frutas e verduras são

abundantes, servidos em pedaços muito pequenos, para que possam ser ingeridos com o hashi. O leite não é consumido, pois consideram que a natureza o faz para nutrir as crianças e os filhotes e não o homem adulto. Qualquer acontecimento é motivo para comemoração e frequentemente nas famílias fazem-se banquetes ao ar livre, com mais de cem convidados, que comem e conversam alegremente ao redor de mesas baixas, sentados no chão. Dentre os melhores alimentos que Borri experimenta – um condimento raro e especial, um alimento verdadeiramente divino – estão os ninhos de uma ave chamada *salangana*, que servem para temperar os alimentos. Essa iguaria sofisticada, disputadíssima pelo seu sabor particular, reúne em si o gosto do cravo, da canela, da pimenta e todos os sabores possíveis; é “semelhante ao maná, que encerrava em si a suavidade do mais saboroso alimento, e este é obra de um pequeno pássaro, e aquele é fatura dos anjos do grande Deus”³⁴⁹ (BORRI, 1631, p. 27). Por tratar-se de uma mercadoria muito apreciada e procurada, somente o rei a pode negociá-la, sendo que grande parte dela é vendida para a China. Borri explica que é tão grande a quantidade desses ninhos, que vê, no espaço de uma milha, dez barcas carregadas.

As universidades são muitas: ensinam as mesmas coisas ensinadas na China, usando os mesmos livros, os mesmos autores, a mesma escrita. Os livros são “cheios de erudição, de histórias, Adágios, de sentenças fortes e coisas semelhantes que pertenciam todas ao viver civil, como fizeram, entre nós, Sêneca, Catão e Túlio”³⁵⁰ (BORRI, 1631, p. 73-74). Na China, o autor mais apreciado é Zinfu (Confúncio) tanto estimado e valorizado quanto no Ocidente o é Aristóteles. Os estudantes levam muitos anos para aprender a escrita ideográfica, o léxico, as frases; é agradável vê-los lendo e recitando as lições em voz alta, como forma de aprender mais facilmente e obter a pronúncia certa de cada uma das palavras. Os estudos mais apreciados são sobre filosofia moral, ética, economia e a política. Borri distingue, assim como Carletti, a separação entre a língua falada e escrita. Acrescenta que o povo usa a língua vulgar, que é falada por todos; porém, nas universidades utiliza-se a “latina” (erudita), que serve para os estudos (BORRI, 1631, p. 76).

Borri dá destaque a cada elemento que observa, em descrições que integram sociedade, religião e ciência, procurando não dissociá-las, em uma exploração constante dos aspectos harmônicos que as constituem. Fica a impressão que a harmonia do povo tem correspondência plena na composição das suas descrições, sempre perpassadas por uma busca do genuíno. Não encontramos nas suas páginas o deslumbramento, o maravilhoso, e sim a

³⁴⁹ “mana, che rachiudeva in se la soavità d’ogni più saporito cibo, se non che questo è opera d’un picciolo ucellino e quella era fattura d’Angioli del grande’Iddio”.

³⁵⁰ “pieni d’eruditioni, d’historie, di sentenzi gravi, di Adagij e cose simili appartenenti tutti al vivere civile, come fariano tra noi Seneca, Catone e Tullio”.

autenticidade do vivido e observado. Ao relatar o martírio de um dos fundadores da missão na Cochinchina, o Padre Diogo Carvalho, martirizado no Japão, é o historiógrafo que fala, não o padre que chora a morte do irmão missionário:

[...] o Padre Francisco Buzzomi, que tinha ensinado Teologia em Macau, de nação Genovesa, porém crescido no Reino de Nápolis, e que foi aceito na Companhia [de Jesus], de onde partiu para ir para a Índia, juntamente com o Padre Diogo Carvalho, Português, o qual da Cochinchina deveria tentar a passagem para o Japão, como realmente o fez; ele [Diego de Carvalho] é aquele que foi colocado em um lago de água fria no coração do inverno, e sepultado na neve e [exposto] aos ventos, no frio lentamente expirando e naquela água gelada deu a vida pelo amor do Redentor³⁵¹ (BORRI, 1631, p. 105-106).

Como Borri é astrólogo, é nessa área que a *Relatione/B* se destaca: faz uma relação entre a astrologia ocidental e oriental. Na concepção dos cochinchinenses, céu e terra são elementos que representam a vida e qualquer fenômeno que ocorra no céu é obra divina, esperada com ansiedade, à qual prestam também homenagens. Como na época os astrólogos ocidentais possuem conhecimentos matemáticos, estão aptos a prever a ocorrência de eclipses com uma margem de erro de duas ou três horas ou pouco mais. Com a correção do calendário gregoriano, conseguem prever a hora exata dos eclipses, coisa que os orientais não podem fazer corretamente, pois não fizeram os ajustes necessários do ano bissexto.

Os astrólogos são bem cotados no país, pois em torno do eclipse existem muitas tradições: no dia do eclipse, reúnem-se todos, em todas as províncias e cidades, desde o rei até o pescador, todos paramentados, para reverenciar a lua ou o sol, conforme o eclipse. Faz parte da cultura corrente que, no momento do eclipse, o astro está sendo engolido pelo dragão, então o povo faz uma reverência ao acontecimento, dizendo *Da han nua, Da han net* “o dragão comeu a metade, já comeu tudo” (BORRI, 1631, p. 180-181). Uma vez passado o momento crucial, começam tiros de artilharia, foguetes e arcabuzes, o som de sinos, trombas, tambores e até de peças da cozinha, rimbombando por toda a cidade, para que o estrondo assuste o dragão, espantando-o para que não torne a comer o astro e vá embora.

O conhecimento astronômico de Borri é um instrumento precioso no trabalho evangelizador na cidade. Muitas vezes ele se vale de recursos adicionais para converter e convencer a população, não apenas mediante o uso a palavra, mas recorrendo à própria

³⁵¹ “[...] il Padre Francesco Buzome, che aveva in Macao letto la sacra Theologia, di natione Genovese, cresciuto però nel Regno di Napoli, que fu accettato nella Companhia, e di dove partì per andare all’India in compagnia del Padre Diego Caravaglio Portoghese, il quale dalla Cocincina doveva tentare il passo per il Giappone, come fece; questi fu quello che messo in stagno d’acqua fredda nel cuore dell’inverno, e sepolto alle nevi e alli venti, à freddo lento spirando in quell’acqua gelata diede la vita per amore del Redentore”.

ciência. O seu sucesso como missionário tem como retribuição a gentileza e alegria natural do povo cochinchinense, que Borri, sabiamente, sabe reconhecer e retribuir.

5.10.2.1 *Ecasuals* em Borri

ARTIGLIARIA s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] talvolta ancora con un pezzo d’<Artigliaria>, non mancando all’Elefante forze sofficiente a portarlo sendo animale forzuto al pari d’ogn’altro” (BORRI, 1631, p. 38).

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 38, 85, 86, 87.

Análise do dado: ver **artegliaria** em Varthema.

CALAMBÀ s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] ma quando il legno è di tronco antico assai, questo riesce <Calambà>” (BORRI, 1631, p. 31).

Português: calambuco, agálogo.

Citações na obra: 32, 33, 65, 228.

Análise do dado: Borri explica como é obtida essa madeira de grande valor comercial e que a venda do calambuco era propriedade exclusiva dos reis (BORRI, 1631, p. 33). Verificar a diferença feita por Borri entre a madeira do águila e do calambuco em **legno d’aquila**. Ver **calampat** Varthema.

CAPITANO s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Il miglor guadagno che possi dare il Re al <Capitano> di Malacca è concedergli un viaggio d’aquila [...]” (BORRI, 1631, p. 33).

Português: capitão.

Citações na obra: p. 52.

Análise do dado: ver **capitaneo** em Varthema.

CAMERON s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Non è men fertile di Conchiglie, Ostriche e altri frutti di mare, massime di una certa sorte che chiamano <Cameron>” (BORRI, 1631, p. 25).

Italiano: *gamberi*.

Português: camarão.

Análise do dado: CAMARÃO: designação comum a vários crustáceos da ordem dos decápodes. Bluteau (1712, p. 69) registra *camaram*, *camaraõ*, marisco parecido na cor e na forma com a lagosta. Houaiss atesta a palavra em 1500. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, no uso do sufixo italiano *-on*, (possível interferência fonética da terminação portuguesa *-ão*, pois não existe em italiano esse sufixo), substituindo a forma portuguesa *-ão*.

CATANE s. m. pl. *Área militar*.

Atestação: “Trovandosi in oltre nella Cocincina per il continuo commercio co’ i Giapponesi, <catane> (che sono scimitarre lavorate in Giappone di eccellentissima temprà) in gran numero” (BORRI, 1631, p. 87, parênteses do autor).

Português: catanas.

Análise do dado: ver **catane** em Carletti.

CHIÀ s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Tra il giorno costumano bere cert’acqua ben calda, nella quale vi si cuoce la radice d’un herba che chiamano <Chià>, dalla quale denominano la bevanda stessa” (BORRI, 1631, p. 65).

Português: chá.

Análise do dado: Borri explica que é a mesma planta do chá (*Camellia sinensis* ou *Thea sinensis*) utilizada no Japão, somente que neste país se usa em forma de pó, na China em forma de folhas e na Indochina a raiz. Ver **cià** em Carletti.

DURIONE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Il <Durione> é uno de’ pretiosi frutti che si trovi nel mondo e è solo in Malacca, Borneo e isole cinconvicine” (BORRI, 1631, p. 18).

Português: durião.

Citações na obra: p. 20.

Análise do dado: ver **durione** em Carletti.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] con la dolcezza e affabilità sua si cativava talmente gl’animi di quei <gentili>, che tutti li correvano dietro” (BORRI, 1631, p. 109-110).

Português: gentios.

Citações na obra: p. 109, 125, 131, 137, 149, 156 etc.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GIACCA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Vi è un frutto chiamato <Giacca>, il quale è commune all’altre parti dell’India, ma nella Cocincina è molto maggiore” (BORRI, 1631, p. 17-18).

Português: jaca.

Citações na obra: p. 17, 19.

Análise do dado: ver **ciaccara** em Varthema.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] arrivò alla retroguardia ove stava il <Governatore> il qual estava aspettandola per amazzarla sopra l’Elefante” (BORRI, 1631, p. 47).

Português: governador.

Citações na obra: p. 47, 48, 81, 91, 126, 128, 129 etc.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Si stende adunque la Cocincina longo il mare, più di cento <leghe>, incominciando dal Regno di Chiampa nella sudetta elevatione di gradi undici del Polo Artico” (BORRI, 1631, p. 7).

Português: léguas.

Citações na obra: p. 39, 97, 98.

Análise do dado: ver **leghe** em Corsali.

MANIGLIE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] e comprano à caro prezzo molte cose, che per altro sono di pocchissimo valore, come per esempio pettini, aghi, <maniglie>, orecchini di vetro e simili arredi di donna” (BORRI, 1631, p. 96).

Português: manilhas.

Análise do dado: ver **manigli** em Varthema.

MOTIONI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] certi venti contrarij, che sogliono durare tre o quatro mesi per ordinario, che da’ Portoghesi chiamansi <motioni>, o venti generali” (BORRI, 1631, p. 114).

Português: monção.

Análise do dado: Ver **moson** em Federici e **venti [...] generali** em Da Empoli.

NAYRE s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] finalmente siede sopra il capo dell’Elefante il <Nayre>, che corresponde al Carrozziero” (BORRI, 1631, p. 37).

Português: naire.

Citações na obra: p. 37,40, 42, 43, 44, 45 etc.

Análise do dado: Borri registra *naire* como o condutor de elefantes, equívoco atestado por Dalgado (1921, p. 93) quando afirma que muitos indianistas trocam o significado real do termo, designando os cornacas, condutores de elefantes, com o de naire, casta indiana composta de indivíduos guerreiros que conduzem os elefantes nas guerras. Ver **naeri** em Varthema.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] in questi tre giorni li conviti publici à più di due mila persone <principali>, serviti tutti con la sua propria tavola secondo il costume” (BORRI, 1631, p.150).

Português: principais.

Citações na obra: p. 130, 174, 178.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

SOMME s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e questi con certi loro vascelli che chiamano <Somme>, un’ infinità di seta molto fina, con altre merci proprie del paese loro” (BORRI, 1631, p. 96).

Português: soma.

Análise do dado: ver **somma** em Carletti.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] ch’egli gradisse la bona volontà nostra, la lodasse, e ce ne ringratiasse, sendosi fato il tutto com molto <travaglio>” (BORRI, 1631, p. 66).

Português: trabalho.

Análise do dado: Ver **travaglio** em Da Empoli.

TROMBA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La <Tromba> è lunga à proportione dell’altezza del rimanente del corpo” (BORRI, 1631, p. 39).

Português: tromba.

Análise do dado: ver **tromba** em Carletti.

5.10.2.2 UFcasuals em Borri

IN BUSCA DEGLI loc. prepos. *Outros*.

Atestação: “[...] perché sopravvenendo il Lut, escono fuori tutti con batehe <in busca degli> animali affogati, delli quali fanno poi li loro conviti e banchetti” (BORRI, 1631, p. 12).

Italiano: *alla ricerca di*.

Português: em busca de.

Análise do dado: ver **in busca di** em Sassetti.

LEGNO D’AQUILA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Questo è il celebratissimo <legno d’Aquila>, e Calambà, che sono una cosa stessa quanto all’Albero, ma diversissimo quanto alla stima e virtù loro” (BORRI, 1631, p. 31).

Português: pau de águila.

Citações na obra: p. 31, 32, 33.

Análise do dado: Borri distingue essa madeira em dois tipos distintos: chama de águila quando a madeira é jovem e de qualidade inferior, sendo o seu comércio permitido a qualquer pessoa; quando a árvore é mais velha denomina de *calambà* (calambuco) e a sua madeira é mais apreciada. Acrescenta que apesar de o calambà ser mais apreciado, um navio carregado de pau-de-águila bastaria para enriquecer um mercante. Ambas as plantas são da mesma família, mas de espécies diferentes, pois o calambuco, ou agálogo como é mais conhecido, é da família das timelepaceas (*Aquilaria agallocha*) e o águila (*Aquilaria malaccensis*). Dalgado (1919, p. 180) confirma que a madeira do calambuco é a que tem mais valor. Ver **palo d’aguila** em Sassetti.

VENTI GENERALI s. m. sing. *Marítimo-geográfico*

Atestação: “[...] certi venti contrarij, che sogliono durare tre o quatro mesi per ordinario, che da’ Portoghesi chiamansi motioni, o <venti generali>” (BORRI, 1631, p. 114).

Português: ventos gerais.

Análise do dado: Ver **moson** em Federici e **venti [...] generali** em Da Empoli.

5.10.2.3 Proto/nomcasuals em Borri

DUE LEGNETTI loc. subs. *Objetos de uso.*

Atestação: “[...] a queste suppliscono con <due legnetti> politi posti tra le dita, con li quali gentilmente e con prestezza maravigliosa pigliano qualsisia cosa” (Borri, 1631, p. 62).

Português: dois pauzinhos.

Análise do dado: dois pauzinhos por hashi. Decalque livre. ver **fasce** em Carletti.

FICHI D’INDIA loc. subs. *Exploratório-científico.*

Atestação: “Vi sono alcuni frutti da Portoghesi chiamati Banane, e da altri <Fichi d’India>, se bene il nome di fico al mio giudizio non conviene” (BORRI, 1631, p. 15).

Português: figos-da-índia.

Citações na obra: *fico d’India*: p. 16.

Análise do dado: figos-da-índia por banana. Ver **fighi longhi uno palmo** em Pigafetta.

LAMBICATO DI RISO loc. subs. *Matérias-primas transformadas.*

Atestação: “Manca la Cocincina di Uva, che però per bere in vece di vino, usano un <lambiccato di Riso>, c’ha sapore come d’acqua vita, alla quale è anco simile nel colore e nell’acrimonia, spirito, e vivacità (Borri, 1631, p. 64-65).

Português: alambicado de arroz.

Análise do dado: É corrente que essa bebida seja destilada e não fermentada, tendo a sua origem na China, há mais de cinco mil anos. Decalque livre. Ver **vino [...] di riso** em Carletti.

5.11 GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI

Para a compilação das ocorrências em Giovanni Antonio Cavazzi utilizamos a obra *Istorica Descrizione de' tre regni Congo, Matamba et Angola situati nell' Etiopia Inferiore Occidentale e delle Missioni Apostoliche esercitatevi da religiosi Capuccini Accuratamente compilata dal P. Gio. Antonio Cavazzi da Montecuccolo Sacerdote Capuccino il quale vi fu' Prefetto. E nel presente stile ridotta dal P. Fortunato Alamandini da Bologna Predicatore dell'istesso Ordine, All'Illustrissimo Signor Conte Giacomo Isolani*, (doravante Ist/Descrizione). O texto desta obra é publicado pela primeira vez em 1687, em Bologna, por Giacomo Monti. Utilizamos nesta pesquisa as publicações de Guglielminetti (1976), de Carlos Almeida (2005; 2011), de Mariana Bracks Fonseca (2012) e a tradução portuguesa da Ist/Descrizione efetuada pelo Pe. Graziano Maria de Leguzzano (1965). Para a comprovação das palavras de origem africana nos valem do Dicionário Kimbundu-Português, de António de Assis Junior ([19--]. Para a biografia de Cavazzi nos reportamos ao Dizionario Biografico degli italiani (1961[...], v. 56). Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1687, sem modificar acentos, pontuação, palavras unidas etc., apenas transcrevendo o sinal gráfico &, que representa a letra e.

5.11.1 Cavazzi, um padre pouco versado na pregação

E como per toda Africa se soa, (Lhe diz) os grandes feitos, que fizeram, quando n'ella ganharam a coroa do reino, onde as Hespérides viveram: e com muitas palavras apregoa o menos, que os de Luso mereceram; e o mais, que pela fama o rei sabia [...]. (Os Lusíadas, canto II, 103).

Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo nasce em Montecuccolo, na província de Modena no dia 13 de outubro de 1621, filho de Cesare e Guiglielmina Cavazzi, que lhe dão

o nome de Galeotto. Seu pai trabalha como *marzadro*³⁵² nas terras do Conde Massimiliano Montecuccoli. Ainda jovem se encaminha à vida religiosa, entrando para o noviciado na Ordem dos Capuchinhos, pois deseja ser pregador. Após a ordenação religiosa, não pode completar seu sonho, pois os superiores julgam insuficientes os seus conhecimentos, para um bom desempenho nesse tipo de apostolado. Apesar de ser considerado pela Ordem como uma pessoa bem disposta ao trabalho, é reputado um sacerdote de pouquíssima inteligência, opinião compartilhada também pelos membros da Propaganda Fide, que por diversas vezes negam o seu pedido de exercer o trabalho de missionário no Congo (DBI, 1961). O Pe. Graciano Maria Leguzzano (1965, p. XLIII), tradutor da *Ist/Descrizione* para o português, acha estranho a colocação dos superiores de Cavazzi e dos demais, pois no seu livro o padre demonstra ter suficientes dotes para exercer o cargo.

O projeto de evangelização da África, no século XVII, compreende a ida sistemática de padres, parte para substituir aqueles que morrem, acometidos pelas febres e doenças tropicais, parte para substituir os que retornam do continente africano, exauridos fisicamente pela dureza do trabalho, ou pelas doenças tropicais. Com a falta de missionários, Cavazzi é finalmente “considerado idôneo” como pregador. Integrando a quarta missão enviada para a região, faz parte de um total de 12 missionários capuchinhos, conduzidos sob a supervisão do Padre Antonio Gaeta.

Devido às dificuldades encontradas na partida, o grupo é dividido, ainda no porto italiano. Cavazzi embarca em companhia de outros quatro padres, no dia 9 de fevereiro de 1654. Entre calmas e borrascas, perseguições de piratas e com dois padres a menos, aportam em Cádiz, à espera dos companheiros restantes. Após diversos percalços na preparação dos passaportes, necessários para quem viaja para um domínio ultramarino português, finalmente conseguem partir de Sevilha, no dia 11 de julho do mesmo ano. A missão chega a Luanda, no dia 11 de novembro de 1654, dez meses após a partida de Gênova (CAVAZZI, 1687, p. 588-595).

É difícil seguir o percurso geográfico e biográfico do missionário Cavazzi na África, pois não existe uma linearidade na sua obra: intercala descrições geográficas e naturais com aspectos históricos; guerras e aspectos culturais, com o apostolado missionário; flashbacks históricos com apontamentos pessoais. Sua narração é tão desordenada, ao ponto de Guglielminetti (1976, p. 38) afirmar que: “saiu, infelizmente, uma narração confusa e

³⁵² Pesquisamos nos dicionários italianos essa palavra e encontramos como sobrenome de pessoa. *Marzadro* pode ser uma corruptela ou uma palavra dialetal, significando *mezzadro*, alusivo a alguém que trabalha de arrendatário nas terras de outrém, no sistema de *mezzadria*, explicação que se coadunaria com o que foi explicitado no DBI.

complicada, na qual falta todo o traço de sequência histórica, porque nem ao menos a ordem cronológica dos fatos está garantida”³⁵³. Tentaremos seguir, no intricado de narrações e descrições, o desenrolar do seu apostolado, para saber o seu trajeto angolano, porém não estamos certos de termos conseguido traçar corretamente todo o seu percurso, no emaranhado labirinto que é o seu texto.

Aportando em Angola, Cavazzi e seus companheiros são chamados pelos magistrados da cidade e perquiridos; contudo, após os esclarecimentos, são liberados, recebendo o apoio do governador e constantes visitas dos portugueses. Outras intrigas seguem-se: são denunciados e acusados não serem missionários, mas sim espiões a serviço da Espanha, vindos com a finalidade de observar secretamente as conquistas portuguesas. Declara o missionário após mais essa contrariedade: “sofremos intrepidamente essa nova perturbação, entregando nas mãos de Deus nós mesmos e toda essa briga, que por pertencer à honra de seu Santo Nome, esperávamos tivesse solução através da sua incompreensível e eficaz sabedoria”³⁵⁴ (CAVAZZI, 1687, p. 596). Nesse ínterim, o superior da congregação em Loanda, Padre Serafino da Cortona, decide que os missionários devem ir a Massangano. Parte o padre, em companhia de mais seis companheiros, a pé, até alcançar as margens do Rio Kwanza onde – em leves, mas frágeis canoas escavadas em um só tronco de árvore –, navegam guiados por barqueiros inexperientes, mas extremamente audazes. O sacerdote admira a cega intrepidez da população local, que constantemente deve enfrentar viagens perigosas, em um rio cheio de corredeiras, onde os animais que nele habitam, sobretudo os crocodilos, são tão ferozes que muitas vezes devoram os homens. Por outro lado, acredita que “a necessidade lisonjeia os ânimos e, enfeitizando o temor, impede-lhes a reflexão”³⁵⁵ (CAVAZZI, 1687, p. 599). Privados da realidade e dos valores que alicerçam o Homem, o autor considera que os usuários do rio se deixam morrer inutilmente.

Chegando à cidade de Massangano, Cavazzi é designado pelo seu superior para ir à fortaleza de Cambambe, cujo governador, um ilustre personagem da Casa de Albuquerque, deseja que se oficiem as festividades de Natal. Logo após, acometido por uma febre violenta, retorna à cidade, onde encontra todos os seus companheiros prostrados pelo mesmo mal, deitados em nuas esteiras estendidas no chão que, segundo ele, é a maior riqueza que um frade capuchinho possa dispor. Começa o seu sofrimento, com a prática medicinal de extrair o

³⁵³ “nè è sortita, purtroppo una narrazione confusa e macchinosa, a cui manca ogni traccia di sviluppo storico, perché nemmeno l’ordine cronologico dei fatti vi è garantito”.

³⁵⁴ “Soffrimmo intrepidamente questo nuovo disturbo, depositando nelle mani di Dio noi stessi, e tutto l’affare, che per essere appartenente all’honore del suo Santo Nome, speravamo avrebbe havuto l’immediato rimedio dalla di lui incomprendibile e efficace sapienza”.

³⁵⁵ “la necessità lusinga gli animi, e affascinando il timore, impedisce loro la riflessione”.

sangue “contaminado”, em pequenas doses, para que automaticamente seja revitalizado. São feitas nele apenas sete punções, enquanto que alguns colegas recebem até quarenta. Essa cura é o que se pode considerar o melhor em termos medicinais no período, mas a prostração e fraqueza advindas, provocam outras tantas doenças. Segundo Cavazzi, os europeus estão mais sujeitos às doenças tropicais, pois o calor excessivo, desproporcional à compleição europeia, permite a abertura exagerada dos poros da pele, propiciando a perda dos “vapores” essenciais à saúde. Somando-se a isso, os remédios ministrados pelos curandeiros e médicos locais, feitos à base de antimônio e outras drogas solúveis, quando aplicados nos habitantes nativos não danificam tanto, mas quando empregado nos europeus, provocam, nos já frágeis organismos, um dano maior. Como os doentes não podem alimentar-se de ovos, devido à febre, e não existindo o clássico caldo de galinha dado aos doentes na Europa, os padres nutrem-se de farinha de mandioca adicionada ao leite ou ao suco de cítricos e, para completar, alguma fruta refrescante. A enfermidade dura quatro meses, depois da qual, Cavazzi e seus companheiros missionários são chamados todos à Luanda, onde lhes são distribuídas as cidades nas quais devem desenvolver as missões. Cabe ao nosso missionários o Maopongo, mas ali permaneceu pouco, pois as disposições iniciais são modificadas (CAVAZZI, 1687, p. 600-601).

Em Maopongo, duas léguas distante de Cabazzo, em meio à planície de Oari, às margens do Rio Kwanza, defronte da província de Lubolo, encontra-se um maciço de pedra, cheio de “edifícios” esculpidos pela natureza – moradia de homens e feras – denominado pelos portugueses de Presídio de Pedra (as famosas Pedras Negras de Pungo Andongo ou Forte de Pungo Andongo). Nesse território habita o soberano angolano Ngola Ari (Dom Felipe I), aliado incondicional dos portugueses. Quando ali chega, no dia 6 de maio de 1655, Cavazzi é cordialmente recebido pelo rei, na sua sala régia, “que na Itália seria um palheiro, sustentado por toscas colunas de madeira, e coberto de palha”³⁵⁶ (CAVAZZI, 1687, p. 805). O estrado que serve de trono ao rei é um tapete deteriorado sobre algumas esteiras mal feitas; o seu traje consiste em uma capa escarlata sobre os ombros, um pano amarrado na cintura, comprido até o meio das pernas, o resto do corpo nu. Traz nos pés alpercatas, na cabeça uma touca tecida de penas e tem como cetro um reles bambu. O Ngola era irmão de sangue da Rainha Nzinga, filho de uma concubina de seu pai. Apesar de ser batizado e aceitar o catolicismo entre os seus súditos, o rei possui mais de trinta concubinas, vive uma vida de dissipação, o que deixa o sacerdote irritado, pois considera que a sua brutal e obcecada

³⁵⁶ “che in Italia sarebbe appunto un fenile, sustentato da rozze colonne di legno, e ricoperto di paglia”.

afeição às mulheres o induza a enveredar pelos caminhos da idolatria, esquecendo os princípios religiosos (CAVAZZI, 1687, p. 806-815).

O missionário, juntamente com o seu companheiro de apostolado, o frade Inácio, empenham-se arduamente em polir essa religião sincrética, professada por todos, mesclada com os cultos africanos, sem, contudo ver melhoras. Cavazzi conta as suas lutas para conquistar as almas para Deus, mais parecendo um Dom Quixote lutando contra moinhos de vento, pois os fiéis batizam-se, mas apenas ele lhes dá as costas, voltam a praticar os ritos que lhes estão enraizados. Relata o missionário: “Quanta fadiga tive para tirar as insídias das suas mentes cegas”³⁵⁷ (CAVAZZI, 1687, p. 817).

Permanece na corte do Ngola Ari por cerca dezesesseis meses, em seguida vai servir na fortaleza de Embaca, destinado à cura espiritual dos portugueses, dos prisioneiros e dos habitantes de todo o distrito. Em seguida, por volta de 1657, é mandado, de surpresa, às províncias de Haco e no Libolo, governadas pelo soba Guzambambe (Ngunza Mbamba). Em uma viagem sofrida, é abandonado pelos acompanhantes, quando estes descobrem que ele é mais mendigo do que eles, não possuindo bens para pagá-los. Continua a viagem com os dois servos que vieram com ele de Embaca; no caminho é atacado violentamente por uma diarreia e pela febre. Debilitado pela contínua perda de água e sofrendo as agonias da morte, consegue finalmente chegar na fortaleza. Nesta, é acolhido pelo soba, que lhe assiste na sua doença e encoraja toda a sua população para ouvir as palavras do pregador. O zelo missionário de Cavazzi mais uma vez se sobressai, conseguindo reavivar a fé do soba, que na pia batismal adota o nome de Dom Ludovico Antonio. Perambulando pelas províncias pertencentes ao soba, fica nessa região até 1658, quando o padre prefeito lhe ordena de ir a Massangano (CAVAZZI, 1687, p. 821-842).

É então designado para Matamba, no reino da então Rainha Nzinga,³⁵⁸ também conhecida como Ngola Ana Nzinga Mbande. A famosa soberana, pertencente ao grupo étnico jaga, que após converter-se ao cristianismo recebe o nome de Ana de Souza, necessita de padres que a apoiem e a ajudem na sua proposta de inserção do catolicismo como religião de estado. Narra um fato curioso nessa viagem, que serve para propagar a idéia de que os cristãos contam com a proteção divina, o mesmo não acontecendo com os idólatras: encontrando alguns leões, que comem a carne de um animal abatido por eles, os servos que o acompanha,

³⁵⁷ “quanto mi affaticai per levare le panie dalla mente acciecata di costoro”.

³⁵⁸ Não existe consenso entre os críticos sobre uma nomenclatura específica para nomear a toponímia e a antroponímia da região de Angola e Congo nesse período. Verificamos que a Rainha tem o seu nome grafado como Ginga, Jinga, Njinga, Nzinga, Zinga e Zingha. Adotaremos Nzinga é o que mais se aproxima da grafia do quimbundo.

ágeis, sobem rapidamente nas árvores, com medo de um possível ataque das feras. Fica o pobre frade abandonado em terra, pois não possui a agilidade necessária para galgar as árvores, orando ajoelhado e recomendando sua alma a Deus. Os nativos o olham com extrema compaixão e conversam com os leões, pedindo que não molestem o sacerdote. Os leões, saciados pela carne fresca, olhando indiferentes o padre ajoelhado, fazem meia volta, e vão-se embora pacificamente, deixando pedaços inteiros de carne intocada. Os viajantes, entre o espanto e o alívio, preparam um lauto jantar com a carne restante, saciando a fome. Extraíndo desse episódio uma lição moral, Cavazzi faz uma comparação do quanto é boa a fé cristã e quão nocivas são as crenças nativas, pois somente o Deus Cristão tem a capacidade de salvar, física e espiritualmente. Ouvindo os ajudantes vangloriarem-se de ser ele um encantador de leões, acha engraçado e aproveita para dizer que vê tantos nativos serem mortos pelas feras, mesmo levando consigo mil estúpidos amuletos, mas jamais vê acontecer a um cristão ou sacerdote, mercê da grande potencia da fé cristã e do nome de Deus (CAVAZZI, 1687, p. 661).

Na sua chegada à cidade de Santa Maria de Matamba, a Rainha Nzinga vem-lhe ao encontro, acompanhada de todo o seu cortejo e o homenageia como um enviado especial. Permanece algum tempo ministrando o seu sacerdócio, mas como se encontra debilitado, a rainha o manda a Embaca para ser curado, acompanhado de um oficial e de um cortejo de 24 pessoas.

Em meados de julho de 1660 é mandado, contra a sua vontade, em Ganguela, na corte do Jaga Cassange, para atender a comunidade portuguesa, que ali se encontra. Lamenta-se da viagem dificultosa, tendo que atravessar rios a nado, beber água salobra, ser atacado de uma febre insistente e outros males. Tem dificuldades de entender-se com o chefe local, que se aborrece com a insistência religiosa do padre e o demonstra claramente. Quando, ao se despedir do jaga, o padre lhe comunica que virá outro sacerdote para substituí-lo; diz-lhe Cassange, cheio de ironia:

Capuchino aquele que partiu; Capuchino aquele que veio; Capuchinho aquele que virá? Concebem grandes empreendimentos, mas terão pouco lucro, porque declaro que sempre abominarei as suas falas e os seus ensinamentos, e até quando não me mandem um Sacerdote natural da Etiópia, nem eu sossegarei, nem os meus Súditos serão felizes³⁵⁹ (CAVAZZI, 1687, p. 791).

³⁵⁹ “Capuccino quello che partì; Capuccino quello che venne; e Capuccino quello che verrà? Disegnano grande impresa, mà faranno poco guadagno, perché mi protesto, che sempre abborrirò il loro parlare, e i loro insegnamenti, e sin’ à tanto non mi si mandì qualche Sacerdote naturale di Etiopia, né io mi quieterò, né i miei sudditi saranno contenti”.

Ainda em 1660 o encontramos de novo em Matamba, dedicando-se inteiramente à missão, que recebe o inteiro apoio da rainha, facilitando assim o seu trabalho. Nesse meio tempo visita algumas ilhas do Kwanza, desenvolvendo o seu trabalho missionário, a pedido de Nzinga, que deseja que todo o seu reino se converta. Retorna no fim de março do mesmo ano de 1662, fazendo o seu ministério em Santa Maria de Matamba, construindo uma igreja de maior porte, que é consagrada à Nossa Senhora, padroeira da cidade.

Após esse tempo a serviço da cidade, resolve percorrer todas as províncias do reino, que estão sob a sua jurisdição, partindo dia 2 de setembro de 1663. Improvisamente, na metade do mês seguinte, é chamado às pressas para atender espiritualmente a Rainha Nzinga, que está moribunda. Cavazzi escreve sobre os momentos finais da rainha: “me dei conta que o tempo da sua vida voava para o fim” e “finalmente no dia 17 de dezembro de 1663, ao raiar da aurora, com a idade de cerca oitenta e um anos, sem sofrimentos de agonia, placidamente passou para a outra vida”³⁶⁰ (CAVAZZI, 1687, p. 717). O missionário narra com clareza os momentos finais daquela que foi a maior rainha da África, frequentemente comparada a uma Zenóbia, Semíramis ou Cleópatra: valente como guerreira, indomável como mulher, jamais se rebaixando diante do branco conquistador, aceitando negociar com eles para salvar seu povo, mas jamais se rendendo, tendo dentro de si toda a força de um continente. A única coisa à qual se curva é a fé cristã, assumida tardiamente na sua vida, que a faz morrer feliz, acreditando ter conquistado também o paraíso. Cavazzi traça um contraponto da vida de Nzinga antes de depois da conversão: de fera sanguinária e selvagem, passa a ser afável e cordata, pois o batismo a humaniza, enquanto que os súditos que permanecem ligados aos ritos ancestrais se mantêm no estado de selvageria primitiva, em uma absoluta negação da racionalidade.

Após a morte da Rainha Nzinga, sucede-a no trono sua irmã Bárbara, que não possui nem o poder nem o carisma da rainha morta, sendo facilmente manipulada pelos seguidores dos antigos ritos jagas, que continuam esparsos pelo reino. Um personagem amado pela rainha defunta, seu irmão de leite, Dom Antônio Nzinga Moná (*Nzinga* nome da rainha morta, e *moná* significa menino), apelidado por Cavazzi como o “Cruel”, promove uma perseguição aos católicos e aos missionários, especialmente a Cavazzi, pois deseja restabelecer a antiga homogeneidade do povo, seja quanto aos rituais tradicionais, seja quanto à cultura e à religião.

³⁶⁰ “m’avvidi che il tempo della vita di lei volava per terminare à momenti” e “finalmente à 17 di decembre 1663, sù lo spuntar dell’alba, in età di circa ottant’un’anno, senza pena di agonia, placidamente passò all’altra vita”.

Dom Antônio é a eminência parda no governo da nova rainha Bárbara, manipulando-a segundo os seus desejos. É “sedento de sangue, e de massacres, cruel, ímpio, perjuro, fraudulento, e do mesmo modo sagaz adulator, endereçando toda a sua intenção à secundar o gênio de Nzinga”³⁶¹ (CAVAZZI, 1687, p.731). Segundo o relato do missionário, Dom Antônio tenta envenená-lo com vinho, oferecido para a celebração das missas, no intuito de afastá-lo da rainha, pois sabe do seu poder sobre as ações de Dona Bárbara e como esta é facilmente manipulável. Não conseguindo recuperar-se do mal causado pelo suposto envenenamento, retorna à Luanda, algumas semanas após a Páscoa de 1664, na esperança de recuperar-se do mal-estar que o aflige após a ingestão da poção.

Recebe a incumbência de ir no território do Congo em Sonho (Soyo) e em Mbamba, para ajudar o Padre Filippo da Siena, que necessita de apoio na sua ação missionária. Porém, após tantos anos trabalhando nos trópicos, a saúde do Padre Cavazzi está tão debilitada que parece mais “estátua que homem” e, nessas condições, serve mais de peso que de ajuda para a missão. O superior da Ordem, portanto, decide repatriá-lo. Permanece mais um ano em Luanda à espera de um navio e, em setembro de 1667, embarca no São Pedro de Alcântara, que vem das Índias e se dirige ao Brasil.

Após trinta dias de próspera navegação, o navio aporta na Bahia de Todos os Santos. Infelizmente, ao chegar no Brasil, uma frota havia apenas partido e o nosso missionário tem que ficar no Brasil por quase um ano, pois os navios não partem sós, apenas em carreira, devido à pirataria existente nos mares. Cavazzi aproveita esse tempo para atender às necessidades religiosas dos portugueses e brasileiros e escrever sobre algumas coisas que vê por aqui. Como a parada no Brasil é obrigatória para quase todos os missionários que vão para a África e Índia, julga interessante falar um pouco das qualidades do clima, das plantas e dos animais, para que os missionários vindouros saibam o que os espera nessas bandas. Particularmente interessante é a descrição sobre a infestação de bichos-de-pé a qual ele é afetado: explica detalhadamente quais os procedimentos para extraí-los e o cuidado que se deve ter para não ser novamente atacados. Na descrição do sagui explica a atenção que a população tem para com esse pequeno símio: compara a pequenina cabeça com a juba reduzida de um leão. Considera-o inteligente ao ponto de o animal saber da própria graça e, segundo Cavazzi, disso se vale o macaquinho, pois vive nos braços das gentis-donas, desfrutando das suas carícias e afagos.

³⁶¹ “sitibondo di sangue, e di stragi, crudele, empio, spergiuro, fraudolente, ed altrettanto sagace adulatore, dirizzando ogni sua intenzione à secondare il genio di Zingha”.

Na noite de 10 de outubro de 1668 é levado em um pequeno barco ao navio ancorado na barra, para finalmente embarcar rumo à Portugal. Na travessia, carregado por dois escravos, não se dá conta de ter perdido parte das suas anotações que afirma ter feito durante os anos de missão. Durante a viagem de regresso, apesar das tempestades, da perda de navios da frota, Cavazzi chega em Lisboa em 16 de dezembro do mesmo ano. Na cidade, encontra Cosimo II de' Medici, que após recebê-lo e a seus companheiros, em várias audiências, provê o seu retorno à Itália. Chega no porto de Gênova no dia 3 de abril de 1669. Continua a sua viagem, indo a Roma prestar contas à Propaganda Fide, contando do motivo de seu retorno e da necessidade de mandarem novos missionários àquela incipiente cristandade. Explica as anotações feitas e é aconselhado a redigir um memorial, comentando sobre as missões desde o início até o presente momento. Esse pedido da Propaganda Fide vem confirmar que certamente há padres que não gostam de Cavazzi. Se ele fosse “pouco inteligente” a congregação não lhe teria feito esse pedido; ele não conseguiria escrever a primeira versão, explicando tudo tão detalhadamente como o fez ao redator, para a versão final.

Recolhe-se na sua Bolonha e nos três anos seguintes dedica-se à redação da Ist/Descrizione. Apesar de a escrita ter agradado e ser aprovada pela Propaganda Fide, esta não quis assumir a responsabilidade de publicá-la. Em seguida, Cavazzi é mandado novamente à África, desta vez com o alto cargo de Prefeito da Missão africana. Parte de Lisboa em 16 de julho de 1673, mas o seu navio naufraga nas costas da África e ele consegue salvar-se, com alguns outros companheiros, e alcança Luanda. O roteiro nesta sua estadia compreende visitas às cidades de Luanda, Massangano, Cambembe, Maupungu, Ambaca, entre outras (mapa cf. Fig. 18).

A sua débil saúde e a inveja de colegas missionários e de fiéis, que alegam que o novo Prefeito não reúne condições necessárias para dirigir a missão, nem possui os títulos de estudos que eles mesmos possuem, agravam a sua situação. Apesar de a Propaganda Fide considerar infundadas essas acusações – e sabendo que Cavazzi não goza da estima dos colegas – acha por bem atender aos pedidos dos missionários. Doente e debilitado, deixa definitivamente Luanda, após ter escrito um relatório, no ano de 1677, sobre os missionários capuchinhos mortos no Congo, no período de 1654 a 1677. Na sua viagem de retorno, morre em Gênova no dia 18 de julho de 1678, tendo apenas 56 anos (DBI, 1961).

A África de Cavazzi emerge como um continente primitivo, onde tudo contribui para o embrutecimento do homem: a natureza, a cultura e o próprio homem, que vive em um estado de primitiva selvageria, sujeito a feiticeiros, bruxos e sacerdotes do mal. Somente a “graça iluminadora” da fé é capaz de tirá-lo dessa situação e o missionário deixa transparecer

5.11.2 Visões dos Reinos de Congo, Matamba e Angola: guerras, práticas e magias

E também as memórias gloriosas d'aqueles
rêis, que foram dilatando a fe, o império; e
as terras viciosas de Africa, e de Asia
andaram devastando: e aquelles, que per
obras valerosas se vao da lei da morte
libertando; cantando espalharei por toda
parte, se a tanto me ajudar o ingenho, e arte.
(Os Lusíadas, canto I, 2).

A *Ist/Descrizione*, juntamente com o relatório de Duarte Lopes e Filippo Pigafetta, *Relatione del Reame di Congo*, (impressa pela primeira vez em Roma em 1591 por Bartolomeo Grassi) descrevem a história da civilização portuguesa em Angola e Congo. Ambos escritos em italiano, têm um sucesso de público imediato, sendo traduzidos em várias línguas. A obra de Cavazzi tem a sua primeira edição em Bolonha, em 1687 (edição que utilizamos nesse trabalho, disponível online) e a segunda em Milão (Stamperia Agnelli, 1690). Diversas são as traduções: para o alemão (Munique: Bayerische Staatsbibliothek, 1694); para o francês (Paris: Delespine, 1732) em sucessivas edições. No século passado é feita outra edição, desta vez em Tivoli (Mantero, 1937), mas que segundo DBI (1961) é uma edição pouco fiel à original. Somente em 1965, por mérito do Padre Graciano Maria de Leguzzano, a obra é traduzida para o português (Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar).

A *Ist/Descrizione* refere-se, sobretudo, ao trabalho dos Capuchinhos sediados na África entre 1645 a 1670, não deixando, entretanto, de divulgar a história, a geografia, a etnografia e os empreendimentos dos portugueses nos antigos reinos de Congo, de Matamba e de Angola. Cavazzi, missionário, geógrafo, historiógrafo e naturalista, escreve o livro a partir do tempo que chega na África, segundo ele, a pedido da Propaganda Fide, que gostaria de ter um relatório do trabalho das missões. Apoia-se na sua observação pessoal dos fatos, nos relatos pessoais dos seus colegas missionários, nos relatórios e cartas dos mesmos existentes em Luanda, em arquivos de Roma, nos arquivos dos conventos da Ordem por onde passou (na Bahia, em Pernambuco, em Lisboa e na Itália) e na tradição oral africana.

Depois de seu retorno à Itália, tem tempo de fazer pesquisas sobre o assunto, em arquivos, para enriquecer ainda mais a obra. Uma vez completado, o livro é aprovado, mas não publicado, o que acontece somente depois da sua morte. A elaboração final da obra é feita pelo Padre Fortunato Alamandini, que também escreve o prólogo, no qual afirma que Cavazzi

deixa-lhe um amontoado de cartas e documentos e apenas um esboço redigido em estilo muito heterogêneo e que ele, Alamandini, deveria aperfeiçoar (CAVAZZI, 1687, prólogo, grifos nossos). Leguzzano rebate essa posição do organizador, asseverando que a obra havia sido precedentemente aprovada e que o corretor apenas uniformiza o estilo da obra de Cavazzi. Acrescenta o tradutor que Alamandini “resumiu-lhes documentos que estavam transcritos na íntegra, tirou-lhes a subdivisão em capítulos [...] suprimiu-lhe alguma expressão em que se acudia desnecessariamente ao sobrenatural, e parece que pouco mais fez” (LEGUZZANO, 1965, p. XLI, grifo nosso). Um outro ponto que o tradutor da obra em português critica é o fato de Alamandini registrar no frontispício que a obra foi “acuradamente compilada” por Cavazzi e “reduzida no presente estilo” por ele mesmo, depreciando o trabalho do padre e valorizando o seu, como se o padre Cavazzi apenas houvesse recolhido o material e ele redigido a obra.

A Ist/Descrizione é enriquecida por desenhos que representam espaços culturais africanos, em um total de 47 gravuras, sendo que trinta e nove são encomendadas por Cavazzi e as restantes por Alamandini, que no prólogo se justifica afirmando que as figuras inseridas pelo autor não são adequadas. As figuras introduzidas pelo curador da obra referem-se às espécies animais e vegetais, constando entre elas a emblemática figura do peixe-mulher (cf. Fig. 3). A inserção de imagens no texto ajuda a compreender um mundo desconhecido e está bem ao gosto do período, pois constitui um testemunho visivo de uma cultura diferente, com as suas crenças, culturas, paisagens e magias. São as primeiras imagens do mundo africano que chegam aos olhos europeus e algumas vezes se apresentam até mesmo chocantes, como a barroca figuração da antropofagia (cf. Fig. 19).

Figura 19 - Antropofagia entre os Jagas³⁶³

³⁶³ In: CAVAZZI, 1687, figura inserida entre as páginas 32 e 33.

Nas gravuras das plantas nota-se que a pessoa que as desenhou não entende bem a explicação de Alamandini, pois algumas delas não têm nada a ver, absolutamente, com a verdadeira planta, como é o caso da figura da banana (cf. Fig. 20) e das duas espécies da frutas-do-conde, que são desenhadas, ambas, mais parecidas com um cacho de cocos do que com as respectivas frutas. Nas gravuras encomendadas pelo curador, juntamente com o desenho da planta descrita, são representadas imagens da cultura local, dando ao leitor, além das figuras das variedades da flora local, também fatos da vida africana. Assim vemos o desenho de libatas, de quilombos, da antropofagia, de zebras, do transporte de senhores em redes etc.

Figura 20 - Banana do Congo³⁶⁴

Cavazzi estrutura a sua obra em sete capítulos, que denomina livros, os quais são divididos em argumentos distintos. No início de cada um deles indica os assuntos que serão

³⁶⁴ In: CAVAZZI, 1687, figura inserida entre as páginas 32 e 33, numerada no alto da página como p. 34. Notar em primeiro plano um senhorio sendo transportado em uma rede e ao fundo uma libata.

tratados: descreve a situação, o clima, a fauna e a flora, a idolatria, as superstições, os usos e os costumes dos três reinos. Nos dois primeiros capítulos ou livros, escritos em 1666 e 1667, todos os tópicos estão bem estruturados em blocos sequenciais, dando unidade ao texto: a geografia e origem do reino do Congo, suas províncias e seus rios, os seus reis e a rainhas, as suas plantas e animais. Nos seguintes, perde essa organização, tornando-se de difícil compreensão: mistura comentários sobre a chegada dos portugueses e da consequente construção da cidade de Angola; das missões dos capuchinhos que vão para o Congo e Angola com as lutas internas; das lutas contra os portugueses com a conquista de Luanda pelos holandeses. Relaciona as diversas missões organizadas e os padres capuchinhos que delas participam, comentando sobre cada um deles e as cidades onde cumpriam o trabalho missionário. Finaliza narrando o seu retorno à pátria.

Para esta pesquisa utilizamos, sobretudo, o primeiro livro da obra, onde ele trata sistematicamente da geografia, da etnografia, das plantas e animais dos Três Reinos e é neste primeiro livro que está concentrada a maior parte dos *Ecasuals* que coletamos. Assim como Sassetti registra a língua falada na Índia portuguesa, Cavazzi é aquele que recolhe nos seus textos as palavras do quimbundo. Nele encontramos palavras nossas conhecidas: cacimba, quilombo, fubá, mucama etc. que fazem parte do nosso dia-a-dia, e muitas vezes não nos damos conta de que são palavras trazidas da África. Todas essas palavras passam, na língua de Cavazzi, pelo filtro do português, tanto é verdade que estão dicionarizadas na nossa língua. Ao transcrevê-las como as ouve, incorpora a grafia e fonética italiana: por isso, encontramos palavras pronunciadas igualmente nas duas línguas, apenas obedecendo ao número plural, ao gênero ou, como ele imagina, a pronúncia com os dígrafos. Vejamos na tabela abaixo alguns exemplos:

Português	Italiano	Fonética portuguesa	Fonética italiana
bredos	bre di	/ˈbre.dos/	/bre.di/
cacimbas	cassimbe	/ka.sĩ.bas/	/ka.sĩ.bas/
muquia	mucchia	/ˈmu.kia/	/mu.ˈkia/
mobula	mobulla	/mo.ˈbu.la/	/mo.bu.ˈla/
mabocas	mabocche	/ma.ˈbɔ.kas/	/ma.bɔ.ˈke/
quilombo	chilombo	/ki.ˈlõ.bo/	/ki.ˈlõ.bo/

A descrição da fauna e da flora é sistemática; relaciona, em grupos, cada um dos espécimes: apresenta uma seleção de plantas, de gramíneas, de grãos, de animais terrestres, de formigas, de peixes, cobras, aves etc em uma sequência muito bem organizada. A descrição dos espécimes é aleatória, variando conforme o tipo característico de cada planta, de cada

animal. Tem em comum com os outros viajantes o uso da comparação com similares europeus, e o diferencial de incluir muitas vezes o nome autóctone ao lado do nome dado pelos portugueses. Lembramos que os europeus, ao chegar em Angola, encontram as línguas locais (quimbundo, umbundo) ainda não codificadas. São os portugueses a estabelecer, no quimbundo, uma grafia para as palavras, utilizando as regras estruturais que regem o português (FONSECA, 2012, p. 20). Cavazzi, no exemplo apresentado abaixo, escreve com a grafia que lhe é peculiar (com a adaptação ao italiano); portanto, é impossível saber se as palavras do quimbundo, nesse período, são realmente grafadas dessa maneira. Como os outros viajantes, explica o seu uso: alimentar, medicinal, industrial ou químico etc. Exemplificando:

Português	Língua de Cavazzi	Língua africana	Comparação	Uso
licondo ou baobá	Aliconde	<i>bondo</i>	fruto do tamanho de uma abóbora, parecido com o pepino	fazem-se tecidos
milho	grano d'India, o turco, o maiz	<i>massamampuntu</i> ³⁶⁵	não faz a comparação pois é conhecido na Itália	ótimo para o cérebro
banana	Banana	<i>maongio</i> ou <i>macobecco</i>	frutos presos como os grãos de uva	-
almiscareiro	gatto di algalia	<i>nzima</i>	gato do almíscar	extrair o almíscar
peixe-mulher	pesce donna	<i>Nugullù à masa</i>	seios iguais aos da mulher	carne nociva ao estômago

A natureza africana, sob o olhar de Cavazzi, adquire contornos folclorísticos. Tudo é extravagante: os fenômenos meteorológicos, as plantas, os animais manifestam-se desmesuradamente: ou faz muita seca ou chove demais; as estações, quase iguais, propiciam a frutificação permanente, tanto é que a bananeira produz cachos com seiscentos a oitocentos frutos; o trigo, trazido da Europa, cresce mais alto do que um homem à cavalo; o feno cresce tanto que avança pelos caminhos atrapalhando o viandante ou até encobrindo a própria estrada. Os frutos são sempre abundantes e frutificam mais de uma vez por ano e se propagam velozmente, através das sementes. A manga, por exemplo: onde caem os caroços, nascem outras tantas e em tanta quantidade que formam uma floresta; o abacaxi produz o ano todo e o seu sabor é inigualável. Cavazzi afirma que é uma fruta “doce, picante, sucosíssima, restaurativa do estômago [...] diluído em água, me saiu uma coisa estupenda”³⁶⁶ (CAVAZZI, 1687, p. 36). Para Almeida (2005, p. 3), esse tipo de informação alimenta a “cultura da

³⁶⁵ O próprio Cavazzi traduz essa palavra como significando “semente trazida pelos portugueses” (CAVAZZI, 1687, p. 25).

³⁶⁶ “dolce, picante, sucosíssima, confortativa dello stomaco [...] stemperando in acqua, mi riuscì cosa stupenda”.

curiosidade” dos interessados e colecionistas europeus, que enchem os catálogos de suas exposição com objetos raros, bizarros e exóticos.

O solo africano é na maior parte cultivável, mas falta aos habitantes o emprego de instrumentos e os conhecimentos adequados para cultivá-lo. Apesar de possuírem animais de tração, não existe no povo a sabedoria de submeter os bois ao arado, deixando o trabalho exaustivo de carpir a terra, de semear de cultivar, utilizando somente a enxada, às mulheres. Neste trabalho fatigante se ocupam apenas elas, pois os homens são indolentes e gostavam das lidas da guerra. Para Cavazzi, causa compaixão vê-las, sob o sol inclemente, com seus filhos amarrados às costas³⁶⁷ enquanto trabalham, levantando-se e abaixando-se, no contínuo vai e vem da enxada, ainda tendo de amamentá-los durante a estafante labuta (cf. Fig. 21).

Figura 21 - Mulheres carpindo³⁶⁸

Para o autor, a colheita é sempre pouca, pois pouco é o cultivo. Devido às condições adversas, o povo fica muitas vezes sem ter o que comer. Quando os grãos são destruídos pelos insetos, recorrem às ervas, alimentando-se com as que nascem espontaneamente, motivo pelo qual muitos morrem de fome. Como atesta ele, “morrem sem remédio: miséria que causa horror somente ao sentir contar, mas é muito mais sensível a quem a experimenta [a miséria]”³⁶⁹ (CAVAZZI, 1687, p. 26). Mil vezes vê mulheres trabalhando e lamentando-se da vida dura e da fome que sofrem. Narra ele a respeito:

³⁶⁷ Segundo Cavazzi, o costume de amarrar os filhos enquanto trabalham é para evitar que eles sejam devorados pelas feras ou atacados pelas formigas.

³⁶⁸ In: Cavazzi, 1687, p. 27.

³⁶⁹ “muoiono senza rimedio: miseria che mette horror nel solo racconto, mà riesce molto più sensibile a chi la sperimenta”.

com um pedaço de qualquer raiz presa nos dentes, sem proferir palavras: enterneceria um coração de pedra aquele contínuo lamentar das afomeadas Trabalhadoras, enquanto que em forma de dolorosa canção, o dia inteiro vão repetindo *Imcafuanzale, Imcafuanzale*, isto è, eu morro de fome, eu morro de fome³⁷⁰ (CAVAZZI, 1987, p. 27, grifos do autor).

O olhar de Cavazzi sobre a paisagem é dominado, notadamente, pela ausência do homem. Para Almeida, a realidade africana manifesta-se pelo seu aspecto agreste, selvagem e imperfeito; nos lugares onde a natureza explode, em uma exuberância copiosa a sua fecundidade, “inexiste o poder da mão transformadora do homem, capaz de tornar realidade o que é apenas latente” (ALMEIDA, 2005, p. 2). E é a partir dessa natureza inacabada e truncada, pois não realizada na sua completude, que Cavazzi olha o modo de vida, a cultura e os costumes, que denunciam a “dura falta e pertinaz desaplicação que eles têm pelas coisas que requerem fadiga e estudo”³⁷¹ (CAVAZZI, 1987, p. 141). Em todos os domínios sobre os quais Cavazzi fala, sempre transparece o exagero que caracteriza o comportamento do africano: a religião é um aglomerado de superstições: a alimentação, como a dos animais, resume-se a ervas e raízes (batata-doce, inhame, mandioca); a música é um amontoado de ritmos e sons sem nenhuma harmonia, que refletem o absurdo que é a própria vida deles.

O relato de Cavazzi (e de outros capuchinhos) representa um ponto importante para compreender a história desse período, pois relaciona tópicos que talvez teriam sido perdidos não fossem registrados na *Ist/Descrizione*. Para Guglielminetti (1976, p. 38), o livro representa uma tentativa de compor um retrato das missões capuchinhas em uma África dominada, em uma pequena parte, pelos portugueses e o restante sob o domínio de soberanos locais, que se encontram mais interessados pelos fetiches e magias do que persuadidos pelo cristianismo. Ainda segundo o crítico italiano, Cavazzi tem a coragem de mostrar o estado de embrutecimento em que viviam os angolanos e congueses nesse período.

Escrever sobre os costumes da África certamente não foi fácil para Cavazzi, pois ao apresentar um mundo diferente e difícil de ser compreendido, poderia levar a interpretações que não se coadunam com a sua visão da realidade:

Estranhas coisas têm de descrever a minha pena acerca dos costumes destes três Reinos, nem poderia a minha condição de religioso deixar de detestar esse assunto (seja porque a barbárie os torna abomináveis, ou porque a

³⁷⁰ “con un pezzo di qualche radice attaccata a’ denti, senza proferire parola: intenerirebbe un cuore di macigno quel continuo lamentarsi delle affamate Lavoratrici, mentre in forma di dogliosa canzone tutto il giorno vanno ripetendo *Imcafuanzale, Imcafuanzale*, cioè, io mi muoio di fame, io mi muoio di fame”.

³⁷¹ “dura insufficienza, e pertinace disapplicazione che essi hanno intorno alle cose, che richiedono fatica, e studio”.

total discrepância dos nossos costumes os fazem parecer assim) se a História, sem ter ciência deles não seria completa, e a descrição de um Clima totalmente oposto ao Europeu exige de mim aquela sinceridade que sempre professei, narrando particularidades em que eu mesmo tive de acreditar³⁷² (CAVAZZI, 1687, p. 62).

Ao falar sobre as dificuldades que encontra para descrever os costumes africanos, remete ao constrangimento que, como religioso, sente ao falar sobre uma população dominada por práticas culturais ligadas a fetichismos, idolatrias, poligamia e ao canibalismo, práticas essas consideradas repulsivas, pois iam de encontro ao seu pensamento religioso e moral: cultuar fetiches, dançar em adoração a uma cabra, fazer sortilégios e praticar a antropofagia eram, para Cavazzi, atos próprios de homens pertencentes a culturas primitivas. O livro é uma súmula documentária que denuncia o estado de semi-barbárie em que viviam os jagas, com suas práticas antropofágicas e infanticidas e do marcado estado selvageria que dominava as populações locais, antes da chegada o homem branco que, com o seu viés cultural, veio atuar como elemento civilizador. Quando falamos em barbárie, não estamos nos referindo às práticas religiosas e culturais e sim daquelas que ferem os princípios básicos sobre os quais foram construídas as sociedades evoluídas, ou seja, o direito à vida. Sobre o canibalismo vingente nas possessões da Rainha Nzinga, no reino de Matamba, Eyriès³⁷³ (apud LEGUZZANO, 1965, p. XIII) emite dúvidas sobre a veracidade das afirmações de Cavazzi. Leguzzano, no entanto, não concorda com essa posição, pois, segundo ele, existem muitos outros relatórios que comprovam a mesma coisa, e ninguém jamais se ergueu para protestar sobre a inveracidade desses fatos.

A apreciação de Cavazzi em relação aos africanos não é positiva, o seu olhar de missionário não consegue compreender uma sociedade distante dos princípios e valores éticos e morais aos quais está habituado. Considera-os um “povo mais bestial que racional”³⁷⁴ (CAVAZZI, 1687, p. 131); não possuem dotes de inteligência, nem habilidades manuais e artísticas, pois são “rudes de intelecto e não possuem talento”³⁷⁵ (CAVAZZI, 1687, p. 169). São avessos à higiene: “gente pouco limpa, para não dizer porca, e fedorenta [...] dão pejo a

³⁷² “Strane cose conviene, che intraprenda à descrivere la mia pena intorno à costumi di questi trè Regni, nè potrebbe il genio religioso abborrire di porvi la mano (siasi, ò perchè li renda abominevoli la barbarie, ò increduli la totale discrepanza, che hanno da nostri) se l’Istoria, senza la notizia di essi potesse rimanersi intiera, ò se il trattarsi facende di un Clima totalmente oposto all’Europeo, non facesse capitale, e fondamento nella sincerità da me professata in descrivere molte particolarità, alle quali io stesso, doppo haverle praticate, fui costretto piegare la credenza”.

³⁷³ Biographie Universelle, VII. Paris: 1813, p. 450-451.

³⁷⁴ “gente più bestiale che ragionevole”.

³⁷⁵ “rozzi d’intelletto, mancano di talento”.

quem trata com eles”³⁷⁶ (CAVAZZI, 1687, p. 173). Além de tudo são preguiçosos, não cultivam quase nada: “a maior parte vive sem outra coisa na cabeça, a não ser economizar o suor, sem cuidar do que deve ser produzido na próxima estação”³⁷⁷ (CAVAZZI, 1687, p. 25). Para Almeida (2005, p. 7) a “ideia da preguiça e da falta de indústria dos africanos é de tal modo poderosa que a sua influência deve sempre presumir-se como activa e eficaz, mesmo que o exame e a experiência dos factos pareça contrariá-la”.

Continuando na sua descrição dos nativos africanos, retrata-os como sumamente apegados aos prazeres da carne: possuem “um doce apetite de propagar a própria espécie” e “apreciam mais a crua satisfação dos sentidos” do que a “honesta razão de procriar filhos”³⁷⁸ (CAVAZZI, 1687, p. 131). Somadas a todas essas negatividades julga que exista neles “uma propensão [...] ao mal mais que ao bem”³⁷⁹ (CAVAZZI, 1687, p. 107). Contudo o que mais irrita o missionário são as práticas de magias e as superstições. Existe para ele um mal disseminado, fortalecido pelas práticas dos “profanos sacerdotes dos ídolos” que são verdadeiros “ministros do demônio” e não vacilam em fazer pactos com o diabo.

A representação do homem bestial, habitante da África, remonta ao geógrafo árabe Leão Africano³⁸⁰, que compôs em italiano a *Descrizione d’Africa*, na qual expõe sobre os africanos: “Aqueles da terra negra são homens bestialíssimos, homens sem razão, sem engenho e sem prática; não possuem nenhuma informação de qualquer coisa que exista e vivem como feras sem regras e sem lei; [...]. Enfim, eles têm pouco mais do que sentimento humano”³⁸¹ (RAMUSIO. 1553, p. 31). O pensamento de Leão Africano reflete uma concepção que existia antes, a visão dos próprios africanos sobre as populações africanas menos desenvolvidas e que teve como consequência uma dominação vergonhosa, que se revelou em um dos estigmas das nações americanas, a escravidão.

A partir da chegada dos portugueses, emerge das páginas de Cavazzi a representação de uma civilização modelada na europeia, na qual os nativos começam a modificar a sua postura, abandonando muitas de suas práticas culturais. O homem branco seria, portanto, na

³⁷⁶ “gente poco polita, per non dire succida, e fetete [...] mettono schifo à chiunque tratta con essi”.

³⁷⁷ “la maggior parte vive senz’altro in testa, che di risparmiare il sudore, non curandosi di quello, che nella futura stagione sia per avvenire”.

³⁷⁸ “un dolce apetito di propagar ela própria specie”; “apprezzano più la nuda soddisfazione del senso”; “l’honesta ragione di procreare figli”.

³⁷⁹ “la propensione [...] al male più che al bene”.

³⁸⁰ Hasan ibn Muḥammad al-Wazzān, nascido em Granada por volta 1485, batizado em Roma com o nome de Iohannes Leo de Medicis (Giovanni Leoni de’ Medici), em homenagem a Leão X e apresentado em Ramusio como Leo Africano (Treccani, enciclopédia).

³⁸¹ “Quei della terra negra sono uomini bestialissimi, uomini senza ragione, senza ingegno e senza pratica; non hanno veruna informazione di che che sia e vivono pure a guisa di bestie senza regola e senza legge; [...] Essi in fine hanno poco più del sentimento umano”.

concepção do padre, o redentor da África selvagem, pois é por ele e através dele, que a religião corrobora na melhoria de vida do africano. O neobatizado deixa os seus referenciais culturais para abraçar a fé e, desse modo, se redimir das culpas e erros passados. Corvo (1884, v. III, p. 83). acredita que a propagação do cristianismo, sem os abusos e fanatismo que o caracterizam, seria um dos meios mais seguros para promover a civilização dos povos africanos, deixando que a “natural evolução intelectual” se processe espontaneamente em um meio muito diferente do europeu. Não concordamos com essa posição de Corvo pois existe, na África desse período, uma sociedade estruturada, dentro de um esquema hierárquico diferente do europeu, mas nem por isso menos funcional.

Quando os portugueses chegam no Congo e Angola, a base da economia mantêm-se com os produtos dos mercados regionais, incluindo o sal, metal, tecidos feitos à base de fibras naturais. O comércio é facilitado por uma unidade de troca, base de um sistema monetário próprio, o jimbo. O branco, ao chegar à África, não procura desenvolver esse mercado, como aconteceu na Índia e no Oriente, onde compra os produtos locais para revender nos mercados europeus e nas possessões ultramarinas. No continente africano limita-se a um único “produto” local, visando suprir as colônias com uma mercadoria considerada valiosa – a venda de escravos – e praticando somente essa atividade deixa o comércio local empobrecido, de homens e de produtos.

Os missionários se preocupam em salvar as almas, em lavar o pecado pelo batismo, mas ao mesmo tempo procuram desenvolver obras sociais. Geralmente a primeira providência é construir uma igreja, como ponto de união e reunião. Proporcionam outros tipos de melhorias sociais, tais como assistir os doentes e os pobres, recolhendo-os em pequenas casas. Importante destacar o trabalho de educação, com a implantação de escolas. Para obter sucesso, procuram converter primeiramente os chefes das tribos pois facilita, posteriormente, a conversão dos súditos. É o que acontece com a temível rainha Nzinga que, uma vez batizada, fez questão que todo o seu povo abrace a fé cristã. A aceitação do cristianismo envolve outros interesses por parte dos reis africanos, sobretudo interesses econômicos e sociais. Não obstante essas argumentações, o pensamento de Cavazzi, como de todo missionário desse período, deve ser entendido dentro de um contexto histórico e da sua própria ótica. Como todo sacerdote, ele ‘traduz’ a cultura angolana para o europeu permeada pelo olhar de cristão. Certamente que as práticas culturais dos africanos são muito diferentes daquelas a que ele está habituado; portanto, se não compartilhamos com as suas posições, pelo menos devemos compreender as suas razões. O missionário foi para a África obedecendo ao projeto de expansão do catolicismo, objetivado também pela contrarreforma, através da

recém-criada Propaganda Fide. Para ele, cristão e monoteísta, viver em uma civilização tão dessemelhante da sua se configura um verdadeiro ato de fé.

5.11.2.1 *Ecasuals* em Cavazzi

ALICONDE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “L’<ALICONDE>, che i Neri chiamano Bondo, è Albero di smisurata grandezza e grossezza, di sorte che ve n’ha molti di essi, i quali appena s’abbracciarebbono da dieci persone in giro” (CAVAZZI, 1687, p. 28, caixa alta do autor).

Italiano: *baobab*.

Português: *licondo*.

Citações na obra: p. 41, 821, *aliconda*: p. 10.

Análise do dado: LICONDO: é um regionalismo de Angola para significar a árvore do baobá (*Adansonia digitata*); baobá, liconte. Cavazzi acrescenta que na língua nativa o baobá é conhecido também como *bondo*; o autor usa alternadamente *bondo* e *aliconde*, como por exemplo na passagem “certa sorte di alberi chiamati bondi, prodigiosi nella grandezza” (CAVAZZI, 1687, p. 771, grifo nosso). Assis Junior ([19--], p. 23) registra *mbonde* e *boababe*, planta têxtil e alimentícia. Adaptação morfológica formal gráfica e fonética com acréscimo de um fonema/grafema inicial /a/ e a substituição do grafema final –o em –e.

ARASASSE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “L’<ARASASSE> dell’ordinaria grandezza degli altri Alberi, produce un frutto quanto una Noce, saporito e gustoso, come Fragole” (CAVAZZI, 1687, p. 34, caixa-alta do autor).

Italiano: –

Português: *araçá*.

Citações na obra: 801.

Análise do dado: ARAÇÁ: fruto do araçazeiro, planta pertencente ao gênero *Psidium*. Essa planta nativa do Brasil foi vista por Cavazzi, provavelmente, quando passou pelo nosso país. Etimologia do tupi *ara’sa*. Adaptação morfológica formal gráfica de –ç para –s, com acréscimo de um fonema final /se/.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] in fatti lo deputarono à servire in qualità di Capellano sopra un’<Armata> Navale, che usciva in traccia de’ Corsari Barbareschi” (CAVAZZI, 1687, p. 479).

Português: armada.

Citações na obra: p. 226, 269, 354, 386, 532, 882 etc.

Análise do dado: Ver **armata** em Varthema.

ARTIGLIERIA s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] prese partito di chiedere soccorso mediante lo sparo dell’<Artiglieria> ad un Vascello Inglese che à sorte scopri” (CAVAZZI, 1687, p. 397).

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 313, 604, 761, 764, 766, 875.

Análise do dado: Ver **artegliaria** em Varthema.

BANZA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “La Corte o <Banza> principale chiamasi anch’ella Sundi, sei leghe lontana da una spaventevole caduta del sudetto Fiume Bancari” (CAVAZZI, 1687, p. 5).

Italiano: –

Português: banza.

Citações na obra: p. 3, 6, 264, 270, 320, 572, 816 etc.

Citações em outros autores: De Carli: p. 43.

Análise do dado: BANZA: residência do régulo, em África (Aulete). O Houaiss registra como definição de banza “aldeia ou povoação em que reside um soba africano” (grifo nosso). Como vemos, existe controvérsia entre as duas definições. A definição de Cavazzi aproxima-se daquela presente no Aurélio e é a mesma que se encontra em De Carli, definida como residência dos senhores do lugar. Assis Junior ([19--], p. 19) atesta *mbanza*, significando cidadela ou povoação, mas também residência do governador ou chefe. Sem adaptações.

BARRA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Calmatasi la burrasca entrammo poco doppo nella <Barra> di Lisbona, che così chiamano la foce del Tago, per cui si ascende à quel Regio Emporio” (CAVAZZI, 1687, p. 876).

Português: barra.

Citações na obra: *sbarre di Lisbona*: p. 882.

Análise do dado: Cavazzi nomina o rio Tejo de Tago, assim como De Carli, que denomina a barra do rio Tejo de *sbarra*. Ver **barra** em Da Empoli.

BASSO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] il Piloto inavvedutamente incagliò in un <basso> di arena con manifesto pericolo di perdersi” (CAVAZZI, 1687, p. 396).

Português: baixio.

Análise do dado: Ver **basso** em Da Empoli.

BATTATA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “I Portoghesi chiamano <BATTATA> una sorte di Rape proprie di cotesto Clima, specialmente de Congo. ” (CAVAZZI, 1687, p. 38-39, caixa-alta do autor).

Português: batata-doce.

Análise do dado: As principais fontes de carboidratos dos habitantes da África Portuguesa eram o igname, a batata-doce e a mandioca, estas duas últimas raízes nativas do Brasil. Leguzzano (1965, p. 53, nota 83) assegura tratar-se da batata-inglesa (*Solanum tuberosum*), que ainda não era universalmente conhecida, mas já cultivada em Angola. Não acreditamos que seja esta batata, pois em Angola, com toda a tecnologia atual, a batata-inglesa ainda continua de difícil cultivo³⁸². Cavazzi comprova tratar-se da batata-doce, no desenho feito sob sua indicação, apesar dos seus desenhos não serem muito fiéis ao original (cf. Fig. 22). Ver **batate [...] come castagne** em Pigafetta.

³⁸²Informação disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0871-018X2010000200018&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jun. 2013.

Figura 22 - Batata-doce³⁸³

BESÙ s. m. sing. *Matérias-primas transformadas.*

Atestação: “[...] radendola sottile con un coltello e dopo che è bem seccata e ridotta in polvere, impastandone foccaccie (chiamate <Besù>)” (CAVAZZI, 1687, p. 19, parênteses do autor).

Italiano: –

Português: beiju.

Análise do dado: BEIJU: alimento feito com a massa de mandioca assada, em uma espécie de biscoito; biju. Do tupi *mbe'yu*, bolo de mandioca assada; a palavra para beiju em quimbundo é *funji*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética e perda do fonema e grafema central /e/ e a mudança do fonema /g/ português para /z/.

BOBBE s. m. sing. *Usos e costumes.*

Atestação: “La prima è il Morbo Gallico, dito <Bobbe> da Portoghesi, e corre fama che dall’ America lo portassero” (CAVAZZI, 1687, p. 141).

Italiano: *framboesia*.

Português: boubá.

³⁸³ In: CAVAZZI, 1687. Figura inserida entre as páginas p. 36 e 37.

Citações na obra: p. 240.

Análise do dado: BOUBA: doença tropical causada pelo espiroqueta *Treponema pertenue*, com manifestações cutâneas, erupções e lesões da pele; framboesia. Na língua italiana a framboesia, segundo Treccani, também é conhecida como *pian*, palavra de origem tupi. Cavazzi atribui aos portugueses a introdução desta doença na África. Decalque sinónimo com adaptação morfológica formal gráfica e fonética; mudança do fonema /u/ para o dígrafo –b e a substituição do grafema final do português –o no –e.

BOMBE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] travagliavano le ciurme e i passeggeri alle <bombe>, e all’altre machine per cavarla meglio che si potesse” (CAVAZZI, 1687, p. 353).

Português: bombas.

Citações na obra: p. 485, 761.

Análise do dado: **Análise do dado:** ver **bonbe** em Da Empoli.

BONITTO s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Cuopre il capo di una Berretta, o sia <Bonitto>, come dicono i Portoghesi, tutto bianco, trapuntato di arabeschi” (CAVAZZI, 1687, p. 172).

Italiano: *berretto*.

Português: bonete.

Citações na obra: p. 173, *bonetto*: p. 256.

Análise do dado: BONETE: espécie de boné; barrete. Segundo Houaiss é um diacronismo. O próprio autor afirma ser uma palavra portuguesa. Ver **bonet** em Pigafetta.

BRASILE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] bastò poscia guidarli in capo de’ sudetti 63 giorni in America entro il Porto della Baya alla Costa del <Brasile>, giurisdizione di Portogallo” (CAVAZZI, 1687, p. 354).

Português: Brasil.

Citações na obra: p. 31, 58, 110, 354, 358, 363, 378 etc.

Análise do dado: É a primeira ocorrência que encontramos do topônimo *Brasile*, como é denominado na língua italiana o nosso país, após as diversas grafias apresentadas nos viajantes. Ver **Bresil** em Da Empoli e **Tera del Verzin** em Pigafetta.

BREDI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Le Erbe Missanda, e <Bredi> macerate alquanto in acqua calda e doppoi ben’asciutte, passano per delizioso trattenimento delle conversazioni” (CAVAZZI, 1687, p. 138).

Italiano: *amaranto*.

Português: *bredos*.

Análise do dado: BREDO: erva cosmopolita da família das amarantáceas (*Amaranthus viridis*), usada como verdura, que apresenta várias propriedades medicinais. Cavazzi relata que é utilizada como bebida, em forma de chá, nas reuniões sociais. Pesquisamos em sites italianos, pelo nome científico, e encontramos diversas denominações, entre outras *amaranto*, *erba del concio* e *erba da porri*. Não sabemos dizer se se trata da mesma erva. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural masculino em –i.

CAFRI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] infiltrandossi per la regione de’ <Cafri>, dietro le Coste di Mozambique fino al Capo di Buona Speranza” (CAVAZZI, 1687, p. 186).

Português: *cafres*.

Análise do dado: ver **chafri** em Da Empoli.

CALMA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] il passaggio sotto l’equatore, le noiose <calme> e il dimorare necessariamente in America finché surgano Venti Boreali che portino le Navi all’estrema parte dell’Africa” (CAVAZZI, 1687, p. 303).

Português: *calma*.

Citações na obra: *calma/e*: p. 303, 308, 353, 380, 408, 462, 534 etc.

Análise do dado: ver **calma** em Sassetti.

CALUNGA s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Un tempo fa i rè di Angola adoravano un certo <Calunga>, che significa Mare, overo Signor grande” (CAVAZZI, 1687, p. 238).

Italiano: –

Português: *calunga*.

Citações na obra: p. 773.

Análise do dado: CALUNGA: divindade ou entidade espiritual cultuada pelos povos bantos, que se manifesta como força da natureza. Etimologia do quimbundo *kalunga* significando mar

grande, oceano (ASSIS JUNIOR, [19--], p. 89). Segundo o Houaiss, os africanos chamavam por esse nome o Deus cristão, por considerá-lo vago como a imensidão do mar. Sem adaptações.

CAMINO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] doppo alcuni giorni sopra un’altro legno, che non era ingombrato di Schiavi, prosseguì il <camino> à dirittura di Lisbona” (CAVAZZI, 1687, p. 462).

Português: caminho.

Citações na obra: p. 408, 413, 462, 534, 576, 592, 594 etc.

Análise do dado: ver **chammino** em Da Empoli.

CANOE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “I Fiumi si valicano in diverse maniere: alle volte dentro alcune Barchette incavate nel tronco di un’Albero e chiamansi <Canoe>” (CAVAZZI, 1687, p. 149).

Português: canoas.

Citações na obra: *canoas*: p. 576, 854.

Análise do dado: ver **canoè** em Pigafetta

CASSANGE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Doppo di lui governarono <Cassange> Caiombe, Cabucco, Cafá, e altri differenti però da fouracennati al numero di trenta” (CAVAZZI, 1687, p. 205).

Italiano: –

Português: caçanje.

Citações na obra: p. 774, 681, 686,

Análise do dado: CAÇANJE: indivíduo pertencente aos caçanjes, grupo étnico de Angola; Cavazzi utiliza, indistintamente, esse *Ecasual* como título de uma dignidade, falando em *Cassange Calunga*, *Cassange Caiombe* etc. e como o nome de um chefe dos jagas, o *Giaga Cassange*, rei dos Ganguelas. Assis Junior ([19--], p. 101) registra *kasánji* como sendo um território na província de Malange e diversas povoações de Angola. Decalque semântico com a adaptação morfológica formal gráfica com a substituição do grafema –ç para –s e do grafema –j para o dígrafo –g respectivamente.

CASSIMBE s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Verso la Magnanga luogo così detto dove sono le <Cassimbe>, cioè le fosse per raccogliervi le acque in servizio della Gente nera, schiava de’ Portoghesi” (CAVAZZI, 1687, p. 17).

Italiano: –

Português: cacimbas.

Citações na obra: p. 770.

Análise do dado: CACIMBA: cova escavada no chão em lugar úmido ou leito de rios, no qual se acumula a água da chuva ou provinda do solo; olho-d’água. Atestado em Assis Junior ([19--], p. 151), como vindo do quimbundo *kixima*, significando tanque, cisterna. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica, com a substituição do grafema –c para o dígrafo –s, e de número plural feminino em –e.

CHILOMBO s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Giunti al <Chilombo> (che noi diressimo la Città) vide per tutto affollata moltitudine di gente concorsavi da contorni, ad oggetto di compiacere la propria curiosità” (CAVAZZI, 1687, p. 643).

Italiano: –

Português: quilombo.

Citações na obra: *chilombo/i*: p. 186, 190, 192, 193, 195, 205.

Análise do dado: QUILOMBO: entre os ovimbundos, organização destinada ao treinamento de meninos para os ritos de passagem para a vida adulta; mais tarde, organização militar (FONSECA, 2012, p. 39). Segundo a autora, o missionário descreveu e esquematizou em desenho o quilombo, onde os diversos níveis das paliçadas impediam o acesso à residência central do chefe militar (cf. Fig. 23). Na presente atestação, Cavazzi define como sinônimo de cidade. Não encontramos nos dicionários portugueses esse significado dado pelo autor. Houve, sem dúvida, na nossa língua, um empréstimo semântico funcional, pois quilombo, nos dicionários portugueses, refere-se às fortificações ou lugares onde se abrigavam os escravos fugidos. Assis Junior ([19--], p. 127) registra *kilómbô*, arraial, cabana, acampamento. Decalque semântico com adaptação gráfica, normal italianização do dígrafo –ch em substituição ao português –qu.

Figura 23 - Quilombo africano³⁸⁴

COLLERA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “L’albero <COLLERA>, assai alto, produce frutto simile ad un Cetriolo ben grande, e ha dentro di se alcune frutta della grandezza d’una picciola castagna monda” (CAVAZZI, 1687, p. 29-30, caixa-alta do autor).

Italiano: *cola, noce di cola*.

Português: *coleira*.

Citações em outros autores: De Carli, *colla*: p. 70.

Análise do dado: COLEIRA: planta da família das esterculiáceas (*Cola acuminata*), nativa da África, cujas sementes são conhecidas como noz-de-cola, cola, colateira etc. Os nativos utilizavam as sementes frescas como estimulante e, quando secas, reduzidas a pó, como cicatrizante. É pouco conhecida na Itália; não se encontra registrada nos dicionários, e seu nome científico, quando colocado em motores de busca italianos (sobretudo sites de lojas de comércio de ervas), traz como correspondente em italiano *noce di cola*, que equivale à planta e à semente. GDLI (1961, v. III, p. 270) regista cola, e acrescenta que a *Ecasual* entrou para a língua italiana através do francês, provindo de uma língua de Serra Leoa, em 1876. Contudo vemos que a atestação do Cavazzi é bem anterior. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –l em uma hipercorreção gráfica e perda do fonema /i/.

CONDE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Due sorti di <CONDE>, o sia frutto del Conte, viddi in cotesti Regni [...]” (CAVAZZI, 1687, p. 34, caixa-alta do autor).

³⁸⁴ In: CAVAZZI, 1687, p. 207. Notar a disposição do chefe militar e da igreja.

Italiano: –

Português: conde.

Citações na obra: p. 38, 801.

Citações em outros autores: Guattini, *frutti (...) del conte*: p. 28.

Análise do dado: FRUTA-DE-CONDE: fruto da planta da família das anonáceas (*Annona squamosa*), nativa da América tropical, de polpa doce e macia, com propriedades adstringentes laxativas, quando verdes. As variedades das plantas das Anonáceas são muitas (cerca de duas mil espécies), sendo difícil estabelecer a qual delas se refere Cavazzi, que discrimina dois tipos: a primeira, com a casca lisa –, que no desenho inserido no livro é apresentada como “ordinária” – pode ser a fruta conhecida popularmente como condessa, conde ou anona lisa (*Annona reticulata*); a segunda, apresentada como “extraordinária” e figurada com a casca rugosa, é a verdadeira fruta-do-conde, também conhecida popularmente como ata ou pinha (*Annona squamosa*). Segundo Leguzzano (1965, p. 49, nota 79) a fruta é assim chamada por ter sido trazida da Índia pelo conde de Vidigueira, mas o Houaiss a apresenta como nativa do continente americano. Nos blogs e sites de jardinagem italianos encontramos apenas com o nome científico (*Annona*), ainda sem um nome popular. Sem adaptação.

COPERTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] sopra un Pettacchio carico di 300. Schiavi Neri, i quali per essere indiscretamente stivati sotto <coperta>, non potevano mouoversi, ò coricarsi” (CAVAZZI, 1687, p. 526).

Português: coberta.

Citações na obra: p. 877.

Análise do dado: ver **coperta** em Varthema.

CORALLO s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Ne’ contorni di Pernambuco havvi una specie di Serpi, chiamate <Corallo>, per essere formate à guisa di un Monile di vaghi Coralli infilati” (CAVAZZI, 1687, p. 872).

Italiano: *serpente corallo*.

Português: coral.

Citações na obra: *biscia del corallo*: p. 58.

Análise do dado: COBRA-CORAL: serpente cujo corpo é formado por anéis de cores vivas, vermelho, branco e preto. No Brasil existem dois tipos, a cobra-coral venenosa, da família dos

elapídeos (*Micrurus corallinus*) e a denominada popularmente de falsa cobra-coral, pertencente à família dos colubrídeos (*Erythrolamprus aesculapii*). Ambas são muito semelhantes, sendo necessário um exame minucioso da posição das presas e dos anéis para distingui-las. Cavazzi fala da coral venenosa. Adaptação gráfica e fonética com acréscimo de fonema /o/ final, em uma normal italianização dos empréstimos que na língua doadora terminam em –l.

CORVINE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Il pesce detto <CORVINE>, de’ quali tal’uno è lungo otto palmi, hanno nel capo alcune pietruccie di gran virtù” (CAVAZZI, 1687, p. 53, caixa-alta do autor).

Italiano: *croaker*.

Português: corvina.

Análise do dado: CORVINA: peixe marinho, da família dos cienídeos (*Micropogonias furnieri* e *M. undulatus*) comum no Atlântico. Trata-se de uma palavra cujo étimo é o espanhol *corvina*, portanto um iberismo. Decalque homonímico com adaptação morfológica funcional, com a mudança de gênero do feminino português para o masculino em italiano e adaptação gráfica e fonética com a substituição do grafema –a, por –e.

DONN[A]’ s. f. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Questi furono gli estremi honori, che dalla Regina Zingha, ò sia <Donn’> Anna hebbe il suo Massimo benefattore il P. Antonio Gaeta” (CAVAZZI, 1687, p.693).

Italiano: *signora*.

Português: dona.

Citações na obra: *donn’/donna*: p. 608, 663, 686, 698, 722, 723, 725, 733 etc.

Análise do dado: DONA: tratamento dado às pessoas de origem nobre e, posteriormente, estendido às mulheres como tratamento respeitoso. Existia no italiano com o primeiro significado, contudo no contexto é um *Ecasual* do português. Decalque semântico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –n em uma hipercorreção gráfica. Elisão da vogal final da *Ecasual donna*, pois antecede outra palavra iniciada com vogal.

DUCHI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “I Governatori di questa Provincia, che s’intitolano <Duchi>, e sono sempre de’ primi principi del Regio Sangue [...]” (CAVAZZI, 1687, p. 3).

Italiano: *duchi*.

Português: duques.

Citações na obra: p. 4, 140, 264, 518.

Análise do dado: DUQUE: título de nobreza, abaixo apenas de príncipe, criado por Carlos Magno, na Idade Média. Em Cavazzi existe uma outra conotação semântica: como título trazido pelos portugueses e incorporado pelos chefes de diversos grupos étnicos aliados, na África lusitana. O autor fala em Duque de Mbamba, Conte de Sonio, Grão-duque de M'bata etc., sendo que Mbamba, Sonio, e M'bata são todas cidades do Congo e de Angola. Além do título assumiram também o tratamento de Dom e Donna, anteposto a seus nomes. Decalque semântico com adaptação gráfica, normal italianização do dígrafo **-ch** em substituição ao português **-qu**.

FATTORIA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] e fattolo dalle sue guardie sequestrare una <Fattoria> pure degli Olandesi, costrinselo servire come Schiavo al suo sotto Capitano” (CAVAZZI, 1687, p. 321).

Português: feitoria.

Citações na obra: p. 563.

Análise do dado: ver **fattoria** em Da Empoli.

FLOTTE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Era il Porto di Lisbona la prima Scala del viaggio loro, concio sia che partono di colà numerose Squadre, e <Flotte> verso l’Indie, specialmente verso tutti que’ luoghi, ne’ quali la Corona di Portogallo possiede ragioni di assoluto dominio” (CAVAZZI, 1687, p. 308).

Português: frotas.

Citações na obra: p. 402, 414, 526, 575, 592, 870, 876 etc.

Análise do dado: ver **frotta** em Da Empoli.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Sotto Cabo de Gatas, ricovero di Ladroni, improvvisamente arrestati dalla calma, che può chimarsi penosissima <fortuna> di Mare, singularmente ne’ luoghi sospettosi, stettero alquanti giorni frà le angoscie” (CAVAZZI, 1687, p. 882).

Português: fortuna.

Citações na obra: p. 357.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

FUBA s. m. sing. *Matérias-primas transformadas.*

Atestação: “[...] detta in lor linguaggio <Fuba>, radendola sottile con un coltello e dopo che è ben seccata e ridotta in povere, impastandone foccaccie (chiamate Besù) ” (CAVAZZI, 1687, p. 19, parenteses do autor).

Italiano: *farina di polenta*.

Português: fubá.

Análise do dado: FUBÁ: farinha obtida pela moagem do milho, utilizada especialmente na culinária. Assis Junior ([19--], p. 36) registra *fûba*, pó proveniente da trituração ou moagem de um cereal. Decalque semântico, com adaptação morfológica formal gráfica na ausência de acentuação.

FUSTE s. f. pl. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “Ebbero incontro di <Fuste>, ch’ erano le Spie vanguardie di un’ Armata di Corsari” (CAVAZZI, 1687, p. 882).

Português: fustas.

Análise do dado: ver **fusta** em Varthema.

GANGA s. m. sing. *Dignidades.*

Atestação: “Nel Congo, quando il Giudice non può speditamente ò per altro mezzo convincere uno [...] lo costituisce davanti al <Ganga>, o vogliamo dire Sacerdoti dei Giuramenti” (CAVAZZI, 1687, p. 89).

Italiano: –

Português: ganga.

Citações na obra: p. 34, 91, 117, 127, 132, 177 etc.

Análise do dado: GANGA: feiticeiro nas sociedades tribais do Congo. Em Angola, feiticeiro que é especialista em adivinhar o responsável por uma morte. Cavazzi, na página 509, fala em *ganga bianco* (ganga branco), referindo-se aos sacerdotes europeus e na página 516, em *ganga dei portugueses* (ganga dos portugueses), pois algumas vozes locais espalharam a crença de que os missionários eram feiticeiros, capazes de jogar sortilégios e outros males, à semelhança das funções exercitadas pelos seus próprios feiticeiros. Em De Carli (1687, p. 68) o encontramos com o sinônimo de sacerdote. Tanto Houaiss quanto Aulete acrescentam outra acepção: como um regionalismo do Brasil, termo respeitoso utilizado pelos escravos título em relação aos seus senhores. Atestado em Assis Junior ([19--], p. 36) como sendo do quimbundo *ngánga*, sacerdote ou profeta. Sem adaptação. **Ver nganga** em De Carli.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes.*

Atestação: “[...] e la Verità facilmente insinuarebbesi nella mente e nei cuori di quei <Gentili>” (CAVAZZI, 1687, p. 74).

Português: gentios.

Citações na obra: p. 34, 91, 117, 132, 163, 170, 177 etc.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GIAGHI s. m. pl. *Usos e costumes.*

Atestação: “[...] e alle barbare leggi de’ <giaghi> inteiramente soggetta” (CAVAZZI, 1687, p. 2).

Italiano: –

Português: jagas.

Citações na obra: p. 5, 8, 9, 95, 114, 127, 197, 219 etc.; *gaghas*: p. 186

Citações em outros autores: De Carli: p. 42, 46, 47, 48, 49, 50, 61, 77, 85 etc.

Análise do dado: JAGA: designação genérica de grupos étnicos que invadiram o Congo e Angola no século XVI e, posteriormente, foram dominados pelos portugueses (Houaiss). O nome é também um título honorífico dos chefes jagas. João Andrade Corvo (1883, p. 47), citando a História do Congo, de Filippo Pigafetta, afirma que os jagas eram um povo nômade que invadiu o Congo, vindo de um império situado às margens do primeiro lago de onde nasce o Nilo. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança do fonema inicial /j/ do português para /dʒ/ e mudança do dígrafo –gh para –gu, em uma normal italianização desse fonema. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural do italiano em –i.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades.*

Atestação: “Entrò nella sala, e escorgendo collocata nel primo luogo una sedia di velluto con trine d’oro, per Don Giovanni Correa de Sosa, allora <Governatore>, ò sia Viceré di Angola” (CAVAZZI, 1687, p. 604).

Português: governadores.

Citações na obra: p. 3, 6, 16, 17, 19, 80, 184, 604 etc.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

GUAIAVA s. f. sing. *Exploratório-científico.*

Atestação: “La <GUAIAVA> alta quanto un Susino, produce un frutto poco dissimile d’un Pomo Arancio ordinario” (CAVAZZI, 1687, p. 34, caixa-alta do autor).

Português: goiaba.

Análise do dado: ver **guave** em Pigafetta.

INGOMBA s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “La Ngamba ò <Ingomba>, pezzo di tronco di Albero incavato à guisa de’ Tamburri, e coperto solamente nella parte di sopra, percuotesi con le pugna da alcuni che nell’Esercito hanno questa incombenza” (CAVAZZI, 1687, p. 166-167).

Italiano: –

Português: angomba.

Citações na obra: *engomba*: p. 509.

Análise do dado: ANGOMBA: grande tambor de uma só membrana, usado nos candomblés bantos (angolas e congos) e também em certas danças folclóricas (p. ex., bambelôs, cocos e jongos etc.); ingoma, ingomba, ingome. Houaiss registra ingomba, do mesmo modo como escreve Carletti e afirma ser um regionalismo do Brasil; como vemos, o instrumento origina-se da África, onde Cavazzi se encontrava. Provavelmente o autor tenha transcrito este *Ecasual* como ouviu. Assis Junior ([19--], p. 43) atesta *ngóma*, instrumento músico feito de comprido pau oco, tendo na extremidade mais larga uma pele tensa para ser percutida.

IMPALLANCHE s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Le <IMPALLANCHE> animali di color rossiccio e bianco, della grandezza d’una Mula, hanno le corna diritte, ed attorcigliate, onde dal numero delle piegature confrontasi quello degli anni” (CAVAZZI, 1687, p. 43, caixa-alta do autor).

Italiano: *impala*.

Português: impala.

Citações na obra: p. 43.

Análise do dado: IMPALA: Antílope (*Aepyceros melampus*) que ocorre no Sul e Leste da África, de pelagem castanho-avermelhada, com a barriga, cauda e boca brancas e cujos machos têm chifres em forma de lira (Houaiss). Existe a palavra *impalla* na língua italiana, mas o seu registro nos dicionários deu-se somente no século XX. Leguzzano (1965, p. 61, nota 97) atesta tratar-se do palanca (*Hippotragus equinos*), que também ocorre na África, mas Cavazzi fala em um animal com os chifres “retorcidos” (*attorcigliate*), e pelagem vermelha, enquanto que o palanca os possui curvados para trás e é de cor preta (ver

palanca no Cavazzi). Decalque homonímico com adaptação gráfica, com o acréscimo do fonema /**ke**/, registrado com o dígrafo –**ch** em substituição ao português –**qu**, e acréscimo do dígrafo –**l** em uma hipercorreção gráfica.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] scarica il suo grande alveo dentro i gorgi dell’Oceano dodici <leghe> distante dalla Città di Loanda” (CAVAZZI, 1687, p. 10).

Português: léguas.

Citações na obra: p. 3, 4, 10, 17, 18, 19, 29, 39 etc.

Análise do dado: ver **leghe** em Corsali.

LIBATTE s. f. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Le loro Cttà altro non sono, che adunanze di molte capanne, e chiamansi <Libatte>, ò Chilombo, costrutte à similitudine delle antiche castramentazione de’ romani, con un modelo solo, e una stessa maniera” (CAVAZZI, 1687, p. 205-206).

Italiano: –

Português: libata.

Citações na obra: *libatta/e*: p. 61, 75, 158, 213, 416, 438, 515, 566 etc.

Citações em outros autores: De Carli: p. 41, 43, 45, 53, 54, 55, 56 etc.

Análise do dado: LIBATA: grupo de casas ou palhoças pertencentes a uma família em África; umbala (Aurélio). O Houaiss Online atribui a origem etimológica como vinda ao umbundo. Para Cavazzi, a libata e o quilombo são sinônimos: pequenos ou médios vilarejos, às vezes com até três mil casas, onde habitam pessoas de famílias diversas. Descreve uma libata na província de Mbamba do seguinte modo: são formadas por casas rústicas, cobertas de palha de palmeira, construídas sem janelas e chaminés, dispostas longe uma das outras para evitar que um provável incêndio se alastre por toda a vila. No centro existe uma pequena praça, onde as pessoas vendem coisas diversas. Todo o conglomerado é protegido por uma cerca viva feita de espinhos, com uma só entrada, protegida também essa por espinhos, para evitar o ataque das feras, que frequentemente vêm à procura de alimento (CAVAZZI, 1687, p. 43). Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –**t** em uma hipercorreção e adaptação gráfica de número plural feminino italiano em –**e**.

LINGUADO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Il Pesce <Linguado> è il più saporito, anzi di miglior sostanza degli altri” (CAVAZZI, 1687, p. 54).

Italiano: *sogliola*.

Português: linguado.

Análise do dado: LINGUADO: nome comum a várias espécies de peixes, a maioria pertencentes aos gêneros dos paractídeos e soleas, de grande valor comercial. É difícil precisar a qual deles esteja referindo-se Cavazzi, pois existem centenas de espécies diferentes. O autor dá poucas informações sobre esse peixe e, como geralmente fazem os viajantes, nem sequer o compara com a solha, um linguado comum no Mediterrâneo. Sem adaptação.

LONGA s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “La <Longa> strumento accomodato à foggia di due Campanelle di ferro somiglianti à quelle che in Europa, portano appese al collo le guide degli Armenti, suonansi percotendolo con un picciolo legnetto, e l’usano i gran Signori, e Ufciziali in guerra” (CAVAZZI, 1687, p. 166).

Italiano: –

Português: longa.

Análise do dado: LONGA: instrumento de percussão de origem africana utilizado em Portugal. Cavazzi narra que a longa é levada pendurada no pescoço e que nas guerras os grandes senhores e oficiais também a usam. Acrescenta que era corrente a superstição de que os jagas as fabricassem com sangue humano. Sem adaptação.

MAMAO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Il <MAMAO>, i cui rami altro non sono, che foglie grandi, s’annovera frà le Piante, crescendo anch’esso al pari di molte altre” (CAVAZZI, 1687, p. 38, caixa-alta do autor).

Italiano: *papaia*.

Português: mamão.

Citações em outros autores: De Carli, *mamani*: p. 28.

Análise do dado: MAMÃO: fruto do mamoeiro (*Carica papaya*). Decalque homonímico, com adaptação morfológica formal gráfica na ausência de acentuação.

MABOCHE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Le <MABOCHE> anch’esse pendenti da una pianta alta circa quatro braccia sono di color giallo languido, che nella figura somigliano l’Arancio” (CAVAZZI, 1687, p. 34, caixa-alta do autor).

Italiano: –

Português: mabocas.

Análise do dado: MABOCA: fruto do maboqueiro ou maboque (*Strychnos spinosa*), planta da espécie das loganiáceas, natural das florestas tropicais da África, utilizado para a alimentação humana e de animais. Cavazzi relata que os frutos são de ótima substância e no índice manda ver a palavra banana. Assis Junior ([19--], p. 294) atesta *muboke*, planta de fruto comestível. Decalque homonímico com a adaptação gráfica com o acréscimo do dígrafo –c em uma hipercorreção gráfica e de número plural feminino italiano em –e.

MANGHE s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Alle rive della Coanza e del Dande s’incontrano vaste Selve d’Alberi chiamati <MANGHE>” (CAVAZZI, 1687, p. 29, caixa alta do autor).

Italiano: *mangrovia*.

Português: mangue.

Citações em outros autores: Guattini, *alberi* [...] *radici avviticchiate in terra*: p. 58.

Análise do dado: MANGUE: espaço onde prolifera plantas da família das rizoforáceas (*Rhizophora mangle*), presentes nas regiões costeiras tropicais, em áreas de maré. Decalque homonímico com a adaptação morfológica formal gráfica com mudança do dígrafo –gu para –gh em uma normal italianização desse fonema.

MARIMBA s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Il più godibile sembrami la <Marimba>, la quale è ordita di quattordici ò sedici Zucchette disposte in buona consonanza, e ben collegate frà due asticelle” (CAVAZZI, 1687, p. 167).

Italiano: *marimba*.

Português: marimba.

Citações em outros autores: De Carli: p. 44, 49, 56.

Análise do dado: MARIMBA: instrumento musical de percussão feito de placas de madeira, tendo cabaças como ressonadores; marimbau. Cavazzi explica que a marimba é composta de quatorze ou quinze “abobrinhas” (na realidade são cabaças), presas em duas hastes, com a boca para baixo e uma espécie de teclado rudimentar de placas de madeira, que quando

percutidos, formam uma melodia agradável. GDLI (1961, v. IX, p. 804) registra a entrada e afirma que é palavra de origem africana, através do espanhol ou do francês. Acrescenta que o instrumento foi levado para o México no século XIX e sofreu modificações, não sendo igual àquele descrito por Cavazzi. Assis Junior ([19--], p. 278) atesta *marimba* como um instrumento bastante conhecido. Etimologia do quimbundo *ma-* prefixo indicativo de plural e *rimba* significando tambor. Sem adaptação.

MATEBA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La quinta chiamata <MATEBA> porge bevanda non dispiacevole al gusto, mà pregiudiziale allo stomaco” (CAVAZZI, 1687, p. 32, caixa-alta do autor).

Italiano: *matebba*.

Português: *mateba*.

Análise do dado: MATEBA: palmeira do oeste da África (*Hiphaene guinensis*), da qual se extraem fibras têxteis. Segundo Cavazzi, desta palmeira extrai-se um óleo gostoso, mas prejudicial ao estômago. O fruto, segundo o autor, possui no seu interior um licor, utilizado nos casos de disenteria e febre. Etimologia provavelmente do quimbundo. GDLI (1961, v. IX, p. 913) registra a entrada e acrescenta tratar-se de palavra de origem africana, sem acrescentar mais dados, apenas incluindo uma atestação do Pe. Antonio Zucchelli, missionário no Congo cujo livro foi publicado em 1712 por Bartolomeo Giavarina. Assis Junior ([19--], p. 280) registra *máteba*, palmeira cujas folhas são utilizadas para a confecção de cordas, vassouras, leques etc. Sem adaptação.

MASSANGÒ s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Un'altra detta <massangò> somiglia assai il miglio d'Europa; mà la sua spica è assai maggiore e il granello saporito e odoroso” (CAVAZZI, 1687, p. 25).

Italiano: –

Português: *maçango*.

Análise do dado: MAÇANGO: Cereal miúdo da família das gramíneas (*Pennisetum typhoideum*), que possui propriedades alimentícias. Aulete o define como variedade de milho de Angola. Atestado em Assis Junior ([19--], p. 279) como sendo do quimbundo *masangu* e dá como sinônimos *painço* e *alpiste*.

MATOMBE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] cavandone, principalmente, dalle Palme dette <Matombe>, non poco profitto” (CAVAZZI, 1687, p. 7).

Italiano: –

Português: matombe.

Citações na obra: *matome*: p. 26.

Análise do dado: MATOMBE: palmeira cespitosa (*Raphia gossweileri*), nativa da África e explorada pelos frutos escamosos, dos quais se extrai uma gordura comestível com usos medicinais e também pelas fibras utilizadas na confecção de cordas trançadas. (Houaiss Online). Assis Junior ([19--], p. 280) registra matómbé, significando bordões e bambu e regista, entre parênteses, a palavra ráfia, que faz parte do nome científico desta palmeira. Sem adaptação.

MOBULLA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La <MOBULLA> germoglia d’attorno a’ suoi rami (nella guisa che fa il fico) i suoi frutti somiglianti alle sorbe, aromatici, odorosi e di suco assai confacevole alla sanità” (CAVAZZI, 1687, p. 34, caixa-alta do autor).

Italiano: –

Português: mobula.

Análise do dado: MOBULA: planta da família das rosáceas (*Parinari mobola*), nativa da África, cujo fruto tem a consistência da manteiga e o aroma da baunilha. Cavazzi explica que os frutos são semelhantes à sorva, fruto da sorbeira dos passarinhos (*Sorbus aucuparia*), planta europeia que no Brasil é utilizada como planta ornamental. Assis Junior ([19--], p. 322) registra *mutongo* como sendo uma espécie de nogueira, cujos frutos são comestíveis. O autor registra a mesma taxonomia científica. Decalque homonímico com a adaptação gráfica com o acréscimo do dígrafo –l, em uma hipercorreção gráfica.

MOCAME s. f. pl. *Dignidades*.

Atestação: “[...] hanno numeroso corteggio, non già di Donne come i sudetti (quantunque taluno di esse ancora mantenga parecchie Concunbine chiamate <mocame>)” (CAVAZZI, 1687, p. 179, parênteses do autor).

Italiano: –

Português: mucama.

Análise do dado: MUCAMA: escrava ou criada negra, geralmente jovem que servia as filhas e esposas dos senhores da casa. Assis Junior ([19--], p. 301) atesta ser do quimbundo

mukáma, escrava concubina. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com substituição do grafema –u do português para o grafema –o, em italiano.

MOLOLO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Quello del <MOLOLO>, che è una pianta alta non più di quatro in cinque palmi, somiglia il Cedro” (CAVAZZI, 1687, p. 34, caixa-alta do autor).

Italiano: –

Português: malolo.

Análise do dado: MALOLO: planta da família das ananoaceas (*Anona senegalensis*), espontânea em diversas regiões da África. O nome popular varia segundo a região e na Angola de Cavazzi é conhecida como *malolo*, *iolo* e *dilolo*. A utilização principal é na alimentação: as folhas, as flores e os frutos são comestíveis e contêm grande concentração de nutrientes; as folhas, em particular, são utilizadas como tônico e na confecção de travesseiros para combater a pneumonia. No Sudão, utilizam-se as mesmas para a confecção de perfumes; a casca é aproveitada para a produção de corantes, inseticidas e em uma vasta gama de usos medicinais, entre os quais o combate aos parasitas intestinais, diarreia, dor de dente e mordida de serpente; a goma natural extraída da casca é utilizada como cicatrizante. Assis Junior ([19--], p. 308) registra *mulolo*, planta de madeira fibrosa com propriedades medicinais. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com substituição do grafema –a do português para o grafema –o, em italiano.

MORINGHI s. m. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “Tutto il Vasellamento riducesi à certi Fiasci detti <Moringhi>, Pentole, Tazze mal fatte e qualche altra sorte di stoviglie di poco o nessun conto” (CAVAZZI, 1687, p. 171).

Italiano: –

Português: moringas.

Citações em outros autores: De Carli, *moringi*: p. 51.

Análise do dado: MORINGA: vaso de barro bojudo, com o gargalo afunilado, utilizado para armazenar água; bilha. Segundo Houaiss, a palavra origina-se do cafre *muringa*. Decalque homonímico com adaptação morfológica funcional na mudança de gênero do feminino português para o masculino italiano e adaptação gráfica e fonética com mudança da sílaba –ca do português, para –ghi, seguindo a regra da formação de número plural masculino em italiano das palavras que no singular terminam em –ga.

MULEMBA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La <MULEMBA> non dissimile dall’Infanda, avvenga, che sempre verdeggi, è ottima per cavarne panni nella sudetta forma [...]” (CAVAZZI, 1687, p. 29, caixa-alta do autor).

Italiano: –

Português: mulemba.

Citações na obra: p. 202.

Análise do dado: MULEMBA: planta da família das moráceas (*Ficus thonningii*), de frutos comestíveis. Cavazzi relata que pode-se tecer panos com as fibras e extrair uma espécie de látex, que quando cozido é utilizado para caçar pássaros. Sem adaptação.

MUCCHIA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La <MUCCHIA> cresce quanto la Quercia in Europa; il suo frutto non eccede la grossezza d’un picciol Pomo, di color d’oro, e di odore molto acuto, ma confortativo e grato” (CAVAZZI, 1687, p. 34, caixa-alta do autor).

Italiano: –

Português: múquia.

Análise do dado: MÚQUIA planta do gênero das cucurbitáceas, herbáceas e trepadoras, das regiões tropicais da Ásia, Austrália e África, mais particularmente a espécie *Mukia scabrella*, de Arnott (Aulete). A definição de Cavazzi não corresponde à planta cuja definição encontramos no Aulete e em pesquisas efetuadas em sites da internet. O autor fala em uma planta semelhante ao carvalho, cujo fruto é pequeno e amarelo, no entanto pesquisando pelo nome científico vimos que é vermelho e uma planta trepadora. GDLI (1961, v. XI, p. 38) registra *mucchio*, como sendo uma planta da família das cistáceas (*Cistus monspeliensis*), mas também essa planta não se assemelha àquela descrita por Cavazzi. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica, normal italianização do dígrafo **–ch** em substituição ao português **–qu**.

MUZIMBI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Zimbo adunque, ambizioso di gloria humana, fecesi capo, e guida di molti <Muzimbi>, che erano suoi Vassalli” (CAVAZZI, 1687, p. 183).

Italiano: –

Português: muzimbos.

Citações na obra: p. 184, 185, 189, 205.

Análise do dado: MUZIMBO: feiticeiro, alma de outro mundo (Aurélio). A definição dada pelo Aulete não corresponde com a explicação de Cavazzi, que atesta serem os muzimbos vassalos de um chefe jaga de nome Zimbo. Corvo (1883, v. II, p. 49), citando Santos, afirma que existiam na África Oriental dois grupos diversos de cafres antropófagos, que habitavam perto de Tete, os mumbos e os zimbo. Acrescenta que os muzimbos são a mesma ou talvez uma outra tribo de cafres antropófagos. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética na mudança de número plural masculino italiano em *–i*.

NATURALI adj. *Usos e costumes.*

Atestação: “I <naturali> di Batta non covano tanta fierezza; mà facilmente incurvano il collo al giogo della Santa Fede” (CAVAZZI, 1687, p. 6).

Português: naturais.

Citações na obra: p. 19, 42, 63, 95, 164, 253.

Análise do dado: ver **naturali** em Da Empoli.

NBOLO s. m. sing. *Usos e costumes.*

Atestação: “[...] laonde volendo, che duri più di trè giorni, s’assodano à modo di focaccine, dette <Nbolo>, che poste al fuoco sopra craticole di ferro s’incrostano e divengono assai più saporite e più leggiere à digerirsi” (CAVAZZI, 1687, p. 137).

Italiano: *torta*.

Português: bolo.

Análise do dado: BOLO: massa feita com farinhas diversas, salgada ou doce, assada em formas ou tabuleiros. Atestado em Leguzzano (1965, p. 470) ser o português bolo, massa de mandioca grelhada, porém podemos supor pela exemplificação dada pelo tradutor de Cavazzi para o português, seja o beiju.

NDEMBO s. m. sing. *Objetos de uso.*

Atestação: “I Rè e i Signori di Provincie usano una sorte di Tamburetti chiamati <Ndembo>, coperti di pelle da una parte sola, e cerchiati con laminette di ferro” (CAVAZZI, 1687, p. 167).

Italiano: –

Português: dembo.

Análise do dado: DEMBO: espécie de tambor dos habitantes nativos de Luanda (Aulete). Atestado em Leguzzano (1965, p. 472) ser o português dembo, pequeno tambor.

OUUANDO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “L’<Ouuando> simile al Pisello, cresce in arbusto, dura due, ò tre anni, e in ogni Stagione reca i suoi frutti” (CAVAZZI, 1687, p. 25).

Italiano: *piselli piccioni*.

Português: guando.

Análise do dado: GUANDO: arbusto da família das leguminosas (*Cajanus cajan*) nativo provavelmente da África, usado como alimento básico por diversos povos e em usos medicinais; andu, ervilha de pombo (Houaiss). Leguzzano (1965, p. 470) comprova que se trata de uma espécie de ervilha e registra *oandu*. No Brasil o guando é popularmente conhecido como feijão-guando. Pesquisamos em sites italianos pelo nome científico e encontramos diversas denominações para esse alimento, entre outras *piselli cajanus cajan*, *cajanus cajan* e *piselli piccioni*, contudo como é um produto ainda pouco conhecido se encontra em fase de neologização.

PRAIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Altrove in un luogo detto la <Praia>, è situata la Chiesa del Santo Corpo” (CAVAZZI, 1687, p. 17).

Português: praia.

Análise do dado: ver **praia** em Da Empoli.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Divulgatasi la fama, convengono i <principali> del Regno con infinità di Popolo nella Città Metropoli, detta S. Salvatore [...]” (CAVAZZI, 1687, p. 252).

Português: principais.

Citações na obra: p. 244, 252, 280, 288, 336, 515 etc.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

RASO adj. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] eccettuatone il lido del Mare nommato il Paese basso, ò <raso>, e più comunemente la spiaggia di S. Maria, custodita da Portoghesi” (CAVAZZI, 1687, p. 11).

Italiano: *basso*.

Português: raso.

Análise do dado: RASO: lugar de pouca profundidade. Sem adaptação.

RETI s. f. pl. *Objetos de uso.*

Atestação: “[...] perciò le Persone ricche mantengono Schiavi, e si fanno portare nelle <reti>, molto belle, e grandi, nelle quali, ò coricati ò à sedere stanno agiatamente” (CAVAZZI, 1687, p. 150).

Italiano: *amaca*.

Português: rede.

Citações na obra: *rete/i*: p. 65, 162, 171, 482, 546, 627.

Citações em outros autores: De Carli: p. 37, 40, 54, 62, 66, 78, 79 etc.; Guattini: p. 95.

Análise do dado: REDE: peça de tecido resistente, cujas extremidades unidas são suspensas em ganchos presos nas paredes, servindo para repousar ou dormir. Era também utilizada como meio de transporte para uma pessoa, nesse caso presa em varas apoiadas no ombro dos escravos (cf. Fig. 24). Cavazzi explica como eram feitas essas redes e como a rica burguesia portuguesa na África se fazia transportar nelas. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica na substituição do grafema português **-d** pelo italiano **-t**, por aproximação com a palavra italiana *rete* e adaptação de número plural masculino italiano em **-i**.

Figura 24 - Transporte de um burguês em uma rede na África³⁸⁵

RINFRESCHI s. m. pl. *Marítimo-geográfico.*

³⁸⁵ In: CAVAZZI, 1889, p. 150.

Atestação: “[...] havevano inviati alla spiaggia cinque Camelli carichi di Vino, di Polli, di Frutta, e de altri esquisiti <rinfreschi>, opportuni per quella travagliosa e lunga navigazione” (CAVAZZI, 1687, p. 315).

Português: refrescos.

Citações na obra: *rinfresco*: p. 766.

Análise do dado: ver **rinfresco** em Da Empoli.

SAGOINO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Chiamansi <Sagoino>, e per essere gentilissimo, stimasi delizia per le Dame; si che in America, e in Angola si vendono, e si tengono in gran pregio” (CAVAZZI, 1687, p. 873).

Português: sagui.

Análise do dado: ver **gati maimoni** em Pigafetta.

STRATO s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Lo <strato>, che à questo Principe serviva di trono, era un logoro tapeto sopra alcune stuoie mal fatte” (CAVAZZI, 1687, p. 805).

Português: estrado.

Análise do dado: ver **stado** em Federici.

TACULA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] unto bene d’oglio di Palma, e pulverizato di <Tacula>, per via d’incanti, fanno apparire, che sia vivo, e che si muova alquanto” (CAVAZZI, 1687, p. 86).

Italiano: *paduk africano*.

Português: tacula.

Citações na obra: *taculla*: p. 136.

Análise do dado: TACULA: planta da família das leguminosas (*Pterocarpus tinctorius*), nativa de Angola, usada em marcenaria e muito apreciada pela sua cor vermelha; tácula. Houaiss usa a grafia tacula e Aulete tácula. A madeira desta árvore era e é muito apreciada e largamente utilizada no país, na construção de canoas, ferramentas, móveis etc³⁸⁶. Cavazzi fala sobre o seu uso em forma de pó, misturado com óleo, para untar os corpos dos defuntos em cerimônias fúnebres e nas crianças recém-nascidas para deixar o corpo macio e brilhante.

³⁸⁶ Informação disponível em: < <http://estudosbanto.blogspot.it/>>. Acesso em: 08. jun. 2013.

Assis Junior ([19--] p. 268) registra a entrada *lukula*, e também *tacula*, planta de madeira apreciada.

TAMARA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “La quarta Palma detta <TAMARA>, produce Dattili per mangiare: ha le foglie non lunghe, ma assai affilate nella punta” (CAVAZZI, 1687, p. 32, caixa-alta do autor).

Italiano: *dattero*.

Português: *tâmara*.

Análise do dado: TÂMARA: fruto da tamareira, planta da família das Arecaceae (*Phoenix dactylifera*). Etimologia do árabe *tamara*. Sem adaptação, com apenas a ausência do sinal gráfico de acentuação.

TERRENO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] convengono i principali del Regno con infinità di Popolo nella Città Metropoli detta S. Salvatore sù la Piazza ch’essi chiamano il <Terreno>, affine di pubblicare solennemente quale sia l’Eletto” (CAVAZZI, 1687, p. 252).

Italiano: *cortile*.

Português: *terreno*.

Citações na obra: p. 224, 254, 263, 846.

Análise do dado: TERREIRO: espaço de terra, de certa extensão, não construído; pátio. Em Cavazzi existe uma outra conotação semântica: como lugar, praça onde o povo se reunia para tomar ou ouvir decisões. Atestado em Leguzzano (1965, p. 481). Decalque semântico.

TIBURONE s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Il <TIBURONE> o Tuberone, detto ancora Pesce Cane, armato di cinque fila di dente oltremodo acuti, odia fieramente l’Huomo” (CAVAZZI, 1687, p. 53).

Português: *tubarão*.

Análise do dado: ver **tiburoni** em Pigafetta.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “Ma questo <travaglio> hanno essi tolto di mezzo, togliendone ogni lume à gl’indagatori” (CAVAZZI, 1687, p. 23).

Português: *trabalho*.

Citações na obra: p. 61, 71, 240, 247, 303, 424 etc.

Análise do dado: Ver **travaglio** em Da Empoli.

VETTOVAGLIE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] in cui non volle mai approdare, consumate tutte le <vettovaglie>, i passeggeri per molti giorni soffrirono rigorosissimo assaggio di una rabbiosa fame” (CAVAZZI, 1687, p. 571).

Português: virtualhas.

Citações na obra: p. 106, 318, 366, 380, 408, 411.

Análise do dado: ver **vetovaglie** em Corsali.

VIADI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Non mancano CERVI chiamati Gulungos, <Viadi> e Bambi amedue quasi della medesima specie co’ primi, e Capre selvatiche” (CAVAZZI, 1687, p. 43).

Italiano: *cervo*.

Português: veado.

Análise do dado: VEADO: designação comum a diversos ruminantes da família dos cervídeos. Cavazzi fala em outros tipos de veados, como cervos e bambi. Sempre imaginamos que este nome fosse criação de Walt Disney, mas como vemos é uma palavra do quimbundo. Apesar de ser uma palavra conhecida pela maioria dos brasileiros há algumas décadas, não se encontra registrada nos dicionários do *corpus*. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal de número plural masculino italiano em **-i**.

XALLÈ s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Alcuni portano in capo Cuffie coperte di varie piume, chi più, chi meno, e chiamansi <Xallè>” (CAVAZZI, 1687, p. 246).

Italiano: *scialle*.

Português: xale.

Análise do dado: XALE: manta de tecido variado, utilizado sobre a cabeça ou ombros. Segundo Pianigiani (1991, p. 1231), essa palavra entrou no italiano por meio do comércio como empréstimo do inglês *shawl* e deste através do persa *shāl* ou *xāl*; portanto, no contexto, um *Ecasual* do português, utilizado muito anteriormente, isto é, no século XVII. Decalque homonímico com adaptação gráfica no acréscimo do dígrafo **-l** em uma hipercorreção gráfica.

ZAFFO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Il <ZAFFO>, anch’egli grande quanto le Quercie in Italia, produce frutto simile alle Susine, benché alquanto maggiore e di colore acceso” (CAVAZZI, 1687, p. 30, caixa-alta do autor).

Italiano: –

Português: safu.

Análise do dado: SAFU: planta da família das burseráceas (*Canarium edule*) com frutos comestíveis, que ocorrem nas regiões tropicais da África. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança do fonema inicial do português /s/ para /ts/ em uma normal italianização desse fonema. Adaptação gráfica com a substituição do grafema português –u pelo italiano –o e acréscimo do dígrafo –f em uma hipercorreção gráfica.

ZAGAGLIE s. m. pl. *Área militar*.

Atestação: “Combattono con picciole aste, e con una sorte d’armi dette <Zagaglie>” CAVAZZI, 1687, p. 13).

Italiano: *zagaglia*.

Português: azagaia.

Citações na obra: p. 126, 689.

Análise do dado: AZAGAIA: pequena lança feita da madeira de uma planta da família das cornáceas (*Curtisia dentata*), utilizada pelos povos do sul da África; zagaia (Houaiss). Segundo Piannigiani (1907, p. 1548), a palavra entrou para o italiano através do espanhol e português, difundida pelos povos cafres e destes pelos árabes, que antepuseram o artigo **a**–. Decalque homonímico com adaptação gráfica e perda do grafema –a, e adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a substituição de /g/ para a líquida /ʎ/ representada pelo dígrafo –gl. Adaptação de número plural feminino italiano em –e.

ZIMBI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] sono ancora le numerose Pescagioni de’ <Zimbi>, o Lumachette, le quali in tutto il Regno spacciansi per unica Moneta nei civili contratti” (CAVAZZI, 1687, p. 3).

Italiano: –

Português: jimbos.

Citações na obra: p. 11.

Citações em outros autores: De Carli: p. 38, 79, 80; Guattini, *lumaghini*: p. 97.

Análise do dado: JIMBO: concha pequena utilizada como moeda corrente no Reino do Congo (África Ocidental); zimbo. O jimbo, um pequeno búzio cinzento, do tamanho de um grão de café, encontrado na contra-costa da ilha de Luanda, foi um dos primeiros objetos de troca, tornando-se funcionalmente uma autêntica moeda corrente em quase toda a costa da África Ocidental. Eram pescados pelas mulheres que avançavam na praia, na preamar, correndo riscos de serem devoradas pelos tubarões. Recolhidos, eram classificados como “puro”, “cascalho” e “meão”; os mais valiosos eram os possuía uma cor acinzentada.³⁸⁷ Etimologia do quimbundo *njimbu*, com o significado de búzio. (ASSIS JUNIOR, 19 [--], p. 70). Cavazzi utiliza às vezes o *Ecasual zimbo* e outras vezes a palavra italiana *lumacchette* (caracol) para se referir sobre esse tipo de moeda e o mesmo faz De Carli, que usa *lumaghini*. Decalque sinonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança do fonema inicial do português /ji/ para o italiano /dz/.

ZUMBI s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Altre volte questo <zumbi> serratosi solo con alcuni de’ suoi discepoli nella stanza dell’ammalato, escludendone tutti gli altri, ad alta voce sconsiglia lo spirito à dirgli apertamente il motivo, che lo spinge a perturbare il suo Amico” (CAVAZZI, 1687, p. 222).

Italiano: –

Português: zumbi.

Citações na obra: p. 221, 231.

Análise do dado: ZUMBI: título dado ao chefe de um quilombo no Brasil. No contexto de Cavazzi, uma espécie de feiticeiro ou sacerdote, que expulsa os espíritos dos corpos dos enfermos. Na página anterior fala de *Ganga-ya-Zumbi* como “curador do espírito”. Em outra passagem aparece também como sobrenome. A palavra portuguesa origina-se do quimbundo *nzûmbi*, com significado de espírito (ASSIS JUNIOR, [19--] p. 379). Sem adaptação.

5.11.2.2 *UFcasuals* em Cavazzi

ALTO BORDO loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

³⁸⁷ Informação disponível em:

<http://www.bna.ao/Conteudos/Artigos/detalhe_artigo.aspx?idc=978&idsc=172&idl=1> . Acesso em: 05 ago. 2013.

Atestação: “Di colà furono trasportati alla Baya de todos los Santos, che significa Basso o Seno di tutti i Santi, indi à Pernambuco, dove don Pietro Giagues allestiva la condotta di ottanta Vascelli di <alto bordo>” (CAVAZZI, 1687, p. 485).

Italiano: –

Português: alto bordo.

Citações na obra: p. 366, 386, 575; *bordo*: p. 877.

Análise do dado: ALTO BORDO: navio de grande calado. Ver **bordo** em Sassetti.

FICO D’INFERNO loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Dal Capato, ò sia <Fico d’Inferno>, spremondone il frutto, cavasi olio per le Lucerne, e per ingredienti di molti empiastri” (CAVAZZI, 1687, p. 34).

Português: figo-do-inferno.

Análise do dado: FIGUEIRA-DO-INFERNO: planta da família das solaneáceas, mais conhecido como estramônio (*Datura stramonium L.*), encerra alcalóides venenosos, utilizados no tratamento da asma.

IN BUSCA DI loc. prepos. *Outros*.

Atestação: “[...] e uscito <in busca di> quello d’altri, visse algun tempo con alterne vicende abbatuto” (CAVAZZI, 1687, p. 262).

Português: em busca de.

Citações na obra: p. 40, 780.

Análise do dado: ver **in busca di** em Sassetti.

LINEA EQUINOZIALE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Poco di là dalla <Linea Equinoziale> sotto la Torrida giacciono appunto i trè regni” (CAVAZZI, 1687, p. 21).

Português: linha equinocial.

Citações na obra: *l. equinoziale*: p. 2, 5, 116, 143, 316, 380 etc.; *l. dell’Equatore*: p. 226, 380.

Análise do dado: Ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

PAESE BASSO loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] il lido del Mare nominato il <Paese Basso>, ò raso e più comunemente la spiaggia di S. Maria, custodita dai Portoghesi con aluni Presidij” (CAVAZZI, 1687, p. 11).

Italiano: *paese basso*.

Português: cidade baixa.

Análise do dado: CIDADE BAIXA: em uma cidade que possui dois níveis topográficos distintos, a parte que se desenvolve na planície, na margem de rio ou na orla marítima. Na página 485 fala em *Baya* [...] *bassa*, referindo-se à cidade-baixa de Salvador da Bahia. Decalque sinomínico, com a tradução literal do português e adaptação morfológica funcional, com a mudança de gênero do feminino português para o masculino italiano.

PATRON DELLA NAVE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] il Pamplona, attesoche, ocorrendo al <Padron della Nave>, fermarsi in una non so quale isola [...]” (CAVAZZI, 1687, p. 396).

Português: patrão da nau.

Análise do dado: ver **patrone del navilio** em Varthema.

PESCE DONNA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e tra esse darò il primo luogo ad uno chiamato dagli Europei <PESCE DONNA>, e da Conghesi Ngullù-à-masa, bello di nome, mà di fatezze sparuto più di tutti” (CAVAZZI, 1687, p. 52).

Português: peixe-mulher.

Análise do dado: Cavazzi apresenta no seu livro duas figuras do peixe-mulher (cf. Fig. 3 e fig. 17). Ver **pesce donna** em Carletti.

5.11.2.3 Proto/nomcasuals em Cavazzi

ANIMALETTI [...] SIMILI À PULICI loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Una sorte di <Animaletti picciolissimi, e molto simili à pulici> di Europa, infestano gli huomini; entrano essi trà l’Unghie e la carne [...]” (CAVAZZI, 1687, p. 871).

Italiano: –

Português: animaizinhos [...] semelhantes a pulga.

Citações em outros autores: De Carli, *bichios*: p. 26; Guattini, *pedocchi di faraone*: p. 59.

Análise do dado: BICHO-DE-PÉ: inseto da família dos tungídeos (*Tunga penetrans*), comum nas zonas rurais, cuja fêmea fecundada penetra na pele do homem e de animais, causando ulcerações. Decalque livre.

CANI SELVATICI loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: Trovansi nelle Foreste una specie di <CANI selvatici>, macchiati sul dorso à guisa delle Tigri, feroci, e di acutissima dentatura molto bene armati” (CAVAZZI, 1687, p. 45, caixa alta do autor).

Italiano: *cani selvatici*.

Português: cães selvagens.

Análise do dado: MABECO: cão selvagem africano (*Lycaon pictus*), de pelagem curta, manchada de preto, branco e amarelo; licaone (Houaiss). Decalque livre.

OGLIO COMUNE loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] ma mentre maturano, cangiando colore diventano quase oro: cavasi da queste l’<oglio comune>, per condire le vivande, che si congela a guisa del butiro” (CAVAZZI, 1687, p. 30).

Italiano: *oleo comune*.

Português: óleo comum.

Citações em outros autores:

Análise do dado: DENDÊ: óleo extraído do fruto de uma palmeira oleaginosa, o dendezeiro (*Alaësis Guineensis*), nativa da África e subespontânea no Brasil. Desta palmeira obtém-se o azeite de dendê, utilizado na culinária e na medicina; da copa tira-se o palmito e da seiva faz-se um vinho de sabor picante, que em poucos dias avinagra; das folhas fazem-se coberturas das casas e artesanato. Além dessas propriedades da planta, Cavazzi acrescenta que se poderia extrair do tronco uma ótima madeira, se houvessem indústrias na região. Decalque livre.

5. 12 DIONIGI DE CARLI

Para a compilação das ocorrências em Dionigi de Carli utilizamos a obra *Il Moro Trasportato nell'inclita Città di Venezia, overo Curioso racconto de Costumi, Riti, e Religione de Popoli dell'Africa, America, Asia, & Europa* (1687), doravante Racconto/C. Utilizamos para este estudo sobre o Padre Dionigi de Carli as publicações de Guglielminetti (1976) e Luciana Stegagno-Picchio (1988). Para a sua biografia nos reportamos ao DBI (1961 [...], v. 40, p. 197-199). Para a comprovação das palavras de origem africana nos valem do Dicionário Kimbundu-Português, de Assis Junior ([19--]). Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1687, sem modificar acentos, pontuação, palavras unidas etc., apenas transcrevendo o sinal gráfico &, que representa a letra e.

5.12.1 De Carli, missionário e pregador capuchinho na África

E assi também nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado; vendo
os costumes bárbaros alheios, que a nossa
Africa ruda tem creado. Conta: que agora
véem co' os aureos freios os cavallos, que o
carro marchetado, do novo sol, da fria
Aurora trazem: o vento dorme; o mar e as
ondas jazem. (Os Lusíadas, canto II, 110).

Dionigi da Piacenza ou Dionigi de Carli, como é mais conhecido, nasce Giuseppe Flaminio Carli, em Piacenza, no ano de 1635. Não se sabe o dia do nascimento, nem sobre seus pais, sua infância e juventude. Aos 16 anos entra para o convento da Ordem dos Frades Menores dos Capuchinhos, em Cesena, na província de Bolonha. Professa solenemente o noviciado no dia 25 de abril de 1653, recebendo o nome latino de *Dionysius de Carolis*, italianizado em Dionigi de Carli. Aprimora a sua formação em lógica e filosofia no *Studio* de Parma, onde consegue o título de pregador. Querendo ser missionário, em 1666, quando se encontra no convento de Bolonha, recebe ordem de dirigir-se à Gênova, juntamente com o

Padre Michel Ângelo Guattini, para substituir dois padres nas missões do Congo e nos domínios portugueses limítrofes da África ocidental.

Faz todo o percurso de Bolonha a Gênova a pé, durante o inverno, no mês de dezembro, “com a neve embaixo e em cima”³⁸⁸ (DE CARLI, 1687, p. 3). Sempre caminhando, em condições de tempo desfavoráveis, chega ao alto do farol da cidade portuária. Extático diante da visão com a qual se depara, expõe: “descobrimos, colocada em um magnífico teatro, a soberba Gênova; coisa mais bela e majestosa não existe, pois tendo as casas pintadas, os jardins sobre os tetos, as janelas com belíssimos vitrais, oferece uma vista incomum” (DE CARLI, 1687, p. 4). Nesta cidade espera a chegada dos companheiros para poderem embarcar todos juntos³⁸⁹. Na Itália, para seguir a viagem até Portugal, tem de pagar o transporte, com o dinheiro disponibilizado pela Propaganda Fide, pois o capitão mostra-se irredutível no preço³⁹⁰.

No dia 3 de abril de 1667, parte em um navio português, viajando com outros onze companheiros, entre eles o Padre Prefeito e o seu companheiro de missão, o Pe. Guattini. O navio entra pela barra Rio do Tejo, após vinte dias de viagem, saudando com tiros de artilharia as fortalezas existentes às margens, como é costume dos que chegam pelo mar. Mais adiante, avista a “fortaleza principal construída em cima de uma pedra, em forma de uma torre quadrada, situada no meio do rio, chamada *Belém*”³⁹¹ (DE CARLI, 1687, p. 10, grifo do autor) e o capitão saúda o monumento representativo das navegações portuguesas.

Ao chegar à capital portuguesa experimenta o mesmo impacto sentido por Sassetti: uma rica e fervilhante metrópole, uma babel humana, com pessoas de todas as partes do mundo, atarefadas nas mais variadas atividades mercantis, comerciais e até mesmo religiosas. Lisboa, a importante capital, a quem a própria Serenissima se inclina, perde em importância, fausto e riqueza apenas para Paris. De Carli fica impressionado, enumera as mercadorias e os países de origem, traçando uma imagem do opulento comércio local:

É portanto Lisboa, entre as outras, nobilíssima e digna de consideração, arquetada no cume de cinco grandes montes; é a maior entre dezoito

³⁸⁸ “con la neve di sotto, e di sopra”.

³⁸⁹ Era comum que os navios, sob a bandeira de Portugal e Espanha, oferecer a passagem gratuitamente ou a um preço simbólico aos missionários, pois atendiam às necessidades espirituais dos embarcados. Como era de graça, os religiosos dificilmente recebiam um lugar cômodo nos navios.

³⁹⁰ “scoprimmo posta in magnifico Teatro la superba Genova, cosa più vaga, e maestosa, non si può vedere, poiche essendo tutte le Case dipinte, i Giardini sopra Tetti, le fenestre di bellissime vitriate, rendono perciò una non ordinaria vista”.

³⁹¹ “fortezza principale fabricata sopra d’un Scoglio in forma di quadrata Torre, situata nel mezzo del fiume, chiamata da essi *Bhelem*”.

idades; [...] entre castelos e cidades muradas são mais de 470; é por isto, uma metrópole preciosa de riquezas, exorbitante de pessoas, inigualável em mercadorias, pela chegada sem parar das Índias Orientais, e Ocidentais torna-se opulentíssima, isto é, da Etiópia, do Brasil e ilhas meridionais e setentrionais; da Arábia traz pérolas, incensos e ébano; de Colmuco, no Golfo de Bengala, retira esmeraldas, piropos e rubis; da Etiópia recebe a cássia e o âmbar; da Ilha de São Tomé, extrai o açúcar e o gengibre; das Molucas já trazia cravos, canela e nozes-moscadas; do Congo, Dongo, Loango e Angola chega o marfim, almíscar e uma infinidade de escravos; do Brasil é mandado açúcar, tabaco, bombax, madeiras para tintura e outras de cores diversas para trabalhar; da Madeira, grande quantidade de boníssimos vinhos, limões, cedros e outras frutas açucaradas; da Ásia, África, América e de muitíssimas ilhas (que para ser breve deixo de lado) lhes são destinadas quantidades inumeráveis de mercadorias estrangeiras³⁹² (DE CARLI, 1687, p. 11).

À diferença de Sassetti, que analisa, sugere e critica o que observa, De Carli não emite opiniões sobre o que se passa na cidade lusitana, limitando-se a enumerar o que vê, como um simples *voyeur*, um mero espectador da tragédia humana que se desenvolve sob o seu olhar na praça do mercado. Segundo Stegagno-Picchio (1988, p. 510-511), “a visão dele é visão de estrangeiro, visão estranhada, alheada, comparativa sempre com referentes não partilhados por outros cronistas, capaz, portanto de sublinhar as diferenças que não podem chocar o nacional nem ficar registradas nas suas crônicas”. Fica dois meses retido na capital portuguesa à espera de um navio que o leve ao seu destino. Os missionários devem passar forçosamente pelo Brasil, pois do nosso país partem as frotas que se dirigem para a cidade de Angola, levando os produtos manufaturados da Europa necessários aos habitantes, de onde retornam com os porões dos navios repletos de mercadorias e escravos, em carreiras regulares.

Ao chegar a Pernambuco, observa a grande quantidade baleias que perambulam pela costa brasileira. Constata que os recifes são um abrigo natural para uma variedade imensa de peixes. De canoa, faz um giro até a cidade de Olinda; observa os manguezais, comentando e

³⁹² È dunque Lisbona fra le altre nobilissima, e riguardevole, architettata nella sommità di cinque gran Monti; tiene la maggioranza sopra diciotto città; [...] fra Castelli, e Terre murate sono più di 470; è perciò la Metropoli pretiosa di ricchezze, esorbitante di Popolo, inarrivabile di Merci, per le continue tratte dell'Indie Orientali, e Occidentali riesce opulentissima, cioè dall'Etiopia, Brasil, e Isole del mezzo giorno, e Settentrione; dall'Arabia ne trahe le Perle, Incensi, e Ebano; da Colmuco nel Golfo di Bengala riscuote Smeraldi, Piropi, e Rubini; dall'Etiopia riceve la Cassia, e l'Ambra; dall'Isola di San Tomè ne cava Zuccaro e il Zenzaro; dalle Moluche già pigliava Garofani, Canelle, e Noci moscate; dal Congo, Dongo, Loango, e Angola le viene l'Avorio, Zibetto, e una infinità di Schiavi; dal Brasile l'è mandato Zuccaro, Tabacco, Bombace, e Legni da tingere, e altri da lavori di colori diversi; dalla Madera gran copia di gagliardissimi Vini, e Limoni, Cedri, e altri frutti conditi; dall'Asia, Africa, America e da moltissime Isole (che per brevità tralascio) le vengono tributate copie innumerabili d'altre merci più peregrine.

citando as especificidades de vários animais e plantas da nossa fauna e flora: a preguiça, o sariguê, o tamanduá, o maracujá, a copaíba, o ananás, a banana, entre outros.

Do Brasil parte no dia dos mortos de 1667, no Navio das Almas, chegando a Luanda no dia 6 de janeiro de 1668. É designado para ser o superior do Abrigo em Mbamba, uma das províncias mais bem cristianizadas da África, levando como padre companheiro, o Padre Guattini. De Carli é acolhido com honras pela mulher de Dom Teodósio, governador província que, no momento, se encontra fora da cidade, em campanha militar. Logo após o Rei do Congo, Dom Álvaro VIII, em visita a Mpemba, o convida a ficar na capital São Salvador, mas não aceita a oferta, preferindo voltar ao posto designado em Mbamba.

Nesta cidade abre e dirige uma escola técnica agrária e ao mesmo tempo trabalha como preceptor dos filhos do governador, com quem mantém longas e profícuas conversas. Contemporaneamente desenvolve o apostolado missionário em localidades vizinhas, embrenhando-se por lugares inóspitos e perigosos. Tudo se desenvolve a contento na sua vida até o momento em que o Pe. Guattini adoece e morre. Assistindo o amigo, contrai a cólera, doença que o acompanha por longo tempo, deixando-o fraco e sem resistência. Sem condições de melhoras e, muito doente, retorna a Luanda para tratar-se, em uma viagem cheia de imprevistos e perigos. Mesmo na capital, com a assistência de médicos portugueses, a doença não recrudescer (dura cerca de vinte e sete meses) e os seus superiores decidem repatriá-lo.

Na viagem de volta passa novamente pelo Brasil, pois o navio tem que trazer para o nosso país a sua carga de escravos. Durante a viagem esgotam-se as provisões, ficando toda a tripulação e passageiros à mercê do destino, sem água e sem comida. Afortunadamente, no terceiro dia, o capitão avista a terra, o Cabo Santo Agostinho, na costa brasileira, aportando na Baía de Todos os Santos. Por sorte, escreve o frade, somente trinta e três escravos morrem na viagem, o que se considera um milagre, devido às condições miseráveis nas quais se encontram e à carestia de comida e água. A esperá-los, no porto, os mercadores ansiosos para receberem a suas preciosas cargas humanas, agradecem a Deus por tê-los livrado de tamanha perda! E o sacerdote é concorde com eles! Cada um dos mercadores pega logo a sua perversa carga, pois todos os escravos já estão ferrados com suas respectivas marcas (DE CARLI, 1687, p. 95).

Com a ajuda dos padres e portugueses residentes em Salvador consegue recuperar as suas forças, mas a febre ainda permanece. Da capital da colônia parte, em conserva, em direção a Recife, mas como o navio no qual viaja é de grande calado, não podem descer, seguindo para Lisboa, em uma viagem cheia de percalços que dura três meses.

De Carli acredita poder tornar às missões, pois a sua saúde melhora. Em Gênova, onde chega em 20 de maio de 1670, faz um pedido à Propaganda Fide para ir em missão à Geórgia ou à Ilha da Madeira. Contrariando o seu desejo, a Fide o faz retornar à sede provincial de Bolonha. Em 1672 envia outro requerimento à Congregação romana, sendo novamente negado. Decide então dedicar-se à compilação das suas memórias sobre a malograda missão em Angola. Edita, em um só volume, as cartas escritas durante o percurso da viagem Lisboa-Luanda pelo seu amigo e companheiro, o padre Guattini, morto na África. Esse material é publicado em 1671, com o título *Viagem no Reino do Congo* (como veremos mais adiante no subcapítulo 5.13.2). Em 1678 recebe a ordem de dirigir-se à Geórgia, juntamente com outros dois missionários. Chegando à capital, na cidade de Tibilisi, é encarregado pelo padre prefeito de dirigir o convento de Gori. Em seguida, retorna a Roma e se envolve em discussões administrativas e reflexões sobre a situação da missão no país em que esteve. Deveria voltar à Geórgia mas, não se sabe por que, permanece na Itália. Nesse interim, em Bassano, trabalha na edição do *Racconto/C*, que se revela mais rico de detalhes, sobretudo quanto aos aspectos culturais. Depois da publicação do seu livro pouco se sabe da sua vida; alguns autores asseveram que morre em Morea, domínio de Veneza, em dezembro de 1694; outros, em Veneza, em abril de 1695 (DBI, 1961, p. 197-198).

Infere-se, lendo o seu livro, que a sua vida é dedicada e sacrificada completamente ao apostolado missionário, assim como tantos outros padres o fazem, antes e depois dele. Apesar de o considerarmos um tanto preconceituoso, não podemos deixar de admirar esse aspecto de sua biografia: a do sacerdote que, abandonando uma vida relativamente confortável, devota a sua vida à cristianização. Se isto hoje nos configura um sacrifício, o mesmo pensam os portugueses no idos de mil e seiscentos, como o confirma ele próprio na seguinte passagem: “os portugueses ficam estupefatos, se maravilham os negros, que sendo nós nascidos no Jardim do Mundo, vamos a países tão remotos, de clima e víveres extravagantes, sem nenhum outro interesse, a não ser salvar o próximo e dilatar a fé cristã”³⁹³ (De CARLI, 1687, p. 90).

³⁹³ “Si stupiscono i Portoghesi; si maravigliano i Mori, ch’essendo noi nati nel Giardino del Mondo, andiamo in paesi sì remoti, e stravaganti di Clima, e di viveri, senz’altro interesse, che per salvar il prossimo, e dilatare la Fede Cattolica”.

5.12.2 Instantâneos brasileiros e africanos

Quasi in uno specchio, è l'anima stessa dell'Europa che si riflette nelle immagini che gli Europei si fanno degli altri popoli – e in quelle immagini si esprime così la buona come la cattiva coscienza degli Europei (Eugenio Garin)³⁹⁴.

O *Racconto/C* é publicado pela primeira vez em 1687, em Bassano del Grappa, por Giovanni Antonio Remondini e traduzido para o alemão, na cidade de Augusta, em 1692 e 1693. De Carli, antes publica um livro, no qual transcreve as cartas do Padre Guattini e acrescenta umas notas pessoais; essa sua primeira publicação obtém um sucesso estrondoso na Itália. O *Racconto/C*, ao invés, tem poucas edições, com pouca ou quase nenhuma relevância.

O título “O mouro transportado na ínclita cidade de Veneza”, faz pensar que o mouro ao qual se refere seja um africano, quando, na realidade, o mouro é o próprio livro: o espaço onde o autor divulga sobre os costumes, ritos e religiões africanas. Guglielminetti classifica a obra como racista, pois De Carli, no prefácio, deixa entrever a sua intolerância a respeito das pessoas que, cristianamente, deveria catequizar. Como adverte o crítico italiano, o missionário age de modo a quase profanar a sua vocação religiosa:

Na aparência parece ser o fruto de uma tirada de mau gosto [...]. O título é o sintoma da mentalidade racista adquirida durante os anos de missão na África portuguesa [...]. A única lição que se pode tirar das suas páginas cruas e desprovidas de beleza é que os brancos são donos do mundo e os negros carne a ser desfrutada³⁹⁵ (GUGLIELMINETTI, 1976, p. 40).

³⁹⁴ “Quase em um espelho, è a alma propria Europa que se reflete nas imagens que os europeus fazem dos outros povos – e nessas imagens se exprime tanto a boa como a má consciência dos Europeus”. GARIN, Eugenio. *Rinascite e rivoluzioni. Movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo*, Laterza, Roma-Bari 1976, antologizzato in Marco Fossati-Giorgio Luppi-Emilio Zanette, **Studiare storia**. Milano: Mondadori, 2001, vol. I, pp. 182-183].

³⁹⁵ In apparenza sembra il frutto di una battuta di cattivo gusto [...]. Il titolo è la spia della mentalità razzistica acquisita dall'autore durante gli anni di missioni in Africa portoghese [...]. L'unica lezione che si può ricavare dalle sue pagine disadorne e crude è che i bianchi sono padroni del mondo e i negri carne da sfruttare”.

Ao contrário, Stegagno-Picchio (1988, p. 512-513) considera que o livro se presta a diversas leituras: o autor demonstra sabedoria poética e é um *rétor* consumadíssimo, alternando informações pessoais com notas históricas, geográficas, informes marítimos e economia dos países visitados. Para a autora, o *Racconto/C* é muito bem documentado e, mesmo assim, não perde o frescor do testemunho autóptico. Sem dúvida ambos os críticos da obra de De Carli têm razão: as descrições são fascinantes, enriquecidas com comentários divertidos e jocosos; a linguagem é simples, mas concisa. O problema é que o padre peca no seu extremo racismo, que demonstra claramente, considerando os africanos uma subcategoria humana. Essa nota negativa da sua obra deve ser situada em termos de diferenças culturais, que caracterizam as comunidades africanas nos anos em que De Carli ali está. Vindo de uma Europa culturalmente evoluída, ao passo que em grande parte do continente africano ainda prevalecem sociedades tribais e arcaicas, que começam a dar os primeiros passos, a partir da chegada dos portugueses, rumo ao que entendemos por civilização. Essa perspectiva leva Stegagno-Picchio a afirmar que o padre, se olhado com categorias de hoje, “é sem dúvida um reacionário: está substancialmente de acordo com a Inquisição, admira o autoritarismo, não censura a escravidão, pois acha que os negros são uns selvagens que só precisam ser convertidos e fustigados” (STEGAGNO-PICCHIO, 1988, p. 509).

Existe, nesse período, um descompasso entre o viajante europeu e os nativos dos mais diversos lugares; divergências relativas às diferenças culturais e religiosas, acentuadamente em relação aos povos africanos e aos indígenas americanos, que motivam a percepção e concepção europeia da sua superioridade. Guattini (1679, p. 75) evidencia claramente o impacto que o missionário europeu sente, ao chegar ao Brasil, e as profundas diferenças existentes entre os dois mundos: “é um mundo novo, que quer dizer feito ao contrário de todo o outro”³⁹⁶. A cultura europeia caracteriza-se por uma profunda confiança na sua própria centralidade, pelo seu governo baseado nos princípios do comando e da submissão, pela capacidade de aplicar a violência coercitiva, seja contra os povos autóctones, seja contra seus próprios concidadãos. Domina a escrita e inventa a imprensa: possui uma tecnologia avançada e complexa e é sustentada por uma religião modelada no culto de um deus masculino, cuja forma terrena nascera do ventre de uma virgem, para a sua redenção; o conjunto dessas habilidades e saberes coloca o europeu em um patamar de superioridade em relação aos outros povos (GREENBLATT, p. 24-26). Para este autor, é tamanha a confiança da cultura europeia em si mesma, que ela espera que os povos conquistados abandonem, sem

³⁹⁶ “un Mondo nuovo, che vuol dire fatto al rovesio di tutto l’altro”.

hesitação, os seus referenciais e as suas crenças e abracem os preceitos europeus, considerados cristalinos e evidentes.

Na introdução, De Carli deixa claro que quer revelar os costumes “nus e sem nenhum ornamento”³⁹⁷ dos africanos, com o desejo de saciar os leitores com as histórias sobre os costumes, ritos e religiões desses povos. E o faz, de uma maneira tal que poderíamos considerar, do ponto de vista atual, como preconceituoso, com uma total falta de respeito às culturas e religiões com as quais tem contato: o livro é uma sucessão de afirmações da superioridade do branco, em detrimento das culturas locais. Os negros são homens de “pouca piedade e sem razão”³⁹⁸ (DE CARLI, 1687, p. 79); os jagas, bestiais, assustadores e ferozes como “as fúrias d’Averno”³⁹⁹ (DE CARLI, 1687, p. 47). Passam o dia inteiro ocupando-se de guerra, dança e música, sendo os seus instrumentos rudimentares, de pouca importância e manufatura, feitos geralmente de abóbora (na realidade são feitos de cabacas). A música produz, com a sua confusão, tédio e aborrecimento àqueles que não estão habituados a ela; para os africanos, ao contrário, é uma melodia doce e suave (DE CARLI, 1687, p. 44).

Interessante, do ponto de vista etnográfico, é a descrição que faz de uma família brasileira; espanta-se ao verificar que existem, em uma só casa, pessoas de tons de pele diferentes: o pai, branco; a mãe, negra; o filho “cor de rosa seca”⁴⁰⁰, coisa que ele acha espantoso e é reveladora do grau de estranhamento e alheamento de um padre que tinha sido preparado para se defrontar com todo o tipo de mudanças (DE CARLI, 1687, p. 24). A sua inabilidade, ao tratar com o diferente, manifesta-se quando considera os africanos seres de intelecto inferior, velhacos e sem cultura. Esta sua conduta é direcionada até mesmo a um padre capuchinho, seu irmão de ordem, de origem africana: era negro sim, escreve ele, mas de sangue régio, irmão do Rei do Congo. Como se o fato de ser de origem aristocrática o diferenciase dos demais, nobilitando-o e tornando-o um “branco” (DE CARLI, 1687, p. 71).

A sua obra não possui valor historiográfico, apesar de contar alguns fatos pertinentes à história, ele não se aprofunda no argumento, sendo bastante superficial nas exposições que faz, não se detendo em analisar com detalhes os acontecimentos. Um episódio que nos despertou atenção é a descrição que faz do trato dado aos escravos no navio em que viaja, vindo de Angola para o Brasil, no seu retorno à Lisboa. Transcrevemos todo o trecho, pois acreditamos que, mesmo não tendo valor histórico e etnográfico, ajuda a compreender e

³⁹⁷ “nudo, e senza veruno ornamento”.

³⁹⁸ “sono Huomini di poca pietà e senza ragione”.

³⁹⁹ “le furie d’Averno”. OBS.: Averno (lago) na concepção romana, é o lugar onde habitam os mortos.

⁴⁰⁰ “color di rosa secca”.

acrescenta mais uma visão sobre o que já foi dito sobre o assunto e mostra a degradação a que são submetidos os escravos nos navios negreiros:

Entrando em um barco, cheguei a bordo, e com um pouco de ajuda, subi no navio, já carregado de seiscentos negros, os quais já estavam todos marcados (como se costumava fazer), alguns sobre um ombro, outros no braço direito, outros no esquerdo, e outros acima das mamas, cada um com a marca do seu patrão [...]. Realmente era um espetáculo ver como ficavam os negros, porque colocaram os homens no terceiro corredor embaixo, não tendo outra luz além daquela recebida da abertura da escotilha e nem ao menos essa era totalmente livre, pois estava impedida por grossos paus, à maneira de uma gaiola, e isto fazem porque se fossem em liberdade, e mais numerosos que os brancos poderiam causar desordem, jogando-se ao mar, ou pondo fogo no navio e outras coisas semelhantes; isso acontece porque os negros acreditam que estão sendo levados pelos portugueses na América, para serem mortos e fazer óleo, por isso, nas viagens de mar, quando o podem fazer, facilmente se jogam do navio e se lançam ao mar; ou teimando não querem comer, para morrer no navio; e com tudo isso, mesmo que eu lhes dissesse que era falso, fosse mentira, não acreditavam. [...] para as necessidades corporais tinham lugares apropriados, mas muitos, para não perder o lugar, as faziam onde se encontravam; e sobretudo os homens, que por estarem fechados, as faziam onde estavam; por isso, pelo grande calor do clima e a respiração de tanta gente, o fedor e a catinga eram insuportáveis⁴⁰¹ (DE CARLI, 1687, p. 90-91).

No transporte dos escravos nos navios negreiros, De Carli ministra fielmente as suas funções sacerdotais de batizar, absolver os pecados, confortar os escravos; procurando desenvolver a sua missão dentro dos parâmetros exigidos pela conjuntura do período, que é a de converter o maior número possível de gentios. Contrapondo-se a isso, é visível a sua falta de piedade cristã ao discorrer sobre o argumento da escravidão, esquecendo as qualidades morais que deveriam permear a sua vocação sacerdotal: no retorno, quando começam a faltar os alimentos no navio, não hesita em dizer que as coisas que ganhou dos senhores de Luanda, para a sua viagem, servirão “para manter vivos os brancos; se os negros morrem,

⁴⁰¹ “Entrato in un battello, arrivai à bordo, e con un poco d’aiuto entrai nel Vascello già caricato di Mori in numero di sei cento, quali erano tutti Marcati (come si costuma) chi sopra una spalla, chi nel braccio destro, chi nel sinistro, e altri sopra le mammelle, ciascuno la marca del suo Padrone [...]. Veramente era uno spettacolo vedere il modo, che stavano i Mori; perché havevano posto gl’Huomini nel terzo corridoio da basso, non havendo altra luce, che quella ricevevano dalla bocca della scottiglia; ne meno questa era totalmente libera, essendo framezzata di grossi pali, à guisa di gabbia; e ciò fanno, perché se fossero in libertà, e più numerosi de Bianchi, potrebbero causar disordini, col buttarsi in Mare, ò dar il fuoco al Vascello e simili; e ciò avviene, perché li Mori honno opinione d’essere condotti da Portoghesi nell’America, per ucciderli e farne dell’olio, e perciò ne viaggi di mare, quando possono farlo, facilmente dal vascello si lanciano in Mare; overo ostinandosi, non vogliono mangiare, per morire in Vascello; e con tutto, che Io li dicessi essere falsissimo e mera buggia, nulla di meno non restano capaci. [...] per le necessità corporali havevano ben sì accomodati alcuni luoghi, mà molti per non perdere il posto le facevano, ove si trovavano; e massime tutti gl’Huomini, che per esser serrati, le facevano ove stavano; onde per il gran caldo del Clima, e fiato di tanta Gente il fettore, e puzza era insopportabile”.

paciência”⁴⁰² (CARLI, 1687, p. 22). Para Guglielminetti (1976, p. 40), nesta passagem, o missionário profana a sua vocação pastoral, no que considera “o ponto mais baixo de toda a literatura de viagem, ao afrontar o *leitmotiv* do confronto entre a civilização europeia e a civilização dos outros continentes”⁴⁰³. Ainda segundo o autor, a igreja católica, infelizmente, favorecia esse tipo de aberrações.

De Carli observa, quando vem na primeira vez ao Brasil, o trato dado aos escravos fugitivos e daqueles que trabalham nos engenhos de cana-de-açúcar. Relata que faz pena vê-los girando uma enorme prensa de ferro, para a moagem da cana-de-açúcar e do perigo que correm de deixar presa uma mão ou o braço inteiro nas engrenagens. Ao mesmo tempo em que sente pena, critica, como se merecessem essa vida, pois considera-os preguiçosos e indolentes, que não fazem outra coisa senão dançar. Não deixa de notar o escravo fugitivo acorrentado, com os pés e as mãos amarrados juntos, “como na Itália se faz com os vitelos”⁴⁰⁴, com grilhões na cabeça. Mais adiante julga o tratamento dado aos escravos fugitivos uma medicina salutar, pois do contrário, todos escapariam, como muitos já o fizeram, como por exemplo, diz ele, os “negri delle Palme” – negros dos Palmares – mais tarde subjugados pelo governador Bernardo de Miranda (DE CARLI, 1687, p. 26-30).

O missionário é uma personalidade ambígua: nota-se que apesar de toda a depreciação em relação aos povos de cor, existe nele um sentimento de compaixão, sobretudo para com aqueles que são feitos escravos e trazidos ao Brasil. É contrário à escravidão e o confirma declaradamente, quando o Duque de Mbamba lhe quer doar alguns escravos para que o sirvam. À oferta, responde o sacerdote:

Eu logo os mandei de volta, dizendo-lhe (falando em seguida com ele [ao duque de Mbamba]), não vim aqui no vosso país para mercadejar escravos, nem qualquer coisa desse mundo, mas sim, para libertar todos (mediante a ajuda divina) da escravidão na qual o demônio mantém essa pobre gente⁴⁰⁵ (DE CARLI, 1687, p. 90, parênteses do autor).

Tem sim, pessoas que o servem, às vezes muito mal e quando isso acontece fica muito irado. Uma passagem interessante, por exemplo, é quando os servos que transportam De Carli o deixam cair, ferindo-o inadvertidamente com a vara que prendia a rede. Com medo

⁴⁰² “per tener vivi li bianchi; e se li mori moriranno, ci vuol pazienza”.

⁴⁰³ “il punto più basso di tutta la letteratura di viaggio nell’affrontare il *leit-motiv* del confronto fra civiltà europea e civiltà degli altri continenti”.

⁴⁰⁴ “come da noi si fa con i vitelli”.

⁴⁰⁵ “Io subito gli rimandai à dietro, dicendogli (parlando poscia con lui) non sono venuto nel vostro paese per far mercantia di schiavi, ne d’altra cosa di questo Mondo, mà ben sì per liberar tutti (mediante il Divino aiuto) dalla schiavitù, in che tiene il Demonio queste povere Genti”.

da reação do sacerdote, o abandonam na lama, deixando o pobre homem à mercê dos elementos: este episódio o leva a considerar os africanos como pessoas obstinadas e sem piedade. Para sorte sua, vendo que não sucede nada de mais grave, os carregadores retornam, livrando-o do perigo de ser devorado pelas feras. Os seus servos são beneficiados pelas ofertas que ele recebe dos grandes do reino e dos portugueses, que doam a De Carli mais do que ele necessita para viver. Com o excedente, o missionário faz a caridade aos carentes, dando o que não precisa para a sua sobrevivência (devido à doença quase não come), aos que vêm à sua procura. Relata que quanto mais doa aos pobres, mais parece que os donativos e o dinheiro se multiplicam (DE CARLI, 1687, p. 78-79).

Ao ler as suas páginas, fica-se com pena do sacerdote: doente, fraco, sem poder ingerir alimento algum, atacado pelas tremendas febres tropicais, submetido constantemente às punções feitas pelos médicos locais, que muitas vezes utilizam pregos enferrujados para furar suas veias e extrair o sangue. A sua fraqueza é tanta, que os servos lhe dizem que jamais viram um homem assim tão branco. Ele mesmo se pergunta, jocoso, após tanta perda de sangue “Quem não seria branco?”⁴⁰⁶ (DE CARLI, 1687, p. 77). O missionário brinca com a quantidade de sangue que lhe foi extraída:

[...] mas para extrair o sangue da cabeça, fizeram-me punções, vinte e quatro vezes, sempre nos braços, faltando pouco para que eu morresse de fato. Começava a sentir gosto ao ver as extrações de sangue que, em toda essa enfermidade, computadas as feitas no Brasil, como direi [mais adiante], foram cento e noventa e quatro bacias; pouca coisa se comparada às que me saíram das outras partes do corpo; parece ser coisa impossível⁴⁰⁷ (DE CARLI, 1687, p. 81).

Toda a doença o torna extremamente debilitado, não podendo nem ao menos mover-se pelas próprias pernas. Por diversas vezes escapa de ser atacado pelas formigas ou pelo fogo, não fosse com a ajuda das pessoas que o socorrem. Narra ele:

[...] agradecendo primeiramente Deus, que me liberou, seja das formigas, seja do fogo, porque se estivesse sozinho me teriam devorado vivo, como aconteceu muitas vezes no Reino de Angola; tendo eu encontrado de manhã uma vaca comida pelas formigas, por não ter podido escapar, pois estava

⁴⁰⁶ “chi non verrebbe bianco?”.

⁴⁰⁷ “[...] mà per divertire il sangue del capo, mi fecero salassare vintiquattro volte, sempre dalle braccia, che poco mancò di perdere affatto la vita. Mi prendevo gusto di notare le cavate di sangue, che in tutta questa infermità, computate quelle, che mi fecero nel Brasil, come dirò, furono cento e nonanta quattro scodelle, poca cosa rispetto à quello m’uscì dall’altre parti del corpo, cosa che sembrerà impossibile”.

amarrada. O mesmo teria acontecido comigo, que não podia mover-me, muito menos fugir⁴⁰⁸ (DE CARLI 1687, p. 76).

A vida dos missionários não é muito fácil na África colonial portuguesa, pois devem enfrentar o clima adverso, a falta do mínimo necessário para sobrevivência, as doenças e as feras selvagens que periodicamente atacam e devoram a população local: uma vida martirizada pelos sofrimentos em nome da fé. Poucos deles retornam, a grande maioria sacrifica a saúde e a vida de modo “insalubre, e com o crucifixo no peito, e se pode dizer, que carregam a cruz dentro e fora”⁴⁰⁹ (DE CARLI, 1687, p. 90).

O árduo trabalho missionário, a doença e as dificuldades não impedem o missionário bolonhês de deixar o testemunho da língua local. Transcreve trechos inteiros de conversação, números e até orações cristãs, como a Salve Rainha. O ‘empaste linguístico’ do Sassetti é delicioso quando observamos as expressões linguísticas misturadas no seu texto: *coste che costi, vamos á la comida*, mas não são menos espirituosas e divertidas as frases de De Carli quando fala, sobretudo, do Brasil: *creado da à comer ao papagao, mi fosse tagliata questa mano, farina de palo*, escreve ele, literalmente “farinha de pau”, para significar a nossa e a africana farinha-de-mandioca. Denominar a mandioca, por analogia, a um pau, é sem dúvida engraçado.

A descrição do peixe-mulher é posta em todas as suas especificidades: a conformação do animal, o uso e a utilidade da carne e a aplicação medicinal.

Tem duas mammas da grossura de quatro dedos; um palmo acima, alguns buracos, que lhes servem para ver e ouvir; a boca é quase no meio, mas voltada em forma de arco; a sua carne é preciosíssima, como o vitelo de leite; das costas que são muito largas, fazem coroas, e dizem que serve para estancar o sangue; mas experimentando-as não me beneficiaram muito, ao contrário, aumentou ainda mais a perda [de sangue]⁴¹⁰ (DE CARLI, 1687, p. 87).

À parte essas expressões jocosas, o léxico é interessantíssimo, pois registra muitas palavras trazidas pelos escravos, predominantemente da área cultural e da culinária: miçanga,

⁴⁰⁸ “[...] ringraziando io prima Iddio, che m’havesse liberato, sì dalle Formiche, come dal fuoco, perché se fosse stato solo m’haverebbero divorato vivo, com’è succeduto più volte nel Regno di Angola; havendo ritrovato la mattina una Vacca mangiata dalle Formiche, per non haver potuto fuggire, essendo legata; il medesimo sarebbe successo di me, che non potevo muovermi, non che fuggire”.

⁴⁰⁹ “mal sana, e col Crocefisso in petto, che ben si può dire, che habbino la Croce di dentro e fuori”.

⁴¹⁰ “Tiene due mamelle di grossezza quattro dita; un palmo più alto, alcuni buchi, che li servano per vedere, e udire; la bocca è quasi nel mezzo, mà rivolta in modo d’arco; la sua carne è pretiosissima, come il vitello di latte; delle coste, che sono assai larghe, ne fanno Corone, e dicono, che servono per istagnare il sangue; ma esperimentatele non mi giovarono punto, anzi sempre più mi cresceva l’uscita”.

jerimum; nomes de instrumentos, como marimba, longa. Ao falar sobre os instrumentos musicais, acrescenta que são estrepitosos, desconcertantes e horríveis, que ao invés de causar prazer, ferem os ouvidos; com o seu som estridente, chegam a causar espanto (DE CARLI, 1687, p. 45). Contudo, os descreve detalhadamente e faz também ótimos desenhos a respeito desses instrumentos e das danças executadas, deixando-nos um quadro etnográfico acurado da cultura africana.

Os povos africanos e os gentios geralmente são vistos pelos religiosos como idólatras, ignorantes, e destinados às penas do inferno pelas suas músicas e danças sensuais e ritos adorativos. A mentalidade do religioso, que não possui o refinamento de Borri, não chega a compreender que os atos de um povo fazem parte da sua formação cultural.

O Racconto/C, além de uma crônica sobre a missionização africana, é um compêndio etnográfico que, situado no contexto cultural europeu seiscentista, motiva e encanta pelas situações de emoção e interesses dramáticos vividos pelo padre e causa repúdio pelas descrições e conivências escravagistas nele contidas.

5.12.2.1 *Ecasuals* em De Carli

ACCOSTUMATO adj. *Outros*.

Atestação: “Io ciò veduto, non <accostumato> à fuggire simili Animali, mi posi con un ginocchio, e una mano in Terra, e con l'altra alzai à tutta forza il Coltello (era lungo doi palmi), e ferij il Leone nel ventre” (DE CARLI, 1687, p. 61).

Italiano: *abituato*.

Português: *acostumado*.

Análise do dado: ACOSTUMADO: habituado a fazer algo de determinada maneira. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –c em uma hipercorreção gráfica. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica com mudança do sufixo formador de substantivos e adjetivos –ado para –ato em uma normal italianização desse fonema; acréscimo do dígrafo –c em uma hipercorreção gráfica.

ALLAGARTE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] il Moro un giorno, mentre voleva pigliar dell’acqua, vidde un <Allagarte>, cioè Cocodrillo e veloce fuggì” (DE CARLI, 1687, p. 87, grifo do autor).

Português: lagarto.

Análise do dado: Na África existem algumas variedades de lagartos: o lagarto do gênero *Varanus*, popularmente chamado de lagarto grande, bem maior do que o nosso lagarto, comum nos rios do Congo e Angola. Existe também o lagarto da família dos Cordilidae (*Cordylus angolensis*), também conhecido como lagarto angolano. No contexto, De Carli fala em lagarto, querendo referir-se ao crocodilo e o mesmo o faz Sassetti. Ver **lagarti** em Sassetti.

ARGAGLIA s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e una volta alla settimana, o più, se fà bisogno, il Padrone leva il Zibetto (detto in lingua Portoghese, <Argaglia>) che tengono fra le gambe di dietro” (DE CARLI, 1687, p. 75, grifo do autor).

Italiano: *zibetto*.

Português: algália, almíscar.

Citações em outros autores:

Análise do dado: ALGÁLIA: substância de odor penetrante segregada pelas glândulas localizadas no ânus das civetas (*Civettictis civetta*), mamíferos encontrados na África e Ásia, e utilizada na confecção de perfumes, sobretudo como fixador; almíscar. O autor afirma ser um *Ecasual* do português.

ARMATA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] essendo l’<armata> di ducento vele sotto Bahialì Balsà persona d’esperimentato valore nelle guerre di Terra” (DE CARLI, 1687, p. 168).

Português: armada.

Citações na obra: p. 882.

Análise do dado: Ver **armata** em Varthema.

ARTIGLIARIA s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “Fatto il tiro della leva, cioè segno con un sparo di <artigliaria>, acciò che tutti si portino all’imbarco” (DE CARLI, 1687, p. 381).

Português: artilharia.

Citações na obra: p. 5, 14, 105, 161, 381, 229, 376 etc.

Análise do dado: ver **artegliaria** em Varthema.

ASSENTATO adj. *Outros*.

Atestação: “[...] e il Marito <assentato> sopra d’una Sedia, più morto, che vivo, aspettando l’ultimo momento della sua vita” (DE CARLI, 1687, p. 104).

Italiano: *seduto*.

Português: assentado.

Citações na obra: p. 22, 26, 43, 52, 60, 64, 103 etc.

Citações em outros autores:

Análise do dado: ASSENTADO: que se encontra sentado. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica com mudança do sufixo formador de participios **-ado** para **-ato** em uma normal italianização desse fonema.

BANZA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Il nome delle Capanne de’ Signori è <Banza>; e quando non è assoluto, come il Rè, la chiamano *Cambanza*, che vuol dire Palazzo minore” (DE CARLI, 1687, p. 43, grifos do autor).

Português: banza.

Análise do dado: ver **banza** em Cavazzi.

BASSO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché presto dassimo in un <basso>, di maniera tale, che non ci valsero le forze di tutti à movere la barca” (DE CARLI, 1687, p. 243).

Português: baixio.

Citações na obra: p. 102.

Análise do dado: ver **basso** em Da Empoli.

BICHIOS s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] questi nel camminare entrano all’improvviso sotto l’unghie de’ piedi, e succhiando il sangue si fanno grossi e rotondi [...] e però ogni sera un Moro faceva la cerca del già detti animaletti, (chiamati da Portoghesi, <Bichios>) ne’ piedi di tutti noi” (DE CARLI, 1687, p. 26, parênteses e grifo do autor).

Português: bicho-de-pé.

Análise do dado: ver **animaletti [...] simili à pulici** em Cavazzi.

BIRAMI s. m. pl. *Indústria textil*.

Atestação: “Li <Birami> sono pezze di tela sottile di Bombace fatte nel Brasil di dieci braccia l’una” (DE CARLI, 1687, p. 38).

Português: beirame.

Citações na obra: p. 94.

Análise do dado: ver **bairam** em Varthema.

BOMBAS s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e poi alzandosi, lascia cadere tutta quell’acqua con pericolo di sommergere i Vascelli, nel profondo del Mare, com’è avvenuto più volte, e sono chiamate da Portoghesi, <*Bombas*>” (DE CARLI, 1687, p. 32, grifo do autor).

Português: bombas.

Citações na obra: p. 164.

Análise do dado: ver **bonba** em Da Empoli.

BRASIL s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Tagliano di tutte le sorte di legno sì per tingere, come per far lavori, ma particolarmente del Verzino, chiamato in quella lingua <Brasil>; tanta è la qualità, che il Paese hà pigliato il nome dal legno” (DE CARLI, 1687, p. 23)

Português: Brasil.

Citações na obra: p. 11, 22, 15, 37, 38, 49 etc.

Análise do dado: Ver **Verzino** em Corsali.

CABOCOLI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Le genti, che habitavano questo Paese sono detti Tapuij, ò <Cabocoli>, non Mori, ne Bianchi, mà di color Tanè o Lionato” (DE CARLI, 1687, p. 23).

Italiano: –

Português: caboclo.

Citações na obra: p. 29.

Citações em outros autores: Guattini, *caboclos*: p. 56, 81, 82.

Análise do dado: CABOCLO: indivíduo nascido de um genitor branco e outro índio, de pele acobreada e cabelos lisos. De Carli faz confusão entre os índios e caboclos, usando este último termo para nomear os índios tapuias. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética com acréscimo no italiano do grafema –o e adaptação de número plural masculino em –i.

CALMA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perché mancandoci il vento, restassimo in <calma>, in più volte, quindici giorni, e però sempre più cresceva il calore e puzza” (DE CARLI, 1687, p. 92).

Português: calma.

Citações na obra: p. 8, 11, 20, 107, 111, 132, 171 etc.

Análise do dado: ver **calma** em Sassetti.

CANNA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e per arma portano un’arco più alto d’un huomo, e la frezza di lunghezza due braccia, fatta parte di <canna>, e parte di legno durissimo” (DE CARLI, 1687, p. 23).

Português: cana.

Citações na obra: p. 77, 82, 262, 285; *canna d’India*: p. 28.

Análise do dado: cana por bambu. Ver **canne de India** em Varthema.

CANOA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Questo breve viaggio fu fatto da noi in quasi tutto per acqua in una barca detta <Canoa>, qual’è un legno d’un sol pezzo incavato” (DE CARLI, 1687, p. 25).

Português: canoa.

Citações na obra: p. 38.

Análise do dado: ver **canoè** em Pigafetta.

CAPALBAS s. m. pl. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “[...] la terza è un liquore, che scaturisce da una pianta detta <Capalbas>, e è ottimo per le ferite; onde vi concorrono etiamdio le stesse bestie quando sono ferite” (DE CARLI, 1687, p. 28, grifo do autor).

Italiano: *copaive*.

Português: copaíbas.

Análise do dado: COPAÍBA (óleo de): óleo extraído da planta do gênero *Copaífera*, nativa do Brasil, largamente utilizado para fins medicinais. Segundo a lenda corrente, os índios, ao observar que os animais feridos esfregavam-se no tronco da árvore, constataram as suas propriedades terapêuticas, sobretudo anti-inflamatórias e cicatrizantes. Essa EL se encontra dicionarizada na língua italiana como *copaive* e *copaiba*. Decalque livre.

CERIGONE s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Un’altra curiosa bestia viddi in casa d’un Mercante, quale ha sotto il ventre due borse, ove ne bisogni, e pericoli accolgono in un trato, e portano via li suoi figliolini, lo chiamano <Cerigone>” (DE CARLI, 1687, p. 25, grifo do autor).

Italiano: –

Português: sariguê.

Análise do dado: SARIGUÊ: designação comum aos marsupiais do gênero didelphis, comuns do sul do Canadá até a Argentina; gambá. O *Ecasual cerigão* não se encontra registrada nos dicionários portugueses, mas o uso da palavra encontra-se registrado em Anchieta (1997, p. 43, nota 37). Decalque livre.

CARRACA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Quivi ammirassimo un Galeone, o <Carracca>, fra li altri, fabricato nell’America, chiamato il Padre Eterno” (DE CARLI, 1687, p. 14).

Português: carraca.

Citações na obra: p. 33.

Análise do dado: ver **caracconi** em Sasseti.

CAZIMBO s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “In ordine alla prima, è cosa mirabile il vedergli tutti, senza eccettuarne alcuno, con Tabacchiera (detta da loro <Cazimbo>) in bocca, in tutte l’hore” (DE CARLI, 1687, p. 48, grifo e parênteses do autor).

Italiano: *pipa*.

Português: cachimbo.

Citações na obra: p. 61, 66.

Análise do dado: CACHIMBO: utensílio feito de madeira ou outros materiais, consistente de um tubo e um recipiente onde se coloca o fumo a ser aspirado. Etimologia controversa, talvez do quimbundo *ki’xima*, significando poço (Houaiss) ou do prefixo *ka* + *humbo*, instrumento para fumar. Procuramos em Assis Junior ([19--] p. 53) a palavra cachimbo e encontramos a entrada *pêxi* e *hûmbu*, significando cachimbo ruim e mal feito, portanto é difícil atestar como sendo do quimbundo. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica na substituição do dígrafo português –**ch** no italiano –**z**, e fonética representada por /**dz**/.

COLLA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e mangiandolo resta il palato amaro, ma poi bevendosi l’acqua pura sembra dolcissima; tal frutto è chiamato <Colla>; e perche havevo osservato, che i Portoghesi in Loanda ne fanno stima” (DE CARLI, 1687, p. 70, grifo do autor).

Português: coleira.

Análise do dado: ver **collera** em Cavazzi.

DIMORA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “La <dimora>, che quì facessimo per la difficoltà dell’imbarco fù di due Mesi; e ciò succede per doi capi, primo perche di già la Flotta era partita per l’India” (DE CARLI, 1687, p. 11).

Italiano: *ritardo*.

Português: demora.

Citações em outros autores: Guattini, *dimora*: p. 31.

Análise do dado: DEMORA: espaço de tempo que vai além do esperado; atraso. Em italiano existe a palavra *dimora*, com o significado de residência ou morar em algum lugar fixo. Na atestação trata-se de uma evidente interferência do português na língua de De Carli. Decalque homonímico com adaptação gráfica e fonética e acréscimo no italiano do grafema –i.

DISPACCIO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Gettamo l’ancora, il Capitano andò à Terra per il solito <dispaccio>, e ritornò con quel Comandante della Fortezza” (DE CARLI, 1687, p. 34).

Italiano: –

Português: despacho.

Análise do dado: DESPACHO: licença e outros documentos formais que todos os navios deviam apresentar quando chegavam a um porto português. Treccani atesta que a etimologia é do espanhol, mas consideramos um iberismo. Ver **dispacciava** em Da Empoli.

DORATO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] quale fuggendo la voracità d’un’altro suo nemico, ò rivale, chiamato <Dorato>, si scaglia dall’acque, volando tant’oltra” (DE CARLI, 1687, p. 18).

Português: dourado-do-mar.

Análise do dado: ver **doradi** em Pigafetta.

FATTORI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Inteso come li nostri Padri in Loanda havevano havuto avviso da sopradetti <Fattori> dell’ accidente occorsomi” (DE CARLI, 1687, p. 88).

Português: feitores.

Citações na obra: p. 84, 87, 247.

Análise do dado: ver **fattore** em Da Empoli.

FLOTTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Hanno ben sì gran corrisponnenza col Brasil, ancor che sia più lontano d’ Angola, perché dal Brasil ne traggono la maggior <flotta>” (DE CARLI, 1687, p. 12).

Citações na obra: p. 11, 12, 15, 21, 24, 105.

Português: frota.

Análise do dado: ver **flotta** em Da Empoli.

FOCHETOS s. m. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] con strepito di bombarde, con migliaia di razzi, ò come dicono loro (<Fochetos>) che squarciano tutta la notte il seno alle nubi” (DE CARLI, 1687, p. 14, parênteses e grifo do autor).

Italiano: *razzo*.

Português: foguetes.

Análise do dado: FOGUETE: tubo cheio de pólvora que após ser expelido do tubo para o alto, explode produzindo efeitos ou rumores diversos. Decalque homonímico consciente, com a adaptação morfológica formal gráfica com mudança do dígrafo **–gu** para **–ch**. Adaptação gráfica de número plural em **–s**, do português, quando no italiano deveria ser em **–i**.

FORTUNA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Quando più imperversata la <fortuna> e tempesta, altro non aspettavamo che l’ hora estrema” (DE CARLI, 1687, p. 125).

Português: fortuna.

Citações na obra: p. 103, 105, 145, 146, 154, 155 etc. Guattini: p. 15.

Análise do dado: ver **fortuna** em Varthema.

GALLIOFFA s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Costumano li portoghesi in questo passaggio dell’Equinotiale far la loro festa, da essi detta <Gallioffa>, per impetrar da Dio l’uscita felice da un varco tanto funesto” (DE CARLI, 1687, p. 19, grifo do autor).

Italiano: *scherzo goliardico*.

Português: galhofa.

Citações em outros autores: Guattini, *callioffa*: p. 46-47.

Análise do dado: GALHOFA: manifestação alegre e ruidosa, geralmente acompanhada de comes e bebes. No contexto, De Carli fala sobre a festa de passagem de um hemisfério a outro, na Linha do Equador, comum ainda nos dias de hoje, sobretudo nas viagens turísticas feitas em navios. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética na substituição do fonema /ʎ/ do português pelo fonema lateral /l/ e dígrafo –l e –f no italiano.

GENTILI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Il duomo è antichissimo, e dicono che fosse un Tempio de <Gentili>, le Campane non sono sopra d’un Campanile ordinario, ma sopra d’un Torrione al numero di dodici” (DE CARLI, 1687, p. 150).

Português: gentios.

Citações na obra: p. 47, 99, 150, 283; *gentile*: p. 47, 48.

Análise do dado: ver **gentili** em Varthema.

GIAGHI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Altri affermano per traditione antica, che i Popoli <Giaghi> chiamavamsi prima *Aiachos*, e che coroto poi il vocabolo, li dicessero Giaghi, i quali habitavano nella Scierra Leona” (DE CARLI, 1687, p. 46, grifo do autor).

Português: jagas.

Citações na obra: p. 42, 46, 47, 48, 49, 50, 61, 77, 85 etc.

Análise do dado: ver **giaghi** em Cavazzi.

GIRIMMÒ s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Sonano diversi Stromenti ridicolosi, e di poca consideratione e manifattura, come una Zucca, (detta da loro <Girimmò>), seca, con dentro quattro fagiuoli, che fanno nel moverla gran strepito” (DE CARLI, 1687, p. 44, parênteses e grifo do autor).

Italiano: *zucca*.

Português: jerimum.

Análise do dado: JERIMUM: regionalismo do norte e nordeste do Brasil para designar o fruto da aboboreira, planta da família das curcubiáceas. Etimologia do tupi *yuru'mu*, fruto do jerimuzeiro. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com a mudança do fonema inicial /j/ do português para /dʒ/ em uma normal italianização desse fonema. Adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo **-m** e acréscimo do acento grave no italiano.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Poco dopo il Signor <Governatore> di San Tomè (è un’ Isola San Tomè sotto la Linea Equinotiale) e questi Isolani, di presente, hanno fatto istanza à Roma” (DE CARLI, 1687, p. 98, parênteses do autor).

Português: governador.

Citações na obra: p. 17, 21, 53, 60, 98, 100, 119, 125 etc.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Il Tago scorre per questo Regno dieciotto <leghe>” (DE CARLI, 1687, p. 11).

Português: léguas.

Citações na obra: p. 10, 23, 40, 41, 54, 56, 126 etc.

Análise do dado: Ver **leghe** em Corsali.

LIBATTE s. f. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Ci portavano fino al primo paese habitato, ò Terra, ò Città, che in loro lingua chiamano <Libatte> (e di questa parola mi servirò nello scrivere, vergognandomi di chiamarle città)” (DE CARLI, 1687, p. 40-41, grifo e parênteses do autor).

Português: libatas.

Citações na obra: p. 43, 45, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 78, 79 etc.

Análise do dado: ver **libatte** em Cavazzi.

MACCUTTA s. f. sing. *Comércio*.

Atestação: “[...] due milla Lumaghini vagliono quanto una <Maccutta>” (DE CARLI, 1687, p. 38).

Italiano: *macuta*.

Português: macuta.

Citações em outros autores: Guattini, *maccute*: p. 96-97, p. 97.

Análise do dado: MACUTA: moeda de cobre (algumas vezes também em prata), cunhada em Portugal e que circulava na África Ocidental. A moeda foi cunhada para a Angola, no governo do Marquês de Pombal, e exibia o dístico “África Portuguesa”. O seu nome foi uma homenagem aos famosos panos do congo, que se chamavam *makuta*.⁴¹¹ Em outro trecho da mesma página ele fala sobre tecido, que servia de moeda de troca. GDLI (1961, v. IX, p. 390) confirma ser uma palavra do português. Atestado em Assis Junior ([19--], p. 306) como sendo do quimbundo *múkuta*, como antiga moeda de prata equivalente a dez mabelas⁴¹². Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –t em uma hipercorreção gráfica.

MAESTRI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Hanno bensì podestà li Capitani, o <Maestri> de Vascelli di dargli, quando comettono qualche mancamento, mà non già d’ucciderli” (DE CARLI, 1687, p. 94).

Português: mestre.

Análise do dado: ver **maestri** em Da Empoli.

MAMANI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] simili a questi sono i <Mamani>, eccetto che nascono sopra alberi altissimi” (DE CARLI, 1687, p. 28, grifo do autor).

Italiano: *papaia*.

Português: mamões.

Análise do dado: ver **mamao** em Cavazzi.

MARCATI adj. *Outros*.

Atestação: “Entrato in un battello, arrivai à bordo, e con un poco d’aiuto entrai nel Vascello già caricato di Mori in numero di sei cento, quali erano tutti <Marcati> (come si costuma), chi sopra una spalla, chi nel braccio destro chi nel sinistro, altri sopra le mammelle, ciascuno la marca del suo Padrone” (DE CARLI, 1687, p. 90, parênteses do autor).

⁴¹¹ Informação disponível em: < <http://diniznumismatica.blogspot.it/2012/10/a-moeda-angolana-macuta.html>>. Acesso em: 25 maio. 2013.

⁴¹² Mabela é um conjunto de panos fabricados com folha de palmeira ou tecido de algodão, cf. Assis Junior ([19--], p. 270).

Italiano: *segnati*.

Português: marcados.

Análise do dado: MARCADO: pessoa ou animal que foi submetido à marca com ferrete. De Carli fala dos escravos que eram marcados a ferro, ou no ombro, ou no peito ou nos braços, como animais, com o sinal do proprietário. Decalque homonímico com adaptação morfológica derivacional, com o uso de sufixo **-ato**, normal italianização do sufixo português **-ado** e desinência de número plural masculino italiano em **-i**.

MARIMBA s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Il principale loro Stromento, è la <Marimba> composta di quindici Zucche, in questo modo” (DE CARLI, 1687, p. 44, grifo do autor).

Português: marimba.

Citações na obra: p. 49, 56.

Análise do dado: ver **marimba** em Cavazzi.

MARRACUGIÀ s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Vi è il <Marracugià>, che ha la forma d’un pomo, ma rotondo, di fuori giallo, e rosso di dentro, e il sapore alquanto brusco” (DE CARLI, 1687, p. 28, grifo do autor).

Italiano: *frutto della passione*.

Português: maracujá.

Citações em outros autores: Guattini, *marracupias*: p. 65.

Análise do dado: MARACUJÁ: fruto de plantas da família das passifloráceas (*Passiflora*). O maracujazeiro é espontâneo nas florestas tropicais e subtropicais das Américas, existindo muitas espécies diferentes, entre os quais o *Passiflora edulis*, largamente consumido no Brasil na confecção de doces, sucos e ao natural. Etimologia do tupi *moroku'ya*, fruto que se serve na cuia. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica com acréscimo do dígrafo **-r** em uma hipercorreção gráfica e adaptação fonética com a mudança do fonema final do português /j/ para o italiano /dʒ/.

MERIGNOS s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Gli Birri (chiamati da loro <Merignos>) portano veste e ferraiolo similmente sino à terra, cingendo più la spada” (DE CARLI, 1687, p. 14, parênteses e grifo do autor).

Italiano: –

Português: meirinhos.

Análise do dado: MEIRINHO: no período colonial, o funcionário da justiça. Ver **mureno mor** em Balbi.

MISSANGA s. f. pl. *Objetos de uso.*

Atestação: “Tutti i *Macoloconti* furono regalati da noi di qualche Rosario, ò corona di vetro di Venetia, che loro dicono <*Missanga*>, qual ricevuto, se lo pongono al collo” (DE CARLI, 1687, p. 45, grifos do autor).

Italiano: *perlina colorata, perlina di Murano.*

Português: miçanga.

Análise do dado: MIÇANGA: pequena conta colorida feita de vidro. Como explica De Carli, os nativos usavam os rosários doados pelos padres no pescoço, porque não usavam bolsas. Houaiss data essa palavra no português em 1706, poucos anos depois de De Carli. A etimologia é controversa, pode ser do quimbundo *misanga*, conta de vidro ou do cafre *mausanga*, com o mesmo significado. Decalque homonímico consciente, com adaptação gráfica com substituição do grafema –ç do português para o grafema –s, em italiano.

MORINGI s. f. pl. *Objetos de uso.*

Atestação: “[...] e vi attaccano alcuni Fiaschi (detti da loro <*Moringi*>) pieni di Vino stillato dalla palma e questo dicono *malaf*” (DE CARLI, 1687, p. 51, grifos e parênteses do autor).

Português: moringas.

Análise do dado: ver **moringhi** em Cavazzi.

MULECHI s. m. pl. *Usos e costumes.*

Atestação: “Se fossero di minore età, li viene assegnato il prezo da Sensali deputati a tal effetto, e si chiamano per altro nome <*Mulechi*> e se sono femine, *Muleche*” (DE CARLI, 1687, p. 38).

Italiano: *muleco, monello.*

Português: moleques.

Citações na obra: *mulecho/e*: p. 38, 79.

Citações em outros autores: Guattini, *mulecchi/e*: p. 96, 97.

Análise do dado: MOLEQUE: menino novo, de etnia africana, ou mista; garoto vivaz e travesso. De Carli usa também o feminino *muleche*, moleca. Etimologia do quimbundo *muleke*. GDLI (1961, v. XI, p. 57) registra *muleco*, e atesta ser do espanhol cubano *muleque*, terminologia utilizada pelos mercadores de escravos significando rapaz negro, de idade

inferior a dez anos, no entanto, utiliza como atestação o De Carli que, notadamente, somente teve contato com portugueses. Decalque homonímico com adaptação morfológica formal gráfica e fonética com substituição do grafema –o do português para o grafema –u, em italiano e substituição do dígrafo italiano –ch pelo português –qu.

MULLETAS s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] perche quelle barchette, che di lontano si vedono in numero grandissimo, sono vele, che pescano dette da Portoghesi, <*Mulletas*>” (DE CARLI, 1687, p. 114, grifo do autor).

Italiano: *muletto*.

Português: *muletas*.

Análise do dado: MULETA: barco pequeno e elegante, usado antigamente na península Ibérica para pescaria fora da barra (Houaiss). De Carli descreve os barcos de pescadores quando chega à costa de Portugal. GDLI (1961, v. XI, p. 58) confirma ser o português *muleta*. Decalque homonímico com adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –l em uma hipercorreção gráfica e acréscimo da terminação de plural português em –s.

NGAMGA s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “Noi altri siamo chiamati <*Ngamga*>, e per honorarci v’aggiongono, *Fomet*, che vuol dire, Signore si che *Ngamga Fomet* vuol dire Signor Padre; il Sacerdote Dio lo nominano *Ngamga za zambian pugù*” (DE CARLI, 1687, p. 68, grifos do autor).

Italiano: –

Português: *ganga*.

Análise do dado: ver *ganga* em Cavazzi.

ORECIFFO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “In questo mentre osservai, che dalla sopradetta Torre si spica un Muro qual chiamano <*Oreciffo*>, che è naturale, di lunghezza cento leghe” (DE CARLI, 1687, p. 22-23).

Italiano: *scoglio*.

Português: *recife*.

Citações na obra: p. 23.

Citações em outros autores: Guattini, *oriciffo*: p. 53.

Análise do dado: RECIFE: barreira ou formação rochosa, à flor da água ou pouco submersa; arrecife. De Carli nessa passagem está falando da barreira de recifes existente na costa da

cidade de Recife. Decalque homonímico consciente, com adaptação gráfica e fonética com acréscimo do fonema /o/ talvez por ser corrente ou tiver ouvido, na época, a forma portuguesa *arrecife*, adaptação gráfica com acréscimo do dígrafo –f em uma hipercorreção gráfica e final com a substituição do grafema –e no português por –o.

PESSOGNA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] mi chiedevano cosa fosse, e Io li rispondevo, ch’era <Pessogna>, cioè veleno” (DE CARLI, 1687, p. 98, grifo do autor).

Italiano: –

Português: peçonha.

Análise do dado: PEÇONHA: secreção venenosa de alguns animais. De Carli nessa passagem dá um sentido figurado à palavra peçonha, pois fala que o chá que estava tomando era tão amargo que parecia veneno. Decalque semântico com adaptação morfológica formal gráfica com a substituição do grafema português –ç para o dígrafo –s no italiano e mudança do dígrafo –nh para –gn em uma normal italianização desse fonema.

PIGRITIA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Parimente ne viddi un’altro assai più curioso, grande come una Volpe, mà di moto tanto lento, ch’è cosa incredibile; ne si muove del suo passo, ne per carezze, ne per bastonate; i Portoghesi per questo lo chiamano <Pigritia>” (DE CARLI, 1687, p. 25, grifo do autor).

Italiano: *bradipo*.

Português: preguiça.

Análise do dado: PREGUIÇA: designação comum aos mamíferos xenartros da família dos bradipodídeos, que vivem nas florestas da América Central e do Sul; bicho-preguiça. Decalque homonímico consciente, com a tradução literal do *Ecasual*.

PRATICO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] ritornò con un Piloto <pratico> del fiume; perché entrando il Vascello senza Piloto della Città, e naufragando (com’è successo a’ molti) il Capitano é obligato á pagare tutti li danni” (DE CARLI, 1687, p. 10, parênteses do autor).

Italiano: *pilota di porto*.

Português: prático (do rio).

Análise do dado: PRÁTICO: indivíduo conhecedor dos acidentes hidrográficos e topográficos em áreas marítimas fluviais ou lacustres e que nelas conduz as embarcações da barra do rio ou da orla marítima até o porto (Houaiss). Sem adaptação.

PRINCIPALI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Alcuni <principali> (erano Portoghesi) ingenocchiati dissero: Padre, Confessione” (DE CARLI, 1687, p. 103, parênteses do autor).

Português: principais.

Citações na obra: p. 43, 80, 103, 105, 111, 116, 123, 132 etc.

Análise do dado: ver **principali** em Varthema.

RHAIS s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Il Vino navigato d’Europa quivi si vende sessenta milla <Rhais> la pippa, che sono sette misure ò brente lombarde” (DE CARLI, 1687, p. 38).

Português: reais.

Análise do dado: De Carli fala do real português, pois o vinho, devido à dificuldade de transporte, era muito caro, tanto no Brasil, quanto em Angola. Ver **reali** em Sassetti.

RETE s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] ma essendo il caldo eccessivo, non fù possibile il poter dormire in quelle, e però feci accommodare la <Rete> fuori della Capanna e domij à quel modo” (DE CARLI, 1687, p. 54).

Português: rede.

Citações na obra: *rete/i*: p. 37, 40, 54, 62, 66, 78, 79 etc.

Análise do dado: De Carli relata que os homens, na África, eram transportados por escravos, em redes, deitados e apoiados em travesseiros e uma espécie de cobertura (cf. fig. 24), enquanto que as mulheres eram levadas sentadas, protegidas por um guarda-sol (cf. detalhe na fig. 20). Ver **reti** em Cavazzi.

RINFRESCHI s. m. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Quivi restassimo doi giorni provedendosi di <rinfreschi> e particolarmente d’acqua la più stimata di queste parti” (DE CARLI, 1687, p. 133).

Português: refresco.

Citações na obra: p. 34, 134, 145, 248, rinfresco: p. 134

Análise do dado: ver **rinfresco** em Da Empoli.

SAGOINI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] molti <*Sagoini*>, che sono Scimiotini picciolissimi, e stimatissimi, quali hanno la faccia, e barba, come gl’Huomini, cosa curiosa da vedere” (DE CARLI, 1687, p.101, grifo do autor).

Português: saguis.

Citações na obra: p. 25.

Análise do dado: ver **gati maimoni** em Pigafetta.

SBARRA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Pervenuti alla <*Sbarra*>, che è la bocca del Fiume, venero molti batelli, sì Portoghesi, come Italiani, e ciascuno andò al Vascello per cui era venuto” (DE CARLI, 1687, p. 114).

Português: barra.

Citações na obra: p. 4, 10, 113.

Análise do dado: ver **barra** em Da Empoli.

SCOTTIGLIA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Veramente era uno spettacolo vedere il modo, che stavano i Mori; perché havevano posto gl’Huomini nel terzo corridoio da basso, non havendo altra luce, che quella ricevevano dalla bocca della <*scottiglia*>; ne meno questa era totalmente libera [...]” (DE CARLI, 1687, p. 90).

Português: escotilha.

Citações na obra: p. 170.

Análise do dado: ver **scotiglia** em Carletti.

SMONTATI verbo. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “<*Smontati*> in terra, ringratiammo Dio d’haverci condotti à salvamento nel Mondo nuovo” (DE CARLI, 1687, p. 23).

Português: desmontados.

Análise do dado: ver **smontammo** em Varthema.

TESTONI s. m. sing. *Comércio*.

Atestação: “Quì si spende moneta d’Oro, e d’Argento; per una messa danno, à chi tocca denari, due <Testoni> per una Predica” (DE CARLI, 1687, p. 26).

Português: tostão.

Citações na obra: p. 29.

Análise do dado: ver **testone** em Pigafetta.

TETUSIA s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “I nostri Padri havevano in casa un’animale detto <Tetusia>, fato come un picciolo porchetto, curiosa cosa da vedere [...] perché si nasconde tutto nelle grosse scaglie [...] in modo che sembra una palla” (DE CARLI, 1687, p. 25, grifo do autor).

Italiano: *armadillo bolita*.

Português: tatu-bola.

Análise do dado: TATU-BOLA: designação comum aos animais da família dos dasipodídeos, do gênero *Tolypeutes* (*Tolypeutes tricinctus*), do qual existem apenas duas espécies. O tatu-bola tem a capacidade de enrolar-se sobre si mesmo e transformar-se em uma bola. Também neste *Ecasual* seria quase impossível saber de qual animal está falando, não fosse as indicações dadas por ele quando o define. Nos dicionários italianos encontramos apenas *armadillo*. Colocamos no Google o nome científico seguida da palavra *armadillo* e apareceram diversas variantes, tais como *armadillo bolita*, *apar* e *armadillo con tre bande*, variação comum de uma palavra no início da neologização. Certamente será um neologismo a ser utilizado na italiana, pois como o tatu-bola é o mascote da próxima Copa do Mundo, a ser realizada no Brasil em 2014, deverá ser nomeado, e não somente em italiano, mas em outras línguas também. Decalque livre.

TRAVAGLIO s. m. sing. *Outros*.

Atestação: “[...] sempre camminando nella neve, cosa per lo più insolita in questo paese, con gran <travaglio>, e dolore” (DE CARLI, 1687, p. 4).

Português: trabalho.

Citações na obra: p. 30, 33, 49, 146, 232, 236, 246, 259.

Análise do dado: Ver **travaglio** em Da Empoli.

TUBERONE s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “V’è un’altra sorte di Pesce, che chiamano <Tuberone>, qual volentieri si ciba di carne humana” (DE CARLI, 1687, p. 18).

Português: tubarão.

Análise do dado: ver **tiburoni** em Pigafetta.

VIOLE s. f. pl. *Objetos de uso*.

Atestação: “De’ Passaggeri, chi dormiva, chi giuocava, chi sonava, essendovi più di 50 Chitarre, da Portoghesi chiama <Viole>” (DE CARLI, 1687, p. 16).

Italiano: –

Português: violas.

Análise do dado: VIOLA: instrumento com cinco ou seis cordas, semelhante ao violão grandemente utilizado na música de raiz brasileira e portuguesa. Existe a mesma palavra em italiano, mas trata-se de outro tipo de instrumento de corda, que se parece com o violino. O próprio autor confirma ser um *Ecasual* do português. Decalque homonímico com adaptação gráfica de número plural feminino em –e.

ZAMENDO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “V’è anche una bestia detta <Zamendoa>, è grande come un porco, ma l’ungie smisurate, e vive di formiche” (DE CARLI, 1687, p. 25, grifo do autor).

Italiano: *formichiere*.

Português: tamanduá.

Análise do dado: TAMANDUÁ: denominação comum aos mamíferos xenartros da família dos mirmecofagídeos, presentes nas Américas, do México à Argentina e que se alimentam de formigas; papa-formigas. Pelo nome deste *Ecasual* seria quase impossível saber de qual animal se trata, mas De Carli, na descrição, dá as indicações precisas. Provavelmente pelo tamanho, esteja falando do tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). Decalque livre.

ZIMBI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “In oltre vi sono i Lumaghini del Congo, chiamati da Mori <Zimbi> [...] (dissi del Congo non perché venghino di là, mà per esser quelli la moneta, che colà si spende, e sono li Portoghesi che li cavano dall’Isola e li mandano in Congo)” (DE CARLI, 1687, p. 38, parênteses e grifo do autor).

Português: jimbos.

Citações na obra: p. 79, 80.

Análise do dado: ver **zimbi** em Cavazzi.

5.12.2.2 UFcasuals em De Carli

À BOLLINA LARGA s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e pigliarono il vento <à Bollina larga>, cioè adire, camminare con tutte le vele, e all’hora s’accorgessimo di certo che si doveva menar le mani” (DE CARLI, 1687, p.122)

Italiano: –

Português: a bolina larga.

Citações na obra: p. 163, 171.

Análise do dado: [NAVEGAR] À BOLINA LARGA: conduzir a vela de modo ganhar a barlavento; bolinar (Houaiss). Decalque homonímico, com a tradução literal do *Ecasual*, apenas com adaptação gráfica no acréscimo do dígrafo –l em uma hipercorreção gráfica.

ACCABBADO HÒ MATTOLOTAGGIO s. livre. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Eh Padre soggiunse, già sta <accabbado hò mattoлотaggio>; cioè, sono forniti li viveri; e in buon linguaggio, non habbiamo più che mangiare” (DE CARLI, 1687, p. 92, grifo do autor).

Italiano: *finita la provvista di bordo*.

Português: acabou a matalotagem.

Análise do dado: ACABOU A MATALOTAGEM: acabar as provisões de bordo. A caravela na qual navegava De Carli caiu nas calmas equatoriais, de modo que a tripulação e passageiros consumiram todos os alimentos. O capitão do navio explica ao padre que não tinham mais provisões e corriam o risco de morrerem todos de fome. Decalque aproximativo, com a tradução de somente uma parte da UFcasual. Ver **mattalotaggio** em Sassetti.

AMMAINARE LE VELE s. v. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Preso possesso il Tenente del Vascello, fece <ammainare le vele>, per attendere l’ordine del Capitano” (DE CARLI, 1687, p.124)

Português: amainar as velas.

Citações na obra: p. 124, 170, 371; *amainarono le v.* p. 9.

Análise do dado: ver **vele amainate** em Pigafetta.

ARANZI DELLA CHINA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “De Frutti non ci mancavano, e singolarmente d’<Aranzi della China>, che in molti luoghi si chiamano di Portogallo, di sapore gustosissimo, e vengono assai grossi in queste parti” (DE CARLI, 1687, p. 84, grifo do autor).

Italiano: –

Português: laranja-da-china.

Citações em outros autores: Guattini, *aranzi della China*: p. 66.

Análise do dado: LARANJA-DA-CHINA: fruto da laranjeira, planta da família das rutáceas (*Citrus sinensis*). A laranjeira foi trazida para a Europa pelos portugueses e denominada inicialmente em vários países de *laranja portuguesa*, como afirma De Carli. Decalque homonímico consciente, com a tradução literal do *Ecasual*.

CAPITANO [...] MOHER loc. subs. *Dignidades*.

Atestação: “[...] havendo di già Sua Maetà commandato il Cambio di quel <Capitano in un altro maggiore (da loro detto *Moher*>) qual doveva andar alla guardia d’una Fortezza nel Brasil” (DE CARLI, 1687, p. 15, parênteses e grifo do autor).

Italiano: *capitano maggiore*.

Português: capitão-mor.

Citações em outros autores: Guattini, *capitano [...] mhor*: p. 41.

Análise do dado: CAPITÃO-MOR: no Brasil colônia, o governador de uma capitania hereditária. Ficamos em dúvida se realmente o *Ecasual moher* significasse capitão-mor ou capitão-major, pois a citação apresenta certa ambiguidade. Pesquisando a palavra major, vimos que a datação na nossa língua é de 1813, e a etimologia provém do francês, documentada no século XVII; capitão-mor provém desde o início do século XVI quando foram instituídas as capitanias hereditárias, extintas em 1759 pelo Marquês de Pombal. Decalque aproximativo, com a tradução de somente uma parte da *UFcasual*.

CREADO DA À COMER AO PAPAGAO s. livre. *Outros*.

Atestação: “[...] uno diceva, *Creado dà à Comer ao Papagao*, e altre cantilene insegnatele dalle Donne Portoghese, prima di darli da cibarsi” (DE CARLI, 1687, p. 108, grifos do autor).

Italiano: –

Português: criado, dá de comer ao papagaio.

Análise do dado: CRIADO, DÊ DE COMER AO PAPAGAIO: frase ensinada pelas mulheres portuguesas, aos papagaios de estimação, que estavam no navio. Como sabemos, é uma ave

que com treino consegue articular palavras e frases. Decalque aproximativo, com a tradução de somente uma parte da *UFcasual*.

CARRAVELLA DI GUINEA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e addimandato che cosa fosse, mi risposero esser cosa animata, e chiamarsi <Carravella di Guinea>, perche si produce nell’acque di questa costa” (DE CARLI, 1687, p. 19).

Italiano: *caravella portoghese*.

Português: caravela da guiné.

Análise do dado: CARAVELA: designação comum ao gênero dos cnidários hidrozoários, do gênero *Physalia* (*Physalia physalis*), presentes nos mares de água quente, cujos tentáculos são urticantes; caravela-portuguesa; água-viva. De Carli se encontra em um navio português quando ocorre a atestação, portanto a caravela deveria ser conhecida com o nome de caravela-da-guiné e mais tarde passou para diversas línguas com o nome de caravela-portuguesa: *Portugiesische Galeere* em alemão; *Portugees oorlogsschip* em holandês; *carabela portuguesa* em espanhol; *żeglarz portugalski* em polonês; *galère portugaise* em francês etc.

FRUTTI (...) DEL CONDE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Vi sono ancora altre sorti di <frutti, come quelli del *Conde*>, che nascono sopra alberi, come Aranzi, e sono di sapore dolci” (DE CARLI, 1687, p. 28, grifo do autor).

Português: frutas como aquelas do conde; fruta do conde.

Análise do dado: ver **conde** em Cavazzi.

LINEA EQUINOTIALE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Già che siamo alla <Linea Equinotiale>, convien dunque sapere, che la Linea è un circolo imaginato nel Cielo, che lo cinge da Levante à Ponente, egualmente discosto da due Poli e si chiama Equinotiale” (DE CARLI, 1687, p. 19).

Português: linha equinociale.

Citações na obra: p. 29, 64, 91, 98, 146, 149, 365; *linea equinotiale*: p. 46, 98.

Análise do dado: Ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

APPOSTEREI, MI FOSSE TAGLIATA QUESTA MANO s. livre. *Outros*.

Atestação: “[...] disse all’uso portoghese: <appostarei, mi fosse tagliata questa mano> [...] se V. P. ritornando al suo Clima, non ricupera la Sanità” (DE CARLI, 1687, p. 89).

Italiano: –

Português: apostaria, fosse-me cortada essa mão.

Análise do dado: APOSTO, PREFIRO CORTAR MINHA MÃO: modo informal de expressar desagrado a algo ou uma promessa. Ex: “prefiro cortar minha mão do que tomar esses remédios de novo”⁴¹³. De Carli confirma o uso consciente da *UFcasual* e para dar ênfase, acrescentando à expressão o verbo apostar. Decalque aproximativo, com a tradução de somente uma parte da *UFcasual*.

PASSARO DAS ALAS DE VELUDO loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] che più avanzatizi scoprimo Uccelli detti da Portoghesi <Passaro das alas de veludo>, perché hanno il corpo bianco, e le ali nere” (DE CARLI, 1687, p. 33, grifo do autor).

Italiano: *uccelli dalle ali di veluto*.

Português: pássaro das asas de veludo.

Análise do dado: MANGAS DE VELUDO: ave da família dos Pelecanidae (*Diomedea exulans*), que possui o corpo branco e as asas pretas; alcatraz. Denominada pelos portugueses de Mangas de veludo, em referência às suas asas pretas e sedosas. Atestado em Dalgado (1921, p. 29). Decalque aproximativo, com a tradução de somente uma parte da *UFcasual*.

PESCE DONNA loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Un giorno li Pescatori (pescavano continuamente) pigliarono un <Pesce Donna>, qual’ è assai grande, e rotondo, mà piano, come la Razza” (DE CARLI, 1687, p. 87, parênteses do autor).

Português: peixe-mulher.

Análise do dado: Ver *pesce donna* em Carletti.

POBRE PAPAGAO, POBRE PERUCHET s. livre. *Outros*.

Atestação: “[...] e dietro con robbe comestibili, che molto bene conosciute da detti Animaletti, tutti gridavano, dicendo: *pobre Papagao, pobre Peruchet*” (DE CARLI, 1687, p. 108, grifos do autor).

Italiano: –

Português: pobre papagaio, pobre periquito.

Análise do dado: POBRE PAPAGAIO, POBRE PERIQUITO: frase ensinada pelas mulheres portuguesas, aos papagaios de estimação, que estavam no navio.

⁴¹³ Exemplo extraído de: < <http://www.orkut.com/>. Acesso em: 19 maio. 2013.

TIRO D'ARTIGLIARIA loc. subs. *Área militar.*

Atestação: “Una mattina, non essendo per anche levato il Sole, udij un <tiro d’artiglieria> con palla>” (DE CARLI, 1687, p. 114).

Português: tiro de artilharia.

Citações na obra: *tiro/i di cannone*: p. 9, 22, 176, 374, *tiro/i*: p. 133, 190, 198, 235, 371 etc.

Análise do dado: ver **tiri d’artiglieria** Da Empoli.

VOSTRA MERCÈ loc. subs. *Dignidades.*

Atestação: “Gli rispose il Capitano: <Vostra Mercè> è Padrona di quanto si trova in Vascello, mà de’ Padri non posso disporne” (DE CARLI, 1687, p. 34, grifo do autor).

Português: Vossa Mercê.

Análise do dado: ver **vossa mercé** em Sassetti.

5.12.2.3 Proto/nomcasuals em De Carli

ACQUA VITA loc. subs. *Matérias-primas transformadas.*

Atestação: “[...] perche alcuni di loro s’ubbriacavano d’<acqua vita> (quale fanno della feccia di Zuccaro) senza considerare il mal esempio” (DE CARLI, 1687, p. 93, parênteses do autor).

Italiano: –

Português: água-da-vida.

Análise do dado: CACHAÇA: bebida alcoólica extraída por fermentação e destilação da borra do melaço da cana-de-açúcar. Decalque livre.

DUE CAMPANELLE [...] ASSIEME loc. subs. *Objetos de uso.*

Atestação: “[...] portano in mano <due Campanelle di ferro unite assieme>, e le battono con un pezzo di legno hor l’una, hor l’altra” (DE CARLI, 1687, p. 44, grifo do autor).

Italiano: *agogô*.⁴¹⁴

Português: duas campainhas juntas.

⁴¹⁴ Neologismo ainda não dicionarizado na língua italiana, mas que faz parte do léxico dos praticantes desse jogo. Na Itália, no último vintênio, a capoeira é muito praticada e, pelo que observamos, as palavras relacionadas a essa brincadeira estão sendo utilizadas como peregrinismos. Para a verificação dos nomes, disponível em: <<http://www.capoeirapalmares.it/capoeira/strumenti-musicali/>>. Acesso em: 16 set. 2013.

Análise do dado: AGOGÔ: instrumento musical de percussão, de origem africana, constituído por duas campânulas de ferro, percutidas por uma vareta do mesmo metal, que produzem sons distintos. O agogô de metal é utilizado nas danças e jogos de origem africana e similares, tais como a capoeira e o candomblé (DIM, 2013). De Carli afirma que o agogô era um instrumento utilizado apenas pelos senhores e filhos, como sinal de distinção.

FARINA DI PALO loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “Quelli che sono fatti Christiani si nutriscono di quella <farina di Palo>, detta da Mori *Mandioca*, quale quando è cavata dalla terra è velenosa, ma con stare nell’acqua perde il veleno” (DE CARLI, 1687, p. 29, grifo do autor).

Italiano: –

Português: farinha de pau.

Citações na obra: p. 22, 37, 111.

Citações em outros autores: Guattini, *farina fatta di radice d’un arbore*: p. 77.

Análise do dado: FARINHA DE MANDIOCA: farinha obtida da trituração e moagem da raiz da mandioca. De Carli explica que a obtenção da farinha de uma planta considerada venenosa é feita através da maceração da mesma na água, e se torna um alimento de alto consumo para os habitantes da África. Na página 22 fala que a farinha de mandioca é o “pão do Brasil” utilizado pelos escravos como principal alimento da sua culinária. Decalque livre.

LUMAGHINI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “In oltre vi sono i <lumaghini> del Congo, chiamati da Mori *Zimbi* [...] (che li cavano dall’Isola e li mandano in Congo)” (DE CARLI, 1687, p. 38, parênteses e grifo do autor).

Italiano: *lumachine*.

Português: jimbos.

Citações na obra: 38, 79, 80

Análise do dado: JIMBOS: moeda corrente entre os nativos do Congo e de Angola, que De Carli denomina *lumaghini*. O autor está referindo-se às conchas denominadas jimbos, usadas como moeda em Angola. Decalque homonímico com adaptação morfológica funcional, com a mudança de gênero feminino português para o masculino italiano. Ver **zimbi** em Cavazzi.

UNA ZUCCA CON DENTRO [...] QUATTRO FAGIOLI loc. subs. *Objetos de uso*.

Atestação: “[...] come <una Zucca, (detta da loro *Girimmò*), secca, com dentro quattro fagiuoli>, che fanno nel moverla gran strepito” (DE CARLI, 1687, p. 44, grifo e parênteses do autor).

Italiano: *caxixi*.⁴¹⁵

Português: uma abóbora com dentro [...] quatro feijões.

Análise do dado: CAXIXI: Instrumento de percussão que consiste numa pequena cesta de vime fechada, contendo sementes secas (Aulete). Pela descrição de De Carli, trata-se do caixixi, um instrumento usado na capoeira, constituído por um cesto de vime em forma de chocalho, encerrando no fundo uma cabaça, que contém sementes. É um instrumento que complementa o som do berimbau, usado da seguinte maneira: a mão direita ao segurar a vareta entre o polegar e o indicador, também sustenta o caxixi, com o médio e o anular. Desse modo, cada pancada da vareta sobre a corda é acompanhada pelo som seco e vegetal do Caxixi.⁴¹⁶ Decalque livre.

⁴¹⁵ Ver nota em agogô.

⁴¹⁶ Informação disponível em: Dicionário de instrumentos musicais. Disponível em: < <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200712-dicionariomusica.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2013.

5. 13 MICHEL ANGELO GUATTINI

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso, sublime rei; que não me atrevo a tanto, tomai as redeas vós do reino vosso, dareis materia a nunca ouvido canto. Comecem a sentir o peso grosso (que pelo mundo todo faça espanto) de exércitos, e feitos singulares, de Africa as terras, e do Oriente os mares (Os Lusíadas, canto I, 15).

Para a compilação das ocorrências em Michel Angelo Guattini utilizamos a obra *Viaggio del P. Dionigi de' Carli da Piacenza, e del P. Michel Angelo de' Guattini da Reggio Capuccini, Predicatori e Missionarij Apostolici nel regno del Congo* (doravante Viaggio/G), publicado em Veneza em 1679. Neste livro, organizado e publicado por De Carli, estão incluídas doze cartas escritas por Guattini, que utilizamos para a coleta do *corpus* de ocorrências deste missionário-viajante. São elas:

01. Carta a seu pai em Reggio, sobre a sua chegada ao porto de Gênova, a estadia e a partida, escrita em 12 de janeiro de 1667;
02. ao mesmo, em 25 de janeiro de 1667;
03. ao mesmo, escrita em S. Margarida em 12 de fevereiro de 1667;
04. ao mesmo, escrita em Gênova, em 24 de março de 1667;
05. ao mesmo, em companhia dos colegas missionários, sobre a viagem de Gênova a Lisboa, escrita em 25 de abril de 1667;
06. ao mesmo, sobre várias particularidades da cidade de Lisboa, escrita em 29 de junho de 1667;
07. ao mesmo, sobre a viagem do porto de Lisboa até Pernambuco, escrita em Pernambuco em 8 de setembro de 1667;
08. ao mesmo, sobre a cidade de Pernambuco e das qualidades do país, escrita em 12 de setembro de 1667;
09. ao mesmo, de Pernambuco, manda algumas curiosidades e notícias, escrita nessa cidade em 17 de setembro de 1667;
10. carta ao Conde Francesco Rolli; manda algumas cortesias e notícias, escrita em Pernambuco, em 17 de setembro de 1667;

11. ao seu pai, falando sobre um acidente sofrido, sobre os preparativos para a partida à África e outros problemas, escrita em Pernambuco, em 19 de outubro de 1667;
12. ao mesmo, sobre a viagem de Pernambuco a Luanda, com algumas descrições daquela cidade, escrita em Luanda, em 24 <?> 1668 (o mês encontra-se apagado). Essa é a última carta escrita pelo Pe. Guattini.

Antes de iniciar a análise da obra, devemos informar que o livro reúne, em um primeiro bloco unitário, as cartas acima citadas do Padre Guattini e três outras endereçadas ao pai por três padres missionários (De Carli, Pietro da Terni e Girolamo da Genova, este padre prefeito da Missão em Luanda), avisando-o da morte do filho. Em um segundo bloco, a viagem de De Carli (que não utilizamos nesta pesquisa).

Para a biografia de Guattini nos reportamos a uma nota de rodapé em Carlos Almeida (2011, p. 134, nota 5) e à Enciclopédia italiana (v. XVIII, p. 42), onde encontramos apenas um pequeno texto. Para a comprovação das palavras de origem africana nos valem do Dicionário Kimbundu-Português, de Assis Junior ([19--]). Nas citações e atestações procuramos transcrever exatamente como se encontra na edição de 1679, sem modificações, apenas transcrevendo em **e** o sinal gráfico **&**, que representa esta letra.

5.13.1 Padre Michel Angelo: uma vida em prol da evangelização da África

Mantivemos a grafia do nome como se encontra na sua obra: Michel Angelo, dois nomes separados, como ele próprio assina nas cartas ao seu pai. Quase tudo o que sabemos sobre ele – visto que não tivemos a oportunidade de nos aprofundar mais na sua biografia, consultando os arquivos italianos – são as informações dadas por ele mesmo e pelos missionários Cavazzi e De Carli. Nasce em Reggio Emilia, não se sabe a data; seu pai chama-se Giovanni. Almeida (2011) afirma que o seu nome de batismo é Ambrogio Guattini.

Guattini acompanha De Carli, desde a partida de Bolonha até a chegada à missão, portanto nos absteremos de falar sobre a viagem, pois trata-se da mesma descrita em Racconto/C. Ao chegar a Gênova, o padre escreve a primeira carta ao pai, relatando que foi chamado para ser missionário no Congo, e necessita que lhe mandem doze braças de um bom linho para a confecção de peças íntimas, toalhas, tecidos, rosários, contas de vidro ou de

cristais finos. Os três últimos serão utilizados para conquistar e agradar os gentios, como escreve: “[...] terços, rosários, *agnus dei*, e outras coisas, tudo isto para negociar o evidente ganho da salvação das almas”⁴¹⁷ (GUATTINI, 1679, p. 40-41). Por este pedido, pode-se deduzir que sua família tenha posses, pois o material solicitado é de qualidade: linho do bom, contas, se possível, de cristal, especifica. Ainda em Gênova, onde fica um longo tempo à espera do navio e dos outros missionários que partirão com ele, confirma ao pai o recebimento das caixas. Em uma carta escrita de Recife, declara que ao receber a caixa, não consegue segurar as lágrimas de ternura, vertidas pelo sentimento de saber que seu pai o acompanha em países longínquos com pensamentos de tão amável caridade (GUATTINI, 1679, p. 68).

Na vinda ao Brasil, quando passa pela linha do equador, comenta como são feitas as festividades de passagem do hemisfério norte para o hemisfério sul, a chamada galhofa, descrita também por De Carli. Conta ele que todos os passageiros, que ultrapassam essa linha pela primeira vez, têm que pagar o tributo de passagem, em dinheiro, em alimento ou com qualquer outro objeto. O dinheiro arrecadado reverte em benefício de missas de agradecimento às almas do purgatório. Se por acaso alguém não possua dinheiro ou não queira pagar, é conduzido por marinheiros, vestidos de bufões, diante de um tribunal onde outro marinheiro, togado, faz o papel de juiz. Após julgado e sentenciado, é imposta a pena: o condenado, amarrado pelas pernas, é mergulhado três vezes no mar. Nessa brincadeira, entram também os padres e Guattini, para escapar, paga o seu tributo com as contas de vidro.

Quando chega à África, nos primeiros dias de janeiro, dirige-se, juntamente com o amigo De Carli, para a missão em Mbamba e Mpemba. O novel missionário, segundo explica o companheiro, além de desenvolver as suas funções religiosas, se dedica a fazer uma horta e jardim iguais aos que existem na sua terra, com a diferença que permanecem sempre verdes, pois na África não há neve (DE CARLI, 1687, p. 70). Os dois sacerdotes passam os dias tranquilamente, quando advém a tragédia: pouco tempo depois da chegada na missão, no dia 9 de abril de 1668, Guattini morre em consequência de uma “enfermidade exótica”, conforme afirma De Carli. A doença começa com o turbamento da visão, uma febre continua durante quinze dias (nos quais são feitas punções constantes), seguida de uma parotidite (DE CARLI, 1687, p. 71-72). Esta mesma doença é confirmada por Cavazzi (1687, p. 884), que fala em um inchaço muito grande no pescoço.

⁴¹⁷ “[...] Corone, Rosarij, Agnus Dei, e simili, tutto però per trafficare il guadagno evidente della salute dell’anime”.

De Luanda, De Carli escreve uma carta ao pai do padre Guattini datada em 5 de junho de 1668, na qual noticia a prematura morte do filho e consola-o da perda. Uma segunda carta, escrita por Pietro da Terni, de Lisboa, em setembro de 1668, avisa sobre uma caixa que se encontra nesta cidade, destinada ao padre Guattini. Como é advertido da morte do jovem missionário, pede-lhe informações sobre como proceder a respeito: se deve mandá-la de volta para a Itália ou enviá-la para os colegas missionários do filho que estão na África. Pela carta, vemos que Giovanni Guattini, mesmo de longe, continua a pensar no filho, demonstrando ter por ele imenso carinho: envia pequenos mimos para amenizar o dia a dia e suprir as necessidades do jovem missionário. Uma terceira carta, escrita de Luanda, pelo padre prefeito da missão, Girolamo da Genova, acusa o recebimento da mesma caixa e consola o pai, mais uma vez, pela morte do filho (DE CARLI, 1679, p. 102-106).

Termina assim, com a morte na África, o testemunho do Padre Guattini, mais um entre tantos outros padres missionários que, abandonando pátria e família, se aventura em lugares longínquos e desconhecidos e se sacrifica em nome do seu ideal religioso.

5.13.2 Um projeto frustrado na viagem ao Reino do Congo

O *Viaggio/G* é publicado pela primeira vez em Reggio (Emilia), em 1671, e logo após em 1672. Outras edições italianas: em Bolonha (nesta edição foram anexadas as cartas de Guattini, *Lettere di Guattini*, publicado em Reggio (1671 e 1672), de novo em Bolonha (1674) em Veneza (1679) e novamente em Bolonha em 1698. Editado em francês, em Lyon (1680), por Th. Amaury e traduzido para o alemão, em Augusta (1692 e 1693). Em 1949 é incluída uma tradução em inglês na *Collection of Voyages and Travels*.

As cartas de Guattini são como relatórios de viagem, simples e sucintas, sem ser focadas no seu trabalho missionário. O tema central é a fauna e flora, os costumes dos portugueses e dos brasileiros, os giros por Lisboa, Pernambuco e Luanda, cidades das quais relata aspectos geográficos, arquitetônicos e culturais. As suas impressões sobre a África são poucas, pois escreve apenas uma carta ao chegar a Luanda. A sua importância como documento é a descrição que faz de uma obra da construção naval brasileira desse período – o Galeão Padre Eterno (cf. Fig. 25) ancorado no porto de Lisboa –, obtendo muitas informações de um piloto do navio, quando ali se encontra. Guattini descreve o imponente galeão construído inteiramente no Brasil, com as nobres madeiras de nossas florestas. O Padre Eterno

é um navio grande como jamais se viu, equipado com 120 bocas de canhão, nas quais é colocada a artilharia de defesa, sem contar as do castelo de proa. Possui duas cobertas, no castelo de popa e proa; é equipado com três grandes faróis; a vela-mestra, é um colosso, tão soberba que sobressai sobre todos os outros navios ancorados no porto de Lisboa; se a vela for aberta e estendida, cobre toda uma praça. Para sustentá-la, um mastro feito de um só tronco, medindo sete braças. Falando com um piloto do dito galeão, este o informa que para equipar corretamente essa fortaleza, para uma eventual guerra, seriam necessários três mil soldados. Ainda segundo o Guattini, no navio é construída uma capela para devoção, feita inteiramente de madeiras selecionadas do Brasil, trabalhadas com entalhes preciosos, completamente dourados; para embelezar ainda mais a preciosa capela, a decoram com quadros dos mais renomados. O missionário conclui assim a descrição do galeão: “[...] representa uma joia para se olhar, pois não se vê senão ouro, eu o confirmo, é uma maravilha para ser contemplada; se assemelha a uma cidade, e basta a comparação, pois qualquer navio, por imenso que seja, junto deste, no porto, seria um pequeníssimo barco”⁴¹⁸ (GUATTINI, 1679, p. 37).

Figura 25 - Galeão português Padre Eterno, construído no Brasil⁴¹⁹

⁴¹⁸ “[...] rappresento per uma gioia da mirare, poiche non si vede, che oro, ve lo confermo per una meraviglia da contemplare, che rassembra una Città; e basta il paragone, che qualsiasivoglia legno, per immenso, che sia, unito con questo nel Porto, lo dicesse un ben piccolo Battelo”.

⁴¹⁹ Figura disponível em: MALLET, Allan Manesson. **Description de l'Univers**. Paris: Denys Thierry, 1683. v. I, p. 257. As informações que encontramos em Mallet diferem das apresentadas no texto de Guattini. O galeão Padre Eterno foi o maior navio construído no século XVII, a mando de Salvador Correia de Sá, no

Após relatar sobre o galeão Padre Eterno fala sobre a história e/ou lenda da nau Catarineta, cantada em versos por Almeida Garret, no seu Romanceiro. Contrariamente à lenda, Guattini sustenta que o navio, vindo de Goa, aporta no Brasil e então parte para Lisboa, com uma carga riquíssima e preciosa. Surpreendido por um incêndio, restam a bordo poucas pessoas: sem ter quem o conduza, erra pelos mares, como um navio fantasma, “um potro sem rédeas”⁴²⁰. Acabando-se o estoque de água e comida, mortos os gatos, assados os cães, devorados os ratos e as solas dos sapatos, ficam os sobreviventes sem alimentos. Das quatrocentas pessoas a bordo restam apenas cinco, entre elas o capitão, o qual, para que os sobreviventes não morram de inanição, propõe jogar a sorte nos dados para ver a quem caberia a sorte de ser sacrificado, a fim de servir de sustento aos demais, salvando-os da morte certa. Jogados os dados, a infeliz sorte cabe ao próprio capitão. Enquanto ele recomenda a sua alma a Deus, um dos sobreviventes resolve subir no mastro e avista a terra, que por sinal é uma cidade confederada a Portugal. No fim, chegam sãos e salvos em Lisboa, onde são acolhidos e agraciados pelo rei com altos cargos na marinha portuguesa (GUATTINI, 1679, 48-51).

Quando chega em Pernambuco, escreve outra carta a seu pai falando das coisas do país. Guattini tem um interesse específico pela descrição das plantas, pois corresponde-se com o amigo Giacomo Zanoni, conservador do horto de Bolonha. As informações de Guattini colaboram para a publicação de Zanoni denominada *Istorica Botânica ... nella quale si descrivono alcune Plante de gl'Antichi, da moderni con altri nomi proposte* (Bolonha, 1675). O missionário tece observações sobre os mangues na sua ida a Olinda, discorre sobre a banana, o ananás, a fruta do conde etc. e afirma que mandará as flores, os frutos, as raízes e sementes a Zanoni para que este as coloque no livro que está escrevendo. Comenta que os frutos que são nativos da Europa aqui crescem em tamanho desmesurado, por graça de uma mãe-natureza tão benigna (GUATTINI, 1679, 66). Avisa ao pai que está enviando um baú cheio de curiosidades desta terra, entre elas a pele de uma cobra de sete metros (provavelmente a jiboia) e um terço feito de casca de coco para a mãe. Acrescenta que está mandando ervas medicinais, com notas explicativas sobre o seu uso, e um pacote especificamente para o amigo Zanoni (GUATTINI, 1679, p. 70).

Segundo uma observação contida no *Annuario Scientifico*, Guattini é o primeiro a falar sobre um novo tipo de algodão que ele constata no Brasil, que é anunciado como descoberta de outro viajante, em um período posterior. Grispigni & Trevellini procuram

⁴²⁰ “un puledro senza briglia”.

esclarecer esse erro na comunidade científica, e dão como referência Paolo Ferracini. Transcrevemos o trecho no qual explicam o engano:

Ultimamente foi anunciada a descoberta de uma nova planta de algodão que, diferentemente de outras espécies que possuem as sementes espalhadas irregularmente no meio dos filamentos, as teria todas reunidas no centro, portanto seria infinitamente mais fácil de descarregar. – Ora, esta planta, da qual tem-se por descobridor o missionário Van der Grutten em Borneu, já tinha sido encontrada no Brasil em 1667 e por ele [Guattini] descrita no relatório da sua viagem publicado em 1672. E isso não é tudo: Guattini teria expedido do Brasil a semente para seu pai, em Reggio, e a metade foi dada a Giacomo Zanoni, de Montecchio, herborista em Bolonha. Este semeou uma parte e, em 1668, deu outra parte a Giuseppe Ferniani, para semear. A planta, não sendo perene, cresceu, mas não produziu nem flores nem frutos, e no inverno morreu. Não obstante, com as indicações de Guattini, Zanoni a descreveu na sua *Istorica Botanica* e a chamou de *algodão alvo de Pernambuco*. Segundo o senhor Ferracchini, seria essa o *Gessypium religiosum*⁴²¹ de Lineu⁴²² (GRISPIGNI & TREVELLINI, 1865, p. 494, grifos do autor).

Procuramos nas cartas de Guattini, no Viaggio/G, a descrição citada acima, mas não a encontramos, contudo existe outra descrição que se aproxima a esta, no Racconto/C de De Carli. Este autor declara que a planta do algodão de Pernambuco é cultivada em vastos campos, em uma árvore de altura pouco maior que um homem. O algodão é produzido dentro de um casulo do tamanho de um ovo, coberto por uma pele verde finíssima. Quando se abre, cumprindo as fases naturais de maturação, o fruto se parece com uma estopa molhada; com o sol, as fibras se secam e se tornam de um branco perfeito. Não há necessidade de cultivo, pois ao abrir, o fruto deixa cair na terra três feijões negros, que se multiplicam de modo incrível (DE CARLI, 1687, p. 23).

Guattini se encanta com o Brasil, vê tudo com olhos maravilhados, compreende o deslumbre que sentiu o primeiro europeu a escrever sobre o nosso país. O motivo edênico, tão forte nos primeiros viajantes que aqui aportam, está também na obra do missionário:

no local denominado Pontal do Galeão, na Ilha do Governador (RJ), onde hoje se encontra o aeroporto Tom Jobim, conhecido popularmente como Aeroporto do Galeão.

⁴²¹ Na realidade o nome científico certo é *Gossypium religiosum* L.

⁴²² “È stata ultimamente annunziata la scoperta di una nuova pianta di cotone, che, a differenza delle altre specie che hanno i semi dispersi irregolarmente in mezzo alle filamenta della bambagia, li avrebbe tutti riuniti nel centro, e quindi sarebbe infinitamente più facile a sgranellare. – Ora questa pianta, della quale si dà per iscopritore il missionario Van der Grutten a Borneo, era già stata ritrovata in Brasile nel 1667 e da lui descritta nella relazione del suo viaggio pubblicata nel 1672. Nè questo è tutto: il Guattini avrebbe spedito dal Brasile la semente di questa pianta a suo padre a Reggio, e di questa la metà fu consegnata a Jacopo Zanoni da Montecchio speziale in Bologna. Egli ne seminò una parte, ed un'altra ne fece seminare da Giuseppe Ferniani nel 1668. La pianta non essendo annua crebbe, ma non portò fiori né frutta, che il sopravvenuto inverno la fece morire. Non ostante colle indicazioni del Guattini il Zanoni ne consegnò la descrizione nella sua *Istoria Botanica* e la chiamò *bambagia alborea di Pernambuco*. Secondo il signor Ferracchini, sarebbe essa il *Gessypium religiosum* di Linneo”.

Sei de não vos ter satisfeito com o pouco que escrevi sobre as curiosidades desse país, mas para dizer a verdade, aqui é tão maravilhoso, que tudo se torna digno de consideração, o qual é impossível [descrever] neste pouco tempo; basta dizer, pois: é um mundo novo⁴²³ (GUATTINI, 1679, p. 73).

Na sua última carta informa aos pais que está melhorando graças à medicina local e finaliza, como o faz em todas as outras, saudando, como filho amorosíssimo a mãe, os irmãos e sobrinhos. Completa afirmando que sente a falta das cartas da família, que não recebe mais desde a sua partida de Gênova. Morto prematuramente, não mais as receberá.

5.13.2.1 *Ecasuals* em Guattini

ALCAIDI s. m. pl. *Dignidades*.

Atestação: “Li Ministri dela Giustizia, detti <Alcaidi>, portano veste e Ferraiolo simili, cingono di più la spada” (GUATTINI, 1679, p. 38).

Italiano: –

Português: alcaides.

Análise do dado: ALCAIDE: no Brasil Colônia, funcionário com cargo administrativo e judicial, encarregado, sobretudo, de fazer cumprir as determinações da justiça. Em muitos casos era também o representante do donatário da capitania hereditária. Decalque homonímico com adaptação de número plural masculino italiano em –i.

ARTIGLIERIA s. f. sing. *Área militar*.

Atestação: “[...] festanti tutte frà sbarri d’ <Artiglieria> e suoni di Trombe, e concerti di Pifferi.” (GUATTINI, 1679, p. 23).

Português: artilharia.

Citações na obra: *artigliaria*: p. 190, 200, 217, 268.

Análise do dado: ver *artegliaria* em Varthema.

BIRAMI s. m. pl. *Indústria textil*.

⁴²³ “Sò di non vi haver sodisfatto col puoco, che hò scritto delle curiosità di questo paese, mà per dirvela, vi è tanto meraviglioso, che tutto riesce considerabile, e il considerabile mi si fa impossibile, e in questo puoco di tempo, e poi basta dire, è un Mondo nuovo”.

Atestação: “Li <Birami> poi sono pezze di tela grossa di Bombace, fatta nell’India, di dieci braccia l’una, che costano ducento Rais per pezza” (GUATTINI, 1679, p. 97).

Português: beirame.

Análise do dado: ver **bairam** em Varthema.

BRASILLE s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Li Mori naturali poi del <Brasille> (quale si chiama America meridionale o Mondo nuovo) sino ad hora li Portoghesi non hanno potuto ancora domare” (GUATTINI, 1679, p. 56).

Português: Brasil.

Citações na obra: p. 31, 39, 43, 48, 59, 95.

Análise do dado: ver **Tera del Verzin** em Pigafetta.

CABOCLOS s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Vengono chiamati questi Tabuios ò <Caboclos>, e il color dela carne è di Tanè scuro” (GUATTINI, 1679, p. 56).

Português: caboclos.

Citações na obra: *cabocoli*: p. 81, 82.

Análise do dado: ver **cabocoli** em De Carli.

CALLIOFFA s. m. sing. *Usos e costumes*.

Atestação: “Costumano i Portuguesi tutti in questo passaggio fare la loro <Callioffa>, ò sia festa, per impetrar da Dio benedetto l’uscita felice da un varco cotanto funesto” (GUATTINI, 1679, p. 46-47).

Português: galhofa.

Análise do dado: ver **gallioffa** em De Carli.

CALMA s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] restando assieme in una <calma > letitiosissima, lo passassimo in universal recreatione” (GUATTINI, 1679, p. 23).

Português: calma.

Citações na obra: p. 28, 75.

Análise do dado: ver **calma** em Sassetti.

CANNOUA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Questo breve viaggio fu fato da noi in barca, detta <Cannoua>, qual è un’arbore grande incavato e guidato da due Mori nudi” (GUATTINI, 1679, p. 59).

Português: canoa.

Citações na obra: *canoa*: p. 96.

Análise do dado: ver **canoè** em Pigafetta.

COSTATO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] e per la publica adoratione d’un Christo miracoloso, vicino a <Costato> del quale vi stava il Santissimo” (GUATTINI, 1679, p. 38).

Português: costado.

Análise do dado: ver **costato** em Corsali.

CROSADI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Il Padre Dionigi con un Compagno, e io partiremo sopra d’un Vascello comprato di nuovo da un mio Amico parziale per quattro milla <Crosadi> benissimo corredato” (GUATTINI, 1679, p. 66).

Português: cruzados.

Citações na obra: *crosado/i*: p. 93, 94, 95.

Análise do dado: ver **chrociati** em Da Empoli.

DIMORA s. f. sing. *Outros*.

Atestação: “Benedetta <dimora> che assortì d’ammirare il trionfo solene del Santissimo Sacramento” (GUATTINI, 1679, p. 31).

Português: demora.

Análise do dado: ver **dimora** em De Carli.

DORATO s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] quale fuggendo la vorracità d’un altro suo inimico, chiamato <Dorato>, si scaglia dall’acque, volando tant’oltre” (GUATTINI, 1679, p. 45).

Português: dourado.

Análise do dado: ver **doradi** em Pigafetta.

FLOTTA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Sua Maestà ordinò, che si spedisse un Vascello al Brasille, per poscia unirsi con la <Flotta>, che vi si trovava” (GUATTINI, 1679, p. 39).

Português: frota.

Citações na obra: p. 51, 55, 57, 58, 69, 72, 79.

Análise do dado: ver **frotta** em Da Empoli.

GOVERNATORE s. m. sing. *Dignidades*.

Atestação: “[...] e questa fu la causa che io non volsi assentire alle gentilissime istanze del <Governatore>” (GUATTINI, 1679, p. 91).

Português: governador.

Análise do dado: ver **governatore** em Varthema.

LEGHE s. f. pl. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “[...] fui necessitato andar col Padre superiore à certo luogo, distante di qui puoche <leghe>” (GUATTINI, 1679, p. 80).

Português: léguas.

Análise do dado: ver **leghe** em Corsali.

MACCUTE s. f. pl. *Comércio*.

Atestação: “Le <Maccute> sono quattro palmi di tela, fatta di paglia, e ogni dieci di questi importano cento Rais” (GUATTINI, 1679, p. 96-97).

Português: macuta.

Citações na obra: p. 97.

Análise do dado: ver **macutta** em De Carli.

MAMALUCHI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “Delli huomini sono sorti diverse, e differenti, come Negri, Mulatti, Vermigli, Tabui, e <Mamaluchi>, quali nascono da un naturale Indiano, da una di queste Bianche” (GUATTINI, 1679, p. 75).

Italiano: –

Português: mamelucos.

Análise do dado: MAMELUCO: filho de índio com branco ou de caboclo com branco. Em italiano existe a palavra *mammalucco* com o significado de pessoa pertencente a uma milícia turca, acepção existente também em português. No caso, é um *Ecasual*, pois é um

regionalismo do português brasileiro. Decalque homonímico com adaptação gráfica com substituição do grafema –e do português para –a no italiano, e de número plural masculino italiano –**chi**, das palavras que no singular terminam em –**co**.

MARRACUPIAS s. m. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Vi è il <marracupias> alla forma d’un grosso pomo, quale è rotondo e per di fuori è giallo, il modello naturale del quale come d’altri molti, quanto prima sarà dato in luce dal Sig. Giacomo Zannoni Bolognese” (GUATTINI, 1679, p. 65).

Português: maracujás.

Análise do dado: ver **marracugià** em De Carli.

MULECCHI s. m. pl. *Usos e costumes*.

Atestação: “[...] si chiamano per altro nome <Mulecchi>, ò se sono femine, Mulecche, il prezo delle quali è lo stesso, che delli Mulecchi” (GUATTINI, 1679, p. 97).

Português: moleques.

Citações na obra: *mulecchi/e*: p. 96.

Análise do dado: Guattini, assim como De Carli, registram também o feminino *mulecche*, nas duas ocorrências desse *Ecasual*. Ver **mulechi** em de Carli.

ORICIFFO s. m. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “In questo mentre osservassimo che da la sudetta Torre si spicca un muro, qual chiamano <Oriciffo> (dicono che è naturale) di lunghezza miglia trecento” (GUATTINI, 1679, p. 53, parênteses do autor).

Português: recife.

Análise do dado: ver **oreciffo** em De Carli.

PERUCHETTI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Qui li Papagalli e <Peruchetti> verdi sono infiniti” (GUATTINI, 1679, p. 58).

Português: periquitos.

Análise do dado: ver **peruchetti** em De Carli.

PIPPA s. f. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Il vino navigato d’Europa quì si vende sessenta milla Rais la <Pippa>, che sono sette misure Lombarde, e centocinquanta scudi da’ nostri” (GUATTINI, 1679, p. 96).

Português: pipa.

Análise do dado: ver **pipa** em Da Empoli.

RAIS s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “Il vino navigato d’Europa quì si vende sessenta milla <Rais> la Pippa, che sono sette misure Lombarde” (GUATTINI, 1679, p. 96).

Português: reais.

Citações na obra: p. 97.

Análise do dado: ver **reali** em Sassetti.

RETE s. m. sing. *Objetos de uso*.

Atestação: “Le Donne Bianche uscendo di casa (il che fanno di raro) sono portate in <rete> coperta (come nel Brasille)” (GUATTINI, 1679, p. 95, parênteses do autor).

Português: rede.

Análise do dado: ver **reti** em Cavazzi.

SBARRA s. f. sing. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “Finalmente passato il Capo di S. Vincenzo di molte miglia, alla vista della <sbarra> di Lisbona, sul far del giorno ci scopressimo queste alle spalle” (GUATTINI, 1679, p. 24).

Português: barra.

Citações na obra: p. 26, 28.

Análise do dado: ver **barra** em Da Empoli.

SAGOINI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Delli Maccacos, che sono Gatti Maimoni, ve ne sono in spetie diverse, ma quella de più piccioli, che chiamano <Sagoini> è la più accreditata” (GUATTINI, 1679, p. 58-59).

Português: saguis.

Análise do dado: ver **gati maimoni** em Pigafetta.

TESTONI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “[...] per una Messa danno due <Testoni>, e per una Predica Trenta, e quaranta se ne riceve” (GUATTINI, 1679, p. 59).

Português: tostões.

Análise do dado: ver **testone** em Pigafetta.

TIRI s. m. pl. *Área militar.*

Atestação: “[...] havendo prima salutati con lo sbarro di cinque <tiri> per ciascun Vascello Nostra Signora d’Europa, che si vede à dirimpeto sopra d’un monte” (GUATTINI, 1679, p. 23).

Português: tiros.

Citações na obra: p. 53.

Análise do dado: ver **tiri d’artiglieria** Da Empoli.

TUBERONE s. m. sing. *Exploratório-científico.*

Atestação: “Vi è quì pure un’altra sorte di Pesce che chiamano <Tuberone>, qual volentieri si ciba di carne humana” (GUATTINI, 1679, p. 45).

Português: tubarão.

Análise do dado: ver **tiburoni** em Pigafetta.

VIOLE s. f. pl. *Objetos de uso.*

Atestação: “[...] ispirati animavano quell’ Arpe, quelle <Viole>” e Cornetti à decante le lodi delle sacre Pallinodie” (GUATTINI, 1679, p. 62).

Português: violas.

Análise do dado: ver **viole** em De Carli.

5.13.2.2 UFcasuals em Guattini

AMMAINARONO LE VELE s. v. *Marítimo-geográfico.*

Atestação: “[...] mà quelli subito [forse impauriti] <ammainarono le vele> loro e tornarono à dietro” (GUATTINI, 1679, p. 24, colchetes do autor).

Português: amainaram as velas.

Análise do dado: ver **vele amainate** em Pigafetta.

ARANZI DELLA CHINA loc. subs. *Exploratório-científico.*

Atestação: “Qui ancora <aranzi della China>, quanto moltiplicano in quantità, tanto migliorano di qualità, poiche certo sono pretiosi, mercè della natura madre così benigna” (GUATTINI, 1679, p. 66).

Português: laranja-da-china.

Análise do dado: ver **aranzi della china** em De Carli.

CAPITANO [...] MHOR loc. subs. *Dignidades*.

Atestação: “[...] perché sua Maestà haveva di già comandado il cambio di quel <Capitano in un altro maggiore (che si chiamava Mhor>)” (GUATTINI, 1679, p. 41, parênteses do autor).

Português: capitão-mor.

Análise do dado: ver **capitano [...]** moher em De Carli.

LINEA EQUINOTIALE loc. subs. *Marítimo-geográfico*.

Atestação: “La distanza delli gradi vintinove, quale è da Lisbona alla <Linea Equinotiale>, e quella d’altri dieci che a questa si misura per portarsi al Brasile” (GUATTINI, 1679, p. 43).

Português: linha equinocial.

Citações na obra: *linea/l.equinotiale*: p. 39, 46, 47, 48, 72.

Análise do dado: Ver **linea equinomentiale** em Da Empoli.

FRUTTI DEL CONTE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Vi sono ancora d’altre sorti infinite, come <frutti del Conte>, quali nascono sopra una pianta dell’altezza d’un Aranzo, che in sapore sono dolcissimi” (GUATTINI, 1679, p. 65).

Português: frutas-de-conde.

Análise do dado: ver **conde** em Cavazzi.

PEDOCCHI DI FARAONE loc. subs. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Per essere qui tutto il paese sabbioso, vengono affliti li habitatori e li passaggieri del travaglio di certi vermi che chiamano alcuni <pedocchi di Faraone>” (GUATTINI, 1679, p. 59).

Português: piolhos-de-faraó.

Análise do dado: PIOLHOS DE FARAÓ: o mesmo que bicho-de-pé (Houaiss). Ver **animaletti [...]** simili à pulici em Cavazzi.

5.13.2.3 Proto/nomcasuals em Guattini

ALBERI [...] RADICI AVVITICCHiate IN TERRA s. livre. *Exploratório-científico*.

Atestação: “In certe campagne palludose ci furono mostrati alcuni <alberi, ch’hanno le radici avviticchiate in terra>, come gli altri, ma la stessa ancora li pende sopra dalla cima, per la lunghezza della quale restano coperte quasi tutte le foglie” (GUATTINI, 1679, p. 58).

Italiano: –

Português: árvores com as raízes fincadas (parafusadas) na terra.

Análise do dado: Guattini está falando dos mangues, cuja vegetação faz parte do ecossistema marinho, que possuem árvores com as raízes aéreas que se aprofundam na terra. A observação dos mangues ocorre no trajeto entre Recife a Olinda. Ver **manghe** em Cavazzi.

CANNA s. f. sing. *Exploratório-científico*.

Atestação: “[...] e per arma portano un arco di larghezza trè braccia, con la freccia simile, fatta parte di <canna>, e parte di legno durissimo” (GUATTINI, 1679, p. 56).

Português: bambu.

Citações na obra: *canna d’India*: p. 64.

Análise do dado: cana por bambu. Ver **canne de India** em Varthema.

FARINA [...] DI RADICE D’UN ARBORE loc. subs. *Matérias-primas transformadas*.

Atestação: “In luogo di pane si mangia <farina fatta di radice d’un Arbore>, che si chiama Manioca” (GUATTINI, 1679, p. 77).

Português: farinha [feita] da raiz de uma árvore.

Análise do dado: Ver **farina di palo** em De Carli.

LUMAGHINI s. m. pl. *Comércio*.

Atestação: “In oltre vi sono i <Lumaghini> portati dal Congo, coll’esborso de quali, si compra d’ogni cosa: duamilla Lumaghiin vagliono quanto una Macuta” (GUATTINI, 1679, p. 97).

Português: jimbos.

Análise do dado: Ver **zimbi** em Cavazzi e **lumaghini** em De Carli.

MANACI s. m. pl. *Exploratório-científico*.

Atestação: “Li <Manaci> rassomigliano meloncini piccoli di cotesti paesi, fruttano questi sopra arbori grandissimi” (GUATTINI, 1679, p. 65).

Português: mangas.

Análise do dado: ver **amba** em Varthema.

6 ANÁLISE ESTATÍSTICA DAS OCORRÊNCIAS COLETADAS

6.1 Análise e diagnóstico das ocorrências

Para diagnosticar a incidência das palavras mais comuns utilizadas pelos viajantes e também certos padrões de termos correlacionados, criamos tabelas e gráficos estatísticos baseados nos *Ecasuals*, *Ufcasuals* e *Proto/nomcasuals* encontrados nos autores estudados. Todas as ocorrências coletadas ao longo desta pesquisa encontram-se dispostas em uma apresentação tubular (cf. tabela 4), nos anexos⁴²⁴. Na tabela 4 listamos as ocorrências de *Ecasuals* e, na tabela 5, as ocorrências de *UFCasuals*. Para compreender o uso real que os viajantes fazem do léxico português, desmembramos a tabela 4 em tabelas amostrais, com padrões previamente identificados, de palavras que têm relevância para esta pesquisa. Estruturando-se os *Ecasuals* e *UFCasuals* versus autores estudados obteve-se uma tabela simples que equipara as ocorrências comuns entre os autores, conforme a tabela 1.

6.1.1 Ocorrências mais utilizadas pelos viajantes

As tabelas 4 e 5 ocasionaram um total de 572 ocorrências de *Ecasuals* e *UFCasuals* do português entre os 13 viajantes estudados. Para efeitos de levantamento de estudos estatísticos, excluímos, da presente análise, as ocorrências que obtiveram uma frequência menor que 23%, ou seja, que ocorreram em apenas dois viajantes. Estas ocorrências restantes, não incluídas no exame estatístico, se repetem: 99 vezes em dois viajantes, perfazendo um total de 17%; 380 vezes em apenas um viajante, perfazendo um percentual de 66%. A utilização ocasional (uma ou duas vezes) de *Ecasual/UFCasuals*, perfaz um total de 479, um número alto, se comparado ao restante das ocorrências utilizadas por mais de três viajantes.

Quanto aos *Proto/nomcasuals* que fazem parte do *corpus* de ocorrências, omitimos a sua inclusão nas estatísticas, pois, devido às suas especificidades, não poderiam compor o *corpus* de amostragem desta análise.

⁴²⁴ Para qualquer conferência desnecessária das tabelas, gráficos e formulários presentes nesta tese, dispomos dos registros em arquivos Excel.

Na tabela 1, que se encontra abaixo, estão disponibilizadas as 95 ocorrências de *Ecasuals* e *Ufcasuals* presentes nos viajantes que tiveram um percentual de frequência acima de 23%. Este percentual indica que compareceram, resguardadas as devidas adaptações gráficas, em pelo menos três dos treze viajantes.

E/U	casual - Português	Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
1	artilharia	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	13	13	100%
2	gentio	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	13	11	85%
3	amainar as velas	1	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1	13	11	85%
4	fortuna	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0	13	10	77%
5	governador	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	13	10	77%
6	principal	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	0	13	10	77%
7	armada	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	13	9	69%
8	capitão	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	13	9	69%
9	fusta	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	0	0	13	9	69%
10	légua	0	0	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	13	9	69%
11	trabalho	0	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	0	13	9	69%
12	baixo	0	1	1	1	0	1	1	1	0	0	1	1	0	13	8	62%
13	bar	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	13	8	62%
14	Brasil	0	1	0	1	1	0	0	1	1	0	1	1	1	13	8	62%
15	naire	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	0	0	0	13	8	62%
16	linha equinocial/...	1	0	1	1	0	0	0	1	1	0	1	1	1	13	8	62%
17	cana-da-índia/... (bamb)	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	1	1	13	8	62%
18	bambu	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	13	7	54%
19	manilha	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	13	7	54%
20	vitualha	0	0	1	1	0	1	1	1	1	0	1	0	0	13	7	54%
21	xerafim	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	13	7	54%
22	banana (musa, figos)	1	0	0	1	1	1	0	1	1	0	0	0	0	13	6	46%
23	coberta	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	6	46%
24	descobrir	0	1	1	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	13	6	46%
25	desmontar	1	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	0	13	6	46%
26	frota	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	1	13	6	46%
27	mestre	0	1	0	1	0	0	1	1	1	0	0	1	0	13	6	46%
28	refresco	0	1	1	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	13	6	46%
29	barra	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	13	5	38%
30	beirame	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	13	5	38%
31	cafro	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	13	5	38%
32	calma	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	1	13	5	38%
33	canoa	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	1	13	5	38%
34	despachar	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	13	5	38%
35	feitor	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	13	5	38%
36	jaca	1	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	13	5	38%
37	monção	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	0	0	0	13	5	38%
38	natural	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	13	5	38%
39	real	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	1	13	5	38%
40	surgir	1	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	5	38%
41	tubarão	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	1	13	5	38%
42	altura	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
43	amainar	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	4	31%
44	bomba	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	13	4	31%
45	costado	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	13	4	31%
46	desbaratar	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	4	31%
47	estoraque	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	4	31%
48	feitória	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	13	4	31%
49	fidalgo	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
50	galanga	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
51	idalção	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
52	mantimento	0	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	13	4	31%
53	mutação	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
54	rio	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	13	4	31%
55	tostão	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	1	13	4	31%
56	noz-da-índia/coco	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
57	tiro de artilharia	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	13	4	31%
58	albacora	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	3	23%
59	anfião	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
60	bonito-pintado	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	3	23%

E/UF	casual - Português	Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardiz	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
61	caminho	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
62	cate	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	3	23%
63	caxa	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	13	3	23%
64	chatim	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
65	conde (fruta do conde)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	13	3	23%
66	convés	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	13	3	23%
67	cruzado	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	13	3	23%
68	destruir	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
69	dourado	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	13	3	23%
70	esforço	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
71	fazenda (negócio)	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
72	laranja-da-china	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
73	iogue	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
74	larim	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
75	macaréu	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
76	meirinho	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	13	3	23%
77	nipa	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	13	3	23%
78	nizamaluco	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
79	pipa	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	13	3	23%
80	polear	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
81	rede	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	13	3	23%
82	regimento	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
83	sagui	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	13	3	23%
84	também	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
85	tanga	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
86	tara	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
87	xabândar	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
88	barra de ouro/prata	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	13	3	23%
89	costa bravia/brava	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
90	de tarde	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
91	dois paus (hashi)	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	13	3	23%
92	em busca de	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	13	3	23%
93	patrão do navio/barca	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	13	3	23%
94	peixe-mulher	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	13	3	23%
95	sangue-de-dragão	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	3	23%

Tabela 1- Percentual de ocorrências de *Ecasuals* e *UFCasuals* mais utilizados

Examinando a tabela 1 acima, observamos:

- 1) Uma palavra se destaca em muito no estudo estatístico: o *Ecasual* <artilharia>, que ocorreu em todos os treze viajantes (100%), provando-se ser um vocábulo muito usado no campo das navegações portuguesa durante os séculos XVI e XVII;
- 2) em seguida temos outra evidência: o *Ecasual* <gentio> (85%) e a *UFCasual* <amainar as velas>, registradas em onze dos treze viajantes, provam ser também empréstimos portugueses de bastante destaque;
- 3) ainda três palavras incidiram em dez viajantes: <fortuna>, <governador> e <principal> (77%);
- 4) cinco palavras comparecem em nove viajantes: <armada>, <capitão>, <fusta>, <légua> e <trabalho> (69%);
- 5) cinco palavras comparecem em oito viajantes: <baixio>, <bar>, <linha equinocial>, <naire> e o topônimo <Brasil> (62%);

- 6) quatro palavras comparecem em sete viajantes: <bambu> (e suas variações), <manilha>, <vitualha>, <xerafim> e <cana-da-índia> (e suas variações) (54%);
- 7) sete palavras comparecem em seis viajantes: <banana> (suas variações), <coberta>, <descobrir>, <desmontar>, <frota>, <mestre>, <refresco> (46%);
- 8) treze comparecem em cinco viajantes: <barra>, <beirame>, <cafro>, <calma>, <canoa>, <despachar>, <feitor>, <jaca>, <monção>, <natural>, <real>, <surgir> e <tubarão> (38%);
- 9) dezessete palavras comparecem em quatro viajantes: <altura>, <amainar>, <bomba>, <costado>, <desbaratar>, <estoraque>, <feitoria>, <fidalgo>, <galanga>, <idalcão>, <mantimento>, <mutação>, <rio>, <tostão>, <figo-da-índia> (banana), <noz-da-índia> (coco), <tiro de artilharia>, (31%);
- 10) trinta e sete palavras comparecem apenas em três viajantes: <albacora>, <anfião>, <barra de ouro/prata>, <bonito-pintado>, <caminho>, <cate>, <caxa>, <chatim>, <conde> (fruta do), <convés>, <costa bravia>, <cruzado>, <destruir>, <de tarde>, <dourado>, <em busca de>, <fasce> (hashi), <fazenda>, <iogue>, <laranja-da-china>, <larim>, <macaréu>, <meirinho>, <peixe-mulher>, <nipa>, <nizamaluco>, <patrão do navio/barca>, <pipa>, <polear>, <rede>, <regimento>, <sagui>, <sangue-de-dragão>, <também>, <tanga>, <tara>, <xabândar>.

Pelo percentual de uso observamos que as lexias simples que caracterizam os *Ecasuals* são as mais utilizadas, evidenciando que o uso de unidades fraseológicas é menos frequente, justamente porque a *UFcasual* requer um maior comprometimento linguístico por parte do emissor. É muito mais fácil a interferência lexical em uma palavra somente, do que em uma estrutura complexa, como no caso de uma frase ou locução. Na mesma tabela encontramos apenas doze *UFcasuals*, a saber: <amainar as velas>, <fruta-do-conde>, <linha equinocial>, <laranja-da-china>, <peixe-mulher>, <tiro de artilharia>, <figo-da-índia>, <noz-da-índia>, <patrão de navio>, <sangue-de-dragão> e as locuções <de tarde> e <em busca de>.

Para uma melhor visualização das principais ocorrências e suas porcentagens, compusemos ainda um gráfico-diagnóstico das 50 ocorrências mais utilizadas (cf. gráfico 1), no qual dispusemos os *Ecasuals* e *UFcasuals* com as suas respectivas porcentagens de presença na literatura dos viajantes pesquisados.

Analisando os dados constantes no gráfico 1, que se encontra abaixo, verificamos que as maiores incidências ocorrem em palavras de cunho marítimo e geográfico. Contudo uma palavra da área militar se destaca por ser comum à todos os autores: <artilharia>. A alta

frequência dessa palavra nos viajantes deve-se ao fato que, os navios, para fins de defesa, são equipados com um conjunto de materiais bélicos, ou seja, artilharia (canhões, bocas de fogo, pólvora etc.). A artilharia é utilizada não somente para a defesa no mar, mas também para fins de conquista. O poderio naval e militar português nesse período é reconhecido e respeitado, haja visto que, em todas as cidades conquistadas, os portugueses possuem fortalezas fortemente providas. O frequente uso pode ser atestado mediante a grande utilização deste *Ecasual* seja nos navios, seja nas colônias. Além disso, devemos considerar que esta palavra é originária do latim e já corrente na língua italiana, mas com outro significado (ver **artegliaria** em Varthema).

A segunda grande evidência que encontramos no gráfico 1 são os *Ecasuals* <gentio> e <amainar as velas> (85%); ocorrida em 11 dos 13 viajantes. <Gentio> designa, em geral, pessoas e povos de culturas pouco compreendidas ou pouco conhecidas, que professam o paganismo nos vários países e ilhas inexplorados. Para os portugueses, o significado é específico para os considerados não-cristãos, contrapondo-se ao significado de muçulmano (que são os infieis). Com o tempo <gentio> passou a designar todos os povos pagãos cujas crenças não são cristãs ou populações consideradas selvagens. <Amainar as velas> pertence ao campo semântico da marinha, onde se concentra a maior quantidade de *Ecasuals* por viajante.

Gráfico 1 - Gráfico-diagnóstico das 50 ocorrências mais utilizadas

6.1.2 Campos Semânticos das Ocorrências

Após a análise do gráfico 1 e observação das duas principais incidências – <artilharia> com 100%, <gentio> e <amainar as velas> com 85%, verificamos uma semelhança evidente entre muitas palavras, relacionadas entre si e –, consequentemente, as organizamos, em campos semânticos–, de acordo com o seu uso pelos viajantes. Para tanto, criamos uma segunda tabela, incluindo os 95 *Ecasuals* e *Ufcasuals* constantes na tabela 1, que foram re-estruturados, gerando-se assim uma nova e importante listagem por campos semânticos (cf. tabela 2) e por conseguinte mais um gráfico (cf. gráfico 2), os quais demonstram a real especificidade dos campos, reafirmando assim o uso contínuo das palavras portuguesas durante o período examinado.

Para a montagem da nova lista de prevalência semântica foram cruzados os dados das principais ocorrências com os campos identificados, que por sua vez são: campo semântico da área militar, campo semântico marítimo-geográfico; campo semântico de cunho exploratório-científico; campo semântico das matérias primas; campo semântico das dignidades; campo semântico do comércio; campo semântico dos objetos de uso; campo semântico dos usos e costumes; campo semântico da indústria têxtil. Comparecem também nesse gráfico quatro ocorrências que denominamos “outros”, palavras que não se incluem em nenhum dos campos acima. São elas: <trabalho>, <esforço>, <de tarde> e <em busca de>.

Prevalência semântica nos viajantes italianos											
Principais Ocorrências		Incidência entre Autores	Domínio Semântico								
			Área Militar	Marítimo-Geográfico	Exploratório-Científico	Matérias-Primas	Dignidades	Comércio	Objetos de Uso	Usos e Costumes	Indústria Têxtil
1	artilharia	100%	X								
2	gentio	85%								X	
3	amainar as velas	85%		X							
4	fortuna	77%		X							
5	governador	77%					X				
6	principal	77%					X				
7	armada	69%		X							
8	capitão	69%					X				
9	fusta	69%		X							
10	légua	69%		X							
11	trabalho	69%									
12	baixio	62%		X							
13	bar	62%						X			
14	Brasil	62%		X							
15	linha equinocial	62%		X							
16	naire	62%								X	
17	bambu	54%			X						
18	manilha	54%							X		
19	vitualha	54%		X							
20	xerafim	54%						X			
21	bambu	54%			X						
22	banana	54%			X						
23	coberta	46%		X							
24	descobrir	46%		X							
25	desmontar	46%		X							
26	frota	46%		X							
27	mestre	46%					X				
28	refresco	46%		X							
29	banana	38%			X						
30	barra	38%		X							
31	beirame	38%									X
32	cafro	38%								X	
33	calma	38%		X							
34	despachar	38%		X							
35	feitor	38%					X				
36	jaca	38%			X						
37	monção	38%		X							
38	natural	38%								X	
39	reais	38%						X			
40	surgir	38%		X							
41	tubarão	38%			X						
42	altura	31%		X							
43	áraque	31%				X					
44	bomba	31%		X							
45	costado	31%		X							
46	desbaratar	31%	X								

Prevalência semântica nos viajantes italianos											
Principais Ocorrências		Incidência entre Autores	Domínio Semântico								
			Área Militar	Marítimo-Geográfico	Exploratório-Científico	Matérias-Primas	Dignidades	Comércio	Objetos de Uso	Usos e Costumes	Indústria Têxtil
47	estoraque	31%									X
48	feitoria	31%								X	
49	fidalgo	31%					X				
50	galanga	31%			X						
51	idalção	31%					X				
52	mantimento	31%		X							
53	mutação	31%		X							
54	rio	31%		X							
55	tostão	31%						X			
56	coco	31%			X						
57	tiro de artilharia	31%	X								
58	albacora	23%			X						
59	anfião	23%				X					
60	bonito-pintado	23%			X						
61	caminho	23%		X							
62	cate	23%						X			
63	caxa	23%						X			
64	chatim	23%					X				
65	fruta do conde	23%			X						
66	convés	23%		X							
67	cruzado	23%						X			
68	destruir	23%	X								
69	dourado	23%			X						
70	esforço	23%									
71	fazenda	23%						X			
72	iogue	23%								X	
73	laranja-da-china	23%			X						
74	larim	23%						X			
75	macaréu	23%		X							
76	meirinho	23%					X				
77	nipa	23%				X					
78	nizamaluco	23%					X				
79	pipa	23%							X		
80	polear	23%								X	
81	rede	23%							X		
82	regimento	23%	X								
83	sagui	23%			X						
84	também	23%									
85	tanga	23%						X			
86	tara	23%						X			
87	xabândar	23%					X				
88	barra de ouro	23%						X			
89	costa brava	23%		X							
90	de tarde	23%									
91	hashi	23%							X		
92	em busca de	23%									
93	patrão do navio	23%		X							
94	peixe-mulher	23%			X						
95	sangue-de-dragão	23%				X					
Incidência Semântica:			5	30	15	4	11	12	4	7	2

Tabela 2 - Estudo das prevalências semânticas nos Ecasuais e UFcasuais

Uma vez identificados os campos semânticos prevaescentes, os resultados das incidências semânticas foram então somados e percentualizados, podendo-se assim ratificar o estabelecimento de um gráfico semântico das ocorrências portuguesas no italiano dos viajantes (cf. gráfico 2), para a exata interpretação das ocorrências.

Gráfico 2 - Gráfico das prevalências semânticas nos viajantes italianos

As prevalências semânticas visualizadas no gráfico 2 contribuem para revelar a natureza verdadeira das explorações italianas e os desafios e dificuldades de compreender os novos conceitos das ‘coisas’ até então desconhecidas.

Os níveis de incidência semântica, bem como a descrição específica de cada campo verificado, seguem-se abaixo:

1) **campo semântico marítimo e geográfico** – das 95 ocorrências citadas em mais de três viajantes, 30 (equivale a 26%) pertencem a este campo. Agrupamos em um campo único tais ocorrências, pois na literatura dos viajantes as palavras dessas duas áreas estão fortemente interligadas. Quando um autor fala, por exemplo, em <barra>, <fortuna>, <baixio> etc., apesar de serem palavras de áreas diversas, estão relacionadas semanticamente: quando os viajantes falam em <fortuna>, referem-se sempre às tempestades que colhem os navios durante a travessia; <barra> e <baixio> estão relacionados à entrada do navio, na foz do rio que conduz ao porto. Isto explica o maior percentual de ocorrências no campo semântico da navegação.

2) **Campo semântico de cunho exploratório-científico** – Das 95 ocorrências citadas em mais de três viajantes, 15 pertencem a esse campo, completando um percentual de 14% do total. Compreendemos nessa área as ocorrências que envolvem os nomes pertinentes à fauna e à flora. A abrangência desse campo é relativamente grande devido à extrema curiosidade que perpassava os viajantes ao depararem-se com espécimes novos. Descrever um animal ainda desconhecido ou uma fruta exótica, consistia em apossar-se do deleite criador: o viajante sentia-se o artífice da própria coisa, como se o fato de explicá-la e explicitá-la ao seu leitor lhe desse a soberania da descoberta. Todos os viajantes, indistintamente, delongavam-se nas descrições dos novos espécimes da fauna e da flora, avaliando separadamente as características e propriedades exploratórias e científicas de cada animal ou planta que descreviam (veja-se a descrição de <coco> em Pigafetta, <durião> em Carletti ou <peixe-mulher> em Cavazzi e De Carli, por exemplo).

3) **Campo semântico do comércio** – Das 95 ocorrências citadas em mais de três viajantes, 12 (11%) pertencem a esse campo. Incluímos em um só grupo esses itens pois estão, também eles, intrinsicamente ligados. Excluímos desse grupo semântico o *Ecasual* <légua>, que é uma medida, mas nos relatos, se refere ao campo semântico da marinha. Grande parte dos viajantes, excetuando-se os missionários, viajavam para comerciar, comprar e vender ouro, pedras, especiarias etc. e teriam, forçosamente, de utilizar um léxico comum no que se relaciona aos pesos, às medidas e vendas dos produtos que comercializavam.

4) **Campo semântico das dignidades** – das 95 ocorrências citadas em mais de três viajantes, 11 pertencem a esse campo, completando de 10% do total. Os viajantes, ao manter contatos com os povos das cidades e países que visitavam, descreviam ou relacionavam-se com as

diversas autoridades locais e com pessoas incumbidas de administrar ofícios públicos. O registro de *Ecasuals* que envolvem as dignidades também comparece em um índice relativamente alto.

5) **Campo semântico dos usos e costumes** – das 86 ocorrências citadas em mais de três viajantes, 7 (7%) pertencem a esse campo. Neste campo semântico encontram-se, sobretudo, os *Ecasuals* referentes às castas indianas e aos gentílicos dados pelos portugueses aos habitantes dos países visitados, demonstrando o interesse do viajante pelas usos e pela cultura local.

Outros campos semânticos de menor relevo comparecem, mas como a incidência é abaixo de seis, nos abstermos de analisá-los.

6.2 Ocorrências de Proto/nomcasuals

As Proto/nomcasuals, como dissemos anteriormente, não fazem parte da estatística, pois são palavras ainda não nomeadas e se caracterizam segundo a subjetividade de cada viajante; não são passíveis, portanto, de uma análise qualitativa. Foram reunidas na tabela 3, apenas a título de curiosidade, para que o leitor pudesse visualizá-las em seu conjunto.

Proto/nomcasuals		
VARTHEMA	PIGAFETTA	DE CARLI
4 o 5 stelle (Cruzeiro do Sul)	croce di 5 stelle (Cruzeiro do Sul)	acqua vita (cachaça)
acqua vita (áaque)	fighi lungi un palmo (banana)	due campanelli assieme (agogô)
canna de india (bambu)	gati maimoni (mico-leão-dourado)	farina di palo (farinha de mandioca)
malapolanda (banana)	lovi marini (leão-marinho)	lumaghini (jimbo)
mecna (macuá)	batate come castagne (batata-doce)	zucca con dentro quattro fagioli (caxixi)
noce de india (coco)	canne dolci (cana-de-açúcar)	CAVAZZI
tenga (coco)	pane rotondo bianco (beiju)	animaletti simili a pulici (bicho-de-pé)
amba (manga)	vino di palma (áaque)	cani selvatici (mabeco)
CORSALI	rode grande (enduape)	oglio comune (dendê)
croce meravigliosa (Cruzeiro do Sul)	pigne molto dolci (abacaxi)	ARDIZI
FEDERICI	canne grosse (bambu)	lago di acque nerissime (caldeira)
canna (bambu)	occati (pinguim)	muse (banana)
muse (banana)	ape piccole come formiche (abelhas jataí)	GUATTINI
noci d'india (coco)	CARLETTI	alberi [...] avviticchiate in terra (mangue)
si fa del vino (áaque)	canne grosse (bambu)	canna (bambu)
BALBI	limoncini (laranjinha kinkan)	farina di radici d'un albero (farinha de mandioca)
l'arma del re (brasão real)	si tagliano da per loro (haraquiri)	farina di palo (farinha de mandioca)
noci d'india (coco)	vino di riso (saquê)	lumaghini (jimbo)
SASSETTI	BORRI	manaci (manga)
canne (bambu)	due legnetti (hashi)	DA EMPOLI
certe barbe (igname)	fichi d'india (banana)	não-aplicável
noci d'india (coco)	lambicato di riso (saquê)	

Tabela 3 - Ocorrências de Proto/nomcasual nos viajantes italianos

Interessante observar que o mesmo referente adquire denominações diversas, em cada caso, segundo a subjetividade e criatividade do autor. Exemplificando, o Cruzeiro do Sul é denominado de modos diversos, mas tendo, em comum, a especificidade numérica (<4 o 5 stelle>, <croce di 5 stelle>, ou <croce> [que compreende 4 pontas]). Já a banana provavelmente tem como primeira denominação <figo> (<fichi>), pois alguns dos viajantes assim o afirmam; outros a nomeiam com a palavra composta <figos-da-índia>. O mesmo sucede com <bambu> (<canna>, <canne grosse>, <canne de india>) e com a <farinha de mandioca> (<farina di radice di un albero>, <farina di palo>). Em outros prevalece a criatividade do viajante, como no caso do <saquê> (<lambicato di riso>) e do <mangue> (<alberi [...] radici avviticchiate in terra>).

7 CONCLUSÃO

Quando iniciamos a nossa pesquisa para a confecção desta tese estávamos entusiasmadas: havíamos constatado que diversos linguistas italianos (Cardona, 1973; Mancini, 1994; Trovato, 1994) sustentam a existência de um grande número de empréstimos do português que não tiveram a possibilidade de serem incorporados ao léxico da língua italiana. Estes estudiosos defendem a teoria da provável existência de um *pidgin* de base portuguesa, falado nas cidades ao longo das possessões ultramarinas lusitanas e em entrepostos onde existia um intenso contato comercial com essa nação. Como os linguistas italianos que estudaram esse argumento trabalharam com uma quantidade menor de viajantes, e em um tempo menor, imaginamos que, acrescentando em número o estudo dos viajantes (treze no total), e abrangendo um arco de tempo maior (séculos XVI e XVII), poderíamos registrar centenas e centenas de *Ecasuals* que comprovassem a predominância do português como língua franca.

Considerando-se que esta nossa pesquisa está pautada na hipótese da existência de um *pidgin* de base portuguesa, procuramos verificar ou não a veracidade da nossa tese. Com esse propósito direcionamos a pesquisa para a coleta e classificação das ocorrências de palavras do português usadas pelos viajantes, que não se encontravam registradas nos dicionários italianos como empréstimos do português.

Iniciamos a procura das palavras por autor, partindo de Varthema, que presenciou e relatou, nos primórdios do século XVI, as primeiras conquistas portuguesas no Oriente. Prosseguimos, ordenando-os pela data em que iniciaram a sua viagem, a saber: Andrea Corsali, Giovanni da Empoli, Antonio Pigafetta, Pompeo Ardizi, Cesare Federici, Gasparo Balbi, Filippo Sassetti, Francesco Carletti, Cristoforo Borri, Antonio Cavazzi, Dionigi di Carli, finalizando com o jovem Michel Angelo Guatini, que ofereceu sua vida em prol das missões no Congo, na segunda metade do século XVII. A procura estendeu-se em todos os continentes, nos quais os portugueses mantinham suas possessões, abrangendo cerca de 200 anos, até os últimos decênios do século XVII.

Verificamos que no interior de cada relato existia uma grande variedade de *Ecasuals*: alguns são constantes, aparecendo em diversos autores; outros, no entanto, estão presentes segundo os interesses pessoais, comerciais, sociolinguísticos, antropológicos ou naturalistas do autor. À medida que os viajantes iam avançando em direção aos países do Oriente, iam-se acrescentando palavras novas: Pigafetta tocou as costas das Ilhas Molucas, e introduziu no seu

texto *Ecasuals* dessa região; Balbi e Federici, que ficaram muito tempo na Birmânia, inseriram outras tantas, aumentando assim cada vez mais o inventário das palavras portuguesas na literatura dos viajantes.

A atenção de Varthema é direcionada aos termos militares e náuticos, enquanto que na obra de Cavazzi se sobressaem palavras que dizem respeito à cultura e à antropologia. Com De Carli e Guattini, outros dois viajantes-missionários que fizeram juntos o mesmo percurso, destacam-se palavras que refletem os usos e costumes da África Ocidental portuguesa. Com Borri, o léxico português utilizado difere dos outros, pois esteve quase todo o tempo na Cochinchina, onde outros viajantes, por nós pesquisados, estiveram apenas de passagem. Os *Ecasuals* de Federici e Balbi divergem muito dos viajantes anteriores, exceto pelas palavras marinheiras e centram-se, sobretudo, na área comercial: pesos, medidas, tecidos, nomes de dignidades com as quais estabeleceram contatos. Os *Ecasuals* destes dois viajantes são muito parecidos, assim como foram o trajeto e os seus interesses, pois ambos estavam concentrados em negociar e comprar, sobretudo pedras e metais preciosos.

Diversamente, o vocabulário de Sassetti inclui muitas palavras do português de Portugal e poucas das línguas indígenas e isto se deve ao fato de ele ter vivido certo período em Lisboa e pelo longo tempo que esteve em contato com os portugueses estabelecidos em Goa e Cochim. Acrescente-se a essas duas premissas o fato de não ter quase viajado para outros lugares, como o fizeram, por exemplo, Corsali, Pigafetta, Da Empoli e outros, que se deslocaram constantemente. Por esse motivo existe certa restrição, na sua obra, às palavras oriundas das línguas autóctones; contudo, o seu interesse de literato se dirige às línguas em geral. A mesma restrição vocabular acontece em Ardizi, que permaneceu e trabalhou por certo período em Lisboa, Madeira e Açores, onde a língua portuguesa era empregada oficialmente. Existe uma condicionante: nos viajantes que aportaram no Brasil, na África ou na Índia os *Ecasuals* se assemelham; essa constatação sustenta a teoria de Cardona (1973, p. 171), a qual confirma a existência, em cada possessão ultramarina portuguesa, de um léxico português variável, segundo o lugar onde se encontrava o viajante.

Para chegarmos aos resultados, organizamos uma ficha lexicológica e analisamos as ocorrências encontradas, as quais foram selecionadas por ordem de autor. Uma vez extraídas as ocorrências, analisamos as transformações diacrônicas, verificando também as adaptações gráficas existentes no interior de cada uma. Não as analisamos em todos os viajantes, apenas quando ocorria pela primeira vez, pois demandaria muito tempo examiná-las unitariamente.

Pudemos verificar que as mesmas eram, na maior parte das vezes, grafadas de maneira diversa, talvez conforme o modo como cada um a compreendia ou, quem sabe, por influência da região natal do autor, como é o caso de Pigafetta que, por ser vêneto, quase não utiliza as consoantes geminadas, tão comuns na língua italiana. Somente para exemplificar, o viajante escreve: <caminho> , <vele amainate>, <gati maimoni>, <Tera del Verzin> etc., que em italiano padrão são grafadas, respectivamente, *cammino*, *vele ammainate*, *gattimammoni*, *Terra del Verzin*. Acrescentamos, a essa constatação, a possibilidade de a variação gráfica ocorrer de acordo com o lugar de apreensão da palavra: se na costa ocidental da Índia ou em Macau, se no Brasil ou na África, se no Oriente Médio ou na Cochinchina. Podemos exemplificar a variação na palavra <beirame>, grafada como <bairam> em Varthema; <bairalam> em Da Empoli; <berania> em Pigafetta e <birame> em De Carli e Guattini. A irregularidade grafo-fonológica é maior nas palavras que se originaram de línguas autóctones, apresentando certa precisão nas palavras do português ou nas que existiam anteriormente na língua italiana, como por exemplo em: <principale>, <leghe>, <fortuna>, <gentile>, <cammino> etc., todas escritas da mesma maneira, variando apenas o uso ou não das consoantes geminadas. Quase todos os *Ecasuals*, indistintamente, são usados com o número plural italiano em **-i** e **-e**, masculino e feminino, respectivamente: <lega>, <leghe>; <principale>, <principali>, <fortuna>, <fortune> etc., resultado da interferência da língua materna do autor.

No capítulo referente à análise dos dados identificamos a área semântica à qual pertence o *Ecasual*, procuramos a tradução em italiano atual – quando esta existe – e apresentamos também a tradução literal da palavra para o português, pois geralmente são adaptados gráfica e foneticamente ao italiano. Discorremos sobre a etimologia da palavra e apresentamos as atestações dos linguistas italianos que comprovam o seu uso como sendo do português, pois algumas delas existiam já na língua italiana, apesar de ter outra significação. A confirmação, por meio de linguistas italianos (Caraci, Cardona, Pozzi e outros constantes na bibliografia), de que as palavras provêm da língua portuguesa colabora para a sustentação da tese que nos propusemos a fazer, pois a interferência do português e a origem comum das duas línguas suscita, em cada caso concreto, dúvidas: seria ou não um *Ecasual* português? Para a ratificação da existência destas palavras na nossa língua, nos reportamos aos dicionários atuais e históricos portugueses.

Verificamos a nossa suposição segundo a qual os *Ecasuals* acontecem por interferência linguística do português na língua do viajante, configurando uma aquisição inconsciente. Ao par da interferência, sucede também o empréstimo consciente, quando o viajante, livremente, se apossa de itens linguísticos portugueses, a fim de enriquecer e dar um

colorido ao seu texto. Segundo cremos, a inserção de palavras de línguas consideradas exóticas, ocorre porque a descrição da ‘coisa’ adquire mais prestígio e se torna mais instigante quando dita por meio de uma palavra estranha, assumindo assim uma importância que vai além do concebível, excitando a imaginação dos leitores pelo fascínio do desconhecido. Dar ao seu texto a “cor local” (cf. (GUSMANI, 1983; ALVES, 1990; APRILE, 2005) constitui, portanto, uma opção consciente, utilizada por todos os viajantes.

Deparamos com muitas unidades lexicais que hoje estão dicionarizadas na língua italiana. Como aparecem nos textos dos viajantes, muito antes do seu registro nos dicionários, consideramos importante a sua inclusão neste trabalho, pois são empregadas primeiramente em contexto de língua portuguesa. Encontramos, inclusive, algumas delas cujas atestações são anteriores às que se encontram nos dicionários italianos, como por exemplo <arfion> em Da Empoli.

No decorrer das leituras, além das palavras portuguesas, nos defrontamos também com outras colocações linguísticas, as unidades fraseológicas formadas por locuções, que denominamos U*Fcasuals*. Em alguns autores a incidência da mesma unidade fraseológica restringe-se ao uso de palavras comuns ao léxico da navegação, tais como: <linha equinocial>, <amainar as velas> etc. O uso de outras fraseologias é característico de cada autor, pois sendo constituída, geralmente, de mais de uma palavra, o seu uso é individual: o autor aponta o que vê, ou fala sobre o que lhe interessa e, ao expor o conceito, vale-se de uma rede de relações conceituais e sintagmáticas próprias. Exemplo característico é o caso de Sassetti, quando escreve <por estas barbas e por este rostro> (<por estas barbas e por este rosto>) ou de De Carli, ao cunhar <mi fosse tagliata questa mano> (<me cortassem essa mão>), entre outros exemplos.

A leitura dos viajantes nos proporcionou a obrigação de incluir um subcapítulo e discorrer sobre o que entendíamos por protonomeações, as Proto/nom*casuals*, isto é, uma categoria de nomeações usada para designar objetos exóticos, cujos referentes não são conhecidos pelos leitores dos viajantes. O autor se vale do seu conhecimento de mundo para nomear este objeto, utilizando perífrases e expressões em que faz analogia com seres já conhecidos. Assim temos curiosidades tais como: <ape piccole come formiche>, para denominar as abelhas indígenas (como por exemplo a jataí), <canne dolci>, para cana-de-açúcar e <occati> (pato) para denominar o pinguim.

Um exame em separado mereceram as palavras nas quais os autores se valiam de uma rede de referenciais conotativos para definir a ‘coisa’, formando uma definição enciclopédica, um verdadeiro tratado sobre o objeto, como por exemplo Varthema, quando

compõe o retrato do coco, ou Sasseti, quando discorre sobre as diferenças existentes entre as diferentes espécies do cinamomo. Outros, além da descrição, acrescentam desenhos para que o leitor formule uma representação visual do objeto descrito. Esse acréscimo visivo torna a existência do objeto verossível, dando uma força incomum ao nome nomeado, inserindo-o no contexto cultural e histórico em que foi produzido. Observamos, nas imagens de Cavazzi, as primeiras representações da cultura africana a chegar ao conhecimento europeu, autênticos documentos históricos que refletem o *modus vivendus* de uma sociedade, a africana, que quer se espelhar na sociedade europeia e, para isso, tenta mudar os seus costumes. Nas figuras de Cavazzi, estão representados os duques angolanos e congueses, que se assemelham, seja nas vestimentas, seja nas regras de condutas sociais, aos europeus. O autor inclui também outras interpretações figurativas e descritivas do contexto cultural e geográfico africanos. Para Peter Burke, as imagens exprimem “indícios, os quais se comunicam, e que podem ser novas testemunhas na reconstrução de tempos antigos. [...] as imagens, assim como os textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidencia histórica (BURKE, 2004, p. 17).

A partir dessas considerações retomamos a questão: existia ou não um *pidgin* de base portuguesa falado pelos viajantes italianos? O estudo de treze viajantes demonstrou-se insuficiente para essa comprovação. Trabalhamos somente com italianos e podemos concluir que seria necessário ampliar o *corpus* com viajantes de outros países (franceses, alemães, austríacos etc.), que nos desse mais elementos de estudo. Embora número de *Ecasuals* recolhidos seja insuficiente para afirmar categoricamente a presença de um *pidgin* português, a nossa pesquisa assinala fortes indícios da sua existência: 1) porque nos lugares onde os portugueses estabeleceram as suas possessões, até hoje o português permanece como língua: seja oficial, como no Brasil, em Angola, em Moçambique, no Timor Leste etc., seja não oficial, falado por uma minoria, em comunidades constituídas pelos portugueses no século XVI, como em Goa, em Diu, no Damão, localidades da Índia, em Macau, na China, e em Malaca, no arquipélago da Malásia. Em todos esses países e cidades, os portugueses mantinham fortalezas ou possessões, frequentados pelos viajantes italianos; 2) por estarem em contato com portugueses, certamente os viajantes italianos falavam esse *pidgin*, como meio de interação, do contrário a comunicação se tornaria difícil. Mesmo que o estudo destes treze viajantes indicasse pouca frequência em determinadas palavras, não podemos excluir a possibilidade de que outros viajantes também as usassem; 3) existe certa similaridade entre as palavras, segundo o lugar frequentado pelo viajante. Se selecionarmos determinados viajantes que estiveram, por exemplo, na Índia, os *Ecasuals* serão diferentes dos

recolhidos no Brasil ou na África, porém todos tem um ponto em comum: são palavras utilizadas no período e pertencem ou foram incorporados pelos dicionários portugueses históricos ou de uso atuais; 4) como último ponto a ser avaliado: temos palavras italianas e portuguesas, cuja raízes remetem à única língua comum, o latim, e isso possibilita o uso de palavras símile ou até mesmo iguais. Poderíamos elencar algumas centenas delas, as quais observamos durante as leituras e não as registramos: <vingare>, <vale>, <discansare> (Sasseti); <maraviglia>, <costumavano>, <particulari> (Corsali); <desligano>, <pesador publico> (Federici); <arrichadando>, <duprichati>, <armadori> (Da Empoli) e assim por diante. Como saber se essas palavras são do português ou do italiano? Impossível afirmar com certeza, seriam necessárias pesquisas filológicas aprofundadas. Veja-se, por exemplo, a palavra <particulari> em Corsali, que em italiano significa “característico de alguma coisa ou de alguém” e que no contexto tem o significado da palavra no português, ou seja, homem privado (em contraposição a homem público): “[...] fuori a infiniti ricchezze di uomini particulari” (CORSALI, 1991, Lett/2 p. 506, grifo nosso)⁴²⁵. O linguista italiano Cardona, um dos maiores estudiosos sobre o assunto, ao falar da interferência linguística existente nas cartas de Sasseti, comenta que a afinidade entre as nossas duas línguas é tal:

que, individualmente, as unidades de uma [língua] são perfeitamente comutáveis com as unidades da outra, em uma única cadeia; exceto a adaptação fonológica, pode-se estar certos que quanto fossem os termos portugueses no italiano das cartas, outros tantos deviam ser os termos italianos no português⁴²⁶ (CARDONA, 1971, p. 41).

Mesmo procedendo com muito cuidado a recolha dos *Ecasual*, temos a certeza que muitos nos escaparam, pelo motivo apresentado anteriormente.

Após estas reflexões podemos supor a existência um *pidgin* de base portuguesa e citar Cardona (1973, p. 171), quando afirma que “a difusão desses *pidgin* portugueses teve um excepcional êxito e pode-se dizer que existisse uma variante em cada colônia portuguesa, usada não apenas por e com os portugueses, também por outros europeus para falar com os nativos e até mesmo entre eles.”⁴²⁷

⁴²⁵ “[...] além das infinitas riquezas dos homens particulares”.

⁴²⁶ “che le singole unità dell’una sono perfettamente commutabili con le unità dell’altra in una stessa catena, salvo l’adattamento fonologico, si può essere certi che quanti sono i termini portoghesi nell’italiano delle lettere, altrettanto dovevano essere i termini italiani nel portoghese”.

⁴²⁷ “La diffusione di questi *pidgin* portoghesi ebbe un’eccezionale fortuna e si può dire che ce ne fosse una qualche varietà in ogni colonia portoghese, usata oltre che da e con i Portoghesi, anche da altri europei per parlare con i locali, perfino tra loro”.

Esta pesquisa foi a mola propulsora que nos fez debruçar sobre livros antigos e modernos, ler e reler, duas três vezes o mesmo autor, à procura de uma palavra e, mesmo não a encontrando, não desanimamos, como diz Drummond, na poesia *A Palavra Mágica* (da nossa epígrafe). O prazer que sentíamos a cada leitura era redobrado, era alegria pura pela oportunidade de ler algo diferente, dentro de um contexto interessantíssimo, de aprender e apreender sobre novas culturas e existências diferentes das nossas. O mergulho foi uma verdadeira imersão em um mundo que, para nós, era desconhecido, como o eram os mundos visitados pelos viajantes italianos.

Saber que Corsali desapareceu e não deixou pistas, que ninguém sabe o fim que teve, é motivo de tristeza; ver Sassetti morrer tão longe da sua pátria, sem o consolo familiar nos consternou; vivenciar a impotência de Carletti, ao ser roubado pelos piratas, nos deixou irritados; rir com as comparações de De Carli aliviou a tensão. Diversas vezes nos perguntamos: onde foi parar Ardizi, que sumiu no nada, o que foi feito dele? E Pigafetta? Da Empoli, que queria voltar, e não pode, deixou seus restos mortais em uma terra estrangeira, longe da pátria e longe dos seus. Vivemos com eles as dificuldades financeiras, sofremos com eles as tormentas das viagens, as guerras e as perdas mercantis; passamos pelas calmarias e pelas tempestades no mar, sentimos a fome, o cansaço, as saudades, as febres; com eles nos alegamos ao observar as belezas desse desconhecido mundo novo. Mas todos, sem exceção, nos deixaram um legado: a sua história, misturada com a história nascente de várias nações, o engrandecimento de Portugal e ainda a herança de palavras da nossa língua na língua italiana. Fazer essa tese nos fez crescer como leitora, acrescentou muito à nossa compreensão do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras gerais/linguísticas/lexicológicas/lexicográficas

- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **ALFA**. São Paulo, v. 28 (supl.) p. 119-126, 1984.
- _____. **Neologismo: criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **ALFA**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006.
- _____. **Integração de portuguesismos na língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/pdf/slp24/02.pdf>. Acesso: 02 mar.2014.
- _____. Neologia e neologismos do português brasileiro contemporâneo. In: **Língua portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução**. Maria Célia Lima-Hernandes e Katia de Abreu Chulata (orgs.). Lecce: Pensa Multimedia Editores, 2010. v. 1, p. 35-44).
- _____. Neologia e dicionários escolares. In: Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho; Marcos Bagno. (Org.). **Dicionários escolares**. Políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 105-118.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London: Edward Arnold, 1987.
- APRILE, Marcello. **Dalle parole ai dizionari**. Bologna: Il Mulino, 2005.
- ARENDT, Hannah. **Sulla violenza**. Trad. Aldo Chiaruttini. Milano: Mondadori, 1971.
- AURICCHIO, Paulo. **Primatas do Brasil**. São Paulo: Terra Brasilis, 1995.
- BACCIN, Paola Giustina. **Italianismos na terminologia gastronômica de São Paulo: um modelo de glossário**. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico produção e criatividade**. Processos do neologismo. São Paulo, Global Editora, 1981.
- _____. Da neologia à neologia na literatura: neologismos na imprensa escrita. **Ciências do Léxico**. Campo Grande: Editora UFMS. 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Unidades complexas do Léxico. In: Graça Rio-Torto et al (org.). **Estudos em homenagem a Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005, p. 747-757.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Il linguaggio**. Tradução Francesco Antinucci e Giorgio Cardona. 2. ed. Milano: Il Saggiatore, 1996.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDONA, Giorgio Raimondo. **La foresta di piume**. Roma: Laterza, 1985.

_____. **I linguaggi del sapere**. Bari: Laterza, 1990.

CAROLINO, Luís Miguel. Teoria e Observação de cometas em Cristoforo Borri. O cometa de 1618 na Cochinchina. **Revista Brasileira da História da Matemática**. Especial nº 1. S/N: RBHM, 2007. p. 179-198. Disponível em: <<http://www.rbhm.org.br/issues/RBHM%20-%20Festschrift/17%20-%20Carolino%20-%20final.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

_____. As razões de Cristoforo Borri: matemática, astronomia e inovações cosmológicas em Portugal (1626-1632). In: **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul**. Roberto de Andrade Martins et al (Org.). Campinas: AFHIC, 2008.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **O que é neologismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. As duas vertentes da língua portuguesa: usos no jornalismo. **Revista de Letras**, n. 27, v. 1/2, p. 96-102, 2005. Disponível em <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl27Art17.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2007.

CENNE DE LA CHITARRA; FOLGORE DA SAN GEMIGNANO. **Le rime di Folgore da San Gemignano e da Cenne de la Chitarra**. Giulio Navone (org). Bologna: Presso Gaetano Romagnoli, 1880.

DARDANO, Maurizio. Lessico e semantica. In: **Introduzione all'italiano contemporaneo**. La variazione e gli usi. A cura di Alberto Sobrero. Roma: Laterza, 1993. p. 291-370.

D'AGOSTINO, Alfonso. L'apporto spagnolo, português e catalano. In: **Storia della lingua italiana**. A cura di Luca Serianne e Pietro Trifone. Torino: Einaudi Editori, 1994.

DEROY, Louis. **L'emprunt linguistique**. Paris: Le Belles Lettres, 1956.

ELUARD, Roland. **La lexicologie**. Ques sais-je? Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

FABBRI, Michele. **Lexicografia latina medioeval**. Disponível em : <<http://www.centrostudilaruna.it/lessicografia-latina.html>>. Acesso em: 25. fev. 2009.

FOLENA, Gianfranco. **Il linguaggio del caos**: studi sul plurilinguismo rinascimentale. Torino: Bollati Boringhieri, 1991.

GONÇALVES, Maria Filomena. MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Lexicografia implícita em textos del padre jesuita Fernão Cardim. In: **Missionary Linguistics IV Linguística misionera IV**. Lexicography. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et. alli. São São Paulo: Cultrix, 1979.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. São Paulo: Difel, 1986.

GUSMANI, Roberto. **Saggi sull'interferenza linguistica**. Firenze: Le Lettere, 1983.

KLAJN, Ivan. **Influssi inglesi nella lingua italiana**. Firenze: Leo S. Olscki Editori, 1972.
LEOPARDI, Giacomo. **Lo Zibaldone**. Milano: Mondadori, 1993.

MACHIAVELLI, Nicolò. **Discorso intorno alla língua**. Disponível em:
<<http://www.liberliber.it/biblioteca/m/machiavelli/>>. Acesso em 10. maio. 2011.

MANCINI, Marco. Voci orientali ed esotiche nella lingua italiana. In: **Storia della lingua italiana**. A cura di Luca Seriani e Pietro Trifone. Torino: Einaudi, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 34^a. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

NEIVA, Arthur. **Estudos da língua nacional**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940.

NUNES, José. Horta. **Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários**. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

_____. **Dicionários no Brasil**. Análise e História do Século XVI ao XIX. Campinas: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

_____. Formação do Léxico e Saber Linguístico. Relatos. **História das Ideias linguísticas do Brasil**. Campinas, v. 5, p. 14-22, 1997. Disponível em:
<www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_05.html>. Acesso em: 03. jun. 2011.

PASQUALI, Giorgio. **Stravaganze quarte e supreme**. Venezia: Ed. N. Pozza, 1951.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.

SABLAYROLLES, Jean-François. La néologie en français contemporain. In: **Innovazione Lessicale e terminologie specialistiche**. Firenze: Leo S. Olschli Editore, 2003.

SCHUCHARDT, Hugo. Die Lingua franca. Gustay Grober (org.). **Zeitschrift für romanische Philologie**. Halle: Max Niemeyer, v. 33, p. 441-461, 1909.

SCHULTZ, Benilde Socreppa. **Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceituais**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Italianas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA NETO. S. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

TROVATO, Paolo. **Il primo cinquecento**. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEINREICH, Uriel. **Lingue in contatto**. Tradução e introdução de Giorgio Raimondo Cardona. Torino: Boringhieri, 1974.

ZOLLI, Paolo. **Le parole straniere**. 2.ed. Bologna: Zanichelli, 1995.

Obras críticas sobre e de literatura de viagem

SMARRITO [pseudônimo]. **Raccolta di Prose Fiorentine**. Parte IV, v. III. Firenze: Stamperia di SAR per Tartini e Franchi, 1843.

ACOSTA, Christoforo. **Della historia, natura et virtu delle droghe medicinali**. Venezia: Presso à Francesco Zilette, 1585.

ACOSTA, Joseph de. **Historia natural y Moral de las Indias** en que se tratan las cosas notables del Cielo, elementos metales plantas y animales de ellas; y los ritos ceremonias, leyes, gobierno y guerras de los Indios. Madrid: Pantaleon Aznar, 1792.

ALMEIDA, Carlos. A natureza Africana na obra de Giovanni António Cavazzi – Um discurso sobre o homem. In: **Actas do Congresso Internacional, Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades**. Lisboa: FCSH/UNL, 2005. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc_details.html?aut=268. Acesso em: 22 mar. 2013.

_____. Despojos do Demónio na casa da Igreja curiosidades de um missionário capuchinho no Kongo (1692). In: **Representações de África e dos Africanos na História e Cultura Séculos XV a XXI**. Ponta Delgada (Açores): Nova Gráfica, 2011. p.131- 152. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1450/4/Representacoes_de_Africa.pdf. Acesso em: 25 mar. 2013.

AMAT DI SAN FILIPPO, Pietro. **Bibliografia dei viaggiatori italiani**. Roma: Salviucci, 1874.

ANCHIETA, José. **Carta de São Vicente**, 1560. [Conselho Nacional da reserva da biosfera da Mata Atlântica]. São Paulo, cadernos da reserva da Biosfera, nº7 p. 1-52, 1997. Disponível em: <http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/Caderno_07.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

ARDIZI, Pompeo. Viaggio a Madera e alle Azzore. In: CARACI, Ilaria Luzzana; POZZI, Mario. **Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento**. Il cinquecento. Tomo I. Milano-Napoli: R. Ricciardi, 1991, p. 749-763.

AUBIN, Jean. **Le latin et l'astrolabe**. Recherches sur le Portugal d ela renaissance son expansion en Asie ele relations internationales. Lisbonne-Paris: CNCDP-Fondation Calouste Gulbenkian, 1996. 3 v.

BALBI, Gasparo. **Viaggio dell'India Orientale**. Di Gasparo Balbi, gioielliere venetiano. Venetia: Camillo Borgominieri, 1590.

_____. Viaggio dell'Indie Orientali di Gasparo Balbi gioiellieri venetiano. In: PINTO, Olga. **Viaggi di C. Federici e G. Balbi alle Indie Orientali**. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, 1962. p. 71-233.

BARROS, João de. **Década terceira da Ásia de João de Barros**. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1628.

BERGREEN, Laurence. **Além do fim do mundo**. A aterradora circunavegação de Fernão de Magalhães. Tradução Ana Luisa Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BISCETTI, Rita. Portogallo e Portoghesi nelle due lettere di Andra Corsali a Giuliano e a Lorenzo de' Medici incluse nelle 'Navigazioni' di G.B. Ramusio. In: **Separata da Revista da Universidade de Coimbra**. V. XXXII, Ano, 1985. p. 79-87. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1985.

BORRI, Cristoforo. **Relatione dela nuova missione della Compagnia di Giesu al Regno della Cocincina**. Roma: Francesco Corbelletti, 1631.

BRAMANTI, Vanni. Introduzione e testo. In: **Lettere di vari paesi 1570-1588 di Filippo Sassetti**. Milano: Longanesi, 1970.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

BRANCA, Gaetano. **Storia dei viaggiatori italiani**. Roma: Paravia, 1873.

CAMÕES, Luis Vaz. **Os Lusíadas**. Paris: Livraria Europea de Baudry, 1846.

CANOVA, Andrea. Testo critico e commento a cura di Andrea Canova. In: PIGAFETTA, Antonio. **Relazione del primo viaggio attorno al mondo**. Padova: Antenore, 1999.

CARDONA, Giorgio Raimondo. Note Sassettiane. In: **Lingua Nostra**, v. XXXII, fasc. 2, giugno 1971. Firenze: Sansoni, 1971. p. 38-45.

_____. L'elemento di origine o di trafilatura portoghese nella lingua dei viaggiatori italiani del '500. **Bollettino dell'Atlante Linguistico Mediterraneo**, 13-15, 1971-1973. Firenze: Casa Editrice Leo Olschki, 1973. p.165-219.

CARACI, Ilaria Luzzana; POZZI, Mario. **Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento**. Il cinquecento. Tomo I. Milano-Napoli: R. Ricciardi, 1991.

CARLETTI, Francesco. **Ragionamenti del mio viaggio intorno al mondo**. A cura di Gianfranco Silvrestro. Torino: Giulio Einaudi Editor, 1958.

_____. Ragionamenti del mio viaggio intorno al mondo. In: **Viaggiatori del seicento**. Marziano Guglielminetti (a cura di). Torino: Unione Tipografica Editrice, 1976, p. 61-283.

_____. **Razonamientos de mi viaje alrededor del mundo**. (1594-1606). Estudio preliminar, traducción y notas de Francesca Perujo. México: Universidad Nacional Autónoma de México. 1976.

CAVAZZI, Giovanni Antonio. **Istorica descrizione de' tre regni Congo, Matamba et Angola nell' Etiopia**. Milano: nelle Stampe dell'Agnelli, 1687. Disponível em: <books.google.it/books?id=72j0A49gx0gC>. Acesso em: 02 fev. 2011.

CECINI, Nando. Cultura e letteratura nei centri maggiori e minori tra rinascimento e barocco. In: **Arte e cultura nella provincia di Pesaro e Urbino**: dalle origini ad oggi. A cura di Franco Battistelli. Venezia: Marsilio Editori, 1986. p. 333-359.

CORSALI, Andrea. **The Corsali Manuscript**. Cópia dela litera p. Andrea Corsali mandata alo Serenissimo Principe Duca Giuliano de' Medici venuta del India nel mese di ottobre nel

XDXVI. [s.n.]: National Library of Australia, 1989. Manuscrito digitalizado, disponível em: <<http://nla.gov.au/nla.ms-ms7860-1>>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. Lettera a Lorenzo di Medici, duca d'Urbino. In: CARACI, Ilaria Luzzana; POZZI, Mario. **Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento**. Il cinquecento. Tomo I. Milano-Napoli: R. Ricciardi, 1991. p. 446-507.

CORVO, João Andrade. **Estudos sobre as províncias ultramarinas**. Lisboa: Typographia da Academia Real de Sciencias.1883-1884, 4 v. Disponível em: <archive.org/>. Acesso em: 10 mar. 2013.

DA EMPOLI, Giovanni. Lettera di Giovanni da Empoli a suo padre intorno al viaggio fatto da lui a Malacca e frammenti di altre lettere del medesimo aggiuntavi La vita di esso Giovanni escrita da Girolamo da Empoli suo zio. A cura di GRABERG DA HEMSO, Jacopo. In: **Archivio Storico Italiano**. Tomo III. Appendice 13, p. 19-92. Firenze: Gio. Pietro Vieusseux Editore, 1846.

_____. Lettere di Giovanni da Empoli. In: SPALLANZANI, Marco. **Guiovanni da Empoli un mercante fiorentino nell'Asia Portoghese**. Firenze: Studio Per Edizioni Scelte (S.P.E.S.), 1999. p. 139-237. 3a. ed.

DE CARLI, Dionigi. **Il moro trasportato nell'inclita città di Venetia**. Overo curioso racconto de costumi, riti, e religione de popoli dell'Africa, America, Asia & Europa. Bassano: Apresso Gio: Antonio Remondinj, 1687.

_____; GUATTINI, Michel Angelo da. **Viaggio nel regno del Congo**. Venetia: presso Iseppo Prodocimo, 1679.

DEI, Adele. Introduzioni e commenti. In: **Filippo Sassetti**. Lettere dall'India (1583-1588). Salerno: Salerno Editrice, 1995.

DE LAS CASAS, Bartolomé. **Istoria o brevissima relatione della distruttione dell'Indie Occidentali**. Venetia: presso Marco Ginammi, 1626.

DOMINGUES, Ângela. Circulação de informação de natureza científica no Império Português em finais de setecentos. In: **O domínio da distância**. Comunicação e cartografia. Maria Emília Madeira Santos e Manuel Lobato (Coord.). Lisboa: História e Cartografia, DCH, IICT. p.71-75, 2006a.

_____. Contrabando de informações. Relatos clandestinos de marinheiros, flibusteiros e cientistas europeus foram fundamentais para a divulgação de conhecimentos sobre o Brasil no século XVIII. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 1, n. 12, set. 2006b, p. 63-67.

_____. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. **Revista Brasileira de História**, n. 55, v. 28, n. 55, p.133-152, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 25 out. 2010.

Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=96>>. Acesso em: 20 out. 2010.

DORÉ, Andrea. Cristãos na Índia no século XVI: a presença portuguesa e os viajantes italianos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200004. Acesso em: 10 set. 2011.

FEDERICI, Cesare. **Viaggio di Cesare Federici nell'India Orientale et Oltra l'India**. Venetia: Apresso Andrea Muschio, 1587.

_____. Viaggio di M. Cesare de I Federici nell'India Orientale et oltra L'India. In: PINTO, Olga. **Viaggi di C. Federici e G. Balbi alle Indie Orientali**. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, 1962. p. 2-68.

FERRO, Gaetano. **Le navigazioni lusitane nell'Atlantico e Cristoforo Colombo in Portogallo**. Milano: Mursia, 1974.

FERRERO, Giuseppe Guido. Filippo Sassetti. In: **Lettere del Cinquecento**. A cura di Giuseppe Guido Ferrero. Torino: UTET, 1948. p. 615-660.

FONSECA, Mariana Bracks. **Nzinga Nbandi e as guerras de resistencia em Angola**. Século XVII. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GRABERG DA HEMSO, Jacopo. Lettera di Giovanni da Empoli a suo padre intorno al viaggio fatto da lui a Malacca e frammenti di altre lettere del medesimo aggiuntavi La vita di esso Giovanni scritta da Girolamo da Empoli suo zio. In: **Archivio Storico Italiano**. Tomo III. Appendice 13, p. 19-92. Firenze: Gio. Pietro Vieusseux Editore, 1846.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**. O deslumbramento do novo mundo. Tradução de Gilson C. de Souza. São Paulo: EDUSP, 1996.

GUATTINI, Michel Angelo. Lettere d'avviso del Padre Michel Angelo Guattini. In: **Viaggio nel regno del Congo**. Venetia: presso Iseppo Prodocimo, 1679, p. 1-99.

GRISPIGNI, Francesco; TREVELLINI, Luigi. **Annuario scientifico e industriale**. Milano: presso gli editori della biblioteca utili (Fratelli Trevès), 1865.

GUBERNATIS, Angelo. **Storia dei Viaggiatori italiani nelle Indie Orientali**. Livorno: Franc. Vigo Editori, 1875.

GUGLIELMINETTI, Marziano. **Viaggiatori del seicento**. Marziano Guglielminetti (a cura di). Torino: Unione Tipografica Editrice, 1976.

JOHNSTON, Harry. **The great pioneer of India, Ceylon, Bhutan and Tibet**. Delhi: Mittal Publications, 1986.

LUZIO, Leopoldina. **Alcune notizie intorno al navigatore fiorentino Andrea Corsali**. Roma: Società Geografica Italiana, 1947.

LEGUZZANO, Graciano Maria de. Introdução e notas. In: CAVAZZI, João António. **Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola**. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.

MAGGIOROTTI, Leone Andrea. **Architetti e architetture militari**. Gli architetti militari italiani nella spagna, nel Portogallo e nelle loro colonie. Roma: La libreria dello Stato, 1939. III v. p. 267-276.

MANFRONI, Antonio. **Relazione del primo viaggio intorno al mondo di Antonio Pigafetta seguita del roteiro di un pilota genovese**. A cura di Antonio Manfroni. Milano: Edizioni "Alpes", 1929.

METZELTIN, Michele. Lingua dei più antichi portulani portoghesi. **Bollettino dell'Atlante Linguistico Mediterraneo**, 13-15, 1971-1973. Firenze: Casa Editrice Leo Olschki, 1973. p. 221-259.

MILANESI, Marica. **Felippo Sassetti**. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1973.

MONTANARI, G. I. Elogio di Cursio Ardizi pesarese, letto nella solene distribuzione de' premi nella sala del comune di Pesaro l'anno 1842. In: **Giornale Arcadico di Scienze, Lettere ed arti**. Tomo XCV. Roma: Tipografia delle Arti, 1843. p. 318-328.

MONTEIRO, J. R. Vaz. **A viagem de regresso da Índia da nau São Pantaleão**. Coimbra: [s. n], 1974, p. 7.

ORTA, Garcia da. **Coloquios dos simples e drogas das Indias**. Publicação dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho. LISBOA: Imprensa Nacional, 1891. 2 v.

PAULINO, Francisco Faria. **Portugal e os descobrimentos**. O encontro de civilizações. Lisboa: Comissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha, 1992.

PERUJO, Francesca. Estudio preliminar, traducción y notas. In: CARLETTI, Francesco. **Razonamientos de mi viaje alrededor del mundo**. (1594-1606). México: Universidad Nacional Autónoma de México. 1976.

PETTENATI, Gastone. Altri iberismi nel Sassetti. In: **Lingua nostra**. N° 22. Firenze: Sansoni, 1961. p. 37-38.

PIGAFETTA, Antonio. Il primo viaggio intorno al mondo. In: **Antonio Pigafetta**. Il primo viaggio intorno al mondo. Con il trattato della sfera. A cura di Mario Pozzi. Vicenza: Neri Pozza Editore, 1994.

PINTO, Olga. **Viaggi di C. Federici e G. Balbi alle Indie Orientali**. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, 1962.

POLO Marco. **Il milione di Marco Polo**. A cura di Gio. Batt. Baldelli Boni. Firenze: Pagani, 1827.

POZZI, Mario. **Antonio Pigafetta**. Il primo viaggio intorno al mondo. Con il trattato della sfera. A cura di Mario Pozzi. Vicenza: Neri Pozza Editore, 1994.

RADULET, M. Carmen. **Os descobrimentos portugueses e a Itália**. Lisboa: Veja, 1991.

RAMUSIO, Giovanni Battista. **Delle Navigationi et Viaggi**. Venetia: Apresso Lucantonio Givnti, 1550-1606, 3 v.

ROMANINI, Fabio. Sul primo «Viaggio fatto nell'India» di Giovanni da Empoli (1504). In: **Filologia Italiana**, n.1, p. 127-160. Pisa-Roma: Fabrizio Serra Editore, 2004.

_____. «Se fussero più ordinate, e meglio scritte...». Giovanni Battista Ramusio, correttore ed editore delle *Navigazioni et viaggi*. Roma: Viella, 2007.

RUSSEL-WOOD, A. J. L. Sulcando os mares. Um historiador do império português enfrenta a “Atlantic History”. **Revista de História**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 17-70, 2009.

SASSETTI, Filippo. **Lettere edite e inedite di Filippo Sassetti**. Raccolte e annotate da Ettore Marcucci. Firenze: Felice Le Monier, 1855.

_____. **Lettere di vari paesi 1570-1588 di Filippo Sassetti**. Introduzione e testo di Vanni Bramanti. Milano: Longanesi, 1970.

_____. **Filippo Sassetti**. Lettere dall’India (1583-1588). Introduzioni e commenti di Adele Dei. Salerno: Salerno Editrice, 1995.

SILVA, Fernando Correia. **Fernão de Magalhães, descobridor, guerreiro**. Disponível em <<http://www.vidaslusofonas.pt/fernaomagalhaes.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

SILVESTRO, Gianfranco. Introduzione e note. In: **Francesco Carletti**. Ragionamenti del mio viaggio intorno al mondo. Torino: Giulio Einaudi Editor, 1958.

SPALLANZANI, Marco. **Mercanti fiorentini nell’Asia portoghese**. (1500-1525). Firenze: Studio Per Edizioni Scelte (S.P.E.S.), 1997.

_____. **Giovanni da Empoli un mercante fiorentino nell’Asia Portoghese**. Firenze: Studio Per Edizioni Scelte (S.P.E.S.), 1999.

SORAVIA, Giulio. Filippo Sassetti: note sul secolo delle scoperte linguistiche. In: **Atti e Memorie dell’Accademia Toscana di Scienze e Lettere La Colombara**. Firenze: Leo Olschki Editori, 1989. p. 360-379.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. O Atlântico dos portugueses no século XVII. Curioso testemunho de um capuchinho que atingiu o Congo, passando pelo Brasil. In: Separata da **Revista da Universidade de Coimbra**, v. XXXIV, ano 1988, p. 505-518. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>>. Acesso em: 10 maio. 2013.

VARTHEMA, Ludovico de. **Itinerario di Lodovico Varthema**. A cura di Alberto Bacchi della Lega. Bologna: Presso Gaetano Romagnoli, 1885.

Dicionários em geral

AAVV. **Dizionario biografico degli italiani**: esempi di biografie. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1961-[...]. 58 v.

AAVV. **Enciclopedia italiana**. Catanzaro: Grafiche Abramo, 1949 .

ACCADEMIA DELLA CRUSCA. **Vocabolario degli Accademici della Crusca**. 1. ed. Firenze, 1612. Disponível em: < http://www.lessicografia.it/ricerca_avanzata.jsp>. Acesso em: 20 jun. 2010.

_____. **Vocabolario degli Accademici della Crusca**. 2. ed. Firenze: 1623. Disponível em: < http://www.lessicografia.it/ricerca_avanzata.jsp>. Acesso em: 20 jun. 2010.

_____. **Vocabolario degli Accademici della Crusca**. 3. ed. Firenze: 1691. Disponível em: < http://www.lessicografia.it/ricerca_avanzata.jsp>. Acesso em: 20 jun. 2010.

_____. **Vocabolario degli Accademici della Crusca**. 4. ed. Firenze: 1729-1738. 10 v. Disponível em: < http://www.lessicografia.it/ricerca_avanzata.jsp>. Acesso em: 20 jun. 2010.

_____. **Vocabolario degli Accademici della Crusca**. 5. ed. Firenze: 1863-1923. Disponível em: < http://www.lessicografia.it/ricerca_avanzata.jsp>. Acesso em: 20 jun. 2010.

ALBERTI VILLANUOVA, Francesco. **Dizionario universale critico enciclopedico della lingua italiana**. Lucca: nella stamperia di Domenico Marescandoli, 1797-1835. 6 v.

ASSIS JUNIOR, A. de. **Dicionário kimbundu-português**. Luanda: Edição de Argente, Santos & Cia. Ltda., [19--].

AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporaneo da Língua Portuguesa**. Disponível em: < www.baixaki.com.br/download/aulete-digital.htm>. Acesso em: 22 mar. 2010.

BATTAGLIA, Salvatore. **Grande dizionario della língua italiana**. Torino: UTET, 1961 – 2002 + suplemento;

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

DALGADO, Mons. Sebastião Rodolfo. **Glossário luso-asiático**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919/1921. 2v.

FRANÇA, Ernesto Ferreira. **Chrestomathia da língua brasílica**. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1859.

GONÇALVES DIAS, Antonio. **Diccionario da língua tupy chamada língua geral dos indígenas do Brazil**. Lipzia: F.A. Brockhaus, 1858.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

_____. Houaiss. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>. Acesso em: 12 jan. 2013.

LEITÃO, Humberto; LOPES, J. Vicente. **Dicionário da linguagem de marinha antiga e actual**. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

MACEDO SOARES, A. J. **Diccionario brasileiro da língua portuguesa: elucidário etimológico-crítico**. Rio de Janeiro: Tip. De G. Leuzinger & Filhos, 1889.

NIMER, Miguel. **Influências orientais na língua portuguesa**. São Paulo: EDUSP, 2005.

MORAIS SILVA, Antonio. **Diccionario da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

PIANIGIANI, Ottorino. **Vocabolario etimologico della lingua italiana**. Genova: Polaris, 1991.

POZZI, Mario. Glossario e indice delle cose notevoli. In: **Scopritori e viaggiatori del cinquecento e del seicento**. Il cinquecento. Milano-Napoli: R. Ricciardi Editori, 1991, p. 1055-1222.

SANTA ROSA, Joaquim de. **Elucidário das palavras termos e frases que em Portugal antigamente se usarão e que hoje se ignorão**. Lisboa: Typografia regia Silviana, 1799. 2 v.

TRECCANI. **Enciclopedia e dizionário online**. Disponível em: <<http://www.treccani.it>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

ZACCARIA, Enrico. **Contributo allo studio degl'iberismi in Italia e della Wechselbeziehung fra le lingue romanze ossia Voci e frasi spagnuole e portoghesi nel Sassetti aggiuntevi quelle del Carletti e del Magalotti**. Torino: Carlo Klausen, 1905.
_____. **L'elemento iberico nella lingua italiana**. Bologna: L. Cappelli Editore, 1927.

ZINGARELLI, Nicola. **Lo Zingarelli**. Vocabolario della lingua italiana. Bologna: Zanichelli, 2005. **CD-ROM**.

ANEXOS

Tabela geral contendo todas as ocorrências de empréstimos do português na literatura dos viajantes

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
1	abaixar	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	2	15%
2	abarca	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
3	abastado	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
4	abexim	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
5	acolhimento	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
6	acostumado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
7	adereçar	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
8	albacora	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	3	23%
9	alcaide	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	13	1	8%
10	alcunha	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
11	aldeia	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
12	alfândega	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
13	algália	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
14	agasalhado	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
15	altura	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
16	amainar	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	4	31%
17	amarelo	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
18	amarra	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
19	anfião	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
20	angomba	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
21	anil	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
22	antemão	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
23	aqui	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
24	araçá	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
25	áraque	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
26	armada	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	13	9	69%

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sasseti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
27	arroba	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
28	arroz	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
29	artilharia	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	13	13	100%
30	assentado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
31	atacar	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
32	atalhar	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
33	atravessar	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
34	atrevimento	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
35	azagaia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
36	azar	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
37	baixio	0	1	1	1	0	1	1	1	0	0	1	1	0	13	8	62%
38	balanco	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	2	15%
39	balanço	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
40	balão	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
41	balestilha	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
42	bambu	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	13	7	54%
43	banana (musa, figos)	1	0	0	1	1	1	0	1	1	0	0	0	0	13	6	46%
44	bancão	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
45	banza	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
46	bar	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	13	8	62%
47	barato	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
48	barça	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
49	barganim	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
50	barlaventear	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
51	barlavento	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
52	barra	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	13	5	38%
53	bastante	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%

[illegible]

[illegible]

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
108	capitão	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	13	9	69%
109	cara	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
110	carraca	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	13	2	15%
111	carta	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	2	15%
112	cartaz	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
113	casapo	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
114	casado	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
115	casario	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
116	catamarã	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
117	catana	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
118	cate	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	3	23%
119	catechu	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
120	catre	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
121	catur	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
122	caxa	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	13	3	23%
123	cerração	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
124	cevadeira	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
125	chá	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	13	2	15%
126	champana	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
127	charão	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
128	chatim	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
129	chuna	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
130	coberta	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	6	46%
131	coral (cobra)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
132	coleira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
133	combalenga	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
134	conde (fruta do)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	13	3	23%

[illegible]

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sasseti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
162	descoberta	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
163	descobrimento	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
164	desconfiado	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
165	desconsolado	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
166	descontente	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
167	desconversável	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
168	desembarcar	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
169	desencontrar	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
170	desenfadar-se	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
171	desmontar	1	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	0	13	6	46%
172	despachar	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	13	5	38%
173	despovoar	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
174	destruir	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
175	desvantajoso	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
176	de telaria?	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
177	deter	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
178	digar	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
179	dinheiro	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	2	15%
180	dobrar	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
181	dona	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
182	dourado	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	13	3	23%
183	durião	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
184	duque	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
185	encalhar	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
186	enseada	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
187	erro	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
188	escotilha	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	13	2	15%

[illegible]

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
216	galagala	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
217	galanga	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
218	galhofa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	13	2	15%
219	gança	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
220	ganga	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	13	2	15%
221	garoa	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
222	gelba	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
223	genderlim	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
224	gentio	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	13	11	85%
225	gibão	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
226	godão	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
227	goiaba	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	2	15%
228	governação	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
229	governador	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	13	10	77%
230	governança	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
231	gralha	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
232	guando	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
233	guindar	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
234	guingão	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
235	guisado	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
236	hashi	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
237	hena	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
238	idalcão	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
239	impala	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
240	índio	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
241	iogue	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
242	jaca	1	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	13	5	38%

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sasseti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
243	jaga	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	13	2	15%
244	jagra	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
245	jambo	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	2	15%
246	jerimum	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
247	jimbo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	13	2	15%
248	laia	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
249	lanteá	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
250	lapa	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
251	largar	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
252	lagarto	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	13	2	15%
253	lanha	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
254	larim	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
255	latão	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
256	lechia	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
257	légua	0	0	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	13	9	69%
258	leilão	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
259	lentilha	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
260	leste	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
261	levar	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
262	libata	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	13	2	15%
263	licondo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
264	língua	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
265	linguado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
266	longa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
267	lori	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
268	lugar	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
269	maboca	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sasseti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
270	maçango	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
271	macaréu	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
272	macua	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
273	macuta	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	13	2	15%
274	maidim	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
275	malabar	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
276	malolo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
277	mamão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	13	2	15%
278	mameluco	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	13	1	8%
279	manga (fruta)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	13	2	15%
280	manga (ventania)	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
281	mangostão	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
282	mangue	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
283	manilha	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	13	7	54%
284	mantimento	0	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	13	4	31%
285	mão	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
286	maracujá	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	13	2	15%
287	maravedi	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
288	marcado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
289	marimba	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
290	marfim	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
291	matalotagem	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
292	mateba	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
293	mate	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
294	mato	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	13	2	15%
295	matombe	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
296	meirinho	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	13	3	23%

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Ecasuals - português		Varthema	Empoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	De Carli	Guattini	Quant.	Soma	%
458	zumbaia	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
459	zumbi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%

Tabela 4 - Tabela Geral de *Ecasuals* ocorridos nos viajantes

Tabela geral contendo todas as ocorrências de *UFcasuals* do português na literatura dos viajantes

UFcasuals - Português	Varthema	DaEmpoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	DeCarli	Guattini	Quant.	Soma	%
1 amainar as velas	1	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1	13	11	85%
2 à barlavento	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
3 a barra se serrou	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
4 a bordo	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
5 a falsa fé	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
6 abaixar as velas	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
7 acabou a matalotagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
9 alguma coisa	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
9 alto-bordo	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	13	2	15%
10 ao longo de	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
11 aquilo que lhe cabe	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
12 barca de carreira	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
13 barra de ouro/prata	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	13	3	23%
14 bem-aventurado	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
15 bicho-de-pé/piolho-de...	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	13	2	15%
16 boca da noite	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
17 boca do rio/porto	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	2	15%
18 cana-da-índia/... (bambu)	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0	1	13	7	54%
19 cana doce (cana-de-açúcar)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
20 capitão-mor	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	13	2	15%
21 carapuça mouresca	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
22 caravela (da guiné)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%

UF	casuals - Português	Varthema	DaEmpoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	DeCarli	Guattini	Quant.	Soma	%
23	carne de anta	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
24	carreira das Índias	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	13	2	15%
25	cerrar a barra	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
26	cidade-baixa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	8%
27	cobra-de-capelo	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	13	2	15%
28	conto de ouro	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
29	corpo pintado	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
30	corregedor do rei	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
31	costa bravia/brava	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	13	3	23%
32	criado, dê de comer...	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
33	de monteria	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
34	de tarde	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	3	23%
35	capitania hereditária	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
36	custe o que custar	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
37	cristão-novo	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
38	dar pancada	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	2	15%
39	de má fé	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
40	debaixo de	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
41	determinar a	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
42	dois paus (hashi)	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	13	3	23%
43	em busca de	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	13	3	23%
44	engenho de açúcar	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
45	erva-doce	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
46	esgotar a água	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	8%
47	estar em termos de	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%

[illegible]

UFcasuals - Português		Varthema	DaEmpoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	DeCarli	Guattini	Quant.	Soma	%
73	não falar a verdade	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
74	não há quem acerte	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
75	não tem quem contraste	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
76	navegar] à bolina larga	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
77	navegar a árvore seca	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
78	noz-da-índia/coco	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	13	4	31%
79	obra de	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
80	olho de gato	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	13	2	15%
81	palha-de-camelo	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
82	para todo o sempre	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
83	paraíso terrestre	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
84	parecer um naire sobre...	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
85	patrão do navio/barca	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	13	3	23%
86	pau de águila	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	13	2	15%
87	pau-de-cobra	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
88	pau-ferro	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
89	pedra de porco-espinho	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	13	2	15%
90	peixe-mulher	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	13	3	23%
91	pobre papagaio, pobre...	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%
92	pois que	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
93	pouco estofo	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
94	prefiro cortar a minha ...	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	13	1	8%

UF	casuals - Português	Varthema	DaEmpoli	Corsali	Pigafetta	Ardizi	Federici	Balbi	Sassetti	Carletti	Borri	Cavazzi	DeCarli	Guattini	Quant.	Soma	%
95	quantas coisas	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
96	rei de poucos fanões	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
97	saber muita letra	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
98	saltar em terra	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
99	sangue-de-dragão	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	3	23%
100	se faz vinho	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
101	sobre/na tarde	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	2	15%
102	temer bravamente	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
103	ter a uma terra	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
104	ter língua	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
105	ter mais fantasia que um...	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
106	Terra do Brasil/Brasil	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	2	15%
107	tirar fora	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
108	tiro de artilharia	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	13	4	31%
109	tratar verdade	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
110	vamos à comida	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	8%
111	varar no baixio	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
112	ventos gerais	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	1	8%
113	Vossa Mercê	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	13	2	15%

Tabela 5 - Tabela Geral de UFcasuals ocorridos nos viajantes